



CADERNOS 13 TERRAS QUENTES





FICHA TÉCNICA

Cadernos “Terras Quentes”

Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”

Editor e propriedade

Revista da Associação de Defesa do Património Arqueológico do Concelho de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes”

Rua D. Maria Mascarenhas escola do 30, apartado 110

5340-900 Macedo de Cavaleiros

Tel. 278448007

Endereços eletrónicos

E-mail: administracao@terrasquentes.com.pt

E-mail: arqueologia@terrasquentes.com.pt

E-mail: patrimonioartístico@terrasquentes.com.pt

E-mail: restauro@terrasquentes.com.pt

E-mail: antropologia@terrasquentes.com.pt

Site: www.terrasquentes.com.pt

Director

Carlos Alberto Santos Mendes

Conselho de Redacção

João Carlos Senna-Martinez

Carlos Alberto Santos Mendes

Manuel Cardoso

Belmira Mendes

Elsa Luís

Colaboradores deste número

Augusto Ferreira do Amaral

Carlos Alberto Santos Mendes

Manuel Cardoso

Em Capa

Fotos:

– Augusto Ferreira do Amaral

– Conjectural de Martim Gonçalves de Macedo

Contracapa

Fotos:

– Inauguração 1ª fase do Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo.

– Projecto de ampliação 2ª fase Museu Municipal Martim Gonçalves de Macedo

Design e grafismo

Carlos Mendes

Cleto Saldanha

Impressão

VRI- Impressores, Lda

Depósito Legal

212756/16

Edição

Nº 13, Maio 2016





ÍNDICE

- 5** EDITORIAL
Manuel Cardoso
- 7** MACEDOS, SUBSÍDIOS GENEALÓGICOS;
Augusto Ferreira do Amaral
- 231** DUAS VISÕES CONVERGENTES SOBRE AS ORIGENS DE MARTIM
GONÇALVES DE MACEDO
Augusto Ferreira do Amaral | Carlos Mendes





EDITORIAL

MANUEL CARDOSO

Há livros que não precisam de prefácios. Este é um deles. Com uma característica que não é de sobremenos: honra muito mais ao autor do prefácio escrevê-lo do que aos prefaciados o terem-no por prefaciador. Por isso muito me considera ser autor deste prefácio.

Este livro trata dos Macedo, por causa de Martim Gonçalves de Macedo, herói nacional e figura histórica, nosso ancestral que os anos remeteram para as brumas da lenda e sobre quem muitos genealogistas fantasiaram.

Contudo, surge agora inteiro, no reacendimento da nossa memória colectiva e que em boa hora sobre ele investigou, criou um museu e que, neste livro, urde as linhas mestras de modo a repor a verdade sobre o fantástico.

Carlos Mendes, de quem nos habituámos já a ter como referência no que representa o enorme salto qualitativo na investigação da nossa história conceitual, assina, conjuntamente com Augusto Ferreira do Amaral, uma das visões do herói e da figura. Augusto Ferreira do Amaral, com o rigor científico e a responsabilidade de quem representa nos dias de hoje o nosso herói, de forma meticulosa constrói a linha que nos permite entrever, para lá da lenda e da fantasia, a existência real, em carne e osso – se o quisermos dizer em linguagem moderna, em ADN – de Martim Gonçalves de Macedo. Com uma autoridade inquestionável.

Para a história, aliás, para a História de Macedo de Cavaleiros, fica a haver definitivamente um antes e um depois deste livro. Esperamos sinceramente que o depois honre quem lhe serve de tema, quem o escreveu e, sobretudo, eleve quem o ler e o usar de futuro.

Bem-haja a ambos, Augusto Ferreira do Amaral e Carlos Mendes, que nestas páginas nos tornam tangível quem foi Martim Gonçalves de Macedo!

*Manuel Cardoso
Abril de 2016*





MACEDOS;

SUBSÍDIOS GENEALÓGICOS

AUGUSTO FERREIRA DO AMARAL

*A meus irmãos,
Maria Joaquina, Joaquim, Francisco e João*

PARTE I

CRÍTICA E FUNDAMENTAÇÃO

«Todas as casas nobres desta cidade são Macedos, e outras m.tas da Provincia»

José Cardoso Borges, *Descrição topographica da Cid.e de Bragança* manuscrito, c.1724

1 – A genealogia e os Macedos

As estirpes nobres apelidadas de Macedo foram ignoradas pelos linhagistas até princípio do séc. XVII.

Não constam dos nobiliários medievais¹. E estiveram ausentes dos trabalhos dos genealogistas dos sécs. XV e XVI.

Por outro lado, as suas armas são omissas nos armoriais mais antigos conhecidos, aparecendo pela primeira vez no Livro da nobreza de António Godinho, feito entre 1528 e 1541².

No entanto, a verdade é que na primeira metade de quinhentos existiam já pelo menos oito linhagens de indiscutível nobreza que usavam o nome de Macedo:

- a) os chefes (em 1518 era-o o fidalgo João de Macedo, a quem foi nesse ano passada carta de brasão de armas);
- b) os descendentes de Martim Gonçalves de Macedo, que salvou o rei português na batalha de Aljubarrota;
- c) os Teixeira de Macedo;
- d) os de Setúbal;
- e) os da ilha do Faial;

f) os de Alenquer;

g) os de Basto;

h) os de Santarém.

Alguns varões das primeiras seis tinham o foro grande da Casa Real. Nem por isso, contudo, os genealógicos lhes prestaram então as suas atenções, pois o universo que polarizava o interesse da literatura linhagística, até finais do século de quinhentos, confinava-se às estirpes da alta nobreza da corte, das quais os Macedos não faziam parte.

Das mais antigas alusões que conheço, de genealógicos, à linhagem dos Macedos parece ser a de Diogo de Melo Pereira, de inícios do séc. XVII, logo seguida das de outros autores que escreviam na primeira metade desse século. Mas são muito poucas, confusas e lacunares.

Um despertar tão tardio para esta linhagem, de resto manifestamente influenciado por descendentes ilustres que emergiam nos primórdios da Restauração, não ajudou ao seu correcto conhecimento, pois a escassez de documentos e memórias mais chegados à época veio a favorecer a invenção, a confusão e a falta de rigor dos tratadistas.

As antigas linhagens nobres portuguesas, quando omissas nos nobiliários medievais e nos quinhentistas, não podem ser apuradas com base nos genealógicos dos séculos posteriores. A sua reconstituição deve sistematicamente pôr em suspenso as opiniões destes, mesmo dos mais conceituados, e terá de recorrer quase exclusivamente a fontes documentais da época a que se reportam, para satisfazer as mínimas exigências duma genealogia científica. Apenas

1. Veja-se PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor, *Linhagens Medievais Portuguesas – Genealogias e estratégias (1279-1325)*, Porto, 1999, vol. 2, p. 628.

2. Segundo a magnífica edição por ALBUQUERQUE, Martim de, e LIMA, João Paulo de Abreu e, *Livro da nobreza e perfeição das armas*, Lisboa, 1987, maxime, p. 10 e fl. 41v



devem aproveitar-se as informações dos linhagistas que escreveram entre o século XVII e meados do XIX desde que haja fundamento específico que reforce o seu acerto, depois de passadas por um apertado crivo crítico e advertindo-se o leitor sobre as reservas com que elas devem ser consideradas.

Por isso não hesitei em radicalizar a crítica dos nobiliários tardios. E se há linhagens em que aos genealógicos do ancien régime pouco crédito deve ser atribuído, é a dos Macedos anteriores ao séc. XVI.

Já Braamcamp o observou certeira, quando escreveu, acerca da genealogia de Filipa de Macedo, mãe do 1º Conde de Vimioso:

«os nobiliários... não merecem muita confiança pois todos erraram a filiação de Henrique de Macedo»³.

2 – Origem do apelido Macedo

Este apelido, nos primeiros séculos em que foi usado, dizia respeito, ao que tudo indica, a um topónimo. Cumpre por isso passar uma vista de olhos pela toponímia nortenha abonada em documentos de maior antiguidade.

Recolho os nomes dos seguintes lugares, homónimos ou parónimos de Macedo:

a) Mazata

É mencionado este lugar em documentos de 22 de Dezembro de 1107⁴ e de 7 de Julho de

1139⁵. Em 1284 a sua grafia era Mazada⁶, depois Massada. Parece ser a mesma referida como S. Pedro de Maçada no tempo de D. Dinis, pertencendo então à terra de Feira⁷. Situa-se no concelho de Ovar.

b) Maçada

Também designada Maceada ou Maceda, é hoje lugar da freguesia de Vimieiro, concelho de Braga⁸.

c) Maçada

Existiu um casal com este nome, também na forma Maçade, na freguesia de Sobre-Tâmega, concelho de Marco de Canaveses⁹.

d) Mazedo ou Mahazedo ou Maazedo

Até 1261 houve no actual concelho de Monção um couto (cauto de Maazedo), a cuja população o rei deu foral, substituindo-lhe o nome pelo referido Monção¹⁰. Parece que o topónimo é antigo e corresponde àquele onde se situava a igreja de S. Salvador, a qual foi doada à sé de Tuy por D. Sancho I, em Abril de 1185¹¹ e confirmada em 1186-07-01¹².

e) Maçaedo

Em 1290 era aldeia, sede de freguesia cujo orago era S. Pedro¹³. Corresponde à sede do actual concelho de Macedo de Cavaleiros. De-la se apurou nas inquirições de D. Dinis:

«A aldeya de maçaedo foy de dom nuno e dou-

3. FREIRE, Anselmo Braamcamp, *As sepulturas do Espinheiro*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1901, p. 30.

4. *Documentos Medievais Portugueses*. Documentos Particulares, por Rui Pinto de Azevedo, Lisboa, Academia Portuguesa da História, vol. III, 1940, p. 233, e *Livro Preto. Cartulário da Sé de Coimbra*, por Avelino de Jesus da Costa e outros, Coimbra, Arquivo da Universidade, 1999, p. 717, e estudado em ALARCÃO, Jorge de, “Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, Instituto Português de Arqueologia, vol. 7, nº 1 (2004), pp. 329-330.

5. *Documentos Medievais Portugueses. Documentos Régios*, por Rui Pinto de Azevedo, Lisboa, Academia Portuguesa da História, vol. I, tomo I, 1958, p. 212.

6. *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, vol. III, *Inquisitiones – Inquirições Gerais de D. Dinis 1284*, por José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2007, pp. 28 e 45.

7. SARAIVA, José da Cunha, “Inquirições de D. Denis”, *Arquivo Histórico de Portugal*, Lisboa, José da Cunha Saraiva e António Machado de Faria, vol. II, (1935), p. 116.

8. COSTA, Américo, *Diccionario Chorographico de Portugal Continental e Insular*, Vila do Conde, edição do autor, vol. VII, 1940, pp. 844 e 856.

9. *Ibidem*, p. 844.

10. *Chancelaria de D. Afonso III*, por Leontina Ventura e António Resende de Oliveira, livro I, vol. I, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 85.

11. *Documentos de D. Sancho I (1174-1211)*, por Rui de Azevedo, Avelino de Jesus da Costa e Marcelino Rodrigues Pereira, Coimbra, Universidade de Coimbra, vol. I, 1979, pp. 3-4.

12. *Ibidem*, pp. 15-16.

13. ALVES (Abade de Baçal), Francisco Manuel, *Memórias arqueológico-históricas do distrito de Bragança*, 2ª edição, Bragança, reedição do Museu do Abade de Baçal, tomo III, 1982, p. 336.

tros filhos dalgo. E disem as testemunhas que a virom trager por honrra des que se acordam.»

Decidiu o rei:

«Este honrrada por que he de filhos dalgo. E emquanto ffor de filhos dalgo»¹⁴.

f) Maceedo

Em 1258, nas inquirições de D. Afonso III, uma testemunha disse:

«que ouviu dizer a uns homens que sabiam e a seu pai que sancilis et maceedo eram realengos, e os juízes de Bragança tornaram populares os ditos vilares, e o abade de Castro de Avelãs deu algo aos próprios juízes no tempo do rei D. Sancho irmão deste e deixaram-lhe os mesmos lugares e agora os tem o mosteiro de Castro de Avelãs e não faz daí foro ao senhor rei»¹⁵.

E, mais adiante, disse D. Nicolau de Izeda:

«que sabe que os villares de santaala de maceedo et de sanciriz foram regalengos e agora têm-nos Nuno Martins de Chacim da mão do Abade do mosteiro de Castro de Avelãs e não faz daí foro ao senhor rei»¹⁶.

A dúvida que se põe é a de saber se este lugar Maceedo, nesta dupla referência, era o mesmo Maçaedo que acabei de mencionar, ou se não seria um outro, diverso, ainda que próximo.

Será que corresponde a Macedo do Mato, visto que Sanceriz pertence hoje à freguesia de Macedo do Mato, também designada por Maceedinho?

Não parece, pois nas mesmas inquirições figura noutra contexto Maseda de Mato, como adiante se dirá. Por outro lado, o mosteiro que filhou Macedo do Mato não foi o de Castro de Avelãs, mas sim o do Bouro.

E no entanto Macedo de Cavaleiros tinha por orago S. Pedro e não Santaala. Além do que era

terra honrada, isenta de foro ou outros encargos.

A solução pode estar porventura em entender que o topónimo Santa Ala de Macedo corresponde à actual Ala, povoado no concelho de Macedo de Cavaleiros. E que esse povoado, sim, teria sido abusivamente subtraído aos direitos reais. Se assim for, o Maceedo corresponderia mesmo ao actual Macedo de Cavaleiros. Só que, ao contrário de Ala, era local honrado.

g) Maçaeda

Era em 1314 aldeia do termo de S. João da Pesqueira¹⁷.

h) Maceda

Há pelo menos três povoações galegas com este nome, uma em Orense, outra em Lugo, outra na Coruña.

i) Maceda

Há notícia de um casal com este nome na freguesia de Ribas, concelho de Celorico de Basto¹⁸.

j) Macedo

Existe um lugar com este nome na freguesia de Ucha, junto do rio Cávado e de Cabanelas¹⁹.

k) Macedo

Há actualmente um casal assim chamado, sito na freguesia de Mosteiro, concelho de Vieira do Minho.

l) Macedo

É uma quinta da freguesia de Sarzedinho, concelho de S. João da Pesqueira²⁰. Possivelmente corresponde ao referido em g).

m) Macedo do Peso

Há uma povoação com este nome no concelho de Mogadouro.

14. *Ibidem*.

15. Tradução minha do texto publicado em *Portugaliae Monumenta Historica*, obra iniciada por Alexandre Herculano, edição da Academia das Ciências de Lisboa, *Inquisitiones*, vol. I, parte II, fasc. VIII, 1961, p. 1290b, e por BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 315.

16. Tradução minha do texto publicado em *Portugaliae Monumenta Historica*, *Inquisitiones*, cit., vol. I, parte II, fasc. VIII, p. 1306b, e por BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 346.

17. SARAIVA, José da Cunha, "Inquirições de D. Denis", *Arquivo Histórico de Portugal*, cit., vol. I (1934), p. 126.

18. COSTA, Américo, ob. cit., p. 856.

19. *Ibidem*, p. 857.

20. *Ibidem*, vol. XI, 1948, p. 132.

n) Mazaedo do Mato

É assim mencionada numa doação de D. Sancho I ao mosteiro de Bouro, datável entre fins do séc. XII e princípios do séc. XIII²¹, e com a variante Masaeda do Mato nas inquirições de D. Afonso III²². Corresponde à actual aldeia de Macedo do Mato, situada no concelho de Bragança²³.

o) Vilar de Mazada

Assim mencionada numa doação de D. Sancho I, em 1198²⁴. Pertencia à terra de Panóias, isto é, Vila Real. Em 1253 aparece com a grafia Villar de Macada²⁵. É actualmente Vilar de Maçada, integrando-se no concelho de Alijó.

p) Mazaedo

São referidos nas Inquirições de D. Afonso III lugares com este nome: um em 1220 na freguesia de S. Julião de Ucha, em Vila Verde, Barcelos²⁶; e outro, em 1258, em Santa Eulália de Ulveira, Barcelos²⁷. E nas inquirições de D. Dinis, em 1288, há notícia, na freguesia de S. Romão de Ucha, duma quintá «que chamam de Maçaedo» que era de Fernão Peres de Barbosa era, com toda a vila, usada por honra desde antes de D. Afonso II²⁸. Aquela Ulveira é hoje Oliveira, freguesia vizinha da de Ucha. Não será muito forçado, pois, entender que estes locais, apesar de distarem entre si alguns quilómetros, são no fundo o mesmo.

q) Mazaneta

Aparece com esta forma em 915²⁹ e na forma Mazaneda em 1013³⁰.

r) Manzanedo

Era topónimo da Galiza.

Dos topónimos acima elencados alguns evidenciam pouca ou quase nenhuma probabilidade de terem dado origem ao apelido Macedo, usado por antigas famílias. Afasto-os, por isso, e selecciono apenas os seguintes:

*** Um no Douro Litoral:**

– Mazata, Mazada, Massada, ou Maçada, actualmente Maceda, no concelho de Ovar;

*** quatro em Trás-os-Montes e Alto Douro:**

– Maçaedo ou Maceedo, depois Macedo dos Cavaleiros, actualmente o concelho com esse nome;

– Mazaedo (ou Mazaeda) do Mato, ou Maceeda do Mato, hoje Macedo do Mato, freguesia do concelho de Bragança;

– Maçada, no termo de S. João da Pesqueira;

– Villar de Mazada, actualmente Vilar de Maçada, freguesia do concelho de Alijó;

*** e dois no Minho:**

– Mazaedo, que é hoje a freguesia de S. Salvador de Macedo e no séc. XIII foi couto e passou a chamar-se Monção;

– Mazaedo, no concelho de Barcelos, perto do limite do concelho de Braga.

3 – Pessoas antigas mencionadas com este apelido

Tendo presente aquele elenco, importa passar uma revista pelas personagens mais antigas que encontrei a usarem apelido próximo de tais topónimos.

São elas:

21. *Documentos de D. Sancho I ...* etc. cit., p. 321, e *Chancelaria de D. Afonso III*, cit., livros II e III, Coimbra, 2011, p. 186; e BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo IV, p. 74.

22. *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, cit., vol. I, parte II, fasc. VIII, p. 1307b, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo III, p. 349.

23. BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo III, p. 318.

24. *Documentos de D. Sancho I ...* etc. cit., p. 172, e *Chancelaria de D. Afonso III* cit., livros II e III, p. 201.

25. *Chancelaria de D. Afonso III* cit., livros II e III, 2011, p. 157.

26. *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, cit., vol. I, fascs. I-II, 1888, pp. 18 e 91.

27. *Ibidem*, vol. I, fasc. III, 1891, p. 300.

28. *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, vol. IV/1, *Inquisitiones – Inquirições Gerais de D. Dinis de 1288 Sentenças de 1290 e Execuções de 1291*, por José Augusto de Sottomayor-Pizarro, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 2012, p. 63.

29. *Liber Fidei*, por Avelino de Jesus Costa, Braga, Junta Distrital de Braga, vol. I, 1965, p. 31.

30. *Portugaliae Monumenta Historica*, cit., *Diplomata et Chartae*, vol. I, fasc. I, 1868, p. 134.

3.1 - Affonso Gonçalviz de Maçada (ou de Mazada)

Foi dos inquiridores nomeados pelo rei D. Afonso III, tendo levado a cabo inquirições na área do julgado de Cambra.³¹

Trata-se decerto do mesmo Afonso Gonçalves de Maçada, mencionado pelo Conde D. Pedro no seu nobiliário³², pois é da mesma época, tem status compatível e localiza-se perto de Ovar.

No dito julgado de Cambra possuía em 1284 “Mayor Stevez de Mazada” um casal em Chã de Jusa e, identificada como “dona Mayor de Mazada”, dois casais e meio na aldeia de Moradal³³.

Seriam talvez parentes próximos, o Afonso filho de um Gonçalo, e D. Maior filha de um Estêvão.

A localização geográfica, a forma do nome (*Mazada* ou *Maçada*) e o facto de, aparentemente, este quase não ter sido usado posteriormente por esta gente, inculca que não seria ainda um verdadeiro apelido mas sim, sobretudo, um distintivo geográfico, relativo a gente com nobreza estabelecida no actual distrito de Aveiro. E que nada terá a ver com as estirpes apelidadas de *Macedo*, que se tratam no presente trabalho.

3.2 – Gonçalo Rodrigues de Macedo

Segundo Rui de Pina, um Gonçalo Rodrigues de Macedo era alcaide-mor do castelo de Feira por D. Dinis, mas entregou-o em princípios de 1322 ao príncipe D. Afonso quando este andava em luta com o pai.

Fr. Francisco Brandão, chamando-lhe Gonçalo Rodrigues de Maçada, acusa-o de, por traição, ter oferecido tal entrega.

Diogo Melo Pereira, no seu nobiliário de 1604, afirma que ele seguiu as partes de D. Dinis, pelo que a descendência foi mal vista de D. Afonso IV quando este subiu ao trono.

A versão das *Crónicas dos Sete Primeiros Reis*, apelidando-o de *Macedo*, é de que o castelo foi tomado.

Não encontrei notícia alusiva a este episódio nem na chancelaria de D. Dinis nem na de seu filho sucessor.

Talvez porém se refira à mesma pessoa a legitimação régia de um tal Rui Gonçalves de Ulveira, filho de Gonçalo Rodrigues Maçatoo e de Sancha Lourenço de Ulveira, sem casamento.³⁴

Seria importante para a identificação desta gente saber a que *Ulveira* (antiga forma do topónimo *Oliveira*) se reportam. É que há vários locais possíveis de lhe corresponderem. Entre eles, duas no Alto Minho e outra a bem conhecida Oliveira de Azeméis. É mais atractiva a opção por esta última, mas pouco segura, com os dados disponíveis.

De qualquer forma, tenho dúvidas de que aquele Gonçalo Rodrigues *Maçado* (forma muito próxima de *Macedo*) aceitando, como parece razoável, que fosse o mesmo que teve o castelo de Feira, pertencesse à mesma estirpe que depois veio a ser conhecida como dos Macedos, localizada em Trás-os-Montes. Adiante voltarei ao assunto.

Por outro lado, suspeito de que o apelido do alcaide do dito castelo seria efectivamente *Maçada*, como refere frei Francisco Brandão, e ele próximo parente dos de *Maçada*, topónimo do actual concelho de Ovar, ao qual se referem, como acima disse, os nomes de Afonso Gonçalves de Maçada e de D. Maior Esteves de Maçada. E, com isso, torna-se ainda mais duvidoso que o dito alcaide de Feira se filiasse na linhagem dos referidos Macedos transmontanos.

Não vou por isso propor que fossem do mesmo tronco.

3.3 – João Anes (ou Gomes) de Macedo

O genealogista seiscentista Diogo Gomes de Figueiredo escreveu:

«No Tombo do Mosteiro de Cete achamos que este João Gomes, intitulado de Macedo, tinha razão no dito Mosteiro, e se declara que a tinha por ser legitimo descendente de D. Egas. E no Mosteiro de Cete se vê a sua sepultura com armas de cinco estrellas cada huma de 5 pontas somente posto que seus descendentes, não sei em que ocasião puserão seis pontas na estrella do meio; não tem timbre mas

31. *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, vol. III, *Inquisitiones ...* etc. cit., pp. 25 e 33; ver também *Chancelaria de D. Afonso III*, cit., livro I, pp. 355-356.

32. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, por José Mattoso, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, vol. II/2, 1980, pp. 32-33.

33. *Ibidem*, pp. 28 e 45.

34. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fl. 148, publicada adiante no Anexo Documental, doc. IV.

*o escudo das armas assenta sobre huma espada larga, e huma bandeira ou pendão em aspa, insignias de rico homem, e a roda tem este letreiro Hic iacet corpus Joannis Joannes de Macedo, et ejus anima requiescat in pace*³⁵.

Manuel Abranches de Soveral menciona um “João Anes de Maçada (ou Macedo)”;

teria sido «senhor da honra e quintã de Mouriz, que nas notas ao conde D. Pedro se diz que estava sepultado no mosteiro de Cete com um escudo com suas armas (cinco estrelas) e o seguinte letreiro: “*Hic iacet corpus Joannis de Maçada. Ejus anima requiescat in pace*”³⁶. Mas não especifica qualquer fonte justificada e fidedigna donde haja obtido tal informação, a qual considero por isso destituída de fundamento.

À notícia de Diogo Gomes de Figueiredo é semelhante a de Alão de Morais³⁷ e a de Felgueiras Gayo³⁸, com algumas alterações, as mais importantes das quais são a substituição de *Macedo* por *Maçada* ou *Maçada* e a omissão das seis pontas da estrela do meio.

Porém, numa nota ao referido trecho de Alão de Morais, está escrito:

«*Não há tal letreiro em Cete, nem há Tombo que fale nele*».

E, tanto quanto hoje pude apurar, nada subsiste efectivamente que confirme a referida inscrição³⁹ nem a menção dela no tomo do dito mosteiro. Falta pois um mínimo de apoio nas fontes para que possa dar-se crédito a informação.

O que é pena, porque, a existir a sepultura, com

o dito letreiro, explicaria a origem das armas dos Macedos, que se admite possam ter provindo duma ligação à linhagem dos Ribadouro⁴⁰.

3.4 – D. Gomez de Maçanedo

Alguns genealógicos seiscentistas suscitaram a hipótese de que os Macedos tivessem seu tronco num descendente deste conde medieval castelhano que tivesse vindo para Portugal.

E o Conde D. Pedro alude efectivamente ao conde D. Gomez de Maçanedo, dizendo:

«*o por que o chamarom de Maçanedo foi porque o pobrou e livrou*»⁴¹.

Creio que os ditos genealógicos raciocinaram partindo da premissa de que o topónimo Maçanedo teria dado origem ao nosso Macedo (isto é, Macedo de Cavaleiros). Daí que a origem de Macedo de Cavaleiros adviesse do povoamento por um membro daquela estirpe.

O próprio José Cardoso Borges, que escreveu nas primeiras décadas do séc. XVIII uma conceituada monografia de Bragança, informou:

«*dentro nos muros [de Bragança] houve huma caza com torre desta familia [do fidalgo João de Macedo] e se chamava a torre dos Maçanedos; consta por huma escritura do Archivo da Cam.ra de 1519 da compra que fez de humas casas, e venderão João Correa escudeyro, e sua mulher Genebra de Macedo, que diz partem com cazas de Alvaro de Chaves, e com a caza torre que diz foy dos Maçanedos e dizem*

35. FIGUEIREDO, Diogo Gomes de, *Familias do Reino de Portugal*, manuscrito na B.N.L., Arquivo da Casa Tarouca, tomo 3, fl. 722.

36. SOVERAL, Manuel Abranches de, *Origem dos Avelar e dos Soveral* [Em linha] 2003 [Consult. 22 Set. 2013] www.soveral.info/mas/Soveral%20e%20Avelar.htm.

37. MORAIS, Cristóvão Alão de, *Pedatura Lusitana*, 2ª edição, edição de Carvalhos de Basto, Braga, 1997, vol. I, p. 15.

38. GAYO, Felgueiras, Manuel José da Costa Felgueiras, *Nobiliário de Familias de Portugal*, por Agostinho de Azevedo Meirelles e Domingos de Araujo Affonso, Braga, edição dos mesmos, tomo 19º, 1939, p. 3.

39. BARROCA, Mário Jorge, na sua obra *Epigrafia Medieval Portuguesa (862-1422)*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 2000, vol. II, tomo I, pp. 98 e 160, vol. II, tomo II, p. 1477, e vol. III, p. 138, não inclui semelhante inscrição; e ela é também totalmente omissa em PINTO, J. Barbosa, *O mosteiro de Cete, Momentos da sua história*, Braga, sem indicação de editor, 1972, e em *Igreja de Cete, Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, nº 3, 1936; a única hipótese que poderia dar alguma verosimilhança à notícia, seria a de que a lápide houvesse desaparecido aquando da reconstrução do mosteiro em 1323, mas a hipótese vale pouco, pois pressuporia que a reconstrução tivesse desprezado por completo sepultura tão importante, e que o registo da inscrição tivesse sido feito antes dessa data, o que está longe de documentado.

40. Ver TÁVORA (Marquês de Abrantes), D. Luiz de Lancastre e, *Dicionário das Familias Portuguesas*, Lisboa, Quetzal Editores, 1989, p. 235, e AMARAL, Augusto Ferreira do, “Observações sobre as armas dos Macedos”, in coord. Miguel Metelo de Seixas e Maria de Lurdes Rosa, *Estudos de Heráldica Medieval*, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa e Universidade Lusitana de Lisboa, 2012, p. 455.

41. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, cit., vol. II/1, p. 198.

que os Macedos trazem origem do Conde D. Gomes de Manzanedo; bem pode ser viesse p.^a esta cidade algum dos seus descendentes, e fosse sua esta torre, de que tivesse principio o solar de Macedo»⁴².

Este autor, José Cardoso Borges, embora tardio, visto que escreveu a dita monografia entre 1721 e 1724, merece crédito à partida⁴³. A monografia resultou das informações que ele deu para frei Fernando de Abreu, com vista aos trabalhos da Academia Real da História Portuguesa⁴⁴. Foi considerado escritor genealógico «dos mais verídicos do reino»⁴⁵. E revelou-se de facto criterioso e conhecedor bem documentado das elites locais. Nascido em Miranda do Douro, era sargento-mor de Bragança e escrivão da câmara desta cidade.

Tal não dispensa, evidentemente, que seja também submetido ao exercício da crítica tudo aquilo que ele escreveu.

Aqui, nesta questão da verdadeira origem dos Macedos, ele limita-se a aventar a hipótese de provirem do dito conde castelhano. Não a afirma.

Foi prudente e, a meu ver, ainda bem.

A povoação de Manzanedo que foi povoada e livrada pelo Conde D. Gomes situa-se na região de Burgos.

Como a hipótese em questão, da vinda para Portugal dum Manzanedo, se funda em que o antropónimo *Macedo*, apelido desta linhagem brigantina, é que teria dado origem ao topónimo da região, e não o contrário, teria de pressupor-se que a chegada à região brigantina do conde Manzanedo tivesse ocorrido antes de meados do séc. XIII, pois, como acima disse, Macedo (de Cavaleiros) já figura nas inquirições de D. Afonso III em 1258.

Ora nenhuma notícia é dada, quer no Conde D. Pedro, quer em Salazar y Castro, de que o primeiro senhor de Manzanedo, D. Gomez, ou algum dos seus descendentes tivesse tido qualquer aproximação à região de Bragança.

Por outro lado, esta filiação assemelha-se curiosamente, em alguns aspectos, à versão seiscentista da origem dos Morais transmontanos, da qual adiante falarei. O que faz suspeitar mais ainda sobre o seu fundamento, que poderia resultar da apropriação indevida e confusa, a favor dos Macedos, da referida versão sobre os Morais.

Considero-a, portanto, não provada.

3.5 – Macedos do Vinhal?

Uma outra tese sobre a origem dos Macedos se espalhou já na 2^a metade do séc. XVII. A de que proviriam da linhagem dos de Vinhal, tratada no nobiliário do Conde D. Pedro. D. Gonçalo Eanes do Vinhal, senhor de Aguiar, teria tido um filho, **João Gonçalves de Macedo*, que teria sido o alcaide do castelo de Feira⁴⁶ que as fontes denominam *Gonçalo Rodrigues de Macedo*, ou de *Maçada*.

A versão – que aliás é apresentada com significativo cepticismo por Alão de Morais – não tem qualquer fundamento documental e não acerta sequer com o dito nobiliário, que por completo omite qualquer suposto enxerto de Macedos no tronco dos de Vinhal⁴⁷. É, no mínimo, não-provada.

4 – A linhagem de Martim Gonçalves de Macedo

Grande parte das dúvidas que se colocam sobre as linhagens antigas dos Macedos dizem especificamente respeito a Martim Gonçalves de Macedo e à sua descendência.

Este foi, como é sabido, o escudeiro que, na batalha de Aljubarrota, estando perto do nosso D. João I quando este entrou em plena luta apeada e se viu na iminência de ser morto por um cavaleiro castelhano, lhe salvou a vida.

O episódio foi ignorado na versão original da

42. BORGES, José Cardoso, *Descrição topographica da Cid.e de Bragança*, manuscrito na B.N.L., Coleção Pombalina, nº 248, fls. 96 e 126v.

43. O autor e aquela sua obra foram estudados com profundidade no recente livro de SOUSA, Fernando de, e outros, *Memórias de Bragança*, Bragança, Câmara Municipal de Bragança, 2012, no qual é publicada a dita *Descrição*; o valor de José Cardoso Borges como fonte para a genealogia é aí posto em relevo, e nessa avaliação muito positiva – com a qual plenamente concordo – participou José Augusto de Sotto Mayor Pizarro, um dos grandes mestres da genealogia e da história medievais portuguesas.

44. Ver nº 11 das Notícias da Conferencia da mesma academia, *Collecçam dos Documentos, Estatutos, e Memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*, tomo 1º, Lisboa, 1721, pp. 57 e 153.

45. José Leite Teixeira Chaves, citado por (CARCAVELLOS), Eduardo de Campos de Castro de Azevedo Soares, *Bibliographia Nobiliarchica Portuguesa*, Braga, edição do autor, vol. II, 1917, p. 104.

46. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, pp. 15 -16.

47. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, cit., vol. II/2, p. 122.

crónica de Fernão Lopes. Só veio a ser mencionado por uma interpolação feita em cópia quinhentista, quase século e meio depois da peleja, sem embargo de haver todas as razões para entender que ocorrera efectivamente⁴⁸.

O facto é que grande parte do interesse que mais tarde veio a despontar entre os genealógicos pelas estirpes dos Macedos se centrou naquela personagem.

4.1 – Genealogias erróneas

E criaram-se várias versões genealógicas muito semelhantes entre si, mas todas bastante erradas, das quais é típica a que se contém numa carta de armas emitida a favor de António de Macedo Velasques de Oliveira, em 31 de Agosto de 1726⁴⁹.

Essa versão, nas gerações mais antigas, é esquematicamente a seguinte:

I – Martim Gonçalves de Macedo

Senhor da aldeia de Caçarelhos, padroeiro da igreja de S. João de Angueira.

Filho:

II – Rui Martins de Macedo

Cavaleiro e senhor da aldeia de Sanceriz, que o rei D. Dinis lhe deu em troco e escambo de Caçarelhos e metade do padroado de S. João de Angueira. Casou com Sancha Fernandes.

Filho:

III – Gonçalo Rodrigues de Macedo

Alcaide-mor do castelo de Feira, senhor de Sanceriz. Viveu nos reinados de D. Afonso IV e D. Pedro I.

Filho:

IV – Martim Gonçalves de Macedo

Senhor de Sanceriz, alcaide-mor da vila de Outeiro, e donatário das aldeias de Argozelo e Pindelo, das portagens de Bragança e dos direitos do Outeiro. Foi o que em defesa do rei D. João I, matou o castelhano Álvaro Gonçalves de Sandoval que tinha arrancado a massa da mão do dito rei e o tinha feito ajoelhar.

Casou com Catarina Anes, a Rica.

Filho:

V – Diogo Gonçalves de Macedo

Senhor de Sanceriz, morador em Évora, criado e camareiro de D. João I.

Trisavô por varonia de Marçal de Macedo que viveu em Coimbra casado com D. Filipa de Sá, pais de Aires Gonçalves de Macedo, fidalgo da Casa Real no tempo de D. Sebastião e um dos mais destacados partidários de D. António Prior do Crato.

Este esquema genealógico não foi elaborado por franco-atirador. Como dos próprios termos da carta se alcança, resultou dum processo judicial de justificação da nobreza adrede organizado com a supervisão dum desembargador da Casa da Suplicação.

Sucedem porém que, a exemplo de grande número de cartas de armas passadas no *ancien régime*, a verdade oficial a que se chegou diverge muito da verdade material que, com crítica e pesquisa mais profunda, é possível apurar. Nomes grandes da genealogia e da heráldica científicas têm, nos nossos dias, evidenciado a pouca ou nenhuma fiabilidade desses processos de justificação da nobreza e o seu escasso valor como fontes para reconstituição da realidade histórico-genealógica⁵⁰.

4.2 – O senhorio de Sanceriz

Sem embargo, começo a pesquisa genealógica por uma indicação contida na referida carta de armas – a de que o herói de Aljubarrota foi senhor de Sanceriz.

Como adiante se verá, trata-se de um dado que é de considerar provado, pelas razões que então melhor exporei.

Desde logo se erija porém uma dificuldade: havendo, como há, vários diplomas na chancelaria de D. João I, que registam doações régias de aldeias e direitos a favor de Martim Gonçalves de Macedo, em nenhum deles se menciona que fosse donatário de Sanceriz.

Como, então, teria vindo para a sua posse?

48. AMARAL, Augusto Ferreira do, “Martim Gonçalves de Macedo salvou D. João I na batalha de Aljubarrota?”, in *Armas e Troféus*, revista do Instituto Português de Heráldica, Lisboa, VI série, tomo IV (1992).

49. Publicada por BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira, *Cartas de Brasão de Armas. Colectânea*, Lisboa, Edições Guarda-Mor, 2003, pp. 55-57.

50. SÃO PAYO, Marquês de, “Cartas de Brasão de Armas (Um ensaio de diplomática)”, in *Armas e Troféus*, cit., II série, tomo I (1959), pp. 253-254; e GUERRA, Luís de Bivar, “Apresentação” da 3ª edição de obra de FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Brasões da sala de Sintra*, Lisboa, 3ª edição, INCM, 1973, p. XXXVI.

Em 1258 o vilarejo de Sanceriz foi declarado realengo nas inquirições ordenadas por D. Afonso III.

Abriu-se porém uma contenda, já no reinado de D. Dinis, entre o rei e o abade do mosteiro de Castro de Avelãs, sobre a posse de tal aldeia. Ao cabo de algum tempo as partes chegaram a uma composição, vertida em carta régia de 22 de Junho de 1285, pela qual o cenóbio prescindiu daquele lugar.

Decorridos quinze anos, foi registada na chancelaria régia uma carta de escambo entre, por um lado, D. Dinis e, pelo outro, o cavaleiro Rui Martins e sua mulher Sancha Fernandes, com data de 23 de Abril de 1300, pela qual o rei, em troca da aldeia de Caçarelhos e de metade do padroado da igreja de S. João de Angueira, ambas nas imediações de Vimioso, que assim lhes adquirira, lhes deu a

«aldea de Samceriz com todos seus termos nouos e uelhos, e com todas sas pertenças e com todos foros e dereyturas e com todo senhorio real que hy elRey hauya assi como contheudo na carta do foro que desse senhor os homeens da dita aldeã teem e assy como elles com ElRey usauam que assi se usem entre elles e prestem daquy a deante»

e bem assim

*«a meyadade do padroado de Sã João de Samceriz»*⁵¹.

Quem seria este Rui Martins?

4.3 – O cavaleiro transmontano Rui Martins

O nome de “Rui (ou Rodrigo) Martins” aparece

por várias vezes em documentos referidos ao nordeste transmontano, no séc. XIII e inícios do seguinte.

Eis a recolha que fiz.

- a) *Rodericus Martini*, de S. Julião, hoje concelho de Bragança, testemunhou em 1243 uma venda⁵²;
- b) *Ruy Martinez*, do concelho de Bragança, testemunhou em 1256 uma doação⁵³;
- c) *Rodericus Martini*, cavaleiro, tinha em 1258 uma herdade que comprara em Espinhoso, hoje concelho de Vinhais, no tempo de D. Sancho II; e ao tempo das Inquirições de D. Afonso III, em 1258, impedia uma mulher possuidora dum imóvel, de pagar foro ao rei⁵⁴;
- d) *Roderico Martinj*, cavaleiro, com os cavaleiros Nuno Martins de Chacim e Mendo Mendes, filharam pela força a igreja de Santo André de Ousilhão (hoje concelho de Vinhais), em 1548 ou pouco antes⁵⁵.
- e) *Rodericus Martini* era em 1260, juiz de Bragança, qualidade com que testemunhou uma venda de D. Afonso Mendes de Bornes ao mosteiro de Morerola⁵⁶.
- f) *Roy Martynz*, cavaleiro, tinha em 1290 duas quintas em Morais (hoje concelho de Macedo de Cavaleiros), e Rui Fernandes de Castro Roupal tinha aí uma, todas honradas, o que foi confirmado nas inquirições de D. Dinis, porque eram de “filho de algo”⁵⁷.
- g) *Roy Martynz*, cavaleiro, comprou um casal em Ousilhão e fez dele honra em tempo de D. Afonso III, o qual casal, por ter sido comprado, foi declarado devasso em 1290, nas referidas Inquirições⁵⁸.
- h) *Roy Martijnz de Moraees* trazia por honra,

51. Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fl. 10, conforme transcrição adiante, Anexo Documental, doc. II, e Torre do Tombo, Chancelaria Régia, Leitura Nova, livro 2 de Direitos Reais, fl. 182v.

52. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 269.

53. ALFONSO Antón, Isabel, *La colonización cisterciense en la Meseta de Duero: el dominio de Moreruela* (siglos XII-XIV), Zamora, Instituto de Estudios Zamoranos "Florian de Ocampo" (C.S.I.C.), 1986, pp. 451-453, e BUENO Domínguez, María Luisa, *El Monasterio de Santa María de Moreruela* (1143-1300), Zamora, Caja de Ahorros Provincial de Zamora, 1975, p. 216.

54. Torre do Tombo, Inquirições de D. Afonso III, livro , fls. 170-170v, *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, cit., vol. I, parte II, fasc. VIII, p. 1342a, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.* tomo IV, p. 46.

55. Inquirições de D. Afonso III (Leitura Nova), livro 3, fl. 150, *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, cit., vol. I, parte II, fasc. VIII, Lisboa, 1961, p. 1322b, Inquirições de D. Dinis (Feitos da Coroa), livro 1, fl. 113v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, fl. 381.

56. BUENO, ob. cit., p. 222.

57. Inquirições de D. Dinis (Leitura Nova), livro 3 de Inquirições de entre Beira e Além Douro, fl. 129v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 333.

58. Inquirições de D. Dinis (L. Nova), livro 3 cit., fl. 125v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 325.

com outros, no tempo de D. Dinis, a metade do vilar velho do Prado Redondo, em Bragança, mas este foi também em 1290 declarado não honrado⁵⁹.

- i) *Roy Martinz*, sobrinho de Rui Fernandes, ganhou juntamente com este, em Talhas (hoje concelho de Macedo de Cavaleiros), vinte e seis casais e meio e deles fez honra desde o tempo de D. Afonso III, se bem que tal estatuto tenha sido negado àqueles bens em 1290⁶⁰.
- j) *Roy Martinz*, cavaleiro, casado com Sancha Fernandes, trocou com o rei a aldeia de Caçarelhos pela de Sanceriz, em 1300, como expus.
- k) *Roy Martinz*, alcaide e procurador de Bragança, outorgou uma carta de foro aos povoadores de Vilar de Pombares em 22 de Setembro de 1303, de Póvoa de Arrufe em 29 de Maio de 1304 e de Val de Viduedo em 4 e Setembro de 1304, todas confirmadas pelo monarca em documentos da sua chancelaria⁶¹.
- l) Ruy Martinz, cavaleiro de Moraes, em 24 de Abril de 1305, juntamente com um escudeiro, foi feito procurador do concelho de Bragança, dos cavaleiros, donas, escudeiros, ordens, clérigos e filhos de algo moradores na mesma vila, numa contenda com o rei D. Dinis, que terminou em composição, o que tudo ficou registado na chancelaria régia⁶².
- m) *Ruy Martins*, alcaide de Bragança, deu, em 8 de Fevereiro de 1315, uma sentença sobre os limites dos termos de Moncorvo e de Moz, como consta dum documento régio transcrito num outro de 1496 do arquivo da câmara de Moncorvo⁶³.
- n) Ruy Martinz de Moraes já era falecido em 1329, segundo José Cardoso Borges⁶⁴.

4.3.1 – Rui Martins e Rui Martins de Moraes

A primeira questão a tentar resolver é a de saber se todas estas notícias se referem à mesma pessoa, ou se se trata de pessoas distintas.

A notícia elencada na alínea a), relativa ao Rodericus Martini de S. Julião apresenta *prima facie* franca incompatibilidade cronológica com várias outras. Implicaria que Rui Martins tivesse sido admitido a testemunhar com menos de 20 anos, quando não ele seria alcaide de Bragança a emitir sentenças com mais de 90 anos – o que é inverosímil.

Avançando um pouco, importa analisar quais as conexões que, por consistirem em factos muito específicos e significativos, impliquem ou apontem fortemente para uma identidade entre os nomeados nas várias notícias.

Creio haver muito fundamento para que, nas circunstâncias em causa, de tempo e de lugar, possam ser consideradas conexões decisivas as seguintes.

– Há uma conexão entre todos os que contêm a menção *de Moraes*, seja na sua identificação seja nos bens imóveis que possuem.

Assim, serão a mesma pessoa (Rui Martins de Moraes), os mencionados nas notícias f), h), l) e n).

– Há também uma conexão entre aqueles cuja notícia indica que foram alcaide e/ou procurador de Bragança.

E como a conexão destes abrange o da alínea l) que também faz parte do conjunto anterior serão o mesmo Rui Martins de Moraes os referidos nas notícias k), l) e m).

– Há também uma conexão entre os que apareçam associados a Rui Fernandes de Castro Roupal. É o que se passa com os referidos em f) e em i). E como o f) é comum ao primeiro conjunto, passa também o da alínea i) a ser considerado o mesmo Rui Martins de Moraes.

59. Inquirições de D. Dinis (L. Nova), livro 3 cit., fl. 129, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 332.

60. Inquirições de D. Dinis (L. Nova), livro 3 cit., fl. 128v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo III, p. 331.

61. Chancelaria de D. Dinis, livro 4, respectivamente fls. 48, 47 e 47v, MARQUES, José, *Povoamento e defesa na estruturação do Estado medieval português*, comunicação ao III Encontro de Historiadores Portugueses e Soviéticos em Leninegrado de 13 a 15 de Junho de 1988, [Em linha Consult. 22 Set. 2013] Disponível em ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6441.pdf, pp. 15 e 31-34, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo IV, p. 468.

62. Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fls. 42v e 43; ver também SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *Os Pimentéis*, Lisboa, 2000, p. 220, e COSTA, Paula Pinto, “A organização do concelho de Bragança e os seus oficiais em tempos medievais”, in *Brigantia*, Bragança, Assembleia Distrital, vol. XXVI, nºs 1/2/3/4 (2006), p. 940.

63. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo I, p. 300.

64. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 99v; ver trecho alusivo no Anexo Documental, doc. VI.

– Há uma conexão, entre si, dos relacionados com Ousilhão. Daí que devam ser considerados a mesma pessoa os referidos em d) e g), ainda que essa pessoa possa ser diferente de Rui Martins de Morais.

Levando a cabo todas as inferências destas premissas, podem pois considerar-se a mesma pessoa – Rui Martins de Morais – todos os mencionados em f), h), i), k), l), m) e n).

Resta ver o que se passa com uma outra conexão, não tão forte como as anteriores – a qualificação expressa como *cavaleiro* ou *miles*.

Essa qualidade, quando reconhecida expressamente em documento oficial da época, era bastante rara, mormente quando se não tratava dum cavaleiro vilão. Numa documentação tão pormenorizada e tendencialmente exaustiva como são as inquirições gerais, na área de Bragança e dos concelhos próximos, pode considerar-se razoavelmente seguro que todos ou quase todos os cavaleiros da região assim designados, que possuíam legitimamente terra honrada, constam da dita documentação.

Nesse pressuposto, todos os dessa região, identificados com o nome *Rui Martins*, que tenham o qualificativo de *cavaleiro* ou *miles*, são de presumir serem a mesma pessoa, salvo se houver qualquer facto provado, quer a cronologia, quer outro qualquer facto ou circunstância que torne impossível ou muito improvável tal identidade.

Vejamos então o que se passa com os qualificados como *cavaleiro* que, na análise anterior ainda se não identificaram como a mesma pessoa Rui Martins de Morais.

São eles os mencionados nas alíneas c), d), g) e j).

Passemo-los apenas pelo crivo cronológico, uma vez que não conheço qualquer outra circunstância ou facto que vede a conclusão de que fossem o já aludido Rui Martins de Morais.

Quando é que este nasceu?

Se em 1315 ainda era alcaide de Bragança no activo e nesse ano proferiu uma sentença, certamente não nasceu muito antes de 1255, pois é difícil de aceitar que estivesse a exercer aquelas funções com muito mais do que 60 anos. Mas como antes de 1290 possuía e geria vários imóveis como bens honrados, não é natural que o fizesse com muito menos de 25 anos de idade, pelo que, a data do seu nascimento decerto não terá sido posterior a 1265.

Deste modo, o Rui Martins, cavaleiro, referido na alínea c) fica excluído da identificação com aquele Rui Martins de Morais. É que não podia ter

nascido depois de 1230, quando não teria comprado um imóvel sem ter 18 anos, idade que teria no fim do reinado de D. Sancho II.

O mesmo se passa com o Rui Martins da alínea d). Este filhou pela força a igreja de Ousilhão em 1548 ou pouco antes. Não poderia tê-lo feito antes de haver nascido.

E o da alínea g)?

A cronologia não se opõe, por si só a que fosse o de Morais. Ele comprou um casal e honrou-o em tempo de D. Afonso III. E o tempo de D. Afonso III acabou em 1279, o que não é absolutamente incompatível com o nascimento em 1255 ou pouco antes. Mas, como acima disse, ele é provavelmente o mesmo que o da alínea d), visto que ambos têm Ousilhão como conexão. Nenhum deles, apesar de cavaleiros, pode pois ser o Rui Martins de Morais.

Os das alíneas b) e), não são de considerar, pois não são qualificados como *cavaleiros*.

Resta analisar o da alínea j), o tal que obteve do rei, por troca, Sanceriz. Esse tinha na carta régia o qualificativo de *cavaleiro*, era filho de algo pois possuía de herdade bens imóveis com jurisdição das proximidades de Bragança (Caçarelhos e metade dos direitos sobre a igreja de S. João de Angueira), e era rigorosamente contemporâneo de Rui Martins de Morais.

Nem pela cronologia a ele directamente associada nem pelas conexões acima apreciadas, não descortino coisa alguma que inviabilize a sua identificação com Rui Martins de Morais.

Mas tentemos aprofundar a análise, com vista a detectar alguma circunstância que, mesmo indirectamente, impusesse essa inviabilização

Aparentemente surge logo uma dificuldade. É que o senhor de Sanceriz era em 1300 casado com uma Sancha Fernandes. Será que isso o torna uma pessoa diferente do Morais?

Façamos uma tentativa de recolher informação segura sobre a família deste, em finais do séc. XIII e primeira metade da centúria seguinte.

É atribuído unanimemente a Rui Martins de Morais o casamento com Aldonça Gonçalves Moreira O que se questiona é em que data foi esse casamento e quando terminou.

Comecemos pelo que escreveu Cardoso Borges, que tratou com especial atenção destes Morais. Rui Martins de Morais era por ele e pela quase totalidade dos genealógicos considerado o chefe da linhagem – o que me parece correcto, pois lhe pertencia a honra de Morais.



Segundo Borges, Rui Martins de Morais casou duas vezes: a 1ª com Aldonça Gonçalves Moreira (ele chama-lhe *Alda Gonçalves*, filha de Gonçalo Rodrigues de Moreira); e a 2ª com uma Urraca Gonçalves de Leiria, de quem terá tido Gonçalo Rodrigues de Morais, casado com geração.⁶⁵

O casamento com Aldonça Gonçalves Moreira é corroborado por todos os autores, desde o próprio Conde D. Pedro. E convêm também em que Rui Martins de Morais teve dela, pelo menos, três filhas: Inês Rodrigues de Morais, Constança Rodrigues de Morais e Guiomar Rodrigues de Morais. Que as duas primeiras casaram, no chamado *casamento duplo*, com dois irmãos, filhos de Afonso Vasques Pimentel e de Sancha Fernandes Pintalho, e netos paternos de Vasco Martins Pimentel e de sua primeira mulher, sendo Rodrigo Afonso Pimentel o casado com a Inês, e João Afonso Pimentel o casado com a Constança. E que Guiomar Rodrigues de Morais casou com João Vasques da Granja⁶⁶.

Tentemos então obter referências cronológicas para esta gente.

João Afonso Pimentel: foi um dos quarenta *ombresfijosdalgo* que D. Afonso IV indicou como reféns do tratado que celebrou com Afonso XI de Castela em 1328⁶⁷. Recebeu de D. Pedro I, no início do seu reinado, em 1357, a alcaidaria do castelo de Bragança⁶⁸; morreu antes de 1365⁶⁹. Deve ter nascido por isso cerca de 1300, quando não, ou seria demasiado velho para obter a alcaidaria-mor, ou demasiado novo para ser um dos homens fidalgos oferecidos para reféns.

E, conforme as indicações do Conde D. Pedro, o irmão de João Afonso era mais velho do que este, e a irmã de Constança era mais velha do que Constança. É possível, por conseguinte, que esse irmão, mais velho, houvesse nascido ainda no séc. XIII.

Quanto a Aldonça Gonçalves Moreira, a mulher de Rui Martins de Morais, parece que era a 3ª filha do segundo casamento de Gonçalo Rodrigues Moreira e a 4ª filha do 2º casamento da mãe, Mor Martins de Leiria.

O 1º marido desta ainda era vivo em 1290⁷⁰. Ela

portanto só a partir do ano seguinte poderá ter começado a dar à luz as filhas do 2º matrimónio. Como Aldonça foi a terceira, é natural que não haja nascido antes de 1294. Quase à mesma conclusão se chega por idêntico raciocínio relativamente ao pai, de quem era 3ª filha⁷¹.

Aldonça Gonçalves Moreira não podia portanto ter casado com Rui Martins de Morais antes de 1308.

A conclusão a tirar desde logo é que as suas filhas Inês e Constança eram cerca de 10 mais novas que os respectivos maridos, o que é perfeitamente admissível.

Mas este encadeamento cronológico provoca um outro corolário interessante. É que logo antes do seu casamento com Aldonça, que tem a data mínima de 1308, Rui Martins de Morais – que como atrás propus – nasceu entre 1255 e 1265, ou era um celibatário ou um viúvo. Tinha já entre 43 e 53 anos.

É mais plausível que fosse viúvo. É difícil de imaginar, naquelas circunstâncias de lugar e de tempo, um leigo celibatário com a riqueza e o prestígio de que ele dispunha, a casar pela primeira vez quase cinqüentão.

Daí que seja preciso encontrar, para ele uma primeira mulher.

Ora para o efeito está mesmo a calhar a Sancha Fernandes, senhora de Sanceriz com o marido em 1300...

E a versão de um casamento posterior de Rui Martins de Morais com uma Urraca Gonçalves de Leiria, apresentada por Cardoso Borges, a estar certa, não interfere com estas conclusões, pois seria, nessa versão, posterior ao casamento com Aldonça Gonçalves Moreira.

O senhor de Sanceriz em 1300 seria por consequência o próprio Rui Martins de Morais. E a sua primeira mulher, Sancha Fernandes, terá morrido antes de 1308.

Os genealógicos, desde o Conde de Barcelos, como vimos⁷², falam de Rui Martins de Morais; os posteriores ao séc. XVI apontam-no como sucessor

65. *Ibidem*.

66. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, cit., vol. II/1, p. 398, e vol. II/2, pp. 48 e 133-134, PIZARRO, José Augusto P. de Sotto Mayor, *Os patronos do mosteiro de Grijó*, Edições Carvalhos de Basto L.da, Ponte de Lima, 1995, pp. 233-234, e *Linhagens ... etc.* cit., vol. II, p. 1046, e SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *Os Pimentéis*, cit., pp. 220 a 222.

67. PIZARRO, Sotto Mayor, *Os patronos ... etc.* cit., p. 234 e SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, *Os Pimentéis*, cit., p. 138.

68. *Chancelarias Portuguesas D. Pedro I*, por A. H. de Oliveira Marques, INIC, Lisboa, 1984, p. 8.

69. PIZARRO, Sotto Mayor, *Os patronos ... etc.* cit., p. 234.

70. PIZARRO, Sotto Mayor, *Os patronos ... etc.* cit. p. 232.

71. PIZARRO, Sotto Mayor, *Linhagens ... etc.* cit., vol. II, p. 1046.

72. *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, cit., vol. II/1, pp. 329 e 398, e vol. II/2, pp. 48, 70, 133 e 134.



de seu pai nos senhorios da Lagoa e de Morais, aos quais foi acrescentado o de Vinhais⁷³.

Mas nenhum deles – que eu saiba – o identifica com o cavaleiro que em 1300 veio a ser senhor de Sanceriz.

Só Felgueiras Gayo aponta, entre os filhos dum segundo casamento de Rui Martins de Morais com uma Sancha Fernandes, outro Rui Martins de Morais, casado com uma Leonor Fernandes e pais de um Pedro Fernandes que seria “tronco dos de S. Seris”. Posto que inçada dos habituais erros por desprezo dos patronímicos, e das confusões do barcelense, esta informação dá que pensar, sobretudo porque se adivinha ter sido colhida, embora muito deturpada, em alguma fonte antiga especial.

De qualquer modo, o silêncio dos genealógicos sobre a identificação na mesma pessoa dos dois “*Ruis Martins*”, é explicável: É que eles desconhecem geralmente a existência daquele senhor de Sanceriz. Não tinham portanto que pôr o problema de identificá-lo, ou não, com Rui Martins de Morais. E este veio a ser conhecido pelos linhagistas sobretudo porque duas das suas filhas (do 2º casamento) casaram com dois irmãos Pimentéis, duma das quais descendeu a poderosa casa dos Condes de Benavente. Sem esses casamentos talvez Rui Martins de Morais tivesse permanecido ainda mais ignorado e ausente da maioria dos nobiliários.

Em síntese, não só a pesquisa cronológica mais alargada e aprofundada, nenhum obstáculo implica às várias conexões que tendiam a identificar um e outro dos Rui Martins em causa, como até acaba por reforçar a probabilidade de que sejam a mesma pessoa.

E, assim sendo,
o cavaleiro Rui Martins

- senhor com sua mulher Sancha Fernandes, em fins do séc. XIII, de Caçarelhos e de metade do padroado de Angueira,
- que por troca destes veio a ser em 1300, juntamente com ela, senhor de Sanceriz,
- que terá sido antepassado de Martim Gonçalves de Macedo,

foi o mesmo cavaleiro Rui Martins de Morais

- que tinha em 1290 duas quintas honradas em Morais,

- que nessa época tinha com outros metade do vilar velho do Prado Redondo, em Bragança, que traziam por honra, mas indevidamente,
- que ganhou juntamente com seu tio Rui Fernandes de Castro Roupal, vinte e seis casais e meio em Talhas, dos quais fizeram honra, também indevidamente, desde o tempo de D. Afonso III,
- que foi alcaide e procurador de Bragança, e nessa qualidade outorgou carta de foro aos povoadores de Vilar de Pombares em 1303, de Póvoa de Arrufe e de Val de Viduedo em 1304,
- que em 1305 foi constituído procurador do concelho de Bragança, dos cavaleiros, donas, escudeiros, ordens, clérigos e filhos de algo moradores na mesma vila, para encerrar por acordo uma contenda com o rei D. Dinis
- que casou cerca de 1308 com Aldonça Gonçalves Moreira
- e que, sendo alcaide de Bragança, deu, em 1315, uma sentença sobre os limites dos termos de Moncorvo e de Moz.

4.3.2 – Origem dos Morais

Sobre a ascendência de Rui Martins de Morais foi dito pelos genealógicos que seria filho dum Martim Gonçalves e neto paterno dum Gonçalo Rodrigues de Morais que, segundo alguns deles, proviria de Moral, na região espanhola de Soria, oriundo da alta estirpe dos Condes de Castela.

Não tenho quaisquer razões para acreditar em tão ilustre entronque.

Admito, sim, que de Rui Martins fosse ascendente um Gonçalo Rodrigues de Moralis que, com sua mulher (pela avó materna oriunda da elevada estirpe dos Silvas), desistiu da parte que ela tinha numa quinta de Vila Meã, doada por outros fidalgos ao mosteiro de Castañeda⁷⁴, em Maio de 1210⁷⁵. Esse Gonçalo Rodrigues é manifestamente o mesmo que testemunhou em 1217, num acto relativo ao mesmo mosteiro⁷⁶. Segundo Cardoso Borges, foram eles, Gonçalo Rodrigues de *Moralis* e a mulher,

73. Ver, entre outros, MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. VI, pp. 197-198, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 21º, pp. 25-27; o topónimo *Vinhais* é possível que esteja por engano, em vez de Vinhas, que correspondia a um povoado muito mais próximo de Morais e de Lagoa.

74. Situa-se em terra leonesa, junto do lago de Senabria, algumas dezenas de quilómetros a norte de Bragança.

75. BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 98 e 98v (*vide* Anexo Documental, doc. VI).

76. RODRÍGUEZ González, Ángel, *El Tumbo del Monasterio de San Martín de Castañeda*, Leon, Centro de Estudios y Investigación “San Isidoro”, 1973, p. 173-174, e BORGES, Cardoso, loc. cit.



quem deu o sítio e antiga capela de Santa Catarina, em Bragança, à então incipiente Ordem de S. Francisco⁷⁷.

E mais admito que um Martim Gonçalves, cavaleiro, que testemunhou, logo a seguir ao tenente de Bragança e logo antes de três juízes, a outorga do foral de Milhão pelo abade de Castro de Avelãs, em 1 de Dezembro de 1227⁷⁸, fosse filho do referido Gonçalo Rodrigues de *Moralis*, e que também dele descendesse o Rui Martins de Morais em causa.

Mas tenho fortes dúvidas, por diversas razões, que este Rui Martins fosse filho dele, até mesmo pela cronologia, uma vez que, como acima disse, não terá nascido certamente muito antes de 1255, ou seja mais de 28 anos após essa intervenção de Martim Gonçalves como testemunha grada.

4.3.3 – Rui Fernandes de Castro Roupal

Por outro lado, é de dar como seguro, como acima documentei, que Rui Martins de Morais era sobrinho de Rui Fernandes, nomeado em diversas notícias como “de Castro Roupal”; e que ambos possuíram vinte e seis casais na vila de S. Miguel de Tallas (Macedo de Cavaleiros), ao tempo das inquirições de 1290.

Decerto esse tio tinha também o padroado da igreja de Vinhas, que ficava junto de Castro Roupal. E possível é que o sobrinho o tenha herdado pois, segundo Cardoso Borges, tal padroado foi parar aos Távoras, pelo casamento de Alda Gonçalves de Morais, neta paterna do mesmo Rui Martins de Morais, com Lourenço Pires de Távora, antepassados estes dos Condes de S. João⁷⁹.

Sabe-se que em fins de 1287 Rui (ou Rodrigo)

Fernandes de Castro Roupal era cónego da sé de Braga e abade da dita igreja⁸⁰, e que foi ele o prelado que depôs nas aludidas inquirições.

Foi cónego da dita sé entre 1284 e 1299, ano em que morreu. Era filho de Fernão Fernandes e duma D. Teresa, e irmão de Pedro Fernandes, cavaleiro de Dornelas, de Fernão Fernandes, cavaleiro, e de Maria Fernandes, casada com Pedro Lourenço, cavaleiro do Rego. Teve propriedades em S. Pedro de Maximinos, Braga, possuiu a quintã de Vila Cova, honrada desde D. Afonso Henriques, e trazia emprazados dois casais e uma quintã em Palmeira, e dois casais no lugar de Quintela⁸¹.

As inquirições de D. Dinis de 1288 trazem à luz mais informação sobre esta família e os seus bens imóveis.

O dito Fernão Fernandes possuía uma quintã dentro do couto de Moure⁸². Possuiu também uma quintã chamada de Arnadais, na freguesia de Dornelas, a qual a testemunha sempre vira honrada. Na mesma freguesia adquiriu Rui Fernandes uma casa e dela fez honra, mas foi declarada devassa⁸³. Este mesmo tinha uma quintã chamada Vila Cova, perto de Braga a qual era honrada desde o tempo de D. Afonso Henriques⁸⁴ e, ele e os seus irmãos, uma quintã chamada Bouça, na freguesia de Maximinos, em Braga, que as testemunhas sempre tinham visto honrada⁸⁵. Possuía na freguesia da Palmeira, junto a Braga, dois casais, uma quintã chamada Serviçoria, e vários casais no Souto de Pocas, do que tudo fizera honra, mas só lhe foi reconhecida nas casas da Serviçoria⁸⁶. E seu cunhado Pedro do Rego tinha uma quintã no julgado de Rossas, perto de Vieira de Minho, que era honrada e assim foi declarada enquanto fosse de filhos de algo⁸⁷.

Rui Fernandes era portanto grande proprietário.

77. BORGES, Cardoso, loc. cit.

78. ALVES (BAÇAL, Abade de), Francisco Manuel, “Castro de Avellãs”, *O Instituto*, revista do Instituto de Coimbra, nº 56 (1909), pp. 205-206.

79. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 101; note-se que ainda em 1648, um ilustrado membro duma estirpe da alta nobreza como os Távoras, ignorava, aparentemente que a sua antepassada Alda Gonçalves, mulher de Lourenço Pires de Távora, tinha o apelido Morais (TÁVORA, Rui Lourenço de, *Historia de Varoens Illustres do Appellido Tavora*, Paris, 1648, p. 3).

80. BAÇAL, Abade de, “Castro de Avellãs” cit., pp. 265 e 269.

81. RODRIGUES, Ana Maria S. A., RIBEIRO, João Carlos Taveira, COSTA, Maria Antonieta Moreira da, e MACIEL, Maria Justiniana Pinheiro, *Os Capitulares Bracarenses (1245-1374)*. Notícias Biográficas, Lisboa, Universidade Católica de Lisboa, 2005, pp. 198-199 e 205-206, notas 950 a 960.

82. *Portugaliae Monumenta Historica*, Nova Série, vol. IV/1, Inquisitiones – Inquirições Gerais de D. Dinis de 1288, cit., p. 320.

83. *Ibidem*, pp. 405-407.

84. *Ibidem*, p. 419.

85. *Ibidem*, pp. 431-432.

86. *Ibidem*, pp. 438 e 440.

87. *Ibidem*, p. 656.



Na família destacava-se justamente como o maior possidente. Mas pai, irmãos e cunhados eram todos considerados filhos de algo e localizavam-se na origem em Dornelas perto de Amares. As suas propriedades espalhavam-se até junto das terras de Basto.

Ora, se este Rui Fernandes de Castro Roupal fosse tio direito de Rui Martins, o pai deste último só poderia chamar-se *Martim Gonçalves* se o dito Rui Fernandes de Castro Roupal fosse cunhado ou irmão apenas uterino deste.

Se era irmão inteiro do pai de Rui Martins de Moraes, então o pai deste não podia chamar-se *Martim Gonçalves*. Chamar-se-ia, sim, *Martim Fernandes*.

A verdade é que, nas referidas inquirições, efetuadas já passada metade do séc. XIII⁸⁸, não há rasto de qualquer *Martim Gonçalves* que pudesse corresponder ao pai de Rui Martins. É, sim, mencionado um *Martim Fernandes*, cavaleiro, que adquirira 5 casais em Serapicos (concelho de Bragança), um em Castro Roupal (freguesia de Vinhas, concelho de Macedo de Cavaleiros), e mais três em Vinhas⁸⁹, tudo lugares muito próximos entre si, e muito próximos também de Sanceriz (um dígito apenas de quilómetros) e de Moraes.

Mas se este *Martim Fernandes* fosse irmão do acima referido cónego Rui Fernandes, ficaria por explicar por que razão não figura numa hipoteca em que intervieram outros irmãos deste, em 1288⁹⁰.

Por outro lado, se assim fosse, pôr-se-ia em causa o nome que os genealógicos atribuíram ao pai de Rui Martins de Moraes.

E o pai daquele *Martim Fernandes* (e pai também do cónego Rui Fernandes de Castro Roupal) não poderia ser o mencionado Gonçalo Rodrigues de *Moralis*.

A hipótese de Rui Martins de Moraes ser sobrinho direito paterno do cónego enfrenta pois enormes dificuldades. Exigiria que *Martim Fernandes* fosse filho dos mesmos Fernão Fernandes e Teresa que foram pais do dito cónego, dos cavaleiros Pedro Fernandes, de Dornelas e Fernão Fernandes, e de

Maria Fernandes, mulher de Pedro Lourenço, cavaleiro do Rego – o que não encontra apoio em qualquer documento que seja do meu conhecimento.

Apesar do estatuto social destacado que teriam esses pais (ambos tratados com “*Dom*” em documento de Braga), esta família não está tratada nem entroncada⁹¹, que eu saiba, no universo nobiliárquico do séc. XIII, nem em Portugal nem nas regiões fronteiras da Galiza e de León.

Por outro lado a designação *sobrinho* era na época muito usada para designar o filho do primo coirmão, como ouvi presencialmente do ensinamento de Sotto Mayor Pizarro⁹².

Rui Martins de Moraes poderia ser, embora não necessariamente, neto dum irmão do mencionado Fernão Fernandes, pai do cónego de Castro Roupal. E, se assim fosse – o que não passa duma consideração muito hipotética – o pai de Rui Martins poderia mesmo ser o *Martim Fernandes* a que acima aludo.

Não estou em condições de fazer, neste particular, uma opção segura.

4.3.4 – Angueira e Caçarelhos

Por outro lado, há que levar em conta que o cónego Rui Fernandes não possuía apenas bens na região de Braga, mas também – e avultados – nos concelhos de Macedo de Cavaleiros, Bragança e Vinhais, e que o seu sobrinho Rui Martins de Moraes era em 1300 possuidor da aldeia de Caçarelhos e de metade do padroado da igreja de S. João de Angueira, quando os trocou com o rei, por Sanceriz. Como explicar estas posses?

Vejamos o que foi possível saber dos documentos sobre tais bens e direitos.

Em primeiro lugar a povoação de Angueira.

O vilar com este nome foi em 1197 ou 1198 doado por D. Sancho I a D. Telo Fernandes *jure hereditario*, com seus termos novos e velhos, pelo bom serviço que sempre lhe fizera e fazia⁹³. António Ma-

88. Repare-se que o documento em que acima aceitei que o interveniente lá referido fosse *Martim Gonçalves* ascendente de Rui Martins de Moraes, foi datado de 1227.

89. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc.* cit., tomo III, pp. 331, 334 e 335.

90. RODRIGUES, Ana Maria, e outros, ob. cit., p. 198.

91. Nem figura como tal, não obstante algumas notícias dispersas por outras linhagens, nas monumentais *Linhagens ... etc.*, de PIZARRO, Sotto Mayor, várias vezes citadas.

92. Ver também TORRES Sevilla, Margarita, *Linajes nobiliarios de León y Castilla Siglos IX-XIII*, Junta de Castilla y León, 1999, p. 34.

93. *Chancelaria de D. Afonso III, Livros II e III*, cit., p. 69, e BUENO, ob. cit., pp. 146-147, e ALFONSO, Antón, ob. cit., pp. 326-327.



ria Mourinho afirmou que este D. Telo Fernandes era dos Braganças⁹⁴, mas não acho confirmação de tal enquadramento linhagístico.

Nas inquirições de D. Afonso III as testemunhas ouvidas afirmaram que os filhos de D. Telo venderam a dita vila ao mosteiro de Santa Maria de Morerola⁹⁵.

Segundo aquele autor, Urraca Teles, filha do dito D. Telo Fernandes, e os filhos do filho mais velho deste, chamados Sancha Peres, Urraca Peres e Gomes Peres, venderam ao mosteiro, em 1246, metade de Angueira. Certamente o filho mais velho de D. Telo Fernandes se chamaria **Pedro Teles* e morrerá antes daquele ano.

A outra metade deve ter sido antes ou pouco depois transmitida para o mesmo cenóbio, pois este, em 1257, deu foral aos vassallos moradores naquela vila⁹⁶.

No entanto, por um acordo de 31 de Maio de 1279, o mosteiro trocou com Rui Pais e sua mulher, Maria Rodrigues, a vila de Angueira, recebendo destes a vila de Genízio, salvo um casal que nesta tinha Fernão Pais, irmão de Rui Pais⁹⁷.

Esta troca veio a suscitar uma contenda em 1284, entre o mosteiro e os mesmos Rui Pais e mulher, em que se disputava o lugar de Vilarinho, no termo de Genízio, contenda que estes vieram a perder, conforme documentos de 11 de Julho, 18 e 22 de Agosto, e de 12 de Dezembro⁹⁸.

Não há porém indicação de que, em finais do séc. XIII, a dita vila fosse de Rui Martins.

E S. Martinho de Angueira?

Segundo documentos de 1212 e 1214, D. Fernando Fernandes Braganção, com sua mulher D. Maria, deram ao mosteiro de Castañeda todas as herdades que tinham em S. Martinho de Angueira, recebendo em préstamo todas as que o mesmo cenóbio possuía em Vila Meã e S. Julião⁹⁹.

Em 1289 o mosteiro fez transação com o rei D. Dinis, que lhe confirmou todas as heranças em terra de Bragança, dando em troca ao rei os direitos de S.

Martinho de Angueira. A partir de então tais direitos terão ficado a pertencer à Coroa.

Não existe indicação da participação de Rui Martins neste historial.

Resta atentar em S. João de Angueira e Caçarelhos.

Um Fernando Feio (*Feo*), casado com D. Teresa, teve herdades em S. João de Angueira (povoação diferente de Angueira e que hoje é denominada S. *Joaquino*), Caçarelhos (*Carreregijs*, em latim da época) e Genízio (*Giizo*, também em latim da época). Nelas sucedeu seu filho, Paio Fernandes, casado com D. Velasquida, que com esta vendeu metade delas em 1 de Janeiro de 1217 ao referido mosteiro de Castañeda¹⁰⁰. Dos termos dessa venda se vê que o mesmo Paio Fernandes estava ligado por consanguinidade com o abade do dito mosteiro, D. Diogo. E admite-se também que o referido Fernando Feo fosse relacionado com certo Rodericus Fernandez, o Feo, tenente de Maiorga em 1227¹⁰¹. Possivelmente este Rui Fernandes Feio era filho dele e, portanto, irmão de Paio Fernandes. Ainda dos termos dessa venda («... Et si aliquis de nostro vel de alieno genere contra hoc nostrum factum ad disruptendum venerit ... etc.») parece deduzir-se que Paio Fernandes tinha geração.

O cavaleiro D. Afonso Mendes de Bornes, senhor de muitos bens imóveis em vários concelhos do nordeste de Trás-os-Montes, vendeu em 1255 ao mosteiro de Morerola tudo quanto tinha e devia ter em *Geniço* e *Sant Johan dela Ribera* [sic]¹⁰² e, em 9 de Fevereiro de 1257, com a outorga da mulher e dos filhos, três casais na vila de *Geniço* e o sesmo de *San Johan de Angueira*¹⁰³, tudo bens que herdara de seu pai, Mendo Bofinho, aio de D. Afonso Henriques.

E em 22 de Julho de 1262 foi a vez de Rui Pais e sua mulher, Urraca Afonso, filha do referido Afonso Mendes de Bornes, venderem ao mesmo mosteiro tudo quanto tinham em *Genizo*, ou seja, toda a vila com seus termos, salvo um sétimo, que era da mulher dum cavaleiro do Hospital, e salvo um casal, que era de Fernando Pais, irmão do dito Rui Pais¹⁰⁴.

94. MOURINHO, António Maria, “Acção e influência dos monges de S. Bernardo no nordeste transmontano (ss. XII-XVI), partindo de Santa Maria de Moreruela, em Leão”, Brigantia, cit., vol. XXII, nºs 3/4 (2002), p. 96.

95. Situado em território leonês a norte de Zamora, na margem do rio Esla, cerca de 80 km em linha recta a leste de Bragança.

96. MOURINHO, António Maria, ob. cit., p. 97, ALFONSO, Antón, ob. cit., pp. 326-327, e BUENO, ob. cit., pp. 217-219.

97. ALFONSO Antón, ob. cit., pp. 476-478.

98. *Ibidem*, pp. 488-492.

99. RODRÍGUEZ González, ob. cit., pp. 161-162 e 170-171.

100. *Ibidem*, pp. 173-174.

101. *Ibidem*, p. 18.

102. ALFONSO Antón, ob. cit., p. 451.

103. *Ibidem*, pp. 457-458, e BUENO, ob. cit., p. 219.

104. ALFONSO Antón, ob. cit., pp. 462-463.



Conforme as inquirições de D. Afonso III, em 1258 S. João de Angueira era dos irmãos Rui Pais e Fernando Pais, cavaleiros, que a tinham povoado¹⁰⁵. Trata-se, como é óbvio, dos mesmos irmãos acima referidos com tais nomes: Rui, que ficou por troca com a vila de Angueira, e Fernando, que possuía um casal em Genízio. Mas S. João de Angueira, aparentemente permaneceu na sua posse.

Não obstante, que parentesco poderia haver entre toda esta gente e Rui Martins?

Não se vislumbra à primeira vista a sua relação com a família, documentada em Braga, do cónego Rui Fernandes de Castro Roupal.

Mas parece possível supor que os irmãos Rui e Fernando Pais hajam construído a igreja de S. João de Angueira, como povoadores que foram desse lugar; que cada um possuísse, em consequência, metade do padroado da mesma; e que uma dessas metades tivesse sido herdada por Rui Martins ou por sua mulher Sancha Fernandes.

Quanto a Caçarelhos, achei apenas a menção de que metade da herdade que aí possuíam Fernando Feio e mulher, D. Teresa, foram em 1217 vendidos pelo filho e nora de ambos, Paio Fernandes e D. Velasquida, ao mosteiro de Castañeda. Os referidos cavaleiros Rui e Fernando Pais podiam ser filhos deste casal. Como tais, poderiam ter herdado a outra metade da dita herdade em Caçarelhos. E não é temerário admitir que tal metade tivesse acabado por pertencer a Rui Martins ou à dita sua mulher.

4.3.5 – Proposta de ascendência de Rui Martins e de Sancha Fernandes

Proponho então, com base em todos estes considerandos, o seguinte enquadramento linhagístico dos cônjuges Rui Martins e Sancha Fernandes que, em 1300, trocaram com o rei Caçarelhos por Sanceriz:

I – Martim Fernandes, possivelmente filho de um irmão de Fernão Fernandes e D. Teresa, e primo coirmão do Rui Fernandes de Castro Roupal, abade da igreja de Castro Roupal e, entre 1284 e 1299, cónego da sé de Braga.

Poderá ter casado com uma filha ou, mais ve-

rosimilmente, com uma neta de Gonçalo de *Moralis*

Filho:

II – Rui Martins de Morais

Nasceu cerca de 1250. Foi cavaleiro, possuiu numerosos bens imóveis na região de Bragança e Miranda do Douro e em 1300 foi senhor de Sanceriz. Casou 1ª vez com Sancha Fernandes. Casou 2ª vez com Aldonça Gonçalves Moreira; terá casado uma 3ª vez com uma Urraca Gonçalves de Leiria. Com geração de todos os matrimónios.

I – Fernando Feo

Foi senhor de bens imóveis em S. João de Angueira, Caçarelhos e Genízio. Casou com uma D. Teresa.

Filhos:

1(II) – Rui Fernandes, o Feo, tenente de Maiorga em 1227.

2(II) – Paio Fernandes

Casou com uma D. Velasquida, com quem vendeu em 1217 ao mosteiro de Castañeda, metade das herdades que tinha em S. João de Angueira, Caçarelhos e Genízio.

Filhos:

1(III) – Rui Pais

Foi cavaleiro e povoou S. João de Angueira antes de 1258. Em 1279 trocou com o mosteiro de Morerola a vila de Genízio pela de Angueira¹⁰⁶, tendo havido depois, em 1284, uma contenda com este mosteiro sobre o lugar de Vilarinho. Casou duas vezes: a 1ª com Urraca Afonso, filha de D. Afonso Mendes de Bornes e neta paterna de Mendo Bofinho; a 2ª com Maria Rodrigues.

Talvez filho do 1º casamento:

IV – Pedro Rodrigues

Foi testemunha numa quitação dada por seu pai em 1284.

2(III) – Fernando Pais

105. Inquirições de D. Afonso III (Feitos da Coroa), livro 2, fls. 107, 108v, 109, 110, 110v e 111v, *Portugaliae Monumenta Historica, Inquisitiones*, cit., vol. I, parte II, fasc. VIII, pp. 1280a, 1282a, 1282b, 1283b, 1284a e 1284b, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo IV, pp. 8, 12, 13, 15, 17 e 19.

106. ALFONSO Antón, ob. cit., pp. 476-478, se bem que literalmente a posse de Angueira reconhecida a Rui Pais, era em “prestimónio”, isto é, não hereditária.

Foi cavaleiro e povoou S. João de Angueira antes de 1258. Ainda era vivo em 1279.

Poderia ser sua filha:

IV – Sancha Fernandes

Casou com Rui Martins de Moraes, de quem terá sido 1ª mulher, e ambos trocaram com o rei D. Dinis, em 1300, o lugar de Caçarelhos e metade do padroado de S. João de Angueira (possivelmente herdados por ela de seu pai e de seu tio), pela aldeia de Sanceriz e metade do padroado da respectiva igreja.

Há muito de hipotético na proposta contida nestes esquemas genealógicos. Mas não sei de outros documentos que permitam uma alternativa melhor e coerente para a informação recolhida.

4.3.6 – Posição da linhagem de Rui Martins de Moraes

Resta reflectir sobre a origem e a trajectória provada da linhagem de Rui Martins de Moraes.

No nordeste transmontano, esta família achava-se manifestamente num plano cimeiro à entrada do séc. XIV e desde, pelo menos, as duas décadas do século anterior.

Tal era patente não só no destacado prestígio de Rui Martins – procurador e alcaide de Bragança – mas também na enorme soma de propriedades que possuía, nos concelhos de Bragança, Macedo e Vinhais, e em zonas fronteiriças.

Esses bens tanto podiam ter resultado de herança do possível Gonçalo Rodrigues de *Moralis*, seu hipotético bisavô, como de herança de Fernando Feio, seu hipotético trisavô, como ainda, mais provavelmente, do facto de Rui Martins ser sobrinho dum cónego de Braga (Rui Fernandes de Castro Roupal) que, era possuidor de numerosos bens imóveis na região. E essa

posição de terra tenente podia ter sido reforçada pelas herdades que possivelmente sua mulher Sancha Fernandes possuía, de seu pai e de seu tio.

Em qualquer caso importa sublinhar que,

– em princípios do séc. XIV, o mais progressivo ramo dos Pimentéis, se encostou pelo matrimónio a essa linhagem dos Moraes e dela recebeu património imobiliário importante, ...– a futura poderosíssima linhagem dos Távora como que terá iniciado a sua escalada ascendente também pela aliança matrimonial com aqueles Moraes – o casamento de Alda Gonçalves, ao que parece neta paterna de Rui Martins de Moraes, com Lourenço Pires de Távora¹⁰⁷.

4.4 – A sucessão no senhorio de Sanceriz

O genealógico Bernardo Pimenta de Avelar Portocarrero, que foi escrivão dos filhamentos, deixou escrito na sua extensa obra, datada de 1721, que em 1446 (certamente da era de César, correspondendo ao ano 1408 da era actual – o que ele aliás não compreendeu), constava o traslado duma sentença que, contra Rui Martins cavaleiro senhor da aldeia de Sanceriz, alcançaram os moradores da mesma aldeia em 2 de Março de 1301, pela qual o rei D. Dinis os desobrigava de darem serviço ao dito Rui Martins senão quando ele fosse na dita terra uma vez no ano; e que Martim Gonçalves e Aires Fernandes escudeiro do lugar de Macedo e morador na aldeia de Vinhais, termo de Bragança, pediram o traslado desta sentença que lhes mandou dar João Lourenço de Ferreira, alcaide-mor e juiz de Bragança¹⁰⁸. Aquele Martim Gonçalves era decerto o nosso Martim Gonçalves de Macedo.

Acresce um apontamento do próprio Avelar Portocarrero e de Felgueiras Gayo, de que Catarina Anes, viúva de Martim Gonçalves de Macedo, terá outorgado uma escritura em 2 de Fevereiro de 1433 (aí já ano do nascimento de Cristo), em Sanceriz¹⁰⁹.

Sabe-se também que o senhorio desta povoação

107. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 101; a esta Alda Gonçalves se refere a carta do rei D. Fernando I pela qual lhe deu, quando já estava viúva do dito Lourenço Pires de Távora, em 20 de Novembro de 1382, os direitos, rendas e foros das terras de Ribeira e Samudães e a colheita de casa ano na cidade de Lamego, Torre do Tombo, Chancelaria de D. Fernando, livro 2, fl. 95, e livro 3, fl. 27.

108. PORTOCARRERO, Bernardo Pimenta de Avelar, *Livro das genealogias Nobres deste Reyno de Portugal*, manuscrito, Torre do Tombo, Genealogias, 21.E.6, fl. 17; e é de presumir que este autor não inventou tal documento e que o terá tido à vista, tão específico ele é, e tão desprovido de inverosimilhanças se apresenta o seu conteúdo.

109. PORTOCARRERO, Avelar, ob. cit., fl. 19, e GAYO ob. cit., tomo 19º, p. 10; e em nada se vê por onde infirmar tal nota.

pertenceu ao filho de Martim, Diogo Gonçalves de Macedo, visto que o declara, como consta do traslado feito em 20 de Maio de 1468¹¹⁰.

E igualmente se sabe que, por sucessão, ela veio a pertencer ao filho deste, Henrique de Macedo, que a vendeu em 1479¹¹¹.

Entre 1301 e 1408 nenhuma referência documental achei, relativa à dita aldeia, a qual foi concedido ainda no séc. XIV (pois dessa centúria data o seu pelourinho).

Com base nestes dados, parece acertado entender que eram senhoriais os direitos de Rui Martins¹¹².

E que tais direitos terão vindo a pertencer, por sucessão, a Martim Gonçalves de Macedo e ao escudeiro de Vinhais, Aires Fernandes.

Ora, como mais adiante melhor se verá, a acreditar na informação fornecida por Cardoso Borges, o dito Martim era provavelmente filho dum Gonçalo Fernandes de Macedo e sobrinho dum Aires Fernandes de Macedo.

O que já não se afigura aceitável é que este Gonçalo Fernandes de Macedo fosse filho do documentado Rui Martins senhor de Sanceriz. O patronímico impede-o e, até prova em contrário, presumo certa a indicação de Cardoso Borges, de que o dito Gonçalo era *Fernandes*, e não *Rodrigues*. Aliás é deste autor a informação de que o pai de Gonçalo se chamava, sim, Fernão Esteves de Macedo (a quem chamarei *Fernão Esteves de Macedo I*).

Mas voltarei a este tema.

4.5 – O alcaide do castelo de Feira

Os cronistas referem a existência dum cavaleiro Gonçalo Rodrigues de Maçada (ou “de Maçada”, ou “de Macedo”) que era alcaide do castelo de Feira por D. Dinis, a quem prestara menagem, mas que entregou o dito castelo ao infante D. Afonso (futuro D. Afonso IV) em princípios de 1322, no decurso da guerra que este moveu contra o pai.

Com tal nome poderia ser filho do acima mencionado Rui Martins, senhor de Sanceriz. O patronímico consente-o, tinha qualidade para ter recebido a alcaidaria – por ser filho de cavaleiro e senhor duma aldeia – e o uso do mencionado apelido torná-lo-ia provável, desde que se entendesse que *Maçada* ou *Maceda* eram formas diversas do mesmo apelido *Macedo*.

Só que *Maçada* e *Macedo* não são o mesmo apelido. Distinguem-se em quase todos os documentos da época, sem embargo de por vezes aflorar alguma confusão entre os dois. *Maçada* era topónimo e apelido da região da Feira, próximo do litoral a sul do Douro. Ao passo que, na época, *Macedo* era topónimo de pelo menos duas povoações da região de Bragança, onde se situa Sanceriz (Macedo de Cavaleiro e Macedo do Mato).

De resto, sempre será de rejeitar a versão, sugerida por alguns, que dá aquele Gonçalo Rodrigues de Macedo (ou mais provavelmente de *Maçada*) como pai do herói de Aljubarrota Martim Gonçalves de Macedo.

É que Gonçalo haveria de ter nascido antes de 1297, pois decerto o rei o não teria incumbido das tão exigentes funções de alcaide do castelo de Feira quando ele ainda fosse menor.

Por outro lado, esse mesmo Gonçalo era decerto um *Gonçalo Rodrigues Maçatoo* a quem o rei legitimou um filho em 1323¹¹³, localizado próximo da actual Oliveira de Azeméis, que parece nada teria a ver com os Macedos brigantinos.

Ora Martim Gonçalves de Macedo, que era escudeiro do rei D. João I em 1385 e gerou o filho primogénito em finais do séc. XIV, terá nascido decerto em meados da centúria. Assim, Gonçalo Rodrigues de Maçada, se fosse seu pai, tê-lo-ia gerado com perto de 60 anos de idade e não menos de três décadas depois de ter tido outro filho, o que, naquelas circunstâncias, parece improvável.

Os Macedos nada têm que ver, pois, genealogicamente, com os Maçadas. São linhagens diversas. Ligá-las é um equívoco devido apenas à paronímia do nome.

110. BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo III, pp. 292 e segs.

111. SIQUEIRA, Ascenso de, nobiliário sem título, manuscrito em 7 tomos, *mibi*, tomo II, fl. 83; a notícia, que é dada à margem, com letra diferente da do texto, tem o seguinte teor: «por huma escritura de venda feita em Coimbra a 27 de Março de 1479 nas Notas do Tab.am Martim Gonçalves consta q Henrique de Macedo, e sua m.er Guimar Borges venderão a João Sodre, e sua m.er Felipa do Rego o lugar de SanSeris com a jurisdição de apresentar justissas, e huma alternativa com ElRey na apresentação da Igr.^a de S. João de Freitas, e humas quintas, Aldeas e Honrras q tinha em terra de Bragança, tudo por sento e des mil reis Brancos de des pretos ao real», nenhum motivo se descortinando para considerá-la uma invenção.

112. Apenas “Rui Martins” pois, ao contrário do que foi dito na carta de brasão de armas setecentista de António de Macedo Velasques de Oliveira atrás mencionada, não figura com o apelido Macedo na referida carta régia de escambo de 1300.

113. Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fl. 148 – ver transcrição no Anexo Documental, doc. III.

4.6 – A chefia da linhagem e o senhorio de Sanceriz

Por outro lado, deve ter-se presente que em 15 de Abril de 1518 foi passada carta de armas a João de Macedo, fidalgo da Casa Real, que, como nela é afirmado,

*«descendia da jeracam e linhagem dos de macedo que he o chefe e tem a casa e sollar desta linhagem por ser filho legitimo de gonçalo de macedo e neto de fernam esteuens de macedo que foy o chefe desta linhagem»*¹¹⁴.

Este facto, que considero seguro, de o dito João de Macedo ser, em princípios do séc. XVI, o chefe da linhagem dos Macedos, vem levantar um problema genealógico.

Na verdade, o herói de Aljubarrota, o filho sucessor dele e o neto, Henrique de Macedo, foram senhores de Sanceriz. Tal senhorio ter-se-á fundado no escambo feito por D. Dinis em 1300, com Rui Martins, e terá sido transmitido hereditariamente até àqueles.

Mas, por outro lado, não aparece menção alguma de que o senhorio da mesma aldeia pertencesse ao referido fidalgo de cota de armas João de Macedo, nem a seu pai (Gonçalo de Macedo), nem a seu avô paterno (Fernão Esteves de Macedo, a quem chamarei *Fernão Esteves de Macedo II*), que decerto foram, todos, contemporâneos de Diogo Gonçalves de Macedo, senhor de Sanceriz e filho herdeiro de Martim Gonçalves de Macedo.

Ora o senhorio de Sanceriz incluía direitos de jurisdição como se percebe pela sua venda em 1479¹¹⁵. Resultava de, pelo menos, dois diplomas do rei D. Dinis (uma carta de escambo de 1300 e uma sentença de 1301). Devia ter o estatuto análogo ao duma doação régia. Era um bem oriundo da Coroa. Parece portanto que haveria de ser transmitido hereditariamente pela norma da preferência masculina e primogénita.

Nos termos da Lei Mental¹¹⁶, era o filho legítimo varão mais velho quem herdava do último titular de bens doados pela Coroa. As filhas não os herdavam.

E sabe-se hoje que estas normas não começaram a vigorar somente em 1434. Já antes se aplicavam, pelo menos desde 1398.¹¹⁷

Como explicar, então, que o sucessor no senhorio de Sanceriz não tivesse vindo a ser o dito Fernão Esteves de Macedo II nem, depois dele, sucessivamente, seu filho Gonçalo de Macedo e seu neto o fidalgo João de Macedo?

Para resolver a dúvida, será talvez relevante saber que em pleno séc. XIV foram vinculados, num morgado então instituído, certos imóveis sítos em Macedo de Cavaleiros.

A informação de Cardoso Borges sobre o dito vínculo é a seguinte:

«Neste lugar de Macedo se conserva o Morgado que em 8 de Fevereiro da era de 1391 que he anno de 1353 instituiu Ruy Fernandes de Macedo filho de Fernão Esteves de Macedo e teve mais filhos a Ayres Fernandes de Macedo, e Gonçallo Fernandes de Macedo, que foy Pay de Martim Gonçalves de

114. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Manuel I, livro 6 de Místicos, fl. 158v - ver transcrição no Anexo Documental, doc. IV; a carta foi mencionada por BAENA, Visconde de Sanches de, *Archivo Heraldico-Genealogico*, vol. I, Lisboa, Typographia Universal, 1872, p. 301.

115. Realce-se que, como acima se viu, a venda teve como objecto o «lugar de SanSeris com a jurisdição de apresentar justissas, e huma alternativa com ElRey na apresentação da Igr.^a de S. João de Freitas».

116. É o seguinte o teor, na parte em que dispõe sobre doações régias, da Lei Mental mandada publicar por D. Duarte em 8 de Abril de 1434, tal como foi publicada nas Ordenações Manuelinas (*Ordenações do Senhor Rey D. Manuel*, livro II, título XVII, edição de Coimbra, 1797, 67-68): «1 Primeiramente Determinamos, e Poemos por Ley em todos Nossos Reynos, e Senhorios, e Mandamos que todas as Terras, Bens, e Herdamentos da Coroa de Nossos Reynos, que per Nós ou per os Reys foram, ou forem dadas e doadas a quaesquer pessoas, de qualquer estado que sejam, pera elles, e todos seus descendentes, ou seus herdeiros, e socedores, fiquem sempre inteiramente (per morte do possuidor dos taes Bens e Terras) ao seu filho legitimo baram maior que delle ficar (...) 3 E quando por morte do possuidor das Terras da Coroa do Reyno, ou de alguús Bens e direitos da Coroa nom ficar tal filho baram lídimo, a que devam ficar, e ficar algũa filha, Queremos que esta tal filha as nom possa herdar; salvo por especial doaçam ou merce que lhe Queiramos dellas fazer, e segundo os contractos e doaçõ-es, que Nós, e os Reys Nossos Antecessores fizemos, ou Fezermos a aquelles, a que assi Demos as ditas Terras ...etc.»

117. MORENO, Humberto Baquero, *Exilados, marginais e contestatários na sociedade portuguesa medieval*, Editorial Presença, Lisboa, 1990, p. 22. Penso no entanto que a lei foi basicamente inovadora e suscitada especificamente pela problemática da recuperação, por D. João I, de grande parte dos abundantíssimos bens que doara quando necessitava de apoios para a conquista do trono e que, consolidado este, em fins do séc. XIV, tratava de tentar reaver por quaisquer meios.

*Macedo o que livrou a El-Rey D. João Primeyro do lance em que se vio com o Sandoval na Batalha de Aljubarrota em que se acharão estes Macedos».*¹¹⁸

À primeira vista parecerá débil a prova da instituição deste morgado. E duvidosa a sua existência. Repare-se que, estando eventualmente entre os escassos vinte morgados mais antigos conhecidos, Maria de Lurdes Rosa não o incluiu no quadro dos muitos que analisou e estudou na sua obra incontornável.¹¹⁹

Mas a notícia de Cardoso Borges parece inteiramente credível. Além do mais porque revela uma ligação entre a fonte escrita e a realidade viva à data em que ele escrevia. O vínculo era antigo e ele conhecia o seu administrador nessa data, além do que ele estudara especial e cuidadosamente o historial de todos os morgados localizados na região de Bragança.

Acresce que, pela menção da antiga era de César, Cardoso Borges dá claramente a entender que teve à vista o verdadeiro instrumento da instituição do morgado ou cópia antiga, anterior a 1422 (ano em que, nos documentos portugueses, a datação passou a ser feita pelo ano que se pensava ser do nascimento de Cristo) e, portanto, bastante fidedigna.

Não apresenta porém a linha inicial de sucessão nesse morgado de Macedo. Refere que o pai do instituidor do dito morgado se chamava Fernão Esteves de Macedo (o I)¹²⁰ e que esse instituidor era irmão dum Aires Fernandes e dum Gonçalo Fernandes de Macedo, este último pai do herói de Aljubarrota.

Pode mesmo assim afirmar-se, à confiança, que Martim Gonçalves de Macedo não sucedeu no dito morgado.

Mas então haverá que reconhecer que o senhorio de Sanceriz, que pertenceu a este último, seguiu por uma linha diferente da sucessão no morgado.

O senhorio de Sanceriz foi parar a sucessores do Gonçalo Fernandes de Macedo mencionado por Cardoso Borges, ou seja, a seu filho Martim Gonçalves de Macedo, a seu neto Diogo Gonçalves de Macedo e a seu bisneto Henrique de Macedo.

Diferentemente, o morgado de Macedo foi parar a outros possuidores. E a estes é que foi reconhecida a chefia do nome e armas.

Então, a hipótese que se afigura menos inverosímil para a conciliação destes dados é a seguinte:

- à sucessão no senhorio de Sanceriz não eram aplicáveis nem foram aplicadas, antes de fins do séc. XIV, as regras da futura lei mental;
- antes de meados do séc. XIV, um hipotético filho ou filha de Rui Martins, herdou deste o senhorio de Sanceriz;
- por morte desse filho ou filha, os filhos deste ou desta, um Rui, outro Aires e outro Gonçalo, todos Fernandes (de Macedo), teriam acordado, em partilhas, que estes dois últimos ficassem com o senhorio de Sanceriz e o primeiro com outros bens de raiz, entre os quais herdades em Macedo de Cavaleiros;
- até então, a principal família da região de Bragança – os Bragançãos – ao contrário das de outras regiões, sobretudo estrangeiras, que já praticavam o agnatismo, tinha mantido sero-diamente a estrutura cognática¹²¹;
- de qualquer forma, no tocante à transmissão patrimonial, na nobreza, parece que «o regime sucessório predominante na segunda metade do século XIII e ainda durante a primeira metade da centúria seguinte, era o da divisão equitativa dos bens»¹²²;
- o dito Rui Fernandes (de Macedo) vinculou grande parte dos bens que recebeu dessa sucessão, situados em Macedo de Cavaleiros, instituindo assim em 1353 o morgado que nesta povoação tinha o seu solar;
- terá sido administrador desse vínculo Fernão Esteves de Macedo II, que poderia ser neto, mas também sobrinho, de Rui Fernandes (de Macedo); nem por isso deixaria de ser mais tarde reconhecido como chefe destes Macedos;
- e isto porque, quando esta família se constituiu como linhagem agnática, já na dinastia de Avis,

118. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96v.

119. ROSA, Maria de Lurdes, O morgadio , , p.

120. O primeiro com este nome, pois o segundo, como a seguir se verá, era provavelmente seu neto e veio a ser avô paterno do fidalgo de cota de armas João de Macedo.

121. MATTOSO, José, Ricos-Homens *Infanções e Cavaleiros*, Lisboa, Guimarães e C.ia Editores, 1982, p. 68; segundo PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor, “Linhagem e estruturas de parentesco”, in *e-Spania*, 11/juin/2011, a estrutura cognática, visível na partilha sucessória ter-se-á mantido, mesmo em geral, em Portugal, até pleno séc. XIV.

122. PIZARRO, Sotto Mayor, *Linhagens ...* etc. cit., vol. 2, p. 578, e SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, “Linhagem e identidade social na nobreza medieval portuguesa (séculos XIII-XIV)”, *Hispania, Revista Española de Historia*, Madrid, Centro de Estudios Historicos, vol. LXVII, nº 227 (2007), pp. 890-891.

terá sido ele o possuidor do morgado no qual se incluía a honra que era o solar dos Macedos fidalgos e assinalava a chefia da linhagem.

4.7 – A ascendência dos três irmãos Fernandes de Macedo

Aqueles três irmãos Fernandes de Macedo (Rui, Aires e Gonçalo) seriam pois netos de Rui Martins, senhor de Sanceriz. Isso é de aceitar.

Mas netos *paternos*?

Não parece.

Se assim fosse, o pai deles haveria de chamar-se **Fernão Rodrigues*.

Ora, pesquisada a documentação ao alcance, não encontrei rasto de qualquer personagem com tal nome, naquelas circunstâncias.

Por outro lado, Cardoso Borges, como acima disse já, indica na sua obra o nome do pai daqueles três irmãos “Fernandes de Macedo” – “Fernão Esteves de Macedo”.¹²³ E, como resulta da generalidade da informação que ele fornece, este autor não avançava dados deste tipo sem se julgar respaldado em fonte documental minimamente credível.

Mas o mais interessante é que se acham várias menções, em documentos da época, dum Fernando Esteves, na posse de numerosos bens imobiliários na região de Bragança.

Apura-se, nomeadamente¹²⁴

- que um Fernão Esteves cavaleiro, era juiz de Bragança em 1279, quando testemunhou um acordo entre o mosteiro de Morerueta e Rui Pais¹²⁵;
- que um Fernando Esteves era em 1290 possuidor de vários bens de raiz na área dos concelhos de Bragança e Macedo de Cavaleiros (pelo menos uma vila e 8 casais, dos quais 5 em Macedo);
- que trocara casais com o mosteiro de Castro de Avelás;
- que era cavaleiro, tal como seu pai, Estêvão

Anes¹²⁶; e que também tal como este, era vivo em 1305, ano em que outorgaram a aludida procuração.

Ora Rui Fernandes de Macedo, irmão de Aires e de Gonçalo Fernandes de Macedo, instituiu em morgado bens que possuía em Macedo de Cavaleiros em 1353.

O pai destes três irmãos foi pois, com grande probabilidade, o dito Fernando Esteves.

Assim sendo, Sanceriz não veio decerto à posse de Aires Fernandes e Martim Gonçalves de Macedo por via do avô paterno deste e ascendente daquele, uma vez que, em data em que era vivo e activo Fernando Esteves (1300), a aldeia de Sanceriz foi dada pelo rei a Rui Martins e à sua 1ª mulher Sancha Fernandes¹²⁷.

Rui Martins não seria pois avô paterno dos três irmãos Fernandes de Macedo, mas sim avô materno. E Sanceriz teria ficado, em partilha, por morte da dita Sancha Fernandes (que como atrás propus, deve ter ocorrido antes de 1308), para uma filha sua, *fulana* Rodrigues, casada com o referido Fernando Esteves – que era obviamente o mesmo Fernão Esteves de Macedo I, atrás referido. Além do mais porque o apelido que lhe foi atribuído se explica bem pelo facto de possuir terra honrada na área do actual concelho de Macedo de Cavaleiros. Por morte dessa senhora Rodrigues, teriam herdado Sanceriz os filhos de ambos. E estes, em partilhas, tê-la-iam adjudicado a Aires e Gonçalo, que não receberam o acervo de propriedades que o irmão mais velho, Rui, veio a vincular em morgado, em 1353. É o que se apresenta como mais provável de ter acontecido.

E pode arriscar-se mais um outro avanço.

Tendo presente:

- a) que o Rui Martins que em 1300 recebeu Sanceriz era então casado com Sancha Fernandes;
- b) que ele era o mesmo Rui Martins de Moraes que foi casado com uma Aldonça Gonçalves Moreira; e

123. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96v.

124. Inquirições de D. Dinis (Feitos da Coroa), livro 1, fl. 116v, Inquirições de D. Dinis (Leitura Nova), livro 3, entre Beira e Além Douro, fls. 126, 127, 127v, 128, 128v e 129, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo III, pp. 326, 328, 329, 330, 331 e 333.

125. ALFONSO Antón, Isabel, ob. cit., pp. 476-478.

126. Estêvão Anes teve pelo menos outro filho, chamado Gonçalo Esteves, como adiante se dirá.

127. A menos que Rui Martins a tivesse deixado por herança ao referido Fernando Esteves, mas não há qualquer indicação de que tal tivesse acontecido: além do mais porque não é muito provável que Rui Martins haja morrido depois de Fernando Esteves.

- c) que nenhuma das três filhas deste último casamento foi – que se saiba – senhora da referida aldeia;
então será de concluir:
- i) que o dito senhorio teria sido herdado por uma filha do anterior matrimónio do referido Rui Martins de Morais;
 - ii) que a mãe dessa filha era a referida Sancha Fernandes, também senhora de Sanceriz;
 - iii) que essa filha (que usaria decerto o patronímico Rodrigues, tal como as outras aludidas filhas de Rui Martins de Morais) seria a mulher do mencionado Fernando Esteves.

O nome próprio de um dos filhos deste – Rui Fernandes – reflectiria o nome do avô materno, como era frequente na época.

Não pode considerar-se definitivamente consolidada esta hipótese. Não obstante, até que outra surja, melhor documentada, parece a mais coerente e explicativa.

5 – Os Macedos, varonia de “Braganços”?

Ora, como se viu, Fernando Esteves era filho dum Estêvão Anes, também cavaleiro de Bragança e possuidor de bens na região.

Segundo Cardoso Borges, este terá sido fundador da igreja de Mascarenhas, no termo de Mirandela¹²⁸, mas penso que, nisso, terá feito confusão.

É obviamente o mesmo Estêvão Anes cavaleiro de Bragança que, tendo comprado em Conlelas um casal foreiro do rei e tendo feito dele honra, viu tal estatuto negado em 1290¹²⁹.

Decerto também é o Estêvão Anes que consta

«de hum instramento do archivo da Camara da

*era de 1331[ano de 1293], o qual tem o nº 33 e he de procuração bastante que o concelho fes a Estevão Annes, cavalleyro, pelas duvidas que se offercião com algumas pessoas poderosas que honravão as suas heredades».*¹³⁰

E também o que testemunhou em 1300, em Bragança, o escambo de Sanceriz por Caçarelhos, entre o rei D. Dinis, por seu procurador, e Rui Martins com a mulher¹³¹,

Trata-se decerto do mesmo que ficou sepultado no mosteiro de Castro de Avelás em 10 de Julho de 1340¹³². E pelo documento que regista o “soterramento” se vê ter sido casado com uma D. Maria e que era pai também dum Gonçalo Esteves, igualmente cavaleiro de Bragança que, com sua mãe, doou na mesma data ao mosteiro de Castro de Avelás, como contrapartida desse soterramento, um casal em Nunes e uma vinha em Ousilhão (Vinhais)¹³³.

Luiz Vaz de S. Payo e Soares Machado entroncam aquele Estêvão Anes nos Braganços, atribuindo-lhe como pai um João Vasques de Bragança, que seria filho bastardo ou dum segundo casamento de D. Vasco Peres Veirão, que era Braganção por varonia¹³⁴. Porém Sotto Mayor Pizarro, usando de critério mais rigoroso, descrê de tal entronque e não reconhece a existência deste filho do mesmo Vasco Peres Veirão (a quem ele chama Vasco Pires de Bragança)¹³⁵. Terá razão?

Nenhum óbice encontro àquela filiação de Estêvão Anes nem à de seu hipotético pai, João Vasques de Bragança. Cronologicamente é perfeitamente admissível. E o estatuto de Estêvão Anes, referido como “cavaleiro”¹³⁶ e uma das principais pessoas da elite brigantina, é compatível com o que haveria de esperar do filho dum bastardo Braganção.

Só que não achei ainda, em documento coevo ou

128. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 95.

129. Inquirições de D. Dinis (Leitura Nova), livro 3, entre Beira e Além Douro, fl. 124, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo III, p. 322.

130. BORGES, Cardoso, ob. cit. fl. 99.

131. Conforme transcrição no Anexo I, Versão A.

132. Nada impõe que Estêvão Anes de Bragança tivesse morrido algum tempo antes de 10 de Julho de 1340, dia em que se procedeu ao seu “soterramento” no dito mosteiro; provavelmente, morrera até muitos anos antes e fora sepultado primeiro noutra local.

133. BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo IV, p. 470.

134. MACHADO, José Carlos L. Soares, *Os Braganços. História genealógica de uma linhagem medieval (séculos XI a XIII)*, Lisboa, Associação Portuguesa de Genealogia, pp. 289-292 e nota 1005.

135. PIZARRO, Sotto Mayor, *Linhagens ...* etc. cit., vol. I, pp. 237-238.

136. À data, a qualidade de cavaleiro ou *miles* não excluía a pertença a uma família do mais alto grau da nobreza; escreve Leon-



cópia fidedigna, qualquer João Vasques (ou Vaz), associado a Bragança. Logo, não descortino fundamento sólido bastante para fazer de Estêvão Anes um neto paterno de D. Vasco Peres “Veirão”. Um dos argumentos usados por Soares Machado é o de que Estêvão Anes teria sido senhor de Vimioso, que se situava nas terras dominadas pelos Bragançãos. Mas tal não colhe, já que o Estêvão Anes de Bragança que foi donatário de Vimioso o foi mais de um século depois, e recebeu tal doação de D. João I, em remuneração de serviços prestados por 1385¹³⁷. Quando muito seria bisneto paterno do cavaleiro do mesmo nome, que em 1305 era já um ancião.

Mesmo assim há razões ponderosas para entender que o Estêvão Anes, cavaleiro de Bragança e pai do também cavaleiro Fernão Esteves, pertencia à linhagem dos Bragançãos.

Ele era nessa data um dos mais importantes fidalgos daquela cidade, figurando logo a seguir a um Fernando Garcia de Seabra e a um Nuno Martins de Chacim¹³⁸ (talvez ambos pertencentes à família cognática dos Bragançãos), na procuração que os fidalgos daquela cidade outorgaram em 1305.

Foi chamado “de Bragança” pelo *Livro do Deão* e pelo *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, o que dificilmente sucederia se não entroncasse na respectiva estirpe.

Foi sepultado com pompa e circunstância do mosteiro de Castro de Avelás, que sempre estivera estreitamente ligado aos Bragançãos, seus prováveis fundadores e patronos.

O filho de Estêvão Anes, Fernão Esteves, obteve

muitos bens imóveis na região de Bragança em tempo em que Nuno Martins de Chacim era tenente daquelas terras¹³⁹ e agia ostensivamente como chefe da linhagem Bragançana. Nuno Martins de Chacim foi o poderosíssimo meirinho-mor de D. Afonso III e mordomo-mor de D. Dinis, profundamente estudado por Leontina Ventura.¹⁴⁰

A. de Almeida Fernandes, conhecedor como poucos das inquirições do séc. XIII, havia alvitado que João Vasques, identificado como de *Antas* e senhor de Vimioso por algumas genealogias locais, poderia ser afinal um Braganção, filho de Vasco Peres Veirão.¹⁴¹

Segundo José Cardoso Borges, Estêvão Anes de Bragança teria fundado a igreja de Mascarenhas, e parecia irmão de Urraca Anes, mulher de Estêvão Rodrigues, a quem D. Sancho II fez senhor de Mascarenhas, filho de Rodrigo Fernandes ou Mendes, da mesma linhagem dos Bragançãos¹⁴².

Mas há aqui alguns erros e confusões.

O que efectivamente se passou terá sido o seguinte¹⁴³. A vila de Mascarenhas era de D. Sancho I (“Sancio vetero” ou “Sancius senex” segundo as testemunhas das inquirições de 1258), e não de D. Sancho II.

O local era primitivamente realengo. O rei deu-a ao *tenens* da terra de Bragança, D. Fernando Fernandes, então chefe dos Bragançãos, talvez em razão desse alto cargo. O primeiro período dessa tenência (1194 a 1204) ocorreu todo no reinado de D. Sancho I. E quando D. Fernando Fernandes voltou de Leão, em 1224, já o rei era outro – D. Afonso II.

tina Ventura: «A diferença fundamental entre *riquí homines* e *milites* resultava de aqueles serem *tenentes terrae*, o que significava que, ao tempo de Afonso III, para além da riqueza, eram os cargos que distinguiam verdadeiramente os ricos-homens dos cavaleiros» (VENTURA, Leontina, “A nobreza – da guerra à corte”, *Nova História de Portugal*, dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Editorial Presença, vol. III, 1996, p. 218).

137. Esse senhorio seguiu ainda pelos seus descendentes; mas em 1506 já fora decidido contra eles que os impostos que os moradores de Vimioso lhes pagavam deviam ser pagos, sim, a Miranda do Douro, como se vê em SANTANA, Maria Olinda Rodrigues, *Inquirições manuelinas de Trás-os-Montes*, Publicações Pena Perfeita, Lisboa, 2006, p. 72.

138. Provavelmente Nuno Martins do Vinhal, neto materno do mordomo-mor de D. Dinis, D. Nuno Martins de Chacim – ver PIZARRO, Sotto Mayor, *Linhagens ... etc. cit.*, vol. 1, p. 252, nota 51.

139. D. Nuno Martins de Chacim, apesar de apenas ser Braganção por via de sua mãe, D. Fruilhe Nunes de Bragança (ela, aliás, bastarda), chefiava no seu tempo a dita linhagem em sucessão a D. Fernando Garcia de Bragança que, tendo-o armado cavaleiro (MATTOSO, José, Identificação de um país. *Ensaio sobre as origens de Portugal 1096-1325*, Lisboa, Editorial Estampa, vol. I, p. 220), o investira na qualidade de chefe da linhagem cerca de 1238, como é apontado por Soares Machado (MACHADO, Soares, *Os Bragançãos ... etc. cit.*, pp. 208 e 265-267), e por PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor, “O regime senhorial na fronteira do nordeste português. Alto Douro e Riba Côa (séculos XI-XIII)”, *Hispania ... etc. cit.*, vol. LXVII (2007), p. 864; ver ainda, MATTOSO, José, *A nobreza medieval portuguesa*, Lisboa, Editorial Estampa, 1981, p. 302.

140. VENTURA, Leontina, *A nobreza de corte de Afonso III*, tese de doutoramento policopiada, Universidade de Coimbra, 1992, vol. I, p. 339-340, e vol. II, pp. 626-630 e 867-877.

141. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, entrada “Vimioso”, vol. 36, Editorial Enciclopédia L.da, Lisboa, s.d., pp. 162-163.

142. BORGES, Cardoso, ob. cit. fl. 95.

143. Com base na prova produzida nas inquirições de D. Afonso III, em 1258.



Portanto o senhorio de Mascarenhas estava na posse desse Braganção desde antes de 1204, provavelmente mesmo desde 1194.

Este deu-o a Estêvão Rodrigues¹⁴⁴, cavaleiro, doação que só pode ter sido feita entre 1194 e 1230, ano em que D. Fernando Fernandes morreu.

Estêvão Rodrigues, que parece ter sido também conhecido por “Estêvão Gago”¹⁴⁵ povoou a vila e construiu a igreja. Dele passou a vila a seus filhos. Uma filha doou o seu quinhão ao mosteiro de S. Pedro das Águias. As outras partes da vila eram, em 1258, de D. Vasquida, D. Urraca e D. Teresa¹⁴⁶.

Nas inquirições de D. Dinis, cerca de 30 anos depois, a aldeia era de Afonso Lourenço e doutros filhos de algo, que eram netos do dito Estêvão Gago¹⁴⁷.

Em Julho de 1290 o rei fez com estes uma composição, segundo a qual lhes reconheceu “para todo o sempre” como isenta a aldeia de Mascarenhas, a troco de diversos bens e partes de bens também no termo de Mirandela, que eram disputados¹⁴⁸.

Esses filhos de algo eram: Afonso Lourenço, cavaleiro de Mascarenhas, casado com Urraca Anes, Afonso Ermiges (ou Rodrigues), filho de Urraca Garcia e casado com Maria Peres; Pedro Fernandes, casado com Sancha Peres; e Afonso Mendes, casado com Teresa Peres. Não estou em condições de propor quais destes eram os netos de Estêvão Rodrigues.

De qualquer modo parece desmentido, por todos os citados documentos, que o fundador da igreja de Mascarenhas fosse Estêvão Anes de Bragança. O que decorre desses documentos é que foi o povoador da aldeia, Estêvão Rodrigues, quem fundou a igreja. E pouco verosímil se afigura que a mulher deste último fosse Urraca Anes, mais parecendo confusão com o nome da mulher de Afonso Lourenço, seu possível neto. Acresce que, tendo Estêvão Anes de Bragança nascido não muito antes de 1220, se fosse irmão da mulher de Estêvão Rodrigues que, em fins do séc. anterior ou no princípio do XIII, tinha idade para povoar uma vila em inícios do séc. XIII, seria decerto muito mais novo do que ela.

Entendo por conseguinte que a referida notícia de Cardoso Borges sobre a fundação da igreja de Mascarenhas, assim como a versão mais credível sobre a posse da vila, em nada contribuem para con-

firmar a hipótese de que Estêvão Anes de Bragança fosse Braganção por varonia.

Há contudo que atentar num códice genealógico intitulado *Arvore da Geraçam, e Familia dos Mendes, e Antas da Villa do Vimioso*, ao que parece escrito na segunda metade do séc. XIX.

O Abade de Baçal, que o transcreveu parcialmente, advertiu: «copiaremos apenas as notícias que nos parecem mais seguras e que começam no fólio 4 do códice».

Nele se lê:

«JOÃO VASQUES ANTAS, cujo apelido herdou de sua mãe; el-rei D. Affonso o 3.º governando o reino no impedimento del-rei D. Sancho o Capello, lhe fes mercê do Senhorio do Vimioso, e o teve de mero mixto imperio assistindo o mesmo João Vasques Antas, na mesma villa, sendo tudo pelos anos de 1242 donde pessuia muitas fazendas alem do dito senhorio, não fulão de seu casamento os genealógicos antiguos, só sim que tivera por filho

§.7.

ESTEVEÃO ANTAS que sucedeu na caza de seu pae, e no Senhorio de Vimiozo, faz menção e declaração o Conde D. Pedro, no folio 34. § 32, no seu nobiliario manuscripto e dis que tivera por filhos.

§.8.

1.º Gonçallo Esteves

2.º Mendo Esteves Antas

Gonçalo Esteves, dis o conde D. Pedro, que fora cazado com D. Maria Martins, filha de Martim Annes Redondo. Suppoe-se que este não teve sucessão porque o Senhorio do Vimiozo passou a seu irmão Mendo Esteves Antas».

Um investigador de história regional e corografia de finais do séc. XIX, com algum critério, foi o Abade de Miragaia, Pedro Augusto Ferreira. Pois no *Portugal Antigo e Moderno*, apresenta, sem deixar de lhe apor dúvidas e reservas, a seguinte versão para o primitivo senhorio daquela vila por ele lida numa notícia genealógica que teve à mão:

«Foram senhores d'esta villa os Mendes Antas,

144. BAÇAL, Abade de, *Memórias* etc. cit., tomo III, p. 337.

145. BAÇAL, Abade de, *Memórias* etc. cit., tomo IV, p. 38.

146. *Ibidem*, p. 33.

147. *Ibidem*, p. 38.

148. Ver adiante o doc. nº I do Anexo Documental.

com mero e mixto imperio, jurisdicção e vassalagem, por mercê de D. Sancho II, feita aproximadamente em 1242 a D. João Vasques Antas, cognominado Beirão, por viver na provincia da Beira, no castello de Longroiva, seu solar, feito por D. Fernão Mendes de Bragança, seu 3.º avô, filho de D. Mendo Alão ou D. Mendo de Bragança, 1.º senhor de Bragança, por mercê d'el-rei D. Affonso Henriques.

.....

O senhorio de Vimioso foi hereditario na familia Mendes Antas e n'ella se conservou durante seculos, até que D. Affonso V o tirou a D. Estevam Mendes Antas e o deu a D. Francisco de Portugal, depois conde de Vimioso.»¹⁴⁹

É óbvio que há nesta notícia vários erros e imprecisões, desde as mencionadas vicissitudes do senhorio de Vimioso, passando pela atribuição ao mencionado D. João Vasques Antas do tratamento de *Dom*, o qual ele não teria, até a duvidosa explicação do cognome *Beirão*, que certamente se não deveria ao suposto solar na Beira, mas sim, com maior probabilidade, ao facto de ele ser hipotético filho de Vasco Peres *Veirão*. Mas este último erro pode até reforçar a credibilidade de tal filiação, já que o dito cognome não era usado como sustentáculo do entronque neste Braganção, que nem sequer é mencionado na referida notícia, pelo que aponta para afastar a ideia de que tivesse sido inventado pelo autor daquela versão.

Confirma-se por outro lado que a aldeia de Longroiva, no termo de S. João da Pesqueira, segundo as inquirições de D. Dinis (aí na forma *Longronha*) fora herdamento de D. Fernão Mendes (obviamente o *Bravo*, Braganção) que a doara à Ordem do Templo¹⁵⁰. Ora isso torna admissível uma conexão entre o suposto João Vasques, que poderia ser recebido o apelido Antas por via materna, e aquele castelo. Os descendentes do Braganção poderiam ter ficado com alguns direitos sobre o castelo, tais como uma espécie

de privilégio de aposentadoria, semelhante ao que era praticado com os patronos dos mosteiros.

Há ainda uma razão heráldica a considerar.

Salazar y Castro, ao referir-se a D. Teresa Garcia de Bragança, mulher de D. Rodrigo Perez Manrique, publicou estampada uma lizonja de armas que considerou dela, as quais descreveu como segue: «Braganza: en campo azul, cinco medias Lunas de plata y dentro de cada una Estrella de oro»¹⁵¹. O curioso é que, se excluirmos os crescentes, aquelas armas ficam praticamente iguais às dos Macedos (de azul, cinco estrelas de ouro). Ora isso poderia indicar a pertença destes à família heráldica dos de Bragança.

Apesar de válidos, estes argumentos não são porém tão fortes que conduzam à conclusão segura de que Estêvão Anes de Bragança, bisavô paterno, segundo julgo, de Martim Gonçalves de Macedo, fosse da linhagem varonil dos Braganções.

Até melhor prova teremos pois de ficar-nos por uma hipótese, pertinente mas dubitativa.

6 – Uma irmã de Martim Gonçalves de Macedo?

Tanto para Cardoso Borges¹⁵² como para Felgueiras Gayo¹⁵³, teria sido irmã do herói de Aljubarrota uma Genebra de Macedo, filhos ambos de Gonçalo Fernandes de Macedo.

Ela teria vivido em Bragança casada com Gonçalo Rodrigues de Moraes, chefe dos Moraes, deixando descendência.¹⁵⁴

Nada descortino que contrarie a verosimilhança desta informação, que por isso presumo certa.

É de notar, ainda, que este nome muito comum, Genebra de Macedo, aparece pelo menos quatro vezes, algum tempo depois.

Encontro três na região de Bragança em fins do séc. XV e primeiras décadas do XVI, a saber:

Uma, casada com João Correia, escudeiro, que com este vendeu em 1519 umas casas dentro de Bragança¹⁵⁵.

149. LEAL, Augusto de Pinho, e FERREIRA (Abade de Miragaia), Pedro Augusto, *Portugal Antigo e Moderno*, Companhia Editora Mattos Moreira e Cardoso, Lisboa, vol. 12, 1890, p. 1480b.

150. BARROCA, Mário Jorge, “Os castelos dos Templários em Portugal e a organização da defesa do reino no séc. XII”, *Acta historica et archaeologica mediaevalia*, Universidad de Barcelona, n.º 22, vol. 2 (2001), p. 218, “A Ordem do Templo e a arquitectura militar portuguesa do século XII”, *Portugália*, Nova Série, Porto, vols. XVII/XVIII (1996/1997), p. 187, e SARAIVA, José da Cunha, “Inquirições de D. Denis”, *Arquivo Histórico de Portugal* cit., vol. I, pp. 128-130.

151. SALAZAR Y CASTRO, Luis de, *Historia Genealogica de la Casa de Lara*, Imprenta Real, Madrid, 1696, tomo I, p. 291.

152. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 101v.

153. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 25, e tomo 21º, p. 27.

154. Se a informação é verdadeira, o mais provável é que estes cônjuges fossem primos em 6º grau, isto é, com bisavô comum.

155. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96.

Outra que viveu em Quintela de Lampaças, concelho de Bragança, casada com Álvaro Dias, falecido antes de Setembro de 1523, cujo filho, Filipe, recebeu ordens menores em Braga nesse mês¹⁵⁶.

Outra (segundo parece) que viveu em Santa Maria de Castro Roupal, concelho de Macedo de Cavaleiros, casada com Hilário Vaz, cujo filho, Francisco, recebeu ordens menores em Braga em Março de 1542¹⁵⁷. É natural que fossem todas descendentes da que considero irmã de Martim Gonçalves de Macedo. Pela cronologia, talvez bisnetas. Mas mais nada posso avançar quanto a elas.

Acresce uma Genebra de Macedo, que tudo indica ter sido filha de Diogo Gonçalves de Macedo e, portanto, neta do herói de Aljubarrota, que consta ter casado em Évora com Nuno Casco.

Se assim é, e dada a raridade do nome, estará aí reforçada a tese dum estreito parentesco, que podia ser de irmãos, entre Martim Gonçalves de Macedo e a referida mulher de Gonçalo Rodrigues de Moraes, Genebra de Macedo.

7 – Erros dos genealógicos quanto a Martim Gonçalves de Macedo

Importa seguidamente afastar erros que sobre Martim Gonçalves de Macedo e a sua descendência se foram consolidando até os dias de hoje.

Entre tais erros aponto os seguintes:

- que Martim Gonçalves de Macedo teria sido senhor de Melgaço;
- que teria casado com D. Brites de Sousa, filha do senhor de Mortágua;
- que ele e/ou seu filho Diogo teria sido camarheiro-mor do rei D. João I e/ou do rei D. Duarte;
- que seu filho Diogo teria sido rico-homem;
- que um seu neto João Gonçalves de Macedo teria casado com uma filha do senhor de Caria.

7.1 – O senhorio de Melgaço

A invenção do senhorio de Melgaço pertencente a Martim Gonçalves de Macedo deriva talvez duma má leitura de Algoselo (aldeia, e não vila como Melgaço), povoação que lhe foi efectivamente doada, ao mesmo tempo que Pinelo, em 27 de Agosto de 1385, isto é, escassos dias após a batalha de Aljubarrota, e que raramente é mencionada pelos biógrafos e genealógicos que dele se ocupam¹⁵⁸.

Mas Melgaço – quer a vila do extremo norte de Portugal, quer mesmo só a alcaidaria-mor do seu castelo – nunca foi dada a Macedo algum. Em princípio de 1386 mantinha-se nela Vasco Gomes de Abreu em rebeldia contra D. João I¹⁵⁹. Tendo entretanto feito render a vila, o rei deu-a em 2 de Março de 1387 «em prestemo emquanto fosse sua merce» a João Rodrigues de Sá, o “das Galés”¹⁶⁰. E em 12 de Janeiro de 1417 fez a mercê do castelo a Gonçalo Pereira, filho de João Rodrigues Pereira¹⁶¹. Mais tarde D. Duarte, tendo confirmado, em 21 de Novembro de 1433, ao concelho e homens bons de Melgaço, «todos seus privilegios liberdades graças mercees e boós costumes que sempre ouuerom»¹⁶², coutou a vila em 21 de Janeiro de 1435, fazendo dela couto de homiziados, para a povoarem. Com efeito, a vila, duramente atingida pela guerra, despovoara-se a partir do reinado de D. João I e urgia repor o povoamento tornando-o atractivo¹⁶³.

Tempos depois, a alcaidaria-mor de Melgaço veio a pertencer aos Castros de Fornelos, por sucessivas gerações.

Ora Martim Gonçalves de Macedo já tinha morrido em 1425¹⁶⁴.

Assente-se pois em que este nunca foi senhor de Melgaço.

7.2 – Mercês recebidas por Martim Gonçalves de Macedo

É oportuno, aqui, prestar um pouco de atenção

156. D. Braga, Matrículas de ordinandos, pasta 8, caderno 6, fl. 14v.

157. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 19, caderno 4, fl. 17.

158. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, por João José Alves Dias, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, 2005, vol. I, tomo 2, p. 48.

159. *Ibidem*, vol. I, tomo 3, 2005, p. 31.

160. *Ibidem*, vol. II, tomo 1, 2005, p. 12.

161. *Ibidem*, vol. III, tomo 3, 2006, p. 281.

162. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, por João José Alves Dias, Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, vol. I, tomo 1, 1998, p.12.

163. MORENO, Humberto Baquero, “O concelho de Melgaço no tempo de D. João I”, *Revista de Ciências Históricas*, Porto, Universidade Portucalense, vol. IV (1989), pp. 153 a 155.

164. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, 1998, p. 74.



às mercês que Martim Gonçalves de Macedo documentadamente recebeu de D. João I.

- 1385-05-27: 300 libras cada ano, a serem pagas pelas rendas, dízimas e portagens de Bragança¹⁶⁵;
- 1385-08-27: as aldeias de Algoselo e Pinelo¹⁶⁶;
- 1392-02-22: as dízimas e portagens de Bragança e da aldeia de Outeiro¹⁶⁷;
- antes de 1400-12-27: a alcaidaria do castelo do mesmo Outeiro de Miranda;
- 1400-12-27: as dízimas dos panos que vinham de Castela ao mesmo lugar¹⁶⁸.

Sucede porém que em 1387-03-24 o mesmo rei doou o lugar de Outeiro de Miranda a Fernando Afonso, com todos os seus direitos e pertenças, rendas e foros, reservando para si a correição, as alçadas e a jurisdição¹⁶⁹; e que em 1387-12-26, o mesmo rei doou a Fernando Afonso, alcaide de Outeiro de Miranda, as rendas e direitos das aldeias de Pindelo e de Algoselo¹⁷⁰.

Quem era este Fernando Afonso?

Poderia ser o mesmo vassalo de El-Rei que casou com Inês Martins, filha de Martim Esteves, clérigo de missa, cónego que fora do Porto, e de mulher solteira, a qual teve carta régia de legitimação em 1391-07-25¹⁷¹.

Por outro lado, sabe-se que Fernando Afonso morava em Évora e que o rei cometeu a Diogo Gonçalves de Macedo o casamento com a filha dele, antes de 1425-07-27¹⁷², casamento que se efectuou.

A articulação de todos estes dados não é fácil de fazer, pois falta mais informação. É manifesto que houve sobreposição das mercês por algum tempo, pelo menos, quanto às aldeias de Algoselo, Pinelo e Outeiro de Miranda e quanto à alcaidaria do castelo desta última.

A situação é tanto mais estranha quanto «das sete cartas emanadas por D. João I neste curto espaço de tempo [em que passou por terras transmontanas em

1387], há apenas uma que se refere a Trás-os-Montes, a que doa a Fernando Afonso o Outeiro de Miranda.»¹⁷³

Uma hipótese a pôr é a de que Fernando Afonso tivesse usufruído de tais mercês entre 1387 e uma data posterior na qual, por força de qualquer acordo sancionado pelo rei, os ditos senhorios houvessem voltado à família Macedo, por via do casamento do primogénito de Martim com a filha herdeira de Fernando Afonso. Mas a hipótese é especulativa, não se descortinando mais fonte documental que a abone.

7.3 – A mulher: D. Brites de Sousa?

Vários genealógicos seiscentistas e setecentistas atribuem a Martim Gonçalves de Macedo o casamento com uma D. Brites de Sousa, filha do senhor de Mortágua. E essa opinião tem durado até a actualidade.

O próprio Luiz de São Payo, genealogista profundo e dotado de brilhante espírito crítico, considerou possível a hipótese. Escreveu ele:

«Mais nenhum filho ou filha, legítimo ou bastardo, atribuem os nobiliários quincentistas ao Martim Afonso da “Batalha Real”. Mas nos finais do século XVII alguns “modernos”, – como diz José de Faria – entre os quais se deve contar Gomes de Figueiredo – como esclarece o autor da História Genealógica – acrescentam uma D. Brites de Sousa que teria casado com Martim Gonçalves de Macedo senhor de S. Seriz. É testemunho tardio para, sem mais, merecer o nosso incondicional; mas na verdade temos que confessar que não vemos nessa hipótese qualquer contradição lógica ou cronológica»¹⁷⁴.

António Pestana de Vasconcelos também não contraria a hipótese¹⁷⁵.

165. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, pp. 64-65.

166. *Ibidem*, vol. I, tomo 2, p. 48, e vol. IV, tomo 2, pp. 64-65.

167. *Ibidem*, vol. II, tomo 1, p. 303.

168. *Ibidem*, vol. II, tomo 3, p. 170.

169. *Ibidem*, vol. I, tomo 3, p. 143.

170. *Ibidem*, vol. I, tomo 3, p. 143.

171. *Ibidem*, vol. IV, tomo 2, p. 179.

172. *Ibidem*, vol. IV, tomo 2, pp. 64-65.

173. BRAGA, Paulo Drumond, “Pólos da acção governativa de D. João I durante a sua passagem por Trás-os-Montes (1387)”, *Brigantia*, vol. XII, n.º 3 (1992), p. 79.

174. SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, “A família de Martim Afonso de Sousa «o da Batalha Real»”, *Armas e Troféus*, II série, tomo VII (1966), p. 203.

175. VASCONCELOS, António Maria Falcão Pestana de, “Os Sousa Chichorro e as ordens Militares: reflexões em torno desta linhagem”, *Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006, p. 124.



O nobiliário de Diogo Gomes de Figueiredo – já tardo-seiscentista – parece ter sido o que primeiro afirmou tal casamento. Aí se lê que Martim Gonçalves de Macedo

«casou com D. Beatriz de Sousa, filha de Martim Affonso de Sousa, e irmã de Gonçalo annes de Sousa ambos Senhores de Mortagoa com a qual houve em dote 12 mil Libras alem de joyas, peças de casa, e certos bens da Coroa como consta da escriptura do seu dote»¹⁷⁶.

Mas não diz onde e quando foi outorgada, nem onde encontrou tão importante escritura, nem fornece a mínima indicação que permita atribuir credibilidade a tal afirmação.

Ora, além de não haver para ela apoio documental da época, a cronologia parece invalidá-la.

Com efeito, Martim Afonso de Sousa, o “da Batalha Real”, prometera em Aljubarrota, na Ala dos Namorados, se sobrevivesse, passar uma “quarentena” com a abadessa de Rio Tinto, D. Aldonça Rodrigues de Sá, então sua amiga¹⁷⁷. Prometeu e cumpriu. Daí teria resultado talvez o nascimento duma suposta Brites de Sousa, pois nada indica que ela tivesse nascido antes da batalha.

Mas como um outro filho de ambos nasceu em 1386¹⁷⁸, a suposta Brites não teria ter sido dada à luz antes de 1387.

Decerto não estaria em idade casadoura antes dos anos finais da 1ª década do séc. XV. Ora Diogo Gonçalves de Macedo, o seu suposto filho, deve ter nascido ainda no séc. XIV, como adiante direi. Assim, dificilmente a tal hipotética Brites de Sousa poderia ser a mãe deste.

Importa por outro lado levar em conta que uma D. Brites de Sousa foi, segundo o pacífico entendimento dos genealógicos, a amante do Marquês de Valença D. Afonso, de quem nasceu um outro D. Afonso, que veio a ser bispo de Évora mas, antes de ingressar na vida eclesiástica, teve relacionamento

com Filipa de Macedo, do qual nasceu o 1º Conde de Vimioso.¹⁷⁹ Assim, este último era neto paterno duma D. Brites de Sousa. Seria uma curiosa coincidência que fosse ao mesmo tempo bisneto materno doutra D. Brites de Sousa (para mais suposta tia direita da primeira), sem que o facto fosse assinalado pelos contemporâneos nem registado pelos linhagistas da época. Lembre-se que segundo a indicação da maioria dos genealógicos, Filipa de Macedo seria bisneta paterna de Martim Gonçalves de Macedo e de sua mulher. Se a mulher deste fosse tia direita da D. Brites de Sousa mãe do bispo de Évora, o 1º Conde de Vimioso seria filho de dois parentes, o que é natural que tivesse sido assinalado nas notícias ou memórias da época. Seria uma coincidência curiosa, por isso susceptível de algum cepticismo à partida.

E o certo é que reina aí o silêncio total sobre situação tão fora do comum¹⁸⁰.

Admito também que o autor da aludida notícia sobre o dote da suposta mulher de Martim Gonçalves de Macedo haja por sua vez confundido a mulher deste com uma outra D. Brites, filha do bispo de Évora e de Filipa de Macedo. D. Brites de Portugal (assim é denominada) era irmã do 1º Conde de Vimioso e, tendo ficado solteira, fora contemplada pelo pai com o dote de 50 mil cruzados¹⁸¹.

Não quer isto dizer que me tenham passado despercebidos mais alguns outros possíveis indícios de ligação com Sousas, que surgem em relação a estes Macedos. Só que me não parecem suficientes para anular o que acima argumento. Além do que havia muitos mais Sousas na terra. Adiante abordarei de novo o assunto.

Mas, partindo do princípio de que a mulher de Martim Gonçalves de Macedo não foi a referida filha bastarda do senhor de Mortágua, será possível apresentar uma alternativa?

É de aceitar que sim. Parece credivelmente documentada uma Catarina Anes, “a Rica”, que sobreviveu ao marido e terá outorgado uma escritura em 1433, como acima referido¹⁸².

176. FIGUEIREDO, Diogo Gomes de, *Famílias do Reino de Portugal*, manuscrito, B.N.L., Reservados, Arquivo da Casa Tarouca, nº 240, tomo 3, fl. 724.

177. LOPES, Fernão, *Cronica del Rei Dom Joham I*, por William Entwistle, Lisboa, Imprensa Nacional, 1968, p. 87.

178. SÃO PAYO, Luiz de, “A família de Martim Afonso ... etc.” cit., p. 202.

179. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 2ª edição, Coimbra, Atlântica - Companhia Editora L.da, tomo X, 1953, p. 302.

180. Sou dos que entendem que, no método da genealogia portuguesa, o argumento ex silentio tem por vezes algum papel a desempenhar, desde que acompanhado doutros argumentos.

181. SOUSA, *História Genealógica ...*, etc. cit., tomo X, 1943, p. 320.

182. A informação sobre tal escritura é de GAYO ob. cit., tomo 19º, p. 10, e não descortino razões para duvidar dela.



E nada impede que este fosse segundo casamento e que Martim Gonçalves Macedo tivesse primeiramente casado com uma Sousa – só que de menor estatuto social e não filha do senhor de Mortágua.

O que não assenta em prova alguma – que eu saiba – é a versão que parece resultar do nobiliário de Manso de Lima¹⁸³, segundo a qual Teresa Gil de Carvalho, filha do mestre da Ordem de Santiago Gil Fernandes de Carvalho, teria casado com Martim Gonçalves de Macedo. Maurício Antonino Fernandes perfilhou tal versão¹⁸⁴ mas, ao que supponho, não dispõe de mais fundamento do que a indicação daquele genealógico setecentista.

7.4 – Diogo Gonçalves de Macedo, camareiro-mor?

Encontra-se generalizada a atribuição, ao filho mais velho de Martim – o já várias vezes referido Diogo Gonçalves de Macedo – do cargo de camareiro-mor de D. João I e de D. Duarte.

É erro grosseiro. Diogo Gonçalves de Macedo foi simples camareiro e criado daqueles reis.

A dignidade de camareiro-mor de D. João I foi, em primeiro lugar e até morrer, de João Rodrigues de Sá, “o das Galés”¹⁸⁵. Sucedeu-lhe no cargo seu filho Fernão de Sá, alcaide do Porto, que o terá sido no reinado de D. Duarte e de D. Afonso V, e que morreu por este na batalha de Alfarrobeira (1449)¹⁸⁶. Para o cargo foi então nomeado D. Álvaro de Castro, 1º Conde de Monsanto, que veio a morrer na entrada de Arzila. E por morte dele, o escolhido foi D. Lopo de Albuquerque, 1º Conde de Penamacor¹⁸⁷.

Não há qualquer vaga disponível para o dito Diogo, cujo *status*, aliás, era algo inferior ao daquelas quatro personagens cimeiras dos referidos três reinados.

De resto Diogo Gonçalves de Macedo, por volta de 1470, não havia de viver com grande à-vontade financeiro, pois lhe foi então dado pelo rei um “espaço” por uma “soma de dinheiro” que devia¹⁸⁸.

7.5 – Diogo Gonçalves de Macedo rico-homem?

Vem a propósito refutar a ideia de que Diogo Gonçalves de Macedo tivesse sido rico-homem.

O grande jurisconsulto seiscentista António de Sousa de Macedo apresentou tal conclusão por meio do raciocínio de que o concelho de Sanceriz tinha foral e só poderia ter sido doado a um rico-homem, pelo que o facto, comprovado, de que Diogo era dele senhor, atribuiria a este tal qualidade nobiliárquica¹⁸⁹. Mas trata-se de mera dedução teórica – aliás típica duma mentalidade jurídica formalista e normativista muito posterior aos factos – que se não abona documentalmente. Tanto quanto sei, em nenhum documento da época, público ou privado, Diogo Gonçalves de Macedo foi qualificado como rico-homem. Tanto basta para que se presuma que o não foi. E que nada impunha essa qualidade fosse requerida para herdar a dita aldeia.

De resto, como acima disse, há documentos de inícios do séc. XIV, que atestam que Rui Martins era então senhor de Sanceriz, que já tinha foral. E Rui Martins nunca é referido como rico-homem, mas sim somente como “cavaleiro”.

7.6 – Rebelos, de Caria

Vários linhagistas dos fins do séc. XVII e do séc. XVIII afirmam que a segunda mulher¹⁹⁰ de um João Gonçalves de Macedo mais adiante referido (que para eles seria neto do herói de Aljubarrota) era filha

183. LIMA, Jacinto Leitão Manso de, *Famílias de Portugal*, edição policopiada por Frederico Gavazzo Perry Vidal e outros, Lisboa, 1925-1931, vol. VII, p. 57.

184. FERNANDES, M. Antonino, *Carvalhos históricos*, Edições Carvalhos de Basto, Porto, 2011, p. 32.

185. *Livro de Linhagens do Séc. XVI*, por António Machado de Faria, Academia Portuguesa da História, 1956, p. 313.

186. MORENO, Humberto Baquero, *A Batalha de Alfarrobeira*, Coimbra, Biblioteca da Universidade, 1980, vol. II, pp. 936 e 940.

187. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 2ª edição, Atlântida - Companhia Editora, Coimbra, 1956-1954, tomo II, parte II, p. 24.

188. *O Livro de Recebimentos de 1470 da Chancelaria da Câmara*, por Damião Peres, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1974, p. 50.

189. MACEDO, António de Sousa de, *Flores de España*, Lisboa, impressa por Jorge Rodrigues, 1631, p. 184.

190. Para a generalidade destes genealógicos João Gonçalves de Macedo foi casado pela primeira vez com uma Florinda, filha dum letrado, da qual a geração, se é que a teve, se extinguiu.



dum Rebelo, senhor de Caria. Divergem no entanto quanto ao nome próprio que lhe atribuem.

Que algum Rebelo tivesse sido senhor de Caria é falso. Esta terra era da poderosa família dos Coutinhos, da qual emergiu o 1º Conde de Marialva.

Já o rei D. Fernando a dera a Gonçalo Vasques Coutinho. Por carta de 9 de Outubro de 1408 o rei D. João I renovou tal mercê doando a terra a este seu marechal e, em sucessão, a seus filhos e netos e herdeiros e sucessores, com a jurisdição cível e crime¹⁹¹.

Quanto a Rebelos, o que se documenta é que os houve, com certo destaque, instalados em Caria, porém não senhores, mas sim criados e da clientela dos ditos Coutinhos senhores do concelho.

E há razões até para propor que Isabel fosse deles, e filha dum clérigo de missa. Segundo alguns genealógicos o clérigo seria abade de Leomil. É possível que acertem, se se pensar que esta povoação não fica longe de Caria. Sem embargo de poder ter tido confiada ao seu munus a igreja de Leomil, parece seguro que foi abade em Caria.

Sobre o assunto cabe recorrer a um inventário, feito em 1565, de várias igrejas na Beira Alta cujo padroado tinha sido dos Condes de Marialva¹⁹².

Por aí se vê que em 1427 foi confirmado abade de S. Paio de Caria um Martim Vasques Rebelo. Este clérigo foi um verdadeiro patriarca. Deixou pelo menos nove filhos, oito dos quais foram legitimados por duas cartas régias de 6 de Janeiro de 1422: Gomes, Vasco e Pedro, filhos da sua servidora Brites Gonçalves; Rodrigo, Gil, Diogo, Fernando e João, filhos doutra servidora, Leonor Esteves¹⁹³.

Pelo menos três dos filhos foram também clérigos.

Um chamou-se Gomes Martins Rebelo, apresentado abade da mesma igreja de Caria, a qual já tinha em 1441, mas veio a permutá-la com seu irmão Vasco em 1457, ficando ele, Gomes, com a igreja de Tavares.

Outro foi este Vasco Martins Rebelo, que se sabe ter sido abade da referida igreja de S. Paio de Caria até que renunciou anos mais tarde, depois de terem morrido no caminho para Roma um filho e um so-

brinho que à Santa Sé enviara para obterem a confirmação da mesma igreja.

O outro foi Martim Vasques, abade de Paredes.

E é seguro que aquele abade Gomes Martins Rebelo, por sua vez, teve dois filhos de Margarida Salvada, mulher solteira ao tempo do nascimento deles, legitimados por cartas régias de 28 de Agosto de 1461, que se chamaram João Gomes Rebelo e Diogo Gomes Rebelo¹⁹⁴. O último parece ser o mesmo que obteve o ofício de tabelião de Caria por carta régia de 26 de Setembro de 1482¹⁹⁵. A conjugação do patronímico *Gomes* e do apelido *Rebelo* e a compatibilidade das datas induz em supor que Isabel Gomes Rebelo fosse irmã, senão inteira, pelo menos consanguínea, destes dois legitimados.

Isabel Gomes Rebelo não era portanto filha do senhor de Caria. Sê-lo-ia, sim, do clérigo Gomes Martins Rebelo, abade primeiramente de S. Paio de Caria e depois de Tavares¹⁹⁶; e, assim, neta paterna de outro abade de S. Paio de Caria (desde 1427), Martim Vasques Rebelo.

Avô, pai e tios diretos faziam parte da clientela do magnate Gonçalo Vaz Coutinho, marechal do reino, e de seu filho o 1º Conde de Marialva D. Vasco Fernandes Coutinho.

8 – A mulher e os filhos de Diogo Gonçalves de Macedo

Nesta altura, porém, suscitam-se outros problemas genealógicos.

Quem foram a mulher e os filhos de Diogo Gonçalves de Macedo, camareiro do Rei?

8.1 – Henrique de Macedo

É seguro que foi seu filho e sucessor Henrique de Macedo.

Sucedem que a generalidade dos genealógicos seiscentistas e setecentistas o considera neto de Diogo Gonçalves de Macedo.

191. *Chancelarias Portuguesas*, D. João I, cit., vol. III, tomo 2, 2006, pp. 52-53.

192. OLIVEIRA, Luís Filipe, "O Arquivo dos Condes de Marialva num inventário do século XVI", *Elites e redes clientelares na Idade Média*, Edições Colibri, Évora, 2001, pp. 221 a 260.

193. *Chancelarias Portuguesas*, D. João I, cit., vol. IV, tomo I, 2006, p. 164.

194. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Afonso V, livro 1, fl. 31v.

195. Torre do Tombo, Chancelaria de D: João II, livro 2, fl. 9, livro 6, fl. 122 (1482), e livro 7 fl. 115 (1492).

196. O que, aliás, já foi proposto por LIMA, Manso de (ob. cit., vol. XIV, p. 160), quando disse: «... mas uma memória diz que era fã dum abade de Leomil».



Mas erraram clamorosamente, já que por diversos documentos autênticos se prova irrefragavelmente que era filho, e que lhe sucedeu.

Avançando um pouco mais, é lícito partir do princípio de que ele, sendo filho legítimo do dito Diogo, não era porém fruto do primeiro casamento deste.

Está com efeito documentado que o casamento deste com a filha de Fernando Afonso, vassalo de El-Rei foi “cometido” pelo rei D. João I antes dos primeiros meses de 1425 e, com toda a probabilidade, se dera já nesse ano, ou mesmo antes.

É o seguinte o teor do trecho duma carta régia de 27 de Junho (ou Julho) desse ano:

«... nos mostrou [Diogo Gonçalves de Macedo] outra carta que de nos ouue signada per nos e pelo dicto jffante pella qual parece que quando lhe foe cometido casamento com a filha de fernand afonso nosso uassallo morador em a cidade d euora nos lhe pometemos de dar certa cousa em casamento...»¹⁹⁷.

E numa carta do rei D. Duarte de 29 de Novembro de 1433 lê-se:

«... fazemos saber que fernand aafonso morador em euora E dieguo gonçalluez de maçinedo nosso criado sseu genro Nos diserom que elles tijnham nossas cartas per que todollos sseos vaqueiros e ouelheiros e yguariços e mayoraaes podessem trazer ssuas armas per fora da billa com sseus gaados per onde quer que andassem. ...»¹⁹⁸.

Ora, se a filha de Fernando Afonso casou em 1425 ou antes, pareceria pouco verosímil que tivesse dado à luz o seu primogénito varão entre 1450 e 1455¹⁹⁹ e, depois disso, ainda provavelmente mais um ou dois filhos.

Valerá a pena tentar saber alguma coisa sobre este Fernando Afonso.

É seguro que era vassalo dos reis D. João I e D. Duarte e que morava em Évora. E conhecem-se duas sentenças régias, emitidas em 1458-07-11 e em 1459-12-14²⁰⁰, das quais se conclui que o seu nome completo era Fernando Afonso Cicioso, que foi ca-

valeiro (servidor do infante D. Henrique²⁰¹) e que morreu cerca de um ano e meio antes da primeira daquelas datas. Ambas dizem respeito a pleitos relativos a bens de raiz em que, duma parte estavam os seus filhos e herdeiros. Filhos eram, manifestamente João Fernandes, cavaleiro, e outro Fernando Afonso Cicioso que veio a ser cónego de Évora. Com eles estava também Diogo Gonçalves de Macedo, genro, na qualidade de herdeiro.

Mas, aqui, surge um problema. O sogro, o citado Fernando Afonso, morreu, como se diz na sentença de Agosto de 1458, cerca de um ano e meio antes, ou seja, em fins de 1456, inícios de 1457. O mais natural é que Diogo Gonçalves de Macedo fosse herdeiro dele por via da mulher, filha do dito Fernando Afonso, a referida Mor Fernandes. Ora isso parece pressupor que esta tivesse morrido depois do pai, ou seja, em 1457 ou na primeira metade de 1458. Porém, se assim era, um filho legítimo e sucessor de Diogo, como foi Henrique de Macedo acima referido, que nasceu entre 1450 e 1455, teria sido também filho dela, gerado mais de 25 anos depois do casamento dos pais – o que é difícil de aceitar. E por outro lado, nada nas mencionadas sentenças é dito sobre Diogo Gonçalves de Macedo representar nesse processo seu filho Henrique, que à data era já nascido. Isso inculca que este não era filho de Mor Fernandes. Senão ele teria sido mencionado como herdeiro de seu avô o dito Fernando Afonso. E a verdade é que nenhuma menção é feita das duas sentenças, de que a intervenção no pleito por parte de Diogo Gonçalves de Macedo fosse em representação do mesmo Henrique.

A solução deste *imbroglio* não é segura. Contudo, parecem-me admissíveis duas hipóteses

- ou Diogo era mesmo directamente herdeiro de seu primeiro sogro Fernando Afonso, a qualquer título, ou por vontade deste expressa em testamento, ou porque tal resultasse de alguma cláusula do casamento com a aludida filha deste, Mor Fernandes (que terá morrido provavelmente em vida do pai já que é omissa entre os herdeiros deste);
- ou, do conúbio entre Diogo e Mor Fernandes, ficaram só uma filha ou filhas, sendo os filhos

197. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, p. 65.

198. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. III, pp. 363-364.

199. Vimos já, atrás, que Henrique de Macedo terá nascido entre 1450 e 1455.

200. Biblioteca Pública de Évora, Pergaminhos Avulsos, pasta 9, peça 23, e pasta 10, peça 25.

201. BEIRANTE, Maria Ângela da Rocha, *Évora na Idade Média*, Fundação Gulbenkian, Lisboa, 1995, pp. 511 e 546; conforme esta autora, Fernando Afonso Cicioso casou com Inês Mendes de Oliveira e fazia parte da oligarquia da cidade de Évora.



varões, nomeadamente o herdeiro, havidos numa segunda mulher de Diogo²⁰².

Mor Fernandes podia apelar-se *Ciciosa* e essa é uma possível explicação para que alguns genealógicos tenham lido mal a alcunha, de modo que a denominaram Mor Fernandes de Sousa. É que este último apelido não aparece nos irmãos nem na mãe (que era Inês Mendes de Oliveira).

Prefiro, portanto, até que tope com alguma prova em contrário, entender que o filho sucessor de Diogo Gonçalves de Macedo não era filho de Mor Fernandes – contrariamente ao que disseram vários genealogistas – mas sim de uma segunda mulher dele, com a qual ele terá casado em meados do séc. XVI depois de ter enviuvado daquela.

8.2 – Fernão de Macedo

E mesmo um Fernão de Macedo, que aparece referido em princípios do séc. XVI, se era também, como proponho, filho deste Diogo Gonçalves de Macedo, não seria certamente, pelas mesmas razões e pela cronologia, fruto do primeiro matrimónio.

Com efeito, pode ter sido também filho de Diogo Gonçalves de Macedo certo Fernão de Macedo que morou em Évora, morreu antes de Julho de 1500 e casou com Leonor Lopes Loba.

Pela época em que morreu se conclui que não corresponde ao homónimo, que foi filho sucessor de Henrique de Macedo. Mas poderia ter sido seu tio direito paterno. A viúva doou uma herdade a um sobrinho, Pedro Borges, fidalgo da Casa Real, confirmação régia de 1500-09-23²⁰³. Isso significa de certo que este Fernão não deixou descendência e pertencia ao mesmo meio social do dito Henrique de Macedo, morando na mesma cidade.

8.3 – Gonçalo de Macedo

Creio oportuno fazer aqui um apontamento sobre um Gonçalo de Macedo morador da Casa Real em tempos do rei Africano. Efectivamente, nas

listas dos moradores da Casa de D. Afonso V, pouco antes de Henrique de Macedo (que é seguro ter sido o filho herdeiro de Diogo Gonçalves de Macedo), figura entre os moços-fidalgos com 172 reis de moradia, aliás tal como o dito Henrique, um Gonçalo de Macedo.²⁰⁴

Os moços-fidalgos tinham habitualmente entre 14 e 19 anos. Assim, este não podia ser o homem bom de Bragança que testificava em 1448 e muito menos o de 1468, pois seria menor.

Quem seria então?

Como não encontro outro candidato entre os homónimos da época, presumo que se tratasse de algum irmão de Henrique de Macedo. Talvez fosse mais velho do que este último, pois se acha registado na mesma lista em 1469, mas antes de Henrique. E, como não acho mais notícia posterior, a ele relativa, conjecturo que tenha morrido sem geração em vida de seu pai, já que foi Henrique o sucessor de Diogo Gonçalves de Macedo.

8.4 – Genebra de Macedo

Quanto a uma Genebra de Macedo, atrás já mencionada, que casou com o alentejano Nuno Casco, ao que disseram vários genealógicos, filha de Diogo Gonçalves de Macedo, não se aplicam os considerandos que se referiram quanto aos filhos varões. Ela podia à partida ser filha do primeiro casamento deste. Com isso não seria sucessora do pai nos bens da Coroa, visto que à data em que este morreu, havia, sobrevivo, um filho varão, ainda que dum segundo matrimónio (Henrique de Macedo).

Mas também nada impede que esta Genebra fosse igualmente fruto desse hipotético segundo casamento.

8.5 – A segunda (?) mulher de Diogo Gonçalves de Macedo

Fica no entanto por saber como se chamaria a mãe de Henrique e de Fernão de Macedo. Não encontro indicação na onomástica destes, nem da sua

202. Nesta última hipótese, uma filha de ambos poderia ter-se chamado Inês de Oliveira de Macedo, visto como a avó materna era Inês Mendes de Oliveira, e ter sido a 1ª mulher de Rui Dias de Góis, com quem começam os genealógicos o título dos Macedos de Alenquer.

203. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Manuel I, livro 13, fl. 49v.

204. “Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Afonso o V”, SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo II, parte I, p. 51.



descendência, de quem pudesse ter sido. Apenas admito que ela fosse filha dum Henrique, por isso que tal praenomen não fora até então usado por nenhum destes Macedos.

8.6 – Uma D. Brites de Sousa filha de Diogo Gonçalves de Macedo?

Alão de Moraes²⁰⁵, Manso de Lima²⁰⁶ e Ascenso de Siqueira²⁰⁷ atribuem a Diogo também a paternidade duma filha, a quem chamam D. Brites de Sousa. E acrescentam que ela teria casado com Gonçalo Maldonado, filho de Álvaro Maldonado, fidalgo castelhano.

O casal terá tido três filhos, João Arias de Aldana, fidalgo do infante D. Fernando e/ou mestre-sala da “Excelente Senhora”, Rodrigo Arias Maldonado e Fernando Arias Maldonado dos quais se não sabe geração.

Não vejo razões para não dar por verdadeiras as referências a estes Maldonados. É que Duarte Nunes de Leão, que foi fonte declarada de Alão de Moraes, escreveu, na sua crónica de D. Afonso V, apontando entre os castelhanos que se não reconciliaram com os Reis Católicos depois da batalha de Toro:

*«E Rodrigo Maldonado, que se tinha levantado com muitos criados, e parentes seus por el Rey de Portugal logo no principio das guerras com o Castello de Monleon, que tinha a seu cargo, no termo da Cidade de Salamanca; o que poz em grande cuidado aos Reys Catholicos. E seu parente Gonçalo Maldonado filho de Alvaro Maldonado, que se passou pellos bandos, que naquella Cidade ouve, em tempo del Rey D. Joaão o primeiro de Portugal, no anno de mil quatrocentos e vinte e seis.»*²⁰⁸

Como a crónica foi escrita ainda no séc. XVI, e veio dum cronista fiável, merece crédito à partida.

Há uma outra fonte a considerar. Em 18 de Novembro de 1548 foi passada carta de brasão de armas a um Fernando Maldonado, morador em Alegrete, filho de João Maldonado, neto de Gonçalo Maldonado e bisneto de Álvaro Maldonado,

*«que foi fidalgo muito honrado da geração dos Maldonados de Salamanca.»*²⁰⁹

Como se vê, confirma-se a existência destes Maldonados. Mas as notícias não vão ao ponto de informarem que o dito Gonçalo Maldonado teria casado com uma D. Brites de Sousa e que esta era filha de Diogo Gonçalves de Macedo. Não encontrei ainda documento anterior ao séc. XVII que abone a identificação da mulher do mesmo Gonçalo Maldonado.

Contudo, acrescenta Alão de Moraes que dele seria irmão ou tio um Pero Arias Maldonado que se achou nas justas de Évora, no casamento do Príncipe D. Afonso, filho de D. João II. E vem logo à memória o episódio, referido na crónica de Garcia de Resende, da animada participação nessas festas de Henrique de Macedo, filho de Diogo Gonçalves de Macedo. Daí que adquira mais verosimilhança a existência de uma irmã desde Henrique (que seria a tal D. Brites de Sousa), cunhada do mesmo Pero Arias Maldonado. As circunstâncias de tempo e de lugar, e até as socioculturais são idênticas.

Não repugnaré pois admitir como boa – embora com algumas reservas – a versão de que Diogo Gonçalves de Macedo teve uma filha com aquele nome, casada com o referido Gonçalo Maldonado.

Mas então põe-se o problema: donde lhe adviria o nome *Brites de Sousa*? Será que não estará aí uma prova de que a mulher de Martim Gonçalves de Macedo assim se tivesse chamado também e fosse filha bastarda do senhor de Mortágua, como afirmaram alguns genealogistas tardios?

O problema foi por mim acima abordado. Embora longe de me considerar seguro, continuo a entender que só há provas de que o herói de Aljubarrota foi casado com uma Catarina Anes, que lhe sobreviveu. É certo que nada impede que esta fosse segunda mulher. Com isso, poderia admitir-se que tivesse casado primeiro com uma Sousa, o que explicaria o afloramento de diverso(a)s Sousas entre a descendência de Martim.

O que parece pouco verosímil é que tal hipotética Sousa fosse filha de Martim Afonso de Sousa, senhor de Mortágua.

205. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 19, e vol. IV, p. 362.

206. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 159.

207. Nobiliário manuscrito cit., vol. II, fls. 123 e 125.

208. *Crónicas dos Reis de Portugal reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes de Leão*, por Manuel Lopes de Almeida, Tesouros da Literatura e da História, Lello & Irmão, Porto, 1975, p. 993.

209. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 167.



Mas, de qualquer modo, estamos apenas no domínio de uma hipótese fortemente especulativa, possível como diversas outras, alternativas.

É que mesmo a existência duma neta de Martim Gonçalves de Macedo com o nome *Brites de Sousa*, já de si duvidosa, como acabei de expor, não impõe necessariamente a conclusão de que ela recebeu o nome da avó materna.

8.7 – Sucessão de Henrique de Macedo

Sem margem para dúvidas, Diogo Gonçalves de Macedo era filho e sucessor de Martim Gonçalves de Macedo. E o filho sucessor daquele foi Henrique de Macedo, o fidalgo de Évora que tomou parte muito activa nas festas do casamento do príncipe D. Afonso, em pleno reinado de D. João II. Mas é possível ainda saber, com segurança, algo sobre os descendentes imediatos deste Henrique de Macedo.

Casou Henrique de Macedo com Guiomar Borges, provinda de famílias fidalgas de Elvas e de ambos foi filho Fernão de Macedo, que foi fidalgo da Casa Real e ainda auferiu uma tença de juro e herdade atribuída pelos feitos do herói de Aljubarrota. E mais foram filhas daquele casal D. Joana de Macedo, que casou com um fidalgo dos Sousas, sem geração, com quem instituiu um morgado e jaz no convento do Espinheiro, em Évora; e D. Catarina Borges Coutinho, mulher dum Siqueira de Elvas e ascendentes ambos dos Siqueiras (S. Martinho).

O dito Fernão de Macedo casou, segundo os genealógicos – e tudo indica que estão certos – com uma D. Brites Salvago Grimaldo, filha dum cavaleiro genovês de apelido Salvago, Nicolau ao que parece.

Foi filho de ambos um Henrique de Macedo Salvago, moço-fidalgo e depois fidalgo da Casa Real, que serviu na jornada de Tunis e na Índia e veio a casar em Baçaim com uma Meneses, com descendência, que presumo extinta.

Teve mais Fernão de Macedo um filho fidalgo da Casa Real, aparentemente sem geração, e uma filha, D. Helena de Macedo, casada com um Rui Casco de Vasconcelos, da nobreza alentejana, possuidor do morgado da Sítima, com descendência.

9 – Seria o Dr. António de Sousa de Macedo descendente por varonia de Martim Gonçalves de Macedo?

Cabe agora abordar com especial atenção outros eventuais descendentes de Martim Gonçalves de Macedo, quanto aos quais muitas dúvidas surgem.

Um dos problemas mais interessantes é o de saber se era dessa progénie o já referido doutor António de Sousa de Macedo, um dos mais ilustres Macedos da história de Portugal, célebre jurisconsulto e homem de letras, diplomata do tempo da Restauração e secretário de Estado de D. Afonso VI. Pelos seus serviços vieram os descendentes a receber o baronato da Ilha Grande de Joane e o viscondado de Mesquitela, títulos a que vieram acrescer os de Conde de Mesquitela, Duque de Albuquerque, Conde de Vila Franca do Campo e Conde de Estarreja, sendo também de notar que ainda nos nossos dias se chamam, todos eles, de *Sousa de Macedo*²¹⁰.

Será que o doutor António de Sousa de Macedo descendia de Martim Gonçalves de Macedo por varonia, como tem sido consensual entre os genealogistas e ele próprio afirmava²¹¹?

Uma primeira pista é dada pela súmula da sua habilitação para a Ordem de Cristo:

*«Ant^o de Souza f^o de D.or Gonçalo de Souza, Desembargador da casa da Supplicação e de D. Margarida; avós paternos o L.do fr.co de Macedo e Filipa de Sousa naturaes de Amarante. Avós maternos G.ar Moreira, e Magdalena barroza naturaes de Guimarães; nobres e honrrados»*²¹².

O pai de António de Sousa de Macedo era pois o desembargador Gonçalo de Sousa de Macedo, e o avô paterno era o licenciado Francisco de Macedo.

E estes, de que varonia provinham?

9.1 – O abade de S. Clemente de Basto João de Macedo

Ao aprofundar o assunto, topa-se com um abade quatrocentista de S. Clemente de Basto, João de Macedo, que se verá ter sido trisavô por varonia daquela grande figura da Restauração.

210. Se bem que não tenham já a varonia Macedo, mas sim a dos Costas com “Dom”, dos do Armeiro-mor.

211. «Y aunque yo por linha masculina soy quinto nieto del dicho Martín Gonçalues de Macedo, y quarto nieto de Diego Gonçalues de Macedo su hijo, ni por esso deue tener menos credito lo que delllos escriuo» (MACEDO, António de Sousa de, *Flores de España*, cit., p. 184).

212. *Ementas de habilitações de ordens militares nos princípios do século XVII*, edição da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1931.



Outrossim se sabe, como melhor se verá também, mais adiante, que um outro abade, anterior, da mesma igreja, fora Diogo Gonçalves (provavelmente também de Macedo), que os dados disponíveis fazem presumir fosse irmão mais velho daquele João.

S. Clemente de Basto era uma freguesia do concelho de Celorico de Basto, na qual no numeramento de 1527, com o nome de *S. Clemente de Gandarela*, se contaram 150 moradores²¹³, ou seja, a uma taxa média de 4 pessoas por cada morador, cerca de 600 pessoas.²¹⁴

Tinha uma colegiada da arquidiocese de Braga, de média importância, cujo arquivo, se existiu, infelizmente se perdeu. Não consta que tenha sido antes mosteiro; parece que nasceu em torno duma igreja secular – a de S. Clemente de Basto – hoje ainda incluída na área do concelho de Celorico de Basto.²¹⁵ A ela presidia o pároco da igreja, um clérigo com ordens de missa, habitualmente designado por “abade”²¹⁶. Mas naquelas circunstâncias de tempo e de lugar, os abades tinham frequentemente mancebas e deixavam filhos, como tais pacificamente reconhecidos, que naturalmente eles procuravam proteger e habilitar com meios de subsistência²¹⁷.

A referida igreja situava-se nas terras de Basto, junto de Celorico de Basto²¹⁸. Interessa por isso ver em que estatuto se achavam estas.

O préstamo e o castelo de Celorico de Basto tinham feito parte das arras da rainha D. Beatriz, mãe

do rei D. Dinis. Era então alcaide-mor do castelo Martim Vasques da Cunha, que aliás diligenciou para largá-lo²¹⁹. Mais tarde veio a ser doado a Afonso Gomes da Silva e depois a Henrique Manuel de Vilhena²²⁰. Em 1 de Junho de 1402, Gil Vasques da Cunha, um dos mais poderosos chefes militares do norte do País (irmão do grande Martim Vasques da Cunha que comandara as hostes portuguesas na batalha vitoriosa de Trancoso), por ter regressado ao reino depois de cinco anos em Castela, foi contemplado pelo rei com as terras de Celorico de Basto²²¹. Morreu em Janeiro de 1418²²².

Sucedeu-lhe no senhorio seu filho mais velho, o rico-homem Fernão Vasques da Cunha, em 1421²²³.

Por morte deste na expedição desastrosa de Tãnger, em 1437²²⁴, ficou por herdeira a filha única, D. Maria da Cunha²²⁵ que casou com Fernão Coutinho, filho do marechal Gonçalo Vaz Coutinho e irmão do 1º Conde de Marialva, pelo que o senhorio das terras de Basto, assim como o de Montelongo, vieram a recair no dito seu marido, em 1438²²⁶, com confirmação em 1450²²⁷, juntamente com a alcaidaria-mor do castelo de Celorico de Basto²²⁸.

Em Julho de 1476 foi confirmado por carta régia o trespasse, por Fernão Coutinho e sua mulher, das terras de Basto, com seu castelo e julgados, a favor do filho terceiro de ambos, Pedro da Cunha Coutinho, com a cláusula de reversão se este viesse a mor-

213. Sobre o numeramento dos moradores de Montelongo, Cabeceiras de Basto, Celorico de Basto e Amarante em 1527, ver FREIRE, Braamcamp, “Povoação de Entre Doiro e Minho no XVI. Seculo”, *Arquivo Historico Portuguez*, Lisboa, vol. III (1905), pp. 255-257.

214. Celorico de Basto, com seus 1812 moradores (cerca de 7248 pessoas), era então um concelho mais povoado do que os vizinhos Montelongo, com 584 moradores (cerca de 2336 pessoas), Cabeceiras de Basto, com 774 moradores (cerca de 3096 pessoas) e Amarante, 236 moradores (cerca de 936 pessoas); Celorico contava aliás, na sua área, 1560 mancebos (homens solteiros entre os 18 e os 30 anos, vivendo com seus pais), contra 560 em Cabeceiras de Basto, 426 em Montelongo e 180 em Amarante.

215. MARQUES, José, *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*, INCM, Lisboa, 1988, p. 479.

216. *Ibidem*, p. 587, nota 1, e SOUSA, frei Gabriel de, “ABADE em Portugal”, (dir. de António Alberto Banha de Andrade) *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, Editorial Resistência, Lisboa, 1º vol., 1980, p. 3.

217. Ver os esforços de vários dirigentes superiores da Igreja, entre eles o arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, para pôr termo a estes desvios, em MARQUES, José, *A arquidiocese ... etc. cit.*, pp. 1126 a 1129.

218. *Ibidem*, pp. 485 e 488.

219. FREIRE, Braamcamp, *Brasões da Sala de Sintra*, 2ª edição, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1921-1930, vol. 1º, pp. 151-152.

220. *Ibidem*, livro 3º, 1930, pp. 6 e 7.

221. *Chancelarias Reais Portuguesas D. João I cit.*, vol. II, tomo 3, 2005, pp. 208-210.

222. FREIRE, Braamcamp, *Brasões ... etc. cit.*, livro 1º, p. 169.

223. MORENO, Baquero, *A batalha ... etc. cit.* vol. II, p. 783.

224. FREIRE, Braamcamp, *Brasões ... etc. cit.*, livro 1º, p. 170.

225. *Livro de Linhagens do séc. XVI*, cit., p. 143.

226. MORENO, Baquero, *A batalha ... etc. cit.* p. 779.

227. Torre do Tombo, *Chancelarias Régias*, livro 4 de Além Douro, fl. 164.

228. *Chancelarias Régias*, livro 4 de Além Douro, fl. 163v.



rer antes de seu pai²²⁹. Eram então já falecidos os dois primeiros filhos do casal, Gonçalo Coutinho (degolado por ter assassinado a mulher) e Vasco Fernandes Coutinho.²³⁰

Fernão Coutinho vivia ainda em Setembro de 1482, data em que exercia o senhorio das terras de Basto o referido seu filho Pedro da Cunha Coutinho²³¹.

Manteve-se este como senhor das ditas terras longo tempo, pois como tal era apontado ainda no numeramento mandado fazer por D. João III em 1527²³², pelo menos até que delas foi feita doação a sua mulher D. Brites de Vilhena, em caso de que ele morresse primeiro, conforme mercê régia de Julho de 1522²³³.

O senhor das terras de Basto tinha influência sobre os povoados que nelas se incluíam, como é natural. Mas isso acontecia, ao que parece, sobretudo no plano laico. No que toca ao padroado duma igreja bem implantada nas ditas terras – a de S. Clemente de Basto – a informação disponível aponta para entender que era alheio àquele donatário.

Dizia Carvalho da Costa que a abadia era da apresentação dos Castros, alcaides-mores de Melgaço, e dos Azevedos, senhores da casa de Azevedo e de S. João de Rei²³⁴.

E parece estar certo, pelo menos em parte. Com efeito, como informa José Marques, o padroado de S. Clemente de Basto era compartilhado, em metade pelo arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, em outra metade pelos herdeiros de Diogo de Castro e outros, tais como Diogo Lopes de Azevedo, Fernando de Sousa, Diogo Gonçalves de Castro e Martim Afonso Botelho²³⁵.

Sobre os restantes, Luiz de São Payo²³⁶ e José Augusto de Sotto Mayor Pizarro²³⁷ fornecem-nos completa luz, que permite identificar os padroeiros de S. Clemente de Basto.

Assim, Diogo de Azevedo, 4º senhor de S. João de Rei por mercê de 1497²³⁸, foi casado com D. Maria de Vilhena Coutinho, filha do citado Fernão Coutinho, senhor das terras de Basto, Celorico de Basto e Montelongo, e de sua mulher, D. Maria da Cunha.

Era filho de Diogo Lopes de Azevedo, senhor de S. João de Rei por mercê régia de 1450²³⁹, o mencionado nos documentos da arquidiocese de Braga. Este já sucedera a seu pai João Lopes de Azevedo no dito senhorio por mercê de 1423. E João Lopes de Azevedo era filho de Lopo Dias de Azevedo²⁴⁰, que recebera em doação régia a mesma terra em 1388²⁴¹.

Por sua vez Lopo Dias de Azevedo era filho de Diogo Gonçalves de Azevedo, também chamado Diogo Gonçalves de Castro por ser senhor da quinta de Crasto. Este figurava em 1365 como natural do mosteiro de Grijó e decerto corresponde a outro dos supramencionados padroeiros da igreja de S. Clemente documentados na arquidiocese de Braga.

Ora Diogo Gonçalves de Castro era filho de Gonçalo Vasques de Azevedo, irmão de D. Mécia Vasques de Azevedo, que foi mãe do Martim Afonso Botelho, a quem o rei D. Fernando confirmou a honra da quintã do Lordelo em 1373. Trata-se obviamente do outro dos referidos padroeiros.

Deste Martim Afonso Botelho foi neta Joana Rodrigues Botelho, que casou com Fernão de Sousa Camelo, senhor de Rossas, de quem foi filho Fernão de Sousa, “o da Botelha”, sucessor na terra de Rossas em 1475. Este era decerto o Fernão de Sousa mencionado também como padroeiro de S. Clemente nos documentos da arquidiocese de Braga²⁴².

Os Castros alcaides-mores de Melgaço eram os chamados “de Fornelos”, mais tarde “Melo e Castro”, de cuja varonia veio a ser o grande general da

229. Chancelarias Régias, livro 4 de Além Douro, fl. 289 e MORENO, Baquero, *A batalha ...* etc. cit., p. 783.

230. MORENO, Baquero, *A batalha ...* etc. cit., pp. 783-784.

231. SÃO PAYO, Luiz de, “À margem dos «Carvalhos de Basto»: Terá D. Afonso V tido um filho natural?”, *Armas e Troféus*, V série, tomo V (1984), pp. 22-23.

232. FREIRE, Braamcamp, “Povoação de Entre Doiro e Minho no XVI. século”, cit.

233. Torre do Tombo, Chancelaria de D. João III, Doações, livro 1, fl. 314.

234. COSTA, Padre António Carvalho da, *Chorographia Portuguesa*, edição de Valentim da Costa Deslandes, Lisboa, tomo 1º, 1706, p. 145.

235. MARQUES, José, *A arquidiocese ...* etc. cit., p. 1081.

236. SÃO PAYO, Luiz de, “As distrações de D. António Caetano de Sousa”, *Armas e Troféus*, IV série, tomo I (1979), p. 33.

237. PIZARRO, Sotto Mayor, *Os patronos* etc. cit.

238. Chancelarias Régias, Leitura Nova, livro 2 de Além Douro, fl. 84v.

239. Chancelaria de D. Afonso V, livro 11, fls. 17v e 18.

240. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo I, 2006, pp. 251-252.

241. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo III, 2005, pp. 238-239.

242. SÃO PAYO, Luiz de, “As distrações ...” etc. cit., IV série, tomo I, 1979, p. 33.

guerra da restauração Dinis de Melo e Castro, 1º Conde das Galveias.

Está documentado em 1402 e 1433 um Martim de Castro, cavaleiro da casa do Conde de Barcelos²⁴³.

Dele foi filho Fernão de Castro, também da casa do Duque de Bragança, que viveu no tempo de D. Afonso V e foi alcaide-mor de Melgaço. Casou com D. Joana de Azevedo, filha de Lopo de Azevedo e neta paterna de Lopo Dias de Azevedo²⁴⁴, o acima referido senhor de S. João de Rei.

De Fernão de Castro e D. Joana de Azevedo foi filho sucessor Pero de Castro, que se achou na tomada de Azamor com o Duque de Bragança D. Jaime (1513). Tendo casado com D. Brites de Melo, sucedeu-lhe por sua vez seu filho Fernão de Castro, também alcaide-mor de Melgaço. E tal alcaidaria-mor transmitiu-se aos sucessores deste.

Assim, desde o Fernão de Castro acima, avô paterno deste último, cuja mulher era dos Azevedos de S. João de Rei, pode dar-se como provável que os Castros alcaides-mores de Melgaço também tivessem parte no padroado de S. Clemente de Basto.

Aparentemente, portanto, em finais de quatrocentos, princípios de quinhentos, o abade desta igreja devia ser apresentado por consenso de vários padroeiros, todos eles oriundos da estirpe de Azevedo. Entre eles figurava também aquele Diogo de Azevedo, que casou com uma filha do senhor de Celorico de Basto e de Montelongo, Fernão Coutinho.

Fernão Coutinho era o mesmo que, com sua mulher, como adiante melhor referirei, apoiava o seu escudeiro João Gonçalves na nomeação para juiz dos órfãos de Montelongo, concelho situado a curta distância de S. Clemente de Basto.

Ora, esse escudeiro João Gonçalves era, ao que tudo indica, o pai de João de Macedo, o acima aludido abade de S. Clemente de Basto.

Acrescente-se que antes deste João de Macedo, fora abade dessa igreja, desde meados do séc. XV, um Diogo Gonçalves, a quem adiante melhor me referirei, e que creio ter sido seu meio-irmão, consanguíneo.

Um e outro devem ter sido investidos em abade daquela igreja por apresentação conjunta dos padroeiros.

No caso de João de Macedo, entre estes se incluíam Diogo de Azevedo, senhor de S. João de Rei,

e o sogro deste, Fernão Coutinho, senhor das terras de Basto. Faz sentido que este último, mesmo não participando na apresentação do abade, tivesse tido influência junto dos que detinham o padroado, quer o arcebispo de Braga, quer os Azevedos e seus afins.

Se assim foi, como Fernão Coutinho terá morrido em 1482 ou poucos anos depois e porque tal acerta com outros dados cronológicos, a nomeação terá porventura sido efectuada na década de 80 do séc. XV.

O abade João de Macedo foi, como acima disse, trisavô por varonia do doutor António de Sousa de Macedo. A essa conclusão se chega pelas referências seguras constantes da habilitação para o Santo Ofício dum outro descendente do abade (também trineto), Marcos Ferreira de Sousa.

Foi instrutor do correspondente processo o licenciado António de Castro Pereira, abade de Guizande, que escreveu no relatório final:

«Francisco de Macedo avo de Marcos ferreira, foi filho de Gaspar de Macedo, e de sua mulher Brittis Alvares. Gaspar de Macedo foi filho de João de Macedo Abbade de S. Clemente de Basto, e de sua manceba. Atee aqui soube por esta via, e sendo necessario mais diligencias farsea. Destes Macedos he Marçal de Macedo de Coimbra.»

No decurso destas diligências disse a testemunha Gonçalo Ribeiro, de 75 anos, morador em Amarante e tabelião na vila de Basto:

«conheceo ao licenciado Francisco de Macedo que foi julgador de Sua Magestade, e a sua legitima mulher Philippa de Sousa ambos nobres por suas pessoas e geraçam por ser da mesma freguesia donde elles forão moradores e visinhos delle testemunha»

A testemunha Gaspar Taveira, de 80 anos, morador em Amarante disse:

«conheceo muito bem o licenciado Francisco de Macedo, e sua legitima mulher Philippa de Sousa avôs maternos do dito Marcos Ferreira desque se accorda, o qual Francisco de Macedo foi julgador do serviço de sua Magestade, e assi elle como a dita sua mulher foram nobres dos principaes da terra.»

243. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, Lisboa, 1998, pp. 54-55; este Conde de Barcelos é o que veio a ser o 1º Duque de Bragança.

244. SILVA, Manuel de Souza da, *Nobiliário das gerações de Entre-Douro-e-Minho*, edição de Carvalhos de Basto, Ponte de Lima, 2000, vol. I, pp. 288 e 350, e MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. II, p. 405.

Outra testemunha, o padre Tomé da Silva, de 77 anos, também morador da mesma vila, afirmou:

«conhecera muito bem ao licenciado Francisco de Macedo e sua legitima molher Philippa de Sousa moradores que forão nesta villa, o qual morreo no serviço de sua Magestade, sendo Juiz de fora na villa de Sanctarem pay e may de Maria de Sousa, e avos maternos do dito Marcos Ferreira e este conhecimento he de muitos annos, por ser visinho de fronte, e o pay delle testemunha e o dito Francisco de Macedo avogarem muitos annos nesta villa, o qual Francisco de Macedo era natural do termo de Basto junto a esta dita villa e se disia ser da freguesia de Valdebourou, e a dita Philippa de Sousa natural desta dita villa, o qual ainda conheceo aos pays destes visavôs do dito Marcos Ferreira, que eram pessoas muito nobres».

Ainda outra testemunha, o padre Miguel Cerqueira Doce, morador em Amarante, de 64 anos, declarou:

«conhecera muito bem ao licenciado Francisco de Macedo, e sua legitima molher Philippa de Sousa pay e may da ... de Sousa e avos maternos do dito Marcos Ferreira por ser vizinho seu, e des o tempo que se accorda, o qual Francisco de Macedo servio de Juiz de fora na villa de Sanctarem depões de ter servido de Juiz dos orfãos, e ahi falleceo, o qual foi natural do termo da villa de Basto, e dos Macedos verdadeiros deste reino, e a dita Philippa de Sousa foi natural desta villa, e dos principaes della, e forão pays do Doutor Gonçalo de Sousa do Desembargo de Sua Magestade em Lixboa e viveram sempre a lei da nobresa com cavallos e creados, e negros não somente os sobredittos, mas também Antonio de Sousa visavo do dito Marcos Ferreira que elle testemunha conheceu bem».

A testemunha Gaspar Cerqueira, morador em Amarante, de 70 anos pouco mais ou menos, disse:

«conhecera muito bem ao licenciado Francisco de Macedo, e sua legitima molher Philippa de Sousa, os quaes fora dos principaes desta villa, e se trata-

ram como taes, e o dito Francisco de Macedo foi julgador de sua Magestade e no dito carregó falesceo, o qual foi natural de Cerolico de Basto junto a esta villa, e ella natural desta terra ambos dos mais nobres della, e como taes se tratarão sempre».

E outra testemunha, André Ribeiro, igualmente morador em Amarante, de 66 anos pouco mais ou menos, não depôs diferentemente.

Deve pois ser dado como provado: que Francisco de Macedo era dos verdadeiros Macedos (e dos mesmos de Marçal de Macedo, de Coimbra); que o dito Francisco se licenciara e fora juiz de fora de Santa-rém; que era de geração nobre, das principais e mais nobres de Celorico de Basto; que era filho de Gaspar de Macedo e de sua mulher Brites Álvares, neto paterno de João de Macedo, abade de S. Clemente de Basto e de sua manceba²⁴⁵.

9.2 – Quem foi o pai do abade João de Macedo?

Há registo de dois matriculados no séc. XV com ordens menores, na diocese de Braga, com o nome João de Macedo.

Um recebeu-as em 1 de Julho de 1461 e era filho de Gonçalo de Macedo e de Teresa Sanches, da freguesia de Santa Maria de Bragança²⁴⁶.

Outro recebeu-as em 29 de Março de 1476 e era filho de João Gonçalves e de Isabel Gomes, da freguesia de Santa Ovaia de Montelongo²⁴⁷.

Passo a designar a de 1461 como *Hipótese A*; e a de 1476 como *Hipótese B*.

Uma primeira dificuldade é suscitada pela Hipótese B: o pai de João de Macedo aparece com o nome apenas de *João Gonçalves*, e a mãe apenas com o de *Isabel Gomes*.

Isso não impede porém que lhe apontemos uma ascendência Macedo. Conhecem-se muitos outros registos da época, não apenas matrículas dos ordinandos, mas outros documentos mesmo régios, em que figuram apenas o nome próprio e o patronímico, relativos a pessoas nobres que noutros documentos coetâneos eram denominadas com apelido a seguir ao patronímico.

Ora um outro filho de João Gonçalves e Isabel

245. Torre do Tombo, Santo Ofício, habilitação de Marcos Ferreira de Sousa, Marcos, maço 1, diligência 3.

246. *Matrículas dos Ordinandos da Mitra de Braga (1430-1588)*, por FERNANDES, M. Antonino, Edições Carvalhos de Basto L.da, Ponte de Lima, tomo I, 2002, p. 341.

247. SÃO PAYO, Luiz de, Sottomayor Mui Nobre, Vila Real, 1999, p. 42.



Gomes, que recebeu ordens menores no mesmo dia de 1476 foi um Martim Rebelo²⁴⁸, e o apelido Rebelo também não era ainda muito frequente, na época.

Sucede, por outro lado, que vários nobiliários, ainda que pouco rigorosos no desfiar dos Macedos anteriores ao séc. XVII, incluem, na descendência quatrocentista de Martim Gonçalves de Macedo, um João Gonçalves de Macedo que teria casado com Isabel Gomes Rebelo.

Um dos dois filhos de João Gonçalves e de Isabel Gomes que no mesmo dia receberam ordens menores usava o apelido Macedo, o outro o apelido Rebelo. É portanto muito provável que um dos pais tivesse no nome, a seguir ao patronímico, o apelido *Macedo*, e o outro o apelido *Rebelo*. Apelidos que – como em muitos outros casos então acontecia, repete-se – o escriba eclesiástico houvesse omitido.

Acresce que um dos ordinandos, Martim Rebelo, pela conjugação de nome e apelido que, documentada, suponho ser única no séc. XV, é identificável como o Martim Rebelo de Macedo que foi abade do mosteiro de S. Salvador do Souto, por apresentação do adiante referido D. Afonso, filho do Marquês de Valença e amante de sua próxima parente Filipa de Macedo²⁴⁹ dignidade que já tinha quando, em 14 de Abril de 1487, recebeu ordens de missa²⁵⁰. E os genealógicos consideraram-no um dos rebentos desta estirpe de Macedos.

Luiz de São Payo escreveu que João Gonçalves de Macedo e Isabel Gomes Rebelo

*«são com certeza o casal João Gonçalves – Isabel Gomes que moravam em Santa Ovaia de Montelongo, quando em 29-III-1476 tomaram ordens menores seus filhos Manuel Rebelo e João de Macedo»*²⁵¹.

Santa Ovaia de Montelongo correspondia à actual freguesia central do município hoje chamado Fafe, que confina com o de Celorico de Basto; e neste último se situa a igreja de S. Clemente, cujo

abade foi o mencionado João de Macedo. Esta igreja fica a menos de 15 km de Fafe, em linha recta.

A localização geográfica dos ordinandos favorece portanto mais a Hipótese B do que a A, uma vez que os pais do João de Macedo da Hipótese A residiam em Bragança, que fica cerca de 10 vezes mais longe de S. Clemente de Basto.

Por outro lado, deve ter-se em consideração o seguinte. O nome *Gonçalo de Macedo* ligado a Bragança aparece mencionado, que eu tenha conhecimento, em pelo menos três documentos oficiais quatrocentistas:

- a) um Gonçalo de Macedo figura na qualidade de “homem bom” do concelho de Bragança numa carta testemunhável emitida pelo seu corregedor em 21 de Fevereiro de 1448;
- b) um Gonçalo de Macedo, qualificado como “escudeiro”, é mencionado como testemunha num treslado passado por um tabelião de Bragança em 20 de Maio de 1468;
- c) um Gonçalo de Macedo foi almoxarife do porto de Bragança, cargo em que, em inícios de 1481, lhe sucedeu seu filho João de Macedo,²⁵² o mesmo que foi escudeiro da rainha “Excelente Senhora” em 1478, alcaide-mor do Outeiro, fidalgo da Casa Real nos tempos de D. João II, de D. Manuel I e D. João III, fidalgo de cota de armas e chefe dos Macedos.

O mais provável é que se trate do mesmo Gonçalo de Macedo, em todas as menções. Nenhum sinal é dado, em todas as três menções de que fossem pessoas diferentes. E a cronologia, a localização na cidade de Bragança e o *status*, conjugam-se perfeitamente para sugerirem que fosse uma só pessoa.

De qualquer modo, é de dar como seguro que aquele João de Macedo que sucedeu ao pai no cargo de almoxarife do porto de Bragança em 1481 nasceu por meados do séc. XV; e que acerta também com o da hipótese A, por ser filho dum Gonçalo de Macedo. Logo, não pode ser o da hipótese B.

Mas não haveria então mais alguma pessoa do-

248. Escrevemo-lo aqui na grafia actual; na altura escrevia-se *Rabello* ou de *Rabello*.

249. Sobre o antigo mosteiro dos cónegos regrantes de Santo Agostinho de S. Salvador do Souto, extinto como tal em 1454 e convertido em comenda da Ordem de Cristo, ver: CRUZ, António, “O mosteiro de Souto”, *Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada*, Actas, vol. III; Guimarães, 1981, pp. 85-104; MARQUES, José, *A Arquidiocese ... etc. cit.*, pp. 728-731 e 1076-1088; e SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, (dir.) e outros, *Ordens Religiosas em Portugal: Das origens a Trento – Guia Histórico*, Livros Horizonte, Lisboa, 2005, pp. 181-182.

250. A. D. Braga, *Matrículas ... etc. cit.*, pasta 4, caderno 38, fl. 63v.

251. SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor ... etc. cit.*, p. 42, mas com um *lapsus calami* no primeiro destes ordinandos, que na matrícula se chama *Martim* e não *Manuel*.

252. MACHADO, Gaspar Álvares de Lousada, Manuscritos, B.N.L., Reservados, Códice 1105, fl. 315v.



cumentada na época com o mesmo nome, que não fosse o da hipótese B?

O único caso conhecido é o de um outro João de Macedo que, segundo alguns nobiliários, seria natural de Ponte de Lima ou de Ponte da Barca e pai dum magistrado licenciado da primeira metade do séc. XVI, António de Macedo. Este último foi enviado como corregedor dos Açores em Abril de 1521, nomeado ouvidor da Índia em 1530 e mais tarde desembargador. Teria nascido por isso cerca de 1495 ou um pouco antes, o que torna admissível que seu pai houvesse nascido na década de 60 do séc. XV. Cronologicamente poderia pois ser o mesmo João de Macedo que recebeu ordens menores em 1476. Mas parece, mesmo assim, pior candidato do que o abade de S. Clemente de Basto. É que este veio a ser clérigo (quando nenhum genealógico indica tal qualidade para o pai do licenciado António de Macedo). Se não fosse ele o da matrícula de 1476, ficaria a faltar – caso anómalo – a sua matrícula em ordens menores em Braga. Além disso, Ponte de Lima (ou Ponte da Barca, local da naturalidade indicado por Alão de Morais para o pai do licenciado) é pior hipótese, porque mais distante, do que a de Montelongo, para morada dos pais dum abade de S. Clemente de Basto.

Ora, como se não sabe da existência, na época, de mais pessoas com o nome *João de Macedo*, então é de concluir que o da hipótese B era mesmo o que viria a ser abade de S. Clemente de Basto.

9.3 – De quem era filho João Gonçalves de Macedo?

Uma vez aceite a hipótese B, logo outra dúvida se lhe segue: de quem era filho o João Gonçalves de Macedo que foi pai do dito abade?

9.3.1 – Dum abade de Alcobaça?

Em alguns genealógicos seiscentistas lê-se que

João Gonçalves de Macedo seria filho dum abade de Alcobaça²⁵³.

A hipótese é bastante inverosímil. Os abades de Alcobaça eram figuras de grande relevo nos sécs. XIV e XV. Tinham estatuto comparável ao dos bispos. Conhecem-se os seus nomes e as suas biografias:

- D. João de Ornelas (29 de Outubro de 1385 a Abril de 1414)
- D. Frei Gonçalo (Maio a Setembro de 1414)
- D. Frei Fernando de Quental (1414-1417)
- D. Estevão de Aguiar (1431-1446)
- D. Frei Gonçalo de Ferreira (1446-1460)²⁵⁴.

O certo é que de nenhum destes abades consta que houvessem ficado filhos. E, de resto, se um homem não completamente anónimo, escudeiro e juiz dos órfãos em meados do séc. XV, fosse filho dum deles, tal filiação teria sido objecto de alguma notícia concretizada, bem conhecida e definida, não de um mero e vago *diz-se diz-se* despersonalizado, e para mais só referido cerca de dois séculos depois. Constaria de algum documento da época. E provavelmente ele próprio, abade, teria obtido quaisquer vantagens para a vida do seu bastardo, atribuídas por si próprio ou conseguidas por via da sua influência, se é que não teria obtido carta de legitimação régia. É sobretudo absurdo que dos nobiliários ou relações genealógicas nunca tenha constado a identidade do abade em causa, que era nada menos do que o de Alcobaça.

Como explicar então a sugestão de alguns genealógicos de que João Gonçalves de Macedo seria filho dum abade de Alcobaça?

É natural que tal afirmação exprimisse a consciência de alguns linhagistas melhor informados, de que as genealogias que corriam continham muitos erros e fantasias e que omitiam a verdade da existência dum abade na ascendência varonil deste. Só que tal abade não era o de Alcobaça, personagem de enorme relevo no Portugal de então, único no seu estatuto grandioso, mas sim um simples abade de colegiada do norte, como muitos outros. Neste caso, para mais, um *abade de Basto*, isto é, um abade de

253. No nobiliário de vários autores, datável de cerca de 1670, B. Ajuda, manuscrito 50-IV-8, fl. 278, diz-se que Filipa de Macedo, mãe do 1º Conde de Vimioso, «era *mulher* muito nobre, *filha* de João *Gonçallves* de Maçedo (o qual, segundo dizem, era filho de hum abbade de Alcobaça)»; no códice, do mesmo século, intitulado *Linhagens de Portugal*, manuscrito 50-IV-3, a fls. 81 e segs, lê-se que «o dom Abbade encomendatario de Alcobaça ouve filho a João Gonçalves de Maçedo»; o próprio MORAIS, Alão de, escreve (ob. cit., volume I, p. 17, nota 10): «Dizem alguns que este João Gonçalves era fº de um Abade de Alcobaça; é mais certo».

254. Para este elenco destes abades de Alcobaça e para a sua biografia segui SANTOS, Frei Manuel dos, *Alcobaça Illustrada*, Primeira Parte, Officina de Bento Seco Ferreyra, Coimbra, 1710, pp. 209 a 286.



uma das igrejas das terras de Basto. A palavra *Basto* tem alguma proximidade fonética com *Alcobaça*. Poderia essa proximidade, junta com a ideia, que depois se formou, de que abades eram apenas os dirigentes de mosteiros, ter levado os autores que procuraram corrigir a errônea ascendência atribuída aos Sousas de Macedo, a cujos ouvidos tivesse chegado algum vago conhecimento do abade João de Macedo, à inclusão dum hipotético *abade de Alcobaça* nessa ascendência.

Mas tal correcção de erro estava, também ela própria, errada. O abade (aparentemente o de Basto) não seria o pai de João Gonçalves de Macedo, mas sim o seu filho. Além do que não era o cistercense abade de Alcobaça, senão presbítero secular a quem fora confiada uma igreja e a sua colegiada, na região de Basto.

E também deve ter contribuído para a confusão o facto de João Gonçalves de Macedo ter sido filho do prior dum mosteiro, como adiante sustentarei. Só que não era o de Alcobaça, mas sim um outro, mais modesto – o de Santo Estêvão de Vilela.

9.3.2 – Parentesco com Pedro da Cunha Coutinho, senhor de Celorico de Basto?

Num nobiliário do séc. XVII, cujo autor não está identificado, lê-se que João Gonçalves de Macedo parecia ser primo coirmão de Pedro da Cunha Coutinho, senhor de Celorico e acima referido, pois tal constava de uma carta registada na Câmara de Celorico em que este o fazia seu ouvidor de todas as suas terras de Basto, Montelongo e Penaguião e lhe encomendava seus reguengos²⁵⁵. Esta informação foi copiada por outros genealógicos²⁵⁶.

Não consegui localizar a dita carta. Mas os termos em que é mencionada – nomeadamente sem transcrição do trecho em questão – obrigam a opor grande cepticismo a tal interpretação do seu texto, nomeadamente quanto ao hipotético reconhecimento do parentesco tão próximo por Pedro da Cunha Coutinho. Porventura, o que este teria indicado era apenas que João Gonçalves fora ouvidor em terras de Basto e de Montelongo.

Além de tudo o mais, para que João Gonçalves fosse primo coirmão de Pedro da Cunha Coutinho seria preciso que ele ou a sua mulher fossem filhos

dum irmão ou irmã de algum dos pais ou sogros de Pedro da Cunha Coutinho. Por aquilo que razoavelmente se sabe, não era esse o caso.

Pedro da Cunha Coutinho era filho de Fernão Coutinho e D. Maria da Cunha, senhores de Basto, neto paterno do marechal do reino, Gonçalo Vaz Coutinho, e D. Leonor Gonçalves de Azevedo, e neto materno de Fernão Vasques da Cunha, senhor de Basto e D. Branca de Vilhena. E não sei de qualquer notícia nos nobiliários ou em documentos coevos, que permitisse identificar algum irmão ou irmã, mesmo bastardos, daquele Fernão Coutinho ou de D. Maria da Cunha, que pudesse ser plausivelmente pai ou mãe de João Gonçalves de Macedo ou de sua mulher Isabel Gomes Rebelo.

E o mesmo se passa com a mulher de Pedro da Cunha Coutinho, que era D. Brites de Vilhena, filha de Rui de Sousa, senhor de Beringel, e de sua 2ª mulher D. Branca de Vilhena, neta paterna de Martim Afonso de Sousa, senhor de Mortágua e de Violante Lopes de Távora, e neta materna de Martim Afonso de Melo e de D. Margarida de Vilhena.

Finalmente se, como adiante proponho, João Gonçalves de Macedo morreu em 1468, não poderia ter sido nomeado ouvidor das terras de Basto por Pedro da Cunha Coutinho, visto que, naquele ano o senhor de tais terras era ainda Fernão Coutinho.

João Gonçalves de Macedo (tal como sua mulher Isabel Gomes Rebelo) não era manifestamente filho de um(a) Coutinho nem Cunha.

9.3.3 – O verdadeiro pai de João Gonçalves de Macedo

O doutor António de Sousa de Macedo dizia-se 4º neto por varonia de Diogo Gonçalves de Macedo e 5º neto de Martim Gonçalves de Macedo²⁵⁷, mas tal testemunho não pode ser aceite nesses termos. Pelo menos aquele grau de parentesco é errado, já que sendo, como está provado, trineto por varonia do abade João de Macedo, então era por varonia 4º neto de João Gonçalves de Macedo, e não do referido Diogo.

João Gonçalves de Macedo vivia, com a mulher, como se viu, em Santa Ovaia de Montelongo. Ora, por mercê de 5 de Setembro de 1450, um escudeiro criado de Fernão Coutinho, chamado *João Gonçal-*

255. *Linhagens de Portugal*, de autor não identificado, manuscrito 50-IV-3 da Biblioteca da Ajuda, fl. 82.

256. P. ex. ATAÍDE, Manuel de Carvalho e, *Famílias de Portugal, nobiliário manuscrito*, vol. 8, B.N.L. Pombalina, nº 352, fl. 13.

257. MACEDO, António de Sousa de, *Flores de Espanha*, cit., p. 184



ves, recebeu do rei o cargo de juiz dos órfãos do julgado de Montelongo, por «ser bõo escudeiro e direito e tal que mereça aver o dito officio». Na base da escolha estava o pedido do dito Fernão Coutinho e de sua mulher²⁵⁸.

Vimos já quem era este Fernão Coutinho – um dos filhos do marechal Gonçalo Vaz Coutinho. E vimos também que, por via da mulher, ele recebera o senhorio de Basto e Montelongo.

Sucedede que, pouco depois, um *João Gonçalves de Maçada*, escudeiro do dito Fernão Coutinho, foi feito coudel de Montelongo, Padraído e Vila Boa, por carta régia de 1 de Abril de 1451²⁵⁹.

Trata-se evidentemente do juiz dos órfãos que acabei de mencionar.

A tal não deve obstar que o coudel apareça com o apelido de “*Maçada*”. Não me parece aqui significativa a discrepância em relação a “*Macedo*”. A distância de espaço e de tempo em relação ao lugar de *Maçada*, junto de Oliveira de Azeméis, e àqueles que aí tinham terras e usaram tal distintivo geográfico aquando das inquirições de D. Dinis, torna muito improvável que este apelido de João Gonçalves se referisse a esse lugar. Pelo contrário o facto de um dos filhos e outros descendentes próximos se denominarem de “*Macedo*” inculca que era esta última a forma própria do apelido e que a ortografia da chancelaria deva ser, nesse particular, considerada errónea, por mal copiado o nome, ou mal ouvido.

Penso poder assentar, portanto, em que João Gonçalves, juiz dos órfãos e das sisas e coudel de Montelongo, era já conhecido por João Gonçalves de Macedo em meados do séc. XV.

E que ele era o pai do abade João de Macedo.

Há, é certo, uma objecção possível à identificação de João Gonçalves de Macedo com o dito juiz dos órfãos. É que este último morreu pouco tempo antes de 2 de Agosto de 1468, data em que foi feita a primeira carta de nomeação do seu sucessor no cargo, na qual se diz que é

«*assi e pella guisa que o era João gomçallvez que os ditos officios tynha e se ora fynou*»²⁶⁰.

Deste modo, quando Martim Rebelo e João de Macedo tomaram ordens menores, em 1476, já o

dito João Gonçalves teria morrido cerca de oito anos antes. E o facto é que na matrícula não se diz que o pai deles já fosse defunto.

Cumprer todavia levar em conta que, nas matrículas de ordens que então, no séc. XV, se exaravam em Braga (contrariamente ao que nessa época se praticava em Évora e, mais tarde na mesma sé de Braga), raramente era aposta a menção de defuntos à indicação dos pais que já tinham morrido. Assim, a identificação de João Gonçalves e de Isabel Gomes, na matrícula em causa, como moradores em Montelongo, não queria dizer que fossem vivos à data.

Continuo pois a entender que o pai do abade João de Macedo era o mesmo escudeiro do senhor de Basto, que foi nomeado juiz dos órfãos de Montelongo em 1450 e coudel do mesmo julgado em 1451, e morreu em 1468, no exercício daquele cargo e do de juiz das sisas. E que o dito abade teria nascido antes deste último ano, tendo recebido as ordens menores quando já era órfão.

Mas, chegados aqui, há que prestar atenção a outro documento.

Consta da Chancelaria de D. Duarte o seguinte registo, datado de 23 de Novembro de 1433:

«*Carta de legitimação de Joham gonçalluez scudeiro criado de fernam uasquez da cunha filho de gonçallo gonçalluez prior de ujllela e de catelina gonçalluez molher solteira ao tempo da nacença do dicto Joham gonçalluez*»²⁶¹.

Acontece que, como acima se viu já, este Fernão Vasques da Cunha era senhor de Basto e Montelongo, pai de D. Maria da Cunha mulher de Fernão Coutinho, que sucederam em tal senhorio depois de o dito Fernão Vasques da Cunha ter morrido em 1437.

Tudo indica pois tratar-se do mesmo João Gonçalves, também escudeiro e criado de Fernão Coutinho que, por diligência deste e de sua mulher, recebeu em 1450 o officio de juiz dos órfãos do julgado de Montelongo, que aí foi juiz das sisas e que em 1451 obteve o officio de coudel do mesmo julgado. E, assim, o mesmo que, vivendo em Santa Ovaia de Montelongo, foi pai do futuro abade de S. Clemente de Basto João de Macedo.

O pai de João Gonçalves, Gonçalo Gonçalves,

258. Chancelaria de D. Afonso V, livro 11, fl. 151v.

259. Chancelaria de D. Afonso V, livro 11, fl. 23.

260. Chancelaria de D. Afonso V, livro 28, fl. 66v; ver uma segunda carta da mesma nomeação, idêntica, passada em 27 de Março de 1469, em ibidem, livro 31, fl. 9.

261. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, p. 71.



identificado como “prior de Vilela”, era prior do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, concelho de Paredes, então vinculado aos cónegos regrantes de Santo Agostinho integrados em Santa Cruz de Coimbra.²⁶² E sabe-se que obteve em 26 de Fevereiro de 1428 o priorado conventual de Santo Estêvão de Vilela, quando era cónego regrante no mosteiro de S. Martinho de Caramos²⁶³, situado numa freguesia do concelho de Felgueiras²⁶⁴.

Estes cenóbios, especialmente o de Caramos, não são muito distantes de Montelongo e da terra de Basto.

Aparentemente, terá sido o mesmo “clérigo de missa de Amarante”, que já obtivera em 16 de Maio de 1421, carta régia de legitimação de sua filha Maria Gonçalves, havida em Senhorinha Anes, mulher solteira²⁶⁵.

Tudo se passava pois na mesma região.

Deve por isso dar-se como provado que o pai de João Gonçalves de Macedo era cónego regrante de Santo Agostinho, que viveu primeiramente no mosteiro de Caramos e que, à data em que esse seu filho foi legitimado por carta régia, era prior do mosteiro de Vilela.

Notem-se ainda duas coincidências que talvez possam ser significativas.

O pai de Fernão Vasques da Cunha fora, como tive já ocasião de dizer, Gil Vasques da Cunha, a quem D. João I muito considerava e tratou com grande liberalidade, uma vez que, para obter o seu regresso de Castela a Portugal, lhe restituiu e doou vastas terras, entre as quais Basto e Montelongo. Ora uma das restituições que lhe fez foi, em 27 de Maio e 1 de Junho de 1402, a de Pena Roia, em Trás-os-Montes (actual Penarroias), a qual lhe pertencera até 1399²⁶⁶.

Sucede que a alcaidaria do castelo de Pena Roia fora dada por D. Fernando I a Martim Afonso de Seixas. E, como este tivesse tomado partido contrário na crise de 1383-85, o nosso D. João I, uma vez rei vitorioso, deu a Martim Gonçalves de Macedo todos os bens, móveis e de raiz que lhe haviam pertencido.

Este último, portanto, teria recebido o dito castelo; e a povoação pertenceria, pelo menos cerca de duas décadas depois, a Gil Vasques da Cunha, senhor também de Basto e Montelongo. Teria isto alguma coisa que ver com o facto de um possível neto paterno de Martim Gonçalves de Macedo, o escudeiro João Gonçalves de Macedo, ser criado do filho sucessor de Gil Vasques (Fernão Vasques da Cunha)?

Outra coincidência: este João Gonçalves de Macedo, como atrás se viu, foi legitimado por carta régia de 1433 e era, nessa data, escudeiro criado de Fernão Vasques da Cunha. Sua provável irmã consanguínea, Maria Gonçalves, filha também do clérigo Gonçalo Gonçalves, fora legitimada em 16 de Maio de 1421, como também se disse já. Ora Fernão Vasques da Cunha recebera o senhorio de Basto e Montelongo em 11 de Abril deste ano, que tinha sido de seu pai «que Deus prouvera levar deste mundo»²⁶⁷. E efectivamente, como atrás disse, Gil Vasques da Cunha morrera em Janeiro de 1418.

Será que uma vez intitulado na posse das terras de que seu falecido pai fora donatário, Fernão Vasques da Cunha tratara de favorecer o dito clérigo, tomando para o seu serviço o filho deste e curando de obter do rei a legitimação da filha e, dois anos depois, a do dito filho?

São duas hipóteses prima facie admissíveis. E, a terem fundamento, contribuiriam para confirmar o nexos entre o herói de Aljubarrota e João Gonçalves de Macedo, e mesmo com o pai deste, o cónego Gonçalo Gonçalves. Além do que seriam importantes para explicar a deslocação dos últimos, de Trás-os-Montes para a vizinha região de Basto e Montelongo.

9.3.4 – O fantasioso amuo de João Gonçalves de Macedo

Os genealógicos do passado disparataram abundantemente, ao tratarem dos Macedos anteriores ao séc. XVI. Além das variadas confusões e erros de nomes, apontaram maioritariamente João Gonçalves de Macedo como sendo o filho mais velho de

262. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, e outros, *Ordens ... etc. cit.*, p. 183.

263. MARQUES, José, *A Arquidiocese ... etc. cit.*, p. 758; ver a súplica respectiva publicada em *Monumenta Portugaliae Vaticana, IV, Súplicas do Pontificado de Martinho V*, por COSTA, António Domingues de Sousa, Livraria Editorial Franciscana, Braga, 1970, pp. 284-285.

264. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, e outros, *Ordens ... etc. cit.*, p. 187.

265. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 1, p. 133.

266. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. III, tomo 1, pp. 71-73.

267. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 1, pp. 84-85.



Diogo Gonçalves de Macedo, acrescentando alguns que, ao contrário do que seria de esperar, ele ou seu filho (um tal Aires Gonçalves de Macedo) não teriam sucedido nos bens da Coroa, que vieram a ser do dito Diogo, apesar de primogénitos. E apontam para tal razões de escassa verosimilhança.

Sugerem que um deles se teria desgostado pelo facto de Filipa de Macedo, que seria irmã de Aires, ter sido manceba de D. Afonso, filho do Marquês de Valença, e de ao casamento se terem oposto sucessivamente os reis D. Afonso V e D. João II. Segundo tão esdrúxula teoria, o tal Aires Gonçalves de Macedo, melindrado, ter-se-ia afastado da Corte, prescindindo dos bens da Coroa, dos quais seria ele o presumível sucessor de seu pai²⁶⁸.

Não merece qualquer crédito tal versão, à qual visivelmente subjaz uma ideia errada, eivada de grandeza excessiva, sobre o *status* destes Macedos. Na verdade, naquelas circunstâncias, seria pouco expectável um casamento de D. Afonso, filho único do filho primogénito do Duque de Bragança, com alguém de fora da família real. E muito menos com donzela que não pertencesse a família de grandes do reino e que nem por *Dona* fosse tratada. E mesmo que tivesse havido a suposta oposição régia, tal seria perfeitamente natural e nunca ofensivo para a família dela. Ninguém tinha razões para se sentir ofendido por causa dessa oposição.

Seria também demasiado quixotesco que a reacção de desagrado do irmão da donzela fosse pôr de parte a expectativa sólida de vir a herdar bens da Coroa, e afastar-se da corte. Ainda se tivesse sido a de abandonar os bens terrenos para ingressar numa ordem mendicante, poderia haver alguma plausibilidade. Mas tomar tais atitudes tão magoadas para diminuir deliberadamente o seu próprio *status* até a condição de mero escudeiro e juiz da província, é que entra no domínio do absurdo.

Acresce que já o pai de D. Afonso se recusara a casar com a mãe deste, D. Brites de Sousa²⁶⁹. E esta era nada menos do que filha de Martim Afonso de Sousa (bastardo do homónimo 2º senhor de Mor-tágua) e de sua mulher Violante de Távora, filha do senhor de Mogadouro, tudo gente da categoria dos grandes do reino. Ou seja: D. Afonso, pai, namorava a sobrinha, que tinha o mesmo nome da tia. D. Afonso, filho desse namoro, namorava a bisneta da tia. Ambas as namoradas viam frustrada a expecta-

tiva de casarem com o respectivo namorado. É demasiada coincidência...

Aquela versão sobre a atitude de inconformismo de João Gonçalves de Macedo, com esses antecedentes, mostra-se assim despropositada, inculca um *déjà vu*, e faz suspeitar de que se tratasse de confusa transposição para uma geração seguinte, aliás alimentada pela transposição abusiva do nome de D. Brites de Sousa para a suposta mulher de Martim Gonçalves de Macedo, como acima referi.

De resto, se João Gonçalves de Macedo morreu, como presumo, em 1468, não poderia ter amuado e saído da corte por causa da oposição de D. João II ao casamento de D. Afonso com sua irmã, uma vez que nesse ano o “Príncipe Perfeito” tinha apenas 13 anos e só começou a reinar mais de uma década depois.

Mas a hipótese de o amuado ter sido o tal Aires Gonçalves de Macedo (que os genealógicos julgavam filho dele e portanto contempóaneo de D. João II) também não pega, porque Aires não era filho de João Gonçalves de Macedo, como adiante se verá, mas sim de um outro abade de S. Clemente de Basto, chamado Diogo Gonçalves. E mesmo que este último fosse filho de João, como julgo provável, não poderia ter ambições a suceder nos bens da Coroa pois era abade e o dito Aires comprovadamente filho ilegítimo.

A invenção terá, segundo julgo, uma causa à vista. É que os genealógicos terão confundido este Diogo Gonçalves com o outro Diogo Gonçalves de Macedo, senhor de Sanceriz. E então não achavam explicação para que não tivesse sido o seu filho Aires a suceder nos referidos bens. Ignoravam que o Diogo Gonçalves que tinham achado como pai de Aires era outro homónimo e por sinal clérigo.

9.3.5 – Tentativa de precisão cronológica

Importa, nesta fase da pesquisa, tentar uma aproximação à cronologia respeitante a estas personagens.

Gonçalo Gonçalves, pai de João Gonçalves de Macedo, deve ter nascido vários anos antes de 1400, pois obteve o priorado do mosteiro de Vilela em 1428, quando era já cónego regente do mosteiro de Caramos.

À mesma conclusão se chega quando se leva em conta a idade provável do dito seu filho.

268. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 18, que remete, no entanto, sibilamente, para um desacreditador “dizem”.

269. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica ...*, etc. cit., tomo X, 1943, p. 316.



Com efeito, João Gonçalves de Macedo não deve ter nascido depois de 1415, visto que, à data da carta régia da sua legitimação (1433) era já escudeiro do senhor de Basto. E, para ser nomeado juiz dos órfãos de Montelongo em 1450, teria certamente neste último ano mais de 30 anos.

Por outro lado, Martim Rebelo e João de Macedo, filhos de João Gonçalves de Macedo, teriam nascido entre 1461 e 1468, pois as ordens menores eram então usualmente conferidas entre os 7 e os 15 anos de idade e parece ter o pai de ambos morrido o mais tardar em Agosto de 1468.

O herói de Aljubarrota Martim Gonçalves de Macedo morreu em 1425, ou mesmo antes.

De Diogo Gonçalves de Macedo, seu filho sucessor, sabe-se que em 1425 já tinha casado e era criado e camareiro de D. João I, e que morreu entre 1474 e 1479. Decerto não teria, portanto, nascido muito depois nem muito antes de 1400.

A este Diogo Gonçalves de Macedo sucedeu seu filho Henrique de Macedo²⁷⁰, o que foi declarado tanto por D. Afonso V como por D. Manuel I²⁷¹. Henrique recebeu em 1464 uma tença de 4800 reis como bolsa de estudo²⁷². Em 1469 era moço-fidalgo da Casa Real e em 1474 escudeiro-fidalgo dessa Casa²⁷³. Teria pois nascido, com toda a probabilidade, não antes de 1450 nem depois de 1455. Se assim não fosse, teria sido moço-fidalgo com menos de 14 anos, ou acrescentado a escudeiro-fidalgo com mais de 20 anos, o que parece pouco aceitável à face do regimento do mordomo-mor então em vigor²⁷⁴.

João Gonçalves de Macedo podia cronologicamente ser irmão do referido Diogo Gonçalves de Macedo.

Filho deste é que ele não era, como se verifica agora pela prova produzida. Nisso falharam quase todos os genealógicos que a ele aludem.

Ainda que não fosse identificado, como por mim foi, como filho do prior Gonçalo Gonçalves, dificilmente a cronologia permitiria que tivesse sido filho de Diogo Gonçalves de Macedo. De resto, mesmo

que o fosse (ao arrepio de toda a evidência), nunca seria da mesma mãe que Henrique de Macedo. Isto porque seria pouco provável que uma mesma mãe tivesse gerado um filho antes de 1425 e outro em 1449 ou depois.

E é de todo inadmissível que fosse mais novo do que este último, que nasceu em meados do século.

9.3.6 – O dom prior Gonçalo Gonçalves, pai de João Gonçalves de Macedo

João Gonçalves de Macedo não era filho, nem mesmo extramatrimonial, de Diogo Gonçalves de Macedo. Nem sequer era irmão. Seu pai fora o prior do mosteiro de Vilela, Gonçalo Gonçalves.

E quem seria então o pai do prior? Martim Gonçalves de Macedo?

As dúvidas atingem aqui o seu ponto mais decisivo. É que se Gonçalo Gonçalves não foi filho deste, torna-se impossível que o Dr. António de Sousa de Macedo fosse, como ele próprio reivindicava, descendente por varonia do herói de Aljubarrota. Repare-se que, como acima e adiante se vê, considero provada a linha varonil ascendente do grande estadista da Restauração, até o 5º avô, conforme o seguinte esquema:

doutor António de Sousa de Macedo, filho do
desembargador Gonçalo de Sousa de Macedo,
filho do
licenciado Francisco de Macedo, filho do
juiz das sisas Gaspar de Macedo, filho do
abade João de Macedo, filho do
juiz das sisas João Gonçalves de Macedo, filho do
prior de S.to Estêvão de Vilela Gonçalo Gonçalves.

Este Gonçalo Gonçalves não podia cronologicamente ser neto mas, na linha recta, tão só filho, de Martim Gonçalves de Macedo.

Será que o era?

270. Como muito bem notou FREIRE, Braamcamp, *As sepulturas ... etc.* cit., p. 30, contra a maior parte dos genealogistas dos sécs. XVII e XVIII.

271. Veja-se a carta régia de 1482-06-08, na Chancelaria de D. Manuel I, livro 27, fl. 56.

272. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 313v, MORENO, Humberto Baquero, *Um aspecto da política cultural de D. Afonso V: a concessão de bolsas de estudo, separata*, Lourenço Marques, 1970, p. 34, e SILVA, Maria João Oliveira e, “Bolseiros e bolsas de estudo no tempo de D. Afonso V”, *Os Reinos Ibéricos na Idade Média*, Livro de homenagem ao Professor Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno, vol. III, Livraria Civilização, Porto, 2003, p. 1102.

273. “Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Afonso o V”, SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc.* cit., pp 46 e 51.

274. No regimento da Casa de D. Afonso V que em 1465 estava em poder do seu mordomo-mor, estabelecia-se que os moços-fidalgos fossem ao menos de 12 anos, os moços de câmara de 14, e os escudeiros não menos de 20, como se vê da resposta às Cortes da Guarda de 25 de Agosto daquele ano (Torre do Tombo, Coleção de Cortes, II, 148v).



O nome admite-o, apesar de o patronímico do prior não ser *Martins*.

Isto porque o filho sucessor de Martim, abundantemente documentado – Diogo Gonçalves de Macedo – usou o mesmo patronímico do pai, já fixado. Tal prática poderia, assim, ter sido seguida também quanto a um irmão.

Por outro lado, o prior de Vilela chamava-se Gonçalo, que era o *praenomen* do pai de Martim, e tal corresponde à prática corrente de pôr a um filho o nome do avô paterno.

Acresce que um dos filhos de João Gonçalves de Macedo se chamou *Martim*, nome que poderia ser o do bisavô paterno, como ao longo dos tempos também muitas vezes aconteceu em Portugal.

A cronologia levanta porém algum embaraço.

Atrás estimei que João Gonçalves de Macedo não deveria ter nascido depois de 1415.

E que Diogo Gonçalves de Macedo não terá nascido muito antes de 1400. Mas o prior Gonçalo Gonçalves, para ter tido um filho nascido em 1415, ou mesmo antes, não deveria por sua vez ter nascido depois de 1395.

Seria por isso mais velho do que Diogo Gonçalves de Macedo. A menos que este último houvesse nascido em 1394 ou antes. Mas isso é pouco verosímil, uma vez que teve um filho – que veio a suceder-lhe – não antes de 1450 e porque morreu entre 1474 e 1479.

E no entanto Diogo Gonçalves de Macedo, e não o prior Gonçalo Gonçalves, é que foi sucessor de Martim Gonçalves de Macedo.

Nestes pressupostos, o prior Gonçalo Gonçalves só poderia ser filho do herói de Aljubarrota:

- se era ilegítimo, sendo Diogo Gonçalves de Macedo legítimo, ou
- se foi preterido ou renunciou à sucessão a seu pai nos bens da Coroa (o que poderia ter acontecido por ser cônego regrante de Santo Agostinho).

9.3.7 – O abade Diogo Gonçalves (de Macedo)

Há, como anunciei, outros dados que importa conhecer.

Em 16 de Abril de 1446 tomou ordens menores em Braga um Diogo Anes, filho de João Gonçalves e de Isabel Gonçalves, que viviam em S. Gens, que é freguesia de Montelongo (hoje Fafe)²⁷⁵.

Nessa época, o escrivão destes registos aplicava ainda aos jovens ordinandos o patronímico correspondente ao nome próprio do pai. *Anes* significava tão só que era filho de João. Mas, posteriormente o patronímico que passou a usar foi o mesmo usado pelo pai (*Gonçalves*)²⁷⁶.

Recebeu na referida diocese ordens de epístola em 21 de Setembro de 1454²⁷⁷, de evangelho em 1 de Março de 1455²⁷⁸, e de missa em 21 de Março seguinte²⁷⁹. Em todos esses registos figura como *Diogo Gonçalves*.

Em 21 de Setembro de 1454 já era abade de S. Clemente²⁸⁰ de Silves²⁸¹, local do mesmo concelho de Fafe. Em 23 de Dezembro de 1466, sendo abade de S. Clemente, recebeu confirmação

*«da dita egreja de sam cremenço terra de basto com sua anexa santa vaya de gutim terra de Guimarães pelo arcebispo, dom fernando aa sua presentaçom e da dita sua egreja de bragua por ametade e pella outra metade aa presentaçom, de dieguo Lopes d'Azevedo e de fernã de Sousa erdeiros de dieguo Gonçallves de Crasto e de martim Afonso Botelho como padroeiros por ella»*²⁸².

Mostrou ainda

*«anexaçom perpetua da dita egreja de santa vaya de guntim de terra de basto aa dita de sam cremenço pelo arcebispo dom fernando de consentimento de seu cabydo e a dita santa vaya segunda na anexaçom faz mençom he insolido da apresentaçom da dita de sam Cremenço»*²⁸³.

275. *Matrículas dos ordinandos ...* etc. cit., p. 73, e A. D. Braga, Livro 321 do Registo Geral, Livro 3 de Mostras, fl. 85v.

276. O que inculca que havia nesta gente uma especial estimação pelo patronímico *Gonçalves*.

277. *Matrículas dos ordinandos ...* etc. cit., p. 232, e A. D. Braga, Livro 321 do Registo Geral, Livro 3 de Mostras, fl. 85v.

278. *Matrículas dos ordinandos ...* etc. cit., p. 236, e A. D. Braga, Livro 321 do Registo Geral, Livro 3 de Mostras, fl. 85v.

279. *Matrículas dos ordinandos ...* etc. cit., p. 242.

280. *Clemenço* era forma antiga de *Clemente*.

281. *Matrículas dos ordinandos ...* etc. cit., p. 232.

282. A. D. Braga, Livro 321 do Registo Geral, Livro 3 de Mostras, fl. 85v, e Livro 322 do Registo Geral, Livro 4 de Mostras, fl. 404.

283. A. D. Braga, Livro 321 do Registo Geral, Livro 3 de Mostras, fl. 85v.



Parece assim de entender que a igreja de S. Clemente, de que ele era abade, fora primeiro a de Silvares e depois a de Basto.

Sabe-se que, de mulher solteira, teve pelo menos um filho, que se chamou Aires Gonçalves de Macedo.

Este, em fins de 1490 ou princípios de 1491, foi dispensado pelo papa Inocêncio VIII, do defeito de nascimento, visto que era filho dum presbítero e solteira²⁸⁴.

Recebeu ordens menores em Braga em 15 de Junho de 1492²⁸⁵.

Foi provido na igreja de S. Miguel de Cacerelhe em 27 de Fevereiro de 1493²⁸⁶.

Em 22 de Fevereiro de 1494 tomou ordens de epístola em Santo Estêvão de Salamanca. Em 22 de Dezembro de 1499 recebeu dispensa do papa Alexandre VI, para tomar todas as ordens e ter benefícios, com dispensa de dois incompatíveis. Em 21 de Dezembro de 1499 tomou ordens de diácono e, no dia seguinte, de presbítero, ambas em Roma²⁸⁷. Foi nesse mês mandado prover pelo mesmo papa na igreja de S. Clemente de Basto²⁸⁸. Ainda era abade de S. Clemente de Basto em 20 de Novembro de 1537²⁸⁹.

Ora estas duas personagens, Diogo Gonçalves e Aires Gonçalves de Macedo, são nomeadas por genealógicos seiscentistas e setecentistas e por eles incluídas nos Macedos nos quais entronca o Dr. António de Sousa de Macedo.

Alão de Morais, p. ex., aponta este Aires Gonçalves de Macedo como filho do dito Diogo Gonçalves, abade de S. Clemente de Basto (o que está provado), e afirma que ele estudou em Itália, veio a ser depois abade também da dita igreja e vigário geral do bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, esclarecendo: «como me constou de uma sentença sua, que vi, em que se chama bacharel em degredos»²⁹⁰.

Não ponho em causa que tivesse sido vigário geral do Bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, pois por seu mandado foi tirado traslado duma bula papal em 1514²⁹¹.

Para os genealógicos, o João Gonçalves marido de Isabel Gonçalves, pais do referido Diogo Gon-

çaves, era o mesmo João Gonçalves de Macedo, abundantemente mencionado acima, também progenitor dos abades João de Macedo e Martim Rebelo de Macedo.

Será certa essa identificação?

Admito que sim.

Desde logo porque estamos a falar duma região muito restrita, em que os topónimos citados se situam entre si a menos de 20 km.

Depois porque, com toda evidência, o apelido *Macedo*, foi documentadamente usado pelo dito Aires Gonçalves de Macedo, que era provadamente filho daquele abade Diogo Gonçalves.

Só a cronologia suscita dificuldades.

Na verdade, Diogo nasceu provavelmente em 1431 ou 1432, visto que, salvo casos excepcionais, não se tomavam ordens menores com mais de 15 anos de idade, nem ordens de epístola com menos de 22 anos.

E, se assim é, seria 30 anos mais velho que seus propostos irmãos João de Macedo e Martim Rebelo de Macedo.

Decerto não eram pois, um e outros, filhos da mesma mãe.

Aliás, a mãe de Diogo era Isabel Gonçalves, ao passo que era Isabel Gomes a mãe de João e Martim. Não há qualquer indicação de que o *Gonçalves* fosse erro, por *Gomes*. Tanto mais quanto o pai de Isabel Gomes, o abade Gomes Rebelo, foi, com vários irmãos como atrás se viu, legitimado por carta régia de 1422, pelo que não era certamente avô materno do Diogo Gonçalves nascido em 1341 ou 1432.

Poderiam porém as mães ser diferentes, e ambas mulheres legítimas do mesmo João Gonçalves de Macedo.

Alguns genealógicos apontam outra 1ª mulher a João Gonçalves. Mas trata-se de Florinda da Cunha, filha dum letrado francês.

Isso obriga a admitir que João Gonçalves tenha casado três vezes, sem esquecer que a suposta 1ª mulher, a dita Isabel Gonçalves, é omissa em todos os autores. Mas que haja feito três casamentos, posto que menos frequente, não se afigura impossível.

284. Livro 322 do Registo Geral, Livro 4 de Mostras, fl. 404.

285. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 5, fl. 40.

286. A. D. Braga, Livro 322 do Registo Geral, Livro 4 de Mostras, fl. 404, e Livro 331, Livro de Confirmações, fl. 76.

287. A. D. Braga, Livro 323 do Registo Geral, Livro 5 de Mostras, fl. 236.

288. A. D. Braga, Livro 323 do Registo Geral, Livro 5 de Mostras, fl. 236v.

289. *Ibidem*.

290. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 21.

291. BRANDÃO, Frei Francisco, *Quinta Parte da Monarchia Lusitana*, Officina de Paulo Craesbeck, Lisboa, 1650, p. 274.



Contudo é conveniente alguma afinação cronológica. Se Diogo Gonçalves nasceu, como se estima, em 1431 ou 1432, seu pai, João Gonçalves, decerto não poderia ter nascido muito depois de 1410. Atrás sustentei que João Gonçalves de Macedo não haveria de ter nascido depois de 1415. Posso contudo recuar um pouco mais essa data-limite para cerca de 1412.

E a verdade é que não acho melhor razão que explique o apelido *Macedo*, que apareceu no filho de Diogo Gonçalves – Aires Gonçalves de Macedo – como acima se viu, assim como o uso de alguns nomes próprios de descendentes destes iguais aos de descendentes do abade João de Macedo.

Note-se outrossim que tanto *Diogo* como *Aires* eram nomes próprios relacionados com o herói de Aljubarrota Martim Gonçalves de Macedo.

Diogo era o filho sucessor, que foi camareiro do Rei.

E Aires era o nome dum tio direito, clérigo e, talvez também dum primo direito do mesmo Martim.

Embora não inteiramente seguro, proponho portanto que o abade Diogo Gonçalves, tal como os abades João de Macedo e Martim Rebelo de Macedo, fosse filho do aludido João Gonçalves de Macedo.

9.3.8 – O dom prior Gonçalo Gonçalves e Martim Gonçalves de Macedo

Mas voltemos a este último e à possibilidade de seu pai – o prior Gonçalo Gonçalves – ser filho de Martim Gonçalves de Macedo.

Importa levar em conta que os linhagistas que se ocuparam da ascendência do Dr. António de Sousa de Macedo – se bem que todos tardo-seiscentistas ou posteriores – foram consensuais em atribuir a este, como antepassado varonil, o herói de Aljubarrota.

É certo que esses genealógicos erraram muito, confundindo gerações e personagens e embelezando sem fundamento tal ascendência.

Mas deve evitar-se que os erros encontrados gerem um cepticismo preconceituoso que infirme por completo tudo quanto no passado foi escrito sobre ela.

Como escreveu o grande genealogista Luiz de S. Payo, «ninguém tem o direito de a priori decretar que algumas [fontes] – claro, as particulares – são um tecido de mentiras»²⁹².

As refutações das variadas fantasias genealógicas não devem perturbar a fria objectividade. Não se justifica que, sem mais, indutivamente, se generalizem para além do seu estrito alcance.

Assim, não descortino razões para que as rectificações fossem tão longe que excluíssem a tese de os Sousas de Macedo serem descendentes por varonia de Martim Gonçalves de Macedo.

A tradição aponta para que o sejam. Convergem os linhagistas em afirmá-lo, além do próprio doutor António de Sousa de Macedo. E seria muito estranho que, se se tratasse de mera vanglória tardia disparatada, ela nunca houvesse sido questionada em pleno séc. XVII.

Relembre-se aliás que na habilitação de Marcos Ferreira de Sousa, uma das testemunhas que aí depuseram, um padre de 64 anos, afirmou que este Macedos eram dos “verdadeiros Macedos do reino”, o que dificilmente se compreenderia se eles não fossem descendentes de Martim Gonçalves de Macedo, já que João Gonçalves de Macedo não podia ser filho de nenhum dos que na sua época se sabe terem sido chefes dos Macedos (Gonçalo de Macedo²⁹³ e seu pai Fernão Esteves de Macedo²⁹⁴).

É de ponderar também o que consta duma justificação de nobreza de Baltazar de Estrada Sotomaior, feita, ao que dela consta, em 1596²⁹⁵. Nela é afirmado que uma bisavó materna desse Baltazar, Filipa de Macedo, era dos Macedos e Rebelos tidos por fidalgos e muito parentes do 1º Conde de Vimioso. Essa Filipa seria meia-irmã de Baltazar e portanto filhos ambos duma outra Filipa de Macedo, a que várias vezes tenho aludido.

Embora o mérito da justificação não seja totalmente seguro por diversas razões, entre as quais o pouco rigor destes processos a partir do último quartel do séc. XVI, e o facto de se referir a factos passados havia cerca de um século, ela traduzia a convicção de testemunhas que depunham algum

292. SÃO PAYO, Luiz de, “Experiências de investigação genealógica”, *Temas de Genealogia e de História da Família*, Porto, Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família - Universidade Moderna, 1998, p. 160.

293. Isto porque Gonçalo de Macedo, chefe dos Macedos, teve outro filho com o mesmo nome *João*, que não era o João Gonçalves de Macedo, como se viu nas matrículas de ordenações de Braga.

294. Pela onomástica da época um *João Gonçalves de Macedo* só poderia, com grande probabilidade, ser filho dum *Gonçalo* ou dum fulano *Gonçalves de Macedo*.

295. Transcrita em SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor ... etc. cit.*, pp. 48-60; e não vejo razões para duvidar da sua fiabilidade externa.



tempo antes de ter sido impulsionado o “alindamento” da ascendência dos Sousas de Macedo. Não será por isso despropositado atribuir-lhe crédito, pelo menos no que diz respeito a Macedos.

Ora a menção dos Macedos e Rebелos tidos por fidalgos, só pode significar que eles pertenciam ao mesmo ramo de Macedos em que se dera o conúbio entre João Gonçalves de Macedo e Isabel Gomes Rebela.

É certo que um investigador documentado e consciencioso como José Cardoso Borges, conhecedor como poucos das realidades passadas de Bragança e dos documentos autênticos que as revelavam, escrevia em 1721:

«nesta cidade acho a Gonçallo de Macedo, que era filho de Martim Gonçalves de Macedo, em hum acórdão da cam.ra de 1448 sendo juizes Rodrigo Affonso Gallego, e Pedro Machado, escrito em pergaminho e tem nº 19»²⁹⁶;

e mais adiante:

«Gonçallo Frz. de Macedo, que foy pai de Martim Gonçalves de Macedo o que livrou a el Rey D. João Primeiro do lance em que se viu com o Sandoval na batalha de Aljubarrota em que se acharão estes Macedos, e deo motivo aquella acção para o timbre das suas Armas, e deste Martim Glz. de Macedo era filho Gonçallo de Macedo, que vivia nesta cidade como fica mostrado»²⁹⁷.

Entendo, porém, que Borges errou ao afirmar que este Gonçalo de Macedo era filho do herói de Aljubarrota.

Com efeito, se Gonçalo de Macedo era – como tudo indica – a mesma pessoa que em 1448 era homem bom de Bragança, em 1468 escudeiro a testemunhar ali, e almoxarife do porto da mesma cidade até 1481, então era pai do fidalgo de cota de armas João de Macedo, como atrás se viu. Assim sendo, o pai do dito Gonçalo de Macedo não era Martim Gonçalves de Macedo, mas sim Fernão Esteves de Macedo, como consta da carta de armas do dito fidalgo.

Aliás sempre seria muito duvidoso, por razões cronológicas, que o herói de Aljubarrota, que nasceria certamente não depois de 1355, tivesse tido um

filho nascido depois de 1415, como devia ser o caso daquele Gonçalo de Macedo, almoxarife em Bragança ainda em 1480.

Se, portanto, Martim Gonçalves de Macedo teve um filho Gonçalo, como Cardoso Borges informa, esse não era o dito Gonçalo de Macedo homem bom de Bragança.

Fica assim em aberto a possibilidade de que seu filho Gonçalo, se o teve com tal nome, tivesse seguido a carreira eclesiástica, como cônego regrante e, em 1428, como prior do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela.

O que pode ter acontecido é que Cardoso Borges, ao encontrar em alguma fonte antiga a informação de que Martim tivesse sido pai dum *Gonçalo*, tenha *motu proprio* concluído precipitadamente que esse era o mesmo Gonçalo de Macedo que veio a ser homem bom de Bragança em 1448 e – nisso – haja errado.

Que a informação de que dispunha era lacunar e imperfeita parece evidente, já que Cardoso Borges em parte nenhuma aponta o bem conhecido Diogo Gonçalves de Macedo, camareiro do Rei, como filho comprovadíssimo de Martim Gonçalves de Macedo. Não choca supor, por isso, que tal informação fosse apenas a de que Martim tivera um filho Gonçalo.

Acresce todavia uma outra dificuldade a suscitar contra a tese dum Gonçalo Gonçalves filho do herói de Aljubarrota. É que este último se achava seguramente ligado a Bragança. Mesmo que nessa região não vivesse, julgo muito provável que seu avô paterno fosse Fernando Esteves, cavaleiro e uma das pessoas mais importantes da cidade. Ele próprio recebeu três ou quatro doações régias de bens situados na região brigantina.

Assim sendo, como iria um seu filho clérigo parar a terras já fora dos limites ocidentais da região de Basto, a Caramos e a Santo Estêvão de Vilela, ficando a descendência deste por Montelongo e S. Clemente de Basto?

É certo que o filho sucessor do herói de Aljubarrota, Diogo Gonçalves de Macedo, viveu também longe da região brigantina, em Lisboa e em Évora, como está avonde provado. Mas, há razões à vista para tal. Ele foi camareiro do rei D. Duarte e casou com uma proprietária de fartos bens na cidade alentejana.

Por outro lado – dir-se-á – não há qualquer certeza sobre o local onde vivia Martim Gonçalves de Macedo nas últimas décadas do séc. XIV.

296. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96.

297. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96v.



E nada impede que vivesse então bastante a ocidente de Bragança.

Existe uma indicação, numa crónica de autor anónimo, de que ele era de “Maçada Vilar”, isto é, de Vilar de Maçada, que hoje pertence ao concelho de Alijó²⁹⁸. No entanto, a crónica é do fim do séc. XVI e, na parte em que transcende o que vinha na crónica de Fernão Lopes, insere conteúdos manifestamente lendários, que pouco valem como fonte histórica.

Há ainda uma curiosidade a observar. No exemplar que serviu de base à reimpressão, em 2003, da obra *Flores de España*, da autoria de António de Sousa de Macedo, um seu antigo possuidor, que parece ser Diogo de Vilasboas e Sampaio, filho do célebre autor nobiliárquico António de Vilasboas e Sampaio, escrevendo em meados do séc. XVIII, lançou à margem na pág. 183v, junto do texto em que era referido Martim Gonçalves de Macedo, a seguinte nota:

«*Os Macedos, não são os descendentes de Martim Gonsalves, porque Martim Gonçalves foi natural de Basto, agora seus descendentes, se nomeão, por Mendes. E elle hé o que ajudou o s:or Rey Dom João, e não o Macedo como dis, como se ve, no privilegio, que seus descendentes tem, que hé chamado do companhão, que está na Chancelaria do régno, do qual eu tenho o treslado authenticico.*»

O apontamento é especialmente confuso. Parece que põe em causa que o Martim Gonçalves que salvou D. João I fosse Macedo, pois os descendentes dos Macedos se chamavam Mendes na altura em que o apontamento era lançado. Aquele Martim Gonçalves seria natural de Basto.

Além de confusa, a nota, se tem de facto esse sentido, é obviamente errónea.

Creio não sofrer dúvida que o escudeiro que salvou o rei se chamou mesmo Martim Gonçalves de Macedo. Possivelmente o tal privilégio chamado de “ajuda companhão” foi atribuído àquele ou àqueles que responderam ao apelo do Macedo e ajudaram a matar o cavaleiro castelhano que derrubara o rei.

Não merece pois crédito de maior a afirmação de que Martim Gonçalves seria natural de Basto.

Mas atente-se de novo no nome de João Gonçal-

ves de Macedo.

Ele era quase seguramente filho dum *Macedo*. Na época (meados do séc. XV), este apelido, a seguir a um patronímico, salvo qualquer especial indicação em contrário, não seria decerto mero indicativo da sua origem geográfica, tanto mais que surge na sequência dum nome próprio e dum patronímico. Inculca que fazia mesmo parte do nome, herdado de algum ascendente que o tivesse.

Ora só se conhecem, em princípios do dito século, duas sequências genealógicas de gente que usava o apelido *Macedo*: a de Martim Gonçalves de Macedo e a de Fernão Esteves de Macedo II. Daquele sabe-se que foi pai, pelo menos, de Diogo Gonçalves de Macedo²⁹⁹. De Fernão Esteves de Macedo conhece-se o nome dum filho (Gonçalo de Macedo) e dum neto, filho deste, o escudeiro, depois fidalgo de cota de armas, João de Macedo.

Assim, em qual dessas duas famílias (que aliás tudo aponta para que fossem parentes entre si), é mais provável que João Gonçalves de Macedo fosse buscar o apelido?

Sendo filho dum Gonçalo Gonçalves, cónego regente de Santo Agostinho, e duma mulher solteira chamada Catarina Gonçalves, parece francamente preferível a alternativa de ter recebido o apelido do pai, pois nenhuma indicação é dada sobre a mãe que inculque tratar-se de uma filha de gente fidalga e à partida parece pouco provável que o fosse. A legitimação fala em “mulher solteira”, e nomeia-a. E certamente não o faria se se tratasse duma filha de Martim Gonçalves de Macedo ou de algum varão dos Macedos chefes.

Mas Gonçalo Gonçalves tinha estatuto para pertencer a qualquer desses dois ramos de Macedos. Era cónego regente e obteve, ao que parece ainda relativamente novo, bula papal do priorado dum mosteiro, além do que conseguiu a legitimação por carta régia de seu filho, o que tendia, nessa época, a ser mais vezes concedida a pessoas com bens patrimoniais ou com nobreza de sangue.

Ora não se conhece, no ramo dos Macedos chefes, naquelas primeiras décadas do séc. XV, outro varão que se chamasse *Gonçalves* nem *Gonçalo*, senão o Gonçalo de Macedo que foi pai do fidalgo de cota de armas João de Macedo. E esse não podia ser pai

298. Ver o meu trabalho “Martim Gonçalves de Macedo salvou a vida a D. João I na batalha de Aljubarrota?”, acima citado.

299. Segundo vários linhagistas seria também pai duma Joana Martins de Macedo, mulher de Pedro Teixeira, pais do fidalgo João Teixeira de Macedo. Mas o nome do pai dela está documentado como Martim *Anes*, e nada inculca que este deva identificar-se com o herói de Aljubarrota.



do prior Gonçalo Gonçalves uma vez que gerou este filho João de Macedo – que era aliás o primogénito – entre 1445 e 1453 (já que ele tomou ordens menores em 1461). Não era decerto pai de dois filhos com mais de 50 anos de intervalo.

Resta pois, para explicar o apelido *Macedo* dum filho do referido Gonçalo Gonçalves, como hipótese que mais fundamento reúne, a de ele ser filho de Martim Gonçalves de Macedo.

Acresce uma outra consideração.

É que a simples menção duma personagem com o nome *João Gonçalves de Macedo*, localizado naquela cronologia e naquela região de Montelongo e Basto, é um forte argumento para atribuir credibilidade à versão dos genealógicos. Eles não chegariam lá se não se escorassem em documento fidedigno, pois com base no simples registo da carta de juiz dos órfãos de Montelongo, lavrado na Chancelaria de D. Afonso V, a que acima aludi, dificilmente saberiam que ele era um Macedo e que teve filhos com tal apelido e com o de sua mulher Isabel Gomes Rebelo. Para fazerem tal afirmação, que se sabe não ser uma invenção, dispunham obviamente de mais informação acertada. Eles não podem ter partido de João Gonçalves de Macedo para a procura dos pais deste. Só podem ter sabido da existência dele, do seu casamento com a Rebelo e dos filhos do casal, a partir de documento certo e coevo, ou quase, que se referisse àquelas personagens e as desse como encadeadas na estirpe dos Macedos.

Deparamos porém com uma outra alternativa de filiação do prior Gonçalo Gonçalves, pai do atrás amplamente referido João Gonçalves de Macedo.

Por carta de 24 de Julho de 1406, o rei D. João I legitimou um Gonçalo Gonçalves, filho do abade de Vila Cova, Gonçalo Fernandes, e de Senhorinha Vicente, solteira ao tempo do nascimento³⁰⁰.

Já por carta de 3 de Março de 1398 legitimara outro filho do mesmo abade, este havido em Antoninha Gonçalves, igualmente mulher solteira. Chamava-se Aires Gonçalves³⁰¹.

Ora tanto Gonçalo como Aires eram nomes próprios usados por parentes próximos de Martim Gonçalves de Macedo. E Aires veio a ser usado por um clérigo neto do mesmo João Gonçalves de Macedo. Também os patronímicos Gonçalves e Fernandes estão presentes na onomástica daquela gente.

Se a “Vila Cova” (que é topónimo correspondente a vários lugares no Norte português) fosse a do concelho de Fafe, teríamos aí uma quase confirmação de que se trata do mesmo Gonçalo Gonçalves que foi pai de João Gonçalves de Macedo, que foi morador, coudel e juiz das sisas de Montelongo (Fafe).

Mas não é o caso. Esta Vila Cova era a freguesia de Santa Maria de Vila Cova, freguesia localizada em Barcelos, como se alcança da carta de legitimação de Aires Gonçalves a que acabei de referir-me.

Assim sendo, não se vê que conexão pudesse haver entre Gonçalo Gonçalves, filho do abade Gonçalo Fernandes, e a região de Basto.

E sempre ficaria por explicar o uso do apelido *Macedo* entre os netos de Gonçalo Gonçalves.

Entendo portanto que esta hipótese é desvantajosa em relação à que venho preferindo, que entronca Gonçalo Gonçalves nos Macedos de Bragança.

Ainda acresce uma outra legitimação régia, que merece atenção: por carta de 16 de Maio de 1421 obteve-a uma Maria Gonçalves, filha de Gonçalo Gonçalves, clérigo de missa de Amarante, e de Senhorinha Anes, mulher solteira ao tempo do nascimento³⁰².

O prior de Santo Estêvão de Vilela só obteve este priorado em 1428, como acima disse. Antes fora um simples cónego regrante, que vivia no mosteiro de Caramos. Ora Caramos fica próximo de Amarante. A dita Maria Gonçalves poderia portanto ser também sua filha, pois ele teria, por ocasião dessa legitimação, cerca de 30 anos de idade e ela teria nascido perto de 10 anos antes do meio-irmão João Gonçalves (de Macedo).

Há pois boas razões para identificar o pai da mesma Maria Gonçalves com o mencionado cónego regrante.

De qualquer forma, não vejo como ela possa afectar a hipótese que julgo a mais credível, de que o pai do prior Gonçalo Gonçalves fosse o herói de Aljubarrota.

Se as coisas se passaram deste modo, então o mais provável é:

- que Gonçalo Gonçalves, filho de Martim Gonçalves de Macedo, nascido cerca de 1395, foi clérigo, viveu algum tempo em Amarante e entrou, depois de 1421, para os cónegos regrantes de Santo Agostinho;

300. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. III, tomo 1, p.232.

301. *Ibidem*, vol. II, tomo 3, p. 88.

302. *Ibidem*, vol. IV, tomo 1, p. 71.



- que passou depois a viver no mosteiro de Caramos, em Felgueiras, tendo feito alguns estudos;
- que, pouco antes de 1415, possivelmente quando ainda não recebera ordens de presbítero, teve duma mulher solteira um filho ilegítimo, João Gonçalves de Macedo, para quem obteve em 1433 carta régia de legitimação;
- que este João Gonçalves de Macedo tinha em 1433 o estatuto de escudeiro ao serviço, como criado, de Fernão Vasques da Cunha, senhor de Basto desde cerca de Abril de 1421;
- que pela morte em 1437 de Fernão Vasques da Cunha, João Gonçalves de Macedo passou a escudeiro criado da filha herdeira dele, D. Maria da Cunha, e do genro, Fernão Coutinho, o novo senhor de Basto e de Montelongo;
- que, por empenho deste Fernão Coutinho e de sua mulher, João Gonçalves de Macedo foi nomeado juiz dos órfãos e das sisas e coudel de Montelongo, onde assentou então a sua morada;
- e que, sucessivamente, um filho seu, outro filho e um neto, filho daquele primeiro filho, respectivamente os clérigos Diogo Gonçalves (de Macedo), João de Macedo e Aires Gonçalves de Macedo, vieram a ser abades da freguesia vizinha de S. Clemente de Basto.

9.4 – Macedos em Basto

A tentativa de reconstituição destas linhagens deve agora abordar os vários Macedos que, na época, se acham na região de Basto.

Viu-se que João Gonçalves de Macedo viveu em Montelongo, próximo portanto de Celorico de Basto. E que a este concelho pertencia a igreja de S. Clemente de Basto, da qual foi abade, em fins do séc. XV, princípios do XVI, seu filho João de Macedo.

Ora localiza-se em Celorico de Basto desde fins do séc. XV e durante o XVI, um considerável número de Macedos.

Apontem-se nomeadamente os seguintes.

— Pedro de Macedo

Um Pedro de Macedo, escudeiro de El-rei, recebeu o ofício de tabelião da terra de Celorico de Basto por carta de D. João II, confirmada por D. Manuel I em 1496-05-18³⁰³. Em 1499 andava “amorado”, isto é, escondido das justiças, por terem sido denunciadas falsidades contra si e seus criados, mas foi perdoado por carta régia de 1501. Em 1500 morava com a mulher, Inês de Sequeira, em S. Gonçalo de Amarante e dois filhos de ambos receberam ordens menores em Braga: Francisco de Macedo e Fernando de Macedo. Teve também um filho de outra mulher, António de Macedo, que partiu para a Índia na armada de 1553.

— Francisco de Macedo

Aquele Francisco de Macedo era criado do Dr. Fernão de Mesquita quando, em 1504, recebeu o ofício de tabelião do público e judicial em Celorico de Basto³⁰⁴, que veio a renunciar a favor de seu genro João de Regadas, em 1526.

Mais tarde, em 1541, obteve perdão régio para a acusação de ter organizado uma boda para os esposais duma sua filha em que cada um dos convidados, seus parentes e amigos, contribuíra com uma oferta. Queixava-se então de ser homem muito pobre e velho, com três filhas para casar e quatro filhos que não podia manter³⁰⁵.

Em 1543 obteve novo perdão régio, desta vez porque retivera dinheiro do concelho para se pagar por actos e feitos que tivera de realizar e que lhe não eram satisfeitos.³⁰⁶

Parece ter sido ele que, tendo nessa altura o foro de moço de câmara do rei, denunciou os erros do então tabelião de Gouveia (povoação do termo de Amarante) e obteve para si o dito ofício³⁰⁷.

Em 1551, sendo tabelião do público e judicial de Celorico de Basto, obteve que, por seu falecimento, um filho ou a pessoa que casasse com sua filha, sendo apto, herdasse o dito ofício³⁰⁸.

Casou com Branca de Abreu, filha de Diogo de Abreu, que em 1495 era juiz dos órfãos de Celorico de Basto³⁰⁹.

303. Chancelaria de D. Manuel I, Doações, livro 34, fl. 62.

304. Chancelaria de D. Manuel I, Doações, livro 23, fl. 38.

305. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 11, fl. 52.

306. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 13, fl. 267.

307. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 6, fl. 59v.

308. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 66, fl. 150.

309. FREITAS, Eugénio de Andrea da Cunha e, FERNANDES, Maurício Antonino, ANDRADE, Nuno M. Ferraz de, e CASTRO, Francisco J. de Abreu Maia e, *Carvalhos de Basto*, Porto, edição dos autores, vol. IV, 1982, pp. 317-318, e vol. V, 1985, p. 184.

— Gonçalo de Macedo

Um dos oito filhos e filhas que estes Francisco de Macedo e Branca de Abreu tiveram, Gonçalo de Macedo, matriculado com ordens menores em 1526, foi escudeiro, teve em 1550 o ofício de recebedor das sisas de Celorico de Basto³¹⁰ e em 1557 carta para ajudar seu pai nos impedimentos, como tabelião desse concelho³¹¹.

— Gaspar de Macedo

Entretanto no mesmo concelho assistia em 1532 um Gaspar de Macedo, escudeiro fidalgo, morador no concelho de Celorico de Basto. Nesse ano teve licença régia para andar em mula ou faca de sela e freio³¹².

E em 1554 Gaspar de Macedo, morador no dito concelho de Celorico de Basto, recebia o ofício de juiz das sisas do concelho, que se achava vago por falecimento de Diogo de Bouro³¹³. Nada inculca que não fosse o mesmo escudeiro fidalgo.

Trata-se certamente do filho do abade de S. Clemente de Basto e bisavô por varonia do doutor António de Sousa de Macedo.

— Francisco de Macedo

Daquele Gaspar de Macedo e de sua mulher Brites Álvares, nasceu o licenciado Francisco de Macedo, avô paterno do Dr. António de Sousa de Macedo.

E dos mesmos pais foram filhos um António de Macedo e um Baltazar de Macedo que receberam ordens menores em Braga, respectivamente em 1537 e 1541.

— António de Macedo

Há notícia também, de outro António de Macedo, que era de Amarante e recebeu em 1550-10-03 o ofício de juiz dos órfãos de Celorico de Basto por renúncia, feita em Lisboa, de um Pedro de Figueiró, aprovada por carta régia a pedido do Duque de Aveiro³¹⁴. Morreu antes de 1555³¹⁵.

9.4.1 – Os diversos grupos de Macedos de Basto

Vê-se, portanto que havia três grupos de Macedos ligados ao dito concelho no séc. XVI:

- o dos tabeliães (Pedro, Francisco e Gonçalo);
- o do juiz das sisas (Gaspar, Francisco, António e Baltazar);
- e o do juiz dos órfãos (António).

É tentadora a hipótese de que haveria parentesco entre os três grupos. E, de facto, o segundo e o terceiro parecem que ser do mesmo ramo. Mas, quanto ao primeiro grupo, não descobri ainda documento que confirme que fosse próximo parente do segundo e do terceiro.

E se se der crédito ao que escreveu Felgueiras Gayo, Pedro de Macedo e os seus descendentes seriam uma estirpe, e Gaspar de Macedo e seus filhos seriam outra.

Tenho porém muitas dúvidas de que assim seja. Embora não encontre base documental da época, creio que a versão deste genealógico também não serve de base segura.

Alude ele a uma justificação de nobreza, da qual não diz a data nem se a leu no original ou em alguma cópia. Segundo essa justificação, Pedro de Macedo acima referido seria filho de Vasco Anes de Moraes, guarda-roupa de D. Afonso V e de D. João II, e de Isabel Teixeira.

Tal versão enfrenta algumas dificuldades.

Desde logo não encontro menção de Vasco Anes de Moraes na documentação subsistente dos mencionados reis D. Afonso V e D. João II, o que é para estranhar, tratando-se de um guarda-roupa de ambos eles.

Por outro lado, se a varonia desta gente fosse Moraes e porque se trata duma estirpe da nobreza transmontana medieval, então já ligada aos Pimentéis, natural seria que aquele apelido aparecesse em algum descendente; e a verdade é que isso não acontece.

Acresce que o nome *Macedo*, se assim fosse, teria advindo por via da ligação com os Teixeiras. Ora não surge nestes Macedos da região de Basto a mínima

310. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 66, fl. 36; sobre estas licenças para andar em mula, ver SOUSA, João de Silva de, "As autorizações de porte de armas e de deslocação em besta muar, em meados do século XV. Algumas notas para o seu estudo", *Estudos de História de Portugal, homenagem a A. H. de Oliveira Marques*, Lisboa, Editorial Estampa, 1982, vol. I, pp.291-308.

311. Torre do Tombo, Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 22, fl. 98.

312. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 45, fl. 3.

313. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 57, fl. 92v.

314. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 62, fl. 110v.

315. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 63, fl. 263.

alusão a *Teixeiras de Macedo*, que já no reinado de D. Afonso V era uma conjugação de apelidos com alguma notoriedade, sobretudo na pessoa dum fidalgo do Conselho, João Teixeira de Macedo.

O nome *Macedo*, isoladamente, não teria força naquela época para se impor aos outros dois, *Teixeira* e *Morais*, excluindo-os. Teria passado já, neste caso, por duas quebras de varonia (porque viria da avó materna de Pedro de Macedo). Tanto mais quanto não há notícia segura sobre o entroncamento daqueles *Teixeiras de Macedo*, donde supostamente viria Pedro de Macedo, nem nos possuidores do vínculo de Macedo de Cavaleiros, nem na família de Martim Gonçalves de Macedo.

Muito mais credível pareceria, pelo contexto, que Pedro de Macedo fosse próximo parente de João Gonçalves de Macedo e de algum dos abades de S. Clemente de Basto desta família (Diogo Gonçalves, João de Macedo ou Aires Gonçalves de Macedo), que viviam em local próximo de Celorico de Basto.

Não obstante, uma vez que não encontro documento que apoie tal hipótese e apesar de esta ser mais aliciante, opto provisoriamente, com grandes dúvidas, pela versão de Felgueiras Gayo.

9.4.2 – O licenciado Francisco de Macedo

Cabe aqui abordar um outro pormenor problemático que se insere no emaranhado de Macedos ligados à região de Basto.

Por carta de 1549-04-30, o rei fez mercê a um Francisco de Macedo do ofício de escrivão da câmara e almotaçaria da vila de Celorico de Basto. Isto porque este lhe pedira o dito ofício, até então exercido por Francisco de Magalhães, morador em Amarante, que o perdera por erros que tinha feito no seu desempenho. Francisco de Macedo fora examinado e havido por apto.

O que se discute é se este Francisco de Macedo era o antigo tabelião da mesma vila, filho do mencionado Pedro de Macedo e de Inês de Sequeira, ou se não seria afinal o filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares, acima referido.

Os autores de *Carvalhos de Basto* perfilharam a primeira hipótese.³¹⁶

Porém D. Pedro Vila Franca prefere a segunda.³¹⁷

E creio que tem razão. Com efeito, nada é dito na citada carta de 1549 que identifique o seu destinatário como o antigo tabelião, que de resto seria então excessivamente velho para obter o ofício, pois nascera entre 1485 e 1493. E não faz sentido que para o efeito tivesse sido em 1549 examinado e declarado apto, já que possuía uma experiência de 45 anos de tabelião.

Ora o Francisco de Macedo filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares teria em 1549 perto de 20 anos. Inscreveu-se no dito ano na Universidade de Coimbra, da qual saiu bacharel em 1554. Nasceria numa freguesia de Celorico de Basto onde seu pai era escudeiro-fidalgo, e viria a ser juiz das sisas em 1554. Nada mais natural que ser ele o mesmo contemplado cinco anos antes com a mercê de escrivão da câmara do mesmo concelho.

9.5 – A(s) barregã(s) do abade João de Macedo

O estranho é que o apelido Sousa aparece em vários hipotéticos descendentes de Martim Gonçalves de Macedo, a saber:

- em Brites de Sousa, possível neta paterna deste e mulher de Gonçalo Maldonado;
- em Manuel de Sousa, filho dum abade de S. Clemente de Basto (provavelmente João de Macedo);
- em Paulo Rebelo de Sousa, possível filho dum abade de S. Clemente de Basto; e nesse caso, o abade seria mais provavelmente João de Macedo, que se sabe que era filho de uma Rebelo.

Qual a origem do apelido?

Não era decerto a mãe do abade João de Macedo, visto que se sabe ter sido Isabel Gomes Rebelo e nela não consta qualquer antecedente próximo nomeado de *Sousa*.

A avó paterna também não era, pois se sabe ter-se chamado Catarina Gonçalves a manceba do prior de Santo Estêvão de Vilela Gonçalo Gonçalves.

A viúva que ficou de Martim Gonçalves de Macedo era Catarina Anes – como acima se disse – e nada inculca que ela proviesse de alguma estirpe Sousa. Mas, como acima disse, Martim Gonçalves de Macedo, antes de se ter consorciado com Cata-

316. *Carvalhos de Basto*, cit., vol. V, p. 184.

317. MACEDO (Vila Franca), D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo, “Prefácio” à reedição facsimilada das *Flores de Espanha*, Lisboa, Livraria Alcala, 2003, p. XI.



rina Anes, poderia ter casado com uma Sousa, de quem poderia ter tido filhos como Diogo Gonçalves de Macedo e Gonçalo Gonçalves, que veio a ser prior de Santo Estêvão de Vilela. É uma hipótese a considerar, se bem que demasiado especulativa.

A alternativa que resta é a de o abade João de Macedo ter tido como manceba uma Sousa.

Mas, nesse caso, como explicar o apelido *Sousa* em Brites de Sousa, filha de Diogo Gonçalves de Macedo e mulher de Gonçalo Maldonado ?

Ficam pois de pé apenas duas hipóteses com alguma consistência:

- ou era Sousa uma primeira mulher de Martim Gonçalves de Macedo
- ou tinham apelido *Sousa*, por coincidência, tanto uma segunda mulher de Diogo Gonçalves de Macedo como uma manceba do abade João de Macedo.

No estado actual dos meus conhecimentos não creio dispor de base suficiente para optar resolutamente por qualquer delas.

Apenas poderei avançar que, em qualquer dos casos se não trataria duma dama das mais destacadas da linhagem Sousa. Seria mais provavelmente rebento de alguma linha bastarda, das diversas que em fins da Idade Média proliferaram, sobretudo no norte do País. Mas de forma nenhuma disponho de provas documentais para poder afirmá-lo convictamente.

Direi apenas que em S. Clemente de Basto, em inícios do séc. XVI, havia Sousas.

Desde logo Fernão de Sousa, “o da Botelha”, bem conhecido filho do senhor de Rossas, Fernão de Sousa Camelo, já atrás referido, e neto paterno do senhor de Baião. A “Botelha” fora a 1ª mulher de seu pai, sem descendência, que tinha uma parte do padroado da igreja de S. Clemente de Basto³¹⁸.

Mas outros Sousas estão documentados que nem figuram nos nobiliários mais conhecidos.

É o caso de um Gaspar de Sousa, falecido em 1523, que foi casado com uma Guiomar Rebelo, tendo ambos vivido em S. Clemente de Basto e que tiveram pelo menos os seguintes filhos que, todos eles, receberam ordens menores em Braga, a saber, Cristóvão em

1523-03-21³¹⁹, Baptista na mesma data³²⁰, Heitor em 1527-03-16³²¹ e Bernardo em 1535-03-27.³²²

E quando, a solicitação do abade daquela freguesia, Fernão de Sousa, em 1549 foi feito o tombo das propriedades da mesma igreja, resulta de depoimentos nele feitos que um Gaspar de Sousa, então já falecido e que seria certamente o mesmo a que acabo de referir-me, possuía nesse local diversas terras.

É possível que o abade João de Macedo houvesse tido uma manceba que estivesse ligada a esta gente.

9.6 – A mulher e os filhos de Gaspar de Macedo

Tornando agora a Gaspar de Macedo, filho do abade João de Macedo.

A sua mulher chamou-se seguramente Brites Álvares.

No processo de habilitação para o Santo Ofício onde se colhe tal informação nada se diz contudo sobre a sua filiação.

Vários nobiliários atribuem-lhe como pai o atrás mencionado Aires Gonçalves de Macedo, vigário geral do bispado de Coimbra, que se teria ordenado depois de viúvo.

É falso que se tivesse ordenado depois de viúvo, como se viu acima. Ele não casou.

Assim se desmentem os linhagistas que chegaram a afirmar que o bispo de Coimbra seria tio de sua mulher. Aires, segundo eles, teria casado com uma fulana *de Almeida*, filha ou neta ilegítima do 2º Conde de Abrantes, D. João de Almeida. Manso de Lima denomina-a de *D. Brites de Almeida* e fá-la também sobrinha do dito bispo D. Jorge³²³. Essa é igualmente a versão da carta de armas setecentista de António de Macedo Velasques de Oliveira, atrás referida no n.º 4.1, que a declara sobrinha do 1º Conde de Abrantes.

Mas, não podendo ser mulher, não seria ela manceba?

Nada o confirma.

Nenhum documento coevo achei, do qual conste que o pai de Brites Álvares fosse o referido Aires Gonçalves de Macedo.

318. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 178.

319. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 8, caderno 1, fl. 9.

320. *Ibidem*.

321. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 8, caderno 10, fl. 1v.

322. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 2, fl. 3v.

323. No título de Macedos, (ob. cit. edição policopiada, vol. XIV, p. 164); mas no título de *Almeidas* omite-a (LIMA, Manso de, *Famílias de Portugal*, por BORRERO, Nuno Gonçalo Pereira, vol. I, único publicado, Lisboa, 2008, pp. 445 e segs.).



E muito menos que houvesse tido como amiga uma Almeida dos Condes de Abrantes.

É certo que D. Jorge de Almeida era filho do 1º Conde de Abrantes D. Lopo de Almeida, e foi Bispo de Coimbra entre 1481 e 1543, ano em que morreu³²⁴. E no plano cronológico seria perfeitamente possível que ao longo de tantos anos coubesse uma data em que ele houvesse nomeado para vigário geral um clérigo já viúvo, sogro do Gaspar de Macedo a que me tenho referido, pois este último nasceu certamente nas décadas finais do séc. XV e terá casado durante as duas primeiras do séc. XVI.

Mas não encontro mais informação em que me escore para aceitar tal facto.

Conforme a citada carta de armas, D. Brites de Almeida seria filha de Aires Velez de Guevara e de D. Maria Álvares de Almeida, sendo esta última irmã do 1º Conde de Abrantes.

E Alão de Morais inclui esta D. Maria Álvares de Almeida entre os filhos do matrimónio do 1º Conde de Abrantes, que teria casado com um D. Arias Velez de Guevara.

No entanto nem os nobiliários quinhentistas, nem mesmo os posteriores fornecem qualquer prova desta informação³²⁵.

Não é portanto suficientemente sustentada a hipótese de a mãe da Brites Álvares e sogra de Gaspar de Macedo ter sido filha, neta ou irmã de algum Conde de Abrantes. Parece mesmo algo esdrúxulo que uma donzela de tão elevado estrato social, já na Idade Moderna, se envolvesse, como barregã dum abade minhoto, e o caso não fosse badalado com escândalo e comentado em algum escrito que chegasse aos nossos dias.

10 – Descendência de João Gonçalves de Macedo

Tornemos agora à descendência de João Gonçalves de Macedo, da qual me referi já com pormenor a seu filho o abade João de Macedo.

Os genealógicos seiscentistas apontam numerosa prole a esta personagem que foi decerto o juiz dos órfãos de Montelongo em 1450.

Nela figura a Filipa de Macedo, mãe do 1º Conde de Vimioso e nisso creio que podem ter acertado.

Figura também o provado Martim Rebelo de Macedo, que veio a ser abade de S. Salvador do Souto.

Há um que, como acima referi, se sabe não ser filho dele, mas sim do camareiro real Diogo Gonçalves de Macedo, por tal estar provado documentalmente – Henrique de Macedo, que foi até sucessor deste.

Além destes, referem ainda os linhagistas um Aires Gonçalves de Macedo, abade de S. Clemente de Basto, o qual é no entanto de excluir, visto que, ou é confusão com o referido João de Macedo, abade da mesma igreja, ou é confusão com o Aires Gonçalves de Macedo que foi de facto abade de S. Clemente de Basto, mas era filho do abade Diogo Gonçalves, também da mesma igreja, de quem melhor tratei anteriormente, no n.º 9.3.6.

Aparecem ainda outros hipotéticos filhos: um Diogo Gonçalves de Macedo, um Afonso Rebelo da Cunha, um Gonçalo Rebelo, uma Inês Roiz de Macedo e uma Brites Rebelo de Macedo, que não têm fonte segura que os abone, pelo que me abstenho de inclui-los entre a descendência provada do dito João Gonçalves de Macedo.

10.1 – Filipa de Macedo, a mãe do 1º Conde de Vimioso

Uma dúvida relevante se coloca: de quem seria filha a já abundantemente mencionada Filipa de Macedo, que desde cedo se afirmou ter sido a mãe do 1º Conde de Vimioso³²⁶?

A generalidade dos genealógicos escreveu que ela era destes Macedos. E não descortino motivo para disso duvidar, tanto mais quanto alguns desses genealógicos antecederam o doutor António de Sousa de Macedo, a mais notável personagem desta estirpe, contra quem poderia levantar-se uma suspeição de ter criado uma fictícia ligação, pela sua autoridade e pelo natural interesse que teria em ilustrar a sua linhagem.

324. ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 2ª edição, Portucalense Editora, Porto, vol. I, 1967, pp. 503-504.

325. Genealógicos conceituados como TORRES, Afonso de, *Livro das Famílias de Portugal historiadas e acabadas em o anno de MDCXCIV*, no trecho publicado por Alberto de Gusmão Navarro, *Tombo Historico Genealogico de Portugal*, edição do mesmo, Lisboa, vol. III, 1926, pp. 95 a 99, omitem Maria Álvares de Almeida entre os parentes próximos do 1º Conde de Abrantes.

326. Apesar de a carta de legitimação deste, de 1505, a não nomear; e de ser omissa em nobiliários quinhentistas como o de D. António de Lima Pereira.



Mas partindo do princípio de que Filipa de Macedo descendia de Martim Gonçalves de Macedo, qual a sua filiação?

D. Francisco de Portugal, mais tarde feito 1º Conde de Vimioso, acompanhou, com outros grandes do reino, o rei D. Manuel I na sua deslocação a Castela, às Cortes de Toledo, perante as quais o rei e a rainha, D. Isabel, filha dos “reis Católicos”, foram jurados herdeiros da coroa castelhana. Isto passou-se em 1498³²⁷. E o mesmo D. Francisco de Portugal achava-se em Arzila em 1509, comandando perto duma centena de cavaleiros em combates contra os mouros³²⁸. É natural portanto que haja nascido não muito depois de 1475. E certamente o seu nascimento foi anterior a Março de 1481, pois se deu quando seu pai D. Afonso ainda era secular, como este próprio asseverou e é referido na carta de legitimação³²⁹.

Isto apesar de só em 1505 ter sido legitimado por carta régia.

D. Afonso veio a ser bispo de Évora e era, por sua vez, filho natural do Marquês de Valença D. Afonso e de D. Brites de Sousa, nasceu certamente não depois de 1460, ano da morte de seu pai³³⁰. Mas pode ter nascido alguns anos antes. Recebeu ordens menores e outras em Março de 1481. Antes de receber a mitra (o que ocorreu em 1485) teve, ao que consta, três filhos. Duma Briolanja de Freitas nasceu D. Martinho de Portugal, que veio a ser arcebispo de Funchal. E de Filipa de Macedo terão nascido D. Francisco de Portugal e talvez uma D. Brites de Portugal, que ficou solteira³³¹.

Por conseguinte é provável que Filipa de Macedo tenha vindo ao mundo entre 1455 e 1465. Estava na geração etária dos filhos de João Gonçalves de Macedo, acima mencionado.

O genealógico seiscentista Diogo Gomes de Figueiredo afirmou – não sei com que fundamento – que ela era filha de João Gonçalves de Macedo³³².

No mesmo sentido escreveram Alão de Morais³³³, Manso de Lima³³⁴ e Felgueiras Gayo³³⁵.

D. António Caetano de Sousa também a mencionou como filha de João Gonçalves de Macedo, posto que manifestamente tenha confundido este com Diogo Gonçalves de Macedo³³⁶.

A mesma filiação de Filipa veio a ser apontada por Luiz de São Payo, ao que creio baseado numa justificação de nobreza dos finais do séc. XVI³³⁷.

É certo que, à partida, a hipótese que objectivamente se apresentaria como mais aliciante, seria a de que Filipa fosse filha de Diogo Gonçalves de Macedo. Não deve esquecer-se que este era cortesão, camareiro do rei, o que constituía uma boa explicação para o facto de uma sua filha se ter tornado amante do filho do Conde de Ourém e neto do Duque de Bragança, que eram da família real.

Acresce que o filho herdeiro de Diogo Gonçalves de Macedo, Henrique de Macedo, que seria pouco mais velho que Filipa, vivia em Évora, quando a corte aí estava instalada e foi personagem de relevo nos festejos do casamento do Príncipe D. Afonso filho de D. João II, com manifesto agrado deste rei.

E está documentada, como já atrás disse, uma Genebra de Macedo, vivendo em Évora, com toda a probabilidade irmã do mencionado Henrique de Macedo, a qual era casada com Nuno Casco, pais dum ordinando em ordens menores, Rui Casco³³⁸, tudo gente grada da cidade. Os genealógicos tardios apontam-na como irmã de Henrique de Macedo e de Filipa de Macedo. E em termos cronológicos e pelas demais circunstâncias, isso é muito verosímil.

Mas ainda mais significativo é que a própria Filipa, logo após os seus devaneios com D. Afonso, tenha casado com um Drago, Rui segundo uns, Manuel conforme outros. Ora deste diz Alão de Morais que casou “em Évora”, com ela³³⁹. E isto inculca que ela morava ou morara nesta cidade.

327. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica ...* etc. cit., tomo III, 1947, p. 133.

328. OSÓRIO, D. Jerónimo, *Da vida e feitos de El-Rei D. Manuel*, tradução do p.e Francisco Manuel do Nascimento, Livraria Civilização, Porto, vol. II, 1944, p. 23.

329. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica ...* etc. cit., tomo X, 1953, p. 321.

330. *ibidem*, p. 317.

331. TAVARES, Xisto, *Livro das principais linhagens de Portugal*, manuscrito, B.N.L., Reservados, códice 1328.

332. FIGUEIREDO, Diogo Gomes de, *Famílias ...* etc. cit., tomo I, fl. 98.

333. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 17.

334. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 160.

335. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 15.

336. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica ...* etc. cit., tomo X, 1953, p. 319.

337. SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor ...* etc. cit., p. 42.

338. PEREIRA, Isaías da Rosa, *Matrícula de Ordens da Diocese de Évora (1480-1483)*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1990, pp. 153 e 154.

339. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 26.



Assim, pareceria lógico que Filipa de Macedo fosse irmã de Henrique de Macedo e portanto filha de Diogo Gonçalves de Macedo.

Contudo, pensando bem, esses considerandos não excluem a hipótese de ela ser filha de João Gonçalves de Macedo. Este, que veio a ser juiz dos órfãos e das sisas e coudel de Montelongo, terá sido, provavelmente, sobrinho direito de Diogo Gonçalves de Macedo e, portanto, primo coirmão de Henrique de Macedo. E não é por isso descabido que uma sua filha haja estado com este último, em Évora. A proximidade em relação a um elemento da família real como D. Afonso poderia existir também, em condições análogas às de Henrique de Macedo.

Filipa podia portanto, perfeitamente, ser filha de João Gonçalves de Macedo.

Mas o mais ponderoso é o que resulta da indicação dada na aludida justificação de nobreza de fins do séc. XVI.

Não há pois razões para rejeitar, quanto a isso, a versão corrente entre os genealógicos.

10.2 – O abade de Salvador do Souto, Martim Rebelo de Macedo

Como atrás se viu, um dos filhos de João Gonçalves de Macedo e de Isabel Gomes Rebela que tomaram ordens menores em 1476, foi Martim Rebelo de Macedo. Tudo indica – e os genealógicos afirmam-no – que tenha sido abade de Salvador do Souto, no termo de Guimarães.

Um autor dos nossos dias, Alberto de Magalhães Queiroz (1871-1954) acrescenta mesmo que ele foi comendatário deste mosteiro, por renúncia que em 1495 nele fez D. Afonso, filho do Conde de Ourém, quando foi nomeado bispo de Évora³⁴⁰. É plausível tal versão, já que Martim seria irmão de Filipa de Macedo, amiga desse D. Afonso. E acrescenta o mesmo autor que, durante a administração de Martim Rebelo de Macedo, em 1520, foi criada, com rendas do mosteiro, a comenda de Salvador do Souto na Ordem de Cristo, tendo sido nomeado primeiro comendador Rui Drago, sobrinho dele e filho da dita Filipa de Macedo. Em grande parte os bens do convento foram

emprazados, decerto aproveitando a mesma administração, a pessoas da família Macedo, que assim se fixaram em grande número pela região.

Este abade Martim teve, documentadamente, dois filhos: – Afonso Martins de Macedo, que foi cônego e deixou descendência bastarda na região de Guimarães, que teve a quinta da Rebiana, e Marçal de Macedo, de quem se não conhece geração. E creio que foi também filha dele uma Margarida, ou Madalena, de Macedo, que casou e deu origem aos Macedos de Coimbra.

10.3 – Um filho chamado Álvaro Rebelo de Macedo?

Há porém indicação mais fundamentada dum outro filho de João Gonçalves de Macedo e de Isabel Gomes Rebela, apontado por alguns genealógicos na região de Braga-Guimarães, – Álvaro Rebelo de Macedo.

Alão de Moraes, Andrade Leitão, Avelar Portocarrero e o abade de Prozelo omitem-no. É contudo referido em Manso de Lima e Felgueiras Gayo³⁴¹. Este último autor espraia-se até pela descendência do dito Álvaro Rebelo, que teria andado por Braga e pela freguesia vimaranense de Salvador do Souto.

Quem mais circunstanciadamente aludiu a esta descendência foi o referido Magalhães Queiroz³⁴², baseado, para os tempos mais antigos, não apenas em Felgueiras Gayo, mas também em dados obtidos dos apontamentos de Valério Pinto de Sá, investigador da 1ª metade do séc. XVIII que compilou informação documental antiga relativa a Braga. E Domingos de Araújo Affonso veio confirmar, com base em documentos, a existência deste Álvaro Rebelo, naquelas circunstâncias³⁴³. Valério Pinto de Sá mencionava um Álvaro Rebelo de Macedo cavaleiro-fidalgo e escrivão em Braga. Domingos Affonso deu conhecimento da cedência do ofício de tabelião do público por Álvaro Rebelo, cavaleiro-fidalgo, em Braga, em 1532.

Não custa concluir que eram a mesma pessoa.

A cronologia não contraria estas considerações. Os filhos de João Gonçalves de Macedo nasceram, o mais

340. QUEIROZ, Alberto de Magalhães, *Uma família minhota*, Braga, 1967, p. 144.

341. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 160, e GAYO, Felgueiras, ob. cit. tomo 19º, pp. 15 e 17.

342. QUEIROZ, Alberto de Magalhães, ob. cit., pp. 143 e segs.333. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 17.

343. AFFONSO, Domingos de Araújo, *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga e seu termo*, separata da revista *Bracara Augusta*, Braga, 1971, p. 11.

tardar, em 1468, ano em que ele morreu. Nada há de anômalo em que um dos filhos, Álvaro, já decerto tabelião sénior em Braga, cedesse tal ofício em 1532, ou seja, com uma idade na casa dos 60 anos.

Por outro lado, a conjugação dos apelidos Rebelo e Macedo inculcam que o dito Álvaro Rebelo fosse descendente, mais aproximadamente filho, do casal João Gonçalves de Macedo e Isabel Gomes Rebelo. Acresce que, conforme Magalhães Queiroz, ao que parece baseado em documentos antigos, uma das duas filhas de Álvaro Rebelo terá sido Isabel Gomes de Macedo, casada com o vereador e cidadão de Braga Filipe Martins da Cunha. Ora Isabel Gomes (Rebelo) seria, nessa hipótese muito consistente, sua avó paterna.

Tem pois fundamento esta versão. Apesar da falta duma segura prova documental, creio justificado adoptá-la assim, com algumas reservas sobretudo quanto a pormenores sobre a descendência deste Álvaro fornecida por Magalhães Queiroz.

10.4 – Filhos do abade João de Macedo

Do que não pode haver dúvidas é de que os abades Martim Rebelo de Macedo e João de Macedo foram filhos de João Gonçalves de Macedo. Importa pois agora analisar os descendentes deste último.

10.4.1 – Gaspar de Macedo

O único filho que é mencionado em fonte totalmente segura é Gaspar de Macedo.

Alguns vieram a dizer por manifesto lapso que este foi abade de S. Clemente de Basto. Confundiram-no decerto com o pai, que indubitavelmente o era. Gaspar de Macedo casou, e segundo informação que merece crédito, possuiu terras consideráveis no local, onde terá construído uma casa que subsiste – a casa da Aveleira, em Gandarela, S. Clemente de Basto – a qual ainda hoje pertence a descendentes seus, exemplar interessante de casa rural quinhentista da pequena nobreza³⁴⁴.

A mulher de Gaspar de Macedo é identificada por Brites Álvares e, noutras notícias, por Brites de Macedo ou Brites Álvares de Macedo. Dela tratei acima, considerando admissível que fosse parente dele, mas altamente improvável que tivesse como ascendente algum Almeida da casa de Abrantes.

Nos registos régios da época acham-se três referências ao nome *Gaspar de Macedo* que merecem ser ponderadas.

Uma diz respeito a um criado do então recentemente falecido Fernando Álvares de Andrade, e consiste na nomeação para contador e distribuidor da ilha do Fogo em 21 de Agosto de 1553³⁴⁵.

Outra refere-se a um Gaspar de Macedo, morador no concelho de Celorico de Basto, que foi nomeado juiz das sisas desse concelho em 22 de Fevereiro de 1554³⁴⁶.

E outra é a licença dada em 11 de Dezembro de 1532 a Gaspar de Macedo, escudeiro-fidalgo morador no concelho de Celorico de Basto, para andar em mula ou faca de sela e freio³⁴⁷.

Quanto à primeira, há razões para entender que não se refere a pessoa diferente. Por um lado, porque não existe qualquer indicação de que o ofício na ilha do Fogo não tivesse efectivamente sido desempenhado – o que colocaria o Gaspar de Macedo que o recebeu a viver numa paragem completamente des centrada do seu ambiente natural. Depois porque não existe menção de que este fosse morador em Celorico de Basto, antes se presume que vivesse em Lisboa, por ser criado dum dos mais importantes privados ao rei D. João III, o tesoureiro-mor da Fazenda Real Fernando Álvares de Andrade, que obviamente vivia na corte.

Quanto aos outros dois registos, porém, tudo indica referirem-se à mesma pessoa – um Gaspar de Macedo morador em Celorico de Basto contemplado com duas mercês compatíveis, com 21 anos de intervalo. Acresce que não sei de referência, quer nos genealógicos, quer em documentos da época, a dois homens com tal nome e com *status* compatível que morassem na dita vila.

É de aceitar portanto que aqueles dois registos dissessem respeito ao filho do abade de S. Clemente

344. É hoje, por herança familiar sucessiva do Dr. José Alfredo Soares de Oliveira, advogado, investigador genealógico que amavelmente me prestou diversas informações sobre o assunto; ver também FREITAS, Cunha e, e outros, *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, 1988, p. 452.

345. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 57, fl. 28v.

346. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 57, fl. 92v.

347. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 45, fl. 3.

de Basto que se sabe ter sido ascendente na varonia do doutor António de Sousa de Macedo.

Era pois escudeiro-fidalgo em 1533 e recebeu o ofício de juiz das sisas de Celorico de Basto em 1554.

Se assim é, o mesmo Gaspar de Macedo terá nascido provavelmente em princípios do XVI, pois não parece provável que fosse encartado no referido ofício de juiz das sisas com mais de 50 anos.

Nada mais achei que fornecesse informação segura quanto a este Gaspar de Macedo.

E posso assentar também em que era filho do abade João de Macedo e não do Aires Gonçalves de Macedo que vários genealógicos lhe apontam.

10.4.2 – Manuel de Sousa

Não é nada inverosímil que o abade João de Macedo tenha tido outros filhos.

Uma hipótese algo curiosa é a que resulta da seguinte matrícula em ordens menores, em 5 de Junho de 1501, na cidade de Braga:

«Manuel de Sousa, filho do abbade de sam clemente de basto dispensado auctoritate apostolica de defectu natalium quem patitur de presbitero et soluta»³⁴⁸.

Encontro um abade dessa igreja Fernão de Sousa, dos Sousas da Botelha, mas é de meados do séc. XVI (1548).

Os anteriores abades foram João de Macedo, que terá tomado posse da igreja no decurso da última década do séc. XV, e seu sobrinho Aires Gonçalves de Macedo, a partir de fins de 1499, como acima disse.

Este registo pode ter, portanto, duas interpretações: ou o abade de S. Clemente de Basto o era à data da tomada de ordens menores de Manuel de Sousa, ou à data do nascimento deste.

Inclino-me mais para a segunda hipótese. Isto porque, se Manuel de Sousa tomava ordens menores em 1501, haveria de ter nascido entre 1486 e 1494. Ora Aires Gonçalves de Macedo nasceu decerto, como se viu, entre 1477 e 1485. É pouco credível que, mesmo na hipótese mais favorável à sua pater-

nidade, ele houvesse gerado Manuel de Sousa quando tinha apenas 16 anos de idade.

Presumo portanto que o pai de Manuel de Sousa era o nosso conhecido abade João de Macedo.

Já aludi acima à carência duma segura explicação para o apelido *Sousa* deste ordinando.

10.4.3 – Paulo Rebelo de Sousa

Outro problema haverá que abordar.

Alão de Moraes menciona logo no início da sua obra um Paulo Rebelo, dizendo que alguns o faziam filho de Aires Gonçalves de Macedo, abade de S. Clemente,³⁴⁹ e que teria casado com uma Maria Dias de Sousa, com descendência conhecida, na qual figuram os da quinta de Pascoais.

Como acima tive ocasião de provar, houve um abade de S. Clemente de Basto chamado Aires Gonçalves de Macedo.

Há que atentar, contudo, que este Aires era filho de outro abade da mesma igreja – Diogo Gonçalves (de Macedo) – e sobrinho de outro – o nosso já tão falado João de Macedo, também candidato a pai do dito Paulo Rebelo.

E acrescente-se ainda um outro abade da mesma igreja, Fernão de Sousa, um pouco mais tardio, que também residiu em S. Clemente de Basto, na quinta da Botelha³⁵⁰.

Compulsando os assentos paroquiais de Amaranate, verifica-se que este Paulo Rebelo existiu, viveu na dita vila, e era ele quem se chamava *Sousa* e não sua mulher, cujo nome era somente Maria Dias.

É o seguinte o teor do assento de óbito dele:

«Aos vinte e dous dias de Janeiro de noventa e cinco annos se falleço Paulo Rebello de Sousa fez testamento ficou sua mulher Maria Dias por testamenteira»³⁵¹.

E o do óbito do filho de ambos, Paulo de Sousa:

«Aos vinte e hum dias do mes de Setembro de noventa e oito annos se faleseo Paulo de Sousa homem solteiro filho de Paulo rebello de Sousa e de sua mulher Maria dias ja defuntos moradores que forão

348. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 5, fl. 175.

349. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 13.

350. SÃO PAYO, Luiz de, "As distracções ... etc." cit., pp. 37-38.

351. Registos Paroquiais, Amaranate, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 128.

nesta villa fez testamento e segundo me dixerão ficou por seu testamenteiro seu irmão gonsalo de Sousa e esta sepultado no mosteiro de S. Clara desta vila e fizeramlbe o outro dia de seu enterramento hum officio geral de todos os padres os quais me parese serião para ho defunto

Declaro que não ficou senão ho Abbade Pedro de Sousa irmão de Paulo de Sousa por testamenteiro do dito seu irmão Paulo de Sousa oje sete dias de oitubro de noventa e oito»³⁵².

Verifica-se portanto que Paulo Rebelo de Sousa, casado com Maria Dias, morreu em princípio de 1595. Tiveram pelo menos três filhos: Gonçalo de Sousa, falecido antes de 1598, sepultado no mosteiro de Santa Clara de Amarante, o abade Pedro de Sousa, e Paulo de Sousa, que não casou e morreu em 1598.

Será que ele era mesmo filho de Aires Gonçalves de Macedo, ou não seria antes de qualquer outro dos aludidos abades de S. Clemente de Basto, João de Macedo ou Fernão de Sousa?

Pensando com base na cronologia, Paulo Rebelo de Sousa, falecido em 1595, havia de ter tido grande longevidade para ser filho do abade João de Macedo, visto ter este nascido entre 1461 e 1469, e não ser portanto muito provável que o houvesse gerado depois da primeira década do séc. XVI.

Não obstante, o nome *Rebelo* compaginar-se-ia bem com essa hipótese.

Isto porque pode ter-se por assente que o abade João de Macedo era filho duma *Rebelo*, ao passo que nada consta sobre o apelido da mãe de Aires, concubina de seu pai Diogo Gonçalves. Não consegui apurar quem ela seria. Daí que se mantenha em aberto tal possibilidade.

Esta hipótese parece assim preferível à de Alão de Morais que fazia Paulo Rebelo de Sousa filho do abade Aires Gonçalves de Macedo.

10.4.4 – Sousas em Basto

Mas há ainda outros dados algo intrigantes sobre Sousas em S. Clemente de Basto, no dealbar do séc. XVI, já acima referidos.

Felgueiras Gayo aponta entre os filhos do nosso

acima largamente estudado João Gonçalves de Macedo, uma “Guiomar Rebelo de Macedo”, mulher dum “João de Sousa”. A informação tomou-a ele, segundo parece, do nobiliário de Lourenço Mendes de Vasconcelos, 7º senhor do morgado de Fontelas³⁵³. Este talvez dispusesse de acesso a documentos de família nos quais baseasse aquelas indicações.

Parece de afastar qualquer confusão com o abade Fernão de Sousa, já que este era manifestamente filho de Martim Vaz de Sousa, senhor da quinta da Botelha, e de D. Catarina de Ataíde. É certo que este abade deixou vários filhos de diversas amigas, entre elas, duma Catarina Rebelo. Mas esta deve ter nascido em pleno séc. XVI, além do que era natural de Guimarães e filha do padre Francisco Rebelo, vigário de Ansiães, pelo que não pode identificar-se com a mencionada Guiomar Rebelo de Macedo.

Por outro lado, nenhum autor, que eu saiba, inclui o dito Gaspar de Sousa, comprovado marido de Guiomar Rebelo, entre os filhos ou sobrinhos do aludido Martim Vaz de Sousa, senhor da quinta da Botelha.

Quem seria ele, então, e quem seria sua mulher?

Na falta de outros elementos mais seguros, e atenta a cronologia, é de supor que ela fosse próxima parente do abade João de Macedo. Nasceu provavelmente em inícios da década 90 do séc. XV, atentas as datas das ordens menores tomadas pelos filhos, que nasceram entre não-antes de 1508 e não-depois de 1522.

Esta Guiomar não podia ser filha de João Gonçalves de Macedo, que morrera em 1468. Ela ainda vivia em 1535 e não nascera certamente muito antes de 1480, nem depois de 1490.

Também o não seria do antigo abade da mesma igreja, Diogo Gonçalves, que ali viveu, pois este não tinha ascendente Rebelo, além do que deve ter morrido alguns anos antes do nascimento desta Guiomar; de resto, mesmo que fosse vivo quando ela nasceu, parece demasiado velho, já que teria cerca de 60 anos de idade.

Por sua vez, o filho do dito Diogo, o abade Aires Gonçalves de Macedo, era demasiado novo para ser pai dela.

Um outro irmão de João de Macedo, Martim Rebelo de Macedo, à data no nascimento da referida Guiomar, era já, havia vários anos, abade do mos-

352. *ibidem*, fl. 136.

353. Lourenço Mendes de Vasconcelos nasceu em 1679 e morreu em 1732 - ver CARCAVELLOS, ob. cit., vol. II, 1917, p. 152, e ALVES, Artur da Motta, *O Morgado de Fontelas*, Lisboa, Livraria Coelho, 1937, p. 23.

teiro de S. Salvador do Souto, onde terá continuado até morrer. É muito menos provável que fosse progenitor desta Guiomar, que vivia em S. Clemente de Basto, a várias dezenas de quilómetros.

É muito possível que Guiomar Rebela, a mulher de Gaspar de Sousa, não fosse filha, mas sim neta, de João Gonçalves de Macedo. E o pai dela bem podia ser o abade João de Macedo.

Mas, mesmo que assim fosse, não haveria fundamento para propor que o Paulo Rebelo de Sousa acima mencionado fosse filho dela e dum Sousa, e não do abade de S. Clemente de Basto que Alão de Morais sugere.

10.5 – Filhos de Gaspar de Macedo

Passemos agora a tentar reconstituir os filhos de Gaspar de Macedo (filho do abade João de Macedo).

10.5.1 – Francisco de Macedo

Comprovadamente, como se viu acima, daquele Gaspar de Macedo era filho um licenciado Francisco de Macedo cujos dados biográficos vale a pena abordar³⁵⁴.

Nasceu este na região de Basto, especificamente em Celorico de Basto, ou em Val de Bouro, em data que não é fácil precisar, no começo da década de 1530.

Segundo alguns autores seria licenciado em cânones e um genealógico afirma que terá sido arcebispo de Santa Cristina, o que, uma e outra afirmações, deve ser errado. Nem deve sequer ter recebido ordens de clérigo, pois veio a casar, sem que se saiba de ter sido para tanto dispensado de votos.

Inscreveu-se em 1549 na Universidade de Coim-

bra, em Artes e Instituta, e saiu bacharel em leis em 1554.

Foi escrivão da câmara de Celorico de Basto por carta de 1559³⁵⁵.

Viveu depois em Amarante, onde advogou muitos anos e onde, em 1565, nasceu um dos seus filhos.

Em 30 de Setembro de 1570 obteve carta para procurar na alçada das comarcas da Beira, Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes³⁵⁶.

Por provisão régia, a pedido de D. Duarte, filho do infante D. Duarte, fez o tombo de terras de Guimarães e Basto de que aquele D. Duarte era senhor donatário, trabalho de vulto e a todos os títulos notável, que iniciou em Setembro de 1571 e prosseguiu por vários anos³⁵⁷.

Por carta do rei D. Sebastião de 13 de Novembro de 1577, recebeu o ofício de juiz de fora dos órfãos em Santarém, podendo trazer vara na dita vila como traziam os juizes de fora ordinários³⁵⁸.

Vários autores afirmam que era veador da casa do dito D. Duarte. Contudo o seu nome não figura no rol dos moradores da dita casa³⁵⁹, nem no testamento com que morreu este condestável do reino³⁶⁰. Mais parece, como se viu, ser ele na altura, sim, magistrado ao serviço da Coroa. É certo que em 1572 o mesmo D. Duarte lhe mandou que fizesse os tombos das propriedades, em Arnoia e Moreira, que lhe pagavam foro³⁶¹, e que em 1573 o encarregou de dar de aforamento uns casais no termo de Celorico de Basto³⁶². Poderia contudo estar a agir como simples procurador.

Segundo consta, seguiu o partido de D. António Prior do Crato³⁶³ e morreu em Santarém³⁶⁴. A sua morte deve ter ocorrido em inícios da década de 1580. E é seguro que foi anterior a Novembro de 1606, pois em 5 desse mês morreu sua mulher, já viúva³⁶⁵.

Vários genealógicos referem outros filhos de

354. Os dados são recolhidos, salvo especial referência, da excelente e erudita biografia de António de Sousa de Macedo, feita pelo bom amigo e confrade D. Pedro da Costa de Sousa de Macedo (Vila Franca), para o prefácio, já citado, à reedição facsimilada das *Flores de España*.

355. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 55, fl. 40.

356. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 26, fl. 91.

357. É constituído por três volumes, que constituem actualmente os nºs 247, 252 e 258 do Núcleo Antigo, na Torre do Tombo.

358. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 40, fls. 139 a 140.

359. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc.* cit., tomo II, parte II, p. 240.

360. *Ibidem*, pp. 244 e segs.

361. Torre do Tombo, Núcleo Antigo, nº 254, fl. 55.

362. Torre do Tombo, Corpo Cronológico, parte 1, maço 110, doc. 91.

363. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, tomo I, p. 19.

364. Santo Ofício, habilitação de Marcos Ferreira de Sousa, cit.

365. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 153v.



mesmo Gaspar de Macedo. E neste particular merecem à partida alguma credibilidade, não só porque aludem a uma realidade já da 2ª metade do séc. XVI, como também porque algumas fontes contemporâneas merecedoras de crédito tendem para confirmar vários desses dados dos linhagistas.

Há entre eles parcial consenso quanto aos seguintes outros filhos de Gaspar de Macedo³⁶⁶:

- António de Macedo
- Valentim de Macedo³⁶⁷
- Simão de Macedo
- Baltazar de Macedo
- Camila de Macedo³⁶⁸.

Além destes apontam ainda alguns genealógicos nomes como:

- Gaspar de Macedo
- Álvaro de Macedo
- Briolanja de Macedo
- Guiomar de Macedo
- Maria de Macedo

Vejamos então o que parece aceitável quanto a alguns destes irmãos do referido Francisco de Macedo.

10.5.2 – António de Macedo

Deste dizem vários genealógicos que casou com Helena Esteves e apontam-lhes descendência.

Contudo um autor setecentista especializado nas famílias de Mazagão – Jacinto de Pina de Loureiro – insere num dos seus dois nobiliários, o relativo às *Famílias do reino*, uma informação que não encontro em mais autor algum. Segundo ele, este António de Macedo, filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares de Macedo, teria ido para Safim, então cidade norte-africana pertencente a Portugal; haveria casado com a filha dum cavaleiro que lá servia; e no despejo de Safim teria passado a Mazagão, outra praça portuguesa do norte de África, onde sua des-

cendência viveu e serviu.

Num pequeno estudo genealógico que publiquei há cerca de quatro décadas³⁶⁹, referi-me a estes dados, pondo-os no entanto em dúvida, sobretudo por falta de outra confirmação, apesar de haver alguns fundamentos para tomá-los por bons.

Hoje, porém, com alguma ampliação da informação, mormente com o conhecimento de um documento do Santo Ofício para o qual me foi chamada a atenção por um erudito e bom amigo³⁷⁰, vale a pena revê-los.

Escreveu J. P. de Loureiro, sobre este António de Macedo, irmão do licenciado Francisco de Macedo:

fl. 813

6. Antonio de Macedo f.º 2º de Gaspar de Macedo e de sua m.er Brites Alvares de Macedo fl. 787, nº 5.

Foy depois de viuvo servir a Africa, e viveo na cidade de Safim em cujo despejo se recolheo com sua familia a Mazagão

Casou pr.ª vez em Amarante sem geração. com Casou 2ª vez em Safim com D. Maria de Pinho f.ª de Fran.co de Pinho hum cavalr.º honrado daquella cidade

De quem teve

7. Fran.co de Pinho

7. Gaspar de Macedo

7. Brites de Macedo

7. Isabel //

814

7. Fr.co de Pinho f.º 1º e do 2º matrimónio de Antonio de Macedo, servio com distinto valor em Africa, e foi grande cavalr.º, e Almocadem da Cavalr.ª de Mazagão.»

Este trecho é do nobiliário *Famílias do reino*, obra em 27 tomos, dos quais o 1º está na Academia das Ciências de Lisboa³⁷¹, o 13º desapareceu, e os restantes se acham na Biblioteca Nacional de Lisboa, em regime especial³⁷².

366. Se bem que nenhum irmão do mesmo Francisco de Macedo figure no *Nobiliario Genealogico* manuscrito códice 1005 de Reservados da B.N.L., nem no *Linhagens de Portugal*, manuscrito 50-IV-3 da B. Ajuda.

367. Não figura em PORTOCARRERO, Avelar, loc. cit.

368. Estes são os apontados por LOUREIRO, Jacinto de Pina de, *Famílias do Reino*, manuscrito, B.N.L., Arquivo da Família dos Botelhos de Nª Sª da Vida, nº 42, volume correspondente à letra M, fl. 813, e MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 18, com a diferença que chama *Lançarote* a Valentim, o que parece lapso.

369. AMARAL, Augusto Ferreira do, *A Varonia Ferreira do Amaral*, Lisboa, edição do autor, 1974.

370. Jorge de Brito e Abreu, a quem muito agradeço.

371. Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa, série vermelha, nº 223.

372. B.N.L., Arquivo da Família dos Botelhos de Nª Sª da Vida, nº 42.





Jacinto de Pina de Loureiro foi autor doutro nobiliário, esse específico relativo a Mazagão, precioso porque é a única obra genealógica antiga que subsiste sobre o assunto, intitulado *Famílias de Mazagão*, em 5 tomos, e que está no mesmo local³⁷³.

Este último é um trabalho de grande fiabilidade, criterioso e muito assente em documentos. No fundamental, considero-o cópia duma *Genealogia das Famílias nobres de Mazagaõ*.³⁷⁴, da autoria de Nuno da Cunha da Costa, acrescentado com informação posterior, a que só Loureiro pôde ter acesso.

Nuno da Cunha da Costa foi escrivão da Vedoria de Mazagão. Terminou a vida no posto de sargento-mor e era, por sucessão, fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Nasceu em 1672 em Mazagão, onde viveu quase toda a sua vida e veio a morrer em Lagos em 1748. Por sua morte o seu referido manuscrito ficou em poder dum filho, o Padre D. Manuel Caetano de Azevedo, que também escrevia sobre Mazagão. E deste terá passado às mãos de Jacinto de Pina de Loureiro.

Pode pois dizer-se que o nobiliário de J. P. de Loureiro assentou em última análise, fundamentalmente, por via do de Nuno da Cunha da Costa, em documentos constantes da Vedoria de Mazagão. Isso confere-lhe à partida consistente solidez, aliás por mim especificamente confirmada no confronto com vasta documentação autêntica consultada nos registos régios.

A mesma fiabilidade não merecerá o outro nobiliário de J. P. de Loureiro, *Famílias do reino*, que em geral mais aparenta ser uma compilação feita a partir de outros livros genealógicos, ainda que conceituados. E é assim que, nele, a mais antiga ascendência dos Macedos padece dos mesmos erros que se encontram nos tratados dos autores mais seguidos na época.

Contudo, como acima disse, quanto a Macedos do séc. XVI, J. P. de Loureiro apresenta no *Famílias do reino*, uma notícia inovadora, que não figura em mais obra genealógica antiga que eu conheça - a passagem ao norte de África e, concretamente, a Mazagão de António de Macedo, irmão do licenciado Francisco de Macedo.

Não indica J. P. de Loureiro onde foi haurir tal informação. Mas é evidente que se baseou em documento de Mazagão, suficientemente antigo para fornecer os dados pormenorizados que apresenta. Creio improvável que se tratasse de fantasia sua, pois

não só ele se revela em geral criterioso no seu trabalho (nas circunstâncias em que laborou), como também porque se não enxerga qualquer motivo para inventar uma falsidade nem sequer para enaltecer tal ramo da família. É que nem ele descendia desses Macedos, nem se vê que tivesse cliente suficientemente notável para lhe encomendar sobre eles uma patranha. Acresce que J. P. de Loureiro nem sequer fez a ligação entre os filhos do referido António de Macedo e os Macedos de Mazagão (estirpe que desfia no outro nobiliário - *Famílias de Mazagão*). Ou seja, aparentemente não visava forçar um entroncamento qualquer dos Macedos de Mazagão (linhagem que conhecia bem, com base nos documentos daquela praça) nos Macedos, de Celorico de Basto. Tanto, que nem sequer o fez explicitamente.

O mais provável é portanto que ele não tenha inventado, mas sim recolhido de documento fidedigno, provavelmente disponível apenas em Mazagão, a passagem a África daquele António de Macedo que, sem hesitações, aponta como filho segundo de Gaspar de Macedo e irmão do licenciado Francisco de Macedo.

É natural que tal documento consistisse num processo de partilha ou de justificação de herdeiros por óbito do dito António de Macedo ou mesmo de seu filho Francisco de Pinho.

Nem por isso, contudo, o seu conteúdo deve deixar de ser posto à prova.

A primeira dificuldade a suscitar é a de que se António de Macedo, irmão do licenciado Francisco de Macedo, tivesse passado a África no tempo em que Safim era portuguesa, isso significaria que o teria feito antes de 1542. Mais. Se tivesse casado uma segunda vez em Safim, tal anteciparia até, algum tanto, a data dessa passagem, pois não se vê como em vésperas do anunciado abandono, na preparação dos novos destinos dos moradores, houvesse oportunidade para a celebração dum casamento como este. Ora, se assim fosse, a noiva haveria de ter nascido antes de 1526. Mas ela veio a dar à luz, entre outros filhos, um Gaspar de Macedo que em 1586 era mancebo, pelo que, embora servisse em Mazagão desde 1580, não teria certamente nascido antes de 1565. Ora é estranho que a mulher de António de Macedo e ele próprio estivessem a gerar filhos naqueles lugares quando ambos contavam mais de 40 anos.

373. Arquivo da Família dos Botelhos de N^a S^a da Vida, n^o 43.

374. Ver MACHADO, Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, 2^a edição, Atlântida Editora, Coimbra, tomo III, 1966, p. 504, e Eduardo Carcavelos, ob. cit. vol. III, p. 7.





Mais estranho ainda: tendo António nascido, provavelmente, como acima disse, não muito antes de 1530, seria quase impossível que tivesse ido servir primeiro para Safim, visto que esta cidade foi abandonada em 1542.

A alusão ao casamento de António de Macedo em Safim pode porém ser entendida, não como tendo casado geograficamente em Safim, mas como tendo casado com uma moradora ou natural de Safim, que podia, à data do casamento ter já abandonado tempos atrás aquela possessão. A expressão “casar em”, nos antigos genealógicos, tinha frequentemente esse sentido. A deficiente interpretação desse dado poderia ter levado J. P. de Loureiro a deduzir que o casamento se celebrara ainda antes do abandono de Safim.

E, por conseguinte, não custará admitir que o genealogista mazaganense haja erroneamente, por arastamento, afirmado que António de Macedo servira primeiro em Safim.

Expurgada desses informes anacrónicos, no entanto, a notícia de J. P. de Loureiro, no que se refere à passagem a Mazagão, não tem à partida razões para ser rejeitada.

Não obstante, a identificação do António de Macedo de Mazagão, com o António de Macedo irmão do licenciado Francisco de Macedo, enfrenta dúvidas quando se aprofundam os dados que nos fornecem os assentos paroquiais de S. Gonçalo de Amarante.

Vejamos primeiro o que dizem os genealógicos.

Alão de Moraes identifica a mulher daquele António de Macedo como Helena Esteves e dá-lhes como filhas Guiomar de Macedo, mulher de Pedro Coelho, sem geração, e Camila de Macedo, mulher de Gonçalo Ribeiro, de Amarante, com dois filhos e duas filhas.

Costa e Melo dá à mulher o mesmo nome e aponta-lhe como filha apenas Camila de Macedo, que teria casado com o licenciado Gonçalo Ribeiro, juiz dos órfãos de Basto.

Felgueiras Gayo observa sobre António de Macedo:

«diz um fora Abade de S. Miguel de Cacavelos em Basto com geração. outros casara com Helena

Esteves filha de Diogo Gonçalves e Brites Gonçalves talvez seria o nome da amiga, mas no título de Esteves se diz ser sua mulher (eu penso que este António de Macedo seria Abade e teria B. outro António de Macedo casado com esta Helena Esteves que é o mais conforme com o título de Esteves de Figueiredo e outro) teve Camila de Macedo e Guiomar de Macedo mulher de Simão Carvalho filho de Gregório Lopes do Rego».

Segundo informam documentadamente os autores de *Carvalhos de Basto*³⁷⁵, a Helena Esteves filha de Diogo Gonçalves e de Brites Gonçalves foi mulher de Simão Carvalho sendo primeiro filho desse conúbio o licenciado Gaspar da Cunha Coutinho, baptizado em 8 de Janeiro de 1557. Mas aqueles autores não fazem qualquer alusão a um prévio casamento com o nosso António de Macedo.

É Manso de Lima quem escreve que António de Macedo – o irmão de Francisco de Macedo – casou com Helena Esteves, filha de Diogo Gonçalves e de Brites Gonçalves, a qual foi depois mulher de Simão Carvalho. E que dela teve Camila de Macedo mulher do licenciado Gonçalo Ribeiro, filho de António Dias e de Helena de Freitas, com geração, e Guiomar de Macedo mulher de Pedro Coelho, sem geração.

Ou seja, ultrapassando a informação fornecida pelos outros, Manso de Lima insere a menção de que Helena Esteves enviuvou dum António de Macedo, após o que casou de novo.

E nisso tem razão.

Com efeito, pelos assentos paroquiais de S. Gonçalo de Amarante, se verifica que as ditas Guiomar e Camila eram filhas dum António de Macedo e de sua mulher Helena Esteves, como resulta dos seus casamentos celebrados na referida freguesia, respectivamente em 4 de Dezembro de 1567³⁷⁶ e 27 de Janeiro de 1585³⁷⁷.

Além disso Guiomar foi irrefragavelmente declarada irmã do licenciado Gaspar da Cunha, filho comprovado de Helena Esteves e do seu outro casamento com Simão Carvalho Coutinho, como se vê do assento do óbito de Guiomar, em 18 de Outubro de 1594³⁷⁸.

375. FREITAS e outros, *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, p. 62.

376. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 69; o nome da mulher de António de Macedo figura como *Leonor* e não *Ilena* provavelmente por lapso de escrita; mas ainda que este assento não contenha tal erro, tal não impede que a dita conclusão (do casamento de António de Macedo com Helena Esteves) se extraia do assento a seguir mencionado.

377. *ibidem*, fl. 78.

378. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 127v.



O mesmo resulta confirmado pelo facto de o dito António de Macedo, marido de Helena Esteves ter já morrido em 4 de Agosto de 1555, data em que o segundo marido desta, Simão Carvalho, criado do Duque de Aveiro, recebeu carta do ofício de juiz dos órfãos de Celorico de Basto, que fora do aludido primeiro marido³⁷⁹.

Assim, se este António de Macedo fosse irmão inteiro do licenciado Francisco de Macedo, cairia pela base a sua identificação com o de Mazagão, uma vez que ele morrera antes de 1555 ao passo que o António de Macedo de Mazagão era vivo muito depois disso, em 1586, ano em que um seu filho, ainda mancebo, ali servia³⁸⁰.

E seria rotundamente errada a informação do genealogista J. P. de Loureiro de que esse António de Macedo de Mazagão era irmão inteiro do licenciado Francisco de Macedo.

No entanto, aprofundada a pesquisa das fontes directas, verifica-se que o António de Macedo marido de Helena Esteves não era irmão inteiro do licenciado Francisco de Macedo.

J. P. de Loureiro, embora afirmando que o António de Macedo de Mazagão casou uma primeira vez em Amarante, não indica o nome dessa sua 1ª mulher. Não o identifica portanto com o marido de Helena Esteves. De qualquer forma, declara que não houve filhos desse casamento. Por isso, a Camila de Macedo, acima mencionada, filha dum António de Macedo e da identificada Helena Esteves, não era filha do António de Macedo de Mazagão.

Para J. P. de Loureiro, como para vários outros genealogistas, houve porém uma outra Camila de Macedo, que não foi a mulher do licenciado Gonçalo Ribeiro e cujos pais não foram António de Macedo e Helena Esteves, mas sim Gaspar de Macedo e Brites Álvares. Esta outra Camila de Macedo foi também casada, mas o seu marido chamou-se Manuel Cerqueira. E ela, sim, é que seria irmã do licenciado Francisco de Macedo e do António de Macedo de Mazagão.

Não sei de qualquer notícia coetânea que direc-

tamente contrarie esta versão. Ao invés: pelos assentos paroquiais de Amarante se verifica que a Camila de Macedo que casou com o licenciado Gonçalo Ribeiro é diversa da que casou com Manuel Cerqueira.

Aquela teve pelo menos 4 filhos, que nasceram entre 1586 e 1585³⁸¹.

Esta teve pelo menos dois filhos, um nascido em 1567 outro em 1568 e já era “dona viúva” em Outubro de 1587³⁸².

A mulher do licenciado Gonçalo Ribeiro era filha de António de Macedo e de Helena Esteves.

Assim, a outra Camila, a casada com Manuel Cerqueira, tinha de ter outros pais.

Por outro lado, encontrei nas matrículas de ordinandos da sé de Braga um António de Macedo, adiante referido, filho de Gaspar de Macedo e, portanto, neto de João. Havia portanto mais Antónios de Macedo na terra...

Seria desses o de Mazagão, que era vivo em 1586 e pai do mancebo cavaleiro Gaspar de Macedo?

Façamos um tentame de resenha das menções a *Antónios de Macedo* referentes ao séc. XVI, encontradas em documento da época.

- 1) António de Macedo, segundo alguns genealogistas natural de Ponte da Barca e filho duns duvidosos João de Macedo e Isabel de Magalhães, foi sucessivamente bacharel, juiz de Moura em 1518, corregedor nas Ilhas, ouvidor na Índia, juiz dos feitos régios da Casa da Suplicação e, em 1546, desembargador dos agravos da mesma Casa³⁸³;
- 2) António de Macedo, capitão dum galeão na Índia, com acções de relevo na boca do Mar Vermelho em 1526 e em Chaul em 1528³⁸⁴;
- 3) António, natural de Amarante, filho de Pedro de Macedo e de Inês Sequeira, recebeu ordens menores em Braga em 1502³⁸⁵;
- 4) António, filho do fidalgo João de Macedo e de Inês Fernandes, mulher solteira, foi legitimado por carta régia de 1513-12-21³⁸⁶ e/ou de 1514-04-01³⁸⁷;

379. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 63, fl. 263.

380. Torre do Tombo, Inquisição de Lisboa, Processos, 143, 1679.

381. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fls. 93 e 107, e livro 3, fls. 19 e 47.

382. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 3, fl. 107.

383. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 33, fls. 196 e 210v.

384. SOUSA, Manuel de Faria e, *Ásia Portuguesa*, Livraria Civilização, Porto, 1945, vol. II, pp. 109 e 150.

385. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 5, caderno 1, fl. 197v.

386. Torre do Tombo, Chancelarias Régias, Legitimações de Leitura Nova, livro 3, fl. 2, e Chancelaria de D. Manuel, Perdões e Legitimações, fl. 274v.

387. Chancelaria de D. Manuel, livro 15, fl. 25, e Leitura Nova, livro 3, fl. 2.

- 5) António, filho do fidalgo João de Macedo e de Inês Fernandes, mulher solteira, foi legitimado por carta régia de 1520-10-20³⁸⁸;
- 6) António de Macedo, natural de Parada, filho de casado e solteira, recebeu ordens menores em Braga em 1525³⁸⁹;
- 7) António de Macedo, natural de Lagares, no actual concelho de Felgueiras, filho de Lopo de Macedo e de Inês Velha, recebeu ordens menores em Braga em 1531³⁹⁰;
- 8) António de Macedo, morador em Mortágua, obteve em 1536 o ofício de tabelião do público judicial dessa vila³⁹¹.
- 9) António de Macedo, morador em Amarante, juiz dos órfãos de Celorico de Basto em 1550, falecido em 1555, marido de Helena Esteves³⁹²;
- 10) António de Macedo, natural de S. Clemente de Basto, filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares, recebeu ordens menores em Braga em 1537³⁹³;
- 11) António, natural de Amarante, filho de João Álvares e de Filipa de Macedo, recebeu ordens menores em Braga em 1541³⁹⁴;
- 12) António de Macedo filho do referido desembargador António de Macedo, que em 1544 foi autorizado a ceder uma tença de que usufruía pelos serviços do pai³⁹⁵. Recebeu nesse ano uma tença de 20 mil reis por ano que nele renunciou Pedro Taveira³⁹⁶;
- 13) António de Macedo, filho de Francisco de Macedo, era perto de meados do séc. XVI, moço de câmara do rei³⁹⁷;
- 14) António de Macedo, filho de João de Macedo, foi moço de câmara de D. João III³⁹⁸;
- 15) frei António de Macedo, orador da Casa Real e guardião dos frades da casa da Conceição de Arzila³⁹⁹;
- 16) António de Macedo «cryado de dom francisco fidallguo de minha casa» que, por ter trazido umas calças de seda contra a ordenação, foi perdoado pelo rei em 1549-10-03⁴⁰⁰;
- 17) António de Macedo, mancebo solteiro de 18 anos, morador em Valença (do Douro), perdoado por carta régia de 1551-06-17; fora acusado de se ter apoderado ilícitamente duma cadela de raça e se defendia dizendo que o animal lhe fora emprestado pela dona, a mulher dum Fernando Afonso, do lugar de Goujoim, Lumiares⁴⁰¹;
- 18) António de Macedo era criado do tesoureiro-mor do reino Fernando Álvares de Andrade; teve em 1552 o ofício de escrivão das sisas de Melres⁴⁰²;
- 19) António de Macedo, natural de Celorico de Basto, escudeiro, filho de Pedro de Macedo e de Margarida Coelho seguiu em 1553 numa armada da Índia⁴⁰³;
- 20) António de Macedo, que sendo cónego da sé de Lamego, recebeu uma prebenda eclesiástica pontifícia em 1553-11-28⁴⁰⁴;
- 21) António de Macedo, morador em Portel, condenado em 1567 a degredo por um ano para fora da vila, perdoado⁴⁰⁵;
- 22) António de Macedo, filho do 18), teve o dito ofício de escrivão das sisas de Melres por carta de 1581⁴⁰⁶.

388. Chancelaria de D. Manuel I, livro 15, fl. 25.

389. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 8, caderno 6, fl. 5v.

390. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 10, caderno 4, fl. 12v.

391. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 21, fl. 209.

392. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 62, fl. 110v.

393. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 10, caderno 7, fl. 1v.

394. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 10, caderno 15, fl. 6.

395. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 5, fl. 123.

396. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 21, fl. 150.

397. Moradias da Casa Real, maço 6, livro 1, fl. 74v.

398. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ...* etc. cit., tomo VI, parte II, p. 296.

399. Corpo Cronológico, parte 1, maço 80, doc. 69.

400. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 4, fl. 240.

401. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 15, fl. 348.

402. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 68, fl. 48, e Torre do Tombo, Ementas, livro 3, fl. 63.

403. REGO, Rogério de Figueiroa, *Miscelânea*, Oeiras, sem indicação de editor, 1931, p. 75.

404. Segundo documento manuscrito leiloado, descrito no catálogo *Palácio do Correio Velho, 28, 29, 30 de Novembro 2012, Leilão de Livros, Manuscritos e Gravuras*, Lisboa, p. 106.

405. Chancelaria de D. Sebastião, Perdões e Legitimações, livro 2, fl. 379.

406. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 45, fl. 300.

- 23) António de Macedo, pai dum Simão Correia de Macedo nascido em Mazagão cerca de 1590⁴⁰⁷.

Quais deles é que são compatíveis com o António de Macedo que em Mazagão morava em 1586 e era pai dum mancebo Gaspar de Macedo, que ali servia nas armas?

Excluem-se, por muito improváveis, os seguintes:

- 1 – por ser chanceler e ter morrido antes de 1544
- 3 – por ter nascido antes de 1495
- 4 – por ter nascido antes de 1513
- 5 – por ter nascido antes de 1520 e poder ser o anterior
- 6 – por ser provavelmente o anterior
- 7 – por ser dos de Melres
- 8 – por ser tabelião em Mortágua em 1536
- 9 – por ter morrido em 1555
- 12 – por ser filho do nº 1 e ter recebido tença pelos serviços do pai em 1544
- 15 – por ser frade
- 18 – por sido escrivão das sisas de Melres desde 1552
- 20 – por ser cónego da sé de Lamego em 1553
- 21 – por ter sido escrivão das sisas de Melres desde 1581
- 22 – por ter nascido em Mazagão cerca de 1590.

Ficam pois como compatíveis os restantes.

Mas, destes, os nºs 11, 13, 14 e 19 eram filhos, respectivamente, de um João Álvares, de um Francisco de Macedo, de um João de Macedo e de um Pedro de Macedo, nomes próprios que não figuram na descendência próxima do António de Macedo de Mazagão. Nenhuma razão haverá para associá-los a este último.

Daqueles cuja filiação se conhece, apenas o filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares tem ligação onomástica com o de Mazagão, que teve comprovadamente um filho Gaspar e, segundo a indicação de J. P. de Loureiro, terá tido uma filha Brites.

A menos que se entenda que o de Mazagão provinha de alguma personagem omissa na documentação da época – o que não parece provável, pela posição social e ocupação que ele e a sua descendência

tiveram na dita praça de África – a candidatura mais sólida à identificação deste último é, assim, a do referido filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares.

Tal não significa contudo que se não mantenha de pé a possibilidade de ele ser também o mesmo dos apontados com os nºs 9, 16, 17 e 19.

Sê-lo-ia?

Vejamos então o que se passa com o primeiro dos perdoados – o de 1549, que era criado dum D. Francisco.

Não é fácil identificar este D. Francisco. Cerca de duas dezenas de fidalgos tinham então tal nome e tratamento. Não encontro por isso fundamentos suficientes para determinar com um mínimo de consistência de qual deles era criado o António de Macedo perdoado em 1549. E, com isso, não descortino elementos que pudessem ajudar a apurar de que António de Macedo se trata.

Será quando muito de reter que seria criado dum grande, ou dum filho de grande do reino. A tal não obsta a natureza da infracção de que fora acusado. O uso da seda havia sido bastante contrariado pelos reis. Nas cortes de Évora de 1481-82 ao pedido de restrição dos procuradores respondera D. João II que só podiam trazer seda escudeiros e daí para cima, e que só podiam usá-la em gibões e carapuças⁴⁰⁸. Em 1486 o mesmo rei determinara que esse uso poderia ser em gibões, carapuças e pantufos⁴⁰⁹. A infracção deste António de Macedo não terá, pois, sido devida à sua condição pessoal inferior à de escudeiro, visto que esta o autorizava ao uso de seda com certos limites. Consistiu em usá-la em calças – o que lhe era vedado.

Contudo nada mais é possível avançar quanto à sua localização geográfica e muito menos familiar.

No que toca ao segundo dos perdoados, o 17, fica-se a saber a sua data de nascimento, que seria 1532 ou princípios de 1533, bem como o local em que morava na margem esquerda do Alto Douro. Mas como não disponho de informação sobre Macedos que eventualmente aí vivessem em meados do séc. XVI, não me é possível arriscar uma ligação familiar com os de Basto nem com os de Bragança.

De qualquer forma é de notar que morava em Barcos, junto de Tabuaço, um Gaspar de Macedo a quem, tendo sido condenado em degredo por agressão em Goujoim, foi a pena comutada, em 1585,

407. Torre do Tombo, Mercês de D. Pedro II, livro 8, fl. 276.

408. ALMEIDA, Fortunato de, *História de Portugal*, Promoclube, Lisboa, s.d., vol. VI, pp. 72 e 73.

409. RESENDE, Garcia de, *Crónica de Dom João II*, INCM, Lisboa, 1973, p.96.



em degredo para Castro-Marim⁴¹⁰; todavia, novamente se envolveu em lutas em Goujoim e foi perdoado em 1623. Este não era, por isso, o Gaspar de Macedo, filho de António de Macedo, que serviu em Mazagão entre 1580 e 1629.

Com maior probabilidade, dada a mesma localização geográfica, o Gaspar de Macedo de Tabuaço era filho do António de Macedo de Valença do Douro, nascido cerca de 1533 e perdoado em 1551.

Não é natural, portanto, que este último António de Macedo tivesse sido o que foi para Mazagão, pois não teria dois filhos com o mesmo nome, vivos em início do séc. XVII.

E que dizer do de Portel, que foi perdoado em 1567?

Afigura-se mais provável que este, o de Portel, fosse o António Fragoso de Macedo, filho dum Cristóvão de Macedo que naquela vila era em 1561 juiz dos órfãos.

A única hipótese que fica de pé como aceitável é pois a de que o António de Macedo que foi para Mazagão fosse também o criado de D. Francisco perdoado em 1549.

Mas importa ainda tentar apurar se o António de Macedo que viveu em Amarante, casado com Helena Esteves, não seria melhor candidato do que o de Mazagão, para efeitos de ser identificado com o filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares acima referido, tal como o fizeram diversos genealógicos setecentistas.

O António de Macedo filho de Gaspar de Macedo deve ter nascido entre 1522 e 1530 pois as ordens menores eram tomadas, naquelas circunstâncias de tempo e de lugar, entre os 7 e os 15 anos de idade.

Ora o António de Macedo de Amarante obteve em 1550-10-03 o ofício de juiz dos órfãos de Celorico de Basto⁴¹¹, e morreu antes de 1555.⁴¹² E uma filha legítima dele (Guiomar) veio a casar em S. Gonçalo de Amarante, em 1567-12-05⁴¹³.

Naturalmente este António de Macedo não devia ter nascido muito depois de 1520 já que, não sendo

licenciado, é pouco verosímil que tivesse sido contemplado com o referido ofício de juiz dos órfãos antes dos 30 anos e que tivesse casado antes dos 20 anos.

Bons fundamentos conduzem pois a presumir que o António de Macedo, marido de Helena Esteves, não foi o que tomou ordens em Braga em 1537. E que, portanto, não era filho de Gaspar de Macedo e de Brites Álvares, nem irmão do licenciado Francisco de Macedo.

Quem seria, então?

Sabe-se, como se viu, que teve duas filhas, Guiomar e Camila.

Não se conhecem outras “*Guiomares*” de Macedo, na época, salvo uma filha do tabelião de Celorico de Basto Francisco de Macedo, nascida entre 1515 e 1530, e uma filha desta.

Quanto a “*Camilas*” de Macedo, houve, como disse, uma outra, um pouco mais velha, que pode, sem qualquer obstáculo admitir-se ter sido filha do dito Gaspar de Macedo, como melhor se dirá adiante.

Daí não se segue imperiosamente a conclusão de que o António de Macedo de Amarante fosse irmão dela.

Não obstante, é admissível arriscar que houvesse estreito parentesco entre ele e Gaspar de Macedo. Poderia até ser filho, com outra mãe, que não a Brites Álvares. Mas o que se afigura menos aceitável, repete-se, é que fosse ele o ordinando em ordens menores de Braga em 1537.

Ora existe uma notícia em fr. João da Madre de Deus⁴¹⁴ de que, segundo o padre Raimundo, este António de Macedo seria filho do abade de S. Clemente de Basto Aires Gonçalves de Macedo. O padre Raimundo é frei Raimundo Veloso, da Ordem de S. Domingos, que foi autor de umas memórias genealógicas⁴¹⁵ sobre as famílias de Amarante, citadas por Manso de Lima e Felgueiras Gayo⁴¹⁶. Abílio P. T. Rebelo de Carvalho deu preciosos esclarecimentos quanto a esta obra⁴¹⁷.

Frei Raimundo Veloso estava em condições pri-

410. Torre do Tombo, Chancelaria de Filipe I, Perdões, livro 4, fl. 42v.

411. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 62, fl. 110v.

412. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 63, fl. 263, e Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 69v, chamando-se no entanto, aí, *Leonor Esteves* e não *Helena Esteves*, o que deve ser lapso do escrivão, tendo presente MORAIS, Alão de, ob. cit., p. 22

413. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 69v.

414. MADRE DE DEUS, Frei João da, *Nobiliario*, manuscrito, Biblioteca Pública Municipal do Porto, nº 203, fls. 543 e segs.

415. CARCAVELLOS, ob. cit., vol. III, Braga, 1923.

416. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 161, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomos 11º, p. 109, e 28º, p. 51.

417. «Diz-se que o escreveu no ano de 1636 e que o único exemplar que existia era um transunto do original feito em 1679 pelo Comissário Padre Manuel Barbosa Cabral, sobrinho do autor»; em 1722 «essa cópia encontrava-se em poder do Reverendo Jacinto José, filho do referido comissário; «hoje não se sabe o paradeiro de tão importante manuscrito»; o termo



vilegiadas para fornecer a este respeito uma informação fidedigna. Ele nasceu nas últimas décadas do séc. XVI. Seus pais eram naturais de Amarante (Sebastião Navarro Veloso e Maria de Queirós⁴¹⁸). E uma sua irmã inteira, Maria de Queirós Veloso, como adiante se verá, casou com Simão de Macedo Ribeiro, filho do licenciado Gonçalo Ribeiro e de Camila de Macedo, que era filha de António de Macedo e de Helena Esteves. Quer dizer, a irmã de frei Raimundo era casada com um neto materno do António de Macedo de Amarante, que morreu pouco antes de 1555.

Este António de Macedo era pois, afinal, filho do abade Aires Gonçalves de Macedo, já acima várias vezes referido, que teve a igreja de S. Clemente de Basto não antes de 1500 nem depois de 1548. E é também de assentar em que era diferente do António de Macedo, filho de Gaspar de Macedo, que tomou ordens menores em 1537.

Era seu primo. Na verdade, tudo indica que os avós paternos de ambos estes Antónios de Macedo (Diogo Gonçalves e João de Macedo) foram próximos parentes – tio e sobrinho, como acima sustentei.

Diogo Gonçalves era consideravelmente mais velho do que João de Macedo. É natural portanto que o António de Macedo de Amarante fosse mais velho do que o de Celorico de Basto, que foi para Mazagão.

Do que se acha documentado, nada contrária, assim, a versão de J. P. de Loureiro, isto é, que o António de Macedo que foi para Mazagão e aí vivia já na 2ª metade do séc. XVI, era irmão inteiro do mencionado licenciado Francisco de Macedo.

É certo que essa versão não é acompanhada por qualquer outro autor.

Mas os genealógicos portugueses perderam quase sempre o fio da meada das linhagens que se estabeleceram em Mazagão e noutras praças norte-africanas.

O facto de Loureiro estar, nesse particular, isolado entre os linhagistas, pode militar justamente a favor da credibilidade da informação. No universo dos genealógicos antigos, o consenso resulta frequentemente da cópia não criticada de outras genealogias e é por vezes muito mais enganador do que a informação isolada, obtida pelo próprio autor.

Por outro lado há um argumento muito forte para reforçar a dita versão de J. P. de Loureiro.

É que o nome *Gaspar*, na primeira metade do séc. XVI, não era dos mais comuns. E ainda mais especial aparece, quando ligado ao apelido *Macedo*, que então se achava ainda pouco disseminado. Percorrida a abundante documentação susceptível de fornecer dados para esta linhagem, o mais antigo *Gaspar de Macedo* que encontrei foi o filho de João de Macedo, abade de S. Clemente de Basto. Relembre-se que ele deve ter nascido em fins do séc. XV, princípios do séc. XVI. Tal conjugação de *praenomen* e apelido noutra personagem é então omissa em qualquer outro documento consultado. Transmitiu-se depois, da 2ª metade de quinhentos em diante, a vários descendentes conhecidos de Amarante e locais próximos. Mas começou com aquele filho do abade.

Seria improvável coincidência, portanto de afastar, que o cavaleiro Gaspar de Macedo, nascido em Mazagão cerca de 1565 (cujo pai, para mais, se chamava António de Macedo), e que teve um filho também chamado António de Macedo, não fosse parente próximo dos Macedos de Basto e mesmo neto do referido Gaspar de Macedo.

Ainda um outro ponderoso argumento é de aduzir, no sentido da credibilidade da informação de J. P. de Loureiro.

É que a versão que este apresenta, no nobiliário *Famílias do reino*, de que o Gaspar de Macedo de Mazagão era filho dum António de Macedo, não podia ter chegado ao seu conhecimento pelas duas vias pelas quais a confirmei – o processo do Santo Ofício de inquérito ao procedimento de Rafael de Oliva e um assento no Registo Geral das Mercês. O primeiro, porque no tempo de J. P. de Loureiro permanecia vedado à consulta; o segundo porque, no nobiliário *Famílias de Mazagão*, este declara ignorar quem fosse o pai do referido Gaspar de Macedo, omitindo qualquer simples alvitre de que se chamasse António de Macedo – coisa que não aconteceria se ele houvesse consultado o dito assento. Só poderia por isso ter obtido a informação – tão certa quanto a nomes e omissa em todos os outros genealogistas – a partir de documento avulso da época. Não dum qualquer escrito genealógico.

de abertura do manuscrito era o seguinte: «Livro das gerações de Amarante, gouvea, e gestaço, q escreveu o P.e Fr. Raimundo da ordem de S. Dom.os, irmão de M.el Velozo de Queiroz, athe o anno de 1636, e dahi por diante lhe acrescentei o q pude alcançar na verdade» (CARVALHO, Abílio Pacheco Teixeira Rebelo de, “Uma ‘guerra de cem anos’ em Amarante”, *Armas e Troféus*, II série, tomo II (1960), p. 332).

418. A. D. Porto, Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, livro 2 de Baptismos, fl. 75.



Como tal, é imperiosa a inferência de que a ponte entre os Macedos de S. Clemente de Basto e um Macedo que constituía família em Mazagão não podia ter sido invenção sua nem sequer hipótese especulativa que lhe tivesse vindo à cabeça; e que tinha na base um documento coetâneo dos acontecimentos, isto é, de cerca de 1580.

No balanço destas considerações, parece pois acertado aceitar a versão de J. P. de Loureiro no essencial, ou seja: que o António de Macedo que foi para Mazagão em meados do séc. XVI era irmão inteiro do licenciado Francisco de Macedo, e pessoa diferente do António de Macedo que também viveu em Amarante e foi casado com Helena Esteves.

10.5.3 – Valentim de Macedo

Alão de Morais chama-lhe *Lançarote* e diz que dele provieram os Macedos Barrosos de Guimarães⁴¹⁹. Na sua esteira, Gayo diz o mesmo⁴²⁰. Mas outros autores lhe chamam *Valentim*, o que parece mais certo, pois corresponde a um homem que, quando morava em Guimarães, interveio como testemunha no tombo das terras de Basto, em 1572⁴²¹ e, em Julho de 1592 foi testemunha dum casamento em Salvador do Souto. Casou em Guimarães com uma Isabel Rebelo. Foi sua neta paterna uma Catarina de Macedo, que casou duas vezes, ambas com Rebelos, e foi sua bisneta, uma Guiomar de Macedo, mulher de Diogo Barroso.

Não vejo razões para impugnar este entroncamento de Valentim de Macedo entre os filhos de Gaspar de Macedo.

10.5.4 – Simão de Macedo

Parece que terá sido ele a herdar a quinta da Aveleira, em S. Clemente de Basto, provavelmente como 2ª vida do respectivo prazo. Era possivelmente dos filhos mais novos de Gaspar de Macedo, nome que deu

a um dos filhos que teve. Ao que parece, a descendência conservou a dita quinta até os dias de hoje.

10.5.5 – Baltazar de Macedo

Este tomou ordens menores em Braga em 11 ou 17 de Dezembro de 1541⁴²², ordens de epístola em 18 de Dezembro de 1546⁴²³ e de evangelho em 5 de Março de 1547⁴²⁴. Foi provido na igreja de S. Miguel de Cacerelhe em Maio de 1546, por renúnciação do abade Aires Gonçalves de Macedo⁴²⁵. Ainda era abade desta igreja em 1562, ano em que assinou como testemunha no tombo das terras de Basto⁴²⁶, que estava a ser feito por seu irmão Francisco.

10.5.6 – Camila de Macedo

Disse já, acima, que esta foi casada com Manuel Cerqueira. Não se confunde com a filha de António de Macedo e de Helena Esteves, que veio a casar com o licenciado Gonçalo Ribeiro.

Esta era um pouco mais velha, morreu durante as duas primeiras décadas do séc. XVII. Pode perfeitamente ter nascido durante a década de 30.

Foram seus filhos, pelo menos, um Manuel, um Gaspar, casado com geração, e uma Maria, casada sem geração.

Daquele Gaspar, que foi alcaide-mor de Celorico de Basto, foi filho o desembargador Gaspar de Macedo da Cunha e neto paterno o fidalgo de cota de armas Luís de Macedo da Cunha, existindo progénie até a actualidade.

Considero por isso muito provável que ela haja sido filha de Gaspar de Macedo e neta paterna do abade João de Macedo.

10.5.7 – Outros filhos

Além destes, como disse, alguns autores mencionam os seguintes filhos de Gaspar de Macedo: Brio-

419. Segundo MORAIS, Alão de, ob. cit., p. 18.

420. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, 1939, p. 17.

421. Núcleo Antigo, nº 252.

422. A. D. Braga, Matrículas ... etc., pasta 11, caderno 1, fl. 2, e Livro 324 do Registo Geral, Livro 6 de Mostras, fl. 12.

423. A. D. Braga, Matrículas ... etc., pasta 11, caderno 9, fl. 9, e Livro 324 do Registo Geral, Livro 6 de Mostras, fl. 12.

424. A. D. Braga, Livro 324 do Registo Geral, Livro 6 de Mostras, fl. 12.

425. *ibidem*.

426. Torre do Tombo, Núcleo Antigo, nº 252.



lanja, Guiomar, Maria, Gaspar e Álvaro de Macedo.

Nada encontro que implique considerar erradas estas indicações. Elas estão porém longe de se acharem provadas. Não posso, assim, fazer mais do que tomar a indicação como uma simples hipótese de trabalho.

11 – Representação genealógica de Martim Gonçalves de Macedo

Quem representa hoje Martim Gonçalves de Macedo?

Como se verá na exposição genealógica adiante feita, é de presumir ter sido seu representante o último senhor do morgado da Sítima, alentejano. Com efeito, uma vez que parece ter-se extinguido a descendência legítima de Henrique de Macedo Salvago, casado em Baçaim com uma Meneses, seria o possuidor daquele morgado quem chefiava a descendência do casal D. Helena de Macedo e Rui Casco de Vasconcelos, ela filha do fidalgo Fernão de Macedo e de D. Brites Salvago⁴²⁷. Se porém não houvesse descendência legítima dessa D. Helena de Macedo, então a representação genealógica de Martim Gonçalves de Macedo pertenceria ao chefe dos Siqueiras Freires – a Condessa de S. Martinho, também Condessa de Azambuja – descendente de D. Catarina Borges Coutinho, tia direita da mesma D. Helena, e casada com Gaspar de Siqueira.

12 – O fidalgo João de Macedo e os Macedos chefes

Desde logo haverá que lembrar que o herói de Aljubarrota não era chefe da linhagem.

Com efeito, como acima se viu, o fidalgo João de Macedo obteve em 1518 carta de armas na qual ficou declarado que ele e seu avô paterno Fernão Esteves de Macedo foram chefes da linhagem dos “de Macedo” e tinham a sua casa e solar respectivos.

12.1 – Ascendência dos Macedos chefes

Será possível avançar algo sobre a ascendência destes?

12.1.1 – *Morais e Macedos*

José Cardoso Borges dá notícia⁴²⁸, a propósito da linhagem dos *Morais* da região de Bragança, de que o chefe dos *Morais*, Martim Gonçalves de *Morais* casou com D. Lucrecia Lourenço de Távora, e que foi filho de ambos Gonçalo Rodrigues de *Morais*, que casou com Genebra de Macedo, irmã de Martim Gonçalves de Macedo «o que se achou na Batalha de Aljubarrota»

Segundo o mesmo autor, destes Gonçalo Rodrigues de *Morais* e Genebra de Macedo teriam tido a seguinte descendência imediata:

«9 *Rodrigo de Moraes*

Fernão de Moraes, que teve a Vasco Fernandes de Moraes vassalo de ElRey, que casou com Constanca Dias de Nobrega filha de Diogo Vasques de Nobrega escudeyro vassalo de ElRey morador nesta cidade e foy juiz ordinario em 1468, e teve

Catarina Vasques de Moraes

Genebra Vasques de Macedo, que casou com João Alvares, e teve Juliana Alvares de Macedo que casou com Francisco Borges.

9 Rodrigo de Moraes casou com D. Leonor de Moraes de Távora filha de Luis de Madureyra, e de D. Catarina de Moraes de Távora, que era neta de Pedro Lourenço de Távora Reposteyro mor de ElRey D. João Primeyro, e Luis de Madureyra filho de Gonçallo Vaz do Rego Alcayde mor do Vimioso, e de Isabel Mendes, e esta filha de Estevão Mendes de Távora, que foy senhor do Vimioso, e Irmão do dito Pedro Lourenço de Távora filhos de Lourenço Pires de Távora, e de D. Alda Gonçalves n.º 7

teve

10 Gonçallo Rodrigues de Moraes

Ignes Rodrigues, que casou com Gonçallo de Moraes n.º 4 §3.

427. Para aquele casal e seus descendentes, segui o monumental tratado genealógico *Principaldade Alentejana*, em muitos volumes, inédito, da autoria do bom e velho amigo Gonçalo de Mello Guimarães, II volume, 1996, “Título de Brito Casco da Silva” (agradecendo-lhe vivamente ter-me oferecido um exemplar desse tratado), e ainda MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, pp. 307-308, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 3º, 1938, pp. 158-159.

428. BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 101v e segs.



10 *Gonçallo Rodrigues de Moraes casou com D. Maria de Sousa, que parece ser filha de Pedro de Sousa Alcayde mor desta cidade, nem em ella vejo este appellido senão do tempo do Alcayde mor Pedro de Sousa em diante, suposto havia Sousas mais antigos, como se ve em Gonçallo Nunes desta cidade que tambem pertenson e herança do Conde D. Gonçallo Garcia de Sousa Monarq. Lus. Part 5. L.16 Cap. 58v.º*

E sobre estes Sousas escreveu o mesmo autor⁴²⁹:

«*Alcaydes mores pelos Serinissimos Duques de Bragança.*

12. *O Senhor D. Affonso primeyro Duque fes Alcayde mor a Pedro de Sousa fidalgo da sua casa à margem.*

Este Pedro de Sousa, achase em humas partes com o sobrenome de Alvim Tambem acho por Alcaide mor de Bragança a Pedro Borges de Sousa filho 4. de Goncallo Borges mas não sei se tudo isto he equivocação.

13. *João de Sousa, que parece ser filho de Pedro de Sousa. Deste procede a mayor parte da nobreza desta cidade, e da villa de Vinhaes por suas filhas Briolanja de Sousa, que casou em Vinhaes com Gonçallo de Moraes irmão de João de Moraes o velho filho com outros de Ruy de Moraes desta cidade, que casou naquela villa com Guiomar Gomes; a outra filha de João de Sousa foy Branca de Sousa, que casou com João de Macedo Alcayde mor de Outeyro, cuja filha D. Anna de Macedo casou com Lopo de Maris, de quem fala Haro no Nobil. Geneal. Tom. 1 Lib 3. fol 136v.º, e no Archivo da Camara se acha huma escriptura em que João de Sousa, como procurador de seu genro João de Macedo Alcayde mor de Outeyro lhe vendeo o campo redondo nesta cidade em Outubro de mil quatrocentos e noventa e sete.*

14. *Lopo de Sousa do concelho de ElRey, foy este juntamente Fronteyro mor, e Governador em TrassosMontes nas terras do Estado da Serinissima casa de Bragança.»*

12.1.2 – Fernão Esteves

O abade de Baçal deu conhecimento duma *Ar-*

vore Genealogica da família dos Figueiredos da quinta de Arufe, que terá sido feita por José Cardoso Borges mais de 15 anos depois de ter elaborado a sua já tão referida monografia de Bragança⁴³⁰.

Segundo essa árvore, João de Macedo, alcaide-mor de Bragança, atrás bastas vezes referido, casado com Branca de Sousa, teria sido filho de Leonis de Macenedo e de Teresa de Quinhones. Deste Leonis teria sido irmão Fernando Esteves de Macedo (o II, atrás referido), pai de Gonçalo de Macedo, possuidor do morgado de Parada. Fernando Esteves de Macedo e Leonis de Macenedo teriam sido filhos de Gonçalo Esteves e de sua mulher D. Maria Martins, e netos de Estêvão Anes de Bragança, cavaleiro.

Há grandes erros nesta genealogia. Ao que parece, terão sido devidos, no fundamental, à errada interpretação duma escritura de venda, lavrada em 1497, existente no arquivo da Câmara de Bragança.

O mais evidente dos erros é a filiação do dito João de Macedo. Sabe-se pela referida carta de armas de 1518 que ele não era filho de Leonis de Macenedo, mas sim de Gonçalo de Macedo (que a dita árvore faz seu primo coirmão), e não era sobrinho direito de Fernão Esteves de Macedo, mas sim seu neto. Está aliás provado, por uma matrícula de ordens na Sé de Braga de 1461, já atrás largamente tratada, que os pais do dito João de Macedo foram Gonçalo de Macedo e Teresa Sanches, moradores na freguesia de Santa Maria de Bragança.

Outro claro erro é o de que esse Fernando Esteves de Macedo fosse filho dum Gonçalo Esteves e neto paterno do cavaleiro Estêvão Anes de Bragança

Estes dois últimos são personagens documentadas e já cima estudadas.

O cavaleiro de Bragança Estêvão Anes teve efetivamente um filho Gonçalo Esteves, também cavaleiro de Bragança que, como atrás se viu, em 10 de Julho de 1340, ao mesmo tempo que com a mãe, viúva, enterrava o pai no mosteiro de Castro de Avelãs e doava a este um casal em Nunes e uma vinha em Ouselhão⁴³¹.

Por outro lado, viu-se também que o dito Estêvão Anes tivera outro filho, Fernão Esteves (o I atrás referido), que com o pai outorgara uma procuração em Bragança em 1305. Que este Fernão Esteves fosse o avô paterno do fidalgo João de Macedo, é porém cronologicamente impossível. Com efeito, este João de Macedo terá nascido entre 1446 e 1454,

429. *Ibidem*, fls. 22 e 22v.

430. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo VI, p. 113.

431. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo IV, p. 470.



como acima tive ocasião de justificar. Para que fosse neto daquele Fernão Esteves, que não nasceu de certo depois de 1280, a média do intervalo geracional entre ambos seria de cerca de 60 anos, o que é inverosímil.

De resto é muito improvável que, na época, Fernão Esteves de Macedo fosse filho dum *Gonçalo*, para mais legítimo. Pela regra do patronímico havia de ser filho, sim, de um *Estêvão*.

Se se quiser salvar a hipótese de ele descender do referido cavaleiro de Bragança Estêvão Anes, então o mais aceitável será presumir que o Fernão Esteves de Macedo II, avô paterno do fidalgo João de Macedo, era neto (paterno ou materno) do mencionado Fernão Esteves I, filho de Estêvão Anes de Bragança. O pai do dito Fernão Esteves de Macedo II haverá de ter tido o *praenomen* de *Estêvão*. E o filho (ou filha) do Fernão Esteves I (filho de Estêvão Anes de Bragança), que foi avô (ou avó) daquele Fernão Esteves de Macedo II, haveria de ter tido o patronímico *Fernandes*.

Porém, tal raciocínio é muito especulativo, pois além do mais, não achei sustentáculo documentado directamente confirmativo de que Fernão Esteves de Macedo II descendesse do dito Estêvão Anes.

Voltamos portanto à estaca zero no que se refere à ascendência imediata de Fernão Esteves de Macedo, chefe desta linhagem.

12.1.3 – Estêvão Anes de Bragança

Tal chefia de linhagem – viu-se também – é difícil de harmonizar com o facto de Martim Gonçalves de Macedo, seu filho Diogo Gonçalves de Macedo, e seu neto Henrique de Macedo, terem sido comprovadamente senhores de Sanceriz, um senhorio que provinha duma carta régia de escambo datada de 1300, com acima se viu.

Se se têm por bons, na sua totalidade, os dados que entendi credíveis à partida, chega-se a um aparente impasse.

Recapitulando, esses dados são:

- registo na chancelaria de D. Manuel I da carta de armas de João de Macedo
- registo na chancelaria de D. Dinis do escambo de Sanceriz em 1300
- menção em Bernardo Pimenta de Avelar Portocarrero da sentença de D. Dinis de 1301 sobre os direitos de Sanceriz
- registo na chancelaria de D. Duarte de que

Diogo Gonçalves de Macedo era senhor de Sanceriz

- menção em Ascenso de Siqueira da venda de Sanceriz por Henrique de Macedo
- menção em José Cardoso Borges da instituição do morgado de Macedo em 1353.

O principal problema é que, se o pai dos três irmãos Fernandes de Macedo (Rui, que instituiu o morgado, Gonçalo, que foi pai de Martim Gonçalves de Macedo, e Aires) se chamou efectivamente, como indica Cardoso Borges, Fernão *Esteves*, ele, pelo nome, não seria certamente filho do *Rui* Martins que foi senhor de Sanceriz por escambo com o rei D. Dinis.

Podia ser neto, desde que fosse filho dum hipotético **Estêvão Rodrigues*.

Mas a cronologia embaraça muito tal hipótese.

Na verdade, para a sua viabilidade exigir-se-ia

- que Rui Martins tivesse recebido o senhorio de Sanceriz quando tinha cerca de 50 anos de idade, ou mais
- que ele tivesse sido o seu hipotético filho **Estêvão* com cerca de 25 anos, à volta de 1275
- que esse **Estêvão* houvesse gerado um filho Fernão Esteves cerca de 1300
- que esse Fernão Esteves tivesse gerado o seu primogénito Rui Fernandes cerca de 1325
- que esse Rui Fernandes tivesse instituído o morgado de Macedo com menos de 30 anos de idade.

Estas condições não são impossíveis. Mas tem de convir-se que, sobretudo quando reunidas, seriam muito incomuns.

Nomeadamente haveria que existir, entre quatro gerações de varões sucessores, um intervalo etário médio de 25 anos – o que, sem ser impossível não é vulgar naquelas circunstâncias.

A idade do instituidor do morgado também parece curta para o acto de instituição.

Em suma: nem Fernão Esteves II, chefe da linhagem dos Macedos, avô paterno de fidalgo João de Macedo, também chefe da mesma, nem Rui Fernandes de Macedo, instituidor em 1353 do morgado dos Macedos, descendiam por varonia de Rui Martins, senhor de Sanceriz.

E como atrás alvitrei, é de supor que ambos descendessem por varonia, sim do referido Estêvão Anes de Bragança.

12.2 – Dados biográficos sobre o fidalgo de cota de armas João de Macedo

Da vida do chefe de nome e armas João de Macedo, acima várias vezes mencionado, conhecem-se alguns dados.

Nasceu entre 1446 e 1454, pois recebeu ordens menores em Braga em 1461.

Em Setembro de 1478 era escudeiro, criado da “rainha de Castela e de Portugal” (D. Joana, a “Excelente Senhora”).

Em Janeiro de 1481 era escudeiro do príncipe D. João e recebeu o ofício de almoxarife da alfândega do porto de Bragança⁴³² e bem assim uma tença de 5100 reis, a qual veio a ser confirmada por D. Manuel I em 1496-04-25⁴³³.

Em 1482-05-20 era escudeiro da Casa Real e recebeu do novo rei D. João II aquele mesmo ofício⁴³⁴. Em 1482-08-07 foi perdoado pelo rei dos ferimentos que infligira numa briga com Rui Teixeira, escudeiro de Vila Real⁴³⁵.

Em 16 de Julho de 1483 era fidalgo da Casa Real e obteve o ofício de veador dos vassalos de El-Rei em Bragança⁴³⁶.

Em 26 de Setembro desse ano foi feito alcaide-mor da vila e castelo do Outeiro⁴³⁷ e no dia seguinte foi-lhe concedida uma tença anual de 10 mil reais brancos⁴³⁸. Veio a recebê-la desde 1 de Janeiro de 1484 e, já no reinado de D. Manuel I, ela foi confirmada e paga a partir de 1 de Janeiro de 1506, conforme carta régia de 12 de Setembro desse ano⁴³⁹.

Recebeu em 1491-03-09 privilégio de isenções e escusas para 30 homens moradores no termo de Bragança que estavam ao seu serviço⁴⁴⁰.

Com sua mulher vendeu em 1497 ao senado da câmara de Bragança a quinta de Campo Redondo, que ela recebera dos pais.⁴⁴¹ Nesta escritura outorgou seu sogro como seu procurador.

Era, à data, alcaide-mor do Outeiro, cargo que largou para o Duque de Bragança, recebendo por isso uma tença de 30 214 reis em 1497-12-08 (ou 1498-03-02)⁴⁴², e teve um padrão de 25 214 reis em 1508⁴⁴³. Esta tença anual e um privilégio para seus caseiros, amos e lavradores ainda vigoravam em 1522⁴⁴⁴. Em 1518-03-04, tendo morrido seu genro Simão Correia, em quem trespassara 20 mil reis de tença, obteve a mercê de outros 10 mil reis vitalícios, desde 1 de Fevereiro⁴⁴⁵.

No mesmo ano renunciou 20 mil reis da sua tença em seu genro, o licenciado Luís de Madureira, o que foi confirmado por padrão régio de 1522-03-02⁴⁴⁶.

Por carta de 1518-04-15 foi fidalgo de cota-de-armas, tendo provado por inquirição de testemunhas ser o chefe da linhagem dos Macedos⁴⁴⁷.

Em 1526 ainda vivia e era fidalgo da Casa Real⁴⁴⁸.

Casou, certamente antes de 1485, com Branca de Sousa, segundo Cardoso Borges, que a declara filha de João de Sousa, alcaide-mor de Bragança⁴⁴⁹.

12.3 – Sua descendência

Reina a confusão sobre a descendência deste João de Macedo. A sua qualidade de chefe de nome e armas parece que haveria de ter dado origem a memórias genealógicas mais ou menos consensuais. O

432. Chancelaria de D. Afonso V, livro 26, fl. 7.

433. Chancelaria de D. Manuel I, livro 33, fl. 94.

434. Chancelaria de D. João II, livro 6, fl. 55v.

435. Chancelaria de D. João II, livro 3, fl. 19; livro 6, fl. 55v; e livro 24, fls. 50v e 88.

436. Chancelaria de D. João II, livro 24, fls. 87v e 88.

437. Chancelaria de D. João II, livro 26, fl. 106v.

438. Chancelaria de D. João II, livro 24, fl. 50v.

439. Chancelaria de D. Manuel I, livro 38, fl. 13v.

440. Chancelaria de D. João II, livro 9, fl. 76.

441. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo I, pp. 319-320, e tomo VI, p. 117, e BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 22-22v.

442. Chancelaria de D. Manuel I, livro 31, fl. 26v, e Chancelarias Régias, Leitura Nova, livro 4 Místicos, fl. 56 v.

443. Corpo Cronológico, parte 2, maço 14, doc. 116.

444. Corpo Cronológico, parte 2, maço 104, doc. 128.

445. Chancelaria de D. Manuel I, livro 10, fl. 130v.

446. Chancelaria D João III, Doações, livro 51, fl. 104.

447. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 301.

448. Corpo Cronológico, parte 1, maço 34, doc. 11.

449. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 108.

facto, porém, é que, quando começaram a ocupar-se dos Macedos, em inícios do séc. XVII, os genealógicos não dispunham de informação bastante, quer em fontes primárias, quer em memórias fidedignas que pudessem servir de guia à reconstituição desta estirpe. Nem mesmo o benemérito monografista de Bragança José Cardoso Borges, pôde recolher informação suficiente para se decidir afoita e seguramente por problemas genealógicos tão centrais como a sucessão na chefia daquele nome e armas, a sucessão continuada no morgado dos Macedos (de 1353), ou a identificação exacta e as ligações matrimoniais dos filhos do dito João de Macedo.

Os dados fornecidos por Borges, além de lacunares, são por vezes aparentemente contraditórios. E a verdade é que nele se baseia quase todo o tratamento genealógico que até hoje foi dado à descendência imediata daquele chefe do nome e armas.

12.3.1 – Os Macedos Marizes

Dos poucos dados que podem considerar-se seguros e se revelam muito consensuais entre os linha-gistas, são os que se referem a um ramo proveniente de uma das filhas de João de Macedo.

Com efeito, sabe-se que certo Lopo de Mariz era genro de João de Macedo.

Que uma filha de João de Macedo, sempre chamada *Ana*, fora mulher do dito Lopo de Mariz escreveram-no Alão de Moraes, Manso de Lima⁴⁵⁰ e o incontornável José Cardoso Borges⁴⁵¹.

Segundo este último autor, a referida Ana de Macedo casou também com Rui Gomes Mascarenhas. E tal versão foi repetida por outros. Mas está decerto errada. É preferível entender que houve duas Anas de Macedo, homónimas, das quais a primeira era seguramente filha legítima de João de Macedo, e a segunda, quando muito, filha bastarda legitimada.

É que Lopo de Mariz, que já era veador de alcaldamento da alfândega de Bragança por carta de D. Ma-

nuel I, foi confirmado nesse ofício por carta de D. João III de 30 de Outubro de 1522⁴⁵², além do que o seu filho António não podia ter nascido antes de 1527. Assim, Ana de Macedo, filha legítima, não podia ter casado de novo antes deste ano e provavelmente casou até alguns anos depois, o que torna difícil compatibilizar o facto de Rui Gomes Mascarenhas ter tido dela uma filha casada com um escrivão do reinado de D. João III. Adiante se verá que este “Rui Gomes Mascarenhas” é outra personagem, que tinha até voto de celibato.

Houve frutos do casamento entre Lopo de Mariz e Ana de Macedo, filha legítima de João de Macedo.

Um filho varão, António, ignorado dos genealógicos, talvez por não ter deixado sucessão, recebeu ordens menores em Braga em 1542-03-25⁴⁵³.

Segundo geral consenso, daqueles nasceu também D. Isabel de Mariz, que casou com Nuno Álvares Pereira⁴⁵⁴, filho de Pedro Álvares de Moraes Pimentel e de sua 2ª mulher, D. Maria Pereira⁴⁵⁵. Foram os pais de uma destacada prole, entre a qual avulta Pedro Álvares Pereira, secretário do Conselho de Portugal, membro do Conselho de Estado de Castela, senhor de Serra Leoa e do Paul de Muje, em Barbacena, e comendador de Marmeleiro, em Faro. Deixou geração que se extinguiu.

Outra filha de Nuno Álvares Pereira e D. Isabel de Mariz foi D. Maria Pereira, mulher do governador do Brasil Diogo Botelho, pais do grande Nuno Álvares Botelho, governador da Índia, morto numa batalha contra os holandeses e, por este, avós do 1º Conde de S. Miguel Francisco Botelho.

Filhos dos mesmos Nuno Álvares Pereira e D. Isabel de Mariz foram ainda um bispo de Miranda e depois de Lamego, D. Francisco Pereira, um Luís Álvares Pereira, que foi morto pelos mouros em Tânger, solteiro, e um António de Macedo de Mariz que foi cavaleiro da Ordem de Cristo em 1582-11-07, com uma tença anual de 50 mil reis, e nela comendador de Santa Luzia de Trancoso em 1599-01-20, na qual foi provido em 3 de Março do ano seguinte⁴⁵⁶ e casou em Bragança, com geração que parece ter-se extinguido.

450. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 166, e vol. XV, p. 152.

451. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 398, e BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 105v e 108.

452. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 46, fl. 217.

453 A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 4, fl. 12v

454 MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 358, e SÃO PAYO, Luiz de, “Reconstituição ..., etc.”, cit., pp. 202-203

455. Para estes e seus descendentes, seguiu SILVA, Manuel de Souza da, *Nobiliário ...* etc. cit., volume I, pp. 465-466 e 551.

456. Torre do Tombo, Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 5, fls. 11v e 12, livro 6, fls. 51v e 524, e livro 13, 318v, *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo tirada do Livro da Matricula que está no Convento de Thomar, Cabeça e Bailia da dita Ordem, per sua ancianidade, començando desde o tempo del Rey Dom Henrique em diante*, publicada por Juan de Ávila Gijón Granados, “La bibliografía de la Orden Militar de Cristo (Portugal). Del manuscrito al soporte electrónico”, *Via Spiritus*, Porto, Universidade do Porto, n.º 8 (2002), p. 409.



Também segundo entendimento muito generalizado, de Lopo de Mariz e Ana de Macedo, acima referidos, nasceram Catarina de Mariz, casada com outro Lopo de Mariz, ascendente dos Farias Mariz, e Maria de Mariz, que veio a casar com o vereador e procurador de Bragança Estêvão Dourado⁴⁵⁷, dando assim origem aos Dourados de Mariz, com descendência⁴⁵⁸.

12.3.2 – Os *Madureiras*

Outra filha do fidalgo João de Macedo casou com um *Madureira*, como reconhece a generalidade dos autores.

Uns chamam-lhe Álvaro Anes de *Madureira*. Mas é erro. Por um registo da chancelaria régia se sabe que o *Madureira* genro de João de Macedo não foi Álvaro, senão Luís de *Madureira*. Exerceu o cargo de provedor dos feitos da Fazenda de D. João III⁴⁵⁹.

Cardoso Borges, que incorre no dito erro fá-lo, ao que parece, por baralhar gerações. Mas aponta correctamente estes *Madureiras* como os do morgado de Parada em Bragança. E desfia a sua descendência.

12.3.3 – Os *de Vimioso*

José Cardoso Borges aponta também descendência masculina, aparentemente legítima, ao fidalgo João de Macedo⁴⁶⁰. Teria sido seu filho um outro João de Macedo, casado na vila de Vimioso com Maria Vaz do Rego, filha do alcaide-mor da dita vila, pais de Fernão de Macedo, instituidor dum morgado e ali casado com uma Mendes Antas e estes terão sido ascendentes de gente fidalga da região brigantina.

Não acho porém outras fontes que o confirmem.

Por outro lado, estranhamente, aquele autor não associa a estes Macedos de Vimioso o morgado primitivo dos Macedos, isto é, o instituído por Rui Fernandes de Macedo. E não encontro, nem nele, nem em parte alguma, menção de que nos Macedos de Vimioso estivesse a chefia do nome e armas da linhagem.

Permaneço portanto, reservado, quanto a esta descendência, o que é tanto mais perturbante quanto estamos a falar, nem mais nem menos, do eventual tronco dessa chefia. Sem embargo, como também não encontro fundamento bastante para impugná-la, expô-la-ei com a ressalva de se tratar de mera presunção frágil, a manter até prova em contrário.

12.3.4 – Os “*de Mascarenhas*”

Como se viu, os genealógicos atribuíram à Ana de Macedo filha de João de Macedo um segundo casamento com um tal “Rui Gomes de Mascarenhas”, que seria até cavaleiro professo numa ordem militar. Mas tal dado, até há pouco pacificamente repetido em trabalhos linhagísticos, não passou no rigoroso e arguto crivo de Luiz de S. Payo, que investigou essa personagem e chegou à conclusão de que era afinal um clérigo, chamado apenas Rui Gomes, era abade da igreja matriz de Mascarenhas, povoação do distrito de Bragança, e filho ilegítimo dum Afonso Gomes, outrossim abade da mesma igreja. De sua amiga, provavelmente portadora do apelido Macedo, teve Rui Gomes a filha Isabel Gomes, que veio a casar com Aleixo de Moraes Pimentel⁴⁶¹.

É pois, só por isso, pouco menos que inverosímil que a amiga do dito abade fosse a mesma filha legítima do fidalgo João de Macedo que casara com Lopo de Mariz, que tinha estatuto social idêntico ao do sogro.

Mas já não parece tão chocante que a companheira do abade fosse uma filha bastarda do mesmo João de Macedo.

Ora sabe-se que ele teve uma filha Ana, extramatri-monial, que foi legitimada por carta de 1520-10-22⁴⁶².

Como tudo parece apontar para que a amiga de Rui Gomes, abade de Mascarenhas, teve o apelido Macedo, afigura-se muito possível que ela fosse esta bastarda, que tinha o mesmo nome que sua irmã consanguínea mulher de Lopo de Mariz. Essa homónimia teria sido possivelmente a causadora da confusão entre as duas meias-irmãs em que incorreram os genealogistas.

457. ASSIS, António de, ROCHA, Graça de Araújo da, e VARELLA, Luís Soveral, *Habilitações para o Santo Ofício*, vol. XXV (único publicado), Lisboa, edição dos autores, 2003, p. 30.

458. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 398.

459. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 51, fl. 104.

460. BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 126v-127.

461. SÃO PAYO, Luiz de, “Reconstituição ... etc.” cit., pp. 197 e 202-204, resultando assim corrigido BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, VI, p. 13.

462. Chancelarias Régias, Leitura Nova, livro 3, fl. 284v.



A Ana de Macedo, filha legítima, casou com este Mariz e foi ascendente de gente ilustre, como os Condes de S. Miguel. A bastarda juntou-se com o referido clérigo e gerou também descendência, de menos destaque, que viveu, nas primeiras gerações, na região de Bragança.

12.4 – Quem será actualmente o chefe do nome e armas e da linhagem dos Macedos ?

Essa chefia pertencia na 1ª metade do séc. XV a um Fernão Esteves de Macedo e em 1518 ao neto paterno daquele, o fidalgo João de Macedo. Tal reforça a hipótese mais provável sobre o modo de sucessão no morgado de Macedo de Cavaleiros: a de que essa sucessão se faria segundo o modelo da sucessão nos bens da Coroa que vigorou desde a 2ª dinastia até a extinção destes, operada pelo liberalismo.

Pode pois avançar-se a hipótese de que o chefe de nome e armas de Macedo devesse ser, em cada momento, o administrador do referido morgado, o qual integrava a antiga honra de Macedo, considerada o solar desta linhagem nobre.

O problema está em que ainda não consegui identificar bem quem fosse o Jorge de Moraes Sarmento que, ao tempo em que José Cardoso Borges escrevia, administrava o morgado. Nem sei se teve descendência nem quem herdou o vínculo até a extinção deste.

A chefia do nome e armas de Macedo estará portanto em quem, se o dito morgado ainda existisse, seria hoje o sucessor nessa administração.

É, em abstracto e sem concretizar minimamente, o mais que posso opinar.

13 – Como entroncar os Teixeira de Macedo?

Nos sécs. XV e XVI, os Teixeiras de Macedo tiveram destaque, figurando entre a nobreza principal do reino.

Ninguém tem dúvidas hoje de que a sua ascendência varonil é dos Teixeiras da honra medieval de Teixeira, tratados por Luiz de São Payo, com o critério e a profundidade que caracterizavam os trabalhos deste sábio genealogista.

Por ele se verifica que João Teixeira de Macedo,

que foi fidalgo do Conselho de D. Afonso V e alcaide-mor de Montalegre, era filho de Pedro Teixeira, senhor da honra de Teixeira e de Joana Martins de Macedo.

Por esta sua mãe lhe veio a sucessão no morgado de S. Brás de Vila Real, como está provado em documentos da Chancelaria de D. Manuel I⁴⁶³.

Aí se vê que ela era irmã de Diogo Martins de Macedo, que morreu sem descendência e foi cavaleiro da casa do Infante D. Fernando, ambos filhos de Martim Anes, senhor do dito morgado e netos paternos de João Pires Escolar, que instituíra o mesmo vínculo.

Nada indica que este João Pires Escolar fosse do tronco dos Macedos, pelo menos por varonia. Nem que vivesse ou tivesse assento em Macedo dos Cavaleiros.

Por isso o apelido só deve ter vindo aos referidos dois netos pela mãe deles ou, menos provavelmente (pois o pai deles, aparentemente, nunca é referido com esse apelido), pela avó paterna, mulher do dito João Pires Escolar.

Se assim é, de quais Macedos era a mãe de Joana Martins de Macedo (ou a mãe de Martim Anes, senhor do morgado de S. Brás)?

Os genealógicos seiscentistas e setecentistas não deram qualquer resposta credível, pois tenderam a considerar aquela Joana filha de Martim Gonçalves de Macedo, o herói de Aljubarrota. Mas nisso erraram clamorosamente, pois o documentado Martim, senhor do morgado de S. Brás – que era conhecido pelo correcto patronímico *Anes* - não era nem podia ser o mesmo Martim Gonçalves de Macedo. Este seria decerto filho dum Gonçalo e não de um João, não deixou rasto em Vila Real e não parece ter sido senhor de morgado algum; além do que se o tivesse sido, haveria de nele ter sucedido Diogo Gonçalves de Macedo, que era o primogénito varão, como acima se viu.

Manuel Abranches de Soveral veio recentemente sugerir que a mulher de Martim Gonçalves de Macedo, Catarina Anes, a “Rica”, seria filha do citado João Pires Escolar, instituidor do morgado de S. Brás. Se assim fosse, seria irmã de Martim Anes, que sucedeu no morgado⁴⁶⁴.

Mas nada o pode inculcar. É difícil imaginar que uma filha de João Pires Escolar tivesse herdado dele grande acervo de bens, remanescente dos que ele

463. TEIXEIRA, Júlio A., *Fidalgos e morgados de Vila Real e seu termo*, Imprensa Artística, Vila Real, vol. IV, 1952, pp. 231 e segs.

464. SOVERAL, Manuel Abranches de, *Origem dos Avelar e dos Soveral*, cit.



vinculou, sem que tal tivesse sido de alguma maneira revelado no instrumento da instituição do vínculo.

Para mais, essa hipótese não resolve – antes complica – a explicação do aparecimento do apelido *Macedo* nos irmãos Diogo e Joana Martins de Macedo.

Se o herói de Aljubarrota fosse marido duma irmã de Martim Anes só por afinidade era tio destes. Não lhes transmitiria o apelido.

É natural que Joana Martins de Macedo entroncasse nos Macedos fidalgos da região de Bragança. Mas não se dispõe de informação segura sobre como entroncava. Nomeadamente, se era do ramo dos chefes, se do de Martim Gonçalves de Macedo.

14 – Como entroncar os Macedos da quinta de Maçacorte, em Celorico de Basto?

Como acima disse, existem fortes razões para considerar estes Macedos, *maxime* o tabelião Francisco de Macedo e a sua família que foram donos da quinta de Maçacorte, parentes muito próximos dos de S. Clemente de Basto, ou seja dos descendentes do juiz dos órfãos de Montelongo João Gonçalves de Macedo.

Entre elas, apontem-se o facto de terem conexões na mesma região (Amarante e Celorico de Basto) e a de o próprio nome “Francisco”, daquele tabelião, ser usado por um dos filhos de Gaspar de Macedo de S. Clemente de Basto.

O entroncamento que deles apresenta Felgueiras Gayo é que suscita uma série de perplexidades, fazendo-os, como ele os faz, provenientes dos Teixeiras de Macedo.

Contudo, como não encontrei fonte melhor do que a justificação de nobreza mencionada por aquele genealógico setecentista, não arrisco uma solução diversa.

15 – Como entroncar os Macedos do Faial?

O apelido aparece em D. Brites de Macedo, mulher do capitão do Faial, o flamengo Jorge de Utra.

Ela, para gerar os filhos que lhe são apontados e para ter lavrado o seu testamento em 1531, decerto

terá nascido em meio do séc. XV. Sabe-se que era filha dum Jerónimo Fernandes, que instituiu uma capela⁴⁶⁵.

Ora a um Jerónimo Fernandes, que era criado do Duque de Bragança, concedeu o rei D. Afonso V privilégio de vassalo, por ter servido na guerra com homens, armas e bestas, por carta de 17 de Dezembro de 1468⁴⁶⁶. Tudo indica tratar-se da mesma pessoa.

O apelido *Macedo*, que a filha e vários descendentes usaram, poderia ter vindo dele ou de sua mulher.

É muito possível que um ou outra fosse dos Macedos de Bragança, dado que Jerónimo Fernandes servia o senhor daquela terra.

Pelo patronímico, este seria provavelmente filho dum Fernão. Há pelo menos um Fernão de Macedo, conhecido, naquelas circunstâncias de lugar e tempo. Dizem os genealógicos que morreu no escalamamento de Tânger, em 1464, e era irmão dum Gonçalo de Macedo, pai do largamente mencionado fidalgo de cota de armas João de Macedo. Pode ser candidato a pai ou a sogro do dito Jerónimo Fernandes, que terá nascido talvez por volta de 1530.

Contudo, José Cardoso Borges não refere esta personagem.

E não tenho dados que me permitam ir mais além. Assim, não me considero em condições de entroncar resolutamente estes Macedos açoreanos.

16 – Como entroncar os Macedos de Alenquer?

Também difícil parece a tarefa de tentar entroncar esta estirpe. A mais antiga pessoa que, nela se conhece ter usado o apelido *Macedo* é Inês de Oliveira de Macedo, 1ª mulher de Rui Dias de Góis (o pai, com sua 4ª mulher, do grande Damião de Góis).

Segundo alguns, seria filha de Jorge de Macedo, dos Macedos, de Santarém⁴⁶⁷. É verdade que há proximidade entre Santarém e Alenquer, onde a dita Inês viveu; e que um filho desta se chamou Francisco de Macedo, tal como o hipotético tio, que era o filho herdeiro do dito Jorge de Macedo. Também é verdade que a cronologia admite tal entroncamento. Há contudo uma dificuldade. Por que razão o apelido *Oliveira* não aparece nos Macedos de Santarém?

Teria, por outro lado, a referida Inês alguma coisa

465. Assim o dizem FORJAZ, Jorge, e MENDES, António Ornelas, num dos seus tratados genealógicos, *Genealogias das Quatro Ilhas - Faial, Pico, Flores e Corvo*, Dislivro, Lisboa, 2009, 4º vol., pág. 2781.

466. Chancelaria de D. Afonso V, livro 31, fl. 34v.

467. *ibidem* e HENRIQUES (da Carnota), Guilherme João Carlos, *Inéditos Goesianos*, 2ª edição (fac-simile da de 1896), Arruda dos Vinhos, 2002.



que ver com Diogo Gonçalves de Macedo, o camareiro do Rei, já que uma sogra deste se chamou *Inês Mendes de Oliveira*?

Penso que, em qualquer dos casos, estas indicações são fracas para basear uma ligação genealógica entre estas estirpes. Ligação que a maior parte dos autores não faz. Nem eu o afirmarei, que não disponho de informação que mo permita.

17 – Como entroncar os Macedos de Santarém?

Segundo Guilherme Henriques (da Carnota)⁴⁶⁸, baseado no genealógico setecentista Bernardo Pimenta de Avelar Portocarrero⁴⁶⁹, Jorge de Macedo, ascendente dos Macedos de Santarém, seria irmão de Gaspar de Macedo e filhos ambos de Aires Gonçalves de Macedo a quem acima me referi.

Mas isso está manifestamente errado, desde logo porque Gaspar de Macedo era filho de outro abade de Basto, João de Macedo, como se viu. Seria, sim, primo direito do dito Aires e talvez seu genro.

Além disso, o aludido Jorge de Macedo foi coudel de Santarém em 1467, pelo que terá nascido não depois de 1442. Ora Aires Gonçalves de Macedo terá nascido já na segunda metade do séc. XV. Não podia ter sido pai alguns anos antes de ele próprio ser dado à luz...

Por outro lado, mesmo que houvesse confusão, e que o nome do pai desses Jorge e Gaspar de Macedo fosse o outro abade de S. Clemente de Basto, João de Macedo, acima largamente referido, a cronologia inviabilizaria tal versão, pois este nasceu não antes de 1470.

E nada mais consegui apurar sobre a origem dos Macedos de Santarém. Têm, por conseguinte, de ficar por entroncar.

Cumpre aqui aflorar o problema da ascendência da mãe do imortal Luís de Camões.

Sabe-se que ela se chamou Ana de Sá⁴⁷⁰ ou de Macedo.

Ora, segundo alguns autores, ela seria dos Macedos de Santarém⁴⁷¹, filha de Jorge de Macedo,⁴⁷² morador nesta vila.

Esta versão não é porém segura, pois não explica o apelido *Sá*, usado por ela.

A hipótese de ser dos Macedos de Coimbra, onde há Sás Macedos, também não serve, pois a primeira ligação matrimonial de um Macedo com uma Sá ocorre em data em que Ana de Sá Macedo seria já adulta.

Tudo visto e ponderado, não tenho base para arriscar um entronque para esta matrona que teve a honra de gerar o grande vate.

Sobreviveu ao filho, pois foi ela quem recebeu em 1582-11-13 parte da tença que ele tinha a haver quando morreu⁴⁷³ e foi contemplada com nova tença que, com a anterior, perfazia 15 mil reis por ano, conforme carta de Filipe I, de 1585-02-05. Casou com Simão Vaz de Camões⁴⁷⁴, e deles foi filho o sublime poeta.

18 – Como entroncar os Macedos de Setúbal?

Esta estirpe foi notável, sobretudo por serviços na Índia no séc. XVI.

O apelido *Macedo* adveio, aqui, de uma Isabel de Macedo que viveu em Azeitão, casada com Nuno Fernandes Velho⁴⁷⁵. Este figura nos registos régios como coudel de Palmela, de Setúbal e seus termos, por carta de 4 de Novembro de 1466⁴⁷⁶.

Tiveram vários filhos, documentados. E pode ter sido filha de ambos também uma Genebra de Macedo, “mulher viúva moradora em Azeitão”, parenta de Simão de Sousa, que em 13 de Julho de 1534 teve de pagar ao almoxarife das rendas da fruta de Lisboa, 20 mil reis como fiadora de rendeiro dessa sisa⁴⁷⁷.

468. HENRIQUES (da Carnota), Guilherme, ob. cit., vol. I, pp. 160-162.

469. PORTOCARRERO, Avelar, ob. cit.

470. É assim que figura na ementa da armada que levou seu filho à Índia, conforme REGO, Rogério de Figueiroa, “A armada de 1553”, *Miscelânea – Historia – Arte – Arqueologia*, Revista Editora, tomo I, Oeiras, 1931, p. 48.

471. *Livro das Gerações e Nobreza de Portugal*, nobiliário anónimo composto, ao que parece, em 1629, B.N.L., códice 1327, fl. 255v.

472. Ver PORTOCARRERO, Avelar, ob. cit.

473. Ementas da Casa Real, livro 3, fl. 137v.

474. Chancelaria de Filipe I, Doações, livro 11, fl. 132.

475. SIQUEIRA, ob. cit., vol. II, fl. 85, PORTOCARRERO, Avelar, ob. cit., fl. 2, LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 166, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 24.

476. Chancelaria de D. Afonso V, livro 37, fl. 83v.

477. Corpo Cronológico, parte 1, maço 55, doc. 97.



Os pais que lhe são tardiamente apontados são o fidalgo João de Macedo, chefe da linhagem e sua mulher Branca de Faria⁴⁷⁸ (que outros genealógicos nomeiam como Branca de Sousa).

Há porém algumas dificuldades a este entroncamento. Uma delas é que a filha destes João de Macedo e Branca de Sousa, que se sabe ter casado com Luís de Madureira, procurador dos feitos da Fazenda, teria justamente tido o nome de *Isabel*, segundo a generalidade dos autores.

A menos que estes tenham todos errado quanto ao *praenomen* desta, ou que ela houvesse casado em primeiras núpcias com o aludido Nuno Fernandes Velho. Mas não só os genealógicos silenciam inteiramente tal casamento, como também se afigura improvável que ela, nascida em Bragança, tivesse vivido após o primeiro matrimónio em Azeitão, para depois retornar a Bragança.

Entendo preferível, por isso, à falta de confirmação mais segura, não arriscar tal entroncamento.

19 – Como entroncar os Macedos de Vila Real?

Desde o séc. XV se achavam a viver em Vila Real pessoas com o apelido *Macedo*, que manifestamente pertenciam ao estamento nobre.

Há os sucessores no morgado de S. Brás, já acima mencionados.

Mas há mais Macedos..

Uma Alda de Macedo casou com um Diogo da Fonseca e tiveram pelo menos três filhos varões que receberam ordens menores em Braga (Sebastião em 1496, André em 1500, e Pedro em 1504)⁴⁷⁹.

Não acho maneira de saber como se chamavam os pais da mesma Alda.

Uma Filipa de Macedo casou com Gonçalo Taveira e tiveram cinco filhos que receberam ordens menores em Braga (Jorge em 1510, Manuel em 1510, Álvaro em 1514, António em 1519 e Sebastião em 1527)⁴⁸⁰.

Segundo Luiz de São Payo⁴⁸¹, baseado na justifi-

cação de nobreza de Baltazar de Estrada de Sottomayor feita em 1596, esta Filipa seria filha de outra Filipa de Macedo e de seu marido Rui Drago e, portanto, meia irmã, pela mãe, do 1º Conde de Vimioso. Diversamente, Júlio Teixeira fazia-a filha de Pedro Teixeira e de Joana Martins de Macedo e, assim, irmã inteira do fidalgo João Teixeira de Macedo⁴⁸². Mas esta segunda versão não parece acertada já que, nesse caso, o dito João teria mais cerca de 30 anos do que Filipa, o que creio difícil de compatibilizar com o facto de serem irmãos inteiros. Prefiro pois a versão de Luiz de São Payo, cujo método e apoio documental são incomparavelmente superiores.

Acrescente-se que houve abundante descendência fidalga do casal Gonçalo Taveira e Filipa de Macedo, que ainda hoje perdura.

Uma outra Filipa de Macedo, também de Vila Real, casou com um Álvaro Pires e tiveram pelo menos dois filhos varões que receberam ordens em Braga (Cristóvão em 1519 e Francisco em 1527)⁴⁸³

É natural que fosse próxima parente da anterior, mas não acho meio de o provar nem de dizer como.

20 – Como entroncar os Macedos de Melres?

Genealógicos como Alão de Moraes e Felgueiras Gayo trataram dos chamados Macedos de Melres.

Alão de Moraes inicia-os num António de Macedo, que «foi homem honrado de Melres», casado com Ana de Melo, dos Vieiras do Ribeiro, e pai de vários filhos, entre eles um Lopo de Macedo, que morreu na Índia e um Cristóvão de Macedo, reitor de Macedo de Cavaleiros. E fornece alguma informação, não especialmente abundante, sobre a descendência do dito António de Macedo.

Sobre este apuseram os redactores da 2ª edição da *Pedatura Lusitana* uma nota do seguinte teor:

«Teve o hábito de Santiago e foi fº de outro António de Macedo e de sua mr. Francisca Brandão e neto de António Gomes de Macedo e bisneto de Rui

478. LIMA, Manso de, e GAYO, Felgueiras, locais citados; mas Siqueira e Portocarrero desconhecem a filiação desta Isabel de Macedo.

479. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., respectivamente, pasta 4, caderno 41, fl. 10, pasta 5, caderno 1, fl. 128v, e pasta 5, caderno 1, fl. 243.

480. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., respectivamente, pasta 6, caderno 11, fl. 93, pasta 6, caderno 11, fl. 83v, pasta 7, caderno 2, fl. 2v, pasta 7, caderno 8, fl. 2, e pasta 8, caderno 11, fl. 1v.

481. SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor* ... etc. cit., p. 42.

482. TEIXEIRA, Júlio A., *Fidalgos e Morgados de Vila Real e seu termo*, Vila Real, 1952, 4º vol., p. 230.

483. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., respectivamente, pasta 7, caderno 8, fl. 4, e pasta 8, caderno 11, fl. 7v.



Gonçalves de Macedo. Este outro António de Macedo foi Escrivão das Sisas e Redízimos de Melres, por alvará de 5-3-1552, dado por D. João 3.º, em sucessão de António Gomes, sogro dele, que havia falecido em 1526 (A.N.T.T. – Chancelaria de D. João 3.º, Liv. 68, p. 47v)».

Esta nota não está certa. O diploma que regista na Chancelaria de D. João III a nomeação para o dito ofício de escrivão não dá qualquer indicação de que houvesse relação de parentesco entre o António de Macedo e o anterior escrivão, que se chamava António Gomes. Ora isso inculca que entre um e outro não havia qualquer próximo parentesco e muito menos que este fosse avô materno daquele.⁴⁸⁴

Felgueiras Gayo desenvolve a dita descendência. Dá como pai do referido António de Macedo outro, com o mesmo nome, que seria filho dum Rui Gonçalves de Macedo e 5º neto por varonia de Martim Gonçalves de Macedo. Mas não merece credibilidade, porque é desmentida pela documentação e pela cronologia.

Manuel Abranches de Soveral, em texto presente na *Internet*, tratou deles por forma mais desenvolvida, documentando a posteridade desta família e, quanto à ascendência, usando informação que recolheu para ensaiar uma versão melhor fundamentada da ascendência destes Macedos.

Discordo de várias das identificações que faz e das conclusões que extrai, sobretudo em relação aos Macedos dos sécs. XIV e XV, como pode ver-se pelo que sobre estes acima disse.

No entanto parece-me que foi certo quanto à ascendência mais próxima de António de Macedo,

escrivão das sisas de Melres em 1552.

Propôs – e manifestamente tem bons fundamentos para isso – que ele era o António, filho de Lopo de Macedo e de Inês Velha, moradores em S. Martinho de Lagares, que recebeu ordens menores em Braga em 1531-04-08⁴⁸⁵.

As datas admitem-no: se este António de Macedo tinha 7 a 15 anos em Abril de 1531 teria 28 a 36 anos em Março de 1552, data em que obteve carta do mencionado ofício de escrivão das sisas.

O nome de seu pai – Lopo de Macedo – que não sei de ter sido usado por mais alguém antes deste, foi repetido num filho do dito António de Macedo, isto é, num neto paterno daquele Lopo, e num neto paterno do mesmo António de Macedo.

Por outro lado, S. Martinho de Lagares é povoação vizinha de Melres. E o dito Lopo de Macedo, conforme Manuel Abranches de Soveral, possuía em 1520 prazos foreiros ao mosteiro de Paço de Sousa, que é também muito próximo de Melres, sendo criado do comendatário do mosteiro, D. João de Osório.

Este abade comendatário foi uma personagem importante na época e na região. A sua conduta veio a ser muito criticada pela posteridade porque se aproveitou dessa qualidade para não só levar uma vida particular muito pouco conforme com ela, como também favorecer, com bens que pertenciam ao mosteiro, filhos e outros familiares e até mesmo os criados.⁴⁸⁶

Está documentado que tomou ordens menores em Braga em 1484-01-10 e, logo no dia seguinte, ordens de epístola⁴⁸⁷. No mesmo dia seguinte recebeu ordens menores seu irmão Jorge de Osório.⁴⁸⁸

484. É o seguinte o teor da dita carta, na parte que para aqui importa: «... que Antonio de macedo criado de fernãodallvares dandrade de meu conselho e meu thesoureiro moor me enviou dizer que os officios de escrevam das sysas e da redizima da villa de melres estavam ora vaguos por fallecimento de amtonio gomes que os por minha carta tynha Pidindome que lhe fezese delles mercee Visto seu requerimento e confiando delle que servira os ditos officios bem e fielmente como a meu servisso e a bem das partes compre ey por bem e me praz de lhe fazer merçe dos ditos asy e da maneira que ho elle deve ser e como o foy o dito amtonio gomes com os quaaes avera de mantimento ordenado em cada hum ano, do que as ditas sysas renderem a rezão de sessenta reis por milheiro ate chegar a comtya de mill reis e mais não posto que mais rendam que lhe serão paguos há cartas dos rendeiros quando forem arrendadas e quando não aa custas de minha fazenda 5 março 1552».

485. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 9, caderno 5, fl. 30v.

486. Ver MEIRELES, Frei António da Assunção, *Memórias do Mosteiro de Paço de Sousa & Índex dos Documentos do Arquivo*, publicação por Alfredo Pimenta, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1947, pp. 46-50, SANHUDO, António, *Os Sanhudos – subsídios para a história da Família*, 1972, pp. 19-22, *Os Sanhudos - II*, sem indicação do editor, 1978, pp. 18 e 23, e “*Portocarreros do Palácio da Bandeirinha*” - uma leitura atenta, Marco de Canaveses, 1998, pp. 14-16, e SOVERAL, Manuel Abranches de, *Portocarreros do Palácio da Bandeirinha*, MASmedia, Porto, 1997, pp. 29 a 31.

487. É o seguinte o texto, que pode ver-se em A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit. pasta 4, caderno 24, fl. 16: «frey Johão Lopes de osoiro, prior de paçoo de Sousa filho de Lopo fernandes e de sua legitima molher Isabel cardim moradores na cidade de lixboa freguesia de São Giaão, e o dia dante este que foy sexta feira as quatro meiores ordenes».

488. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 4, caderno 24, fl. 14v.



D. João de Osório viveu maritalmente com uma D. Guiomar da Cunha (da linhagem dos Portocarreiros), cuja mãe seria próxima parente dos senhores de Basto e Montelongo. De tal maneira que o senhor de Basto, Pedro da Cunha Coutinho, várias vezes acima referido, doou em 1512 a uma filha dos ditos D. João de Osório e de D. Guiomar, D. Helena de Osório, vários bens de raiz que tinham resultado de partilhas entre o avô materno dele, Fernão Vasques da Cunha, também senhor de Basto, e a irmã deste último, D. Maria da Cunha, casada com o Dr. Martim do Sem e avó da dita D. Helena de Osório.

Afirma Manuel Abranches de Soveral, nesse particular em consonância com Felgueiras Gayo, que o mencionado Lopo de Macedo era filho de Rui Gonçalves de Macedo. E acrescenta que Rui Gonçalves de Macedo era escudeiro do rei D. João II, morador em Pedorido (muito próximo de Melres) e senhor de prazos do mosteiro de Sousa.

Se assim é, está aí um factor de aproximação entre estes Macedos de Melres e os de S. Clemente de Basto.

Com efeito, como atrás disse, João Gonçalves de Macedo, pai do abade de S. Clemente de Basto João de Macedo e bisavô paterno do licenciado Francisco de Macedo (avô paterno do Dr. António de Sousa de Macedo), à data em que foi legitimado por carta régia, era escudeiro criado do Fernão Vasques da Cunha, então senhor de Basto e Montelongo⁴⁸⁹. E foi feito em 1450 juiz dos órfãos de Montelongo por empenho dos senhores de Basto Fernão Coutinho e D. Maria da Cunha, de quem era escudeiro.

Ora Rui Gonçalves de Macedo, pai do agora em estudo Lopo de Macedo, teria obtido, algumas décadas depois, prazos do mosteiro de Paço de Sousa, quando a concubina do abade era prima direita desta D. Maria da Cunha.

Há também a notar uma coincidência.

A João Gonçalves (que, como disse acima, supunho ser o dito João Gonçalves de Macedo) sucedeu no ofício de juiz dos órfãos e das sisas de Montelongo, um Rui Gonçalves. A carta de nomeação é de 1468. A sua fórmula inicial é a seguinte:

«... querendo fazer graça e merçee a Ruy Gon-

çalves parente de bras afonso do nosso desembargo temos por bem e damollo por Juiz dos orfãos e das sisas de montelongo e seu termo asy e pella guisa que o era Joham gonçalves que os ditos ofícios tynha e se ora fynou ...»⁴⁹⁰.

Este Brás Afonso fora feito do desembargo do rei em 1466⁴⁹¹. Mas não consegui encontrar dados sobre a sua família.

Mesmo assim importa notar que não só Rui Gonçalves e João Gonçalves tinham o mesmo patronímico, como deviam ser Macedos, pois ambos tiveram um filho com tal apelido.

E um sucedeu a outro no mesmo ofício.

Não há, por outro lado, dificuldade cronológica na atribuição, ao Rui Gonçalves juiz dos órfãos e das sisas de Montelongo, da paternidade de Lopo de Macedo.

É que o filho deste último, António de Macedo, terá nascido entre 1516 e 1524.

Assim, Lopo de Macedo pode perfeitamente ter nascido nos anos 70 do séc. XV, ou mesmo pouco antes, o que acerta com o facto de o referido Rui Gonçalves, que teria sido seu pai, ter sido nomeado juiz dos órfãos e das sisas em 1468.

Parecem indícios fortes de que Rui Gonçalves de Macedo e João Gonçalves de Macedo fossem parentes muito chegados.

Não o reconheceu Felgueiras Gayo que considerou Rui irmão do fidalgo de cota de armas João de Macedo, acima largamente referido. Tenho porém fortes dúvidas sobre o fundamento desse entroncamento que creio nada ter a aboná-lo mais do que a muito tardia sugestão deste genealógico, que é demasiado erróneo quanto a épocas antigas para merecer, neste particular, suficiente confiança.

E há ainda a considerar uma legitimação concedida em 1459-11-03 por D. Afonso V, nos seguintes termos:

«Ruy gonçallvez escudeiro morador nesta çidade do porto filho de gomçallo gomçallvez cleriguo de missa e de Caterina gomçallves molher solteira ao tempo de sua naçença já ambos finados e cetera ...»⁴⁹²

Há no mesmo reinado outras legitimações de fi-

489. FREIRE, Braamcamp, *Brasões ... etc.* cit., livro 1º, p. 170.

490. Chancelaria de D. Afonso V, livro 28, fl. 66v; ver uma segunda carta da mesma nomeação, idêntica, passada em 27 de Março de 1469, em *ibidem*, livro 31, fl. 9.

491. Chancelaria de D. Afonso V, livro 35, fl. 7.

492. Chancelarias Régias, Leitura Nova, Legitimações, livro 2, fl. 114v.





lhos de clérigos chamados Gonçalo Gonçalves. Mas é de entender que são mesmo outros, apesar de no caso de um deles a mãe ser também uma Catarina Gonçalves, mulher solteira. Isto porque, nesse caso, o clérigo Gonçalo Gonçalves ainda era vivo em 1472.

O teor da legitimação de Rui Gonçalves é que acerta inteiramente com a que atrás se referiu, de João Gonçalves de Macedo.

A cronologia compagina-se em todos os ângulos,

Rui Gonçalves era então já qualificado como escudeiro e morava no Porto, portanto relativamente próximo de Melres e de Paço de Sousa.

Tudo converge pois para concluir que Rui Gonçalves, o pai de Lopo de Macedo, era filho do prior de Santo Estêvão de Vilela Gonçalo Gonçalves e de sua manceba Catarina Gonçalves e, portanto irmão inteiro de João Gonçalves de Macedo, a quem sucedeu no cargo de juiz dos órfãos e das sisas.





ANEXO DOCUMENTAL

Documento I

1290, Julho 24 – Carta do rei D. Dinis, de confirmação da composição com Afonso Lourenço e outros fidalgos, sobre Mascarenhas, Paradela, Vale dos Enforcados ora chamado Vale Bom, e Lama do Cavalo, do termo de Mirandela

Chancelaria de D. Dinis, livro 1, fls. 274-275; transcrita, com várias discrepâncias, por Fr. Francisco Brandão, em *Monarchia Lusytana, Quinta Parte*, Lisboa, 1650, pp. 323-324

«274

composysam de mjramdella

Dom Denis pela graça de Deos Rey de Portugal e do Algarue A quantos esta carta vyrem faço assaber. que Eu Ensembra con a Raynha dona Helisabel e con dona Costança minha filha dou e outorgo per firme e per stauil para todo sempre esta composiçom assy como era conteudo en huum estromento que eu uy que tal era. Era Mil CCCc xxviiij. anos. xxvij. dias de Julho. Conhoscam quantos este estromento vyrem como sobre contenda que fosse antre o muyto Alto e muy Nobre senhor dom Denis // 274v pela graça de Deos Rey de Portugal e do Algarue per miguel domynguíz seu pobrador de Mirandela da huma parte e Afonso Lourenço caualeyro de mascarenhas e Orraca anes sa molher e Afonso ermiguiz e sa molher maria periz e Orraca garcia madre do dito. Afonso rodriguiz e Pero fernandiz e sa molher sancha periz e Afonso meendiz e sa molher Tareyia periz da outra parte sobre huuns herdamentos que som en termho de Mirandela Conuem assaber Mascarenhas e paradela e ual dos enforcados que ora he chamado ual boõ e lama do caualo os quaes herdamentos demandaua o dauandito senhor aos ditos filhos dalgo. aprazamentos dos filhos dalgo per sy e per sas procurações avondosas aqueles que hy nom eram logo. Afonso rodriguiz presente con huma procuraçom auondosa feyta per mão de fernam lopiz Tabliom de Bragança na qual procuraçom o fazia seu procurador auondoso. Maria periz sa molher Orraca garcia sa madre do dito. Afonso rodriguiz sobresta composiçom e presente o dito. Afonso meendiz cum huma procuraçom auondosa de ssa molher Tareyia periz sobresta composiçom feyta per mão de Lourenço miguééz Tabliom de bragança e presente. Afonso ermiguiz con huma procuraçom de ssa hyrmaã Sancha periz auondosa sobresta composiçom

feyta per mão de Johanne anes Tabliom de Mirandela e os outros todos per personas e presente o dito pobrador auéronsse desta maneyra conuem assaber que nosso senhor ElRey aia a meyadade da Aldeya de lama de caualo e os ditos filhos dalgo a outra meyadade e a meyadade de ual dos enforcados seêr de nosso senhor ElRey e a outra meyadade dos outros filhos dalgo [*começa um entrelinhado*] e a meyadade daldea de Paradela seêr de nosso sseñhor elRey e a outra meyadade dos ditos filhos dalgo [*acaba o entrelinhado*] e a aldeya de Mascarenhas ficar por sua exenta dos ditos filhos dalgo para todo o sempre pelos marcos e pelas deuisões que aqui som scriptas. logo primeyramente per u séé huum marco áá portela de barrenha carreyra daluitis e ende pelo lombo a enfesto como se vay ao outro marco que séé açima das ferrarias e desy aos marcos que seem acima de moulho seco. como parte con as muyras e desy como sse vay ao marco de Morouco da cabeça de sobrelas couas como parte con o ual do couosso e desy como se uay pelo lombo a peróó anavalho da Eyra como uay ferir no marco que séé na cabeça antre o ual de Gondinha e o Moynho seco e uem ferir en o outro marco que séé na carreyra que uem de ual de padres para mascarenhas ao mormoyrar que chamam de dona Tareyia e desy pelo lombo apróó águas uertentes como parte com gariuanhes e vem ferir ao marco que séé no prado das penhas antre mascarenhas e Gariuanhes e como parte e vay ferir ao marco que séé no ual donynho carreyra dauamores como parte con Gonciris e desy como vay aos marcos de cima do lombo antre o ual de laçeyra con ual donynho e como vay pelo lonbo afesto aguas uertentes e vay ferir ao marco que séé na cabeça de çima de terreno que foy de Diego rodriguiz. e como vay a outro marco que séé áá sardinheira carreyra que uem de gónis para mascarenhas e desy ao marco que se en a cabeça antre o ual dos enforcados e a carreyra que uem de Mirandela para mascarenhas. // 275 e desy ao marco que séé na cabeça da fraga da fonte do vale do freixo e desy ao marco que séé na carreyra vertente aas pougadas e desy como parte con paradela pelo lombo afesto aguas uertentes como festo ao marco que séé antre o vale do frxo e paradela e como vay ferir ao marco entrando o ual de fixo e atraussa o uale e uem feryr a pedra daquy e desy como sse vay ferir ao marco que séé no lombo endereyto da cabeça do Cabrito e desy pelo lombo aguas uertentes e uem feryr na cabeça do cabrito e desy ao marco que séé na carreyra que uay de paradela para mascarenhas e



desy como sse vay pelo lombo e vay ferir en o marco que see na dita portela de barrenha e os ditos filhos dalgo e o pobrador outorgarom e outorgam compromisso que sobresto foy feyto antre o dito pobrador e o dito. Afonso Lourenço dantre. Afonso rodriguiz procurador de nosso senhor ElRey. o qual compromisso foy feyto per mão de fernam periz. Tabliom de bragaa. E sse pela uentuyra se alguma pobra se pode fazer nos termhos das ditas aldeyas de lama de caualo e de paradela e de val dos enforcados que ora e chamado val bóo e se ssy mays gente meter nas ditas aldeyas ou en cada huma delas auerem ende os ditos filhos dalgo a meyadade e nosso senhor ElRey a outra meyadade. En testemoyngo desta cousa Eu Bertolameu andres publico Tabliom de nosso senhor Elrey na vila de Mirandela a rrogo e a mandado dos ditos procuradores este estromento con minha mão propria screvy e meu sinal hy pugi que tal é en testemoyngo de verdade. *testemunhas* Joanne anes Tabliom de Mirandela e Ermio garçia scudeyro de Mascarenhas Joham Lourenço Pero Lourenço. Martim gonçaluiz Diogo fernandiz. Guylhelme anes de carvalháes e outros. E eu sobredito Rey. En testemoyngo desta cousa mandey fazer duas cartas séeladas do meu séélo do Chumbo. huma que teuessem os davanditos filhos dalgo. e eu outra Dant en Lixbona xxiiij. dias de Julho. Elrey o mandou e Duran periz a fez. Era Mil CCCcentos. xxviiij anos»

Documento II

1300, Maio 9 - Carta do rei D. Dinis, de permuta com Rui Martins e mulher, de Sanceriz por Caçarelhos, outorgada em 23 de Abril de 1300

Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fl. 10 e 10v; há uma outra versão mais resumida em Chancelaria Régia, Leitura Nova, livro 2 de Direitos Reais, fl. 182v

«10

Carta descambho antre Roy martinz caualeiro e Affonso Rodriguiz pobrador da terra de Bragança da Aldeya de Sanceriz, que era delRey por Caçarelhos

Dom Denis pela graça de deus Rey de Portugal e do algarve A quantos esta carta virem, ffaço saber que Eu vj huum estormento de cambho feito por mão, de Martim geraldez meu scrivam e Taballiom de Bragança e de Miranda e, com seu sinal assinado, segundo que no dito estromento Aparecia e outrossi soescripto por mão dantom perez, Tabal-

liom da dita villa de Bragança e com seu sinal assinado segundo que no dito estormento parecia do qual o theor de uno a uno tal he, Conhoscam quantos esta carta virem que eu Afonso rrodriguiz procurador delRej e seu pobrador en terra de Bragança, e de Miranda, ossiruador e esguardam do prol e seruiço do dito senhor, ffaço tal cambho com Roj, martinz, Cavaleiro e com Sancha ffernandes sa molher, Conuem a saber que eu dou a elles en cambho A aldeya de Sanceriz, com todos seus termhos novos e uelhos e com todas sas perteenças e com todos fforos e dereituras e com todo o Senhoryo Real que hi ElRey auya, assi como he contehudo na carta, do foro, que desse Senhor os homens da dita aldeya teem, e assi como elles com elRej husavam, que assi se husem ende elles e prestem daqui adeante E nos Roj martinz e Sancha ffernandez sobreditos, damos a nosso ssenhor ElRej en cambho por Sanceriz sobredito, a aldeya de Caçarelhos, outrossi com todos seu termhos novos e velhos e com todas sas perteenças e com todos fforos e rrendas e com totalas cousas que dela auemos, e deuemos auer de dereito, e mandamos que se aproveitem da dita Aldeya, por qual maneira quiser come de seu herdamento proprio, E sobre lo dereito dos padroados aia nosso senhor ElRej, a meyadade do padroado de Sam Johane dangueira de Miranda, com sas Capelas e Roj martinz ou aqueles que dele forem e assi pera senpre, E eu affonso Rodriguiz sobredito, pelo poder que ey de nosso senhor elRej mando e outorgo que aiades uos Roj martinz e uossa molher a dita Aldeya pera senpre e todos uossos sucessores e possades dela fazer toda uossa⁴⁹³ nosso herdamento proprio...sobreditos auemos.....da qual cousa mandamos a uos Martin giraldes scriuam do dito senhor que este cambho façades duas cartas duum theor das quaes dedes a cada huuma das partes sua. E eu // 10v Martim Giraldes sobredito scriuam e Taballiom delRej nas ditas terras porque chamado a estas cousas sobreditas presente fuy, duas cartas das ditas cousas com minha mão propria screuj ambas duum theor, das quaes esta he huma, A qual deve teer Roj martinz, ou outrem por ele e assineeya de meu sinal, que tal he, En testemuyngo de verdade, que presentes foram, Antonio perez taballiom que deve soescrever, Steve anes cavaleiro, Vicente dominguiz Abade de Gondesende Pero perez Abade de Caçarelhos, Salvador leonardez clerigo Nuno perez mercador ffeito foy en bragança vynte trez dias andados de abril, Era

493. Sobreposto por borrão e praticamente ilegível.



de mill e trezentos e trinta e oytto anos. E eu Antonio perez Taballiom delRey en Bragança porque a isto fuy presente screuy en esta carta meu nome e figi en ela meu sinal *que* tal he, en testemuyinho de verdade, feito o dia e a Era e o logar sobreditos. O qual sobredito estormento lendo por dante mim, por *que* mi disserom, *que* he a meu serviço, mando e outorgo e ey por firme e por estavil pera senpre o dito cambho, *que* o dito Affonso rrodriguiz meu procurador e pobrador fez por mim com os sobreditos Roj martinz e Sancha ffernandez assi como no sobredito estormento do dito cambho he contehudo En testemunyo desta cousa dej ende aos sobreditos Ruj martinz e Sancha ffernandez esta minha carta, Dada en portalegre noue dias de mayo. ElRej o mandou per Joham dacre seu clerigo. Pero perez a ffez, Era mil CCC xxxviiij anos.»

Veja-se uma outra versão mais resumida em Chancelaria Régia, Leitura Nova, livro 2 de Direitos Reais, fl. 182v

Documento III

1305, Maio, 19 - Carta de contenda entre o rei D. Dinis e o concelho de Bragança
Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fls. 42v-43

«Carta de contenda Antre elRey e o Concelho de Bragança

Don Deníz pela graça de deos Rey de portugal e do Algarue A quantos esta carta virem faço saber *que* como contenda fosse antre mim da huma parte E o conçelho de Bragança e caualeiros donas escudeiros ordines clerigos e filhos dalgo *tambem* moradores en essa vila como en sseu termho da outra por Razom do Julgado dessa vila e doutras ditas *que* eu a eles demandava e eles a mim o dito Concelho e Juizes Caualeiros da dita vila de Bragança fezerom seos procuradores auondosos para mi pedirem merçee e para sse a auirem comigo por eles e en seu nome Ruy martinz cavaleiro de moraes e Gonçalo fernandez escudeiro segundo era conteudo en huma procuraçom da qual o teor de uño A uño a tal he: Sabham quantos esta presente procuraçom virem *que* nos Concelho e Juizes e caualeiros de Bragança apregoados e chamados para esto Aiuntados ao orto de san ffrancisco de Bragança fazemos e estabeçemos nossos procuradores Abastantes lydimos e suffiçientes e auondosos Ruy martinz cavaleiro de moraes e Gonçalo fernandiz escudeiro nossos vezinhos portadores

desta presente procuraçom Anbos ensenbra e cada huum deles por ssi en todalas cousas preitos e demandas mouudas e por mouer *que* nosso senhor el Rey de Portugal e do Algarve ha con nos e nos con el, sobre *qualquer* cousa Assi sobre mouil come sobre Raýs perante *qualquer* Juiz ou Juizes *que* possam e deuam deste preito ou preitos conheçer e damos lhes todo nosso poder conprido para demandar e deffender Responder componer auir eyceiçoes salvas poner preito ou preitos contestar taes aduzer as da parte auerssaria com dizer suçam ou suçães ouvir delas Apelar outros conssentir vogado ou vogados pedir e para dar juramento en nossas Almas e nas suas *qualquer* iuramento *que* aa natura deste preito ou preitos pertença. Outrossi lhes damos todo nosso conprido poder Aueença ou aueenças con o dito nosso senhor elRey tentar confirmar quaes uirem *que* mester seerant Antre nos e o dito senhor sobre *qualquer* cousa carta ou cartas privilegios de ffirmidões antre nos e el confirmar firmes e estaviis para todo senpre Assi como se nos fossemos presentes e o dissessemos e fezessemos por nos e estaremos A elo para todo senpre aa boa ffe soobregamento de todos nossos taes e para fazer outro procurador ou procuradores en nosso nome e en sseu logar cada *que* quizerem e virem quall nos mester he e para os Revogar, e os ditos preitos ou preito en ssi filhar en tal maneira *que* non seia huum de mayor condiçom *que* o outro e en qual logar o huum preito ou preitos en tal o possa tomar o outro. E todas aquelas cousas *que* pelos ditos nossos procuradores ou por cada huum deles ou por *qualquer* procurador ou procuradores *que* eles ou cada huum deles derem ou ffezerem sobresto for feito dito Razoado conposto ou julgado nos o avemos por firme e por estauil para todo senpre. E sse pelaentura esta procuraçom non ffor sofficiente para aquelas cousas *que* sobresto for mester damos e mandamos aos ditos nossos procuradores *que* façan petiçom qual uiren *que* lhys mester he a nos e a eles nos ditos preitos en huma carta branca *que* en de nos leuan seelada do nosso seelo pendente de nos Concelho de bragança e mandamos *que* ualha e seia firme da qual // cousa Rogamos e mandamos Aaffonso peres tabaliom del Rey en Bragança *que* fezesse en esta procuraçom aos ditos nossos procuradores E eu Affonso periz Tabaliom del Rey na dita vila A esto presente fuy e esta carta por mandado do dito concelho e homens e caualeiros e dos ditos juizes esta procuraçom por seu mandado com minha mão propria screuy en o Conçelho apregoado Ao orto de ssan ffrancisco en Bragança e en ela puzi meu sinal *que*



tal he: En testemunho de uerdade, taes *que* foram presentes fernam garcia caualeiro de Seaura Nuno martinz de chaçim Steve annes caualeiro fernande stevez seu filho Pero gomez caualeiro daueleeda Affonso pinto caualeiro de Rauaal, Garçia fernandiz caualeiro de baue Garcia perez foramtes Meendo meendiz caualeiro Affonso annes e outros muytos caualeiros e clerigos Domingos periz manpostor del-Rey Nuno periz mercador Antonio periz andreu doniz vima periz juizes de Bragança Gonçalo fernandiz procurador do dito Concelho Airas eannes vogado Johane periz piliteiro Pero garçia vigairo de Bragança feita a procuraçom no logar sobredito xxiiij dias dabil, Era. mil. CCCcentos. Xriij. Anos Roy martinz procurador del Rey esteve presente depoy quando outorgaram esto *que* sobre dito he E toda AaRaya meuda e os sobreditos procuradores per poder desta procuraçom me pediro merçee polo dito Conçelho e pelos outros sobreditos auindosse comigo en esta maneira. E eu querendo lhes fazer graça e merçee tenho por bem e mando *que* eles metam juizes en cada huum Anno. Conuem assaber huum dos caualeiros e outro dos herdeiros e outro dos pobradores en esta guisa *que* eles jurem sobrelos santos Avangelhos per Ante os Juizes *que* ante eles forem e per Ante os Tabaliões *que* bem e dereitamente guardem a mim o meu direito e ao poboo o sseu e a todos Aqueles *que* perante eles ueerem. E esses *que* forem juizes serom vezios e moradores da vila e en aquel tempo *que* forem juizes morem hy continoadamente con sas molheres e des *que* nom forem juizes deuem hy teer casa pobrada de homem e de molher para todo senpre. E assi o ffaçam ante *que* sejam juizes e a taes come estes seram juizes e outros nom Esto lhy outorgo eu para todo senpre. E eles devem Afazer justiça bem e conpridamente. E outrossi querendo lhys fazer bem e merçee mando *que* os herdamentos *que* an *que* compraram e ganharam e *que* an de sas Avoengas ata Aagora *que* os aian bem e livremente e sen contenda nenhuma e *que* husen deles assi como husarom des A pobrança dessa vila aaca e come conteudo en sseu foro E daqui adeante nom comprem nem ganhen dos herdamentos *que* sson e foren foreiros Aa minha Renda. E outrossi esses sobreditos se oueren Algumas quintaans dessa Auoenga en Algumas Aldeyas dessa terra se Alguuns ou Algumas dessa auoenga meteren ou metereom seus herdamentos por Alguma maneira en servidõe para pagar na Renda da terra eles possam nas comprar e ganhar pagando o fforo deles assi como pagan os outros da terra. Outrossi ueerom comigo Aa tal

auença e Aa tal composiçom *que* os vilares *que* eu mandei pobrar e pobrey por meos procuradores ata *que* fiquem a mim e a todos meos suçessores liuremente e eles possam daqui adeante pobrar os outros vilares *que* foren dereito de sse pobrar e meterensse A prol desse conçelho. Outrossi mando *que* todos Aqueles *que* ora an herdamentos *que* pagan na Renda da terra sesse *que* serom hy Alhur morar daqui adeante tambem nos meus herdamentos como nos outros quaesquer *que* nom leixen porem de pagar na rrenda da terra enquanto hy ouueren o herdamento. Outrossi querendo fazer graça e merçee a esse conçelho e a esses sobreditos tenho por bem e mando *que* todo homem *que* caer de besta ou o mate besta ou caer d'aruor ou do carro ou de casa *que* nom perca porem seu dono nenhuma destas cousas E os ditos procuradores por poder da dita procuraçom por ssi e polo dito Conçelho e polos outros sobreditos derom e outorgaram para todo senpre A mim e a todos meos suçessores A uoz e a coomha furto Rouso omezio maninha digo e a dizima das entregas *que* fazem aos judeos e de totalas cousas de *que* as soyam Aleuar os juizes dessa vila e totalas outras cousas *que* esses juizes Auyam auelas eu bem e conpridamente tambem A parte *que* eu hy auya come A parte *que* esses juizes hy auyan salvo aso..... e os prazos de *que* deven Aaver esses juizes e os en coutos *que* por eles son postos, ou pelos seos andadores assi como as senpre ouuerom. Enquanto nos jantares aian todo seu dito E todas estas coomhas e dizimas *que* para mim ficam deuen seer demandadas e julgadas pelos juizes e entregadas pelos seus andadores. E assi o *que* demandar por mim come a *qualquer* for demandado se agrauar dalguma sentença *que* sobresto for dada possa Apelar para mim. E sse porventura Alguum herdamento ficar para mim por Razom destas dizimas e coombhas sobreditas devesse veender Aa tal pessoa *que* faça en o fforo na Renda da terra se esse herdamento for foreiro. E sse hy alguum ouuer linha do qual avo foy o herdamento e o quiser comprar tanto por tanto, deuenlho Adar e faça en offoro na rrenda da terra E mando e tenho por bem *que* esto *que* sse aguarde para todo senpre. En testemunho destas cousas A meu prazer e a sseu deles pedindo me eles por merçee *que* lhys mandasse eu dar huma carta seelada do meu seelo, do Chunbo mandeilha dar e mandey Registrar no meu Registro feito foy esto en Santarem xix dias de mayo ElRey o mandou Affonso Rodriguiz A ffez. Era. mil. CCCcentos. Xriij. Anos. E os *que* presentes foram Don Joham Bispo de Lixboa. Dom Giraldo Bispo



do porto. Don Johane Bispo de Silves. Joham Simhom meyrinho mayor del Rey. Don Martim periz Abade de santotisso Don Roy soarez Dayam de Bra-gaa e deuora ffrançaisco dominguiz priol de santa maria da alcaçova de Santaren Affonso annes ouuidor dos feitos delRey.»

Documento IV

1323, Janeiro 3 - Carta de legitimação de Rui Gonçalves de Ulveira
Chancelaria de D. Dinis, livro 3, fl. 148

«148

legitimaçom de Roy gonçalves dulveira

Dom Denis pela graça de deus Rey de portugal e do Algarue a quantos esta carta uirem faço saber que eu querendo fazer graça e merçee a Roy gonçalviz dulueira filho de Gonçalo rodrigues maçatoo e de Sancha Lourenço dulueira sen casamento despensso com el e façoo legitimo que aja aquela onrra que an os outros filhos dalgo do meu senhoryo que legitimos som por mim. En testemuynho desto deilhy esta carta Dant en Santarem tres dias de Janeiro. ElRey o mandou por lourence Anes Redondo seu meirinho moor pero valença a fez Era. mil iijcentos. Lxj anos Stevam da guarda»

Documento V

1518, Abril 15 – Carta de brasão de armas de João de Macedo
Chancelaria de D. Manuel I, Leitura Nova, livro 6 de Místicos, fl. 158v

«A Joham de macedo fidalguo da casa delRey. dom Manuel rej a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que Joham de macedo fidalguo de nossa casa nos fez petiçam que elle descendia da jeracam e linhagem dos de macedo que he o chefe e tem a casa e sollar desta linhagem por ser filho ligitimo de gonçalo de macedo e neto de fernam esteves de macedo que foy o chefe desta linhajen e que de direito as suas armas lhe pertencem pedindome por merce que para a memoria de seus antecessores se nom perder e elle gouvir de usar da honra das armas que pellos merecimentos de seus serviços ganharam e lhe foram dadas assi dos privilegios honrras graças e merces que por dereito por bem delles lhe pertencem lhe mandassemos dar nossa carta das ditas armas que estavem registadas em os livros dos Re-

gistos das armas dos nobres e fidalguos de nossos Reinos que tem portugual nosso principal Rey dar-mas a qual peticam vista per nós mandamos sobre ello tirar Inquiriçam de testemunhas pella qual fomos certo elle ser o chefe da dita linhagem e que as suas armas lhe pertencem de direito as quaes lhe mandamos dar em esta nossa carta com seu brasam elmo e timre como aqui sam devisadas assi como fiel e verdadeiramente se acharam devisadas e Registadas nos livros dos Registos do dito portugual Rey dar-mas as quaes sam as seguintes: o campo azul e cinquo estrellas douro de seis pernas elmo de prata aberto e por timbre huum braço vestido dazul com huma maca de ferro o cabo douro paquife douro e azul o qual escudo armas e sinaes posa trazer e traga o dito Joham de macedo assi como as trouveram e dellas usaram seus antecessores em todollos luguares donrra em que os ditos seus antecessores e os nobres antiguos fidalguos sempre costumaram as trazer em tempo dos muy esclarecidos Reis nossos antecessores e com ellas possam entrar em batalhas campos duellos retos e escaramuças e desafios e exercitar com ellas todos outros autos licitos de guerra e de paz e assi as posa trazer em seus formaes anees e sinetes e devisas e as poer em suas casas edefficios e leixallas sobre sua própria sepoltura e finalmente se servir e honrrar gouvir e aproveitar dellas em todo e per todo como aa sua nobreza convem com o que queremos e nos praz que aja elle e todos seus descendentes todallas honrras e privilegios e liberdades graças e merçes izenções e franquezas que ham e devem aver os fidalguos nobres e de antiga linhagem e como de todo sempre usaram e gouveram seus antecessores Porem mandamos a todos nossos corregedores e desembargadores juizes e justiças e alcaldes e em especial aos nossos Reis darmas arautos e pasavantes e quaesquer outros officiaes e pessoas a que esta nossa for mostrada e o conhecimento della pertencer que em todo lha cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como em ella he comteudo sem duvida nem embargo alguum que lhe a ello seja posto porque assi he nossa merçe Dada em lixboa a quinze dias de Abril elRey ho mandou pello bacharel antonio Rodrigues portugual seu Rei dar-mas principal pero devora escrivam da nobreza a fez de mil e quinhentos e dezoyto»

Documento VI

(circa 1721/1724) - Extracto da obra de José Cardoso Borges, *Descrição topographica da Cid.e de*



Bragança, manuscrito na BNL, Coleção Pombalina, nº 248, fls. 97 e 99v

«97

Em algumas memorias, *que* tenho visto desta família [Morais] se dis, *que* Estevão Peres del Moral foy o primeyro deste appellido, que pelos anos de 1107 sendo Alcaide, ou *Governador* de huma Torre chamada del Moral, porque dentro da sua fortaleza havia huma moreyra, e estava junto da antiga Soria, e combatida do Rey Mouro de Toledo a deffendera de hum rigoroso sitio de quatro meses, de // 97v de que lhe resultou o cognomento da Torre; e mandando ElRey D. Affonso Primeyro de Aragão povoar a Soria pelos anos de 1119 por doze linhagens de Fidalgos huma destas, e a principal foy a dos Moraes; e pretendem trazer sua decendencia do Conde Gonçallo *Fernandez*, filho do Conde de Castella Fernão *Gonçalvez*, e de sua segunda mulher D. Sancha filha de D. Sancho Abarca Rey de Navarra.

Gonçallo *Rodriguez* de Moraes, he o primeyro *que* acho em esta cidade, e povoou o lugar de Moraes a que deo nome, e de Lagoa, e dizem ser filho de D. Rodrigo Garces. E segundo Alvaro Ferreyra de Vera em as Notas ao Conde D. Pedro Plana 107 he descendente do Conde *Gonçalo Fernandez senhor* de Aza no Bispado de Osma, em cujo senhorio succedeo seo *filho* D. Fernando *Gonçalvez* de Aza, Pay do Conde D. Garcia de Aza, do qual foy filho o Conde D. Garcia de Naxara *que* casou com a Infanta D. Elvira filha de ElRey D. Fernando de Castella, e Leão, de quem teve ao Conde D. Garcia *senhor* de Aza, Ayo do Infante D. Sancho (e não filho como vi em hum papel da origem desta familia) com o qual morreo na Batalha de Veles anno de 1100, e foy seo filho o Conde D. Garcia Garces, *que* casou com D. Leonor, ou Maria Fortunes filha de Fortum Lopes *senhor* de Soria da familia dos Moraes, cujo neto fazem a Gonçallo *Rodriguez* de Moraes.

Casou Gonçallo *Rodriguez* de Moraes nesta cidade com Constança Soares filha de Soeyro Dias, e de D. Sancha Pires, que o foy de Pedro // 98 Pedro Soares de Belmir, e de D. Gontinha Paes da Silva *filha* de D. Payo Guterre da Silva Adiantado de Portugal; E Soeyro Dias filho de Diogo Gonçalves Ouveques, e de D. Urraca Mendes Irmã de Fernão Mendes o Bravo, *que* foy senhor de Bragança. Consta de huma escritura, que tenho em meo poder da desistência que fes Gonçallo *Rodrigues* e sua *mulher* Constança Soares, que dis ser filha de Soeyro Dias, e de D. Sancha Pires da acção que pretendia

ter por cabeça de sua *mulher* em parte da Quinta de Villameã, e estava doada por outros Fidalgos ao Mosteiro de S. Martinho da Castanhede, e farey della menção em seo lugar e a data desta he do anno de 1210. Facta carta in era MCCXLVIII in Mense Maii regnante Rege Sancio in Portugali Tenente Bragançia Fernandus Fernandi, Abbas Sancti Salvatoris de Castro Avellanarum D. Michael, Gunçalvus Roderici de Moralis conf. Constancia Suarii uxor ejus, conf. Martinus Menendi conf. Rodericus Fernandi conf. Nunius Petris conf. Velasco Menendi conf. Gunçalvus Monis conf.

Este Gonçallo *Rodriguez* entendo foy o *que* deo o sitio, e antiga capella de Sancta Catharina, que seria da parte de sua *mulher*, ao Patriarca de S. Francisco quando fundou nesta cidade em 1214, pois se acha em tempo tão proximo em 1210 e ainda era vivo no de 1217 e consta de outra escritura de venda que fes ao Mosteiro de S. Martinho Payo Fernandes filho de Fernando Feo, e sua *mulher* D. Velasquita da a me // 98v a metade de S. Joanico, Caçarelhos, e Genizio, *que* hoje são aldeas do termo da cidade de Miranda, e asinão em esta escritura Gonçallo *Rodriguez* e outros Fidalgos desta cidade, e da terra de Seabra que se achavão no Mosteiro onde ella se fes na era de 1255, que he o sobredito anno de 1217, a qual tenho em meo poder, e dis a data: istas supraditas hereditates compravit eas Pater meus Fernandus *Fernandi* cum Matre mea D. Taregia, et post obitum eorum ipsas hereditates remanserunt in me filius suus Pelagius Fernandi Facta carta in Era MCCLV tercio Nonas Januarii in Monasterio Sancti Martini de Castinera, quas ipsas hereditates emerunt Fratres ibi morantes regnante Rege Alfonso in Legione, Sancio Fernandi frater ejus Alferis, Petrus Episcopus in Astorica, in Zamorense Martinus, Archiopiscopus Bracharensis Estefanus, regnante Rege Alfonso filius res Sancius in Portugali, Tenente Bragançia, et Miranda, et Montenegro Fernandus Fernandi, Tenente Senabria Petro Menendis, qui praesentes fuerunt, et audierunt, de Senabria Velasco Roderici, Petro Fernandi, Martino Ponzo, Fernandus Roderici, Fernandus Garcia, Garcia Petris, Domno Laurencio Presbiter, Roderico Pelayes Presbiter. De Bragançia Nunius Petris, Johanes Petris, Gunçalvo Roderici, Garcia Vermudes, Domno Ponzo, Alfonsus Vermuis, Abbas Sancti Salvatoris de Castro, D. Michaelis, Fernandus Roderici Presbiter.

De // 99 De Gonçallo *Rodriguez* de Moraes darey huma breve noticia da sua direita decendencia, pelo que consta de escrituras, e papeis *que* tenho visto desta familia mostrando somente o principio



de alguns ramos sem continualllos, porque me falta certeza para o fazer e ainda podem faltar muytos, e os coriosos desta materia dirão o que eu não alcanço; Nem agora levo outro fim mais que mostrar o lustre deste solar.

1 Gonçallo *Rodriguez* de Moraes senhor dos lugares de Moraes, e Lagoa, Chefe desta familia teve de sua *mulher* Constança Soares

2 Martim *Gonçalvez* de Moraes

2 Martim *Gonçalvez* de Moraes n.º 2, que viveo em tempo dos Reys D. Sancho Capello e D. Affonso 3.º casou com D. Elvira Pires: e teve

3 Ruy *Martinz* de Moraes

Gregorio de Moraes

3 Ruy *Martinz* de Moraes de quem falla o Conde D. Pedro *titulo* 48 §1, morava em esta cidade e foy juis em o anno de 1293, e consta de hum instrumento do Archivo da Camara da era de 1331, o qual tem o n.º 33. e he de procuração bastante que o concelho fes a Estevão Annes, cavalleyro, pelas duvidas que se offerecião com algumas pessoas poderosas, que honravam as suas heredades: e em outro instrumento que tem n.º 34 se faz menção de Ruy *Martinz* de Moraes, no qual está copiada huma carta de ElRey D. Affonso 4, que dis aliviava a Affonso Vicente desta cidade // 99v filho de Vicente Domingues seo contador dos mil maravedis velhos do S. Martinho da renda das sacadas (são os direitos reais que paga o termo desta cidade) da era de 59, porquanto constava por carta a ElRey seo Pay os mandara dar, e recebera Ruy *Martinz* de Moraes; foy escrita em Lisboa por Estevão Pires na era de 1367, que he anno de 1329, era ja falecido neste tempo; e dis a mesma carta fora procurador dos seos heredeyros hum F. Lourenco. Casou com D. Alda *Gonçalvez* filha de Gonçallo *Rodriguez* de Moreyra, e de D. Mayor *Martinz*, e teve

D. Ignês *Rodriguez* de Moraes que casou Rodrigo Affonso Pimentel s. g.

4. D. Constança *Rodriguez* de Moraes.

D. Guiomar *Rodriguez* de Moraes que casou com João Vasques da Granja, com g.

Casou segunda ves com Urraca *Gonçalvez* de Leyria, e teve

5. Gonçallo *Rodriguez* de Moraes

Francisco de Moraes

Sebastião de Moraes Conego regular de S. Agostinho

4. D. Constança *Rodriguez* de Moraes n.º 4. casou com João Affonso Pimentel, *filho* de Affonso Vasques Pimentel e de D. Sancha *Fernandez* filha de

Fernão Esteves de Maceyra o Pintalho, e de D. Maria Nunes, que o foi de D. Nuno *Martinz* de Chacim Alcaidemor desta Cidade e Adiantado, ou *Governador* das Armas das Provincias da Beyra, e Entre Douro, e Minho; e teve Rodrigo Affonso Pimentel comendador Mayor de Santiago que casou com D. Leonor da Fonseca e forão seus *filhos* // 100

§ 1. João Affonso Pimentel

§ 2. Martim Affonso Pimentel

§ 3. João *Fernandez* de Moraes

.....
..... // 101

.....
.....

5. Gonçallo *Rodriguez* de Moraes n.º 5, filho de Ruy *Martinz* de Moraes, e de D. Urraca *Gonçalvez* de Leyria, no qual se continua a direita varonia dos Moraes Casou com D. Estefania Soares, e teve

6 Martim *Gonçalvez* de Moraes

7 D. Alda *Gonçalvez* de Moraes, que casou com Lourenco Pires de Tavora, à qual ElRey D. Fernando fes merce de Camudães, e da Colheita de Lamego, e por este casamento entrarão os Moraes na Illustrissem Casa de Tavora, de que são Senhores os Marquezes de Tavora, Condes de S. João; e dizem, que por D. Alda *Gonçalvez* de Moraes tem os morgados da Casa de Tavora o Padroado da Abbadia de Crasto Roupal vulgarmente chamada de Vinhas no destrito desta Cidade. // 101v

6 Martim *Gonçalvez* de Moraes Chefe dos Moraes casou com D. Lourença Pires de Tavora, que outros chamão D. Lucrecia Lourenço de Tavora, Irmaa de Lourenço Pires de Tavora acima, filhos do primeyro Lourenço Pres de Tavora, e de D. Guiomar *Rodriguez* de Gaces, que trazem sua ascendência de ElRey D. Ramiro de Leão pelo Infante Alboazar Ramires teve

Ruy *Rodriguez* de Moraes

8 Gonçallo *Rodriguez* de Moraes

8 Gonçallo *Rodriguez* de Moraes n.º 8

Casou com Genebra de Macedo Irmaa de Martim *Gonçalvez* de Macedo o *que* se achou na Batalha de Aljubarrota, e teve:

9 Rodrigo de Moraes.

Fernão de Moraes, que teve a Vasco *Fernandez* de Moraes Vassallo de ElRey, *que* casou com Constanca Dias da Nobrega *filha* de Diogo Vasques da Nobrega Escudeiro Vassallo de ElRey *morador* nesta Cidade e



foy juiz ordinario em 1468, e teve

Catarina Vasques de Moraes

Genebra Vasques de Macedo,
que casou com João Alvares, e teve
Juliana Alvarez de Macedo que casou
com Francisco Borges.

9 Rodrigo de Moraes casou com D. Leonor de Moraes de Tavora filha de Luis de Madureyra, e de D. *Catarina* de Moraes de Tavora, que era neta de Pedro Lourenço de Tavora Reposteyro Mor de ElRey D. João Primeyro, e Luis de Madureyra filho de Goncallo Vas do Rego Alcaydemor do Vimioso, e de Isabel Mendes, e esta filha de Estevão Mendes de Tavora, que foy *senhor* do Vimioso, e Irmão do dito Pedro Lourenço de Tavora *filhos* de Lourenço Pires de Tavora, e de D. Alda *Gonçalvez* n.º 7 teve // 102

10. Gonçallo *Rodriguez* de Moraes

Ignez *Rodriguez*, que casou com
Gonçallo de Moraes n.º 4 § 3.

10 Gonçallo *Rodriguez* de Moraes casou com Maria de Souza, que parece ser filha de Pedro de Souza Alcayde mor desta Cidade, nem em ella vejo este apelido senão do tempo do Alcayde mor Pedro de Souza em diante, suposto havia Souzas mais antigos, como se ve em Gonçallo Nunes desta Cidade que também foy pertensor a herança do Conde D. Gonçallo Garcia de Souza Monarq. Lus. Part 5. L. 16. Cap. 58. fol. 134.v., e teve Gonçallo *Rodriguez* de Moraes, e D. Maria de Souza, filha unica e herdeyra

11. D. Leonor de Moraes.

Até Gonçallo *Rodriguez* de Moraes se vé continuada por linha direyta masculina a linhagem dos Moraes de *que* era Chefe: hoje o são os Marquezes de Tavora, não so por direitos descendentes de D. Alda *Gonçalvez* de Moraes irmã de Martim *Gonçalvez* de Moraes Chefe dos Moraes, mas porque fal-

tando a varonia destes, se achavão ja descenderem dos Moraes daquela *Illustrissima* casa por duas linhas; por Estevão Mendes de Tavora e por D. *Catarina* de Moraes de Tavora neta de Pedro Lourenço de Tavora, estando já ilustrada a linhagem dos Moraes de Bragança com o casamento de D. Lourença Pires de Tavora com o dito Martim *Gonçalvez* de Moraes Chefe dos Moraes: Os Marquezes de Tavora o primeyro, e este segundo que agora faleceo tem passado certidões, que assim declarão serem Chefes // 102v desta família, e nesta Cidade há duas.

Deste Gonçallo *Rodriguez* de Moraes, que tinha *titulo* de Vassallo, se faz menção em vários papeis do archivo da Camara; e direi so de dous. huma carta de Elrey D. Affonso 5 de 1442, que tem n.º 10. porque aggravando o Procurador do Concelho Rodrigo Affonso de Pouzadas do Corregedor da Provincia de Trasmontes mandar despedir duas serventes de soldada das *que* se davão dos Orfãos às Pessoas de Primeyra Nobreza por Privelegio de ElRey D. Duarte que esta Cidade tem, foy servido ordenar se cumprisse o dito *privilegio* e que o Corregedor tornasse as serventes, e dis: E mandara tornar duas moças que tinham dous Vassallos da dita Villa a saber: Vasco *Fernandez* de Moraes, e Gonçallo *Rodriguez* de Moraes, os quae erão nossos Vassallos dos bons, e honrados da dita Villa etc..

Foy também Gonçallo *Rodriguez* de Moraes, Procurador desta Cidade nas Cortes, que se fizeram na de Lisboa em 1439. e consta dos *capitulos* dados em ellas de 10 de Janeyro de 1440, que estão no archivo da Camara e tem n.º 6. escritos por Affonso Gil e assinados pelo Infante Regente D. Pedro, e o mesmo consta de outros *capitulos* das mesmas Cortes *que* tem n.º 5.

.....
..... »



PARTE II

EXPOSIÇÃO GENEALÓGICA

Capítulo 1º

Macedos primeiros

I – ESTÊVÃO ANES DE BRAGANÇA

Poderia ser filho dum hipotético João Vasques de Bragança (também mencionado como João Vasques de Antas), filho bastardo de D. Vasco Peres de Bragança, o Veirão, da varonia dos Bragançãos. Foi cavaleiro, senhor de vários imóveis na região e, em 1293, procurador de Bragança. Em 1305 outorgou na mesma vila, com seu filho Fernão, uma procuração a favor de Rui Martins, cavaleiro. Morreu antes de 1340, pois nesse ano foi enterrado no mosteiro de Castro de Avelãs.

Casou com D. MARIA

Filhos:

1(II) – FERNÃO ESTEVES (DE MACEDO) I

Foi cavaleiro morador em Bragança, em cuja região possuía várias herdades. Em 1305 outorgou com seu pai uma procuração a favor de Rui Martins, que era provavelmente seu sogro.

Terá casado com Fulana RODRIGUES, filha de RUI MARTINS DE MORAIS, cavaleiro, e de sua 1ª mulher SANCHÁ FERNANDES, senhores de Caçarelhos, que em 1300 trocaram com o rei, pela aldeia de Sanceriz.

Filhos⁴⁹⁴:

1(III) – RUI FERNANDES DE MACEDO, que segue no Capítulo 2º - Macedos, chefes.

2(III) – AIRES FERNANDES DE MACEDO É possível que fosse o clérigo que o rei D. Fernando I apresentou para a sua igreja de Mirandela em 23 de Maio de 1373⁴⁹⁵. Terá sido abade de Parada.

Se assim foi, de MARIA DE CRASTO, solteira, teve

Filho:

IV – AIRES FERNANDES DE MACEDO

Foi legitimado por carta régia de 1396-10-21.

Escudeiro em Vinhais em 1408.

3(III) - GONÇALO FERNANDES DE MACEDO, que segue no Capítulo 3º – Macedos, de Martim Gonçalves de Macedo.

2(II) – MENDO ESTEVES

Filho:

III – JOÃO MENDES DE BRAGANÇA

Filho:

IV – ESTÊVÃO ANES DE BRAGANÇA

Foi escudeiro e vassalo do rei D. João I, a quem prestou grandes serviços, pelo que dele recebeu em 1386-10-23 o senhorio de juro e herdade da aldeia de Vimioso⁴⁹⁶.

Não consta que tenha casado, mas teve filhos ilegítimos, todos legitimados por carta régia de 1399-07-13⁴⁹⁷

Em MARGARIDA DE SOUSA, mulher solteira, teve

Filho:

1(V) – DIOGO ESTEVES

Aquele Estêvão Anes de Bragança teve também em MARIA AFONSO, mulher solteira,

Filhos:

2(V) – JOÃO MENDES (DE BRAGANÇA)

Sucedeu a seu pai no senhorio de Vimioso em 1416-05-16, conforme se vê na carta de confirmação de 1435-12-30⁴⁹⁸.

Filho:

VI – ESTÊVÃO MENDES (DE BRAGANÇA)

Por carta régia de 1482-01-11 teve o senhorio de Vimioso⁴⁹⁹.

Com geração.

3(V) – GOMES ANES

4(V) – MARTIM MENDES

5(V) – AFONSO ESTEVES

6(V) – MARGARIDA ANES

3(II) – GONÇALO ESTEVES

Casou com D. MARIA MARTINS, filha de MARTIM ANES REDONDO e de MARIA RODRIGUES DE JOLDA⁵⁰⁰.

Sem geração.

494. Os filhos que aqui figuram são os indicados por BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96v.

495. Chancelaria de D. Fernando, livro 2, fl. 127v.

496. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 3, pp. 178-179.

497. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 3, pp. 136-137.

498. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 2, pp. 220-221.

499. Chancelaria de D. João II, livro 6, fl. 6.

500. PIZARRO Sotto Mayor, J. A. Sotto Mayor, *Linhagens ... etc. cit.*, vol. I, pp. 372-373.



Capítulo 2º

Macedos, chefes

III – RUI FERNANDES DE MACEDO

Instituiu em 1353 o morgado de Macedo de Cavaleiros⁵⁰¹, que em 1721 era possuído por Jorge de Morais Sarmento, casado com D. Micaela de Sil Carneiro⁵⁰².

É provável que haja sido ele o avô, provavelmente paterno, de Fernão Esteves de Macedo (o II), chefe da linhagem dos Macedos.

Casou com LEONOR FERNANDES DE CARVALHO⁵⁰³.

Filho meramente conjectural, com base no seu suposto *praenomen* e no patronímico do provável neto:

IV – *(ESTÊVÃO RODRIGUES DE MACEDO)?

Filho:

V – FERNÃO ESTEVES DE MACEDO

Foi chefe dos Macedos, como se declara na carta de armas passada a seu neto João de Macedo, adiante transcrita.

Filhos:

1(VI) – GONÇALO DE MACEDO

Possuiu o morgado de Macedo de Cavaleiros⁵⁰⁴. Viveu com sua mulher em Bragança, na freguesia de Santa Maria⁵⁰⁵. Foi almoxarife da alfândega do porto de Bragança⁵⁰⁶. Provavelmente é ele o Gonçalo de Macedo mencionado num acórdão da Câmara de Bragança de 1448⁵⁰⁷ e o que figura como testemunha dum acto notarial na mesma cidade em 1468. Morreu em 1481 ou pouco antes⁵⁰⁸.

Casou com TERESA SANCHES.

Filho:

VII – JOÃO DE MACEDO

Recebeu ordens menores em Braga em 1461.

Em Setembro de 1478 era escudeiro, criado da “rainha de Castela e de Portugal” (ou seja, D. Joana, a “Excelente Senhora”).

Em Janeiro de 1481 era escudeiro do príncipe D. João e recebeu o ofício de almoxarife da alfândega do porto de Bragança⁵⁰⁹ e bem assim uma tença de 5100 reis, a qual veio a ser confirmada por D. Manuel I em 1496-04-25⁵¹⁰.

Em 1482-05-20 era escudeiro da Casa Real e recebeu do novo rei D. João II aquele mesmo ofício⁵¹¹. Em 1482-08-07 foi perdoado, pelo rei, dos ferimentos que infligira, numa briga, a Rui Teixeira, escudeiro de Vila Real⁵¹².

Em 16 de Julho de 1483 era fidalgo da Casa Real e obteve o ofício de veador dos vassallos de El-Rei em Bragança⁵¹³.

Em 26 de Setembro desse ano foi feito alcaide-mor da vila e castelo do Outeiro⁵¹⁴ e no dia seguinte foi-lhe concedida uma tença anual de 10 mil reais brancos⁵¹⁵. Veio a recebê-la desde 1 de Janeiro de 1484 e, já no reinado de D. Manuel I, ela foi confirmada e paga a partir de 1 de Janeiro de 1506, conforme carta régia de 12 de Setembro desse ano⁵¹⁶.

Recebeu em 1491-03-09 privilégio de isenções e escusas para 30 homens moradores no termo de Bragança que estavam ao seu serviço⁵¹⁷.

Com sua mulher vendeu em 1497 ao senado da câmara de Bragança a quinta de Campo Redondo, que ela herdara dos pais.⁵¹⁸ Nesta escritura outorgou seu sogro como seu procurador.

501. Segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 96 e 126v.

502. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 126v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo VI, pp. 249-250.

503. *Ibidem*.

504. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, p. 117.

505. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas ... etc. cit.*, p. 341.

506. Chancelaria de D. João II, livro 6, fl. 55v.

507. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96.

508. Chancelaria de D. Afonso V, livro 26, fl. 7.

509. Chancelaria de D. Afonso V, livro 26, fl. 7.

510. Chancelaria de D. Manuel I, livro 33, fl. 94.

511. Chancelaria de D. João II, livro 6, fl. 55v.

512. Chancelaria de D. João II, livro 3, fl. 19; livro 6, fl. 55v; e livro 24, fls. 50v e 88.

513. Chancelaria de D. João II, livro 24, fls. 87v e 88.

514. Chancelaria de D. João II, livro 26, fl. 106v.

515. Chancelaria de D. João II, livro 24, fl. 50v.

516. Chancelaria de D. Manuel I, livro 38, fl. 13v.

517. Chancelaria de D. João II, livro 9, fl. 76.

518. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo I, pp. 319-320, e tomo VI, p. 117, e BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 22-22v.

Era, à data, alcaide-mor do Outeiro, cargo que largou para o Duque de Bragança, recebendo por isso uma tença de 30 214 reis em 1497-12-08 (ou 1498-03-02)⁵¹⁹, e teve um padrão de 25 214 reis em 1508⁵²⁰. Esta tença anual e um privilégio para seus caseiros, amos e lavradores ainda vigoravam em 1522⁵²¹. Em 1518-03-04, tendo morrido seu genro Simão Correia, em quem trespassara 20 mil reis de tença, obteve a mercê de outros 10 mil reis vitalícios, desde 1 de Fevereiro⁵²².

No mesmo ano renunciou 20 mil reis da sua tença em seu genro, o licenciado Luís de Madureira, o que foi confirmado por padrão régio de 1522-03-02⁵²³.

Por carta de 1518-04-15 foi fidalgo de cota-de-armas, tendo provado por inquirição de testemunhas ser o chefe da linhagem dos Macedos⁵²⁴.

Em 1526 ainda vivia e era fidalgo da Casa Real⁵²⁵.

Casou, certamente antes de 1485, com BRANCA DE SOUSA, filha de JOÃO DE SOUSA, alcaide-mor de Bragança.

Filhos do casamento:

1(VIII) – FERNÃO DE MACEDO⁵²⁶

Casou na vila de Vimioso com MARIA VAZ DO REGO, descendente de GONÇALO VAZ DO REGO, que fora alcaide-mor desta vila⁵²⁷.

Filho, entre outros:

IX – FERNÃO DE MACEDO

Instituiu um morgado na capela de Nossa Senhora de Vale de Pereiras.

Casou no Vimioso com MARIA MENDES, filha de FRANCISCO MENDES DANTAS.

Filhos:

1(X) – JOÃO DE MACEDO

Sucedeu no morgado.

Casou com BEBIANA OSORES.

Filho:

XI – BELCHIOR DE MACEDO

Nasceu em Vimioso. Sucedeu no morgado.

Casou com ANA RODRIGUES DE CARVALHO, natural de Vimioso.⁵²⁸

Filhos:

1(XII) – FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em Vimioso, onde não tinha ofício, mas era dos principais.

Casou com ANA DO CAMPO DA GAMA, natural de Valverde, termo de Mogadouro, filha de JERÓNIMO DO CAMPO, natural de Valverde, e de JULIANA GIL DA GAMA, natural de Travanca, termo de Algosó.

Filhos:

1(XIII) – BELCHIOR DE MACEDO

Foi abade de S. Martinho de Angueira.

2(XIII) – JERÓNIMO DO CAMPO

Foi abade de Duas Igrejas.

3(XIII) – PAULO DE MACEDO

Nasceu em Vimioso e morou em Miranda. Foi mestre de campo de auxiliares, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1670-07-10⁵²⁹ e familiar do Santo Ofício por carta de 1671-01-21⁵³⁰.

519. Chancelaria de D. Manuel I, livro 31, fl. 26v, e Chancelarias Régias, Leitura Nova, livro 4 Místicos, fl. 56 v.

520. Corpo Cronológico, parte 2, maço 14, doc. 116.

521. Corpo Cronológico, parte 2, maço 104, doc. 128.

522. Chancelaria de D. Manuel I, livro 10, fl. 130v.

523. Chancelaria D João III, Doações, livro 51, fl. 104.

524. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 301.

525. Corpo Cronológico, parte 1, maço 34, doc. 11.

526. Segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 126v-127.

527. Chancelaria de D. Manuel I, livro 96, fl. 120v; a informação relativa à filha Maria e à descendência do casal, segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fl.127.

528. Habilitação para o Santo Ofício de Paulo de Macedo, Paulo, maço 2, doc. 31.

529. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 56, fls. 473v-474v.

530. Habilitação para o Santo Ofício de Paulo de Macedo, Paulo, maço 2, doc. 31.

Casou em Miranda, com MARIA MENDES PIMENTEL, filha do licenciado PEDRO ÁLVARES DE CARVALHO e de MARIA MENDES PIMENTEL, neta paterna de JOÃO ÁLVARES DE CARVALHO, natural de Chaves, e de ISABEL DE LOUSADA, natural de Miranda, neta materna de JOSÉ SOPICO e de MARIA PIMENTEL, naturais de Miranda.

Filhas:

1(XIV) – D. JERÓNIMA PIMENTEL

Viveu em Bragança.

Casou com seu primo PEDRO FERREIRA DE SÁ SARMENTO, adiante.

2(XIV) – D. ANA DE MACEDO PIMENTEL

Casou com CRISTÓVÃO FERREIRA SARMENTO PIMENTEL, fidalgo da Casa Real, filho de JOÃO SARMENTO PIMENTEL, de Bragança.

Filha única:

XV – D. JOSEFA JERÓNIMA DE LOSADA

Casou com MANUEL DE MORAIS DE FARIA, senhor do morgado de Carrazedo. Com geração.

3(XIV) – D. BEBIANA OSORES

Casou com AIRES FERREIRA DE SÁ, capitão-mor de Vimioso, cavaleiro da Ordem de Cristo, que morreu em Alcañices, nas guerras da Aclamação⁵³¹.

Filho:

XV – PEDRO FERREIRA

DE SÁ SARMENTO

Viveu em Bragança, onde morreu em 1731.

Foi coronel de cavalaria, governador do castelo de Outeiro, moço-fidalgo da Casa Real e, em 1732-04-26, cavaleiro professo da Ordem de Cristo⁵³².

Casou com sua prima D. JERÓNIMA PIMENTEL, acima. Com geração.

2(XII) – D. BEBIANA OSORES

Casou com JOANE MENDES DANTAS, com quem instituiu um vínculo que ligaram ao de Vale de Pereiras.

3(XII) – GONÇALO VAZ DO REGO

Com geração.

2(X) – ANTÓNIO DE MACEDO

Serviu na Índia, com geração.

2(VIII) – ISABEL DE MACEDO

Casou com LUÍS DE MADUREIRA, que foi licenciado, procurador dos feitos da Fazenda e obteve em 1522 a tença de 20 mil reis que fora de seu sogro⁵³³, filho de ÁLVARO ANES DE MADUREIRA, fidalgo da Casa de D. Afonso V, possuidor do morgado de Parada e senhor da vila de Sezulfe⁵³⁴.

Filhos:

1(IX) – LUÍS DE MADUREIRA

Sucedeu no morgado de Parada. Viveu com a mulher em Parada, S. Gens.

Casou com ANA DE BUIÇA.

Filhos:

1(X) – ÁLVARO ANES DE MADUREIRA⁵³⁵

Sucedeu no morgado de Parada.

Casou com D. BRANCA DE SOUSA.

531. Para estes e descendência, ver a notável obra de SARMENTO, Francisco Xavier de Moraes, *Famílias Transmontanas*, Edições Carvalhos de Basto, Ponte de Lima, 2001, tomo II, pp. 382 e segs., 378 e 369 e segs.

532. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 185, fl. 395.

533. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 51, fl. 104; e LEITÃO, Miguel Acciaiuoli da Fonseca, *Registos dos Reis*, manuscrito, *mibi*, registo nº 4459 «a luis de madr.^a Prov.or dos feitos de sua faz.da 20\$ de tença q fora de joão de Maçedo seu sogro Lx.^a 7. de mr.ço de 522»; Cardoso Borges engana-se e faz esta filha de João de Macedo casada com o dito Álvaro Anes de Madureira (ob. cit., fl. 114v).

534. BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 114v, 115 e 112v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, vol. IV, p. 354

535. Para este e descendência sigo basicamente BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 115 e segs.; ver também BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo VI, pp. 115, 348 e 355.

Filha única, herdeira:

XI – D. ISABEL DE MADUREIRA
Sucedeu no morgado de Parada.

Casou com seu parente ANTÓNIO DE MORAIS PIMENTEL⁵³⁶, filho de ALEIXO DE MORAIS PIMENTEL e de ISABEL GOMES DE MACEDO, como adiante se dirá.

Filhos:

1(XII) – ÁLVARO ANES DE MADUREIRA FEIJÓ⁵³⁷

Sucedeu no morgado de Parada.

Casou com sua prima D. ANA DE MORAIS PIMENTEL, filha de MANUEL DE MORAIS PIMENTEL e de D. ISABEL DE MORAIS, como adiante se dirá.

Filhos:

1(XIII) – ANTÓNIO DE MORAIS MADUREIRA

Sucedeu no morgado de Parada.

Casou duas vezes: a 1ª com D. ALDONÇA DE ALBUQUERQUE, filha de JOÃO PEGAS e de FAUSTINA MALHO, ambos de Miranda do Douro; a 2ª com D. ANASTÁCIA PEREIRA, filha de GONÇALO BORGES REBELO e de ANTÓNIA (ou ANA) PEREIRA DA ROCHA.

Filhos do 1º casamento:

1(XIV) – D. MARIANA DE MORAIS

Casou com FILIPE BORGES REBELO. Com geração.

2(XIV) – D. ISABEL DE MORAIS MADUREIRA

Casou com DIOGO MACHADO PIMENTEL, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em

1669-07-28⁵³⁸. Com geração.

Filho do 2º casamento de António de Moraes Madureira:

3(XIV) – ÁLVARO ANES DE MADUREIRA FEIJÓ

Sucedeu no morgado de Parada.

Casou com D. TEODORA PINTO PEREIRA DO LAGO. Com geração.⁵³⁹

4(XIV) – ANTÓNIO DE MORAIS MADUREIRA

Morreu degolado no Porto, por vários crimes.

Casou com D. ANA DE LOBÃO, filha de NICOLAU DE LOBÃO e de D. MARGARIDA PEREIRA. Com geração.

5(XIV) – D. ANA DE MORAIS MADUREIRA

Casou com JOÃO GOMES DE MACEDO.

Com geração⁵⁴⁰.

2(XIII) – FRANCISCO DE MORAIS MADUREIRA PIMENTEL

Casou com D. BRITES DE SÁ, filha de GASPAR PINTO CARDOSO, capitão-mor de Mirandela, e de CATARINA DE VARGAS TEIXEIRA. Com geração.

2(XII) – D. FRANCISCA DE SOUSA

Casou com ELISEU DE MADUREIRA.

2(X) – ANTÓNIO

Tomou ordens menores em Braga em 1525-09-23⁵⁴¹.

3(X) – MANUEL

Tomou ordens menores em Braga em 1542-03-25⁵⁴².

4(X) – PEDRO

536. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 29.

537. SARMENTO, Francisco Xavier de Moraes, ob. cit., tomo I, p. 40, e SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, “Reconstituição das provanças do setecentista Frei Domingos de Moraes”, *Filermo*, vol. 7-8, Porto, 1999.

538. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 56, fls. 201v a 202.

539. Que pode seguir-se em SARMENTO, Francisco Xavier de Moraes, ob. cit., tomo I, pp. 42 e locais para onde remete.

540. Segundo GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 13º, p. 191.

541. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 8, caderno 6, fl. 5.

542. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 4, fl. 11v.

Tomou ordens menores em Braga em 1542-03-25⁵⁴³.

2(IX) – GARCIA ÁLVARES DE MADUREIRA

Em 1520 era escudeiro-fidalgo e vereador da câmara de Bragança.

3(VIII) – Fulana DE MACEDO

É possível que fosse alguma das suas irmãs Isabel ou Ana, e este tivesse sido o seu primeiro casamento.

Casou com SIMÃO CORREIA, moço de câmara da Casa Real, que foi adoptado por Isabel de Oliveira, mulher rica e abastada, viúva de João da Olanda, mercador flamengo, e dela herdeiro, conforme confirmação por carta régia de 1499-06-22⁵⁴⁴; e por carta de 1506-09-12, recebeu do Rei, a pedido de seu sogro e por trespasse deste, a tença de 4100 reis por ano, parte da que lhe fora concedida⁵⁴⁵. Sem geração, ao que parece.

4(VIII) – D. ANA DE MACEDO

Casou com LOPO DE MARIZ⁵⁴⁶, talvez filho de AFONSO LOPES DE MARIZ⁵⁴⁷, e sobrinho direito de Diogo Lopes de Mariz, de S. Pedro de Avelãs de Cima, cujo filho Lopo de Mariz recebeu em Braga ordens menores em 1501-12-16 e de missa em 1502-03-12⁵⁴⁸.

Filhos:

1(IX) – ANTÓNIO

Recebeu ordens menores em Braga em 1542-03-25⁵⁴⁹.

2(IX) – D. ISABEL DE MARIZ

Parece ter sido herdeira de seu pai.

Casou com NUNO ÁLVARES PEREIRA⁵⁵⁰, filho de PEDRO ÁLVARES DE MORAIS PIMENTEL e de sua 2ª mulher D. MARIA PEREIRA⁵⁵¹.

Filhos:

1(X) – PEDRO ÁLVARES PEREIRA

Foi secretário do Conselho de Portugal e do Conselho de Estado de Castela,

senhor de Serra Leoa e do Paul de Muje, de Barbacena e comendador de Marmeleiro, em Faro.

De D. JOANA DE GUSMÃO teve:

Filhos:

1(XI) – NUNO ÁLVARES PEREIRA

Morreu solteiro, sem geração.

2(XI) – D. MARIA DE FARO

Morreu menina.

2(X) – D. MARIA PEREIRA

Casou com DIOGO BOTELHO, que foi governador do Brasil, filho de FRANCISCO BOTELHO, embaixador a Castela e capitão de Tânger, e de D. BRITES DE CASTANHEDA.

Filhos:

1(XI) – NUNO ÁLVARES BOTELHO

Foi governador da Índia, tendo sido morto numa batalha contra os holandeses⁵⁵².

Casou com D. BRITES DE LIMA, filha de D. LUÍS LOBO, senhor de Sarzedas, e de D. JOANA DE LIMA COUTINHO.

Filho:

XII – FRANCISCO NUNO ÁLVARES BOTELHO

Foi feito Conde de S. Miguel por carta de Filipe III de 1633-06-25⁵⁵³.

Casou com D. ISABEL DE TÁVORA, com descendência ilustre, representada pelo Conde de S. Miguel.

2(XI) – FRANCISCO BOTELHO

Foi frade agostinho.

3(X) – D. FRANCISCO PEREIRA

Foi frade da Graça e Bispo de Miranda, e depois de Lamego

4(X) – LUÍS ÁLVARES PEREIRA

Foi morto pelos mouros em Tânger, solteiro.

5(X) – ANTÓNIO DE MACEDO

543. *Ibidem*.

544. Chancelaria de D. Manuel I, Leitura Nova, livro 11 da Estremadura, fl. 56v.

545. Chancelaria de D. Manuel I, livro 38, 13v.

546. MORAIS, Alão de, ob. cit., volume IV, 1998, p. 398, e BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 108.

547. GAYO, Felgueiras, ob. cit. tomo 18º, pp. 74-75.

548. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 5, caderno 1, fls. 188v e 212.

549. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 4, fl. 12v.

550. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 358, e SÃO PAYO, Luiz de, "Reconstituição ..." etc. cit., pp. 202-203.

551. Para estes e seus descendentes, seguiu SILVA, Manuel de Souza da, *Nobiliário* ... etc. cit., volume I, pp. 465-466 e 551.

552. Ver os seus feitos militares em SOUSA, Alfredo Botelho de, *Nuno Álvares Botelho: capitão geral das armadas de alto bordo e governador da Índia*, Agência Geral das Colónias, Lisboa, 1940.

553. SOUSA, D. António Caetano de, *Memórias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, Lisboa, 1755, pp. 415-425, e dir. Afonso Zúquete, *Nobreza de Portugal*, vol. III, 1961, p. 339.

DE MARIZ⁵⁵⁴

Foi cavaleiro da Ordem de Cristo em 1582-11-07, com uma tença anual de 50 mil reis, e nela comendador de Santa Luzia de Trancoso em 1599-01-20, na qual foi provido em 3 de Março do ano seguinte⁵⁵⁵.

Casou em Bragança com D. ANA DE MORAIS, filha de GASPAS DE MORAIS PIMENTEL e de D. ÚRSULA DE CASTRO, como adiante direi.

Filho:

XI – JOÃO DE MACEDO

Casou com D. FRANCISCA DE FIGUEIREDO SARMENTO, filha do alcaide-mor de Bragança PEDRO DE FIGUEIREDO SARMENTO e de D. VIOLANTE SARMENTO.

Filha única:

XII – D. MARIA ANA DE MACEDO

Casou com ANTÓNIO DE SOUSA PEREIRA, 4º senhor do morgado de Vilar de Perdizes.

Filho:

XIII – ALEXANDRE DE SOUSA PEREIRA

5º senhor do morgado de Vilar de Perdizes. Sem geração⁵⁵⁶.

3(IX) – MARIA DE MARIZ

Casou com ESTÊVÃO DOURADO, vereador e procurador da Bragança⁵⁵⁷, com geração.⁵⁵⁸

Filhos bastardos de João de Macedo, havidos em INÊS FERNANDES, mulher solteira:

5(VIII) – ANTÓNIO DE MACEDO

Foi legitimado conforme cartas régias de 1513-12-21 e de 1514-04-01⁵⁵⁹. É possível que tenha morrido criança.

6(VIII) – ANTÓNIO DE MACEDO

Parece ter sido outro, com o mesmo nome.

Foi legitimado por carta régia de 1520-10-20⁵⁶⁰. Parece ter sido moço de câmara da Casa Real⁵⁶¹.

7(VIII) – CREIOS DE MACEDO

Talvez tenha sido este o Cristóvão de Macedo que na 1ª metade do séc. XVI foi procurador do número de Alfândega da Fé e depois de Vila Flor, como adiante direi no Capítulo 56º – Macedos, de Vila Flor, e/ou o que em 1561 era juiz dos órfãos em Portel, como adiante direi, no Capítulo 24º – Macedos, de Portel. O nome próprio deste poderia ter sido mal lido na transposição para a Leitura Nova.

Foi legitimado por carta régia de 1520-10-20⁵⁶². Filha bastarda de João de Macedo, havida em FRANCISCA ÁLVARES mulher solteira:

8(VIII) – ANA DE MACEDO

Foi legitimada por carta de 1520-10-22⁵⁶³. Podia ter sido esta que foi amiga do padre RUI GOMES, abade de Mascarenhas, filho do padre AFONSO GOMES, também abade de Mascarenhas, e teve⁵⁶⁴,

Filhas:

1(IX) – ISABEL GOMES DE MACEDO

Casou com ALEIXO DE MORAIS PIMENTEL, como acima disse⁵⁶⁵, escrivão da Fazenda de D. João III, padroeiro do capítulo de S. Francisco de Bragança, vedor da Fazenda da Infanta D. Maria, que terá sido comendador da Ordem de Cristo, filho de PEDRO ÁLVARES DE MORAIS PIMENTEL e de sua 1ª mulher ISABEL RODRIGUES.

Filhos:

1(X) – GASPAS DE MORAIS PIMENTEL⁵⁶⁶

554. Segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 218, onde se indica o nome de seu filho e de sua neta.

555. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 5, fls. 11v e 12, livro 6, fls. 51v e 524, e livro 13, 318v, *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc. cit.*, p. 409.

556. Ver, do meu saudoso tio BETTENCOURT, Jacinto Moniz de, *O morgadio de Vilar de Perdizes*, 1986, p. 60.

557. ASSIS, António de, e outros, *Habilitações ... etc. cit.*, p. 30.

558. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 398.

559. Chancelarias Régias, Legitimações de Leitura Nova, livro 3, fls. 2 e 284v, e Chancelaria de D. Manuel, Perdões e Legitimações, fl. 274v.

560. Chancelaria de D. João III, livro 15, fl. 25.

561. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

562. Leitura Nova, livro 3, fl. 284v.

563. Leitura Nova, livro 3, fl. 284v.

564. SÃO PAYO, Luiz de, “Reconstituição ... etc.”, cit., pp. 202-204, corrigindo BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, VI, p. 13.

565. Ver a descendência de Manuel de Moraes Pimentel, filho destes, e a ascendência de sua mulher, em SARMENTO, Francisco Xavier de Moraes, ob. cit., tomo I, pp. 17-24 e 39 e segs.

566. Para este, seu irmão Jaime, e os descendentes de um e outro, segui GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 22º, pp. 147 e segs., MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. VI, pp. 239-240, e SÃO PAYO, Luiz de, “Reconstituição ... etc.” cit., pp. 186 e segs., e “Famílias de Chaves”, *Raízes & Memórias*, nº 15, 1999, pp. 110 e segs.

Depois de viúvo foi abade de Carapeços. Casou em Chaves com ÚRSULA DE CASTRO, senhora dum vínculo, filha de GREGÓRIO DE CASTRO e de BRITES DE CARVALHO (ou Campilho? – ver adiante).

Filhas:

1(XI) – D. ANA DE MORAIS

Foi padroeira da capela dos Morais em S. Francisco de Bragança.

Casou com ANTÓNIO DE MACEDO DE MARIZ, como acima disse.

2(XI) – D. ANTÓNIA DE MORAIS

Casou com MANUEL MENDES PIMENTEL, colaço do rei D. Sebastião, que terá sido comendador da Ordem de Cristo. Com geração, extinta, ao que parece.

2(X) – JAIME (ou JORGE) DE MORAIS PIMENTEL

Casou com ANTÓNIA DE CASTRO, filha de GREGÓRIO DE CASTRO e de BRITES CAMPILHO.

Filhos do casamento:

1(XI) – GREGÓRIO DE CASTRO DE MORAIS

Viveu em Ervededo, Foi padroeiro de N^a Sr.^a do Pópulo e senhor deste morgado.

Casou com D. CATARINA VELOSO TEIXEIRA, filha de MARTIM TEIXEIRA HOMEM, que terá sido cavaleiro da Ordem de Cristo e comendador de S. Nicolau de Carrazedo, e de D. FRANCISCA MARTINS (ou ÁLVARES? – ver adiante) VELOSO. Com geração.

2(XI) – D. JOANA DE CASTRO

Casou com LEONARDO TEIXEIRA HOMEM, irmão de sua cunhada. Com geração.

3(XI) – LUÍS ÁLVARES DE MORAIS

Foi abade de Monforte.

De uma CATARINA BORGES, com quem não se sabe se casou, teve Jaime Morais Pimentel

Filho:

4(XI) – ÁLVARO BORGES DE MORAIS

Morou em Chaves.

Casou com ANA DE SÃO PAIO.

Filha:

XII – LEONOR DE MORAIS PIMENTEL

Casou com ANTÓNIO SALVADO, filho de GASPAR SALVADO e CATARINA PERESTRELO, com geração.

3(X) – D. MARIA DE MORAIS PIMENTEL

Casou com ANTÓNIO CARNEIRO, fidalgo da Casa do Duque de Bragança.

Filhos:

1(XI) – D. ANA CARNEIRO DE MORAIS

Casou com seu parente LOPO SARMENTO, cavaleiro-fidalgo da Casa do Duque de Bragança, alcaide-mor de Bragança, filho de JÁCOME LUÍS SARMENTO e de D. JOANA GOMES DE MACEDO, como adiante se dirá.

Com geração, que veio a possuir um morgado com capela na colegiada da igreja de Santa Maria de Bragança⁵⁶⁷.

2(XI) – JOÃO CARNEIRO DE MORAIS

3(XI) – MARTIM CARNEIRO DE MORAIS

Morreu em 1639.

Casou duas vezes: a 1^a com ANTÓNIA TEIXEIRA DE FIGUEIREDO, filha de MARTIM TEIXEIRA HOMEM e de FRANCISCA ÁLVARES VELOSO; a 2^a com FILIPA MENDES, filha de MANUEL MENDES e de ISABEL RODRIGUES. Com geração de ambos os matrimónios.

4(X) – ANTÓNIO DE MORAIS PIMENTEL

Casou com sua prima D. ISABEL DE MADUREIRA, senhora do morgado

567. BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 110.

de Parada, como acima se disse, onde se indicou a descendência.

5(X) – MANUEL DE MORAIS PIMENTEL

Terá sido comendador da Ordem de Cristo.

Casou com D. ISABEL DE MORAIS PIMENTEL, filha de FRANCISCO DE MORAIS (CABRAL), célebre autor da *Crónica do Palmeirim de Inglaterra*, cavaleiro-fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de D. BÁRBARA MADEIRA.

Filha, além de outros:

XI – D. ANA DE MORAIS PIMENTEL

Morreu em 1633.

Casou com seu primo ÁLVARO ANES DE MORAIS MADUREIRA, senhor do morgado de Parada, como acima disse, onde indiquei a descendência.

2(IX) – D. JOANA GOMES DE MACEDO

Casou com JÁCOME LUÍS SARMENTO, filho de JERÓNIMO LUÍS

SARMENTO e de D. INÊS DA COSTA.

Filhos:

1(X) – LOPO SARMENTO

Casou com sua parenta D. ANA CARNEIRO DE MORAIS, como acima se disse.

2(X) – D. MARIA SARMENTO

Casou com RODRIGO DE MORAIS, que tomou parte no cerco de Diu. Com geração⁵⁶⁸.

2(VI) – FERNÃO DE MACEDO

Foi cavaleiro da casa do infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V. Por carta de 1454-09-12 concedeu-lhe o rei 10.250 reais brancos de tença cada ano pela comenda em que ainda não fora provido⁵⁶⁹.

Em 1456-10-23 D. Afonso V perdoou-lhe a pena pela morte de Lopo Roiz⁵⁷⁰.

Em 1463-03-17 o mesmo rei concedeu-lhe em sua vida a jurisdição de Póvoa e Meadas⁵⁷¹. Morreu no escalamento de Tânger, em Janeiro de 1464⁵⁷².

3(VI) – PEDRO DE MACEDO

Morreu no escalamento de Tânger, em Janeiro de 1464⁵⁷³.

568. BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo VI, pp. 11-13, baseado numa árvore de costados de discutível fiabilidade.

569. Chancelaria de D. Afonso V, livro 10, fl. 94v.

570. Chancelaria de D. Afonso V, Perdões e Legitimações, livro 13, fl. 40v.

571. Chancelaria de D. Afonso V, livro 9, fl. 121.

572. Segundo diversos genealógicos dos sécs. XVII e XVIII.

573. *Ibidem*.

Capítulo 3º

Macedos, de Martim Gonçalves de Macedo

III – GONÇALO FERNANDES DE MACEDO Filho⁵⁷⁴:

IV – MARTIM GONÇALVES DE MACEDO Foi escudeiro e vassalo d'El-Rei.

Celebrizou-se por salvar a vida a D. João I na batalha de Aljubarrota.

Já antes desse feito ele fora contemplado com a munificência régia, pois em 1385-05-27 o rei lhe dera a mercê de 300 libras cada ano, a serem pagas pelas rendas, dízimas e portagens de Bragança⁵⁷⁵. Tal mercê deve ter tido fundamento na actuação de Martim Gonçalves de Macedo numa ou mais ocasiões de guerra que se deram pouco antes, no norte: ou a entrada em Guimarães, em 6, 7 ou 8 de Maio; ou a conquista de Braga, cerca do dia 10; ou, mais provavelmente, a tomada de Ponte de Lima, pouco antes de 19 do mesmo mês.

Mas o seu grande serviço à Coroa foi, na batalha real, ter intervindo oportunamente a impedir que o rei, no auge da luta, fosse morto por um cavaleiro castelhano que o derrubara. Por isso o monarca em 1385-08-27, isto é, menos de duas semanas depois da batalha, doou-lhe as aldeias de Algoselho e Pindelo, no termo de Miranda do Douro⁵⁷⁶.

Em 1385-12-19, cerca de dois meses depois de se ter travado a batalha de Valverde na qual D. Nuno Álvares Pereira, com a sua hoste, derrotara os castelhanos, o rei doou-lhe a aldeia de Outeiro de Miranda⁵⁷⁷.

Deve ter participado em várias acções bélicas que se deram nos anos seguintes. Em Janeiro de 1386 o rei D. João I cercou Chaves, que acabou por capitular. Algum tempo após foi a vez de Bragança se entregar também. Em Maio o rei tomou Almeida pela força. Ora, menos de um ano decor-

rado, em 1387-03-24, o monarca doava o Outeiro de Miranda a um Fernando Afonso, então alcaide do respectivo castelo, desde esse dia para sempre e para os descendentes deste, declarando expressamente que não embargava tal doação que ele, rei, tive feito mercê do dito lugar e rendas a Martim Gonçalves de Macedo⁵⁷⁸.

Em 1392-02-22 Martim Gonçalves de Macedo recebeu do rei mercê das dízimas e portagens de Bragança e da Aldeia de Outeiro⁵⁷⁹.

Em 1400-12-27 era alcaide do castelo do mesmo Outeiro de Miranda e recebia doação das dízimas dos panos que vinham de Castela ao mesmo lugar⁵⁸⁰.

Morreu antes de Julho de 1425. Foi sepultado na igreja da Batalha, à entrada para as capelas onde jazem o rei D. João I e a família real, por decisão régia. Conforme algures foi escrito, o rei quis dar-lhe essa honra, já que tinha guardado tão bem em vida a pessoa dele, monarca, a fim de a guardar para a vida futura.

Dele escreveu o seu descendente Dr. António de Sousa de Macedo, no célebre poema heróico *Ulyssippo*, publicado em Lisboa em 1640, pouco antes da restauração da independência:

«Este varão que tem na vista ardente
Hum Hercules ao vivo retratado,
Cujo intrepido peito ignora o medo,
Sera Martim Gonçalves de Macedo.»

Dizem os nobiliários que casou com D. Brites de Sousa, filha de Martim Afonso de Sousa, senhor de Mortágua. Mas eu não acredito, por razões que acima expus.

Casou, segundo uma escritura de sua viúva, lavrada em Sanceriz, com CATARINA ANES, a Rica⁵⁸¹.

Filhos:

1(V) – DIOGO GONÇALVES DE MACEDO, que segue.

574. Segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fls. 96 e 126v, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo VI, pp. 249-250.

575. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, pp. 64-65.

576. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 2, p. 48.

577. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 3, p. 115.

578. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 3, p. 241.

579. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 1, p. 303.

580. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 3, p. 170.

581. Segundo a carta de armas de António de Macedo Velasques de Oliveira, de 1726 (Torre do Tombo, Gavetas, gaveta XX, maço 1, doc. 7, publicada em BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 55); mas a ascendência do armorejado, nesta carta, sobretudo a anterior ao séc. XV é muito duvidosa, pelo que, sem mais documentação que a apoie, nada deve provar.

2(V) – GONÇALO DE MACEDO⁵⁸²

Talvez fosse o mesmo a seguir mencionado.

3(V) – GONÇALO GONÇALVES, que segue no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

V – DIOGO GONÇALVES DE MACEDO

Em 1424-08-30 era criado de D. João I de quem recebeu, em casamento, a doação de diversos bens imóveis urbanos e rústicos em Évora⁵⁸³. Um desses bens deve ter sido uma herdade no Poço(?), à saída de Évora para Alcácer, que fora de Gomes Martins Zagalo, vassalo do rei, a qual já fora coutada no tempo do pai desse Zagalo, no reinado de D. Pedro I, pelo que D. João I e depois dele D. Duarte e D. Afonso V a coutaram também a Diogo Gonçalves de Macedo, e D. Manuel I, ao filho herdeiro deste, Henrique de Macedo, em 1492-05-18⁵⁸⁴. Em 1425-07-27 era Diogo Gonçalves de Macedo criado e camareiro de D. João I, de quem recebeu a mercê de 300 libras pela renda da mouraria e portagens de Bragança⁵⁸⁵. Em 1433-11-29 era escudeiro criado do rei D. Duarte⁵⁸⁶. Em 1434-01-05 recebeu a confirmação da mercê de 300 libras de tença pela portagem de Bragança e a de 300 libras na cidade de Évora, que haviam sido concedidas a seu pai⁵⁸⁷. Em Novembro de 1439 era vereador da cidade de Évora⁵⁸⁸. Em 1468, sendo então cavaleiro residente

em Évora, requereu em Bragança um treslado da carta que provava ser senhor de Sanceriz⁵⁸⁹. Tinha 10 mil reais de tença graciosa⁵⁹⁰. Mas parece que vivia com dificuldades financeiras pois cerca de 1470 devia uma soma de dinheiro ao Rei⁵⁹¹. Morreu entre 1474 e 1479.

Casou, ao que parece antes de 1425⁵⁹² e seguramente antes de 1433⁵⁹³, com MOR FERNANDES, filha de FERNANDO AFONSO CICIOSO, vassalo do rei, morador em Évora; terá casado 2ª vez.

Filhos, provavelmente dum 2º casamento:

1(VI) - HENRIQUE DE MACEDO

Nasceu não antes de 1450 nem depois de 1455⁵⁹⁴. Por carta de 1464-07-24 o rei deu-lhe uma tença de 4800 reais brancos cada ano, desde o 1º de Janeiro seguinte em diante, de mantimento para estudo⁵⁹⁵. Em 1469 era moço-fidalgo da Casa Real com 172 reais de moradia⁵⁹⁶. Em 1474 e 1477 era escudeiro-fidalgo da mesma casa⁵⁹⁷. Em Novembro de 1495 era fidalgo da Casa Real e cidadão de Évora⁵⁹⁸.

Vendeu Sanceriz com sua mulher, numa escritura lavrada em Coimbra em 1479⁵⁹⁹. Em 1482 recebeu um padrão de 600 libras de renda anual⁶⁰⁰. Em 1484, sendo fidalgo da Casa Real, teve mercê de 8000 reais brancos⁶⁰¹. Nas festas em Évora, por ocasião do casamento do príncipe herdeiro D.

582. Segundo BORGES, Cardoso, ob. cit., fl. 96v.

583. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, p. 44.

584. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 2, p. 161, e Chancelaria de D. Manuel I, livro 30, fl. 70.

585. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, p. 64.

586. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. III, p. 364.

587. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, p. 45, e *Chancelarias Régias*, livro 3 Místicos, fl. 193.

588. ROLDÃO, Ana Filipa F. S. Pinto, *A memória da cidade. Administração urbana e práticas de escrita em Évora (1415-1539)*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2011, [Em linha Consult. 22 Set. 2013] Disponível http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4858/1/ulsd061714_td_Ana_Roldao.pdf, p. 83.

589. Esta aldeia havia sido dada pelo rei D. Dinis, em 1238-04-23, a Rui Martins, conforme o registo na Chancelaria de D. Manuel I, livro 2 de Direitos Reais, fl. 182v.

590. FARO, Jorge, *Receitas e Despesas da Fazenda Real de 1384 a 1481*, Publicações do Centro de Estudos Económicos, Lisboa, 1965, p. 112.

591. PERES, Damião, *O Livro de Recebimentos de 1470 da Chancelaria da Câmara*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1974, p. 50.

592. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, p. 65.

593. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. III, p. 363.

594. No regimento da Casa de D. Afonso V que em 1465 estava em poder do seu mordomo-mor, estava estabelecido que os moços-fidalgos fossem ao menos de 12 anos, os moços de câmara de 14, e os escudeiros não menos de 19, como se vê da resposta às Cortes da Guarda de 25 de Agosto daquele ano (Torre do Tombo, Coleção de Cortes, II, 148v).

595. Chancelaria de D. Afonso V, livro 8, fl. 89v, e MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315v.

596. “Livro das Moradias da Casa do Senhor Rey D. Affonso o V”, SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc.* cit., p. 51.

597. *Ibidem*, pp. 46 e 48.

598. ROLDÃO, Ana Filipa F. S. Pinto, ob. cit., p. 220.

599. SIQUEIRA, Ascenso de, nobiliário manuscrito, *mibi*, tomo II, fl. 83.

600. FREIRE, Braamcamp, *As sepulturas ... etc.* cit., p. 29, e Chancelaria de D. Manuel I, livro 27, fl. 56.

601. Chancelaria de D. João II, livro 23, fl. 63v.

Afonso, fez “extraordinários gastos”⁶⁰². No banquete real, em Novembro de 1490, era um dos regedores principais da cidade. Em 28 pegou às varas do pátio na entrada solene da princesa, vestido de opa de damasquim meio roxo meio branco, gibão de setim preto e grande chapéu de veludo da mesma cor. Em 30, no banquete de inauguração da sala de madeira, foi ele o moço fidalgo que no primeiro entremez figurou de carreteiro guiando os bois assados, que tiravam da carreta cheia de carneiros também cozinhados. Trazia um pelote e gabão de veludo branco forrado de brocado e a carapuça na cabeça, fingindo de longe um verdadeiro carreteiro. «Todos estes luxos deram com Henrique de Macedo nas mãos dos agiotas»⁶⁰³.

Em 1498-03-22 recebeu 30 mil reis de tença desde o 1º de Janeiro desse ano, em satisfação da mouraria de Évora, visto que o rei havia ordenado que não houvesse mais mouros forros nas mourarias do reino⁶⁰⁴. O rei D. Manuel I mandou restituir-lhe uma herdade em Torre de Coelheiros, que fora forçado a vender por contrato onzeneiro favorável ao comprador⁶⁰⁵. Recebeu duas tenças vitalícias. Morreu em fins de 1520⁶⁰⁶.

Casou com GUIOMAR BORGES, filha de RUI BORGES DE BRITO, de Elvas, e de GUIOMAR DE VASCONCELOS⁶⁰⁷.

Filho:

1(VII) – FERNÃO DE MACEDO

Recebeu a mercê de 360 mil reis, 10.500 dobras de mercê e outro tanto de seu casamento, tendo-lhe sido pagos 120 mil reis em 1511 e outro tanto ordenados pagar em 1512-04-20⁶⁰⁸.

Obteve em 1521-03-22 duas tenças em sucessão a seu pai, a saber: 18\$800 reis de juro e herdade para ele e para todos os que dele descendessem por linha direita masculina, e 8000 enquanto real mercê fosse, esta última atendendo aos serviços que o rei dele tinha recebido e ao diante esperava receber⁶⁰⁹. As quais vieram a ser confirmadas por D. João III⁶¹⁰. Em 1534 auferia um total de 30 mil reis, a saber, 10\$800 de juro que lhe ficaram de seu pai e 19\$200 de tença graciosa que vagaram por seu pai⁶¹¹.

Foi fidalgo da Casa Real⁶¹².

Casou com D. BRITES SALVAGO, filha de NICOLAU SALVAGO, genovês⁶¹³.

Filhos:

1(VIII) – HENRIQUE DE MACEDO SALVAGO

Achou-se na jornada de Tunis com o infante D. Luís.

Foi moço-fidalgo da Casa Real⁶¹⁴ e fidalgo da mesma casa⁶¹⁵.

Casou em Baçaim com D. CATARINA DE MENESES, que aí morreu em 1566-12-03, filha de D. BERNARDIM DE MENESES⁶¹⁶.

602. FREIRE, Braamcamp, *Brasões ...*, etc. cit., vol. III, p. 130, nota.

603. FREIRE, Braamcamp, *As sepulturas ...* etc. cit., pp. 29-30.

604. Chancelaria de D. Manuel I, livro 13, fl. 61, e Chancelarias do Reino, livro 1 de Místicos, fl. 101.

605. Chancelaria de D. Manuel I, livro 13, fl. 29.

606. FREIRE, Braamcamp, *As sepulturas ...* etc. cit., p. 30.

607. Segundo GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 16.

608. Corpo Cronológico, parte 2, maço 32, doc. 5.

609. Chancelaria de D. Manuel I, livro 35, fl. 91v.

610. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 39, fl. 55, e livro 4 Místicos, fl. 139.

611. Biblioteca da Ajuda, manuscrito 49-XII-14, fl. 76.

612. Chancelarias Régias, livro 4 Místicos, fl. 139 e Corpo Cronológico, parte 2, maço 32, doc. 5.

613. Os Salva(i)gi pertenciam a uma família genovesa nobre, que em 1528 era mesmo cabeça de um dos 28 albergues nos quais se agrupou a nobreza consular (AGOSTO, Aldo, “Nobili e Popolari: l’origine del dogato”, *Associazione Nobiliare Ligure, La Storia dei Genovesi*, 1º volume, Genova, 1981, p. 119); há notícia de terem estado em Portugal, no âmbito de actividades mercantis e financeiras, em inícios do séc. XVI, um Antonio, um Giovanni e um Luca, e também um Nicolau que em 1501 era cónego da Sé de Coimbra (ROSÁRIO, Morais do, *Genoveses na História de Portugal*, Lisboa, 1977, pp. 313-314); este foi decerto o Nicolau Salvago que em 1478 recebeu ordens menores na Sé de Braga, filho de Casão Salvaigi e sua 1ª mulher, Genebrina (A. D. Braga, *Matrículas ...* etc. cit., pasta 4, caderno, 5, fl. 30); deste foi irmão consanguíneo Bernardim Salvago, que recebeu ordens menores em Braga em 1484-03-16, filho do dito Casão e da 2ª mulher, Benedeta (A. D. Braga, *Matrículas ...* etc. cit., pasta 4, caderno 5, fl. 31v).

614. MACHADO, Lousada, códice 1105, cit., fl. 315.

615. Torre do Tombo, Moradias da Casa Real, maço 1, livro 7, fl. 129.

616. FERNANDES, Brás A., *Armas e Inscrições de Baçaim*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1957, pp. 39, 137 e 213.

Filhos:

1(IX) – FERNÃO DE MACEDO DE MENESES

Serviu na Índia de soldado e capitão.

Em 1608-03-17 foi feito capitão de Baçaim⁶¹⁷.

Foi moço-fidalgo da Casa Real no tempo de Filipe II, com 1000 reis de moradia⁶¹⁸.

Morreu na nau N^a Sr.^a da Ajuda, na Mina, antes de 1620.

Filho natural:

X – FRANCISCO DE MACEDO DE MENESES

Foi para a Índia em 1608. Em 1620-03-18 foi nomeado capitão de Baçaim⁶¹⁹.

Morreu na viagem da Índia.

Casou com D. JOANA CORTE-REAL, do Outeiro de Santa Marinha, filha de CRISTÓVÃO RODRIGUES CORTE-REAL e de D. JOANA CABRAL. Tendo D. Joana Corte Real ficado viúva e herdeira da capitania de Baçaim, outorgou em Março de 1658, aos capitães de Diu e de Damão, procuração para vendê-la, de cujo produto fazia doação a Cristóvão de Brito Pereira, filho duma sua irmã⁶²⁰.

Certamente sem geração.

2(IX) – D. JERÓNIMA DE MENESES

Casou na Índia com RUI MENDES DE SOUSA ALCOFORADO. Com geração, ao que parece extinta⁶²¹.

2(VIII) – CUSTÓDIO (ou NICOLAU) GONÇALVES DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real⁶²².

3(VIII) – D. HELENA DE MACEDO

Casou, segundo escritura de 1545⁶²³, com RUI CASCO DE VASCONCELOS, senhor do morgado da Sítima, filho de MANUEL CASCO e de D. FILIPA DA GAMA.

Filhos:

1(IX) – NUNO CASCO

Sem geração, que se saiba.

2(IX) – JERÓNIMO CASCO

Foi cónego de Coimbra, sem geração.

3(IX) – MANUEL CASCO DE VASCONCELOS

Sucedeu na herdade da Sítima e em diversos outros bens imóveis, livres e vinculados.

Casou com D. ISABEL HENRIQUES, filha de JORGE DE MELO COUTINHO, camareiro-mor do infante D. Duarte, e de D. LEONOR DE LIMA.

Filho:

X – RUI CASCO DE MELO

Foi fidalgo da Casa Real. Sucedeu no morgado de Machede, na herdade da Sítima e várias outras no termo de Évora, como a da Maceda, e na demais casa. Morou em Arraiolos⁶²⁴.

Casou com sua prima D. MARGARIDA DE LIMA, que morreu em 1609, filha de FERNÃO DE LIMA BRANDÃO e de MARIA DE MANCELOS.

Filhos:

1(XI) – MANUEL CASCO DE MELO

Sucedeu na casa de seu pai.

Casou em Badajoz com D. JOANA SOLIS PORTOCARRERO, castelhana, filha de D. JUAN LUIS DE PORTOCARRERO, cavaleiro de Alcântara, e de D. ANA DE MENDONÇA.

Filhos:

1(XII) – D. JOÃO CASCO DE MELO

Sucedeu na casa de seu pai.

Casou com D. FRANCISCA TINOCO, filha de ANDRÉ VIEIRA TINOCO e de MARIA DA SILVA.

617. Chancelaria de Filipe II, Doações, livro 20, fl. 40v, e *Registo da Casa da Índia*, publicado por Luciano Ribeiro, Lisboa, 1955, I, p. 403.

618. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas da História Genealógica da Casa Real*, cit., tomo VI, parte II, p. 383.

619. *Registo da Casa da Índia*, cit., I, p. 480.

620. Terá sido por esta razão que o dito sobrinho, que era dos Britos Pereiras de Vila Viçosa e primo direito de S. João de Brito, veio a possuir as comendas de Macedo e de Parada?

621. Segundo se depreende de PORTOCARRERO, Bernardo Pimenta do Avelar, *Livro das gerações nobres deste Reyno de Portugal, tomo que conthem parte dos apelidos da letra A*, edição prefaciada pelo Marquês de São Paio, Lisboa, 1928, p. 75.

622. MACHADO, Lousada, cit., 1105, 315v.

623. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 19.

624. Estes dados, os de seus filhos e vários outros, sobre o seu património, colhi-os em Jorge Fonseca, “Uma casa nobre de Arraiolos em 1609”, *Armas e Troféus*, VII série, 1996, pp. 181-206.

Com geração⁶²⁵. Nela estará porventura a representação genealógica de Martim Gonçalves de Macedo.

2(XII) – D. ANA (ou ISABEL) SOLIS
Casou com LOPO DE BRITO DA SILVA, senhor do morgado de Alcaleva. Com geração⁶²⁶.

2(XI) – D. JOANA DE LIMA
Casou com LOPO DE BRITO DA SILVA. Com geração.

3(XI) – ISABEL

4(XI) – INÊS

Recolheu ao convento do Menino Jesus de Évora.

5(XI) – MARIANA

Como sua irmã, recolhida no mesmo convento.

6(XI) – LUÍSA

7(XI) – ANA

8(XI) – JORGE DE MELO COUTINHO

Casou com D. MARIA DA FONSECA, filha de PEDRO LOPES DA FONSECA e de BRITES GUTERRES, sem geração.

9(XI) – FRANCISCO DE MELO

Foi frade do Carmo.

10(XI) – FERNÃO DE LIMA

11(XI) – MARTIM AFONSO

12(XI) – PEDRO DE MELO

4(IX) – D. FILIPA

5(IX) – D. BRITES

4(VIII) – D. FILIPA

5(VIII) – D. BRITES

2(VII) – D. JOANA DE MACEDO

Jaz na igreja do convento do Espinheiro, em Évora.

Casou com ANTÓNIO DE SOUSA, com quem instituiu um morgado com sede na her-

dade da Sousa, em Évora⁶²⁷.

3(VII) – D. CATARINA BORGES COUTINHO

Foi administradora do morgado instituído por sua irmã.

Casou com GASPAR DE SIQUEIRA, de Elvas, filha de AFONSO ÁLVARES GARCIA e de MARIA DE SIQUEIRA.

Filho:

VIII – ASCENSO DE MACEDO DE SIQUEIRA⁶²⁸

Nasceu em 1530. Possuiu o morgado da Terugem. Em 1579 foi procurador às Cortes, por Elvas.

Casou, com geração, hoje representada ou pela Condessa de S. Martinho ou pelo Conde dos Arcos.

2(VI) – GENEBRA DE MACEDO

Viveu em Évora, freguesia de Santiago, com seu marido.

Casou com NUNO CASCO, filho de MARTIM CASCO⁶²⁹, senhor das herdades da Sítima e Pena de Gato, alcaide-mor de Avis, e de TERESA FERREIRA.

Filhos:

1(VII) – RUI CASCO

Recebeu ordens menores em Évora em 1482-09(ou 01)-21⁶³⁰.

2(VII) – D. GRIMANESA⁶³¹

Casou com D. FRANCISCO DE EÇA, filho de D. GARCIA DE EÇA e de D. JOANA NOGUEIRA, com geração, ao que creio, extinta.

3(VII) – BRITES FERNANDES

Não casou.

3(VI) – FERNÃO DE MACEDO

Foi provavelmente filho de Diogo Gonçalves de Macedo. Morou em Évora

Morreu antes de Julho de 1500, decerto sem geração, pelo menos do matrimónio.

625. Que pode seguir-se em GUIMARÃES, Gonçalo, loc. cit.

626. *Ibidem*.

627. FREIRE, Braamcamp, *As sepulturas ... etc.* cit., p. 29.

628. Para este e sua descendência, ver SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, "Admissão de crianças nas Ordens de Malta, Cristo e Avis", *Filermo*, revista da Assembleia dos Cavaleiros Portugueses da Ordem de Malta, nº 4, Porto, 1995, pp. 155 e segs.

629. Ver também ATAÍDE, D. Jerónimo de, *Nobiliário das Famílias deste Reyno*, manuscrito, vol. 3º, B.N.L., códice 13 332, fl. 163.

630. PEREIRA, Isaiás da Rosa, *Matricula de Ordens da Diocese de Évora (1480-1483)*, Academia Portuguesa da História, Lisboa, 1990, pp. 153 e 154.

631. Segundo MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 308, e vol. V., pp. 275-276.



Casou com LEONOR LOPES LOBA que, depois de viúva, doou a um sobrinho, Pedro Borges, fidalgo da Casa Real, e à mulher deste, Isabel Ferreira, em 1500-07-01, uma herdade que ela tinha em Benamoreique, termo de Évora, conforme confirmação régia de 1500-09-23⁶³².
?4(VI) – BRITES DE SOUSA

Casou com GONÇALO MALDONADO, filho de ÁLVARO MALDONADO, fidalgo castelhano que passou a Portugal e aqui ficou, em tempo de D. Afonso V, com este seu filho. Com geração, sendo neto paterno do dito Gonçalo, Fernando Maldonado fidalgo de cota-de-armas em 1548⁶³³.

632. Chancelaria de D. Manuel I, livro 13, fl. 49v.

633. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 167.



Capítulo 4º

Macedos, de S. Clemente de Basto

V – GONÇALO GONÇALVES

É possível – mas longe de poder considerar-se seguro – que fosse filho do herói de Aljubarrota (Capítulo 3º - Macedos, de Martim Gonçalves de Macedo). Está provado, sim, que foi cónego regrante de Santo Agostinho, tendo vivido primeiro no mosteiro de S. Martinho de Caramos, Felgueiras. Por bula papal de 1428-02-26 foi nomeado prior do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, Paredes, priorado que exercia em 1432⁶³⁴. Morreu antes de Novembro de 1459⁶³⁵.

Foi sua barregã CATARINA GONÇALVES, mulher solteira que também morreu antes de Novembro de 1459, de quem teve

Filhos:

- 1(VI) – JOÃO GONÇALVES DE MACEDO, que segue.
- 2(VI) – RUI GONÇALVES, que segue no Capítulo 11º - Macedos, de Melres.

VI – JOÃO GONÇALVES DE MACEDO

Foi legitimado por carta régia de 1433-11-23⁶³⁶. Era então escudeiro e criado do senhor de Basto e Montelongo Fernão Vasques da Cunha. Foi depois (qualificado como “escudeiro bom”) criado de Fernão Coutinho, também senhor de Basto e de Montelongo por via da respectiva mulher. Por pedido destes obteve em 1450 o ofício de juiz dos órfãos do julgado de Montelongo⁶³⁷. Em 1451 recebeu carta de coudel do mesmo julgado⁶³⁸. Aí foi também juiz das sisas⁶³⁹. Viveu com a primeira mulher em São Gens de Montelongo e com a terceira em Santa Ovaia de Montelongo (Fafe). Morreu pouco antes de Agosto de 1468⁶⁴⁰.

Casou possivelmente três vezes: a 1ª com ISABEL GONÇALVES; a 2ª, segundo dizem alguns nobiliários, com FLORINDA DA CUNHA, filha dum letrado francês; a 3ª com ISABEL GOMES REBELO, filha do abade de S. Paio de Caria JOÃO

GOMES REBELO, e neta paterna do abade da mesma igreja MARTIM VASQUES REBELO e de sua servidora BRITES GONÇALVES.

Filho do 1º casamento:

- 1(VII) – DIOGO GONÇALVES, que segue no Capítulo 8º – Outros Macedos de Basto.

Filhos do 2º casamento:

- 2(VII) –, sem geração.
- 3(VII) –, sem geração.
- 4(VII) –, sem geração.

Filhos do 3º casamento de João Gonçalves de Macedo:

- 5(VII) – FILIPA DE MACEDO

Foi em solteira amante do futuro bispo de Évora D. Afonso, o primogénito do Marquês de Valença. Casou com RUI DRAGO, de Vilar de Maçada.

Filhos do casamento:

- 1(VIII) – RUI DRAGO

Viveu em S. Salvador do Souto, de cujo mosteiro foi comendatário.

Casou com D. BRIOLANJA DE GOES, filha de MANUEL PINTO DE GOES e de D. FRANCISCA TEIXEIRA.

Filhos do casamento:

- 1(IX) – MANUEL DRAGO DE PORTUGAL

Recebeu ordens menores em Braga em 1541-12-11⁶⁴¹.

Casou com D. LEONOR DE SAMPAIO, filha de AFONSO BOTELHO, alcaide-mor de Vila Real. Com geração.

- 2(IX) – FRANCISCO DRAGO DE PORTUGAL

Recebeu ordens menores em Braga em 1541-12-11⁶⁴².

Casou com D. LUÍSA DA CUNHA, filha de ESTÊVÃO FREIRE DE BRITO. Com geração.

Filhos de Rui Drago, havidos em solteiro, de mulher solteira:

- 3(IX) – LUÍS DO REGO

Nasceu em Vila Marim. Recebeu ordens me-

634. Torre do Tombo, Mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, maço único, doc. 33.

635. Como se vê na carta de legitimação de seu filho Rui, Torre do Tombo, Leitura Nova, Legitimações, livro 2, fl. 114v.

636. *Chancelarias Portuguesas D. Duarte*, cit., vol. I, tomo 1, p. 71.

637. Chancelaria de D. Afonso V, livro 11, fl. 151v.

638. Chancelaria de D. Afonso V, livro 11, fl. 23.

639. Chancelaria de D. Afonso V, livro 20, fl. 58, e livro 31, fl. 9.

640. Chancelaria de D. Afonso V, livro 31, fl. 9.

641. A. D. Braga, *Matrículas ... etc. cit.*, pasta 11, caderno 1, fl. 16v.

642. *Ibidem*.

nores em Braga em 1527-09-21⁶⁴³.

4(IX) – HEITOR DO REGO

Nasceu em Vila Marim. Recebeu ordens menores em Braga em 1527-09-21⁶⁴⁴.

2(VIII) – FILIPA DE MACEDO⁶⁴⁵.

Viveu com o marido em Vila Real, freguesia de S. Dinis.

Casou com GONÇALO TAVEIRA, primeiro possuidor dos prazos de Pombais, do Bem Aventureado, em Folhadela, e de Abambres, filho de ÁLVARO RODRIGUES e de BRITES TAVEIRA⁶⁴⁶.

Filhos⁶⁴⁷:

1(IX) – JORGE TAVEIRA (DE MACEDO)

Recebeu ordens menores em Braga em 1510-02-23⁶⁴⁸. Foi cavaleiro da Casa Real de D. João III, com 1500 reis de moradia, ao que creio em 1528⁶⁴⁹, o que após a reforma dos foros, corresponde ao foro de fidalgo. Possuiu os prazos de Pombais e de Abambres.

Filha:

X – MARIA TAVEIRA

Teve os prazos de Pombais e Abambres em 3ª vida.

Casou com seu primo DOMIGOS JOÃO TAVEIRA, morador em Vila Real, que seria filho de DUARTE TAVEIRA.

Filho:

XI – ANTÓNIO TAVEIRA DE MACEDO

Possuiu a casa de Vila Marim

Casou com MARIA DE ANDRADE MONTARROIO, filha de LUÍS TEIXEIRA ALCOFORADO e de CATARINA DE MONTARROIO, e irmã inteira de Filipa Alcoforado, casada com Gonçalo Taveira de Macedo.

Filhos:

1(XII) – LUÍS TAVEIRA DE MACEDO

Casou em Vila Real, S. Dinis, em 1650-02-11, com ANA PINTO GUEDES, filha de MANUEL GUEDES PINTO e de ANA GUEDES⁶⁵⁰. Foi um casamento a troco, pois a irmão deste Manuel, casou na mesma ocasião com Isabel, irmã daquele Luís.

Filhos:

1(XIII) – MARIANA DE MENDONÇA

Casou com seu primo JOSÉ TAVEIRA DE MESQUITA, escrivão do público, judicial e notas de Vila Real, filho de FRANCISCO TAVEIRA PINTO e de MARIA PINTO DE MESQUITA. Sem geração.

2(XIII) – ANDRÉ TEIXEIRA DE MACEDO

Casou em Vila Real, S. Dinis, em 1650-02-27, com D. PETRONILHA DA CUNHA⁶⁵¹, de quem não teve geração.

Filho natural:

XIV – GONÇALO

Morreu solteiro em 1715.

3(XIII) – ANA MARIA DE MACEDO

Casou com JOSÉ LEITÃO PINHEIRO.

Filho:

XIV – BERNARDO TAVEIRA DE MACEDO

Casou com D. JOSEFA TEIXEIRA

Filhos:

643. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 8, caderno 11, fl. 10.

644. *Ibidem*.

645. Segundo SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor ... etc. cit.*, p. 42, baseado na justificação de nobreza de Baltazar de Estrada de Sottomayor, feita em 1596. TEIXEIRA, Júlio A., porém (ob. cit., 4º vol., p.123), faz esta Filipa de Macedo filha de Pedro Teixeira e de Joana Martins de Macedo e, portanto, irmã do fidalgo João Teixeira de Macedo; mas não me parece acertado, já que este teria mais cerca de 30 anos do que ela, o que creio difícil de compatibilizar com o facto de serem irmãos, sobretudo inteiros.

646. Para estes e seus descendentes ver SÃO PAYO, Luiz de, *Sottomayor ... etc. cit.*, pp. 40 a 60, e TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, pp. 176-196; não dou qualquer crédito a este último autor na sua pág. 123, que me parece irremediavelmente balhçada, e contraditada pela demais informação.

647. É provável que de alguns destes descendam os Taveiras de Macedo adiante tratados no Capítulo 7º deste título.

648. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 6, caderno 11, fl. 93.

649. SOUSA, António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, vol. II, parte II, p. 471.

650. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fl. 165.

651. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fl. 165v.

1(XV) – FRANCISCO XAVIER TAVEIRA DE MACEDO

Foi fidalgo de cota de armas em 1784-03-17⁶⁵².

Casou duas vezes, com geração extinta.

2(XV) – BERNARDO CAETANO DE MACEDO

Casou, com geração, entre a qual Carneiros de Macedo.

2(XII) – MARIA DE ANDRADE

Casou em Vila Real, S. Dinis, em 1635-01-01, com JERÓNIMO LOBO BARBOSA, filho de LUÍS LOBO BARBOSA e de MARIA LOBA⁶⁵³, com geração⁶⁵⁴, entre a qual Veigas Cabrais.

3(XII) – ISABEL DE MONTARROIO

Casou em Vila Real, S. Dinis, em 1650-02-11, com MANUEL GUEDES PINTO, no mesmo dia em que o irmão dela casou com a irmã dele.

2(IX) – MANUEL TAVEIRA

Recebeu ordens menores em Braga, em 1510-02-23⁶⁵⁵.

3(IX) – ÁLVARO TAVEIRA

Recebeu ordens menores em Braga, em 1514-03-11⁶⁵⁶.

4(IX) – DIOGO TAVEIRA

Recebeu ordens menores em Braga, em 1514-03-11⁶⁵⁷.

5(IX) – ANTÓNIO TAVEIRA

Recebeu ordens menores em Braga, em 1519-09-21⁶⁵⁸.

6(IX) – SEBASTIÃO TAVEIRA

Foi fidalgo da Casa Real. Embarcou para a Índia em 1538⁶⁵⁹.

7(IX) – GUIOMAR TAVEIRA

Teve a 2ª vida do prazo do Bem Aventurado, de Folhadela.

Casou com BALTAZAR DE ESTRADA SOTOMAIOR⁶⁶⁰.

Filhos:

1(X) – PEDRO TAVEIRA DE MACEDO SOTOMAIOR

Foi capitão de couraças e fidalgo-cavaleiro da Casa Real.

Casou com D. INÊS DE SOUSA BRANDÃO, filha de JOÃO BRANDÃO DE MESQUITA e de D. FRANCISCA DE SOUSA

Filhos:

1(XI) – JOÃO TAVEIRA DE MACEDO SOTOMAIOR

Foi fidalgo da Casa Real.

Casou com D. FILIPA DE MESQUITA, natural de Vila Real, filha de GONÇALO LEITÃO DE MESQUITA, fidalgo da Casa Real, e de D. VIOLANTE GUEDES BOTELHO

Com geração, nomeadamente os Sotomaiors *Mui Nobres*, constantes dos nobiliários publicados e tratados com a habitual maestria, por Luiz de Mello Vaz de S. Payo, na obra citada, assim intitulada, para a qual remeto o leitor.

2(XI) – D. FILIPA

Casou com DIOGO BOTELHO. Com geração.

2(X) – BALTAZAR DE AZEVEDO SOTOMAIOR

2(X) – D. FILIPA

Casou com DUARTE TEIXEIRA CHAVES, filho de ANTÓNIO GUERREIRO CHAVES e de ISABEL DE OLIVEIRA TEIXEIRA.

Filhos naturais de Filipa de Macedo e de D. Afonso, Bispo de Évora:

3(VIII) – D. FRANCISCO DE PORTUGAL, 1º CONDE DE VIMIOSO

Casou, com ilustre geração, hoje representada pelo Conde de Vimioso e Marquês de Valença que é titular também de vários outros títulos e casas.

4(VIII) – D. BRITES DE SOUSA

652. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 226.

653. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fl. 148v.

654. Referida por TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., pp. 177-178.

655. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 6, caderno 11, fl. 93v.

656. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 7, caderno 2, fl. 2v.

657. *Ibidem*.

658. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 7, caderno 8, fl. 2.

659. FREIRE, Anselmo Braamcamp, *Emmentia da Casa da Índia*, Sociedade de Geographia de Lisboa, 1907, p 40.

660. Foram avós do outro Baltazar de Estrada de Sottomayor aludido em nota supra, que fez justificação de nobreza em 1596.

Recebeu em dote, de seu pai, 50 mil cruzados.
Permaneceu solteira.

6(VII) – FLORENÇA REBELO DE MACEDO⁶⁶¹

Casou duas vezes: a 1ª com FERNÃO DE CARVALHAIS, fidalgo da Casa do Duque de Bragança⁶⁶²; a 2ª com RUI MONTEIRO DE ALVARENGA.

Filho do 1º casamento:

1(VIII) – PEDRO DE CARVALHAIS DE MACEDO

Casou com FILIPA DO VALE PEIXOTO, filha de JOÃO DO VALE, o Velho, e de ISABEL PEIXOTO.

Filhos:

1(IX) – FERNÃO DE CARVALHAIS DE MACEDO

Casou com MARGARIDA DAS COVAS, com geração.

2(IX) – JOÃO DO VALE PEIXOTO

Casou com CAMILA VIEIRA, com geração.

3(IX) – BALTAZAR DE CARVALHAIS, o “Saramago”

Sem geração.

4(IX) – CRISTÓVÃO DO VALE PEIXOTO

Casou duas vezes: a 1ª com FRANCISCO DE TORRES, que teria sido cavaleiro da Ordem de Cristo, sem geração; a 2ª com DUARTE VAZ, senhor da casa de Carvalho da Arca, Guimarães, com geração.⁶⁶³

6(IX) – FILIPA (ou ISABEL) DO VALE PEIXOTO

Casou com BALTAZAR PINTO.

7(IX) – CATARINA (ou ISABEL) DO VALE

PEIXOTO

Casou em Amarante com AIRES TEIXEIRA⁶⁶⁴.

Filho:

X – AMADOR TEIXEIRA

Casou com MARGARIDA MONTEIRO, filha de DIOGO DE QUEIRÓS DE GOUVEIA e de GUIOMAR MONTEIRO, de Mesão Frio.

Filho:

XI – ESTÊVÃO TEIXEIRA DE MACEDO

Serviu na Índia. Em 1607 chegou a Lisboa, enviado de Goa, comandando uma caravela⁶⁶⁵. Em 1610 era capitão de Moçambique⁶⁶⁶. Em 1614 comandou um galeão dum armada enviada pelo vice-rei para protecção do comércio, contra as interferências dos ingleses⁶⁶⁷. Em 1618 comandou um galeão que ia para a China⁶⁶⁸ mas em Malaca foi assassinado por um soldado com duas catanadas, de que morreu pouco depois, ao chegar ao estreito⁶⁶⁹. Conistou que um capitão, João Caiado de Gamboa, estava implicado no dito assassinio⁶⁷⁰.

Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1608⁶⁷¹.

Filho:

XII –

Era de menor idade em 1619, mas tinha a promessa do cargo de capitão do forte da Aguada⁶⁷².

Filho do 2º casamento de Florença Rebelo de Macedo:

2(VIII) – BARTOLOMEU GOMES DE MACEDO

Foi cidadão de Braga.

661. Para esta e sua descendência, seguiu SILVA, António de Mattos e, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo III, Lisboa, 2006, pp. 39 e segs.

662. MORAIS, Alão de, ob. cit. vol. 1, pp. 18 e 307.

663. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da, *Valles Peixotos de Villas-Bôas da Casa de Carvalho da Arca*, Braga, 1964, p. 4 e doc. XV.

664. Segundo GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 25º, p. 40, que lhe chama no entanto Catarina.

665. *Documentos remetidos da Índia ou Livro das Monções*, publicados sob a direcção de Raymundo Antonio de Bulhão Pato, Academia Real das Sciencias de Lisboa, tomo I, 1880, p. 100.

666. *Ibidem*, tomo II, 1884, p. 337.

667. BOCARRO, António, *Década 13 ... etc. cit.*, parte I, p. 338.

668. *Livro das Monções*, cit., tomo V, 1885, p. 13.

669. BOCARRO, António, *Década 13 ... etc. cit.*, parte I, pp. 360-361.

670. *ibidem*, parte II, pp. 514 e 630.

671. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc. cit.*, p. 409.

672. *Livro das Monções*, cit., tomo V, p. 209.

Casou com SUSANA ÁLVARES DA COSTA

Filho:

IX – JOÃO GOMES DE MACEDO

Casou com sua parente LEONOR DE MACEDO, neste Capítulo, adiante.

Filho:

X – MIGUEL DE MACEDO REBELO, o “Portugal”

Nasceu na cidade de Braga. Foi capitão de Ormuz.

Casou com D. BRITES DE AZEVEDO, filha de FRANCISCO DE AZEVEDO e de BRITES (ou JOANA) DE COUROS BELIAGO.

Filhos⁶⁷³:

1(XI) – DAMIÃO DE MACEDO

Morreu na Índia.

2(XI) – MARTIM REBELO DE MACEDO

Nasceu e morou em Braga. Foi licenciado, abade reservatário da igreja de S. Miguel de Caneiras, beneficiado de Santa Maria de Águas Santas e, em 1678-03-30, comissário do Santo Ofício⁶⁷⁴.

3(XI) – INÁCIO DE MACEDO PORTUGAL

Nasceu em Coimbra. Foi familiar do Santo Ofício em 1662-01-09 e mestre de campo de auxiliares.

Não casou, mas de PAULA FERNANDES, solteira, teve, bastardos⁶⁷⁵,

Filhos:

1(XII) – ANTÓNIO REBELO DE MACEDO

Foi senhor da casa de seu pai.

Casou com D. GUIOMAR DA CUNHA GUSMÃO

Com geração, nomeadamente Macedos Portugal senhores da casa do Assento em S. Paio de Pousada, Braga⁶⁷⁶.

Filho havido em MARIA LUÍS, solteira, natural de S. Miguel de Vilela, concelho de Lanhoso:

2(XII) – JERÓNIMO REBELO DE MACEDO

Nasceu em Braga. Foi familiar do Santo Ofício em 1695-03-19⁶⁷⁷ e abade da Graça.

3(XII) – MIGUEL DE MACEDO

Foi cónego em Guimarães, com uma filha bastarda.

4(XI) – FRANCISCO DE MACEDO

Praticou um crime e refugiou-se num castelo.

Filha:

XII – D. ISABEL DE MACEDO PORTUGAL

Casou com ANTÓNIO DE AZEVEDO E MAGALHÃES.

5(XI) – D. LEONOR DE MACEDO

Casou com CONSTANTINO DE SOUSA E MENESES, com geração.

7(VII) – MARTIM REBELO DE MACEDO

Terá nascido entre 1461 e 1468. Recebeu ordens menores em Braga em 1476⁶⁷⁸. Foi clérigo, prior do mosteiro de S. Salvador do Souto, por renúnciação nele do D. Afonso, Bispo de Évora. Em 1487-04-14, sendo já abade daquele mosteiro, recebeu ordens de missa⁶⁷⁹.

De uma sua freguesa solteira, MARGARIDA MARTINS, teve, bastardo,

Filho:

1(VIII) – AFONSO MARTINS DE MACEDO⁶⁸⁰

Teve a quinta de Rebiana. Foi cónego de Guimarães e abade de outras igrejas. Recebeu ordens de evangelho em Braga em 1527-09-21, quando era abade de S. Miguel das Caldas⁶⁸¹.

Filho bastardo:

673. Baseei-me, para eles, também em GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 3º, p.154.

674. Habilitações para o Santo Ofício, Martim, maço 1, doc. 32.

675. Ver GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 3º, p. 157.

676. Que pode seguir-se em SILVA, António de Mattos e, *Anuário ... etc. cit.*, vol. III, tomo III, 2006, pp. 39-42. Ver também NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da, *Pedras de armas e armas tumulares do distrito de Braga*, vol. II, cit., pp.63-65.

677. Habilitações para o Santo Ofício, Jerónimo, maço 4, doc. 71.

678. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 3, caderno 33, fl. 12v.

679. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 4, caderno 38, fl. 63v.

680. Para este e sua descendência, segui MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. 1, pp. 23-24.

681. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 8, caderno 11, fl. 40.

IX – MARTIM REBELO DE MACEDO

Teve a dita quinta de Rebiana. Em Fevereiro de 1583, referido como “o Sôr Martim Rebello de Macedo” foi testemunha dum casamento em Salvador do Souto⁶⁸².

Casou com BRITES CARVALHA, filha de JOÃO DE MATOS e de ANA CARVALHA.

Filhos:

1(X) – AFONSO MARTINS DE MACEDO

Teve emprazado o casal do Ladrado, em Taoadelo.

Casou em 1623-11-06 com ISABEL FERAZ DO AMARAL, filha de ANTÓNIO PAIS DO AMARAL e de sua 2ª mulher MARGARIDA GOMES PEDROSA⁶⁸³.

Filha:

XI – D. FRANCISCA DE MATOS E NORONHA

Nasceu em 1629-09-21. Foi sucessora de seus pais.

Casou em 1646-06-03 com seu primo DIONÍSIO DO AMARAL DE BARBOSA⁶⁸⁴, senhor do morgado de Sezim desde 1688, filho de GREGÓRIO DO AMARAL CASTELO BRANCO, e de ANA BARBOSA. Com geração ilustre⁶⁸⁵ representada, ao que creio, pelo Barão de Pombeiro de Riba de Vizela⁶⁸⁶.

2(X) – ISABEL DE MATOS

Casou com DIOGO DE FREITAS REBELO, sem geração.

3(X) – ANA REBELO DE MACEDO

Solteira.

Martim Rebelo de Macedo teve também de uma mulher solteira, bastardo,

Filho:

2(VIII) – MARÇAL REBELO

Recebeu ordens menores em Braga em 1510-02-22⁶⁸⁷.

O nome próprio, muito pouco comum, sugere que terá sido seu sobrinho o primeiro Marçal de Macedo referido no Capítulo 9º – Macedos, de Guimarães e de Coimbra.

De Martim Rebelo de Macedo seria também, bastarda,

Filha:

3(VIII) – MARGARIDA (ou MADALENA) DE MACEDO, que segue adiante, no Capítulo 9º – Macedos, de Guimarães e de Coimbra.

8(VII) – JOÃO DE MACEDO

Nasceu entre 1461 e 1468. Recebeu ordens menores em Braga em 1476⁶⁸⁸. Foi clérigo, abade da igreja de S. Clemente de Basto⁶⁸⁹, para a qual terá sido apresentado em fins do séc. XV, mas que terá largado cerca de 1500, para Aires Gonçalves de Macedo.

Será porventura o mesmo João de Macedo, clérigo de missa que, «por elle ser homem de calidade para não andar a pee e se ver a caminhar e nam poder sustentar cavallo», recebeu licença régia para andar em mula ou faca de sela e freio, conforme carta de 1529-06-22⁶⁹⁰.

Duma, ou mais do que uma, manceba teve

Filhos:

1(VIII) – MANUEL DE SOUSA

Tomou ordens menores em Braga em 1501-06-05⁶⁹¹.

2(VIII) – GASPAS DE MACEDO

Em 1549 possuía bens em S. Clemente de Basto, emprazados pela respectiva igreja, num total de cerca de 156ha de área rústica e cerca de 323m2 de área coberta⁶⁹², parte dos quais cons-

682. Assentos Paroquiais, Braga, S. Salvador do Souto, Casamentos (1570-1596), fl. 9.

683. Moraes, Maria Adelaide Pereira de, *Velhas Casas de Guimarães*, Universidade Moderna do Porto, 2001, vol. 2, p. 702, nota 157.

684. *Ibidem*, p. 725.

685. Que pode seguir-se em *ibidem*, pp. 760 e segs.

686. Manuel de Mello Corrêa e outros, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo II, Lisboa, 1985, pp. 564 e segs.

687. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 6, caderno 11, fl. 95v.

688. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 3, caderno 33, fl. 12v.

689. Como se vê no processo de Marcos Ferreira de Sousa, Torre do Tombo, Habilitações para o Santo Ofício, Marcos, maço 1, doc. 3.

690. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 17, fl. 80.

691. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 5, fl. 175.

692. A. D. Braga, Registo Geral, 254, nº 1, fls. 102 a 105v.

tituem hoje a quinta da Aveleira, em Gandarela, concelho de Celorico de Basto.

Morou neste concelho. E, sendo escudeiro-fidalgo, recebeu em 1532-12-11, licença para andar em mula ou faca de sela e freio⁶⁹³.

Parece ser o mesmo que, por carta de 1554-02-22, obteve o ofício de juiz das sisas de Celorico de Basto⁶⁹⁴.

Casou com BRITES ÁLVARES que, segundo alguns nobiliários muito posteriores, seria sua prima, filha do abade de Cacerelhe e de S. Clemente de Basto, AIRES GONÇALVES DE MACEDO, no Capítulo 7º – Outros Macedos de Basto.

Filhos:

1(IX) – ANTÓNIO DE MACEDO, que segue no Capítulo 5º – Macedos Amarais, de Mazagão.

2(IX) – BALTAZAR DE MACEDO

Terá nascido entre 1526 e 1534, pois recebeu ordens menores em Braga em 1541-12-11⁶⁹⁵. Recebeu ordens de epístola em Braga em 1546-12-18⁶⁹⁶.

Foi abade da igreja de Cacerelhe, tendo assinado como testemunha no tombo das terras de Basto, em 1562⁶⁹⁷.

3(IX) – FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu na região de Basto, especificamente, ao que parece, em S. Clemente de Basto, em data que não é fácil precisar, no começo da década de 1530.

Por carta de 1549-04-30 obteve o ofício de escrivão da câmara e almotaçaria de Celorico de Basto⁶⁹⁸.

Nesse ano inscreveu-se na Universidade de

Coimbra, em Artes e Instituta, e saiu bacharel em leis em 1554⁶⁹⁹.

Viveu depois em Amarante, onde advogou muitos anos e onde, em 1565, nasceu um dos seus filhos.

Em 1570-09-30 obteve carta para procurar na alçada das comarcas da Beira, Entre-Douro-e-Minho e Trás-os-Montes⁷⁰⁰.

Por provisão régia, a pedido de D. Duarte, filho do infante D. Duarte, fez o tombo de terras de Guimarães e Basto de que aquele D. Duarte era senhor donatário, trabalho de vulto e a todos os títulos notável, que iniciou em Setembro de 1571 e prosseguiu nos anos seguintes⁷⁰¹.

Em 1573-02-27 o mesmo D. Duarte encarregou-o de dar de aforamento uns casais no termo de Celorico de Basto, se lhe parecesse que isso era em proveito da fazenda dele, D. Duarte.⁷⁰²

Por carta do rei D. Sebastião de 1577-11-13, recebeu o ofício de juiz de fora dos órfãos em Santarém, podendo trazer vara na dita vila como traziam os juízes de fora ordinários⁷⁰³.

Vários autores afirmam que era veador da casa do dito D. Duarte. Mas o seu nome não figura no rol dos moradores⁷⁰⁴, nem no testamento com que morreu este condestável do Reino⁷⁰⁵, pelo que a intervenção no citado aforamento deve ter sido na qualidade de simples procurador. Segundo consta, seguiu o partido de D. António prior do Crato⁷⁰⁶ e morreu em Santarém⁷⁰⁷. A sua morte deve ter ocorrido em inícios da década de 1580. E é seguro que foi anterior a Novembro de 1606, pois em 5 desse mês morreu sua mulher, já viúva⁷⁰⁸.

693. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 45, fl. 3.

694. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 57, fl. 92v.

695. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 11, caderno 1, fl. 2.

696. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 11, caderno 9, fl. 9.

697. Torre do Tombo, Núcleo Antigo, nº 252.

698. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 55, fl. 140v.

699. Este e outros dados adiante colhi-os no excelente estudo de MACEDO (Vila Franca), D. Pedro da Costa de Sousa de, introdutório à segunda edição (facsimilada), cit., das *Flores de Espanha* de António de Sousa de Macedo.

700. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 26, fl. 91.

701. É constituído por vários volumes, que constituem actualmente os nºs 247, 252 e 258 e outros, do Núcleo Antigo, na Torre do Tombo.

702. Corpo Cronológico, parte 1, maço 110, doc. 91.

703. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 40, fls. 139 a 140.

704. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ...* etc. cit., tomo II, parte II, p. 240.

705. *Ibidem*, pp. 244 e segs.

706. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, tomo I, 1997, p. 19.

707. Habilitação para o Santo Ofício de Marcos Ferreira de Sousa, cit.

708. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 153v.

Ele e a mulher são definidos mais tarde como “pessoas de muita qualidade”; ele “era hum Homem muito grave nobre, e honrado, e dos Principais”, e ela “*huma* Matrona muito nobre e honrada e dos Principais da terra”; “forão *huma* das casas principais desta terra”, “das principais gerações desta ditta villa de Amaranthe”, “muito nobres e principais”⁷⁰⁹.

Casou com FILIPA DE SOUSA, filha de ANTÓNIO DE SOUSA, que tomou ordens menores em Braga, em 1514⁷¹⁰, e de MARIA DE MIRANDA⁷¹¹, e neta paterna de LUÍS DE SOUSA e de ISABEL PEREIRA, moradores em S. Gonçalo de Amarante. (Este Luís de Sousa era filho de AFONSO VASQUES DE SOUSA, claveiro da Ordem de Cristo)⁷¹².

Filhos:

1(X) – ANTÓNIO DE MACEDO

Foi baptizado em S. Gonçalo de Amarante, em 1565-10-13⁷¹³. Seguiu as armas e morreu sem casar.

2(X) – GONÇALO DE SOUSA DE MACEDO

Foi baptizado em S. Gonçalo de Amarante em 1567-01-19⁷¹⁴. Foipositor do Colégio Real em Coimbra e, pelas férias, vinha a Amarante, onde em casa dum mestre, aprendia a jogar as armas. Licenciou-se em leis. Começou a servir a Coroa em 1597. Desempenhou comissões no reino, na ilha da Madeira e nas ilhas dos Açores. Foi desembargador dos agravos da Relação do Porto e da Casa da Suplicação, juiz dos Feitos da Coroa e Fazenda e contador-mor dos Contos do Reino e Casa por cartas de 1629-10-07 e do dia seguinte⁷¹⁵, até ser aposentado, antes de 1645.

Em 1645-01-26 recebeu a mercê para seu neto mais velho, filho de sua filha Maria, da pensão de 20 mil reis com o hábito de Cristo numa das comendas dessa ordem⁷¹⁶. Foi um dos testamenteiros de D. Duarte, filho do Duque de Bragança. Foi fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1623⁷¹⁷ e do Conselho da Fazenda⁷¹⁸. Morreu antes de Março de 1648⁷¹⁹.

Casou em Guimarães com D. MARGARIDA MOREIRA, filha de GASPAR MOREIRA e MADALENA BARROSA, do lugar de Telões, moradores da rua dos Gatos, em Guimarães, que viviam de suas fazendas, limpa e honradamente.

Filhos:

1(XI) – ANTÓNIO DE SOUSA DE MACEDO

Nasceu em 1606-12-15. Foi doutor em direito, literato de vasta cultura e erudição, grande figura política da Restauração, embaixador aos Estados Gerais, secretário de Estado, alcaide-mor de Freixo de Numão e comendador das ordens de Cristo e de Avis⁷²⁰ e, por carta de 1655-10-28, familiar do Santo Ofício⁷²¹.

Casou, com D. MARIA LEMERCIER, filha de JOÃO LEMERCIER e de ANNA DE BOIS, neta paterna de JOÃO LEMERCIER, Barão de Hyon, Henau, e de JOANA AUPORÉ, e neta materna de JACQUES VAN REDE e de ANNA VAN DEN HUVEL, de Belduque, todos flamengos. Com ilustre geração, hoje representada pelo Conde de Mesquitela, nomeadamente Barões da Ilha Grande e de

709. Habilitação para o Santo Ofício de António de Sousa de Macedo, António, maço 10, doc. 382.

710. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 7, caderno 1, fl. 20v.

711. SOUSA, D. António Caetano de, *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, 2ª edição, tomo XII, parte II, Coimbra, 1954, p. 54.

712. SILVA, Manuel de Souza da, *Nobiliário* ... etc. cit., vol. I, pp. 111-112.

713. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 5v.

714. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 11.

715. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 25, fl. 19, e livro 22, fl. 253v.

716. Registo Geral das Mercês, livro 2 das Ordens, fls. 49v e 50.

717. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo* ... etc. cit., p. 426.

718. B.N.L., S. BENTO, Frei Luis de, *Catalogo Allfabetico dos Ministros de Letras que Servirão nestes Reynos de Portugal e Algarve, seus Dominios e Conquistas Ultramarinas, Relações e Tribunais etc.*, manuscrito em vários volumes, conhecido e adiante referido como *Memorial de Ministros*, cód. 1074, fl. 45.

719. *Portarias* etc. cit., vol. II, p. 87.

720. Ver a sua biografia por MACEDO (Vila Franca), D. Pedro, ob. cit.

721. Habilitação para o Santo Ofício de António de Sousa de Macedo, António, maço 10, doc. 382.

Mullingar, Condes de Mesquitela, Duque de Albuquerque, Condes de Estarreja, Condes de Vila Franca, Perestrelos de Vasconcelos e Teles de Melo / Pereiras Coutinhos.

2(XI) – FRANCISCO DE MACEDO

Morreu menino.

3(XI) – GASPAR DE MACEDO

Morreu menino.

4(XI) – D. MARIA DE SOUSA

Casou com MANUEL TELES DE TÁVORA. Com geração.

3(X) – MARIA DE SOUSA DE MACEDO

Casou com MANUEL FERREIRA DE QUEIRÓS, filho de DOMINGOS FERREIRA, capitão e juiz em Amarante, e de GUIOMAR DE QUEIRÓS.

Filho:

XI – MARCOS FERREIRA DE SOUSA
Foi baptizado em S. Gonçalo de Amarante em 1594-04-30. Foi familiar do Santo Ofício em 1624, tendo morrido em 1624-08-11.

Casou em Fervença, Celorico de Basto, com MARIA DE MACEDO DA CUNHA. Ver Capítulo 28º, Secção 2ª - Macedos, de Celorico de Basto.

Filho:

XII – MANUEL FERREIRA DE SOUSA

Foi fidalgo de cota de armas, por carta de 1721-09-17⁷²².

4(X) – INÊS

Foi baptizada em S. Gonçalo de Amarante em 1570-04-07⁷²³.

5(X) – GASPAR DE MACEDO

Foi baptizado, segundo creio, em S. Gonçalo de Amarante em 1573-04-07⁷²⁴.

Foi frade de S. Domingos e morreu moço.

4(IX) – VALENTIM DE MACEDO

Alão de Moraes chama-lhe *Lançarote* e diz que dele provieram os Macedos Barrosos de Guimaraes⁷²⁵. Na sua esteira, Gayo diz o mesmo⁷²⁶.

Mas outros autores lhe chamam *Valentim* , o que parece mais certo, pois corresponde ao nome duma personagem que, quando morava em Guimarães, interveio como testemunha no tombo das terras de Basto, em 1572⁷²⁷. Em Julho de 1595 foi testemunha dum casamento em Salvador do Souto⁷²⁸.

Casou em Guimarães com ISABEL REBELO, filha de MANUEL REBELO⁷²⁹.

Filho:

X – Fulano DE MACEDO

Casou com GUIOMAR LOPES.

Filha:

XI – CATARINA DE MACEDO

Morou no Barreiro. Em 1613-05-22 vendeu a retro vários bens a um livreiro da Rua Nova.

Casou duas vezes: a 1ª com GASPAR REBELO; a 2ª com PEDRO ÁLVARES REBELO.

Filhas, ao que creio, ambas do 1º casamento:

1(XII) – ANA REBELO

Morreu antes de Maio de 1613.

Casou com MANUEL CARDOSO.

2(XII) – GUIOMAR DE MACEDO

Fugiu de seu marido.

Casou com DIOGO BARROSO, soldado que, em vésperas de partir para o Brasil, perdoou a fuga da mulher à mãe e à avó de sua mulher⁷³⁰.

5(IX) – SIMÃO DE MACEDO⁷³¹

Sucedeu na posse da quinta da Aveleira.

Casou com HELENA DE ANDRADE, filha, ao que parece, de RODRIGO REBELO e de CAMILA DE MAGALHÃES, da quinta de Marinhão.

Filhos:

1(X) – GASPAR DE MACEDO DE ANDRADE

722. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea* , cit., pp. 424-425.

723. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 21.

724. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 26v, se li bem o respectivo assento, que está quase ilegível.

725. Segundo MORAIS, Alão de, ob. cit., p. 18.

726. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, p. 17.

727. Núcleo Antigo, nº 252.

728. Assentos Paroquiais, Braga, S. Salvador do Souto, Casamentos (1570-1596), fl. 11.

729. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, 1931, p. 163.

730. *Índice das Notas de varios Tabeliães de Lisboa* , edição da Biblioteca Nacional de Lisboa, 1931-1949, tomo 4, p. 265.

731. MORAIS, Alão de, ob. cit., p. 22.

Casou com FRANCISCA MACHADO.

Filhos:

1(XI) – ANTÓNIO REBELO DE MACEDO

Foi vigário geral do Bispado de Miranda, com geração, bastarda.

2(XI) – FRANCISCO MACHADO

Foi licenciado em cânones e abade de Miranda.

3(XI) – LEONARDO MACHADO

4(XI) – DÂMASO DE BARROS

5(XI) – FRANCISCA

6(XI) – TEODORO MACHADO DE MACEDO

Casou com SENHORINHA DA SILVA, filha de FRANCISCO GONÇALVES e de MARGARIDA JOÃO.

Filho:

XII – FRANCISCO MACEDO DE ANDRADE

Foi sacerdote, abade de S. Martinho de Angueira, bispado de Miranda do Douro e comissário do Santo Ofício, conforme provisão de 1685-05-24⁷³².

7(XI) – MARIA

8(XI) – EUGÉNIA

2(X) – ANTÓNIO DE MACEDO REBELO

Casado em Cerva com MARIA DE FARIA.

Filha:

XI – D. FRANCISCA DE ANDRADE

Casou com o desembargador GASPAR DE MACEDO DA CUNHA, adiante.

3(X) – ANA DE ANDRADE DE MACEDO

Casou em Cabeceiras de Basto com o licenciado FRANCISCO DE FARIA MAGALHÃES, filho de PEDRO DE MAGALHÃES e de MARGARIDA FARIA, com geração.

6(IX) – CAMILA DE MACEDO

Casou com MANUEL CERQUEIRA, filho de AFONSO ANES CERQUEIRA e de FRANCISCA PIRES.

Filhos:

1(X) – MANUEL

Foi baptizado em Amarante, S. Gonçalo, em 1567-04-24⁷³³.

2(X) – GASPAR DE MACEDO CERQUEIRA

Foi baptizado em Amarante, S. Gonçalo, em 1568-10-02⁷³⁴.

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real em 1602⁷³⁵, cavaleiro-fidalgo⁷³⁶ e alcaide-mor de Celorico de Basto⁷³⁷.

Parece ser o mesmo que, morando em Amarante, foi perdoado em 1610-12-07 da suspeita de ter morto um homem⁷³⁸.

Casou em Amarante, S. Gonçalo, em 1621-11-14, com HELENA DA CUNHA COUTINHO, baptizada na mesma freguesia, filha do licenciado GASPAR DA CUNHA COUTINHO, natural de Amarante, e de sua 1ª mulher MARIA CARNEIRA⁷³⁹, neta paterna de SIMÃO DE CARVALHO COUTINHO e de HELENA ESTEVES (esta última adiante referida, viúva dum António de Macedo), e neta materna de AIRES DA MOTA VIEIRA, de Tuías.

Filhos:

1(XI) – GASPAR DE MACEDO DA CUNHA (ou DA CUNHA DE MACEDO)

Nasceu em Amarante, S. Gonçalo, em 1622-12-08. Foi alcaide-mor e ouvidor de Basto. Tendo-se licenciado em leis, foi superintendente das Lezírias de Lamego e desembargador da Relação e Casa do Porto⁷⁴⁰.

Casou duas vezes: a 1ª com sua parente D. FRANCISCA ANDRADE, acima, sem

732. Para este, pais e avós, seguiu a sua habilitação para o Santo Ofício, Francisco, maço 17, doc. 490.

733. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 12v.

734. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 17v.

735. Ementas, livro 6, 176.

736. Para esta gente, seguiu, quando não haja outras cotas de referência, SILVA, António de Mattos e, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo III, Lisboa, 2006, pp. 11 e segs.

737. *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, 75.

738. Chancelaria de Filipe II, Perdões, livro 29, fl. 33v.

739. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 4, fl. 17v.

740. *Memorial de Ministros*, cód. 1074, fl. 7v.

geração; a 2ª com D. GRACIA DE QUEIRÓS E VASCONCELOS.

Filhos do 2º casamento:

1(XII) – LUÍS DE MACEDO DA CUNHA

Foi batizado em Amarante, S. Gonçalo, em 1663-11-18⁷⁴¹.

Licenciou-se em leis e foi juiz de fora em Marvão e Pinhel e desembargador da Relação e Casa do Porto.

Foi familiar do Santo Ofício, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1692-11-26⁷⁴² e, em 1721, fidalgo de cota de armas.

Casou com D. MARIA PEREIRA DE SÁ, filha de FRANCISCO PEIXOTO PEREIRA, senhor do morgado de Ribeira de Pena, e de D. CATARINA LEITE PEREIRA, sem geração.

2(XII) – D. MARIA HELENA DE QUEIRÓS

Foi batizada em Amarante, S. Gonçalo, em 1665-03-29.

Aí casou com JACINTO TEIXEIRA DE MAGALHÃES E VASCONCELOS, filho de JOÃO TEIXEIRA DE VASCONCELOS e de D. CLARA MOREIRA DE CARVALHO, da casa de Pascoais.

3(XII) – GASPAR DE MACEDO

Foi batizado em Amarante, S. Gonçalo, em 1666-05-16⁷⁴³.

Filhos naturais de Gaspar de Macedo da Cunha, havidos em MARIA PESSOA, mulher solteira, filha de FRANCISCO CAMPELO e de ANA PESSOA:

4(XII) – LEONOR DE MACEDO DA CUNHA

Na falta de descendência legítima de seu pai, veio a ser sucessora deste.

Casou em Amarante, em 1678-04-19⁷⁴⁴, com MANUEL PEREIRA SALGADO, filho de ANDRÉ SALGADO e de MARIA PEREIRA, com geração.⁷⁴⁵

5(XII) – ANTÓNIO

Foi batizado em 1650-04-12⁷⁴⁶.

6(XII) – JOANA DE MACEDO

Foi batizada em 1655-11-21⁷⁴⁷.

2(XI) – MANUEL DE MACEDO⁷⁴⁸

Foi clérigo.

3(X) - MARIA DE MACEDO

Casou em Amarante em 1621-02-07 com o licenciado GASPAR DA CUNHA⁷⁴⁹, sem geração⁷⁵⁰.

7(IX) – BRIOLANJA DE MACEDO

Casou com FRANCISCO REBELO MACHADO.

?3(VIII) – PAULO REBELO DE SOUSA⁷⁵¹

Figura várias vezes como padrinho de batismos e testemunha de casamentos em Amarante, desde, pelo menos, 1565.

Morreu com testamento em Amarante, S. Gonçalo, em 1595-01-22⁷⁵².

Casou com MARIA DIAS que morreu na mesma freguesia em 1598-05-07⁷⁵³, filha de PERO VAZ e de CECÍLIA PIRES.

Filhos:

1(IX) – PEDRO DE SOUSA

Foi abade da Várzea de Gouveia.

2(IX) – LEONOR

Foi batizada em Amarante, S. Gonçalo, em 1568-08-28⁷⁵⁴.

3(IX) – GONÇALO REBELO DE SOUSA

Foi licenciado. Viveu na sua quinta de Pascoais.

741. *Memorial de Ministros*, cód. 1074, fl. 9.

742. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 30, fl. 81v.

743. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos livro 4, fl.77v.

744. Assentos Paroquiais, Amarante, Casamentos, livro 4, fl.5v.

745. Que pode seguir-se em *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, pp. 75-93, e no *Anuário* referido, pp. 11-17.

746. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos livro 4, fl. 26.

747. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos livro 4, fl. 42.

748. Este e a que segue, segundo MORAIS, *Alão de*, ob. cit., p. 23.

749. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 4, fl. 16v.

750. *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, p.62.

751. Segundo GAYO, *Felgueiras*, ob. cit., tomo 19º, p. 17 e tomo 13º, p. 18, mas a indicação está longe de ser segura; quanto ao casamento e à descendência, segui este e MORAIS, *Alão de*, ob. cit., vol. I, p. 13.

752. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 128.

753. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 133v.

754. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 17.

Não casou.

Filho natural, havido de CATARINA ESTEVES, a “Canadela”:

1(X) – VASCO DE MACEDO

Viveu em Vila Nova, Amarante.

Casou com, filha de GONÇALO DE MACEDO DA CUNHA, que parece ser o referido adiante no Capítulo 12º – Macedos Cunhas, de Amarante. Com geração extinta.

Filho natural do dito Gonçalo Rebelo de Sousa, havido de MARIA PINTA, filha de DUARTE PINTO, de Gatão⁷⁵⁵:

2(X) – PAULO REBELO DE SOUSA

Nasceu na quinta de Pascoais. «Na Universidade de Coimbra estudou Jurisprudencia Cesarea, para depois a ensinar com grande credito do seu nome correspondente á perspicacia do engenho, e subtileza do juizo com que penetrava as suas mayores dificuldades. Foy hum dos mais celebres ornatos do Collegio Real de S. Paulo, onde foy admitido a 21 de Julho de 1650, sendo ja Lente de Instituta, de cuja cadeira passou a regentar a do Codigo, e ser substituto do Digesto Velho» ditando várias postilhas. Foi desembargador da Relação do Porto, tendo passado para a Casa da Suplicação em 1664-03-03 e para os Agravos em 1664-05-17. Morreu em Lisboa em 1665, solteiro e sem geração.

Outras filhas naturais de Gonçalo Rebelo de Sousa:

3(X) – MARIA DE SOUSA

Casou com LUÍS VIEIRA.

4(X) – PAULA DE SOUSA

Casou com JOÃO ÁLVARES VAREJÃO. Com geração.

4(IX) – D. FRANCISCA DE SOUSA

Casou duas vezes: a 1ª, sem geração, com ... CARNEIRO RANGEL; a 2ª, em Amarante, S. Gonçalo, em 1584-01-08, com DIOGO DE MOURA COUTINHO, filho de MANUEL DE MOURA e de BEATRIZ LEITE⁷⁵⁶.

Filhos do 2º casamento:

1(X) – DIOGO DE MOURA COUTINHO

Casou com ANA DE SOUSA ALVIM (ou GUEDES DE CARVALHO).

Filhos:

1(XI) – AMADOR DE CARVALHO GUEDES

Casou com BRITES TERESA DA CUNHA. Com geração, nomeadamente Mouras Coutinhos e morgado de Vilar de Perdizes.

2(XI) – DIOGO LEITE

Foi abade de Ferreiros de Tendais.

3(XI) – FRANCISCA

Casou com GREGÓRIO DE CASTELO BRANCO, sem geração.

2(X) – BRITES

Foi freira em S. Bento, Porto.

3(X) – LEONOR

Foi freira em S. Bento, Porto

4(IX) – PEDRO DE SOUSA

Foi abade e ficou por testamenteiro de seu irmão Paulo em 1598-10-07.

5(IX) – PAULO DE SOUSA

Foi baptizado em S. Gonçalo de Amarante em 1576-05-26⁷⁵⁷, e aí morreu solteiro em 1598-09-21⁷⁵⁸.

9(VII) – ÁLVARO REBELO DE MACEDO⁷⁵⁹

Terá nascido na década de 1460, antes de 1468. Foi cavaleiro-fidalgo e tabelião do público em Braga, ofício que em 1532 cedeu a seu genro Filipe Martins da Cunha.

Casou com BRANCA DE AZEVEDO.

Filhas:

1(VIII) – MÉCIA DA SILVA

Nela teve vários filhos DIOGO FERNANDES SOEIRO, cónego da sé de Braga. Com geração.

2(VIII) – ISABEL GOMES DE MACEDO

Casou com FILIPE MARTINS DA CUNHA, escudeiro-fidalgo, cidadão e vereador de Braga.

Filhos:

1(IX) – SIMOA DE MACEDO

755. Aqui segui também MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo III, p. 532; ver ainda Leitura de Bacharéis, 5, 21, e *Memorial de Ministros*, cód. 1075, fl. 174.

756. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 76v.

757. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 30v.

758. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 3, fl. 136.

759. Para este e seus descendentes segui QUEIROZ, Alberto de Magalhães, ob. cit., pp. 145 e segs.

Herdou os prazos da Granja, Guardina e Torre, que haviam sido emprazados a seu pai pelo comendatário do mosteiro de S. Salvador do Souto.

Casou com VALENTIM GONÇALVES, mercador em Braga.

Com abundante descendência, entre a qual, com três quebras de varonia, o 1º Conde de Margaride⁷⁶⁰.

2(IX) – ISABEL GOMES DE MACEDO

Terá casado com seu parente JOÃO GOMES DE MACEDO⁷⁶¹

210(VII) – INÊS FERNANDES DE MACEDO⁷⁶²

Casou com JOÃO ÁLVARES REBELO, homem honrado de Guimarães, cuja câmara representou nas cortes de Torres Novas.

Filhos:

1(VIII) – MARIA REBELA

Casou com FERNÃO NUNES DE MEIRELES, com geração.⁷⁶³

2(VIII) – CATARINA REBELA

Casou com AFONSO VIEIRA DE SOUSA, que diziam ser um dos vários filhos do abade comendatário de Santo Tirso D. FRANCISCO DE SOUSA. Constava que este último mandara matar em Lisboa o acima referido João Álvares Rebelo e que da consequente demanda resultara o acordo pelo qual o filho do comendatário veio a casar com a filha deste.

Filhos:

1(IX) – ÁLVARO REBELO DE MACEDO

Casou com MARIA VELOSO, filha de FILIPE DE ALVELOS, do Porto, e de MÉCIA VELOSO.

Filhos:

1(X) – FRANCISCO REBELO⁷⁶⁴

Casou com MÉCIA DE ABREU, dos senhores da torre da Grade.

Filhos:

1(XI) – MANUEL DE ABREU REBELO

Casou duas vezes: a 1ª com BRITES DE ANTAS; a 2ª com ISABEL DE SÁ SOTOMAIOR.

Filho do 1º casamento:

1(XII) – ÁLVARO DE ABREU

Casou, com geração.

Filho do 2º casamento:

2(XII) – FRANCISCO REBELO DE SÁ⁷⁶⁵ (ou SOTOMAIOR)⁷⁶⁶

Era natural de Ponte de Lima.

Casou com D. ANA BORGES PACHECO, também natural de Ponte de Lima, filha de BELCHIOR BORGES PACHECO e de LEONOR DE AMORIM.

Filhos:

1(XIII) – JOÃO DE SÁ SOTOMAIOR)

Nasceu em Ponte de Lima.

Casou com D. INÊS DE AMORIM, filha de GONÇALO COELHO DE ARAÚJO, e de D. CATARINA BARBOSA DE ARAÚJO, todos de Ponte de Lima.

760. *Ibidem*, 259-263, e MENEZES, Luís Cardoso de, “Do casal do Paço ao prazo de Margaride em S. Romão de Mesão-Frio em Guimarães”, *Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica*, Porto, nº 6, 2006

761. Acima, porém, apontou-se João Gomes de Macedo como marido de Leonor de Macedo; ou são dois Macedos com nome idêntico, a casarem com senhoras também Macedos, o que parece coincidência excessiva; ou é a mesma pessoa que teria casado sucessivamente com duas senhoras Macedos; ou o nome próprio duma das suas mulheres apontadas está errado. Não me sinto habilitado a optar.

762. Para este casal e sua descendência baseei-me quase apenas em MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 245, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 1º, pp. 119-120, e tomo 25º, pp. 116-117 e 142; não ponho portanto as mãos no fogo por tudo o que aí vai dito. Afirma Alberto de Magalhães Queiroz, ob. cit., p. 145, que na descendência deste casal figuram os Condes de Paço de Vitorino, de Calheiros e de Aurora, e os Viscondes da Torre e de Cortegaça.

763. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. 4, pp. 65 e segs.

764. Este e a sua descendência são omissos por Alão de Moraes, mas tratados em pormenor por Felgueiras Gayo.

765. Para este, o filho e o neto e os cônjuges daqueles, ver Leitura de Bacharéis, letra J, maço 2, doc. 31.

766. Curiosamente, há notícia dum João Rebelo de Macedo, natural de Lisboa, que em 1657-03-27 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis de moradia, com a condição de ir à Índia (*Inventario dos Livros das Matriculas dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 288). Apesar das várias coincidências, não deve corresponder ao filho de Francisco Rebelo de Sá (ou Sotomaior) a seguir denominado João de Sá Sotomaior, não só porque apenas coincide o nome próprio de ambos, como também porque este último está documentado como natural de Ponte de Lima, e não de Lisboa. É possível porém que seja parente muito chegado deste.

Filhos:

1(XIV) – JOÃO DE SÁ SOTOMAIOR

Seguiu os lugares das letras.

Casou com D. MARIA JOANA BARRETO, filha de FÉLIX BARRETO DA GAMA e de D. SEBASTIANA DE LIMA. Com geração, entre a qual o Conde de Aurora, que descende por varonia deste João de Sá Sotomaior.

2(XIV) – D. MANUEL

Foi cónego de Santo Agostinho.

3(XIV) – frei GONÇALO

Foi frade bento.

4(XIV) – ANTÓNIO DE AZEVEDO

Foi abade de Gandra.

5(XIV) – D. MARIA

Foi freira no Vale.

6(XIV) – D. MICAELA

Foi freira no Vale.

7(XIV) – FRANCISCO REBELO DE SÁ

Foi desembargador, tendo morrido em Braga.

8(XIV) – JERÓNIMO

9(XIV) – D. ANA

2(XIII) – LEONOR DE SÁ SOTOMAIOR

Casou com PEDRO BARBOSA, com geração.

3(XIII) – BRITES DA ROCHA

Sem estado

4(XIII) – MARIANA DE SÁ

Foi freira.

5(XIII) – MANUEL DE ABREU REBELO

Foi eclesiástico.

2(XI) – CRISTÓVÃO REBELO

Casou em Regalados, com geração.

3(XI) – ANTÓNIO DE ABREU

Casou com CATARINA DE ALMEIDA, filha de ÁLVARO FERNANDES LEDO.

4(XI) – PEDRO DE ABREU

Casou em Penela com ANA DO VALE.

2(X) – ISABEL REBELO SAMPAIO

Casou com ÁLVARO VAZ MOGUEIMAS.

Com geração.

3(X) – CATARINA REBELO DE MACEDO

Casou com PEDRO DE FREITAS, filho bastardo de JOÃO DE FREITAS.

Filho:

XI – DIOGO DE FREITAS REBELO.

Casou com BEATRIZ DE BARROS E FARIA. Com geração, sendo seu neto paterno TORCATO DE BARROS FARIA, morador na sua quinta do Melhorado, familiar do Santo Ofício e fidalgo de cota de armas em 1678-08-20⁷⁶⁷.

2(IX) – JOÃO REBELO, sem geração.

3(IX) – MANUEL REBELO

Casou com INÊS FREITAS, sem geração.

4(IX) – INÊS REBELO DE MACEDO

Casou com LOPO MACHADO, senhor da quinta do Sobrado, onde vivia pelos anos 1527.

5(IX) – MARGARIDA(ou MADALENA) REBELO

Casou com PEDRO GONÇALVES TIÇÃO, do Prado. Com geração.

6(IX) – MÉCIA REBELO

Casou com PEDRO BRANDÃO, sem geração.

7(IX) – SENHORINHA REBELO, casada sem geração.

8(IX) – CATARINA REBELO

Casou com PEDRO DE FREITAS, tabelião.

3(VIII) – ISABEL REBELO

Casou com ÁLVARO AFONSO SOARES, de Regalados, chanceler da correição de Entre-Douro-e-Minho, com geração.⁷⁶⁸

4(VIII) – ALDONÇA REBELA

Casou, na Ponte de Caldelas, com com geração.⁷⁶⁹

5(VIII) – CECÍLIA REBELO

Casou com ANTÓNIO PEREIRA BARBOSA.

767. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 402.

768. AFFONSO, Domingos de Araújo, *Da verdadeira origem de algumas famílias ilustres de Braga*, separata de *Bracara Augusta*, vols. XI-XII, 1962, p. 5, nota.

769. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. 3, 1997, pp 293-294.

Capítulo 5º

Macedos Amarais, de Mazagão

IX – ANTÓNIO DE MACEDO

Atrás referido, nº 1 (IX) do Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

Recebeu ordens menores na sé de Braga em 1537-02-29⁷⁷⁰. Passou a servir no norte de África e morou em Mazagão⁷⁷¹.

Casou com MARIA DE PINHO, filha de FRANCISCO DE PINHO, um cavaleiro honrado de Safim.

Filhos deste casamento:

1 (X) – FRANCISCO DE PINHO

Foi cavaleiro e almocadém da cavalaria em Mazagão.

Sem geração, que se saiba.

2 (X) – GASPARD DE MACEDO⁷⁷²

Serviu em Mazagão desde 1580. Em 1586 era ainda qualificado como mancebo. Serviu até fim de Fevereiro de 1629, tendo sido cavaleiro acobertado.

Casou naquela praça com BRITES DO AMARAL, cuja filiação desconheço.

Filhos:

1 (XI) – ANTÓNIO DE MACEDO

Serviu em Mazagão, de cavaleiro espingardeiro.

Morreu em combate em 1633-03-01, acompanhando o filho do governador Conde de Aveiras.

Solteiro e sem geração.

2 (XI) – SALVADOR DO AMARAL

Serviu em Mazagão de cavaleiro espingardeiro.

Morreu a combater, em companhia do governador Conde de Castelo Novo, em 1640-04-11.

Casou em Mazagão com INÊS DIAS, filha de DOMINGOS PIRES DA COSTA, morador de Mazagão, e de CRISPINA LOPES.

Filhos:

1 (XII) – DOMINGOS PIRES DO AMARAL

Nasceu em Mazagão. Aí serviu desde 1645 até 1696-07-10, em que morreu, muito desse tempo de cavaleiro espingardeiro e de cavaleiro acobertado, tendo sido várias vezes ferido em combate. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1656-07-06⁷⁷³ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1664-01-21⁷⁷⁴.

Casou em Mazagão com D. LEONOR DA CUNHA, filha de DOMINGOS FALEIRO RIBEIRO, cavaleiro da Casa Real em 1658-09-30⁷⁷⁵ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1664-09-02⁷⁷⁶, e de D. IRIA FREIRE DA CUNHA. Com geração, hoje representada em Portugal pelo autor deste trabalho, que conserva a varonia Macedo⁷⁷⁷.

2 (XII) – D. IRIA FREIRE

770. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 7, fl. 1v.

771. Estes dados e os que se seguem relativos à mulher, filhos e netos constam do nobiliário *Famílias do Reino*, de Jacinto de Pina de Loureiro, hoje na B.N.L., Arquivo da Família Botelho de Nª Srª da Vida, nº 42, volume correspondente à letra M, fls. 787, 788, 813 e 814.

772. B.N.L., LOUREIRO, Jacinto de Pina de, *Famílias do Reino*, cit., e *Famílias de Mazagão*, cit., e T.T., Santo Ofício, Livro do Promotor, Culpas contra Rafael de Oliva, processo 1679.

773. T.T., Matrículas da Casa Real, livro 3, 525v.

774. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 47, fl. 288v.

775. Matrículas da Casa Real, livro 3, fl. 729.

776. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 48, fl. 178v.

777. Assim esquematicamente descrita:

Estes Domingos Pires do Amaral e D. Leonor da Cunha tiveram, único filho varão:

– XIII – Salvador do Amaral, que serviu com distinção em Mazagão. Casou com D. Brites Rodrigues Cabral. Tiveram, único filho varão:

– XIV – Francisco Rodrigues Cabral, cavaleiro-fidalgo da Casa Real cavaleiro em Mazagão e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Casou com D. Leonor Pessanha. Tiveram, único filho varão que ficou em Portugal:

– XV – José Ferreira da Penha de França, cavaleiro-fidalgo da Casa Real; serviu em Mazagão e depois, como tenente da armada, em Lisboa. Casou com D. Ana Joaquina Rosa. Tiveram, único filho varão com descendência conhecida:

– XVI – Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, cavaleiro-fidalgo da Casa Real; morreu em Krasnõe, na retirada da Rússia, como alferes da Legião Portuguesa que fazia parte da Grande Armée de Napoleão. Casou com D. Ana Isabel Cecília de Mendonça. Tiveram, único filho com descendência:

– XVII – João Maria Ferreira do Amaral, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, capitão de mar-e-guerra, governador de Macau, onde foi morto pelos chineses. Casou com D. Maria Helena de Albuquerque, mais tarde feita Baronesa de Oliveira Lima. Tiveram, único filho com descendência:

– XVIII – Francisco Joaquim Ferreira do Amaral, vice-almirante, par do Reino, o primeiro Presidente do Conselho do reinado de D. Manuel II. Casou com D. Carolina Amélia Basto. Tiveram, único filho varão com descendência:

Morreu donzela.

3(XII) – D. INÊS DIAS

Casou com ANTÓNIO MOURÃO, natural de Mazagão, aí cavaleiro e tenente de uma das guardas da cavalaria, cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1685-01-16⁷⁷⁸ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1698-11-15⁷⁷⁹. Sem geração.

3(XI) – MÉCIA FREIRE

3(X) – BRITES DE MACEDO

4(X) – (D.) ISABEL (DE MACEDO)

Foi possivelmente a que casou com FRANCISCO DE AZEVEDO COUTINHO, que nasceu cerca de 1561, almocadém da cavalaria de Mazagão, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, filho bastardo de António de Azevedo, senhor de S. João de Rei. Ela sem geração.

– XIX – Augusto Basto Ferreira do Amaral, engenheiro, professor do Instituto Industrial do Porto. Casou com D. Júlia Salvação Barreto. Tiveram, filho único:

– XX – João Maria Barreto Ferreira do Amaral, engenheiro, director geral dos Serviços Industriais. Casou com D. Maria José da Graça Facco Viana Martins. Deles é filho varão primogénito o autor.

778. Mercês de D. Pedro II, livro 2, fl. 77.

779. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 83, fl. 314.

Capítulo 6º

Macedos Chaves

I – D. ISABEL GOMES DE MACEDO⁷⁸⁰

Não só pelo nome, que é usado no séc. XVI por mais algumas senhoras brigantinas que se consideram do tronco dos Macedos chefes, mas também pelo seu *status* e pela região onde se localiza, e ainda pelo facto de estar documentada uma ligação local, em Bragança, entre os Macedos e o Álvaro de Chaves a seguir referido⁷⁸¹, é de supor que era daquele tronco. Como porém não sei como entroncaria, nem conheço documento da época que o comprove, vou começar nela este capítulo.

Casou com CUSTÓDIO LOPES SENTIDO, escrivão da fazenda do Duque de Bragança D. Teodósio, filho de AFONSO DE CHAVES SENTIDO e de CATARINA LOPES DE MORAIS, neto paterno de ÁLVARO LOPES DE CHAVES, célebre secretário de Estado do rei D. Afonso V e de D. João II⁷⁸², fidalgo de cota de armas por carta de 1476-04-04⁷⁸³.

Filho:

II – GASPARD DE CHAVES SENTIDO

Foi moço de câmara da Duquesa de Bragança D. Catarina.

Casou com VICÊNCIA DE ABREU DE CARVALHO, dama do paço da mesma senhora.

Filhos:

1(III) – CUSTÓDIO DE MORAIS DE ABREU

Casou com CATARINA DA VEIGA DE SOUSA.

Filho:

IV – CUSTÓDIO DE MORAIS DE MACEDO

Casou com MARIA SERRÃO DE FRIAS.

Filhos:

1(V) – JOSÉ DE CHAVES DE MACEDO SENTIDO

Casou com ROSA MARIA GORGULHA.

Filhos:

1(VI) – FRANCISCO DE MACEDO DE PINA E SOUSA PATALIM

Nasceu em 1692-10-28 em Portel. Foi mestre em artes pela Universidade de Évora, esteve dois anos no Redondo e foi sargento-mor de ordenanças da vila de Portel.

Casou com D. ÚRSULA MARIA DE OLIVEIRA E SILVA.⁷⁸⁴

Filhas:

1(VII) – D. RITA JOSEFA MARIA DE MACEDO

Casou com JOSÉ INÁCIO DE TORRES REIDONO E ALMEIDA⁷⁸⁵.

Filhos:

1(VIII) – ANTÓNIO JOSÉ DE CHAVES DE MACEDO E ALMEIDA

Nasceu em Portel e foi baptizado na matriz de Viana do Alentejo em 1744-09-16.

Viveu na Vidigueira. Foi fidalgo de cota de armas em 1786-06-02, para Torres, Macedo, Pina e Chaves⁷⁸⁶.

2(VIII) – PEDRO DE ALCÂNTARA TORRES PALHA

3(VIII) – FRANCISCO DE MACEDO PINA PATALIM

4(VIII) – JOSÉ INÁCIO DE TORRES DE MACEDO DE NOVAIS REIDONO

Parece ter casado três vezes.

2(VII) D. ROSA PAULA

Solteira.

2(VI) – frei JOÃO DA CRUZ, pregador e religioso de S. Paulo.

3(VI) – frei CUSTÓDIO

Foi religioso de S. Paulo.

4(VI) – ANDRÉ DE MACEDO

Foi sacerdote.

780. Na base deste Capítulo está, com as devidas reservas, o texto de Felgueiras Gayo, ob. cit., tomo 12º, p. 93.

781. *dentro nos muros [de Bragança] houve huma caza com torre desta familia [do fidalgo João de Macedo] e se chamava a torre dos Maçanedos; consta por huma escritura do Archivo da Cam.ra de 1519 da compra que fez de humas casas, e venderão João Correa escudeyro, e sua mulher Genebra de Macedo, que diz partem com cazas de Álvaro de Chaves, e com a caza torre que diz foy dos Maçanedos.*

782. Nesse seu *munus* escreveu preciosos apontamentos, que se acham hoje publicados (Álvaro Lopes de Chaves, *Livro de apontamentos (1438-1489)*, INCM, Lisboa, 1984). Felgueiras Gayo nomeia-o erradamente *Gonçalves* e não *Lopes*.

783. FREIRE, Braamcamp, *Armaria Portuguesa*, Lisboa, s.d. [1921], p. 139, e BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 13.

784. Os dados relativos a este Francisco e mulher colhi-os em MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo IV, 1967, p. 137a.

785. Para estes e seus filhos baseei-me, com a devida vénia, em GUIMARÃES, Gonçalo, ob. cit., vol. VIII, título de Reidono.

786. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 60.

5(VI) – JOSÉ DE CHAVES

Foi sacerdote.

2(V) – D. JOSEFA MARIA DE MACEDO

Casou com o capitão-mor FRANCISCO GONÇALVES VELADA DE PINA. Sem geração.

3(V) – JOÃO DE MELO DE MACEDO

Solteiro.

4(V) – VICÊNCIA DE ABREU RANGEL

2(III) – MARIA DE ABREU DE CARVALHO

Casou com MANUEL DE FONTOURA DE MAGALHÃES, baptizado em Vilar de Nantes, moço de câmara do Duque D. Teodósio e cavaleiro da Ordem de Cristo⁷⁸⁷.

Filha herdeira:

IV – D. CATARINA DE FONTOURA

Foi moça açafata da rainha D. Luísa de Gusmão. Casou com seu primo DIOGO CARNEIRO FONTOURA, natural de Chaves, porteiro-mor da câmara do rei D. João IV, familiar do Santo Ofício por carta de 1682-09-15,⁷⁸⁸ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1656-06-03⁷⁸⁹.

Filha herdeira:

V – D. LUÍSA CARNEIRO DE FONTOURA

Casou com JOÃO CORREIA DE LACERDA, capitão de cavalaria, governador da Torre da Barra de Setúbal, filho de FRANCISCO CORREIA DE LACERDA e de D. ISABEL MARIA DE CASTRO.

Filhas:

1(VI) – D. ISABEL FRANCISCA XAVIER DE CASTRO

Casou duas vezes: a 1ª com D. RODRIGO DE LANCASTRE, comissário geral da cavalaria, filho de D. JOÃO DE LANCASTRE, governador de Angola e do Brasil, e de D. MARIA TERESA PORTUGAL, com geração, incluindo Teles de

Melo, da casa dos Bicos; a 2ª com seu primo LUÍS FRANCISCO CORREIA DE LACERDA, com geração.

2(VI) – D. FRANCISCA XAVIER DE CASTRO E ARAGÃO

Casou com D. FRANCISCO DA CÂMARA, coronel de cavalaria, filho de D. JOSÉ RODRIGO DA CÂMARA, 2º CONDE DA RIBEIRA GRANDE, e da princesa CONSTANCE ÉMILIE DE ROHAN.

Filho:

VII - D. JOSÉ PEDRO DA CÂMARA, governador da Índia. Casou duas vezes: a 1ª com D. MARIA DE SALDANHA E OLIVEIRA; a 2ª com sua cunhada D. ANA DE SALDANHA. Com geração de ambos os casamentos, nomeadamente Saldanhas e Condes da Lousã.

3(III) – ISABEL CHAVES DE ABREU

Casou com RUI DE PINA RAVASCO.

Filha:

IV – ISABEL ANTÓNIA DE PINA RAVASCO

Casou com GOMES DA CUNHA, ao que parece, sem geração.

4(III) – JULIANA DE MACEDO DE ABREU

Casou com FRANCISCO VIEIRA RANGEL, moço de câmara do Duque D. Teodósio. Com geração, extinta, ao que parece.

5(III) – JOANA LEITÃO

Instituiu uma capela, que veio a ser administrada por sua sobrinha Isabel de Pina Ravasco.

6(III) – ÁLVARO LEITÃO DE ABREU

Foi licenciado.

7(III) – JERÓNIMA EVANGELISTA

Foi freira na Conceição de Beja.

8(III) – ANTÓNIA DOS ANJOS

Foi freira na Conceição de Beja.

787. S. PAYO, Luiz de Mello Vaz de, "Famílias de Chaves – II", *Raízes & Memórias*, nº 13, 1997, p. 115.

788. *Ibidem*.

789. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 42, fl. 153.

Capítulo 7º

Macedos Taveiras

§ 1º

I – PAULO TAVEIRA⁷⁹⁰

É provável que descendesse dum dos filhos de Gonçalo Taveira e de Filipa de Macedo, mencionados acima, no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto. Mas não encontrei documento da ligação. Foi sargento-mor de ordenanças de Vila Real. Instituiu em 1650 uma capela na igreja de S. Domingos dessa vila.

Casou com D. MARIANA DE SEQUEIRA.

Filho:

II – GONÇALO TAVEIRA DE MACEDO⁷⁹¹

Deve ter morrido em 1717

Casou com FILIPA ALCOFORADO, filha de LUÍS TEIXEIRA ALCOFORADO e de CATERINA MONTARROIO.

Filhos:

1(III) – JOÃO TAVEIRA DE MAGALHÃES

Foi capitão-mor de Fontes e administrador da capela instituída por seu avô paterno na igreja de S. Domingos de Vila Real.

Filho:

IV – HENRIQUE TAVEIRA

Sucedeu a seu pai na administração da mencionada capela.

2(III) – FLORÊNCIA DE MACEDO

Pode ser a mesma que, nesse caso decerto já com bastante idade, foi madrinha de batismos em Vila Real, Vila Marim em Janeiro de 1716⁷⁹² e Abril de 1725.

Casou com PEDRO DE CARVALHO MACEDO, filho de JOÃO TAVEIRA DE MACEDO e de MARIA DE CARVALHO, e irmão inteiro de Juliana de Macedo Pinto, referidos no § 2º deste capítulo.

Filho:

1(IV) – PEDRO DE CARVALHO MA-

CEDO

Terá sido senhor da quinta do Pinheiro.

Casou com FRANCISCA CORREIA DE MESQUITA, filha de GONÇALO DA MESQUITA PINTO, senhor do morgado de Abaças.

Filhos:

1(V) – MANUEL CORREIA DA MESQUITA E MACEDO

Terá sido senhor da quinta do Pinheiro. Em Fevereiro de 1729 foi testemunha do casamento de sua cunhada com seu primo André de Carvalho de Macedo

Casou, entre 1723 e 1729, com LUÍSA DA CONCEIÇÃO PEREIRA, filha de DOMINGOS ÁLVARES e de MARIA PEREIRA, tendo porém os primeiros quatro filhos abaixo indicados sido havidos quando ela era solteira⁷⁹³.

Filhos:

1(VI) – JOSÉ PINTO DE MACEDO

Foi testemunha, com seu pai, dum casamento em Vila Marim em Fevereiro de 1729, e padrinho de seu irmão mais novo, Serafim, em 1733⁷⁹⁴.

2(VI) – MARIA INÁCIA

Foi também madrinha de seu irmão Serafim.

3(VI) – MANUEL

Nasceu em Agares, Vila Marim, termo de Vila Real, em 1721-05-14. Deve ter morrido criança.

4(VI) – ANTÓNIO LUÍS TAVEIRA PINTO DE MACEDO

Nasceu em Vila Marim em 1723-11-28⁷⁹⁵. Foi fidalgo de cota de armas em 1784-11-22⁷⁹⁶.

5(VI) – MANUEL TAVEIRA DE MACEDO⁷⁹⁷

Nasceu, com os pais já casados, em 1729-

790. Para este e imediatos descendentes parece fundamentada a indicação de TEIXEIRA, Júlio A. (ob. cit., p. 141), tendo em vista o documento que transcreve na página seguinte.

791. Para estes e sua descendência, ver TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., 4º vol., pp. 141 e 186-189, mas são de corrigir numerosas inexactidões de infundado embelezamento desta família.

792. Assentos Paroquiais, Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 45.

793. Assentos Paroquiais, Vila Real, Guiães, Baptismos, livro 1, fl. 85v, a corrigir, além do mais, na carta de armas de seu filho António e em TEIXEIRA, Júlio A., loc. cit.

794. Assentos Paroquiais, Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 176v.

795. Assentos Paroquiais, Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 107.

796. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p.71.

797. Segundo TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., pp. 192-196, onde insere também a informação sobre a sua descendência.

01-08⁷⁹⁸. Terá sido senhor da casa de Guiães.

Casou com JOANA MARIA DE CARVALHO (ou DE SOUSA), da Cruz de Eiró, filha de MANUEL DE SOUSA, de Guiães, e de MARIA DE CARVALHO.

Filhos:

1(VII) – ANTÓNIO JOSÉ TAVEIRA VAZ DE CARVALHO E SOUSA

Nasceu Santa Maria de Guiães, termo de Vila Real, em 1742-10-08⁷⁹⁹.

Foi capitão de ordenanças e, em 1788-10-11, fidalgo da cota de armas⁸⁰⁰.

Casou com D. MARIA TERESA DE CARVALHO, filha de MANUEL FRANCISCO DE CARVALHO e de D. MARIA AIRES BRAVO DE CARVALHO VAZ E CÂMARA. Com geração.

2(VII) – MANUEL

Nasceu em Guiães em 1744-08-20⁸⁰¹.

3(VII) – JOÃO

Nasceu em Guiães em 1750-01-11.

6(V) – SERAFIM

Nasceu em Quintela, Vila Marim, em 1733-12-29⁸⁰².

Talvez de Pedro de Carvalho Macedo, nº 1(IV) acima, e de Francisca Correia de Mesquita fosse também filho:

?2(V) – JOÃO CORREIA DE MACEDO

Em Janeiro de 1716 e em Janeiro de 1718 foi padrinho de baptismos em Vila Marim⁸⁰³.

Filhas:

1(VI) – TERESA

Em Fevereiro de 1716 era solteira, quando foi madrinha dum baptismo em Vila Marim⁸⁰⁴.

2(VI) – TEODÓSIA

Em Março de 1718 era solteira, quando foi

madrinha dum baptismo em Vila Marim.⁸⁰⁵

Talvez de Pedro de Carvalho Macedo e de Florência de Macedo, nº 2(III) acima, fosse também filho:

?2(IV) – ANDRÉ DE CARVALHO MACEDO

Casou com D. MANUELA LUÍSA DE SOUSA, que foi madrinha dum baptismo em Vila Marim, em Agosto de 1716⁸⁰⁶.

Fora do matrimónio teve André de Carvalho Macedo um

Filho natural:

V – LUÍS DE CARVALHO MACEDO

Casou em Vila Marim, em 1729-02-09, com ANA PEREIRA, filha de DOMINGOS ÁLVARES e de MARIA PEREIRA⁸⁰⁷.

§ 2º

I – JULIANA DE MACEDO PINTO

Nasceu em Vila Real, onde morou com seu marido. Casou com PEDRO TAVEIRA DE SÁ (ou DE ARAÚJO)⁸⁰⁸.

Filho:

II – JOÃO TAVEIRA DE MACEDO

Nasceu e morou com a mulher em Guiães, termo de Vila Real.

Casou com MARIA DE CARVALHO, filha de PEDRO DE CARVALHO e de LEONOR NUNES PEREIRA, naturais e moradores em Galafura, actual concelho de Peso da Régua.

Filhos:

1(III) – BELCHIOR TAVEIRA DE MACEDO

Nasceu em Vila Real, onde foi escrivão proprietário. Era dos principais homens nobres daquelas partes, rico de fazendas e de dinheiro.

798. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 139.

799. Assentos Paroquiais, Vila Real, Guiães, Baptismos, livro 1, fl. 51v.

800. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 64.

801. Assentos Paroquiais, Vila Real, Guiães, Baptismos, livro 1, fl. 60v.

802. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 176v.

803. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fls. 45v e 58v.

804. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 46.

805. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 60v.

806. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Baptismos, livro 2, fl. 50.

807. Assentos Paroquiais de Vila Real, Vila Marim, Casamentos, livro 1, fl. 37-37v.

808. Segundo TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., 4º vol., pp.158-159, este Pedro Taveira chamar-se-ia também “de Araújo” e seria filho de Duarte Teixeira Chaves e de D. Filipa Taveira de Macedo, acima referida, filha de Baltazar Estrada Sotomaior e de Guiomar Taveira. Tenho porém as maiores dúvidas, além do mais porque isso não acerta com o que o próprio autor escreveu a pp. 146-147 da mesma obra.

Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1661-01-03.

Casou com MARGARIDA TEIXEIRA PIMENTEL, filha de FRANCISCO BORGES PIMENTEL e de BRITES MACHADA, naturais e moradores em Vila Real, neta paterna de JOÃO JÁCOME PIMENTEL e de MARGARIDA TEIXEIRA, da mesma vila, neta materna de FRANCISCO PINTO e de BRITES MA-

CHADA, naturais de Canelas, ouvidoria de Vila Real⁸⁰⁹.

Com geração, que creio representada pelo Marquês de Castelo Melhor⁸¹⁰.

2(III) – PEDRO DE CARVALHO DE MACEDO

Casou com FLORÊNCIA DE MACEDO, como acima disse, neste capítulo, § 1º

3(III) – MARIA

809. Até aqui os dados constam do processo de habilitação para o Santo Ofício de Belchior Taveira de Macedo, Belchior, maço 1, doc. 22; notam-se várias discrepâncias em relação aos fornecidos por TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, pp. 158-159.

810. Ver OLIVEIRA, Rodrigo Ortigão de, e MATOS, Lourenço Correia de, *A Família Brito e Cunha*, Lisboa, 2010, p. 210, e TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., pp. 160-167.

Capítulo 8º

Outros Macedos de Basto

VII – DIOGO GONÇALVES

Atrás referido no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

Nasceu em 1431 ou 1432 em S. Gens de Montelongo (hoje concelho de Fafe). Recebeu ordens menores em Braga em 16 de Abril de 1446⁸¹¹. Recebeu na mesma diocese ordens de epístola em 21 de Setembro de 1454⁸¹², de evangelho em 1 de Março de 1455⁸¹³, e de missa em 21 de Março seguinte⁸¹⁴. Em 21 de Setembro de 1454 já era abade de S. Clemenço de Silves⁸¹⁵, local do mesmo concelho de Fafe. Em 23 de Dezembro de 1466 recebeu confirmação da igreja de S. Cremenço na terra de Basto⁸¹⁶. A esta anexou a de Santa Ovaia de Gontim⁸¹⁷.

De mulher solteira teve, filho:

VIII – AIRES GONÇALVES DE MACEDO

Nasceu entre 1477 e 1485. Em fins de 1490 ou princípios de 1491, foi dispensado pelo papa Inocêncio VIII, do defeito de nascimento, visto que era filho dum presbítero e solteira⁸¹⁸. Recebeu ordens menores em Braga em 1492-06-15⁸¹⁹. Foi provido na igreja de S. Miguel de Cacerelhe em 1493-02-27⁸²⁰. Em 1494-02-22 tomou ordens de epístola em Santo Estêvão de Salamanca. Em 1499-12-22 recebeu dispensa do papa Alexandre VI, para tomar todas as ordens e ter benefícios, com dispensa de dois incompatíveis. Em 1499-12-21 tomou ordens de diácono e, no dia seguinte, de presbítero, ambas em Roma⁸²¹. Data desse mês a carta do papa para que ele fosse provido na igreja

de S. Clemente de Basto⁸²². Foi vigário-geral do bispado de Coimbra em tempo do bispo D. Jorge de Almeida. Ainda era abade de S. Clemente de Basto em 1537⁸²³ e em 1546, tendo renunciado neste último ano à igreja de Cacerelhe⁸²⁴.

Teve, filhos:

1(IX) – ANTÓNIO DE MACEDO

Morou em Amarante. Recebeu em 1550-10-03 o ofício de juiz dos órfãos de Celorico de Basto por renúncia dum Pedro de Figueiró, aprovada por carta régia a pedido do Duque de Aveiro⁸²⁵. Morreu antes de 1555⁸²⁶.

Casou com HELENA ESTEVES, que depois de viúva casou com Simão Carvalho⁸²⁷, filha de DIOGO GONÇALVES e de BRITES REBELO DE FIGUEIREDO.

Filhas:

1(X) – GUIOMAR DE MACEDO

Casou em S. Gonçalo de Amarante, em 1567-12-04, com PEDRO COELHO, de Amarante, Telões, filho de ANA COELHA.

Filha:

XI – MARIA DE MACEDO

Casou com FRANCISCO DE MAGALHÃES, sem geração.

2(X) – CAMILA DE MACEDO

Morreu em S. Gonçalo de Amarante, em 1606-07-01⁸²⁸.

Casou em S. Gonçalo de Amarante, em 1585-01-27, com o licenciado GONÇALO RIBEIRO DE FREITAS, filho de ANTÓNIO DIAS e de sua mulher HELENA DE FREITAS⁸²⁹.

Filhos:

811. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* etc. cit., p. 73.

812. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* ... etc. cit., p. 232, e A. D. Braga, livro 321 do Registo Geral, livro 3 de Mostras, fl. 85v.

813. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* ... etc. cit., p. 236, e A. D. Braga, livro 321 do Registo Geral, livro 3 de Mostras, fl. 85v.

814. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* ... etc. cit., p. 242.

815. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* ... etc. cit., p. 232.

816. A. D. Braga, livro 321 do Registo Geral, livro 3 de Mostras, fl. 85v, e livro 322 do Registo Geral, livro 4 de Mostras, fl. 404.

817. A. D. Braga, livro 321 do Registo Geral, livro 3 de Mostras, fl. 85v.

818. livro 322 do Registo Geral, livro 4 de Mostras, fl. 404.

819. A. D. Braga, *Matrículas*, pasta 5, fl. 40.

820. A. D. Braga, livro 322 do Registo Geral, livro 4 de Mostras, fl. 404, e livro 331, Livro de Confirmações, fl. 76.

821. A. D. Braga, Livro 323 do Registo Geral, livro 5 de Mostras, fl. 236.

822. A. D. Braga, Livro 323 do Registo Geral, livro 5 de Mostras, fl. 236v.

823. *Ibidem*.

824. A. D. Braga, Livro 324 do Registo Geral, livro 6 de Mostras, fl. 12.

825. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 62, fl. 110v.

826. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 63, fl. 263.

827. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 69v.

828. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Óbitos, livro 2, fl. 153.

829. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 2, fl. 78.

1(XI) – SIMÃO DE MACEDO RIBEIRO
Foi baptizado em Amarante, S. Gonçalo, em
1586-03-04⁸³⁰.

Casou em S. Gonçalo de Amarante, em
1623-11-26, com MARIA DE QUEIRÓS
VELOSO, filha de SEBASTIÃO NA-
VARRO VELOSO e de sua mulher MARIA
DE QUEIRÓS⁸³¹.

Com geração, tendo sido filho do casal frei
Raimundo Veloso, da ordem de S. Domin-
gos, genealogista das famílias de Amarante.

2(XI) – LOURENÇO

Foi baptizado em Amarante, S. Gonçalo, em
1587-20-25⁸³².

3(XI) – EUGÉNIA

Foi baptizada em Amarante, S. Gonçalo, em
1590-09-21⁸³³.

4(XI) – ÂNGELA

Foi baptizada em Amarante, S. Gonçalo, em
1595-06-22⁸³⁴.

?2(IX) – BRITES ÁLVARES

Terá sido a que casou com GASPAR DE MA-
CEDO, atrás referido no Capítulo 4º – Mace-
dos, de S. Clemente de Basto.

830. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 93.

831. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Casamentos, livro 4, fl. 20.

832. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 2, fl. 107.

833. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 3, fl. 19.

834. Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, Baptismos, livro 3, fl. 47.

Capítulo 9º

Macedos, de Guimarães e de Coimbra

I – JOÃO DOS SEIXOS (ou DOS SANTOS)

Morou com sua mulher na freguesia do mosteiro de S. Salvador do Souto. Embora as matrículas de ordens menores dos seus dois filhos, adiante referidas, sejam discrepantes tanto no nome dele, como no da mulher, trata-se de discrepância atribuível a erro do escrivão. As datas e as semelhanças de nomes, apontam para entender que eram um e o mesmo casal. Casou com MARGARIDA (ou MADALENA) DE MACEDO, provavelmente filha do abade MARTIM REBELO DE MACEDO, atrás referido no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

Filhos:

1(II) – MANUEL

Recebeu ordens menores em Braga em 1519-09-21⁸³⁵.

2(II) – CALISTO REBELO DE MACEDO

Recebeu ordens menores em Braga em 1519-09-21⁸³⁶. É provavelmente o que nasceu em Guimarães e aí veio a ser tabelião do público e judicial.⁸³⁷

Casou com ANA LOPES DA ROCHA.

Filho:

III – BALTAZAR REBELO DE MACEDO

Casou com ISABEL DE CASTRO, filha de JERÓNIMO PIRES, tabelião em Guimarães, e de MARGARIDA VAZ DE CASTRO.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO DE CASTRO REBELO

Em ISABEL FRANCISCA, solteira, moradora em Santiago de Lanhoso, teve, natural

Filho:

V – ALEXANDRE REBELO DE MACEDO

Era nobre. Foi ouvidor do concelho de Lanhoso, onde vivia, limpa e abastadamente. Casou com FELÍCIA DA COSTA PEIXOTO.

Filha:

1(VI) – CIPRIANA DE MACEDO E CASTRO (ou PEIXOTO)

Nasceu em Póvoa de Lanhoso em 1675.

Foi senhora da casa do Souto. Morreu em 1747.

Casou com JOÃO ÁLVARES DA SILVA.

Filhos:

1(VII) – ALEXANDRE REBELO DE MACEDO E SILVA

Foi baptizado em 1704 em Lanhoso. Terá sido senhor da casa do Souto e cavaleiro professo da Ordem de Cristo e morreu em 1784.

Casou, sem geração⁸³⁸.

2(VII) – JOANA TERESA MACEDO DA SILVA E CASTRO.

Casou, com descendência, entre a qual, com quatro quebras de varonia, os Sá Meneses, das casas das Lajes e do Crasto no termo de Braga⁸³⁹.

Alexandre Rebelo de Macedo, em DOMINGAS FERNANDES, filha de GERVÁSIO GONÇALVES e de MARIA FERNANDES, teve mais, natural

Filho:

2(VI) – LEANDRO

O mesmo Alexandre Rebelo de Macedo em CATARINA DE AZEVEDO, filha do cônego FRANCISCO DA FONSECA E AZEVEDO e de MARIA GIRALDES, solteira, teve mais, natural,

Filha:

3(VI) – MARIA

2(IV) – FRANCISCO REBELO DE MACEDO

Nasceu em Guimarães. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1622. Foi para a ilha da Madeira⁸⁴⁰.

3(IV) – JOÃO REBELO DE CASTRO

835. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 7, caderno 8, fl. 11v.

836. *Ibidem*.

837. Para este e sua descendência imediata, ver MIRANDA, Eduardo de, e TAVORA, Arthur de, *Extractos dos processos para familiares do Santo Ofício*, tomo I (único publicado), Vila Nova de Famalicão, 1937, pp. 632-635, e a habilitação para o Santo Ofício de Alexandre Rebelo de Macedo, Alexandre, maço 1, doc. 5.

838. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da, *Pedras de armas e armas tumulares do distrito de Braga*, vol. IV, Junta Distrital de Braga, 1974, p. 148.

839. NÓBREGA, Artur Vaz-Osório da, *Pedras de armas e armas tumulares do distrito de Braga*, vol. II, Junta Distrital de Braga, 1972, pp.56-58.

840. Habilitação para o Santo Ofício, Francisco, maço 3, doc. 120.

Foi para a ilha da Madeira.

3(II) – ANDRÉ

Nasceu entre 1515 e 1523, pois tomou ordens menores em Braga em 1530-03-11⁸⁴¹.

4(II) – MARÇAL DE MACEDO

Nasceu entre 1517 e 1525, pois tomou ordens menores em Braga em 1532-02-24⁸⁴². Viveu em Coimbra.

Casou com FILIPA DE SÁ, filha de HEITOR DE SÁ, couteiro-mor e coudel da coudelaria de Coimbra e de CATARINA (ou FRANCISCA) PESSOA.

Filho:

III – AIRES GONÇALVES DE MACEDO

Foi nomeado couteiro de caça em Coimbra, onde morava, pouco antes de 1571-04-11⁸⁴³.

Era obviamente o mesmo que foi partidário de D. António, Prior do Crato, a quem foi proposto para visitar pela Câmara de Coimbra em 1580, e que foi excluído do perdão geral de Filipe II de Espanha, decerto por se manter ligado àquela causa⁸⁴⁴.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1561-05-02⁸⁴⁵.

Casou com D. FRANCISCA DE GUEVARA VELÁZQUEZ, filha de JOÃO VELÁZQUEZ DE CUELLAR, comendador da Ordem de Santiago e contador-mor em Castela, e de D. MARIA DE VELASCO.

Filhos:

1(IV) – MARÇAL DE MACEDO VELASQUES (ou DE SÁ)

Viveu em Coimbra. Serviu em Cascais, Peniche e Galiza⁸⁴⁶. Parece ser o mesmo que estava em Goa em 1626 e foi testamenteiro de Jerónimo de Macedo de Carvalho⁸⁴⁷. Ele e a sua mulher tiveram em Goa uma sepultura brasonada.⁸⁴⁸

Se assim é, casou com VICÊNCIA REBELA.

Filhos:

1(V) – MARIA REBELA

Morreu em 1613 em Goa, onde foi sepultada.⁸⁴⁹

2(V) – AIRES GONÇALVES DE MACEDO

Sem geração.

3(V) – JOÃO DE SÁ DE MACEDO

Viveu em Coimbra, onde era cidadão honrado. Serviu nas guerras da aclamação. Foi sargento-mor dos coutos da Universidade. Pelos seus serviços nesse posto no socorro de Buarcos, Viana e nas levas de gente, no cargo de procurador de Coimbra em cortes, e na aclamação de Montemor-o-Velho, e pelos de seu pai, obteve em 1646-08-27, 30 mil reis de renda em capela ou pensão numa das comendas da Ordem de Cristo, para os ter com o hábito da mesma ordem⁸⁵⁰.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1655-08-25⁸⁵¹.

Casou com D. FRANCISCA DE GOUVEIA, filha de ANTÓNIO DE GOUVEIA RIBEIRO.

Filhos:

1(VI) – MARÇAL DE MACEDO

Sem geração.

2(VI) – ANTÓNIO DE SÁ DE MACEDO

Serviu na Beira como capitão de auxiliares. Sem geração.

3(VI) – RODRIGO DE MACEDO DE SÁ

Nasceu em Coimbra.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real com 1600 reis de moradia em 1674-03-20⁸⁵².

841. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 9, caderno 3, fl. 14.

842. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 9, caderno 6, fl. 6.

843. SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Itinerários de El-Rei D. Sebastião*, vol. I, Lisboa, 1962, p. 190.

844. SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *O reinado de D. António Prior do Crato*, volume I, Coimbra, 1956, pp. 216-218 e nota da p. 218, e *História de Portugal*, Verbo, Lisboa, vol. IV, p. 17.

845. Torre do Tombo, Gavetas, XX, 1, 7.

846. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa, 1909, p. 187, e *Portarias do Reino*, por AMARAL, Luís, Guarda-mor, Lisboa, 2010, livro I, p. 324.

847. *Índex das Notas* ... etc. cit., tomo 3º, 1944, pp. 147-148.

848. Veja-se a importante obra de SÁ, Francisco Xavier Valeriano de, *Património Heráldico em Goa, Damão, Diu e Cochim*, Lisboa, 2013, p. 94.

849. *Ibidem*.

850. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. I, p. 187, e *Portarias do Reino* cit., p. 324.

851. *Inventário dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1917, p. 24, e *Livros de Matrículas dos Moradores da Casa Real*, por AMARAL, Luís, Guarda-mor, Lisboa, 2009, livro II, p. 426.

852. *Inventário dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. II, p. 24, e *Livros de Matrículas* ... etc. cit., p. 426.

4(VI) – D. Fulana de MACEDO
Casou em Pombal com SIMÃO DE FIGUEIREDO, filho de ANDRÉ MARTINS e de MARIA DE OLIVEIRA.

5(VI) – D. LUÍSA DE SÁ

Foi freira em Santa Clara.

6(VI) – D. MARIA DE SÁ

Foi freira em Santa Clara.

7(VI) – D. FILIPA DE SÁ

Foi freira em Santa Clara.

4(V) – ANTÓNIO DE MACEDO VELASQUES

Foi superintendente dos linhos e cânhamos de Coimbra desde 1652, pelo menos até 1669. Por serviços prestados em campanha teve a mercê, em 1659-05-13, do hábito de Cristo com 50 mil reis de tença efectiva⁸⁵³. Por esses serviços e pelos de seu irmão Rodrigo, obteve 20 mil reis de tença com o hábito de Cristo em 1669-09-19⁸⁵⁴.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1670-09-27⁸⁵⁵, e cavaleiro professo da Ordem de Cristo⁸⁵⁶.

Casou com D. ANTÓNIA DE CARVALHO, filha do Dr. JORGE DE CARVALHO LEITÃO e de D. ISABEL DE MORAIS.

Filho:

VI – JORGE DE MACEDO VELASQUES
Foi proprietário do ofício de superintendente dos linhos cânhamos da cidade de Coimbra, o qual serviu por mais de 23 anos. Morreu antes de 1702⁸⁵⁷.

Foi fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo em 1659-06-11⁸⁵⁸ com 30 mil reis de tença efectiva⁸⁵⁹.

Casou com D. MÓNICA DE PARADA E OLIVEIRA, filha herdeira de BENTO CARRILHO GUEIFÃO e de D. ANA

DE BRITO.

Filhos:

1(VII) – MARÇAL DE MACEDO VELASQUES DE SÁ E OLIVEIRA⁸⁶⁰

Terá sido senhor do morgado dos Gouveias e Oliveiras em Abrantes e fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Morreu em 1740.

Casou com D. LEONOR GERTRUDES DA GAMA E Brito, filha de MANUEL JOSÉ SOARES DE BRITO e de D. ANA DE ÁVILA PEREIRA DA GAMA.

Filha:

VIII – D.

Nasceu póstuma.

2(VII) – ANTÓNIO DE MACEDO VELASQUES DE OLIVEIRA

Teve a propriedade do ofício de superintendente dos linhos cânhamos de Coimbra, em sucessão a seu pai, com o ordenado de 80 mil reis por ano, por mercê de 1702-02-04⁸⁶¹.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1690-03-12, e fidalgo de cota de armas em 1726⁸⁶².

5(V) – RODRIGO DE MACEDO

Serviu de soldado à sua custa nas guerras da aclamação, tendo estado em 1643 em Évora e em 1645 em Elvas. Morreu solteiro, sem geração⁸⁶³.

6(V) – D. ISABEL DE VELASQUES

Foi abadessa de Santa Clara de Coimbra.

2(IV) – HEITOR DE SOUSA DE MACEDO

Casou com D. ANA COELHO, filha de GASPAR COELHO, sargento-mor de Miranda do Corvo, e de MARIA FERNANDES.

Filhos:

1(V) – MARÇAL DE MACEDO

853. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 215.

854. Torre do Tombo, *Portarias do Reino*, livro 6, fl. 238.

855. *Inventário dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. II, p. 18, e *Livros de Matrículas ... etc.* cit., p. 417.

856. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 56, fl. 355v.

857. Mercês de D. Pedro II, livro 14, fl. 282.

858. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, prefácio de Pedro A. d' Azevedo, Imprensa Nacional, Lisboa, volume II, 1912, p. 215, e *Portarias do Reino*, livro 6, fl. 213.

859. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 215.

860. Ver este, a mulher e a filha, no *Nobiliário Alentém*, editado pelo Visconde de Cortegaça, Viana do Castelo, 1955, fl. 44.

861. Mercês de D. Pedro II, livro 14, fl. 282.

862. Torre do Tombo, *Gavetas*, XX, 1, 7.

863. *Portarias do Reino*, 6, 238.

Parece ser este o que casou com D. MARIA DA FONSECA, de Miranda do Corvo, filha de JOÃO DA FONSECA PINTO e de D. ISABEL DE ABREU (ou DE CAMPOS), ambos estes com origens cristãs-novas e presos pelo Santo Ofício⁸⁶⁴.

2(V) – D. MARIA DE MACEDO

Casou com ANTÓNIO MONTEIRO DA MOTA, filho do Dr. MANUEL REBELO DA MOTA, auditor da Beira, e de D.

MARIA MONTEIRA. Com geração.

2(III) – HEITOR DE SÁ

Casou com MARIA FERREIRA, filha de RUI BOTO, escrivão da Casa da Índia, e de VIOLANTE FERREIRA.

Filha:

IV – D. VIOLANTE DE SÁ

Parece ter casado com MANUEL (ou JOÃO) CABREIRA. Com geração.

864. GUERRA, Luís de Bivar, “Um caderno de cristãos-novos de Barcelos”, *Armas e Troféus*, II série, tomo II, 1960, p. 203, e MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. IV, p. 368.

Capítulo 10º

Macedos, da casa da Aveleira

I – ANDRÉ GONÇALVES DE MACEDO

Decerto pertencia à família do abade de S. Clemente de Basto João de Macedo. Foi senhor da casa da Aveleira aí situada.

Casou com DOMINGAS DIAS.

Filha:

II – SENHORINHA DIAS

Foi senhora da casa da Aveleira.

Casou com JOÃO DE SOUSA.

Filha:

III – JOANA DE SOUSA (FERREIRA)

Foi senhora da casa da Aveleira.

Casou em 1733 com ANTÓNIO DE CASTRO, de Fafe⁸⁶⁵.

Filho:

IV – ANTÓNIO DE SOUSA (E CASTRO)

Foi senhor da casa da Aveleira.

Casou com TERESA MACHADO.

Filha:

V – D. MARIA ANTÓNIA DE SOUSA

Foi senhora da casa da Aveleira.

Casou em 1789 com JOÃO TEIXEIRA DE CARVALHO (E CUNHA)⁸⁶⁶.

Filha:

VI – D. ANA EMÍLIA TEIXEIRA DE CARVALHO

Nasceu em 1793. Foi senhora das casas da Arada, da Aveleira e da Quintã⁸⁶⁷.

Casou com ANTÓNIO MANUEL RODRIGUES DE CARVALHO MAGRO.

Filha:

VII – D. RITA MIQUELINA TEIXEIRA DE CARVALHO MAGRO

Nasceu em 1815. Foi senhora das casas da Arada e da Aveleira e da quinta da Quintã.

Casou em 1849 com BENTO PORTILHO DE MAGALHÃES.

Filha:

VIII – D. ANA EMÍLIA PORTILHO DE MAGALHÃES

Nasceu em 1850. Foi senhora das casas da Torres e da Aveleira.

Casou em 1881 com o Dr. BERNARDO JOSÉ PACHECO PEREIRA LEITE.

Filha:

IX – D. MARIA DAS DORES PORTILHO DE MAGALHÃES PEREIRA LEITE

Nasceu em 1882.

Casou em 1903 com o Dr. ANTÓNIO MENDES DE CASTRO E VASCONCELOS.

Filha:

X – D. MARIA ANTÓNIA MENDES LEITE DE VASCONCELOS

Casou com MIGUEL ÂNGELO NETO SOARES DE OLIVEIRA.

Filho:

XI – JOSÉ ALFREDO DE VASCONCELOS SOARES DE OLIVEIRA

Nasceu em 1946. Magistrado, desembargador e, depois, advogado.

Casou, com geração.

865. *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VI, p. 452.

866. *Ibidem*.

867. *Ibidem*, tomo VI, p. 454.

Capítulo 11º

Macedos, de Melres

§ 1º

VI – RUI GONÇALVES (DE MACEDO)

Era filho do clérigo de missa Gonçalo Gonçalves, que presumo fosse o mesmo prior de Santo Estêvão de Vilela, acima referido no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

Foi legitimado por carta régia de 1459-11-03. Era então já escudeiro e morava no Porto⁸⁶⁸. Parece que foi depois escudeiro de D. João II, viveu em Pedrido e tomou de emprazamento bens imóveis do mosteiro de Paço de Sousa.

Filho:

VII – LOPO DE MACEDO⁸⁶⁹

Foi criado do abade comendatário do mosteiro de Paço de Sousa D. João de Osório. Viveu em S. Martinho de Lagares com sua mulher.

Casou com INÊS VELHA.

Filho:

VIII – ANTÓNIO DE MACEDO

Nasceu entre 1516 e 1524. Recebeu ordens menores em Braga em 1531-04-08.⁸⁷⁰

Era criado do tesoureiro-mor do reino Fernando Álvares de Andrade quando obteve o ofício de escrivão das sisas de Melres por carta de 1552-03-05⁸⁷¹, no qual sucedeu a um António Gomes, pouco antes falecido.

Exerceu o dito ofício até morrer.

Por carta de 1567-10-29 recebeu o ofício de recebedor das sisas de Melres⁸⁷².

Morreu em 1581 ou pouco antes.

Casou com FRANCISCA BRANDÃO, filha de ÁLVARO BRANDÃO, senhor da quinta da Sobreira.

Filho:

IX – ANTÓNIO DE MACEDO

Conforme carta de Filipe I, em 1581-12-12, obteve por morte de seu pai, ocorrida pouco antes, o ofício deste, com o qual auferia 6% do que as sisas rendessem, até o máximo de 3 mil reis por ano⁸⁷³. Foi homem honrado em Melres, e terá sido cavaleiro-fidalgo e cavaleiro da Ordem de Santiago.

Casou com ANA DE MELO VIEIRA, sucessora do prazo do Ribeiro, filha de CRISTÓVÃO VIEIRA e de FELÍCIA DE MELO.

Filhos:

1(X) – MARIA DE MELO⁸⁷⁴

Casou com JORGE DE OLIVEIRA, natural de S. Martinho de Lagares.

Filha:

XI – HELENA

Nasceu em 1609-05-30 e foi baptizada em Melres⁸⁷⁵.

2(X) – LOPO DE MACEDO

Nasceu em 1591-08-06 e foi baptizado em

868. Chancelarias Régias, Leitura Nova, Legitimações, livro 2, fl. 114v.

869. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. III, p. 514, dá-lhe o nome de *António Gomes de Macedo*; mas o patronímico *Gomes*, não faz sentido: ou é confusão com *Gonçalves*, ou deve-se à suposição de que fosse o António Gomes que antes exercitara o dito ofício de escrivão das sisas de Melres até cerca de 1552; mas tal suposição é decerto errada, pois na carta do ofício nada é dito no sentido de António de Macedo ser filho do anterior escrivão das sisas, o que decerto não deixaria de ser mencionado se António de Macedo sucedesse a seu pai, no dito ofício.

870. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 9, caderno 5, fl. 30v.

871. É a seguinte a redacção da mercê (registada no livro 68 de Doações da Chancelaria de D. João III), na parte em que é útil para o presente problema genealógico:

«... que Antonio de macedo criado de fernodalvares dandrade de meu conselho e meu thesoureiro moor me enviou dizer que os officios de escrevam das sysas e da redizima da villa de melres estavam ora vaguos por falecimento de amtonio gomez que os por minha carta tynha Pidimdome que lhe fezese delles mercee Visto seu requerimento e confiando delle que servira os ditos officios bem e fielmente como a meu servisso e a bem das partes compre ey por bem e me praz de lhe fazer merçe dos ditos asy e da maneira que ho elle deve ser e como o foy o dito amtonio gomez com os quaees avera de mantimento ordenado em cada hum ano, do que as ditas sysas renderem a rezão de sessenta reis por milheiro ate chegar a comtya de mill reis e mais não posto que mais rendam que lhe serão paguos há cartas dos rendeiros quando forem arrendadas e quando não a custas da minha fazenda. ...». Como não é referido qualquer parentesco com o antecessor António Gomes, é de presumir que não fosse dele filho nem neto.

872. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 19, fl. 343.

873. Chancelaria de D. Sebastião e D. Henrique, Doações, livro 45, fl. 300, e Ementas, livro 3, 63.

874. Para as primeiras gerações seguintes seguintes socorri-me de SOVERAL, Manuel Abranches de, na rede <http://www.soveral.info/mas/brandaoMacedoeMello.htm>, e para o resto, salvo referência especial e com as usuais reservas, segui GAYO, ob. cit., tomo 19º, pp. 10-15.

875. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 53v.

Melres⁸⁷⁶. Morreu na Índia, solteiro e sem geração.

3(X) – JERÓNIMA MALHEIRA

Casou com DOMINGOS DE CARVALHO, filho dum lavrador. Com geração, nomeadamente Macedos e Melos, Morais Sarmentos e Sousas Pereiras, senhores do morgado de Vilar Perdizes.

4(X) – LUÍSA DE MACEDO

Nasceu em 1593-05-17, e foi baptizada em Melres⁸⁷⁷.

Casou com JORGE OSÓRIO DA CUNHA. Sem geração.

5(X) – CRISTÓVÃO DE MACEDO

Nasceu em 1595-11-22 e foi baptizado em Melres⁸⁷⁸. Foi abade reitor de Macedo de Cavaleiros.

6(X) – CATARINA DE MELO

Casou com MANUEL VELHO FERRAZ. Com geração.

7(X) – FRANCISCA DE MELO

Nasceu em 1598-03-06 e foi baptizada em Melres⁸⁷⁹.

Casou com MATIAS PINTO DE VASCONCELOS. Sem geração.

8(X) – ANA

Nasceu em 1601-02-05 e foi baptizada em Melres⁸⁸⁰.

Casou com seu primo ÁLVARO BRANDÃO DE FARIA. Com geração.

9(X) – ANTÓNIO VIEIRA DE MELO

Nasceu em 1605-12-16 e foi baptizado em Melres⁸⁸¹. Sucedeu no prazo do Ribeiro. Morou nessa quinta.

Casou com sua prima CLEMÊNCIA VIEIRA, natural de Barrô, concelho de S. Martinho de Mouros, filha ou neta de CLEMENTE VIEIRA.

Filhos:

1(XI) – DOMINGOS VIEIRA DE MELO

Nasceu e morou na quinta do Ribeiro, freguesia de S. Lourenço do Douro, concelho de Bemviver. Foi sargento-mor do concelho de Bemviver.

Casou com D. MARIA DE SEQUEIRA, natural do lugar de Redemoinhos, comarca de Penafiel, filha de GASPAR VIEIRA DE LEÃO e de ANASTÁCIA PINTO, esta última natural de Vilalva do Bispo.

Filhos:

1(XII) – ANTÓNIO VIEIRA DE MELO

Sucedeu na casa do Ribeiro. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1689-11-15.⁸⁸²

Casou com D. ÁGUEDA DE AZEVEDO, filha de MANUEL DE ARAÚJO BARRETO e de D. ISABEL DE AZEVEDO, naturais da freguesia de S. Martinho de Ariz, concelho de Bemviver.

Filhos:

1(XIII) – DOMINGOS VIEIRA DE MELO

Sucedeu na casa do Ribeiro. Foi capitão-mor do concelho de Bemviver, fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1713-09-20⁸⁸³ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1717-04-06⁸⁸⁴.

Casou com D. CATARINA (ou MARIA) DE FRANCA E SAMPAIO, açafata da rainha, filha do capitão de cavalos ANTÓNIO PEREIRA DE SAMPAIO e de D. MARINA FRANCISCA DA FRANCA, também açafata.

Com geração por varonia⁸⁸⁵, representada pelos Osórios da casa de Juste, em S. Fins do Torno, Lousada.

876. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 4.

877. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 11v.

878. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 22.

879. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 28.

880. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 36.

881. Assentos Paroquiais, Gondomar, Melres, livro 1 de baptismos, fl. 50v.

882. Habilitação para o Santo Ofício, António, maço 26, doc. 719, cuja documentação confirma os dados sobre ele, os pais, os avós e o cônjuge.

883. Mercês de D. João V livro 5, fl. 645.

884. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 99, fl. 442.

885. A linha de chefia desta varonia é, em suma, a seguinte:

XIV – Carlos Vieira de Melo, senhor da casa do Ribeiro, fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Casou com D. Margarida de Araújo. Filho:

2(XIII) – MARIA, freira em Santa Clara de Amarante

3(XIII) – RAIMUNDA, freira no mesmo convento.

4(XIII) – CLARA

5(XIII) – ANA, sem geração.

2(XII) – D. CLARA GUIOMAR PIMENTEL

Casou com ÁLVARO PESSOA DE CARVALHO.

2(XI) – CRISTÓVÃO DE MELO MONTEIRO

Casou em Porto de Rei, São Martinho de Mouros, com D. LUÍSA DE MENESES, filha herdeira de PAULO DE OLIVEIRA e D. ANTÓNIA MENESES.

Filhos:

1(XII) – LUÍS DE MELO DA SILVA E MACEDO

Nasceu em Fontoura, S. Martinho de Mouros⁸⁸⁶. Possuiu a casa de Porto de Rei. Foi capitão-mor e senhor, por compra, dos direitos reais do concelho de S. Martinho de Mouros e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1688-06-05⁸⁸⁷.

Casou com D. MARIA CLARA DE CARVALHO, natural de Lamego, Sé, filha do desembargador PEDRO RODRIGUES DE CARVALHO e de D. CLARA DE ABREU.

Filhos:

1(XIII) – CRISTÓVÃO JOSÉ DE MELO E MACEDO

Nasceu em Fontoura. Foi capitão-mor

e senhor dos direitos reais de S. Martinho de Mouros, fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1738-10-22⁸⁸⁸.

Casou com D. MARIA JACINTA BERNARDA DE MENESES, natural de Barrô, S. Martinho de Mouros, filha herdeira de ANTÓNIO BARRETO DE MENESES, natural de Barrô, e de D. ROSA MARIA DA COSTA, natural de Enxertado, Resende.

Filhos:

1(XIV) – LUÍS DE MELO E MACEDO

Nasceu em Fontoura. Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1743-08-16⁸⁸⁹.

Casou em 1768 com D. FRANCISCA JOAQUINA ARANDA, filha de DIOGO DE MOURA COUTINHO, senhor do paço de Borba, e de D. TERESA DE MOSQUERA.

Filhos:

1(XV) – JOÃO DE MELO E MACEDO DE TOVAR NORONHA E FARO DE MENESES CARDOSO

Nasceu no bispado de Lamego. Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real⁸⁹⁰.

2(XV) – ANTÓNIO DE MELO E MACEDO

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real⁸⁹¹.

3(XV) – JOSÉ DE MELO E MACEDO DE TOVAR NORONHA E FARO DE MENESES E CARDOSO

XV – Joaquim Vieira de Melo, fidalgo-cavaleiro da Casa Real, capitão-mor do concelho de Bemviver. Casou com D. Maria Emerenciana Clotilde da Cunha Coutinho Osório, senhora da casa de Juste. Filho:

XVI – Luís Maria Vieira de Melo e Macedo, fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Casou com D. Maria Jerónima de Noronha Teixeira Coelho de Magalhães e Melo. Filho:

XVII – Carlos Augusto Vieira de Melo da Cunha Osório e Meneses, fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Casou com D. Maria Rita de Macedo Pinto. Filho:

XVIII – Eduardo Vieira de Melo da Cunha Osório, administrador do concelho de Louzada. Casou com D. Ana Amélia Pereira Leite de Magalhães e Couto. Filho:

XIX – Rui Manuel Couto Vieira de Melo da Cunha Coutinho Osório. Casou com D. Maria Isabel Cristina Pereira da Cunha de Noronha e Meneses Freire de Andrade. Filho:

XX – João Eduardo de Noronha e Meneses Osório, nascido em 1949, cavaleiro de honra e devoção da Ordem de Malta.

886. Este, o filho Cristóvão e o neto Luís, assim como os cônjuges daqueles, vêm tratados na habilitação para a Ordem de Cristo deste último, - letra L, maço 1, nº 6, 1753, e em BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ...* etc. cit., tomo III, p. 16.

887. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 79, fl. 316v.

888. Mercês de D. João V, livro 5, fls. 84-84v.

889. Mercês de D. João V, livro 34, fl. 230.

890. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ...* etc. cit., vol. I, p. 463.

891. *Ibidem*.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real⁸⁹².
 4(XV) . LUÍS DE MELO E MACEDO
 Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real⁸⁹³.
 2(XIV) – JOSÉ DE CARVALHO
 Seguiu a universidade, quando morreu, sem geração.
 3(XIV) – BARRETO
 Foi chantre da sé de Lamego.
 2(XIII) – D. LUÍSA CLARA DE MENESES
 Casou com LUÍS CARNEIRO DE MELO, senhor do morgado de Belude, filho de MANUEL CARNEIRO DE MELO e de D. CECÍLIA DE MIRANDA.
 Com geração.
 3(XIII) – JOSÉ
 Morreu menino
 4(XIII) – D. TEODORA
 Sem estado.
 2(XII) – frei FRANCISCO
 Foi frade graciano.
 3(XII) – DOMINGOS DE MELO

Morreu solteiro e sem geração.
 4(XII) – D. CLARA
 Morreu moça.
 5(XII) – D. ANA DA SILVA
 Casou com MANUEL DA GAMA DE CARVALHO, sem geração.
 6(XII) – MARIA
 Foi freira no Barro.
 7(XII) – ROSA
 Foi freira no Barro.
 3(XI) – ANTÓNIO MONTEIRO DE MACEDO
 Sem geração.

§ 2º

I – GASPAR DE MACEDO

Uma vez que também foi criado de Fernando Álvares de Andrade, é natural que fosse parente muito próximo, provavelmente irmão, de António de Macedo referido com o nº VIII do § 1º deste capítulo. Recebeu o ofício de contador e distribuidor da ilha do Fogo, por carta de 1553-08-21⁸⁹⁴.

892. *Ibidem*, p. 464.

893. *Ibidem*.

894. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 57, fl. 28v.

Capítulo 12º**Macedos Cunhas, de Amarante****I – FRANCISCO PEIXOTO**

Morou com a mulher em Salvador de Vila Garcia, Amarante.

Casou com MADALENA DE MACEDO, provavelmente dos Macedos de S. Clemente de Basto.

Filho:

II – GONÇALO DE MACEDO DA CUNHA

Casou em Amarante, S. Gonçalo, em 1625-11-17, com ISABEL DE ABREU, filha de ANTÓNIO CERQUEIRA e sua mulher MARIA DA CUNHA, moradores naquela vila⁸⁹⁵.

Filhos:

1(III) – ANTÓNIO PEIXOTO

Nasceu em Amarante.

Foi moço de câmara da Casa Real, com a condição de número e de Índia, em 1647-04-06⁸⁹⁶.

2(III) –

Casou com VASCO DE MACEDO, como se disse no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

III – GASPAR DE MACEDO

Foi senhor da casa da Torre, de Ribas.

Casou com SENHORINHA LUÍS.

Filhos:

1(IV) – SIMÃO DE MACEDO

Foi baptizado em 1621-11-21.⁸⁹⁸

Casou em Gagos, Basto, em 1645-07-22, com MARIA DE ANDRADE, filha de GASPAR DE CARVALHO DA CUNHA e de ANA MACHADO DE MEIRELES.

2(IV) – ANA DE MACEDO

Casou com GONÇALO FRANCISCO DE BARROS. Com geração, que viveu em Basto e teve a quinta do Prado.

Capítulo 13º**Macedos, de Ribas****I -**

Terá sido dos Macedos de S. Clemente de Basto, a ter em conta os nomes Simão e Gaspar que os descendentes usaram em fins do séc. XVI, inícios do XVII.

Filhos:

1(II) – GASPAR DE MACEDO

Era da casa da Abadia de Ribas, em Basto.⁸⁹⁷

2(II) – SIMÃO DE MACEDO

Filho:

Capítulo 14º**Macedos, de Cabeceiras de Basto****I – GONÇALO DE MACEDO**

Filho:

II – GONÇALO MOURÃO MACHADO

Nasceu em Cabeceiras de Basto. Em 1649-03-03 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, sob condição de ir à Índia⁸⁹⁹.

Capítulo 15º**Macedos Castelo-Brancos, da Covilhã****I - JOÃO GOMES DE MACEDO**

Seria «parente chegado do Conde de Vimioso por parte dos Macedos» e fidalgo da Casa Real⁹⁰⁰. Foi cavaleiro-fidalgo da casa do infante D. Duarte. Re-

895. Até aqui os dados são colhidos em Assentos Paroquiais, Amarante, S. Gonçalo, livro 2 de casamentos, fl. 23v.

896. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real* vol. I, Imprensa Nacional, Lisboa, 1911, p. 32, e *Livros de Matrículas*etc. cit., p. 48.

897. *Carvalhos de Basto*, cit., vol. VII, p. 422; para o presente Capítulo baseei-me unicamente nesta obra de referência.

898. *Ibidem*, p. 450.

899. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit. vol. I, p. 219

900. Segundo a carta de brasão de armas de seu filho Filipe, publicada por BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas*, II, cit., pp. 142-143; ver também BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 302.



cebeu em 1567-11-02 o ofício de tabelião das notas da vila da Covilhã⁹⁰¹.

Casou com BRITES FEIO, filha de ANTÓNIO DA COSTA e de ISABEL VAZ DE CASTELO-BRANCO.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO FEIO DE CASTELO-BRANCO, sem geração.

2(II) – FILIPE DE MACEDO DE CASTELO-BRANCO

Era natural da Covilhã, onde foi escrivão dos órfãos por mais de 20 anos, com muita verdade, in-teireza e sem cometer erro algum⁹⁰². Foi fidalgo de cota de armas por carta de 1603-06-16⁹⁰³. Morreu em 1629.

Casou com CATARINA DE SEQUEIRA, filha de GASPAR DE SEQUEIRA.

Filhos:

1(III) – JOÃO GOMES DE MACEDO

Nasceu em Castelo Branco. Foi licenciado, juiz de fora em Avis e Santarém. Por esses serviços e pelos da leva de soldados que organizou nos armazéns da Guiné e da Índia em 1636, para Monomotapa e pelo zelo que prestou na condução de mantimentos para as obras de fortificações, bem como no lançamento e cobrança das décimas, foi respondido em 1655-02-18 seu filho Gaspar⁹⁰⁴.

Casou em Coimbra com D. ANTÓNIA DE MENDANHA, filha de JOÃO DE BEJA PERESTRELO, e de MARIA DE MENDANHA.

Filhos:

1(IV) – GASPAR DE MACEDO DE CASTELO-BRANCO

Teve o morgado do Torrão⁹⁰⁵.

2(IV) – FILIPE DE MACEDO

Serviu em Monomotapa. Morreu antes de 1655⁹⁰⁶.

Filho:

V – ANTÓNIO ZUZARTE DE ALMEIDA

Nasceu em Lisboa. Recebeu em 1658-08-1420 mil reis de pensão em comenda ou bens da Ordem de S. Bento de Avis ou de Santiago, para os ter com o hábito respectivo, e a promessa de ofício de justiça, fazenda ou guerra para filho ou filha que nomeasse⁹⁰⁷.

2(III) – DIOGO DE MACEDO DE CASTELO-BRANCO

Foi escrivão dos órfãos da Covilhã, por carta de 1630-03-23⁹⁰⁸.

Casou com D. MARIA DE SOTOMAIOR, filha do Dr. FRANCISCO DA ROSA e de D. ISABEL DE SOTOMAIOR.

Filho:

IV – FILIPE DE MACEDO DE CASTELO-BRANCO

Casou com D. MARIA TELES DE EÇA, filha de FRANCISCO TAVARES DE CASTELO-BRANCO e de MARIA TELES.

Filhos:

1(V) – BERNARDO DE MACEDO CASTELO BRANCO FEIO

Nasceu na Covilhã. Sucedeu no morgado da Carrapata⁹⁰⁹.

Casou com D. TERESA DA COSTA FERREIRA DE CASTELO BRANCO, baptizada na Sortelha em 1673-08-31, filha de ANTÓNIO FERREIRA FERRÃO DE CASTELO BRANCO, mestre de campo da comarca de Castelo Branco, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1663-12-22⁹¹⁰, e fidalgo de cota de armas, e de D. MARIA DA COSTA DE CASTELO BRANCO.

Filho:

VI – JOSÉ DE MACEDO FEIO CASTELO BRANCO

Nasceu na Covilhã, S. Pedro, em 1693-04-30. Foi senhor do morgado da Carrapata, e pagador-geral da gente de guerra da província da Beira.

901. Chancelaria de D: Sebastião, Doações, livro 14, fl. 558.

902. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 22, fl. 294.

903. BORREGO, Nuno, loc. cit.; o timbre é de Macedos, «um braço vestido de azul com uma maça de ouro na mão».

904. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 54.

905. *Memorial de Ministros*, cód. 1074, fl. 231v.

906. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 54.

907. *Ibidem*, p. 200.

908. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 22, fl. 294.

909. Para este e sua descendência seguiu SILVA, António de Mattos e, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo III, Lisboa, 2006, pp. 35-38, e GONÇALVES, Eduardo Osório, *Raízes da Beira*, Lisboa, 2006, vol. I, pp. 773-774.

910. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 18, fl. 182v.



Casou com D. ANA INÁCIA PEREIRA COUTINHO, natural da Covilhã, S. Pedro, filha de RUI PEREIRA COUTINHO FREIRE ROBALO, capitão de auxiliares e fidalgo-cavaleiro da Casa Real, e de D. MARIA DE TOVAR.

Filha sucessora:

VII – D. RITA GERTRUDES AUGUSTA DE MACEDO PEREIRA FORJAZ COUTINHO DE VILHENA FREIRE CASTELO BRANCO⁹¹¹

Nasceu na Covilhã, S. Pedro, em 1728-09-27. Sucedeu nos morgados de seu pai.

Casou na mesma freguesia, em 1748-01-

04, com JOÃO BARATA DA GUERRA, natural de Monforte da Beira, senhor do morgado de Monforte da Beira, fidalgo de cota de armas e familiar do Santo Ofício, filho de JOÃO BARATA DA GUERRA, familiar do Santo Ofício, e de MARIA VAZ.

Com geração, que pode seguir-se no referido *Anuário*.

2(V) – DIOGO DA COSTA FEIO

3(V) – D. MARIA

4(V) – D. FILIPA

5(V) – D. FRANCISCA

911. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 302.



Capítulo 16º

Macedos, do morgado de S. Brás em Vila Real

Secção 1ª

Teixeiras de Macedo

§1º

I – JOÃO PIRES ESCOLAR

Foi senhor dum morgado basicamente instituído por um Afonso Gonçalves e sua mulher Mor Esteves. Compunha-se de duas capelas, uma a de S. Brás, em Vila Real, outra em Constantim, termo da mesma vila, a cujas obrigações estavam vinculados casais, quintas, vinhas, herdades e casas e muitas outras coisas rendosas em dinheiro, pão e vinho⁹¹².

Filho:

II – MARTIM ANES⁹¹³

Sucedeu no dito morgado.

Possivelmente casou com uma Fulana MACEDO⁹¹⁴.

Filhos:

1(III) – DIOGO MARTINS DE MACEDO

Foi cavaleiro da casa do Infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V. Sucedeu no referido morgado, ao qual acrescentou, autorizado por carta régia de 1455-08-04, vários bens num reguengo⁹¹⁵. Recebeu por carta régia de 1449-03-29 mercê da renda das terças das igrejas que pertenciam ao rei em Freixo de Espada à Cinta, sob condição que ele corrigisse o muro da dita vila em tudo o que fosse necessário⁹¹⁶. Sem geração.

2(III) – JOANA MARTINS DE MACEDO, que segue.

3(III) – Outros filhos, sem geração.

III – JOANA MARTINS DE MACEDO

Tendo morrido sem sucessão outros filhos de seu pai, sucedeu ela no dito morgado⁹¹⁷.

Casou com PEDRO TEIXEIRA⁹¹⁸, cavaleiro, senhor da casa de Teixeira, vedor do 1º Duque de Bragança em 1443, contador do almoxarifado de Vila Real em 1449 e 1450 e corregedor da comarca de Trás-os-Montes em 1471.

Filhos:

1(IV) – JOÃO TEIXEIRA DE MACEDO

Recebeu ordens menores em Braga em 1461-10-04⁹¹⁹. Foi senhor do morgado de S. Brás⁹²⁰. Em 1471, sendo já fidalgo escudeiro da Casa Real, recebeu a mercê do julgado de Teixeira e o privilégio aos moradores desta⁹²¹. Em 1476-07-10 era fidalgo cavaleiro e foi feito cavaleiro do Conselho do Rei D. Afonso V⁹²². Entre outros serviços ao Rei, tomou Vilvestre por combate e susteve-a por três anos. Pelos muitos serviços que prestou ao mesmo rei, sendo contador da comarca de Trás-os-Montes, teve o julgado e em 1479 o padroado da igreja de S. João de Castenheira em terra de Monforte do Rio Livre⁹²³, mercê confirmada pelo rei D. Manuel I em 1496-05-10⁹²⁴. Em 1482-06-94 foi perdoado da acusação de ter preso por dias e noites um frade que tentava seduzir uma moça da sua casa⁹²⁵. Por carta de 1484-02-06 foi feito alcaide-mor de Montalegre⁹²⁶. Recebeu em 1484-05-30 a doação régia de várias terras e do pão, vinho e aves da quinta da terra de Macedo⁹²⁷. Por carta de 1490-05-26 recebeu mercê de que fossem privilegiados, escusados e guardados todos os seus caseiros⁹²⁸. Obteve confirmação do ofício de veador dos veados de El-rei, tal como o fora já do rei

912. Chancelaria de D. Afonso V, livro 29, fl. 252v.

913. TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, p. 229.

914. Não consegui saber-lhe o nome próprio nem ter uma ideia sobre qual a forma como entroncava na estirpe dos Macedos.

915. Chancelaria de D. Afonso V, livro 28, fl. 57.

916. Chancelaria de D. Afonso V, livro 36, fl. 16.

917. Chancelaria de D. Afonso V, livro 29, fls. 252v-253.

918. TEIXEIRA, Júlio, ob. cit., vol. 4º, pp. 231 e segs.

919. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas*, cit., p. 348, e SÃO PAYO, Luiz de Mello Vaz de, "Famílias de Chaves (séc. XV a XVII)", *Raízes e Memórias*, nº 12, 1996, p. 157.

920. Chancelaria de D. Afonso V, livro 29, fl. 252v, e Chancelaria de D. Manuel I, livro 28, fl. 37 e Além Douro, livro 4, fl. 4v.

921. Chancelaria de D. Manuel I, livro 28, fl. 47v.

922. Chancelaria de D. Afonso V, livro 7, fl. 9.

923. Chancelaria de D. Manuel I, Além Douro, livro 3, fl. 78v.

924. Chancelaria de D. Manuel I, livro 34, fl. 58.

925. Chancelaria de D. João II, livro 2, fl. 116

926. Chancelaria de D. João II, livro 1, fl. 57.

927. Chancelaria de D. João II, livro 22, fl. 113, e BAÇAL, Abade de, *Memórias ... etc. cit.*, tomo IV, 257.

928. Chancelaria de D. João II, livro 12, fl. 60.



D. João II⁹²⁹. Em 1497-11-10 obteve mercê de que, por sua morte, fosse paga uma tença de 20 mil reais a Martim Teixeira e outra igual a Jerónimo Teixeira⁹³⁰. Por carta de 1500-06-1500 foi dada execução à mercê de 40 mil reais de tença que recebera de D. João II, pelos muitos serviços que prestara a este rei e a D. Afonso V⁹³¹. Em 1504-03-22 D. Manuel I confirmou-lhe a mercê do julgado de Teixeira e direitos reais dele, conforme fora concedida por D. Afonso V⁹³². Morreu em 1506-07-06⁹³³.

Casou com VIOLANTE DE BARROS, dama de D. Joana, a “Excelente Senhora”,⁹³⁴ a qual era filha de PEDRO DE BARROS, senhor do morgado do Outeiro (ou de LOPO FERNANDES DE BARROS, senhor da casa de Abaças)⁹³⁵.

Filhos:

1(V) – MARTIM TEIXEIRA DE MACEDO
Sucedeu no morgado de S. Brás. Foi alcaide-mor de Vila Pouca de Aguiar. Esteve na tomada de Azamor, como cavaleiro. Foi escrivão dos órfãos de Vila Real.

Casou com D. HELENA DE AZEVEDO, filha de FRANCISCO MACHADO, o Velho, senhor de Entre Homem e Cávado e de D. JOANA DE AZEVEDO.

Filhos do matrimónio:

1(VI) – JOÃO TEIXEIRA DE AZEVEDO
Não casou, mas de sua prima BRITES DE MACEDO teve, natural:

Filho:

VII – ASCÂNIO TEIXEIRA DE AZEVEDO (ou DE MACEDO)⁹³⁶

Viveu em Vila Real. Parece ter sido o que depois serviu na Índia, tendo seguido em 1614

numa armada que o vice-rei enviou ao sul da Índia, para protecção do comércio contra as interferências dos ingleses, e noutra armada mandada pelo vice-rei em 1617 ao cabo de Comorim⁹³⁷.

Casou duas vezes: a 1ª com D. GUIOMAR DE BARROS, filha de PEDRO PINTO DE BARROS, escrivão da câmara de Vila Real; a 2ª, em Vila Real, S. Dinis, em 1596-08-25⁹³⁸, com D. MARIA DE MENDONÇA, filha de JOÃO DE LEMOS TEIXEIRA, escrivão dos órfãos de Vila Real, e de MARIA DA COSTA.

Filhos do 1º casamento:

1(VIII) – JERÓNIMO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Viveu em Vila Real. Casou duas vezes: a 1ª com D. MADALENA LOBO, com geração, representada pelo Visconde de Vilariño de S. Romão; a 2ª com D. ANA DO COUTO, ao que parece, sem geração.

2(VIII) – REBOÃO TEIXEIRA

Casou com D. HELENA DA CUNHA, sem geração.

Filhos do 2º casamento:

3(VIII) – PEDRO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Casou duas vezes, ambas em Vila Real, S. Dinis: a 1ª em 1626-03-29⁹³⁹, sem geração, com D. MARIA DA CUNHA, filha de DIOGO DA MESQUITA e de MARIA BOTELHA; a 2ª em 1640-06-05⁹⁴⁰, com D. ANA DA FONSECA (ou DE MESQUITA), natural da vila de Canelas, filha de LUÍS DA FONSECA e de

929. Chancelaria de D. Manuel I, livro 28, fl. 40v.

930. Chancelaria de D. Manuel I, livro 28, fl. 4.

931. Chancelaria de D. Manuel I, livro 13, fl. 32.

932. Chancelaria de D. Manuel I, livro 20, fl. 30v.

933. Conforme inscrição tumular na capela de S. Brás, em Vila Real, segundo TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, p. 259; mas a data do mês está errada, pois teria de ser anterior a Maio, já que seu filho Jerónimo lhe sucedeu numas rendas reais em 20 de Maio, como adiante se verá.

934. Segundo a citada carta de armas de Bartolomeu Moreira de Azevedo, passada em 1711-12-30, BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas*, II, 2004, pp. 85-86; mas nesta carta dá-se D. Francisca Teixeira como filha de João Teixeira de Macedo e cronologicamente é preferível a versão de GAYO, Felgueiras, que a dá como neta, por filha do a seguir mencionado Martim Teixeira de Macedo.

935. Daqui em diante, segui, com as necessárias reservas, TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, pp. 234 e segs.

936. Para a sua descendência levei também em conta GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 27º, pp. 179-181.

937. BOCARRO, António, *Decada 13 da Historia da India*, publicada sob a direcção de Rodrigo José de Lima Felner, Academia das Ciências de Lisboa, 1876, parte II, p. 657.

938. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fls. 89 e 338.

939. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fl. 135v.

940. Assentos Paroquiais, Vila Real, S. Dinis, Casamentos, livro 1, fl. 156.

FRANCISCA DE MESQUITA. Com geração do 2º casamento⁹⁴¹, representada pelo chefe dos Cyrnes de Madureira.

4(VIII) – fr. ANTÓNIO

Foi religioso da Trindade.

5(VIII) – MARTIM TEIXEIRA DE AZEVEDO

De sua prima D. ANTÓNIA CORREIA DE MESQUITA, com quem esteve para casar, teve, bastarda, uma filha casada e com geração.

6(VIII) – PAULO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Casou com D. CATARINA DE FARIA, filha de ZUZARTE TEIXEIRA DE FARIA e de D. INÁCIA TAVEIRA DE MACEDO.

Filhos:

1(IX) – CARLOS TEIXEIRA DE AZEVEDO

Nasceu em Vila Real.

Consta que foi para o Brasil e aí casou.

2(IX) – D. MARIA DE MENDONÇA

Casou com FRANCISCO SOARES DE MENDONÇA, com quem morou em Vila Real. Com geração, ao que creio, extinta.

2(VI) – D. MARIA

3(VI) – D. FRANCISCA TEIXEIRA DE AZEVEDO

Casou com MANUEL PINTO DE GOES, filho de GONÇALO VAZ PINTO e de D. INÊS RODRIGUES DE GOES. Com geração.

4(VI) – ANTÓNIO TEIXEIRA DE MACEDO (ou AZEVEDO)

Sucedeu no morgado de S. Brás. Serviu na Índia por duas vezes. Em 1591-04-04 partiu na armada comandando a nau *Santa Cruz*, mas esta acabou por ser incendiada frente à ilha das Flores, para não ser tomada pela armada inglesa que aí estava⁹⁴². Comandou outra que partiu

em 1593-04-04 e em 1594 se perdeu na costa de Etiópia⁹⁴³. Parece ter-se salvo e voltado à Índia. Aí seguiu na armada que o vice-rei enviou ao cabo de Comorim em 1617⁹⁴⁴. Terá sido embaixador em Constantinopla.

Casou em Ormuz com D. MILICIA DE LA PENHA, filha de GARCÍA DE LA PEÑA.

Filhos:

1(VII) – MARTIM TEIXEIRA DE AZEVEDO

Nasceu em Ormuz. Foi senhor da Teixeira e do morgado de S. Brás. Em 1614 saiu de Goa numa armada para o sul, com vista a proteger o comércio das interferências dos ingleses⁹⁴⁵.

Casou duas vezes: a 1ª, sem geração, com D. ANTÓNIA DE ATAÍDE, filha de AIRES GONÇALVES BARRETO e de D. BRITES DE MENESES; a 2ª com D. JOANA COELHO DE MELO, filha de GONÇALO COELHO DA SILVA, senhor de Felgueiras, e de D. MARIA DE MELO.

Com geração do 2º casamento, hoje representada pelo chefe dos Teixeiras Coelho, de Veade.

2(VII) – D. HELENA

Casou na Índia.

5(VI) – GONÇALO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Casou com D. ISABEL VAZ SOUSA, filha de GONÇALO VAZ GUEDES, senhor de Murça, e de D. ISABEL DE ALVIM. Com geração.

6(VI) – FRANCISCO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Era morador da Casa Real quando embarcou para a Índia, na armada de 1548⁹⁴⁶.

Casou com D. ISABEL TAVEIRA.

7(VI) – D. VIOLANTE DE AZEVEDO

8(VI) – D. FILIPA TEIXEIRA DE AZEVEDO

2(V) – JERÓNIMO TEIXEIRA

Foi fidalgo da Casa Real. Por carta régia de 1506-05-20 recebeu mercê das rendas reais da

941. Pode ver-se em TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, pp. 267-273.

942. *Relação das Naos e Armadas da Índia*, leitura e notas de Maria Herrnínia Maldonado, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1985, pp. 94 e 95.

943. *Relação das Naos ...*, etc. cit., p. 97, e SOUSA, Manuel de Faria e, ob. cit., vol. V, pp. 121, 134 e 137.

944. BOCARRO, António, *Decada 13 ...* etc. cit., parte II, p. 657.

945. *Ibidem*, parte I, p. 339.

946. FREIRE, Braamcamp, *Emmenta ...* etc. cit., p. 59.

vila de Vimioso, da maneira que as tinha seu pai⁹⁴⁷.

2(IV) – GONÇALO (VAZ) TEIXEIRA

Recebeu ordens menores em Braga em 1461-10-04⁹⁴⁸.

Terá sido fidalgo da Casa Real e senhor do couto de Fornelos⁹⁴⁹.

Casou com ISABEL GONÇALVES DE MOURA.

Filhos:

1(V) – RUI TEIXEIRA DE MACEDO

Casou com D. ISABEL PINTO, filha de ÁLVARO PINTO PEREIRA, senhor de Ferreiros de Tendais, e de D. MARIA RODRIGUES DA FONSECA.

Filhos:

1(VI) – RUI TEIXEIRA DE MACEDO

2(VI) – JOÃO PINTO

Terá sido fidalgo da Casa Real e senhor da quinta do Barral, no concelho de Aregos.

Casou com D. URRACA DE OLIVEIRA, com geração.

3(VI) – AIRES PINTO TEIXEIRA

Terá sido fidalgo da Casa Real.

Casou com D. ISABEL FERNANDES BARRACHA, com geração.

4(VI) – BELCHIOR PINTO DE MACEDO

Foi fidalgo da Casa Real e comendador da igreja de Valega, concelho de Ovar. Morreu em 1575-04-14 e acha-se enterrado na referida igreja, em campa armorejada e com inscrição⁹⁵⁰.

Casou com LOBATO, com geração.

5(VI) – JORGE PINTO

Foi beneficiado na igreja de Anreade, com geração bastarda.

6(VI) – SEBASTIÃO PINTO DE MACEDO

Casou duas vezes, com geração. de ambos os matrimónios.

7(VI) – FILIPA TEIXEIRA

Casou com SEBASTIÃO FERNANDES BARRACHO, com geração.

8(VI) – BRITES PINTO

Viveu em Bafoeiras.

Casou com FERRAZ, com geração.

2(V) – D. BRIOLANJA TEIXEIRA

Casou com PEDRO DA CUNHA E CASTRO, filho de ALEIXO DE CASTRO e de D. CATARINA DA CUNHA PORTOCARREIRO. Com geração⁹⁵¹.

3(IV) – ISABEL TEIXEIRA DE MACEDO, que segue neste capítulo, na Secção 2ª – Macedos, de Celorico de Basto.

§2º

Talvez sejam destes Teixeira de Macedo – não sei como – os seguintes:

I – LOURENÇO TEIXEIRA DE MACEDO

Em 1612 era capitão do porto de Negumbo, em Ceilão⁹⁵².

I – CRISTÓVÃO TEIXEIRA DE MACEDO

Seguiu numa armada que o vice-rei enviou para o sul da Índia, em 1614, para proteger o comércio das interferências inglesas⁹⁵³.

I – ANTÓNIO TEIXEIRA DE AZEVEDO

Filho:

II – TOMÁS BOTELHO DE AZEVEDO

Nasceu em Vila Real. Em 1656-03-09 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, com 1000 reis de moradia, com a condição de ir à Índia⁹⁵⁴.

I – ANTÓNIO TEIXEIRA DE MACEDO

Filho:

II – CAETANO TEIXEIRA DE MACEDO

947. Chancelaria de D. Manuel I, livro 38, fl. 8v.

948. FERNANDES, M. Antonino, *Matrículas* etc. cit., p. 348, e SÃO PAYO, Luiz de, *Famílias de Chaves*, cit., p. 157.

949. A acreditar em TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, p. 230, e em GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 23º, pp. 59 e segs., e tomo 27º, pp. 178, 192 e 196, pelo que neles baseio – com as necessárias reservas – o essencial da exposição desta estirpe.

950. *Inventário Artístico de Portugal, VI, Distrito de Aveiro Zona Sul*, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1959, p. 195.

951. Ver a versão de SOVERAL, Manuel Abranches de, em *Portocarreiros do Palácio da Bandeirinha*, Porto, 1997, pp. 43-44.

952. BOCARRO, António, *Decada 13* ... etc. cit., parte I, p. 11.

953. BOCARRO, António, *Decada 13* ... etc. cit., parte I, p. 338.

954. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 277.

Nasceu em Angola. Foi capitão da fortaleza de Santo António em Luanda. Habilitou-se para cavaleiro de Ordem de Cristo⁹⁵⁵.

I – ANTÓNIO PINHEIRO

Foi moço de câmara da Casa Real.

Filho:

II – MANUEL TEIXEIRA DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Em 1643-03-24 ou 1644-02-18 recebeu o foro de cavaleiro-fidalgo da Casa Real, com a condição de ir à Índia, onde seria armado cavaleiro⁹⁵⁶.

I – GASPAR TEIXEIRA

Filho:

II – MANUEL TEIXEIRA DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Pelos serviços no Brasil, em Espanha e no Reino, com o mestre de campo Fernão da Silveira e com o marquês de Montalvão, recebeu o foro de cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1650-06-03⁹⁵⁷.

Secção 2ª

Macedos, de Celorico de Basto

3(IV) – ISABEL TEIXEIRA DE MACEDO

Segundo Felgueiras Gayo, seria filha de Pedro Teixeira e de Joana Martins de Macedo, acima. Tenho as maiores dúvidas, mas não achei ainda melhor alternativa.

Casou com VASCO ANES DE MORAIS, que teria sido guarda-roupa dos reis D. João I e D. Afonso V⁹⁵⁸.

Destes teria sido

Filho:

V – PEDRO DE MACEDO⁹⁵⁹

Em 1495-02-20 morava em Amarante, era escudeiro da Casa Real e teve carta de D. João II nomeando-o tabelião de Celorico de Basto, ofício que foi confirmado por D. Manuel I em 1496-05-18⁹⁶⁰. Foi acusado de cometer falsidades no exercício do cargo, mas foi perdoado por carta régia de 1501-10-25.⁹⁶¹ Parece ser o mesmo que por carta do mesmo rei de 1520-10-31 foi inquiridor das inquirições judiciais e distribuidor entre os tabeliães do concelho de Gouveia e Gestaço⁹⁶², ofício que renunciou em João Fernandes, como se vê na carta de 1521-02-11⁹⁶³. Foi porém juiz das sisas do concelho do mesmo concelho, por carta régia de 1521-10-10⁹⁶⁴, e requeredor da vila de Amarante por carta de D. Manuel I, confirmado nesse ofício por carta de D. João III de 1522-11-07⁹⁶⁵. Casou com INÊS DE SEQUEIRA, filha, segundo uns, de Martim Teixeira, senhor da casa da Anta, e de Catarina Ferreira; mas conforme outros, seria filha de João Teixeira de Anta e de Catarina Saraiva. Parece ter casado 2ª vez com MARGARIDA COELHA.

Filhos do 1º casamento:

1(VI) – FERNANDO DE MACEDO

Tomou ordens menores em Braga em 1500-12-19⁹⁶⁶.

2(VI) – FRANCISCO DE MACEDO

Tomou ordens menores em Braga em 1500-12-19⁹⁶⁷.

Viveu primeiramente em Gatão, depois em Celorico de Basto.

Foi senhor da quinta de Tuías em Freixo de Baixo. Residiu depois na sua quinta de Maçacorte, S. Salvador de Vila Garcia, Amarante. Era

955. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo I, p. 316.

956. *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, tomo I, p. 211.

957. *Inventario dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 187, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, tomo II, p. 557.

958. Segundo GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 21º, p. 35; mas pelas razões supraditas é muito duvidoso.

959. Toda esta secção contém informação recolhida na monumental obra já citada *Carvalhos de Basto*, aqui no vol. V, pp. 184 e segs. onde pode seguir-se vária descendência conhecida.

960. Chancelaria de D. Manuel I, livro 34, fl. 62v.

961. Chancelaria de D. Manuel I, livro 37, fl. 51.

962. Chancelaria de D. Manuel I, livro 36, fl. 95.

963. Chancelaria de D. Manuel I, livro 37, fl. 109.

964. Chancelaria de D. Manuel I, livro 18, fl. 38.

965. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 3, fl. 109v.

966. A. D. Braga, *Matrículas ... etc. cit.*, pasta 5, caderno 1, fl. 129.

967. *Ibidem*.

criado do Dr. Fernão de Mesquita quando obteve em 1504-03-16 os ofícios de tabelião do público e judicial de Gestaço e de Gouveia⁹⁶⁸. Cometeu irregularidades e desvios de que foi perdoado por cartas régias de 1541-10-20 e 1543-07-18⁹⁶⁹. Por carta de 1551-03-17 recebeu a mercê de que, por seu falecimento, os ofícios de tabelião do público e do judicial de Celorico de Basto fossem, ou para um filho ou para quem casasse com uma filha⁹⁷⁰.

Casou com BRANCA DE ABREU, filha de DIOGO DE ABREU e de MARIA DA CUNHA.

Filhos:

1(VII) – FRANCISCA DE ABREU DE MACEDO

Casou com JOÃO DE REGADAS, escudeiro-fidalgo, tabelião de Gestaço, filho de PEDRO ANES BARRIGA e de BEATRIZ ÁLVARES. Com geração.

2(VII) – GONÇALO DE MACEDO

Recebeu ordens menores em 1526 em Braga. Em 1550-03-20 recebeu carta do ofício de recebedor das sisas de Celorico de Basto⁹⁷¹ e em 1557 tabelião da mesma vila, nos impedimentos de seu pai.

3(VII) – GUIOMAR DE MACEDO

Herdou a quinta de Maçacorte.

Casou com JOÃO GONÇALVES, chamado DE MAÇACORTE. Com geração.

4(VII) – ISABEL DE MACEDO

Foi dotada com a quinta da Torre da Faia, em S. Salvador de Freixo, Amarante.

Casou com FRANCISCO RIBEIRO DE VASCONCELOS, escrivão e tabelião de Santa Cruz de Riba Tâmega, senhor da quinta de Pardelhinhas nesse concelho, filho de SE-

BASTIÃO DIAS e de CATARINA FRANCISCA DE QUEIRÓS.

Com geração.

5(VII) – ANA DE MACEDO DA CUNHA
Nasceu em Amarante. Casou com GONÇALO DE ABREU.

Filha:

VIII – BRANCA DE ABREU

Casou com MANUEL DE MEDEIROS.

Filha:

IX – MARIA DE MACEDO DA CUNHA

Casou com MARCOS FERREIRA DE SOUSA, como se viu no Capítulo 4º – Macedos, de S. Clemente de Basto.

6(VII) – PAULO DE MACEDO

Recebeu ordens menores em Braga em 1538-03-11⁹⁷².

7(VII) – PEDRO DE ABREU

Recebeu ordens menores em Braga em 1541-04-02⁹⁷³. Foi tabelião de Celorico de Basto em 1593.

8(VII) – MIGUEL DE MACEDO

Matriculado em ordens menores em Braga em 1549.

3(VI) – GONÇALO TEIXEIRA

Recebeu ordens menores em Braga em 1502-03-12⁹⁷⁴. Terá morrido solteiro em S. Tomé⁹⁷⁵.

4(VI) – ANTÓNIO

Recebeu ordens menores em Braga em 1502-03-12⁹⁷⁶.

Filho do 2º casamento de Pedro de Macedo:

5(VI) – ANTÓNIO DE MACEDO

Era natural de Celorico de Basto.

Foi escudeiro. Em 1553 seguiu na armada da Índia⁹⁷⁷. Terá servido anteriormente na América⁹⁷⁸.

968. Chancelaria de D. Manuel I, livro 23, fl. 38.

969. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 11, fl. 52, e livro 13, fl. 267.

970. Chancelaria de D. João, Doações, livro 66, fl. 150.

971. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 64, fl. 81.

972. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 9, fl. 3v.

973. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 10, caderno 15, fl. 2.

974. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 5, caderno 1, fl. 197v.

975. Este e o seguinte em TEIXEIRA, Júlio A., ob. cit., vol. 4º, p. 230.

976. A. D. Braga, Matrículas ... etc. cit., pasta 5, caderno 1, fl. 198.

977. REGO, Rogério de Figueiroa, "Armadas Portuguesas – A armada de 1553", in, dir. do mesmo, *Miscelânea*, Oeiras, 1931, p. 75.

978. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 27º, 1941, p. 192.



Capítulo 17º

Macedos Cunhas, de Palhavá

I – JOÃO DE MACEDO (ou PEDRO DE BARCOS BARBOSA)

Nasceu em Ponte da Barca⁹⁷⁹. O apelido, dele ou do filho, talvez lhe viesse do lugar de *Mazedo*, concelho de Monção.

Casou com ISABEL (ou BRITES) DE MAGALHÃES.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO DE MACEDO

Foi bacharel licenciado em leis, juiz de fora em Moura por carta de 1518-02-13⁹⁸⁰. Foi nomeado corregedor das Ilhas dos Açores, com o mantimento de 40 mil reis, conforme mandado de 1521-04-29⁹⁸¹. Era corregedor em 1528⁹⁸². Por carta de 1530-03-22⁹⁸³ foi nomeado ouvidor geral da Índia, onde chegou em Setembro de 1530⁹⁸⁴. Era tido por «homem de muita autoridade e muy vero em fazer justiça». Mas veio a ter em 1531 um grave conflito com o governador Nuno da Cunha, por este tomar o partido do fidalgo Diogo da Silveira que desrespeitara o ouvidor e criticara o Rei em público. O governador acabou por prender com ferros o ouvidor e enviou-o para o reino, preso⁹⁸⁵. António de Macedo não ficou diminuído no conceito que dele o Rei fazia pois veio depois a ser juiz dos Feitos do Rei da Casa da Suplicação e desembargador dos Agravos desta Casa por carta

de 1546-11-08⁹⁸⁶, com o mantimento de 40 mil reis por ano⁹⁸⁷. Por carta de 1548-09-15 o rei aprovou a sua compra de fazendas no Algarve⁹⁸⁸. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1530-03-23⁹⁸⁹ com 20 mil reis de tença⁹⁹⁰.

Casou duas vezes: a 1ª com D. ANTÓNIA DE MAGALHÃES; a 2ª com D. MAIOR (ou MÉCIA) DA CUNHA, irmã de seu genro Gaspar, filha de JOÃO GOMES DA CUNHA e D. CECÍLIA HOMEM.

Filhos do 1º casamento:

1(III) – ANTÓNIO DE MACEDO

Obeve uma tença desde 1544-01-01, pelos serviços do pai, a qual cedeu a João Taveira⁹⁹¹.

2(III) – FRANCISCA DE MACEDO

Casou duas vezes: a 1ª com GASPAS DA CUNHA DE ABREU; a 2ª com ANTÓNIO DAS PÓVOAS, comendador do Ervedal.

Filhos do 2º casamento de António de Macedo:

3(III) – JOÃO GOMES DA CUNHA

Foi prior de Tábua. Com geração, bastarda, havida em D. MARIA DE ALARCÃO.

4(III) – MATEUS DA CUNHA

Em 1576 morava em Palhavá, na estrada de Benfica⁹⁹².

Foi fidalgo da Casa Real e comendador da Ordem de Cristo⁹⁹³, da qual tomou o hábito em 1599⁹⁹⁴.

Casou com D. MARIA SOARES⁹⁹⁵.

Filhos:

979. Assim o diziam alguns genealógicos, como ATAÍDE, D. Jerónimo de, *Nobiliario das Familias deste Reyno*, manuscrito vol. 2º, B.N.L., códice 12 331, fl. 531.

980. Chancelaria de D. Manuel I, livro 10, fl. 113.

981. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 313.

982. *Les Sources Inédites pour l'Histoire du Maroc. Portugal, 1.e série, dynastie Sa'dienne*, edição de Pierre de Cénival, David Lopes e Robert Ricard, Paris, tome II, 1939, p. 431.

983. Chancelaria de D. Manuel I, livro 42, fl. 70, CASTANHEDA, Fernão Lopes de, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, edição em *Tesouros da Literatura e da História* por Manuel Lopes de Almeida, Lello & Irmão – Editores, Porto 1979, tomo II, 622, e Corpo Cronológico, parte 1, maço 162, doc. 41.

984. CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, edição em *Tesouros da Literatura e da História* por Manuel Lopes de Almeida, Lello & Irmão – Editores, Porto, 1975, vol. 3º, p. 385.

985. *Ibidem*, pp. 451 a 457.

986. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 33, fl. 196.

987. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 33, fl. 210v.

988. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 38, fl. 161.

989. FARIA, António Machado de, “Cavaleiros da Ordem de Cristo no Século XVI”, *Arqueologia e História*, Associação dos Arqueólogos Portugueses, 8ª série, vol. VI, Lisboa, 1955, p. 24.

990. B.Ajuda, 49-XII-14, fl. 14.

991. Chancelaria de D. João III, Doações, 5, 123 e livro 21, fl. 150.

992. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 234.

993. *Ibidem ... etc. cit.*, p. 162.

994. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc. cit.*, p. 417.

995. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 162.



1(IV) – ANTÓNIO DA CUNHA⁹⁹⁶

Casou com D. JUSTA PINTO.

Filho:

V – MATEUS DA CUNHA

Casou com D. FILIPA COUTINHO,
filha de ANTÓNIO QUEIMADO DE
MENESES.

Filha:

VI – D. ANTÓNIA DA CUNHA

Casou com D. MANUEL PEREIRA, o
“Caim”.

2(IV) – D.

Casou com ANTÓNIO PINTO, irmão de
sua cunhada Justa Pinto.

3(IV) – D. BRITES DA CUNHA

Casou com DIOGO MENDES DE
BRITO.

Filha:

V – D. CATARINA DA CUNHA

Casou com SIMÃO DA CUNHA DE
EÇA, filho de MARTIM DA CUNHA
DE EÇA e de sua 2ª mulher D. MARIA
LEITE.

5(III) – MARIA DA CUNHA, que casou com
JOÃO FREIRE, senhor de Sosa.

2(II) – DIOGO BARBOSA

996. Para o casamento e a descendência deste, assim como para as suas irmãs, segui apenas MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. II, pp. 175 e 329.



Capítulo 18º Macedos, de Santarém

§1º

I – JORGE DE MACEDO⁹⁹⁷

Foi escudeiro do Infante D. Fernando. Em 1461-05-05 foi-lhe emprazado pelo almoxarifado régio de Santarém e Abrantes um pardieiro na Ribeira de Santarém, confirmado por carta régia de 1462-06-26⁹⁹⁸. Em 1467-03-22 recebeu o ofício de coudel de Santarém por três anos.⁹⁹⁹ Aí vivia em 1470¹⁰⁰⁰. Em 1482-05-22 foi confirmado no ofício que já exercia desde o reinado de D. Afonso V, de escrivão da portagem de Santarém¹⁰⁰¹. Em Maio de 1496 era almoxarife do rei na vila de Santarém¹⁰⁰².

Filho¹⁰⁰³:

II – FRANCISCO DE MACEDO

Viveu em Santarém, onde foi sepultado na igreja de Santa Iria¹⁰⁰⁴.

Teve o ofício das rendas da Ordem de Cristo, com o qual auferia o mantimento de 3 mil reis¹⁰⁰⁵. Em 1515-02-12 já era cavaleiro da Casa Real e recebeu mercê em sua vida de uma corredoura de terra na lezíria de Azambuja, junto com outra terra que já trazia; não pagava nada por isso mas era obrigado a tapar e aproveitar a terra recebida¹⁰⁰⁶. Por mandado de 1520-03-30, recebeu 8 mil reis de que o rei lhe tinha dado por respeito das contas das lezírias de Santarém¹⁰⁰⁷. Foi decerto, também, vedor e recebedor das obras de S. Domingos de Santarém, conforme mandado régio de 1521-04-13¹⁰⁰⁸.

Casou com GUIOMAR DE FREITAS, que fez testamento em 1522, instituindo um morgado, filha de JOÃO VAZ DE FREITAS e neta de VICENTE VAZ DE FREITAS.

Filhos:

1 (III) - GASPAR DE FREITAS DE MACEDO
Foi herdeiro da casa de seu pai, cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Em 1573 vivia em Santarém, com a segunda mulher.

Casou duas vezes: a 1ª com; a segunda com ISABEL BESTEIRA.

Filhos:

1 (IV) – GASPAR DE FREITAS E MACEDO
Viveu em Santarém. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Morreu antes de 1601.

Casou antes de 1576 com FRANCISCA DE ÉVORA que, já viúva, vivia em 1601 na sua quinta da Torre, junto a Alpiarça.

Filhos:

1 (V) – GASPAR DE FREITAS E MACEDO

Viveu parte na sua quinta da Almonda, parte na Golegã, parte em Santarém, onde fez testamento em 1632.

Casou com ANTÓNIA DA CUNHA, como se verá no capítulo 11º – Macedos Papanças, filha de ANTÓNIO DE ÉVORA e de HELENA DA CUNHA. Sem geração.

2 (V) – FRANCISCO DE FREITAS E MACEDO

Vivia em Abril de 1608 e morreu antes de

997. Segui o que escreveu HENRIQUES (da Carnota), Guilherme João Carlos, *Inéditos Goesianos*, 2ª edição (fac-simile da de 1896), Arruda dos Vinhos, 2002, vol. I, p. 160, baseado em PORTOCARRERO, Avelar, ob. cit.; segundo esta versão, o Jorge de Macedo com quem se inicia o capítulo seria irmão de Gaspar de Macedo e filhos ambos dum “Aires Gonçalves de Macedo”, que, nesta versão, seria o abade de S. Clemente de Basto; mas, como acima evidenciei, tal hipótese é inaceitável devido à cronologia, pois este Jorge de Macedo não nasceu certamente depois de 1442, data em que ainda não tinham nascido nem o dito Aires, nem o outro abade da mesma igreja João de Macedo (pai daquele Gaspar de Macedo).

998. Chancelaria de D. Afonso V, livro 29, fl. 161v.

999. MACHADO, Lousada, ob. cit., códice 1105, fl. 316.

1000. Mesa Censória, 332.

1001. Chancelaria de D. João II, livro 6, fl. 57.

1002. Chancelaria de D. Manuel I, livro 40, fl. 126.

1003. Segundo HENRIQUES (da Carnota) Guilherme, ob. cit., pp. 160-162, além do filho a seguir indicado, teriam sido suas filhas Ana de Macedo, mãe do poeta Luís de Camões e Inês de Oliveira de Macedo, 1ª mulher do pai de Damião de Goes; parece-me porém pouco fundamentado esse entroncamento pelo que não o sigo, mas abrirei parágrafos especiais neste capítulo.

1004. LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, p. 178; para o casamento deste Francisco de Macedo e sua descendência, quando outra referência não indique, sigo este autor, que se mostra especialmente documentado quanto às famílias de Santarém, *maxime* quanto a estes Macedos.

1005. B. Ajuda, 49-XII-14, fl. 82.

1006. Chancelaria de D. Manuel I, livro 24, fl. 64.

1007. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 313v.

1008. *Ibidem*, 314.



Março de 1609. Sem geração.

3(V) – DIOGO DE FREITAS E MACEDO

Viveu em Santarém, onde foi escrivão do almoxarifado. Fez testamento em 1674.

Casou duas vezes: a 1ª com ISABEL JERÓNIMA LOBO, filha de TOMÉ LOBO e de FILIPA LOBO; a 2ª com ÁGUEDA COTA, filha de LUÍS COTA DE CARVALHO e de GRÁCIA NUNES PINTO.

Filhos do 1º casamento:

1(VI) – ANTÓNIO DE FREITAS

Sem geração.

2(VI) – LUISA DA MATA

Nasceu cerca de 1626.

3(VI) – BRITES DE FREITAS

Morreu sem estado.

4(VI) – MARIA DE FREITAS DE MACEDO

Morreu sem estado.

Filhos do 2º casamento de Diogo de Freitas e Macedo:

5(VI) – LUÍS DE FREITAS DE MACEDO

Nasceu cerca de 1640.

Foi licenciado.

Casou com TEODORA CIRNE DE BARROS E VASCONCELOS, senhora do prazo de Laguiela, em S. Pedro de Barreiros, couto de Rendufe.

6(VI) – GASPAS DE FREITAS DE MACEDO

Nasceu cerca de 1649 em Santarém.

Em 1671 passou à Índia.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1400 reis de moradia em 1670-03-09, com a condição de ir à Índia¹⁰⁰⁹.

7(VI) – D. ISABEL DE FREITAS DE MACEDO

Nasceu cerca de 1654. Tudo aponta para que fosse a mesma que, viúva, fez procuração em 1703-01-02 a um morador em Almeirim para aí lhe tomar posse dum prazo¹⁰¹⁰.

Terá pois casado com FRANCISCO

CARDOSO BEMBO, que morreu antes de 1703.

8(VI) - ESPERANÇA DE MACEDO

Nasceu cerca de 1657.

4(V) - MANUEL DE FREITAS E MACEDO

5(V) – D. FILIPA DE MACEDO

Casou com JOÃO REBELO DE ARAGÃO.

Filhos:

1(VI) – SERAFINA DE FREITAS

Teve um morgado e uma capela na igreja de S. Francisco.

2(VI) – MARIA DE FREITAS

6(V) – LOURENÇA DE FREITAS

Foi freira em Santa Clara, Santarém.

7(V) – MARIANA DA APRESENTAÇÃO

Foi freira em Santa Clara, Santarém.

8(V) – JOANA DE FREITAS E MACEDO

Casou com seu tio ANTÓNIO DE FREITAS DE MACEDO, como adiante se dirá.

2(IV) – FRANCISCO DE MACEDO

Vivia em 1599, ano em que tinha uma renda na comenda de Lagoalva.

Casou duas vezes: a 1ª com MARIA DE ANDRADE, filha de BALTAZAR PAIS e de JOANA DE ANDRADE; a 2ª com HELENA SALGADO.

Filho do 1º casamento:

1(V) – GASPAS DE MACEDO

Morreu menino.

Filhos do 2º casamento:

2(V) – GASPAS DE MACEDO

Foi morto em 1609, homicídio de que foi acusado Duarte de Freitas e Macedo, adiante referido.

3(V) – D. CATARINA DE MACEDO

Ele e seu marido, em 1611-10-15, deram perdão a Duarte de Freitas, então preso na cadeia e a quem acusavam pela morte de Gaspar de Macedo, irmão dela, por estarem certos de que não concorrera para ela.

Casou com D. FRANCISCO DE MENESES, fidalgo-cavaleiro da Casa Real¹⁰¹¹, filho de D. LUÍS DE MENESES, capitão de

1009. *Inventario dos Livros de Matrícula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 328, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 357.

1010. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias Históricas extrahidas dos Livros de Notas dos cinco Tabaliães da Villa de Santarém*, 1748, B.N.L. Pombalina, 106, fl. 40v.

1011. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias ... etc. cit.*, fl. 153v.

Damão e neto paterno de D. FERNANDO DE MENESES, governador da Índia e capitão de Tânger.

4(V) – MARIA DE MACEDO

3(IV) – JOÃO VAZ DE FREITAS DE MACEDO

Era natural de Santarém, onde viveu. Em 1583-11-15 vendeu, com sua mulher, umas casas à Boavista, em Lisboa. Morreu entre 1584 e 1593¹⁰¹².

Casou com MARIA DE ABREU, irmã do licenciado Gomes de Abreu e filhos ambos de JOÃO GOMES DE ABREU e de MÉCIA DE CASTRO. Maria de Abreu deu de arrendamento em 1593-08-09 umas casas na Ribeira de Santarém¹⁰¹³.

Filhos:

1(V) – MARIA DE FREITAS DE MACEDO

Deve ter morrido criança.

2(V) – MANUEL DE MACEDO

Era menor em 1593.

4(IV) – ANTÓNIO DE FREITAS DE MACEDO

Viveu em Santarém.

Casou com sua sobrinha JOANA DE FREITAS DE MACEDO, como acima se disse.

Filha:

V – FRANCISCA DE FREITAS E MACEDO

5(IV) – MARIA DE FREITAS E MACEDO

Em 1620 instituiu uma capela no convento da Erra. Aprovou um último testamento em 1634.

Casou com ANTÓNIO LOPES DE ALMEIDA.

Filhos:

1(V) – LUÍS DE MACEDO

Morreu em vida de sua mãe.

2(V) – INÊS DA CONCEIÇÃO

Morreu em vida de sua mãe.

6(IV) – ISABEL DE FREITAS E MACEDO

Casou com FERNÃO PAIS DE ANDRADE, filho de BALTAZAR PAIS e de JOANA DE ANDRADE.

Filho(a):

V –

Filho:

VI – frei BALTAZAR DA CRUZ

Foi religioso da Ordem Terceira.

2(III) – JOÃO VAZ DE FREITAS E MACEDO

Em 1518 e 1519 era moço da câmara da Casa Real, com 406 reis por mês¹⁰¹⁴. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹⁰¹⁵.

Vivia em Santarém em 1573.

Casou com BRITES SELANTES.

Filhos:

1(IV) – JOÃO VAZ DE FREITAS E MACEDO

Vivia em Santarém em 1586, ano em que, com sua 1ª mulher, vendeu vinhas em Aldeia Galega de Ribatejo¹⁰¹⁶. Fez testamento em 1610. Morreu cerca de 1617.

Casou duas vezes: a 1ª com LEONOR PIMENTEL, filha de DUARTE RODRIGUES PIMENTEL e de FRANCISCA RODRIGUES; a 2ª com ANA RIBEIRA DE CASTELO-BRANCO.

Filhos do 1º casamento:

1(V) – LUÍS DE FREITAS

Foi frade da Ordem Terceira.

2(V) – DUARTE DE FREITAS E MACEDO

Foi acusado de ter cometido um crime de morte em Santarém – o de Gaspar de Macedo – pelo que esteve preso e foi degredado para a Índia. Veio a ser capitão de Mombaça. Casou em Estremoz com CECÍLIA DE ABREU PESSANHA, filha de JOÃO DE LUCENA.

Filhos:

1(VI) – MANUEL DE FREITAS E MACEDO

Morreu na Índia.

2(VI) – JOÃO VAZ DE FREITAS E MACEDO

Casou em Aldeia Galega com D. CECÍLIA DA FONSECA COUTINHO.

Filhos:

1(VII) – frei DUARTE DE SANTO ANTÓNIO

Foi frade agostinho.

1012. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, pp. 328-329.

1013. *Ibidem*, p. 264.

1014. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

1015. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 308.

1016. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias ... etc. cit.*, fl. 16.

2(VII) – JOÃO VAZ DE FREITAS

3(VII) – D. LEONOR

4(VII) – D. HELENA

3(VI) – D. FRANCISCA DE VASCONCELOS

Casou com FRANCISCO DE MESQUITA DE SÁ.

3(V) – VICENTE DE FREITAS E MACEDO

Morreu quando ia para a Índia.

4(V) – BERNARDO DE FREITAS E MACEDO

5(V) – ANDRÉ DE FREITAS E MACEDO

Viveu na Azinhaga. Foi capitão de infantaria e escrivão dos órfãos de Santarém por carta de 1630-01-24¹⁰¹⁷. Vivia em 1631.

Casou na Azinhaga em 1619-07-14 com CATARINA DE FIGUEIREDO.

Filhas:

1(VI) – MARIA DE FREITAS E MACEDO

Foi baptizada na Azinhaga em 1622-01-22.

2(VI) – ÚRSULA DE FREITAS E MACEDO

Foi baptizada na Azinhaga em 1624-11-04.

6(V) – JOÃO DE FREITAS E MACEDO

7(V) – FRANCISCA PIMENTEL

Casou com LOPO TAVARES DE SOUSA.

8(V) – D. MARIANA DE FREITAS E MACEDO

Morou com o marido na Bemposta.

Outorgaram uma fiança em 1647¹⁰¹⁸ e outra em 1650¹⁰¹⁹.

Casou em Lisboa com FRANCISCO PEREIRA DE VASCONCELOS.

9(V) – JOANA

Morreu menina.

Filhos do 2º casamento de João Vaz de Freitas e Macedo:

10(V) – JOÃO VAZ DE FREITAS

11(V) – JOANA DE FREITAS DE CASTELO-BRANCO

Casou em Setúbal com MANUEL SERRÃO DE ANDRADE.

12(V) – MARIA DE FREITAS

13(V) – GUIOMAR DE FREITAS

2(IV) – FRANCISCO DE FREITAS DE MACEDO

Vivia em Santarém em 1602. Parece que foi desembargador dos Agravos.

3(IV) – ANTÓNIO DE FREITAS E MACEDO

Foi bacharel e colegial de S. Paulo desde 1571.

4(IV) – BALTAZAR DE FREITAS E MACEDO

Parece ter sido moço de câmara e desembargador¹⁰²⁰.

Casou com JOANA LEITOA DE CASTANHEDA, filha de NUNO DE CASTANHEDA, morador na quinta da Alcaidaria, termo de Ourém.

Filho:

V – VASCO DE FREITAS DE CASTANHEDA

Morreu cerca de 1615.

Casou com sua prima GUIOMAR DE MACEDO, filha de ANTÓNIO LEITE PACHECO e de BRANCA DE MACEDO, adiante referidos.

Filhos:

1(VI) – ANTÓNIO DE FREITAS LEITE
Nasceu cerca de 1598.

Em 1620 embarcou na armada para a Flandres.

2(VI) – BRANCA DE MACEDO

Casou com AIRES TEIXEIRA PINTO, sem geração.

3(VI) – JOANA PEREIRA DE MACEDO

Nasceu cerca de 1603.

Casou com DUARTE SODRÉ DA GAMA, filho de DIOGO LEITE PACHECO e sua 2ª mulher D. LUÍSA SODRÉ, como adiante direi.

5(IV) – GASPAR DE FREITAS E MACEDO
Seguiu o partido de Castela

1017. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 25, fl. 66.

1018. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 248.

1019. *Ibidem*, p. 275.

1020. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 299.

Casou com HELENA DE MACEDO.

Teve filho bastardo:

V – DIOGO DE FREITAS E MACEDO

Viveu em Santarém.

Casou com LUISA DA MATA, filha de LUÍS DA SERRA e de JERÓNIMA DA MATA, e irmã de Francisco da Serra e de António da Serra, um dos quais morreu na jornada de Inglaterra da “Armada Invencível”.

Filhos:

1(VI) – GASPAR DE FREITAS E MACEDO

Morreu nas Índias Ocidentais.

2(VI) – LUÍS DE FREITAS DE MACEDO

Passou à Índia e serviu em Malabar. Regressando, partiu em 1638-02-11 de Cochim, ao comando da naveta *Madre de Deus*, mas enfrentou uma série de tempestades, ao largo de Moçambique e do Cabo da Boa Esperança, pelo que só chegou a Lisboa em 1639-05-03¹⁰²¹. Na Índia foi vedor da fazenda e capitão de Cochim. Pelos seus serviços, pelos do avô paterno e pelos dos tios maternos Francisco e António obteve o foro de fidalgo e a pensão de 20 mil reis numa comenda da Ordem de Cristo.

Foi fidalgo do Conselho do Rei em 1640-03-16¹⁰²² e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1640-03-21¹⁰²³.

Casou duas vezes: a 1ª com D. MARIA DE SEQUEIRA; a 2ª com D. ÂNGELA DE MELO.

Filhos do 1º casamento:

1(VII) – MANUEL DE FREITAS E MACEDO

2(VII) – DIOGO DE FREITAS E MACEDO

Serviu na Índia, onde foi capitão duma armada de Baçaim.

Casou três vezes: a 1ª com D. FRANCISCA DE VILHENA, filha de ANTÓNIO DO AMARAL DE MENESES, sem geração; a 2ª com D. MARIA DA SILVA, filha de JORGE COELHO DA

SILVA, sem geração; a 3ª com D. PAULA DE MELO, natural de Baçaim.

Filha do 3º casamento:

VIII – D. MICAELA

3(VII) – FRANCISCO DE FREITAS E MACEDO

Casou na Índia com D. LUÍSA DE GOES.

4(VII) – FRANCISCA DA MADRE DE DEUS

Foi freira em Santa Mónica de Goa.

Filhos do 2º casamento de Luís de Freitas de Macedo:

5(VII) – JOÃO DE MELO DE MACEDO

Foi capitão.

Casou duas vezes: a 1ª na Índia com D. MARIANA SOARES, filha de MANUEL SOARES VARELA, natural do Porto; a 2ª com D. ÚRSULA DE CASTRO, filha de DIOGO PEREIRA MARRAMAQUE.

Filhos do 1º casamento:

1(VIII) – GASPAR DE FREITAS E MACEDO

2(VIII) – D. JOANA DE MACEDO

3(VI) – frei JOÃO DA NATIVIDADE

Foi frade de Santo Agostinho.

4(VI) – DIOGO DE FREITAS E MACEDO

6(IV) – D. BRITES DE FREITAS

Casou com FRANCISCO HOMEM DA COSTA

Com geração.

7(IV) – D. FILIPA DE FREITAS

Casou com o desembargador RUI FERNANDES DE CASTANHEDA.

Com geração.

8(IV) – MANUEL DE MACEDO

3(III) – HENRIQUE DE MACEDO

Em 1516-09-25, sendo moço de câmara da Casa Real, recebeu mercê de inquiridor além dos quatro da vila de Santarém¹⁰²⁴. Em 1518 e 1519 era moço da câmara da Casa Real, com 406 reis por mês¹⁰²⁵. Foi cavaleiro da Casa Real¹⁰²⁶ e fi-

1021. *Relação das Nãos ...*, etc. cit., p. 172.

1022. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. I, p. 14.

1023. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 34, fl. 190v.

1024. Chancelaria de D. Manuel I, livro 25, fl. 14.

1025. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314v.

1026. T.T., Moradias da Casa Real, maço 1, livro 7, fl. 160.

dalgo de cota de armas por carta de 1539-03-21¹⁰²⁷. Na carta de armas de seu trineto Duarte de Macedo é dito cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Morreu antes de Março de 1580.

Casou com CATARINA DIAS DO CASTELO, filha de FRANCISCO DIAS DO CASTELO e de MARIA RODRIGUES. Tinha ela em 1588 uma quinta no cabo das vinhas de Alvisquer, que herdara de seu filho João¹⁰²⁸.

Filhos:

1(IV) – JOÃO DE MACEDO

Morreu na batalha de Alcácer Quibir.

Casou com GUIOMAR REBELO, filha de DIOGO NUNES INFANTE. Sem geração.

2(IV) – HENRIQUE DE MACEDO

Por morte de seu irmão João, sua mãe trespassou-lhe, em 1580, o direito aos serviços deste¹⁰²⁹. Viveu em Santarém, onde era já falecido em 1593.

Filho:

V – GASPAS DE MACEDO DO CASTELO

Foi herdeiro de seu pai. Sua avó Catarina Dias do Castelo arrendou-lhe em 1593-12-01 o seu casal de Cinco Outeiros e outras terras¹⁰³⁰. Foi escrivão dos órfãos de Santarém. Viveu na Ribeira de Santarém, onde fez testamento em 1633.

Casou com PAULA DA FONSECA, que morreu em 1626-05-17, filha de LOPO FERNANDES DA FONSECA e de MARIA DO VALE.

Filhos:

1(VI) – SEBASTIÃO DE MACEDO

Nasceu cerca de 1607.

Filho:

VII – GASPAS DE MACEDO

Teve o prazo dum casal em vale de Figueira

2(VI) – MANUEL DE MACEDO

Solteiro, sem geração.

3(VI) – CATARINA DE MACEDO DO CASTELO CORTE REAL

Casou com JOÃO DE BOZ, morador em Lisboa, em regime de dote instituído em 1631.

Filho:

VII – MANUEL DE BOZ E MACEDO
Foi sacerdote, visitador do arcediagado de Santarém pelos anos 1695.

4(VI) – LOURENÇA DE MACEDO

Nasceu em 1614.

5(VI) – JOANA DE MACEDO CORTE REAL

Nasceu em 1616 e já era falecida em 1663. Casou com JOÃO BANHA BARACHO, natural de Benavente ou de Vila Franca de Xira, que foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real e em 1652-11-05 adquiriu por compra bens nesta última vila¹⁰³¹

Filhos:

1(VII) – ANTÓNIO BANHA DE MACEDO¹⁰³²

Nasceu em Vila Franca de Xira e aí casou em 1663-01-27, com

DAMIANA PEREIRA DE AGUIAR, filha de TOMÉ PEREIRA e de CATARINA DE AGUIAR SARDINHA PERESTRELA.

2(VII) – GASPAS BANHA DE MACEDO

Casou em Vila Franca de Xira, em 1674-07-25, com ANA DICHIS, filha de SEBASTIÃO DA CRUZ e de CATARINA DICHIS.

3(VII) – BALTAZAR BANHA DE MACEDO

Casou em Vila Franca de Xira, em 1701-01-26, com LEONOR MARIA TAVEIRA MURZELA, filha de JOÃO MURZELO DE CRASTO e de LEONOR TAVEIRA FERREIRA.

4(VII) – CATARINA DE MACEDO BARACHA¹⁰³³

Nasceu em Benavente, onde foi bap-

1027. BAENA, Sanches de, *Archivo Heraldico-Genealogico*, vol. I, p. 250.

1028. BEIRANTE, Maria Ângela V. da Rocha, *Santarém quincentista*, Lisboa, 1981, p. 191.

1029. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc. cit.*, fl. 14.

1030. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc. cit.*, fl. 151, e *Memoria dos Inventarios da Nobreza que se achão no Cartorio do Escrivão dos Orphãos Fr.co Martins dos Santos da Villa de Santarem*, B.N.L., manuscrito 255, nº 9, fl. 10v.

1031. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 304.

1032. Quanto a este e a seus dois irmãos seguintes, seguiu Jorge de Moser, "Genealogias estrangeiras em Portugal", *Armas e Troféus*, VI série, 1994, pp. 103-104.

1033. Provavelmente, mas não estou totalmente seguro. Para ela e descendência, ver BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo I, p. 46.

zada em 1642-10-09 e onde casou com ÁLVARO MARTINS FRADE.

Filha:

VIII – D. MARIANA DE MACEDO BARACHA

Nasceu em Aldeia Galega do Ribatejo, onde foi baptizada em 1669-07-27.

Casou com RODRIGO PACHECO PIMENTEL, meirinho das vilas de Aldeia Galega e Alcochete em 1736-09-16¹⁰³⁴, filho de AGOSTINHO PACHECO PIMENTEL DE FARIA, natural de Maçãs do Caminho, morador em Alvaiázere, capitão-mor, e de ANA MARIA DE ESQUÍVEL, natural de Tancos.

Filho:

IX – AGOSTINHO PACHECO PIMENTEL BARACHO

Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1733-11-13¹⁰³⁵ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1749-03-11¹⁰³⁶, com 20 mil reis de tença¹⁰³⁷.

5(VII) – PEDRO DE MACEDO CORTE REAL

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real em 1710-10-20¹⁰³⁸.

Casou com MARIA DE ÓBIDOS.

Filhos:

1(VIII) – JOÃO DE MACEDO CORTE REAL

Foi baptizado na Arruda dos Vinhos em 1673-...¹⁰³⁹ Serviu em Mazagão, onde foi capitão. Em 1707-02-18 foi nomeado sargento-mor da capitania de Pernambuco¹⁰⁴⁰. Em 1718-03-23 foi tenente-general de artilharia também

no Pernambuco¹⁰⁴¹. Pelos seus serviços recebeu em 1734-01-20 28 mil reis de tença para sua mulher, em 1734-02-01 40 mil reis de tença para sua irmã Antónia, e em 1734-02-27 12 mil reis de tença para si, com o hábito de Cristo¹⁰⁴². Mas não encontro registo de que haja sido cavaleiro professo.

Casou com D. LUÍSA DE BRITO TELES.

2(VIII) – MANUEL

Foi baptizado na Arruda dos Vinhos em 1674-12-06.¹⁰⁴³

3(VIII) – ANA

Foi baptizada na Arruda dos Vinhos em 1677-11-02¹⁰⁴⁴.

4(VIII) – D. ANTÓNIA CATARINA DE MACEDO CORTE REAL

Foi baptizada na Arruda dos Vinhos em 1681-07-11¹⁰⁴⁵.

6(VI) – MARIA DOS REIS DE MACEDO

Casou com

3(IV) – MARIA DE MACEDO

Casou em Santarém com DIOGO DA COSTA CORTE REAL, com geração.

4(IV) – ANA DE MACEDO

Casou com DIOGO SERRÃO DE MOURA, com geração.

4(III) – FRANCISCO DE FREITAS E MACEDO

5(III) – JORGE DE MACEDO

Em 1518 era moço de câmara da Casa Real¹⁰⁴⁶. Foi depois cavaleiro da mesma Casa¹⁰⁴⁷. Pode ter sido este o que morava em Santarém, quando em 1568-11-08 obteve confirmação do aforamento, mediante o foro anual de 500 reis, duma vinha

1034. Mercês de D. João V, livro 12, fl. 64v.

1035. Habilitação para o Santo Ofício de Agostinho Pacheco Pimentel, Agostinho, maço 3, doc. 56, de cujo processo retirei alguma da informação acima dada.

1036. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 220, fl. 180.

1037. Mercês de D. José, livro 9, fls. 523-523v.

1038. Mercês de D. João V, livro 4, fl. 459.

1039. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 38.

1040. Mercês de D. João V, livro 2, fl. 13v.

1041. *Ibidem*.

1042. Mercês de D. João V, livro 25, fl. 125, e Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 101, fl. 29v.

1043. Registos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 45.

1044. *Ibidem*, fl. 59v.

1045. *Ibidem*, fl. 78v.

1046. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314v.

1047. T.T., Moradias da Casa Real, maço 1, livro 7, fl. 190v.

que trazia em Alvisquer, termo daquela vila¹⁰⁴⁸.

Filhas:

1(IV) – BRANCA DE MACEDO¹⁰⁴⁹

Casou com ANTÓNIO LEITE PACHECO, filho de DIOGO LEITE e de JOANA DIAS DO CASTELO.

Filhos:

1(V) – DIOGO LEITE PACHECO

Parece ter sido cavaleiro da Ordem de Cristo em 1612¹⁰⁵⁰.

Casou duas vezes: a 1ª com CATARINA DE MACEDO; a 2ª com D. LUÍSA SODRÉ.

Filhas do 1º casamento:

1(VI) –

Foi freira nas Donas de Santarém.

2(VI) –

Foi freira nas Donas de Santarém.

3(VI) – D. CATARINA DE MACEDO

Casou com MIGUEL DE VASCONCELOS DE BRITO, secretário de Estado, adepto dos reis espanhóis, morto na Restauração, na própria manhã de 1 de Dezembro.

Filhos do 2º casamento de Diogo Leite Pacheco:

4(VI) – ANTÓNIO LEITE PACHECO DA GAMA

Foi guarda-mor das naus.

Casou com D. MARIA COUTINHO ATOUGUIA, filha de LUÍS DE ATOUGUIA, natural de Torres Novas, e de D. ISABEL COUTINHO DE SOUSA, natural do Porto e filha do senhor de Baião.

Filhos:

1(VII) – DIOGO LEITE PACHECO DE MACEDO (ou DE SOUSA)

Nasceu em Santarém e foi baptizado na igreja de Santa Cruz do Pombalinho. Em 1645-06-02 teve licença para aforar umas casas¹⁰⁵¹. Foi guarda-mor das naus da Índia e armadas por mercê de 1655-07-22¹⁰⁵². Em 1657-10-20 recebeu a mercê de capitão da companhia dos cria-

dos da Casa Real¹⁰⁵³. Recebeu em 1678-12-15 mercê de 80 mil reis de tença com o hábito de Cristo¹⁰⁵⁴ ordem em que foi cavaleiro professo. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1687-07-21¹⁰⁵⁵.

Casou com D. BRITES MARIA DA VEIGA, natural de Lisboa, filha do Dr. FERNÃO DE MATOS CARVALHOSA, chanceler-mor do Reino, e de D. ISABEL DA VEIGA; neta paterna de JORGE PEDROSO DE MATOS e de BRITES DE CARVALHOSA, do lugar do Gradil, e neta materna de ANDRÉ DE MATOS DE ALMADA e de D. LUÍSA DA VEIGA, naturais e moradores em Lisboa.

Filho:

VIII – RODRIGO PACHECO DE MACEDO

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1681-02-25¹⁰⁵⁶.

2(VII) – D. LUÍSA TERESA

Foi freira na Rasa, em Lisboa.

5(VI) – DUARTE SODRÉ DA GAMA
Morou na sua quinta de Casével, Santarém. Em 1626 contratou com seu cunhado Miguel de Vasconcelos a dispensa matrimonial de que carecia, para casar com sua prima co-irmã.

Casou com D. JOANA DE MACEDO PEREIRA, filha de VASCO DE FREITAS DE CASTANHEDA e de sua tia direita GUIOMAR DE MACEDO, como acima e adiante se diz.

Filho:

VII – VASCO SODRÉ DA GAMA

Viveu em Santarém.

Casou com D. MARIA DE MELO, filha de GASPAR MALHEIRO, mercador rico de Lisboa. Com geração, hoje representada pelo chefe dos Pereiras Coutinhos, Marqueses de Soidos.

2(V) – JORGE DE MACEDO LEITE

1048. T.T., Ementas, livro 2, fl. 4v.

1049. Para esta, seu casamento e sua descendência, segui MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 645.

1050. *Lista dos cavalleiros da Ordem de Christo ...* etc. cit., p. 423.

1051 Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 23, fl. 334v-335v.

1052. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 22, fl. 77v.

1053. *Livros de Matrículas ...* etc., cit., tomo II, p. 677

1054. Registo Geral das Mercês, Ordens Militares, livro 9, fl. 388v.

1055. Habilitação para o Santo Ofício, Diogo, maço 5, doc. 151.

1056. *Livros de Matrículas ...* etc., cit., tomo I, p. 485.



Em 1634 estava em Lisboa, para embarcar para as Índias de Castela¹⁰⁵⁷.

Casou com D. CATARINA METELA. Sem geração.

3(V) – ANTÓNIO LEITE PACHECO

Casou com

Filhos:

1(VI) – JORGE DE MACEDO LEITE
Morreu solteiro.

2(VI) –

Casou, sem geração.

3(V) – PEDRO DE MACEDO LEITE

Em 1634 estava em Lisboa, para embarcar para as Índias de Castela. Embarcou na armada da Baía.

4(V) –

Foi freira nas Donas de Santarém.

5(V) –

Foi freira nas Donas de Santarém.

6(V) – GUIOMAR DE MACEDO

Casou com seu parente VASCO DE FREITAS DE CASTANHEDA, como acima se disse.

2(IV) – D. LUÍSA DE MACEDO

Casou com DIOGO SOARES DE ARA-GÃO, filho de JOÃO REBELO DE ARA-GÃO e de D. MARIA DE MIRANDA.

3(IV) – BRITES DE MACEDO

Com seu segundo marido vendeu em 1593-08-31 uma vinha, que ela herdara do pai¹⁰⁵⁸.

Casou duas vezes: a 1ª com MIGUEL DA SILVA DO CASTELO; a 2ª com AIRES BOTELHO PEREIRA, fidalgo da Casa Real, filho de ÁLVARO BOTELHO CALDEIRA e de ANTÓNIA PEREIRA.

6(III) – FILIPA DE FREITAS

Foi nomeada 1ª administradora do morgado instituído por sua mãe, mas ignora-se se casou.

?7(III) – ANTÓNIO DE MACEDO

Foi moço de câmara da Casa Real¹⁰⁵⁹.

§2º

I – DIOGO DE MACEDO, o velho

Filho:

II – DIOGO DE MACEDO

Talvez fosse este que recebeu em 1561-07-07 carta de tabelião do público e judicial do lugar de Punhete¹⁰⁶⁰.

Casou com ISABEL BOTELHO.

Filho:

III – JULIANA DE MACEDO

Nasceu em Santarém.

Casou com ANTÓNIO MARQUES DE BARROS, filho de MARTIM ANES DE BARROS e de BRITES DE BARROS.

Filho:

IV – DUARTE DE MACEDO

Nasceu em Santarém. Morou em Lisboa. Foi fidalgo de cota de armas por carta de 1625-03-12¹⁰⁶¹.

§ 4º

I – JOÃO DE MACEDO

O facto de seu filho ter morado e obtido um ofício em Santarém leva-me a propor a sua aproximação a estes Macedos.

Acompanhou D. Sebastião à batalha de Alcácer-Quibir, onde ficou cativo. Em seu testamento, lavrado no cativo, em Tetuão, pediu ao Rei Filipe I que legitimasse seu filho, visto que não tinha herdeiros forçados.

Sendo solteiro, teve em MARTA NUNES, solteira, Filho natural:

II – GASPAR DE MACEDO

Morou em Santarém. Foi legitimado por carta régia de 1592-10-26.¹⁰⁶²

Parece o mesmo que, sendo escrivão dos órfãos de Santarém, renunciou a esse ofício, por se achar muito velho e doente e já não poder servir, o que foi confirmado por carta régia de 1635-10-11¹⁰⁶³.

1057. *Índex das Notas* ... etc. cit., tomo 2º, p. 84.

1058. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias* ...etc. cit., fl. 224.

1059. T.T., *Moradias da Casa Real*, maço 6, livro 1, fl. 74v.

1060. Chancelaria de D. Sebastião, *Doações*, livro 6, fl. 352.

1061. MACHADO, José de Sousa, *Brasões ineditos*, Braga, 1906, p. 52, e BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Collectânea*, cit., p. 143.

1062. Chancelaria D. Sebastião, *Perdões e Legitimações*, livro 22, fl. 348v.

1063. Chancelaria Filipe III, *Doações*, livro 39, fl. 290.



Capítulo 19º

Macedos, de Alenquer

I – RUI DIAS DE GOES¹⁰⁶⁴

Casou quatro vezes: a 1ª com INÊS DE OLIVEIRA DE MACEDO, que segundo alguns seria dos Macedos de Santarém; a 2ª FILIPA DE GOES, com geração, ao que creio representada pelo chefe dos Costas armeiros-mores, ou seja, o Conde de Mesquitela; a 3ª, sem geração, com ISABEL VIEIRA; a 4ª com ISABEL GOMES DE LIMY, de quem nasceu, entre outros, o grande Damião de Goes, com geração flamenga e austríaca, chefiada, pelo que julgo, pelo Conde de Goes; em Portugal a sua representação está, segundo penso, em Damião de Goes Sottomayor du Bocage.

Filhos do 1º casamento:

II – FRANCISCO DE MACEDO

Teve o casal dos Fornos, junto a Alenquer¹⁰⁶⁵. Parece ser o mesmo que era escudeiro da Casa Real, morava em Alenquer e foi perdoado por carta régia de 1501-08-07 dumas culpas em que incorrera no ano anterior, por ter pela força, acompanhando vários homens, obrigado certo amante de uma mulher do Tojal, no termo daquela vila, a casar com ela. Foi juiz e contador dos almoxarifados de Alenquer, cargo que já ocupava em 1516, e arrendador dos padroados reais, tendo passado quitação as rendeiros da igreja de Azambuja em 1526-08-08¹⁰⁶⁶. Foi eleito almotacé pela Câmara de Alenquer, mas recorreu para a Rainha, alegando que o cargo era muito inferior à qualidade da sua pessoa, e obteve despacho de escusa. Morreu em

1545-12-22 e foi sepultado na igreja do Espírito Santo daquela vila. Terá sido comendador da Ordem de Cristo.

Casou com BRIOLANJA PIRES filha de PEDRO AFONSO, cavaleiro, natural de Alenquer.

Filhos:

1(III) – SEBASTIÃO DE MACEDO

Nasceu em Alenquer¹⁰⁶⁷. Foi moço de câmara de D. Manuel I em 1528 com 406 reis por mês¹⁰⁶⁸. Em 1553 era cavaleiro da Casa do Cardeal D. Henrique, com 2000 reis por mês¹⁰⁶⁹. Em 1566 era camareiro do mesmo Cardeal¹⁰⁷⁰ e em 1568 guarda-roupa¹⁰⁷¹. Foi comendador da Ordem de Cristo, tendo recebido em 1529-06-09 20 mil reis de tença com o hábito desta Ordem¹⁰⁷², de que foi cavaleiro professo em 1533-05-11¹⁰⁷³. Morreu em 1570-07-05 e foi sepultado na igreja do Espírito Santo em Alenquer.

Casou com HELENA JORGE, natural de Évora, filha de JORGE GONÇALVES (ou FRANCISCO JORGE, homem honrado de Alenquer).

Filhos:

1(IV) – JORGE DE MACEDO

Em 1553 era moço-fidalgo da Casa do Cardeal Infante D- Henrique¹⁰⁷⁴. Serviu uma comenda em Mazagão e foi à Índia, para onde partiu em 1560-04-20, por capitão da nau *Rainha*¹⁰⁷⁵. Morreu em combate no cerco de Mazagão de 1562¹⁰⁷⁶. Sem geração.

2(IV) – SEBASTIÃO DE MACEDO, o “moço”¹⁰⁷⁷

1064. Para a descendência, seguiu bastante Guilherme J. C. Henriques, ob. cit., vol. I, pp. 78 e segs. e 157 e segs.

1065. Ver também o manuscrito *Colleccão de vários titulos genealogicos de familias de Portugal*, coligida por D. Tomás Caetano do Bem, vol. 3º, B.N.L., códice 1033, fls. 1v e segs.

1066. SOUSA, D. Flamínio de, Apontamentos, B.N.L., códice 10559, fl. 55.

1067. GOES, Damião de, *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, Bibliotheca de Classicos Portuguezes, Lisboa, vol. XI, 1911, p. 105.

1068. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo II, parte I, p. 463, e MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314v.

1069. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 347.

1070. GOES, Damião de, ob. cit., vol. XI, p. 105.

1071. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 1, fl. 171.

1072. Corpo Cronológico, parte 2, maço 156, doc. 36, e B.Ajuda, 49-XII-14, fl. 31.

1073. FARIA, António Machado de, ob. cit., p. 70.

1074. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 348.

1075. *Relação das Nãos ... etc. cit.*, p. 71.

1076. *Les Sources Inédites de l'Histoire du Maroc. France*, 1.e série, dynastie Saadienne, edição do Comte Henry de Castries, Paris, tome 1, p. 237, e MENDONÇA, Agostinho de Gavy de, *Historia do cerco de Mazagão*, Bibliotheca de Classicos Portuguezes, Lisboa, 1890, p. 102.

1077. Sobre este, ver AZEVEDO, Pedro de, “Sebastião de Macedo, o Moço”, *Arquivo Historico Portuguez*, vol. I, Lisboa, 1903, pp. 371-380.

Herdou a casa de seu pai. Foi vedor da Casa Real. Em 1553 era moço-fidalgo da Casa do Cardeal D. Henrique¹⁰⁷⁸ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1563-09-02¹⁰⁷⁹. Recebia em 1579 uma tença de 214 mil reis por ano¹⁰⁸⁰. Morreu em 1596-03-05 e foi sepultado na igreja do Espírito Santo em Alenquer. Casou duas vezes: a 1ª, sem geração, com GUIOMAR, filha de BALTAZAR (ou BELCHIOR) BARRETO; a 2ª com D. GUIOMAR DE SÁ, filha bastarda de ANTÓNIO DE SÁ e de LUÍSA DE FARIA.

Filha do 2º matrimónio:

V – D. SEBASTIANA DE SÁ (ou de MACEDO)

Herdou a fazenda do pai.

Casou com D. AFONSO DE VASCONCELOS E MENESES, senhor de Mafra.

Com geração, representada pelo Marquês de Ponte de Lima, a quem caberia, assim, a representação destes Macedos de Alenquer.

3(IV) – MANUEL DE MACEDO

Em 1568 era fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo com a tença de 20 mil reis por ano¹⁰⁸¹. Serviu uma comenda em Tânger. Teve a comenda de S. Vicente do Vimioso para tomar posse da qual outorgou uma procuração em 1582-07-05, quando morava em S. Mamede, Lisboa¹⁰⁸². Em 1591 vivia em Alenquer e era proprietário de uma casa em Évora¹⁰⁸³. Em 1592 tinha a comenda de Santa Vitória do Vimioso.¹⁰⁸⁴ Morreu em 1600 e foi sepultado na igreja do Espírito Santo em Alenquer.

4(IV) – FRANCISCO DE MACEDO

Foi morador da Casa do Cardeal D. Henrique¹⁰⁸⁵. Morreu em 1593-08-.. e foi sepultado na igreja do Espírito Santo em Alenquer. Vi

numa notícia, mas parece-me errado, que teria casado com Fulana DE PINA, da Azambuja e teria tido uma

Filha:

V – D. INÊS DE MACEDO

Casou duas vezes: a 1ª com PEDRO GOMES DE PINA, de Azambuja; a 2ª com TOMÁS NUNES BARRETO, do Porto.

5(IV) – BARTOLOMEU DE MACEDO

Foi cavaleiro da Ordem de Malta.

6(IV) – BRIOLANJA DE MACEDO

Recebia em 1579 uma tença régia¹⁰⁸⁶.

Casou com ANTÓNIO GOMES DE CARVALHO, senhor dum morgado instituído pelo pai, filho de JOÃO GOMES DE CARVALHO, fundador em 1553 dum convento de freiras da Ordem Seráfica.

Filhos:

1(V) – JOÃO GOMES DE CARVALHO

Morreu na Índia numa lançada¹⁰⁸⁷.

2(V) – SEBASTIÃO DE MACEDO DE CARVALHO

Sucedeu no morgado de seu pai. Foi moço-fidalgo da Casa Real., acrescentado a escudeiro com 1600 reis de moradia por mês, em 1576-08-20¹⁰⁸⁸. Em 1589-04-04 partiu na armada da Índia capitaneando a nau *Nazaré*¹⁰⁸⁹. Em 1602 partiu com a nau S. Francisco a cruzar a Coulão, tocou na Lagem e ficou na Índia¹⁰⁹⁰. Aí serviu e em Moçambique, onde foi capitão, pelo menos entre 1605 e 1608¹⁰⁹¹. Foi capitão da fortaleza de Diu desde 1611 até 1615, em que morreu¹⁰⁹² solteiro.

Filha:

1(VI) – D. GUIOMAR

Foi contemplada no testamento de seu tio

1078. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 348.

1079. FARIA, António Machado de, ob. cit., p. 71.

1080. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 41, fl. 218.

1081. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 1, fls. 147v e 171.

1082. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 386, e Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 2, fls. 241v e 217v, e livro 8, fl. 223.

1083. *Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora*, Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966, I volume, 189b.

1084. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 8, fl. 223.

1085. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, tomo VI, parte II, p. 348.

1086. Chancelaria D. Sebastião, Doações, livro 41, fl. 218.

1087. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc. cit.*, parte VI, parte II, fl. 348.

1088. Ementas, livro 2, fl. 138.

1089. *Relação das Náos ... etc. cit.*, p. 92.

1090. *Relação das Náos ... etc. cit.*, p. 107.

1091. BOCARRO, António, *Decada 13 ... etc. cit.*, parte II, p. 547.

1092. *Ibidem*, parte I, p. 204, e *Livro das Monções*, cit., tomo I, pp. 1, 2, 42, 72, 92, 117 e 226.

Jerónimo¹⁰⁹³.

Talvez fosse também filho de Sebastião de Macedo de Carvalho:

2(VI) – ANTÓNIO DE MACEDO

Serviu nas partes da Índia do Sul por 18 anos até 1611, achando-se em algumas ocasiões de guerra pelejando contra os inimigos. Ficou ferido e aleijado da mão esquerda, serviços pelos quais recebeu o cargo de feitor, alcaide-mor e vedor de obras da fortaleza de Diu por três anos, na vagante dos providos, conforme carta de 1614-02-22¹⁰⁹⁴. Serviu ainda na Índia desde 1609 até 1629, nas armadas do estreito da Pérsia, norte, Malabar, Sal e outras partes e nas fortalezas fronteiras, sendo soldado e capitão. Por esses serviços foi nomeado ouvidor da China por três anos em 1635-12-06 e escrivão da feitoria e alfândega de Mascate em 1636-12-06¹⁰⁹⁵.

3(V) – MANUEL DE MACEDO

Frade em Alcobaça, onde morreu em 1638. Foi monge de S. Bernardo e na sua mão ficou o testamento lavrado em Portugal por seu irmão Jerónimo¹⁰⁹⁶.

4(V) – FRANCISCO DE MACEDO E CARVALHO

Era fidalgo. Sucedeu a seu irmão nos morgados e padroados da casa. Serviu muitos anos na Índia, pelo menos desde 1614, em que foi capitão de um navio¹⁰⁹⁷. Em 1639 morava em Lisboa, em S. João da Praça, e fez então procuração, como herdeiro de seu irmão Jerónimo, chamado ao morgado por este instituído, a Marçal de Macedo, morador em Goa, e a Jorge Seco de Macedo, inquisidor na Índia. Marçal de Macedo era um dos cinco testamenteiros nomeados no testamento de seu irmão Jerónimo¹⁰⁹⁸. Este deixou-lhe ainda os serviços do “Sr. Sebastião de Macedo”, que talvez fosse o seu irmão acima mencionado com

o nº 2(V). Morreu em 1651.

Casou com D. MARIA DE VASCONCELOS, filha de D. AFONSO VASCONCELOS E MENESES.

Filho:

VI – SEBASTIÃO DE MACEDO DE MENESES (ou CARVALHO)

Morreu em 1651.

Filhos:

1(VII) – SEBASTIÃO DE MACEDO CARVALHO E MENESES

Sucedeu nos morgados.

Morreu solteiro em 1673.

2(VII) –

5(V) – JERÓNIMO DE MACEDO DE CARVALHO

Era fidalgo constituiu, com o remanescente dos seus legados, o morgado dos Macedos de Alenquer e foi para a Índia em 1615. Aí foi mandado para Malaca e China por capitão-mor de quatro galeotas com a incumbência de trazer tudo o que pudesse de cobre para a artilharia e pelouros de ferro. Teve a fortaleza de Chaúl. O vice-rei deu-lhe viagens para o Japão¹⁰⁹⁹. Morreu em Nagasaki, Japão, em 1632, tendo feito em 1626-10-28, no tronco de Vomura, no Japão. um codicilo a seu testamento, lavrado em Portugal¹¹⁰⁰.

Filha bastarda, havida em BEATRIZ PAIS, filha de MARIA ÁLVARES¹¹⁰¹:

3(VI) – D. VIOLANTE DE MACEDO

Foi freira em Alenquer¹¹⁰².

6(V) – TOMÁS DE MACEDO

Foi para o Brasil.

Foi moço-fidalgo da Casa Real.

Casou no Brasil com D. VITÓRIA DE GOES, filha de JÁCOME COELHO e de DAMIANA DE GOES.

Filho:

VI – ANTÓNIO COELHO DE GOES DE MACEDO

1093. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 3º, p. 147.

1094. Chancelaria de Filipe II, Doações, livro 30, fl. 187v.

1095. Chancelaria de Filipe II, Doações, livro 26, fl. 294v.

1096. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 3º, pp. 147-148.

1097. BOCARRO, António, *Decada 13* ... etc. cit., parte I, p. 222 e 327.

1098. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 3º, pp. 147-148.

1099. BOCARRO, António, *Decada 13* ... etc. cit., parte II, pp. 624-626, 631 e 696.

1100. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 3º, pp. 147-148.

1101. *Ibidem*.

1102. *Ibidem*.

Nasceu na cidade de Salvador, no Brasil. Serviu no Brasil¹¹⁰³ e no Alentejo, como capitão de cavalos. Por esses serviços recebeu uma comenda na Ordem de Cristo e uma pensão efectiva de 80 mil reis enquanto não disfrutasse a dita comenda, conforme portarias de 1660-02-03 e 1660-03-22¹¹⁰⁴. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1667-05-24¹¹⁰⁵, e fidalgo de cota de armas, para Coelhos, Macedos, Goes e Carvalhos¹¹⁰⁶.

Filho:

VII – JOSÉ COSME DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real em 1706-10-26, acrescentado no dia seguinte a fidalgo-escudeiro, com um total de 1600 reis de moradia¹¹⁰⁷.

Filho:

VIII – AGOSTINHO TOMÁS LUÍS DE MACEDO COELHO GOES E CARVALHO

Foi moço-fidalgo da Casa Real, acrescentado a fidalgo escudeiro em 1707-01-02¹¹⁰⁸. Morreu em 1786.

Filhos:

1(IX) – NICOLAU MANUEL DE MACEDO COELHO

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real. Morreu em Maio de 1786¹¹⁰⁹.

2(IX) – JOAQUIM JOSÉ DE MACEDO COELHO GOES E CARVALHO

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1787-07-22¹¹¹⁰.

7(V) – MARTIM GOMES DE CARVALHO
Casou na Índia com MARIA, filha de BAL-

TAZAR RODRIGUES, piloto-mor. Ela terá casado 2ª vez com Diogo de Mendonça.

Filhos:

1(VI) – JOÃO GOMES DE CARVALHO (ou DE MACEDO)

Recebeu de seu tio Jerónimo de Macedo de Carvalho os serviços que este havia feitos em Portugal¹¹¹¹. Foi fidalgo e comendador da Ordem de Cristo. Na qualidade de tutor dos filhos de Sebastião de Macedo de Meneses, seu primo co-irmão, outorgou procuração em Lisboa, em Abril de 1658, a duas pessoas estantes na Índia, para venda da sua fortaleza de Chaul e para cobrança da renda do seu palmão aos herdeiros de Marçal de Macedo, que fora fiador de seu padrao¹¹¹².

2(VI) – TOMÁS DE MACEDO

Em 1626 estava em Goa. Foi contemplado no testamento de seu tio Jerónimo de Macedo de Carvalho com 40 mil cruzados, sob condição de casar com D. Violante, filha natural dele, testador. Nele, Tomás, nomeou o dito seu tio, a fortaleza de Chaul¹¹¹³.

8(V) – D. ISABEL DE MACEDO

Recebia em 1579 uma tença régia¹¹¹⁴.

Casou com MANUEL PEIXOTO DA SILVA, 3º adail-mor do Reino em 1598, cavaleiro da Ordem de Cristo em 1607¹¹¹⁵, filho de PEDRO PEIXOTO DA SILVA e de D. GUIOMAR DA SILVA. Com geração, representada hoje pelo Marquês de Lindoso.

9(V) – D. BRIOLANJA DE MACEDO

Recebia em 1579 uma tença régia¹¹¹⁶.

10(V) – D. CLARA DE MACEDO

1103. FRANCO, Carvalho, *Nobiliário colonial*, 2ª edição, S. Paulo, s.d., p. 82.

1104. *Inventario dos livros das portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 247.

1105. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 50, fl. 71v.

1106. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 39, e MACHADO, José de Sousa, *Brasões ineditos*, cit., p. 8; mas a data de Abril de 1563, está evidentemente errada, pois este António nasceu decerto já no séc. XVII; a data certa seria talvez 1653.

1107. Mercês de D. Pedro II, livro 17, fl. 205.

1108. Mercês de D. João V, livro 1, fl. 286.

1109. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ...*, cit., tomo I, p. 437.

1110. *Ibidem*.

1111. *Índex das notas ... etc.* cit., tomo 3º, pp. 147-148.

1112. *Índex das notas ... etc.* cit., tomo 2º, p. 188.

1113. *Índex das notas ... etc.* cit., tomo 3º, pp. 147-148.

1114. Chancelaria D. Sebastião, Doações, livro 41, fl. 218.

1115. *Lista dos cavalleiros da Ordem de Christo ... etc.* cit., p. 420.

1116. Chancelaria D. Sebastião, Doações, livro 41, fl. 218.

2(III) – JERÓNIMO DE MACEDO

Foi coudel-mor em Évora¹¹¹⁷. Recebia em 1579 uma tença régia¹¹¹⁸. Foi fidalgo-escudeiro da Casa Real¹¹¹⁹.

Casou duas vezes: a 1ª com LUÍSA DE SEQUEIRA, natural de Montemor-o-Novo¹¹²⁰; a 2ª com Fulana DE VASCONCELOS.

Filhos do 1º casamento:

1(IV) – MANUEL DE MACEDO DE SEQUEIRA

Foi criado de D. Duarte, filho do Duque de Bragança e viveu em Évora. Foi moço-fidalgo da Casa Real¹¹²¹.

Casou com ISABEL RIBEIRA DE FARELÃES, filha de JOÃO RIBEIRO, escrivão da Câmara, que morreu em Alcácer Quibir, e de LUÍSA FARELÃES, de Évora.

Filhos:

1(V) – FRANCISCO DE MACEDO DE SEQUEIRA

Foi moço-fidalgo da Casa Real. Morou em Arraiolos. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1651-11-15¹¹²².

Casou com D. MARGARIDA COELHO, filha de GASPAR COELHO e de LEONOR RIBEIRA, naturais de Arraiolos.

2(V) – JOÃO DE MACEDO DE SEQUEIRA

Sucedeu a seu sogro no cargo de contador-geral da cidade de Évora, por carta de 1639-11-23¹¹²³. Foi capitão de Infantaria e, em 1644-05-22, familiar do S.to Ofício. Foi coudel-mor de Évora.

Casou duas vezes: a 1ª com D. CATARINA DE CARVALHO, filha de LUÍS RODRIGUES MATOSO, ouvidor e contador-geral de Évora, e de ISABEL FRANCISCA; a 2ª, sem geração, com D. FRANCISCA DE CEPEDA, filha de TOMÉ DE CEPEDA e de ISABEL RODRIGUES MATOSO, natu-

rais de Évora.

Filhos do 1º casamento:

1(VI) – MANUEL DE MACEDO

Sucedeu a seu pai no ofício de coudel-mor de Évora.

Casou com D. ANTÓNIA DA SILVEIRA, filha do padre JOÃO VELHO, prior de S. Mamede, e de sua amiga ISABEL DA FONSECA.

2(VI) – FRANCISCO DE MACEDO DE SEQUEIRA

Nasceu em Évora. Era fidalgo da Casa Real, quando, em 1689-03-11, obteve carta de familiar do Santo Ofício¹¹²⁴.

Casou com D. MARGARIDA TERESA PASSANHA (ou DE BARROS), natural do Vimieiro, filha de JOÃO DE BARROS DE BRITO, natural de Estremoz, e de D. MARIANA PESSANHA, natural de Évora, neta paterna de AFONSO DE BARROS e de MADALENA MENDES, naturais do Vimieiro, neta materna de LUÍS PASSANHA PAIS e de JOANA MADEIRA, naturais de Évora.

Filhos:

1(VII) – D. MARIANA

Foi baptizada em Évora, Santo Antão, em 1671-03-14.

2(VII) – JOÃO DE MACEDO DE SEQUEIRA

Nasceu no Vimieiro e foi baptizado em Évora, Santo Antão, em 1674-05-26. Foi fidalgo da Casa Real e familiar do Santo Ofício.

Casou com D. FILIPA MARIA FALCÃO (ou DE FARIA RAVASCO), filha de SEBASTIÃO DA FONSECA FALCÃO, escrivão da Câmara de Évora e familiar do Santo Ofício, e de D. BRITES FRANCISCA DE FARIA RAVASCO.

1117. Habilitação para o Santo Ofício de João de Macedo Sequeira, João, maço 4, doc. 150; segui a sua descendência em GUIMARÃES, Gonçalo, ob. cit., vol. VI, “Título de Macedo Sequeira Reimão”; ver também GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, pp. 31 e 36.

1118. Chancelaria D. Sebastião, Doações, livro 41, fl. 218.

1119. *Inventário Artístico de Portugal, VII, Concelho de Évora*, I volume, p. 179a, e Ementas, 5, 229.

1120. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Macedo de Sequeira, Francisco, maço 7, doc. 272, e de João de Macedo Sequeira, cit.

1121. *Ibidem*.

1122. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Macedo de Sequeira, cit.

1123. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 36, fl. 126v.

1124. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Macedo de Sequeira, Francisco, maço 10, doc. 363.

Filho:

VIII – FRANCISCO DE MACEDO DE SEQUEIRA

Foi baptizado em Évora, Santo Antão, em 1712-08-16. Foi moço-fidalgo e fidalgo-cavaleiro da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1737-09-20¹¹²⁵ e familiar do Santo Ofício por carta de 1740-10-16¹¹²⁶. Morreu em Évora, em 1773-11-25.

Casou duas vezes: a 1ª em Évora, Santo Antão, em 1728-04-03, com D. JOSEFA FRANCISCA DE SOUSA REIMÃO, filha herdeira de LUÍS DE SOUSA REIMÃO, familiar do Santo Ofício¹¹²⁷, capitão-mor do Cano, e de D. CATARINA MENDES DE CARVALHO; a 2ª em Coruche, S. João Baptista, em 1734-05-08, com D. MARIA TERESA DE SOUSA PASSANHA, filha de JOÃO VIEGAS PEREIRA, escrivão da Provedoria de Santarém, e de D. LEONOR TERESA DE SOUSA PASSANHA.

Com geração¹¹²⁸, ao que creio representada pelo Visconde de Barcelinhos, D. José Gil de Borja Macedo e Meneses.

3(VI) – LUÍS DE MACEDO

Foi freire da Ordem de Avis.

3(V) – JERÓNIMO DE MACEDO

4(V) – D. CATARINA DE SEQUEIRA

Casou com MANUEL VAZ PRETO, com geração.

2(IV) – LUÍS DE MACEDO

Morreu moço.

3(IV) – MARTA DE MACEDO

Morreu solteira.

4(IV) –

Freira em Santa Mónica de Évora.

5(IV) –

Freira em Santa Mónica de Évora.

3(III) – FRANCISCO DE MACEDO

Parece ter sido clérigo e cónego em Évora.

4(III) – MANUEL DE MACEDO

Foi prior de Cós.

5(III) – INÊS DE OLIVEIRA

Casou com JOÃO BORGES, fidalgo da Casa Real, juiz dos órfãos de Alenquer, filho de ÁLVARO BORGES.

Filhos:

1(IV) – SEBASTIÃO BORGES DE MACEDO

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real e foi à Índia em 1554¹¹²⁹.

2(IV) – DAMIÃO BORGES DE MACEDO

Foi fidalgo da Casa do Cardeal D. Henrique¹¹³⁰.

Casou com D. INÁCIA FERREIRA.

Filho:

V – MANUEL BORGES DE MACEDO

Casou com D. INÊS DE MELO, filha do corregedor BRÁS FRAGOSO¹¹³¹.

Filha:

VI – D. MARIANA BORGES

Casou com ANTONIO DE MIRANDA HENRIQUES.

Com geração.

3(IV) – LUÍSA BORGES

Casou com GARCIA LOBO, da quinta do Alvito em Alenquer. Com geração, nomeadamente Garcês Palhas de Almeida.

6(III) – MARIA DE MACEDO

Casou com MANUEL BORGES.

Filho:

IV –

Filha:

V – D. MARIA DE MACEDO

Casou com SIMÃO BORGES DE CASTRO, fidalgo¹¹³².

Filhos:

1(VI) – FERNÃO BORGES DE CASTRO

2(VI) – MANUEL BORGES DE CASTRO

1125. Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 209, fl. 20.

1126. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Macedo Sequeira, Francisco, maço 60, doc. 1171.

1127. Habilitação para o Santo Ofício de João de Macedo Sequeira Reimão, João, maço 91, doc. 1556.

1128. Que pode seguir-se em GUIMARÃES, Gonçalo, loc. cit.; ver também VARELLA, Luis Soveral, *Os Guerreiro da comarca de Ourique*, Lisboa, 2011, pp. 149-151, e AZEVEDO, Marcelo Olavo Correia d', "Ascendência e descendência de D. Joana Gil de Borja de Macedo e Meneses e de seu irmão D. José Gil de Borja de Macedo e Meneses", *Armas e Troféus*, VI série, 1987/8, pp. 85 e segs.

1129. REGO, Rogério de Figueiroa, *Soldados da Índia. Século XVI*, Torres Vedras, 1956, p. 83.

1130. MORAIS, Alão de, ob. cit. vol. I, p. 683, e *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, pp. 149, e 326.

1131. MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. I, p. 683.

1132 *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, pp. 226 e 299.

Capítulo 20º

Macedos, de Setúbal

§1º

I – FERNANDO AFONSO VELHO¹¹³³

Foi vedor do infante D. Fernando.

Filhos

II – NUNO FERNANDES VELHO

Viveu com a mulher em Azeitão.

Casou com ISABEL DE MACEDO, filha de JOÃO DE MACEDO e de BRANCA DE FARIA (ou DE SOUSA).

Filhos:

1 (III) – JOANE MENDES DE MACEDO

Recebeu ordens menores em Évora em 1480¹¹³⁴.

Pelos seus serviços recebeu sua viúva, em 1522, uma tença de 10 mil reis.

Casou com FILIPA BORGES¹¹³⁵.

Filhos:

1 (IV) – NUNO FERNANDES DE MACEDO

Foi à Índia por capitão de uma nau e lá serviu bem. Em 1515 foi por comandante dum embarcação numa missão à costa da Arábia, sob o comando geral de D. Aleixo de Meneses¹¹³⁶. Em 1520 comandava um dos navios redondos da frota que foi à cidade de Juda¹¹³⁷.

Filhos:

1 (V) – MANUEL DE MACEDO

Serviu na Índia muito bem. Em 1522 foi por comandante dum navio numa armada que saiu de Chaul para socorrer Ormuz¹¹³⁸. Foi capitão de Chaul, o que prendeu o rei

Xarafo e o trouxe para o Reino. Voltou à Mina por capitão desta fortaleza.

Foi fidalgo da Casa Real, tendo recebido em 1523-01-27 uma tença que nele renunciou sua mãe, pelos serviços de seu pai.¹¹³⁹ Partiu para a Índia na armada de 1523¹¹⁴⁰, por capitão do galeão *Santo Espírito*. Invernou em Chaul¹¹⁴¹. Ali participou em 1525 numa expedição a Calecut comandada pelo governador¹¹⁴², que desbaratou o Samorim. Em 1526 comandava um galeão¹¹⁴³, e nesse mesmo ano uma galeota que, entre outras foram mandadas limpar a costa de Cochim de corsários¹¹⁴⁴, e um galeão, no qual foi com o governador a Ormuz¹¹⁴⁵. Em 1528-09-01 partiu e foi direito a Ormuz¹¹⁴⁶. Em 1538-04-20 partiu no comando dum navio, que se perdeu detrás do cabo do Comorim, numa ilha rasa, defronte de Calicaré. Fez aí uma tranqueira, em que se defendeu da gente da terra, com quem pelejou.¹¹⁴⁷

Terá casado com D. MÉCIA DE NORONHA, filha de D. FRANCISCO DE SOUSA e de D. MARIA DE NORONHA.

Filhos do casamento:

1 (VI) – NUNO FERNANDES DE MACEDO

Morreu solteiro, sem geração.

2 (VI) – D. JOANA DE VILHENA

Casou com D. MANUEL DE MONROY. Sem geração.

3 (VI) – D. ANA

Foi freira em Monchique.

1133. Quando outra coisa não referir, baseei-me em GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 19º, pp. 29-30, com a prevenção de que é pouca a fiabilidade do autor, para estas épocas; mas tive também presente CUNHA, D. Rodrigo da, *Nobiliário das famílias illustres de Portugal*, com notas de D. Francisco de Meneses, cónego de Évora, B.N.L., Códice 986.

1134. PEREIRA, Isaías da Rosa, *Matrículas de Ordens da Diocese de Évora (1480-1483)*, Academia Portuguesa da História, 1990, p. 120.

1135. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 313.

1136. anónimo (jesuíta), *Conquista da Índia per humas e outras Armas Reaes e Evangelicas*, códice 1646 da Colecção Egerton do Museu Britânico, publicada em *Documentação Ultramarina portuguesa*, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, dir. A. da Silva Rego, Lisboa, vol. I, 1960, p. 325.

1137. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 46.

1138. CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, cit., vol. 2º, p. 695.

1139. *Ibidem*.

1140. FREIRE, Braamcamp, *Emmenta ... etc.* cit., p. 22.

1141. *Relação das Náos ...*, etc. cit., pp. 38 e 39, e MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314.

1142. SOUSA, Frei Luís de, *Anais de D. João III*, Clássicos Sá da Costa, Lisboa, 2ª edição, 1951, vol. I, p. 245.

1143. *Ibidem*, p. 291.

1144. *Ibidem*, p. 297.

1145. *Ibidem*, p. 302.

1146. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, 1979, p. 549, e *Relação das Náos ...*, etc. cit., p. 92.

1147. *Relação das Náos ...*, etc. cit., p. 48, e FREIRE, Braamcamp, *Emmenta ... etc.* cit., p. 29.

Filho bastardo de Manuel de Macedo:

4(VI) – FRANCISCO DE MACEDO

Casou com

Filhos:

1(VII) – MANUEL DE MACEDO

Não casou, Mas de sua manceba teve

Filhos:

1(VIII) – NUNO DE MACEDO

Casou com, filha de CRIS-
TÓVÃO BORGES CORTE-REAL.

2(VIII) – D. Fulana de MACEDO

Foi freira no Paraíso de Évora.

2(VII) – D. LUÍSA DE MACEDO

Casou com FRANCISCO DE BRITO
DA SILVA, de Évora.

2(V) – FRANCISCO DE MACEDO

3(V) – HENRIQUE DE MACEDO

Serviu na Índia. Em 1520 comandava um dos navios redondos da frota que foi à cidade de Juda¹¹⁴⁸. No ano seguinte estava ao comando dum caravela que, com outros navios estacionavam no porto de Diu¹¹⁴⁹. Em 1522 seguiu comandando um navio da armada que saiu de Chaul para socorrer Ormuz¹¹⁵⁰. Comandava um galeão da armada que partiu de Goa em 1524, para o Estreito¹¹⁵¹. Foi capitão dum navio importante em 1525 numa expedição a Calecut comandada pelo governador, que desbaratou o Samorim¹¹⁵². Em 1526 comandava um galeão¹¹⁵³, e nesse mesmo ano uma galeota que, entre outras foram mandadas limpar a costa de Cochim de corsários¹¹⁵⁴. Prestou obediência ao novo governador Lopo Vaz de S. Paio, nessa altura em disputa com Pedro Masca-

renhas, em Abril de 1527¹¹⁵⁵. Em agosto desse ano sustentou uma peleja do seu galeão contra 33 fustas, na ponta de Diu, tendo os mouros acabado por fugir, mas deixando o navio muito danificado¹¹⁵⁶. Em 1528, comandando um galeão latino, atacou no mar, uma nau muito grande de rumes, com muita gente armada, perto de Caxem. A nau foi incendiada e afundou-se morrendo todos os ocupantes¹¹⁵⁷. Em 1530 comandou uma galé numa enorme armada que partiu de Goa para Diu¹¹⁵⁸. Em Fevereiro de 1531 tomou parte na conquista da ilha de Bete ou dos Mortos¹¹⁵⁹. No mês seguinte participou no ataque a Diu¹¹⁶⁰. Em 1533 fez parte da armada, comandando um galeão, que partiu de Goa para tomar Baçaim¹¹⁶¹. Em 1536 participou activamente na tomada da ilha de Repelim¹¹⁶². Deve ter depois regressado temporariamente ao reino. Mas em 1542-04-23 partiu de novo para a Índia capitaneando a nau *Vigua*¹¹⁶³. Foi despachado para capitão de Cananor em 1554¹¹⁶⁴

2(IV) – MANUEL DE MACEDO

Sem geração.

3(IV) – HENRIQUE DE MACEDO

Casou com D. ISABEL DE MENESES, filha de D. BERNARDIM DA SILVA (ou DE ALMEIDA)

Filho:

V – FERNÃO DE MACEDO

4(IV) – JOANE MENDES DE MACEDO

Parece ser este o que serviu na Índia e prestou obediência ao novo governador Lopo Vaz de S. Paio, nessa altura em disputa com Pedro

1148. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 46.

1149. *Ibidem*, p. 88.

1150. CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, cit., vol. 2º, p. 695.

1151. *Ibidem*, p. 780.

1152. SOUSA, Frei Luís de, ob. cit., vol. I, p. 245.

1153. *Ibidem*, p. 291.

1154. *Ibidem*, p. 297, e CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, cit., vol. 3º, p. 135.

1155. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 419.

1156. *Ibidem*, pp. 488-489.

1157. CORREIA, Gaspar, *Lendas da Índia*, cit., vol. 3º, p. 272, e CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 486

1158. *Ibidem*, pp. 391 e 393.

1159. *Ibidem*, p. 402.

1160. *Ibidem*, p. 413.

1161. *Ibidem*, p. 465.

1162. *Ibidem*, p. 768.

1163. *Relação das Nãos ...*, etc. cit., p. 56.

1164. COUTO, Diogo do, *Da Ásia de Diogo do Couto*, Edição da Livraria Sam Carlos, Lisboa, 1974 (fac-similada da de 1778 a1788), *Decada sexta*, parte 2ª, p. 523.

Mascarenhas, em Abril de 1527¹¹⁶⁵.

Filhos:

1(V) – MANUEL DE MACEDO

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1500 reis de moradia em 1540/41¹¹⁶⁶.

2(V) – JOANE MENDES DE MACEDO

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia em 1540/41¹¹⁶⁷.

3(IV) – FRANCISCO DE MACEDO

Segundo D. Luís Lobo da Silveira¹¹⁶⁸. Mas nada o confirma, nem acho outra notícia sobre ele

2(III) – MANUEL DE MACEDO

3(III) – MARTIM DE MACEDO

Era primo de João Mascarenhas e de Nuno Gonçalves.

Foi fidalgo da Casa do Duque de Viseu. No exercício do seu cargo de juiz em Setúbal, foi em 1491-04-12 perdoado da acusação de resistir a deixar-se prender na sequência duma querela que lhe tinham movido os culpados na morte do referido João Mascarenhas¹¹⁶⁹.

Filhos:

1(IV) – NUNO DE MACEDO

Serviu em Ceuta. Foi moço-fidalgo da Casa Real, com 800 reis de moradia¹¹⁷⁰, acrescentado a escudeiro da mesma casa em 1520-01-17¹¹⁷¹.

Morreu antes de 1533, ano em que a viúva e os demais herdeiros receberam 13 mil reis¹¹⁷².

Casou com BÁRBARA DE MACEDO, como se dirá no capítulo 21º – Macedos, da ilha do Faial.

Filhos:

1(V) – MARTIM DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real com 1000

reis de moradia¹¹⁷³.

2(V) – NUNO DE MACEDO

Era morador da Casa Real, quando embarcou para a Índia, na armada de 1547¹¹⁷⁴.

Casou na Praia, ilha Terceira, com D. BEATRIZ DE SOUTO CARDOSO, filha de PEDRO GONÇALVES DO SOUTO e MARGARIDA CARDOSA. Sem geração¹¹⁷⁵.

2(IV) – DIOGO DE MACEDO

Parece ser este o que serviu na Índia e prestou obediência ao novo governador Lopo Vaz de S. Paio, nessa altura em disputa com Pedro Mascarenhas, em Abril de 1527¹¹⁷⁶. Em 1528 era capitão-mor do mar de Malaca¹¹⁷⁷.

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real com 1200 reis de moradia em 1518¹¹⁷⁸.

3(IV) – MARTIM DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real, acrescentado em 1526¹¹⁷⁹.

4(IV) – JOÃO DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia em 1518¹¹⁸⁰, acrescentado a escudeiro-fidalgo com 1200 reis¹¹⁸¹.

5(IV) – JORGE DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real acrescentado a escudeiro-fidalgo com 1200 reis de moradia em 1532¹¹⁸².

Segundo alguns nobiliários casou com BRITES MENDES.

Filho:

V – DIOGO DE MACEDO

Morou em Setúbal. Foi moço-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia em 1602-04-28, acrescentado no dia seguinte a fidalgo es-

1165. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 419.

1166. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314v.

1167. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

1168. *Nobiliário novo*, manuscrito, 1622, *mibi*, fl. 182.

1169. Chancelaria de D. João II, livro 10, fl. 133.

1170. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315v.

1171. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314.

1172. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315v.

1173. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

1174. FREIRE, Braamcamp, *Emmenta* ... etc. cit., p. 50.

1175. FORJAZ, Jorge, e MENDES, António Ornelas, *Genealogias das Quatro Ilhas* ... etc. cit., vol. 4º, p. 2784.

1176. CASTANHEDA, Fernão Lopes de, ob. cit., vol. II, p. 419.

1177. *Ibidem*, p. 514.

1178. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314.

1179. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315v.

1180. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 314.

1181. HENRIQUES, Nuno Gorjão, e HENRIQUES, Miguel Gorjão, *Gorjão Henriques*, Lisboa, 2006, vol. I, p. 350, de quem tirei, com a devida vénia, vários dados abaixo expostos.

1182. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

cudeiro da Casa Real, com 1200 reis¹¹⁸³. Foi guarda-mor da Saúde da vila de Setúbal, desde 1610, tendo servido o dito ofício com satisfação. Por isso, e por se achar muito velho e debilitado, foi-lhe concedida mercê de poder renunciá-lo em seu filho João, conforme alvará para valer como carta de 1629-05-02¹¹⁸⁴.

Casou em Setúbal, S. Julião, em 1586-04-16¹¹⁸⁵, com LUÍSA CORREA DE BRITO, filha de DIOGO MENDES CORREIA e de GENEBRA PESSANHA.

Filho:

VI – JOÃO MENDES DE MACEDO

Nasceu em Santarém. Foi moço-fidalgo da Casa Real e guarda-mor da saúde de Setúbal. Casou com D. ISABEL PEREIRA PACHECO, já viúva.

Filha:

VII – D. LUÍSA FRANCISCA DE MACEDO

Casou em Setúbal, S. Julião, em 1650-03-26 com MATIAS BOTADO. Com geração, que creio presentemente chefiada pela representante da família Gorjão Henriques.

6(IV) – JERÓNIMO DE MACEDO

Foi moço-fidalgo da Casa Real acrescentado a escudeiro-fidalgo com 1200 reis de moradia

em 1532¹¹⁸⁶. Sendo fidalgo cavaleiro da Casa Real, embarcou para a Índia na armada de 1538¹¹⁸⁷.

4(III) – DIOGO DE MACEDO

5(III) – GENEBRA DE MACEDO

Não é de excluir que fosse destes uma “mulher viúva moradora em Azeitão”, parenta de Simão de Sousa, que em 13 de Julho de 1534 teve de pagar ao almoxarife das renda da fruta de Lisboa, 20 mil reis como fiadora de rendeiro dessa sisa João Fernandes¹¹⁸⁸.

§ 2º

É possível que o Manuel de Macedo a seguir referido fosse o mesmo acima mencionado com o n.º 1(VII), filho de Francisco de Macedo, que era filho bastardo de outro Manuel de Macedo, um dos grandes comandantes de navio da Índia. O local e a data acertam. O *status* é compatível. Como simples hipótese o incluo aqui.

I – MANUEL DE MACEDO

Filho:

II – ESTÊVÃO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Em 1651-02-18 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, sob condição de ir à Índia¹¹⁸⁹.

1183. HENRIQUES, Nuno Gorjão, e outro, ob. cit., p. 351.

1184. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 23, fl. 117v.

118. Assentos Paroquiais, Setúbal, S. Julião, Casamentos, livro 1, fl. 80v, e HENRIQUES, Nuno Gorjão, e outro, ob. cit., p. 353.

1186. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

1187. FREIRE, Braamcamp, *Emmenta* ... etc. cit., p. 39.

1188. Corpo Cronológico, parte 1, maço 55, doc. 97.

1189. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 233.

Capítulo 21º**Macedos, da ilha do Faial****I – JERÓNIMO FERNANDES¹¹⁹⁰**

Filha:

II – BRITES DE MACEDO

Morreu em 1531, ou pouco depois, pois naquele ano ditou um codicilo ao seu testamento.

Casou com JORGE DE UTRA, natural da Flandres, capitão da ilha do Faial, onde morreu em 1495.

Filhos:

1(III) – JORGE DE UTRA

Foi segundo capitão donatário das ilhas de Faial e Pico, em 1509-05-31 e escudeiro-fidalgo da Casa Real. Morreu com testamento aprovado em 1549.

Casou na ilha Terceira com ISABEL CORTE REAL, irmã dos navegadores Gaspar e Miguel Corte Real, filhos todos do donatário de Angra, JOÃO VAZ CORTE REAL, capitão donatário da Angra, e de MARIA ABARCA.

Filhos:

1(IV) – MANUEL DE UTRA CORTE REAL

Nasceu no Faial. Foi capitão donatário desta ilha em 1530. Morreu em 1553 em Santarém.

Casou duas vezes, com geração, extinta.

2(IV) – FRANCISCA CORTE REAL

Morreu de parto e, nela, também, a criança.

Casou com HEITOR RODRIGUES, mercador.

Filho natural de Jorge de Utra, havido em ISEU PINHEIRO, solteira:

3(IV) – JORGE DE MACEDO

Foi ouvidor das ilhas do Faial e do Pico em 1565.

Com geração, ao que parece, na ilha do Pico.

2(III) – FRANCISCO DE UTRA

Morreu em vida de sua mãe, solteiro.

3(III) – FERNÃO DE MACEDO

Casou com ANA GONÇALVES BOTELHO, da ilha de S. Miguel, filha de GONÇALO VAZ BOTELHO, o moço.

Filhos:

1(IV) – BEATRIZ DE MACEDO

Casou com GASPAS HOMEM DA COSTA, filho de LUÍS FERNANDES DA COSTA e de ISABEL DIAS.

Filhos:

1(V) – JORGE HOMEM DA COSTA

Casou em Vila Franca com MARQUESA DE MAGALHÃES.

2(V) – ANTÓNIO DE MACEDO

Morreu em Vila Franca.

Casou com MARGARIDA (ou MADALENA) ÁLVARES. Com geração.

3(V) – JOÃO HOMEM DA COSTA

Ausentou-se.

4(V) – MANUEL DE MACEDO

Ausentou-se.

5(V) – BRÁS DE MACEDO HOMEM

Foi sacerdote,

6(V) – ISABEL DE MACEDO

Morreu moça.

7(V) – ANA DE MACEDO

Casou na Lagoa com CRISTÓVÃO DE FARIA. Com geração.

8(V) – BEATRIZ DE MACEDO

Morreu na Ribeira Grande em 1613-12-28.

Casou com CRISTÓVÃO MARTINS. Com geração.

2(IV) – ISABEL DE MACEDO

Casou com NUNO GONÇALVES BOTELHO¹¹⁹¹, filho de JORGE NUNES BOTELHO, cavaleiro-fidalgo e fidalgo de cota de armas, e de MARGARIDA TRAVASSOS CABRAL.

Filhos:

1(V) – JORGE BOTELHO

Casou com ISABEL DE SOUSA. Com geração.

2(V) – ANDRÉ BOTELHO

Foi para as Índias de Castela.

3(V) – FERNÃO DE MACEDO BOTELHO, o “Esquerdo”

Esteve na Índia. Foi partidário de D. Antó-

1190. Para este título segui, com a devida vénia, as monumentais obras de FORJAZ, Jorge, e MENDES, António Ornelas, *Genealogias das Quatro Ilhas ... etc. cit.*, e *Genealogias da Ilha Terceira*, Dislivro Histórica, Lisboa, 2007; e ainda SERPA, António Ferreira de, “Flamengos na Ilha do Faial – A Família Utra (Hurtere)”, *Arquivo do Conselho Nobiliarchico de Portugal*, Lisboa, 1928, pp. 123 a 284, e RODRIGUES, Rodrigo, *Genealogias de São Miguel e Santa Maria*, Lisboa, 2008, vol. 3º, pp. 1622 e segs.

1191. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 35.

nio, Prior do Crato. Era fidalgo e, em 1587-06-10, cavaleiro professo da Ordem de Cristo¹¹⁹².

Casou com ISABEL DE MELO. Com geração.

4(V) – MANUEL CABRAL BOTELHO

Casou com INÊS FERREIRA, com geração.

5(V) – PEDRO BOTELHO

Casou com LEONOR VAZ, da Ilha Terceira. Com geração na vila da Praia.

3(IV) – JERÓNIMO TEIXEIRA

Morou em Ponta delgada.

Casou com MARGARIDA BARBOSA.

4(IV) – MANUEL DE MACEDO

Foi morto em Ponta Delgada, com um tiro de besta.

Casou na Maia, a furto.

Filhas:

1(V) –

Morreu solteira.

2(V) –

Morreu solteira.

4(III) – D. ISABEL DE UTRA DE MACEDO

Casou duas vezes: a 1^a, no Faial, com FRANCISCO DA SILVEIRA; a 2^a, antes de 1523, com D. RODRIGO DE MENESES, comendador de Grândola, filho de D. JOÃO DE MENESES, senhor de Cantanhede, e de D. LEONOR DA SILVA.

Filhos do 1^o casamento:

1(IV) –

Filho do 2^o casamento:

2(IV) – D. VICENTE DE MENESES

Morreu na Índia, sem geração.

5(III) – D. BEATRIZ DE MACEDO

Casou com ÁLVARO PESSANHA, viúvo, senhor do morgado de Santa Catarina, em Alenquer, filho de JORGE PESSANHA.

6(III) – JOANA DE MACEDO

Casou duas vezes: a 1^a com o célebre embusteiro

MARTIN BEHAIM, natural de Nuremberg, que morreu em Portugal em 1507-07-29; a 2^a, em 1507 ou 1508, com D. HENRIQUE DE NORONHA, filho de D. HENRIQUE DE NORONHA, o “Sardinha”, e de D. MÉCIA.

Filho do 1^o casamento:

1(IV) – MARTIN BEHAIM

Nasceu em 1489-04-06. Sem geração, que se saiba.

Filho do 2^o casamento:

2(IV) – D. FRANCISCO DE NORONHA

Foi morto pelos mouros em Ceuta, solteiro.

7(III) – D. ROSA DE MACEDO

Casou com DOMINGOS MARTINS HOMEM, natural da ilha Terceira, fidalgo da Casa Real, filho de ANTÃO MARTINS HOMEM, fidalgo da Casa Real, capitão donatário da Praia em 1483.

Filhos:

1(IV) –

8(III) – CATARINA DE MACEDO

Foi dama da Infanta D. Beatriz. Morreu em vida de sua mãe.

Casou com RUI DE BARROS, natural da Madeira, filho de PEDRO GONÇALVES DA CLARA e de ISABEL DE BARROS.

Filhos:

1(IV) –

9(III) – BÁRBARA DE MACEDO

Casou com NUNO DE MACEDO, como se viu no capítulo 20^o – Macedos, de Setúbal.

10(III) – MARIA DE MACEDO

Casou com JOÃO NUNES HOMEM, filho de GONÇALO NUNES HOMEM.

Filha:

IV – D. HELENA NUNES HOMEM (ou DE MACEDO).

Casou com seu primo GASPAS DE UTRA CORTE REAL, como se viu acima.

1192. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 7, fl. 90.

Capítulo 22º

Macedos Rangeis

I – D. DIOGO DIAS RANGEL¹¹⁹³

Foi abade comendatário do mosteiro de Vilela.

Filhos ilegítimos:

1(II) – ALEXANDRE RANGEL

Serviu nas Índias de Castela, onde dizem que foi governador de Potosi.

Casou em Ancede com Fulana PINTA, filha de PEDRO DIAS, de Esmoriz, e de BRITES PINTA.

Filhos:

1(III) – ANTÓNIO PINTO RANGEL

Foi abade de Santo Isidoro.

2(III) – PANTALEÃO PINTO RANGEL DE MACEDO

Casou com Fulana DA GRÁ.

Filhos:

1(IV) – VICENTE RANGEL

Foi escrivão da correição da comarca do Porto.

Filhos:

1(V) – ALEXANDRE RANGEL

Foi clérigo, abade de Santo Isidoro. Com geração bastarda.

2(V) – ANTÓNIO PINTO

Foi frade de S. Bento.

3(V) – VICENTE RANGEL

Foi frade, duas vezes geral de S. Bento.

4(V) – BRÁSIA PINTO

Casou com GONÇALO FERNANDES VIEIRA.

Filhos:

VI – PANTALEÃO PINTO RANGEL

Foi escrivão da correição da comarca do Porto. Renunciou o ofício na filha e fez-se clérigo.

Filha natural:

VII –

Casou com BRÁS SOARES, que teve o ofício de seu sogro.

Filha:

VIII –

Morreu menina.

3(IV) – ANTÓNIA DA GRÁ

Morreu solteira.

2(II) – DAMIÃO DIAS RANGEL

Foi abade de Santo Isidoro de Riba-Tâmega.

Filho ilegítimo:

III – COSME RANGEL

Licenciou-se em leis. Em 1577-01-15 foi enviado como ouvidor-geral de todas as capitánias e terras das partes do Brasil, com 40\$ de ordenado mais 20\$ de mantimento e 14.400 reis de mantimento de dois homens¹¹⁹⁴. Foi depois do Conselho da Fazenda e desembargador do Paço. Tomou o hábito da Ordem de Cristo em 1586¹¹⁹⁵, o qual lhe fora concedido em 1585-03-06¹¹⁹⁶.

Casou três vezes: a 1ª com D. JOANA DE ALBUQUERQUE, filha de FILIPE CAVALCANTI, florentino, e de D. CATARINA DE ALBUQUERQUE; a 2ª com D. SUSANA DE LEMOS, filha de RUI GOMES DE CARVALHOSA, tesoureiro-mor, e de D. MARIA DA MAIA DE LEMOS; a 3ª com D. MARGARIDA SERRÃO DE MOURA, filha de GASPAR SERRÃO, uchão das Ilhas, e de D. ISABEL DE MOURA.

Filho do 1º casamento:

1(IV) – MANUEL DE MACEDO

Foi frade de S. Domingos e grande cortesão, degredado para a Índia após a Restauração, por suspeitas de envolvimento na infidelidade do Conde de Tarouca, de D. João Soares de Alarcão e de D. Jerónimo Mascarenhas. No entanto, pouco tempo depois, autorizou o seu regresso. Mas morreu na viagem, na costa de Angola¹¹⁹⁷.

Filho do 2º casamento:

2(IV) – MARCOS RANGEL

Morreu moço.

Filhos do 3º casamento:

3(IV) – DIOGO RANGEL SARMENTO DE MACEDO¹¹⁹⁸

Nasceu em Lisboa e foi baptizado na freguesia dos Mártires. Serviu em praça de capitão de uma das companhias de Lisboa e prestou serviços em

1193. Na base seguiu MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. II, pp. 162-164.

1194. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 38, fls. 131 a 133.

1195. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc. cit.*, p. 412.

1196. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 6, fl. 182.

1197. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo III, p. 300a.

1198. Para este, filho e neto, ver Habilitação para o Santo Ofício de Diogo Rangel de Macedo e Albuquerque, Diogo, maço 6, doc. 154.

Baía, Rio Real, Valverde e Badajoz. Por esses serviços recebeu a capitania de uma nau da carreira da Índia e a promessa duma comenda de 150 mil reis¹¹⁹⁹. Foi guarda-mor da Torre de Belém perto de 40 anos, e comendador de Santa Marinha de Lisboa, na Ordem de Cristo, da qual tomou o hábito em 1622¹²⁰⁰.

Casou com D. MARIA LOBO SALAZAR, natural de Belém, filha de FRANCISCO GOMES LOBO e de D. MARIANA DE PADILHA.

Filhos:

1(V) – COSME RANGEL DE MACEDO SARMENTO

Nasceu em Belém, onde morou. Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1670-08-20¹²⁰¹.

Casou com D. MARIA JOSEFA LOBO, que nasceu em Lisboa, S. Nicolau, filha do Dr. JOÃO CORDEIRO LEITÃO, natural da Golegã, desembargador da Casa da Suplicação, e de D. JOANA LOBO DA GAMA, baptizada em Lisboa, S. Nicolau.

Filho único:

VI – DIOGO RANGEL DE MACEDO E ALBUQUERQUE

Nasceu em Lisboa, Socorro, em 1671-09-07. Foi provedor e guarda-mor da saúde do porto de Belém e mestre de preceitos da história na *Academia dos Aplicados*. Foi moço-fidalgo da Casa Real, comendador de Santa Marinha na Ordem de Cristo¹²⁰², e familiar do Santo Ofício por carta de 1689-06-03¹²⁰³. Foi genealógico consagrado, com extensa bibliografia¹²⁰⁴.

Casou com D. ÂNGELA LUÍSA DE SE-

QUEIRA LOBO, natural de Évora, Sé, filha do Dr. ANTÓNIO MARCHÃO TEMUDO, natural de Torres Novas, desembargador dos agravos, cavaleiro da Ordem de Cristo, e de D. CATARINA DE SEQUEIRA LOBO, natural de Estremoz. D. Ângela Luísa fora deferida, pelos serviços de seu pai, com 40 mil reis de tença efectivos, 20 mil dos quais com o hábito de Cristo para a pessoa que com ela casasse. Como seu marido, quando casou com ela, já era cavaleiro da ordem de Cristo, foi a dita mercê para o filho de ambos, a seguir indicado, com efeitos desde 1720-02-19¹²⁰⁵.

Filhos:

1(VII) - D. CATARINA RANGEL DE MACEDO

Foi baptizada em Lisboa, S. Vicente de Fora, em 1688-04-17¹²⁰⁶.

2(VII) – DIOGO RANGEL DE MACEDO E ALBUQUERQUE MARCHÃO

Foi baptizado em Lisboa, S. Vicente de Fora, em 1689-12-19¹²⁰⁷. Foi também autor genealógico, tendo nomeadamente colaborado no grande nobiliário escrito por seu pai¹²⁰⁸.

Foi moço-fidalgo da Casa Real em 1705-01-21¹²⁰⁹, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1758, com dispensa régia, por ser maior de 50 anos de idade¹²¹⁰.

3(VII) – D.RANGEL DE MACEDO

4(VII) – D. RANGEL DE MACEDO¹²¹¹

1199. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. I, p. 146.

1200. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc.* cit., pp. 403 e 426.

1201. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 46, fls. 24-25; ver também BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens Militares*, cit., vol. I, p.330.

1202. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo I, 1965, p. 690a.

1203. Habilitação para o Santo Ofício de Diogo Rangel de Macedo, Diogo, maço 8, doc. 188.

1204. CARCAVELLOS, Eduardo, *Bibliographia ... etc.* cit., vol. I, pp. 118-119, e SOUSA, D. António Caetano de, nº 218 do *Apparato à Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, ob. cit., tomo I, p. C.

1205. Mercês de D. José, livro 3, fl. 308.

1206. Assentos Paroquiais, Lisboa, S. Vicente de Fora, Baptismos, livro 1, fl. 211v.

1207. *Ibidem*, fl. 238v.

1208. CARCAVELLOS, Eduardo, *Bibliographia ... etc.* cit., vol. I, pp. 119-120, e SOUSA, D. António Caetano de, nº 219 do *Apparato à Historia Genealogica da Casa Real Portuguesa*, ob. cit., tomo I, p. C.

1209. Mercês de D. Pedro II, livro 17, fl. 251.

1210. Mercês de D. José, livro 3, fl. 308.

1211. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo I, 1965, p. 690a.

2(V) – D. MARGARIDA

3(V) – D. HELENA

Morreu menina.

4(V) – D. ANTÓNIA

Morreu menina.

4(IV) – DAMIÃO RANGEL DE MACEDO

Foi desembargador no Porto, onde morreu sendo juiz da Coroa.

Casou com D. ANTÓNIA MARIA DE LORTIGA.

Filhos:

1(V) – JOÃO RANGEL

Foi frade de S. Bento.

2(V) – FERNANDO RANGEL

Foi frade franciscano.

3(V) – COSME RANGEL

Foi frade graciano.

4(V) – JOSÉ RANGEL

Morreu menino.

5(V) – D. ISABEL DE MOURA

6(V) – D. TERESA DE MACEDO

Morreu moça.

7(V) – D. MARIA RANGEL

8(V) – D. MARGARIDA

Morreu menina.

5(IV) – JOÃO RANGEL

Foi frade da Trindade.

6(IV) – GASPAS RANGEL

Morreu menino.

7(IV) – D. LUÍSA

Morreu menina.

3(II) – BELCHIOR DE MACEDO

Foi comendador na igreja de Valega, junto a Ovar.

Casou com D. TERESA DE ALBUQUERQUE¹²¹².

Filho:

III – DIOGO DE MACEDO DE ALBUQUERQUE

Licenciou-se em leis. Em 1577-07-19 foi juiz de fora e dos órfãos da vila de Pinhel¹²¹³. Foi depois desembargador no Porto.

Casou com D. ISABEL DE MOURA.

Filhos:

1(IV) – BELCHIOR DE MACEDO

Foi jesuíta.

2(IV) – D. ANA DE ALBUQUERQUE

Casou com o desembargador MANUEL ÁLVARES DE CARVALHO.

1212. *Memorial de Ministros*, cit., códice 1073, fl.339v.

1213. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 38, fl. 129v.



Capítulo 23º

Macedos Velhos Fragosos

I – VASCO DE MORAIS DE MACEDO¹²¹⁴

Serviu em Safim, onde contra si correu querela¹²¹⁵. Foi ali apontador da gente e escrivão das cavalgadas e morreu antes de 1529.

Casou com ... ?

Filha:

II – LEONOR DE MORAIS (ou DE MACEDO)

Parece ter sido da guarda-roupa de Rainha¹²¹⁶.

Casou antes de 1529 com ÁLVARO DE MORAIS, que nasceu em Lisboa, foi apontador da gente e escrivão das cavalgadas em Safim, por sucessão a seu sogro, procurador da cidade de Lisboa, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1553-09-10¹²¹⁷.

Filhas:

1(III) – ISABEL COELHA

Casou em 1560 com JOÃO VELHO FRAGOSO, alcaide do bairro de Alfama, em Lisboa, manteeiro de El-Rei, moço da câmara e cavaleiro-fidalgo da Casa Real.

Filhos:

1(IV) – MARIA

Foi baptizada em Lisboa, S. Vicente, em 1568-04-14.

2(IV) – ÁLVARO VELHO DE MORAIS

Foi baptizado em Lisboa, S. Vicente, em 1569-05-16.

Foi alcaide de Lisboa, por carta de 1611, em sucessão a seu pai, com a prévia desistência de André Velho. Renunciou o dito ofício em sua sobrinha Isabel de Novais Fragoso Pimentel.

3(IV) – ISABEL COELHO DE MACEDO

Casou com o Dr. ÁLVARO VELHO DA GUERRA FRAGOSO, vereador da câmara de Lisboa e desembargador, que fez testamento na sua casa do Campo de Santa Clara em 5-8-1641¹²¹⁸, filho do Dr. ANDRÉ VELHO, licenciado em leis, desembargador e vereador da câmara de Lisboa.

Filhos:

1(V) – ANDRÉ VELHO

Serviu na Baía e na Índia, onde morreu.

Filha natural:

VI – ISABEL COELHA

2(V) – ANTÓNIO VELHO

Serviu na Baía e na Índia, onde morreu.

Filha natural:

VI – MARIA VELHA

3(V) – LUÍS VELHO

Terá sido cavaleiro-fidalgo da Casa Real

4(V) – MANUEL VELHO

4(IV) – JOANA FRAGOSO DE MACEDO

Casou com NUNO DE NOVAIS PIMENTEL, de quem foi 1ª mulher. Com geração, chefiada pelo representante do título de Marquês de Soidos.

5(IV) – ANTÓNIA DE MACEDO

Casou com FRANCISCO FRAGOSO, morador em Santo Estêvão de Alfama, de quem foi 1ª mulher. Fez testamento, aprovado em 1634-08-06, em que se refere às duas mulheres e aos filhos¹²¹⁹. Com geração ilustre¹²²⁰.

2(III) – D. INÊS DE MACEDO

Casou com FERNÃO DE SOUSA PEREIRA, filho de DIOGO CAMELO PEREIRA e de BRITES BAIXA DE ALMEIDA.

Filho:

IV – JOÃO DE SOUSA PEREIRA

1214. Para este título, segui em boa parte, com a devida vénia, o profundo trabalho de COTRIM, João Villaverde, “Fragosos – Cap. Nuno Álvares Pereira – Torneios”, *Raízes e Memórias*, nº 7, 1991, pp. 133-137.

1215. Núcleo Antigo, nº 884.

1216. Este possível ofício, assim como o uso, nesta gente, dos apelidos *Morais* e *Macedo*, aproxima-a de Vasco Anes de Moraes, atrás mencionado na Parte I, suposto pai de Pedro de Macedo, ascendente de vários Macedos de Basto; contudo, dificilmente poderá arriscar-se a hipótese de se tratar do mesmo, agora aqui tratado, pai de Leonor de Moraes, pois dificilmente um guarda-roupa de D. Afonso V e D. João II, estaria activo, na difícil fronteira de Safim, cerca de 40 anos depois, em plena 3ª década do séc. XVI.

1217. FARIA, António Machado de, ob. cit., p. 28.

1218. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 3º, p. 168.

1219. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 2º, pp. 95-96.

1220. COTRIM, João Villaverde, “Fragosos ... ” etc. cit., pp. 138-142.



Capítulo 24º

Macedos, de Portel

§1º

I – CRISTÓVÃO DE MACEDO

Viveu em Portel, onde serviu de juiz dos órfãos em 1561.

Casou com CATARINA TOUREGA.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO FRAGOSO DE MACEDO,
que segue.

2(II) – FRANCISCO FRAGOSO DE MACEDO

Sem geração.

II – ANTÓNIO FRAGOSO DE MACEDO

É possível que fosse o mesmo que foi perdoado de uma pena de degredo para fora do concelho em 1567¹²²¹.

Casou em Vila Viçosa com ANA DE MADUREIRA FREIRE filha do Dr. ARCÁDEO DE ANDRADE e de JOANA MENDES ANTAS.

Filhos:

1(III) – ANTÓNIO DE MACEDO

2(III) – CRISTÓVÃO DE MACEDO

3(III) – INÊS DE MACEDO

Casou com FRANCISCO DE ALMEIDA, filho de FRANCISCO CARDOSO DE ALMEIDA

3(III) – CATARINA DE MADUREIRA

Casou com BRÁS VICENTE LEAL FRADE, de Borba.

4(III) – JOANA DE MACEDO¹²²²

§2º

Destes era provavelmente Cristóvão de Melo Fragoso, talvez descendente do referido Cristóvão de Macedo nº 2(III). Por isso aqui o incluo:

I – CRISTÓVÃO DE MACEDO FRAGOSO¹²²³

Filho:

II – ANTÓNIO DE MACEDO GALEGO

Nasceu em Mourão. Foi capitão. Pelos seus serviços na guerra da restauração, nomeadamente na defesa da praça onde morava, até ser morto duma bala dos castelhanos, recebeu sua mulher em 1657-09-17, 40 mil reis de tença para ela e para ajuda no sustento de suas filhas e promessa de ofício de justiça ou fazenda para cada uma delas, para dote do seu casamento¹²²⁴.

Casou com BRITES DA COSTA.

Filhos:

1(III) – JOÃO DE MACEDO DE AZEVEDO

Foi tenente de cavalos no Alentejo. Teve em 1721-07-30 a mercê de 12 mil reis de tença em sua vida, com o hábito de Cristo e mais 48 mil reis, além daquela, em 1721-08-04.¹²²⁵ Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1723-01-12.¹²²⁶

2(III) – Fulana DE MACEDO

3(III) – Beltrana DE MACEDO

1221. Chancelaria de D. Sebastião, Perdões e Legitimações, livro 2, fl. 379.

1222. Tirei estes elementos de COGOMINHO, Simão de Melo, *Titulos de algumas familias*, códice manuscrito, *mibi*, mas a fls. 221 com outra letra (que parece de D. Flamínio).

1223. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 370.

1224. *Inventario dos Livros das Portarias ... etc. cit.*, vol. II, p. 160.

1225. Mercês de D. João V, livro 13, fls. 34 e 34v.

1226. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 164, fls. 332-332v.

Capítulo 25º**Macedos, de Vila do Conde e Barcelos****I – SEBASTIÃO DE MACEDO¹²²⁷**

Morou em Vila do Conde. Instituiu com sua mulher, em 1623-02-25, o vínculo da Portela em Carvalhas, Barcelos.

Casou em Barcelos, S. Pedro do Monte de Farelães, com DAMIANA FERREIRA, natural de Vila do Conde, filha de FRANCISCO FERREIRA, fidalgo de cota de armas em 1536-02-28.

Filho:

II – FRANCISCO FERREIRA DE MACEDO

Foi senhor do morgado da Portela.

Casou com MARIA DA PAZ GAYO DA MAIA, sucessora no morgado de seu pai e da quinta de Crasto em Cavalões, Vila Nova de Famalicão, filha de BALTAZAR DA MAIA GAYO, moço de câmara da Casa real, fidalgo de cota de armas em 1582, e de INÁCIA PEREIRA DO LAGO.

Filhos:

1(III) – FRANCISCO FERREIRA DE MACEDO

Foi senhor dos morgados da Portela e de Cavalões e fidalgo de cota de armas.

Casou com BEATRIZ MACHADO VILAS BOAS, senhora dum vínculo em Braga, filha de DUARTE ÁLVARES, letrado da mesma cidade, e de JOANA FERNANDES DE VILAS BOAS.

Com geração., que pode seguir-se no citado *Anuário*.

2(III) – BALTAZAR FERREIRA

Morreu solteiro e sem geração.

3(III) – DAMIANA FERREIRA DE MACEDO GAYO

Nasceu na quinta da Portela e morreu na sua quinta do Hospital, em Chorente, Barcelos.

Casou com MIGUEL JOÃO DE FARIA.

Filhos:

1(IV) – PAULO FERREIRA DE MACEDO

Casou com PAULA SANCHES DE FARIA.

Filho:

V – MIGUEL FERREIRA DE MACEDO

Morou na sua quinta na freguesia de Gondifelos, termo de Barcelos. Foi fidalgo de cota de armas por carta de 1725-09-05¹²²⁸.

?2(IV) – SEBASTIÃO DE FARIA DE MACEDO

Casou com D. MARIA GAYA.

Filho:

V – FRANCISCO FERREIRA DE MACEDO

Casou com D. ISABEL MARTINS CORREIA.

Filho:

V – ÁLVARO FERREIRA DE MACEDO

Foi contador do Mestrado e fidalgo de cota de armas por carta de 1697-10-23¹²²⁹.

4(III) – MADALENA FERREIRA DE MACEDO

Nasceu na quinta de Portela.

Casou com PEDRO RODRIGUES, com geração.

5(III) – JOANA FERREIRA DE MACEDO

Solteira, com geração.

1227. Para este e sua descendência segui SILVA, António de Mattos e, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo III, Lisboa, 2006, pp. 17 e segs.

1228. MACHADO, José de Sousa, *Brasões Inéditos, Suplemento*, p. 36.

1229. FARIA, António Machado de, *Cartas de Brasão*, etc. cit., p. 82.

Capítulo 26º

Macedos, outros, de Mazagão

§ 1º

I – JOÃO DE MACEDO

Foi servir a Mazagão no socorro mandado pelo rei cerca de 1541 e fê-lo bem, pelo que foi armado cavaleiro pelo capitão Luís de Loureiro e confirmado por mercê régia de 1546-04-02¹²³⁰.

Pode ser o mesmo que foi moço da mantearia e reposteiro da Casa Real com a moradia de 406 reis¹²³¹. Não consigo entroncá-lo, nem saber se deixou descendência.

§ 2º

I – ANTÓNIO DE MACEDO

Cronologicamente é difícil de aceitar que fosse o mesmo com quem iniciei o Capítulo 5º - Macedos Amarais, de Mazagão. Na verdade, sendo pai dum Simão Correia de Macedo que manifestamente não terá nascido antes da década de 90 do séc. XVI, não é natural que o houvesse gerado com mais de 60 anos. Relembre-se, aliás, que o António de Macedo, pai de Gaspar de Macedo, nasceu ainda antes de 1530, como acima sustentei. E este António de Macedo, com quem inicio o presente parágrafo, terá nascido, mais provavelmente, próximo de 1560. Parece pois situar-se na geração seguinte à do outro António de Macedo.

Tal não obsta a que fosse parente muito próximo deste. E a hipótese que se apresenta como mais sedutora é a de que fosse seu sobrinho direito. Mas faltam elementos documentais para melhor sustentarem tal hipótese.

O que se sabe com fundamento é que foi seu Filho:

II – SIMÃO CORREIA DE MACEDO

Viveu em Mazagão com honrado procedimento. Ali serviu com armas e cavalo, continuamente, de 1613-06-01 até Dezembro de 1619, procedendo valorosamente por ser grande atirador, achando-se em todas as ocasiões de guerra. Era escolhido para correr na dianteira e para as armadilhas. Por tais serviços foi sua filha Páscoa respondida em 1676-08-26 com 8 mil reis de tença por ano para

seu filho Simão Correia de Macedo, com 100 reis de acrescentamento na sua moradia¹²³², e com 4 mil reis de tença por ano e uma fanga de trigo por mês para sua filha Maria Simões de Pinho¹²³³. De Janeiro de 1620 até Novembro de 1624 serviu continuamente com armas e cavalo acobertado, achando-se em todas as ocasiões de guerra com valor e luzimento de armas e cavalos. Era pessoa principal daquela praça. Por tais serviços foi respondido seu neto Simão Correia de Macedo¹²³⁴. De 1624-11-04 até 1626-06-16 serviu continuamente com armas e cavalo, serviços pelos quais também foi respondido o mesmo neto¹²³⁵. Foi morto pelos Mouros.

Casou duas vezes: a 1ª com MARIA MENDES; a 2ª com D. CATARINA RODRIGUES.

Filha do 1º casamento:

1(III) – D. ISABEL LOPES

Casou duas vezes: a 1ª com BRÁS GONÇALVES COTA, almocadem da cavalaria de Mazagão, escudeiro-fidalgo da Casa Real, que foi cativo em combate em 1640; a 2ª com FRANCISCO MENDES DE MENDONÇA, alferes de infantaria e capitão da embarcação de serviço a Mazagão, cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Com geração de ambos os casamentos.

Filha do 2º casamento:

2(III) – D. PÁSCOA CORREIA

Casou com DOMINGOS FERNANDES MAZACOTE (ou DOMINGOS GONÇALVES MAZACOTE), almocadêm da cavalaria em Mazagão, cavaleiro-fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Com geração.

§ 3º

I – JORGE CORREIA DE MACEDO

Devia ser dos anteriores, pois usou os apelidos Correia de Macedo e teve um filho com o nome António de Macedo. Possivelmente era irmão de Simão Correia de Macedo.

Viveu em Mazagão com honrado procedimento. Serviu de cavaleiro na guerra daquela fronteira, até que foi morto em combate pelos mouros, em 1640-04-11.

Casou com D. LEONOR PESSANHA, filha de

1230. Chancelaria D. João III, Privilégios, livro 2, fl. 75v.

1231. SOUSA, D. António Caetano de, *da História Genealógica da Casa Real Portuguesa*, cit., tomo VI, parte II, p. 322.

1232. Portarias do Reino, livro 12, fl. 25, e Mercês D. Pedro II Príncipe, livro 3, fl. 408v.

1233. Portarias do Reino, Livro 12, fl. 25.

1234. Mercês D. Pedro II, livro 8, fl. 276.

1235. Mercês D. Pedro II, livro 9, fl. 342.



..... e de D. ANA MARTINS.

Filhos:

1(II) – DOMINGOS CORREIA DE MACEDO
Sem geração.

2(II) – ANTÓNIO DE MACEDO
Sem geração.

3(II) – D. LUZIA PESSANHA
Casou duas vezes: a 1ª com BELCHIOR BARRIGA FALEIRO (ou BELCHIOR RODRIGUES FALEIRO), cavaleiro em Mazagão, onde morreu em combate em 1640; a 2ª com PEDRO PIRES NETO, capitão de uma guarda da cavalaria em Mazagão, cavaleiro-fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Com geração de ambos os matrimónios.

§ 4º

I – BARTOLOMEU DE MACEDO

Dado que teve uma filha Brites de Macedo, é possível que descendesse da Brites de Macedo, nº 3(X), filha de António de Macedo, referidos atrás, no capítulo 5º - Macedos Amarais, de Mazagão..

Serviu em Mazagão 7 anos e 5 meses interpolados de 1649-07-01 até fim de Outubro de 1667, com suas armas e cavalo de espingardeiro e dos 12 que acompanhavam o adail, e de atalhador. Achou-se em todas as ocasiões de guerra que se ofereceram às tranqueiras e fora delas, sem faltar às obrigações. Por esses serviços recebeu 8 mil reis de tença por ano até entrar numa comenda obrigatória e entrando largaria a tença, além do acrescentamento de 250 reis na sua moradia. De 1667-11-01 até fim de Abril de 1670 serviu 2 anos e 2 meses com armas e cavalo de Atalhador, achando-se em todas as ocasiões de guerra que se ofereceram, pelo que obteve mercê da antecipação do hábito, conforme portaria de 1672-05-10.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 750 reis de moradia, acrescentado a mil reis em 1672-08-09¹²³⁶ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1672-08-15¹²³⁷.

Casou com CATARINA CORREIA.

Filhas:

1(II) – BRITES DE MACEDO

Casou com MANUEL GONÇALVES BELÉM, cavaleiro em Mazagão, cavaleiro-fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo. Com geração.

2(II) – MARIA SIMÕES

Casou com VALENTIM CAMELO, que serviu em Mazagão na infantaria.

§ 5º

I – BARTOLOMEU AFONSO DE MACEDO

Viveu em Mazagão, onde serviu de cavaleiro, com conhecido valor. Foi muito valente pela espada. Foi morto pelos Mouros na “desventura do Conde” em 1640-04-11.

Casou com ANA DE ROCHA (ou ANTÓNIA DE ROCHA).

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO DA ROCHA

2(II) – MARIA SIMÕES

Casou com o almocadém JOÃO DE PINA, cavaleiro em Mazagão, onde morreu em combate. Com geração.

3(II) – FRANCISCA COTA

Casou com AIRES VELHO FREIRE, que serviu em Mazagão na 1ª metade do séc. XVII, cavaleiro-fidalgo da Casa Real. Com geração.

1236. Portarias do Reino, livro 11, fl. 217v.

1237. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 63, fl. 85v.



Capítulo 27º**Macedos, de Benavente**

É possível que se trate de um ramo dos de Setúbal, uma vez que, tal como os que começam estes, também o seu início está relacionado com a casa de D. Jorge, filho de D. João II¹²³⁸.

Por outro lado, há outros Macedos em Benavente, adiante expostos, que não parecem ter ligação genealógica com estes.

I – JOÃO DE MACEDO DELGADO

Foi vedor de D. Jorge, Duque de Coimbra.

Filha:

II – CATARINA DE MACEDO PAIVA

Casou com LOURENÇO RAPOSO PESTANA, filho de PEDRO PESTANA e de MARIA DE MATOS. O pai deste Pedro Pestana, LOURENÇO RODRIGUES DE GUIMARÃES, vivia em Benavente e descenderia por varonia, a acreditar nos nobiliários, do arcebispo de Braga D. Fernando da Guerra, que por sua vez era bisneto por varonia do rei D. Pedro I e de D. Inês de Castro.

Filhos:

1(III) – D. LUÍSA DE MACEDO E PAIVA

Casou com ROQUE MERGULHÃO FREIRE, com geração.

2(III) – D. FRANCISCA DE PAIVA

Casou com AFONSO LEITÃO DE SOUSA PACHECO, filho de SIMÃO LEITÃO DE SOUSA PACHECO.

Filho:

IV – MANUEL DE SOUSA PACHECO

Casou com sua prima D. CATARINA DE MACEDO DE PAIVA, filha de BERNARDO DE FRANÇA E FARO e de MARIA DE MATOS, a seguir.

Filhos:

1(V) – AFONSO JOSÉ LEITÃO DE SOUSA PACHECO

Teve o morgado de S. Bartolomeu. Foi capitão-mor de Benavente

Casou com sua prima D. MARCELINA PERPÉTUA PEREIRA DE CÓRDOVA E FARO, de quem foi primeiro marido, filha

de MARTIM DE FRANÇA E FARO, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, e de D. PAULA MARIA DE CÓRDOVA PEREIRA.

2(V) – D.

Casou com CAMPOS DE ANDRADE.

3(III) – D. MARIA DE MATOS

Casou com BERNARDO DA FRANÇA E FARO, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, filho de MARTIM DA FRANÇA E FARO, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, acima referido.

4(III) – LUÍS RAPOSO PESTANA

Casou com sua prima D. ISABEL RAPOSO DA COSTA, filha de ROQUE DE MARGULHÃO FREIRE e de D. LUÍSA DE MACEDO E PAIVA.

Filhos:

1(IV) – D. LUÍSA DE MACEDO RAPOSO

Casou com RAIMUNDO CORREIA BARRETO, filho de ANTÓNIO RODRIGUES DE ELVAS, governador da fortaleza de Santo António de Luanda, e de D. MARIA CORREIA BARRETO. Com geração.

2(IV) – D. ISABEL DE SOUSA

Casou com JOSÉ CORREIA BARRETO, grande letrado, com geração.

Capítulo 28º**Macedos, dum criado de D. Francisco****I – ANTÓNIO DE MACEDO**

Foi criado dum D. Francisco que era do Conselho do Rei.

Em 1549-10-03 foi perdoado da infracção de usar calças de seda contra a ordenação¹²³⁹.

O uso da seda havia sido bastante contrariado pelos reis. Nas cortes de Évora de 1481-82, ao pedido de restrição dos procuradores respondera D. João II que só podiam trazer seda escudeiros e daí para cima, e que só podiam usá-la em gibões e carapuças¹²⁴⁰. Em 1486 o mesmo Rei determinara que esse uso poderia ser em gibões, carapuças e pantufos.¹²⁴¹

1238. À míngua de documentos, só foi praticamente possível arrimar-me a GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 6º, pp. 43-46.

1239. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 4, fl. 240.

1240. ALMEIDA, Fortunato de, *História de Portugal*, Promoclube, Lisboa, s.d., vol. VI, pp. 72 e 73.

1241. RESENDE, Garcia de, *Crónica de Dom João II*, introdução de Joaquim Veríssimo Serrão, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1973, p.96.



A infracção de António de Macedo não foi, pois devida à sua condição pessoal, que permitia o uso de seda. Consistiu em usá-la em calças – o que era vedado.

Capítulo 29º

Macedos, dum pajem de Vasco Anes Corte Real

I – JOÃO DE MACEDO

Foi pajem de Vasco Anes Corte Real, que era do Conselho do Rei.

Por carta de 1522-11-13 foi confirmado no ofício de escrivão das sisas e feitos delas da cidade de Bragança, como tinha sido por carta de D. Manuel I¹²⁴².

Capítulo 30º

Macedos, dum porteiro da câmara do Príncipe

I – JOÃO DE MACEDO

Foi moço da mantearia e reposteiro da Casa Real com a moradia de 406 reis¹²⁴³. Recebeu do rei D. João III a mercê de almoxarife dos mantimentos de S. Jorge da Mina que, autorizado, renunciou em Jerónimo de Bairros por instrumento outorgado em Lisboa em 1547-10-08, conforme se vê da carta régia de 14 de Janeiro seguinte¹²⁴⁴. Foi porteiro da câmara do príncipe D. João, filho de D. João III. Recebeu em 1550-08-26 a mercê de ir como feitor de armação dum navio que fosse fazer resgate à Guiné¹²⁴⁵.

Capítulo 31º

Macedos, do uso indevido de tafetás

I – PEDRO DE MACEDO

Foi perdoado por carta régia de 1553-07-21 da infracção de ter usado espada mais longa que a marca e chapéu forrado por dentro de tafetás, e pelote guarnecido destes, contra a ordenação¹²⁴⁶.

Capítulo 32º

Macedos, do Algarve

I – MARIA DE MACEDO¹²⁴⁷

Viveu com o marido em Santa Tecla de Basto.

Casou com JOÃO FRANCISCO, sapateiro.

Filho:

II – MIGUEL FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em Santa Tecla de Basto, onde foi sapateiro.

Casou com MARIANA FRANCISCA, natural da mesma povoação, filha de DOMINGOS MARTINS e de DOMINGAS FRANCISCA, lavradores.

Filhos:

1(III) – JOÃO FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em Vila Nova de Freixo, Santa Tecla de Basto. Foi para Faro, onde foi vereador da câmara e capitão de auxiliares.

Casou com D. ÂNGELA MICAELA DE LOUREIRO, nascida em Belém em 1736, filha do genealogista JACINTO DE PINA DE LOUREIRO, tenente coronel do regimento de Faro, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, cavaleiro professo da Ordem de Cristo e fidalgo de cota de armas, e de D. ANTÓNIA DE AZEVEDO¹²⁴⁸.

1242. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 47, fl. 93v.

1243. SOUSA, D. António Caetano de, *Provas ... etc.* cit., tomo VI, parte II, p. 322, e MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl.

1244. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 55, fl. 20v.

1245. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 66, fl. 114v.

1246. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 19, fl. 372.

1247. Foram publicados no *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vols. 5º a 7º (1935-1937) uns “Documentos relativos a António Luiz de Macedo e sua família”, guardados naquele arquivo, os quais contêm um amontoado de disparates genealógicos e mentiras descaradas relativos à ascendência desta gente. Tais falsidades, além de risíveis, são fáceis de desmascarar, não só por serem muito desajeitadas, como também pela consulta do processo de habilitação para o Santo Ofício de António Luís de Macedo, António, maço 168, doc. 2594, já mencionado por CÔRTE-REAL, Miguel Maria Telles Moniz, *Fidalgos de cota de armas do Algarve*, Lisboa, 2003, p. 208, e por OLIVEIRA, Rodrigo Ortigão de, *A família Ramalho Ortigão*, Porto, 2000, p. 49.

1248. A este Jacinto de Pina de Loureiro já largamente acima me referi; os seus dados biográficos e genealógicos constam da minha extensa obra *Gente de Mazagão*, ainda por publicar. Parte dos dados sobre este João e o seguinte Luís Francisco de Macedo, obtive-os no nobiliário *Famílias de Mazagão*, manuscrito na B. N. L., Arquivo dos Botelhos de Nª Srª da Vida, tomo 1º, fl. 769, e tomo 2º, fl. 485.



D. Ângela morreu viúva em Faro em Janeiro de 1803¹²⁴⁹.

2(III) – LUÍS FRANCISCO DE MACEDO

Foi de Basto para Faro.

Aí casou com D. MARIANA JOANA DE VARGAS E BELLY, que morreu em 1781, filha de MANUEL LOPES MEDINA DE BELLY, senhor do morgado de S. Miguel em Faro, instituído por seu pai, e de D. MARIA MICAELA DE PINHO, irmã do genealogista Jacinto de Pina de Loureiro. Sem geração do matrimónio.

3(III) – ANTÓNIO LUÍS DE MACEDO

Nascido em Santa Tecla de Basto, cerca de 1745, foi muito novo para Faro, por sugestão de seu irmão Luís. Na capital algarvia foi inicialmente marçano. Angariou porém bom cabedal¹²⁵⁰. Em 1768 era arrematante das rendas do Senado da Câmara. Em Julho desse ano formou uma sociedade com os seus dois referidos irmãos. Veio a ser capitão-mor de Faro, tenente-coronel agregado do regimento de infantaria daquela cidade e vereador da sua câmara municipal.

Foi familiar do Santo Ofício¹²⁵¹.

Casou com D. MARIA PERPÉTUA DE BRITO CORREIA MASCARENHAS E ABOIM, filha de ANTÓNIO DE BRITO CORREIA MASCARENHAS e de D. MARIA MICAELA DE BRITO E COSTA.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO LUÍS DE MACEDO

Foi cônego da sé de Faro. Foi Comendador da Ordem de Cristo em 1825¹²⁵².

2(IV) – D. MARIA RITA DE MACEDO E BRITO

Nasceu em Faro em 1782.

Casou em Faro, Sé, em 1811, com ANTÓNIO JOAQUIM RAMALHO ORTIGÃO, filho de

JOAQUIM RAMALHO ORTIGÃO e de D. RITA JOSEFA VIEIRA DOS SANTOS.

Com numerosa e ilustre descendência¹²⁵³.

3(IV) – JOAQUIM FILIPE DE MACEDO E BRITO

4(IV) – LUÍS FRANCISCO DE MACEDO E BRITO¹²⁵⁴

Capítulo 33º

Macedos de Alvaiázere

I – D. INÊS DE MACEDO

Casou, antes de 1631, com RAFAEL DA ROCHA MALDONADO, filho de LUÍS DA ROCHA MALDONADO, que morreu em Alvaiázere em 1648-12-06¹²⁵⁵, e de JOANA DE MEDEIROS.

Filhos:

1(II) – D. JOANA

Foi baptizada em Alvaiázere, 1631-09-07¹²⁵⁶; aí morreu em 1648-06-22¹²⁵⁷.

2(II) – FRANCISCO

Foi baptizado em Alvaiázere, 1634-01-14¹²⁵⁸; aí morreu em 1665-04-07¹²⁵⁹.

Parece ter tido de ISABEL MOREIRA, ilegítima, filha:

IV – MARIA

Foi baptizada em 1657-03-08¹²⁶⁰.

3(II) – LUÍS DA ROCHA

Foi baptizado em Alvaiázere, 1637-02-27¹²⁶¹; aí morreu em 1655-10-25¹²⁶².

4(II) – MANUEL DE MEDEIROS MACEDO FEIO

Casou em Alvaiázere, entre 1663 e 1666 com ISABEL SOARES BORGES.

1249. Registos paroquiais, Faro, N^a Sr^a da Assunção (Sé), óbitos, livro 10, fl. 4.

1250. OLIVEIRA, Rodrigo Ortigão de, ob. cit., pp. 49-50.

1251. Habilitação para o Santo Ofício, António, maço 168, doc. 2594.

1252. Mercês de D. João VI, livro 2, fl. 100v.

1253. Que pode seguir-se em OLIVEIRA, Rodrigo Ortigão de, *A família Ramalho Ortigão*, cit., págs. 44 a 137.

1254. Quanto a estes dois irmãos, a acreditar – apenas nisso – na extensa patranha já referida (*Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 7º, p.291).

1255. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Óbitos, livro 1, fl. 61v.

1256. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 42v.

1257. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Óbitos, livro 1, fl. 61.

1258. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 50v.

1259. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Óbitos, livro 1, fl. 86v.

1260. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 156.

1261. *Ibidem*, fl. 63v.

1262. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Óbitos, livro 1, fl. 70.

Filhos:

1(III) – JOANA

Foi baptizada em Alvaiázere em 1666-11-01¹²⁶³.

2(III) – INÊS MARIA

Foi baptizada em Alvaiázere em 1669-06-10¹²⁶⁴.

3(III) – JOÃO DE MACEDO FEIO MALDONADO

Foi baptizado em Alvaiázere em 1671-01-11¹²⁶⁵.

Casou, com geração¹²⁶⁶.

4(III) – FILIPA

Foi baptizada em Alvaiázere em 1673-09-10¹²⁶⁷.

5(III) – RAFAEL

Foi baptizado em Alvaiázere em 1675-09-10¹²⁶⁸.

6(III) – ANTÓNIO SOARES DE MACEDO FEIO

Nasceu em Alvaiázere. Em 1696-02-09 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis de moradia, indo à Índia, onde seria armado cavaleiro¹²⁶⁹.

5(II) – FABIÃO

Foi baptizado em Alvaiázere em 1642-03-16¹²⁷⁰.

6(II) – ANTÓNIO

Foi baptizado em Alvaiázere em 1645-08-27¹²⁷¹.

7(II) – JOÃO DE MACEDO

Foi baptizado em Alvaiázere em 1648-08-11¹²⁷² e aí morreu em 1661-09-30¹²⁷³.

Foi criado de Jorge de Sousa, trinchante do Cardeal D. Henrique. Por carta de 1566 recebeu o ofício de inquiridor, contador e distribuidor da vila de Alverca¹²⁷⁴. Terá sido moço de câmara do Cardeal D. Henrique¹²⁷⁵.

Capítulo 35º

Macedos, de Arcos de Valdevez

I – TOMÉ DE MACEDO

É possivelmente o mesmo Tomé de Macedo Ribeiro, filho de Álvaro Palhares e de Leonor Borges Pacheco, neto de Rui Palhares e de Senhorinha de Macedo, filha esta de Simão Ribeiro, senhor da quinta de Assamassa, junto a Braga, e de Antónia de Macedo¹²⁷⁶. Se assim é, nasceu em Monção e foi escrivão da câmara de Arcos de Valdevez. Morreu em 1608 ou pouco antes.

Casou cerca de 1583 com ANA VAZ DE BRITO, natural de Arcos de Valdevez.

Filho:

II – ANTÓNIO DE MACEDO (DE BRITO)

Por morte de seu pai, sucedeu no ofício de escrivão da câmara de Valdevez, conforme carta de 1608-12-01¹²⁷⁷.

Casou com MARIA CAÇOA, filha de FRANCISCO GONÇALVES VILASBOAS e de CONSTANÇA CAÇOA.

Filhos¹²⁷⁸:

1(III) – LUÍS PALHARES DE BRITO

Casou com MÉCIA DE ABREU, dos Abreus de Grade.

Capítulo 34º

Macedos, de Alverca

I – BALTAZAR DE MACEDO

1263. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 180v.

1264. *Ibidem*, fl. 190v.

1265. *Ibidem*, fl. 203.

1266. TEIXEIRA, Cândido, *Antiguidades, famílias e varões ilustres de Sernache do Bom Jardim e seus contornos*, Sernache do Bom Jardim, 1925, p. 628.

1267. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 210v.

1268. *Ibidem*, fl. 219v.

1269. Mercês de D. Pedro II, livro 10, fl. 115.

1270. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Baptismos, livro 1, fl. 124v.

1271. *Ibidem*, fl. 133.

1272. *Ibidem*, fl. 141.

1273. Assentos paroquiais, Alvaiázere, Óbitos, livro 1, fl. 141.

1274. Chancelaria de D. Sebastião, Doações, livro 13, fl. 546v.

1275. MACHADO, Lousada, cit., 1105, fl. 315.

1276. Mencionados em GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 6º, pp. 145-146, e tomo 22º, pp. 72-73.

1277. Chancelaria de Filipe III, Doações, livro 22, fl. 357.

1278. Segundo GAYO, Felgueiras, loc. cit.

De ÂNGELA ARANHA, teve, filha bastarda,
2(IV) – D. LEONOR DE MACEDO
Casou em Ponte de Lima com RUI GOMES
DE ABREU.

Filha:

V – D. SEBASTIANA DE LIMA
Casou com FÉLIX BARRETO DA GAMA
E CASTRO, fidalgo da Casa Real. Com ge-
ração. Uma filha de ambos casou com João de
Sá Sotomaior, como se disse no capítulo 4º.

2(III) – TOMÉ DE MACEDO PACHECO
Foi chantre da Sé de Elvas e comissário do Santo
Ofício por carta de 1653-04-03¹²⁷⁹.

3(III) – LOURENÇO DE MACEDO
Foi clérigo.

4(III) – D. LEONOR PACHECO
Casou com ANTÓNIO LOPES CALHEIROS,
de Ponte de Lima.

Capítulo 36º

Macedos, de Arruda dos Vinhos

§1º

I -

Filhos:

1(II) – JOÃO DE MACEDO PEREIRA
Casou com D. LUÍSA DE BARBUDA.

Filhos:

1(III) – BERNARDA
Foi baptizada em Arruda dos Vinhos em 1669-
07-07¹²⁸⁰.

2(III) – MANUEL
Foi baptizado em Arruda dos Vinhos em 1671-
11-..¹²⁸¹

3(III) – JOÃO
Foi baptizado em Arruda em 1677-04-..¹²⁸²

4(III) – JOSÉ
Foi baptizado em Arruda dos Vinhos¹²⁸³

2(II) – D. BERNARDA DE MACEDO PE-

REIRA

Casou com JOSÉ LOBO PEREIRA.

Filha:

III - LUÍSA

Foi baptizada em Arruda dos Vinhos, em 1695-
02-03¹²⁸⁴.

§2º

I – FRANCISCO LEITÃO DE MACEDO

Foi padrinho de baptismos em Arruda dos Vinhos
em 1685 e 1695.

Filho:

II – DIOGO LEITÃO DE BARCELOS

Nasceu na Arruda. Em 1671-03-02 foi tomado
para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1200 reis
de moradia, com a condição de ir à Índia¹²⁸⁵.

Capítulo 37º

Macedos, de Azeitão

I – FRANCISCO DE SÁ

Filho:

II – JOSÉ DE MACEDO

Nasceu em Azeitão. Em 1660-03-13 foi tomado
para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis
de moradia, indo à Índia¹²⁸⁶.

Capítulo 38º

Macedos, do Barreiro I

I – ANTÓNIO DE MACEDO

Filhos:

1(II) – JERÓNIMO DE MACEDO

Nasceu no Barreiro. Em 1645-02-24 foi tomado
para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis
de moradia, indo à Índia¹²⁸⁷.

1279. Habilitação para o Santo Ofício, Tomé, maço 1, doc. 11.

1280. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 22v.

1281. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 31v.

1282. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 57.

1283. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 97v.

1284. Assentos Paroquiais, Arruda dos Vinhos, Baptismos, livro 1, fl. 22v.

1285. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 340.

1286. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 295.

1287. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 195, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 220.

2(II) – PEDRO DE MACEDO

Nasceu no Barreiro. Em 1647-02-18 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, indo à Índia¹²⁸⁸.

Capítulo 39º
Macedos, do Barreiro II

I – DUARTE LOPES

Filhos:

II – MANUEL DE MACEDO

Em 1647-03-28 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, indo à Índia¹²⁸⁹.

Capítulo 40º
Macedos, de Castedo, Vilar de Maçada¹²⁹⁰

I – ANTÓNIO GASPAR

Morou com sua mulher no lugar de Moreira, Alfarela.

Casou com MARIA DA COSTA.

Filhas:

1(II) – ÁGUEDA DE MACEDO

Casou em 1679 com GASPAR DA FONSECA, de Vilar de Maçada, filho de FRANCISCO DA FONSECA e de MARIA DO REGO.

Filhos:

1(III) – FRUTUOSO DE MACEDO

Casou com ISABEL NUNES.

2(III) – MARIA DE MACEDO.

Nasceu em 1706.

Casou em 1721 com JOÃO LOPES DA IGREJA, filho de PEDRO GONÇALVES e de ISABEL JOÃO.

Com geração, entre a qual Campos e Sousas, e Bobelas Motas.

3(III) – ANTÓNIO DE MACEDO

Casou em 1731 com MARIA LOPES DA

IGREJA.

Com geração.

4(III) – FRANCISCO DE MACEDO

Fez testamento em 1763.

2(II) – ANA DE MACEDO

Viveu com o marido na freguesia de Santa Maria de Vilar de Maçada.

Casou com FRANCISCO ROMÃO.

Filho:

III – JOÃO DE MACEDO

Morreu em 1706.

Casou em 1662 com ISABEL JOÃO, filha de DOMINGOS PIRES e de JOANA GONÇALVES.

Filho, além de outros:

8(IV) – ANTÓNIO DE MACEDO ROMÃO.

Baptizado em 1679, foi capitão de ordenanças.

Casou em 1704 com FILIPA DA ROCHA, filha do capitão FRANCISCO DA ROCHA CARDOSO e de FILIPA FERNANDES.

Filho, além de outros:

6(V) – MANUEL JOSÉ DA ROCHA

CARDOSO E MACEDO

Nasceu em 1716 em Castedo. Foi monteirom das vilas de Alijó e Favaio, intendente das fábricas de aguardente de Sanfins, e escrivão dos órfãos e da câmara de Alijó. Em 1757-11-20 foi-lhe passada carta de brasão de armas (esquartelado, 1º e 4º Macedos, 2º Rochas, 3º Cardosos, timbre de Macedos)¹²⁹¹.

Casou na Galiza com D. MARIA JOANA

.....

Capítulo 41º
Macedos, de CepõesI – CATARINA ÁLVARES DE MACEDO¹²⁹²

Era natural de Figueira, termo de Lamego.

Casou com MANUEL ÁLVARES, natural de Valença do Douro.

1288. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 205.

1289. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 197.

1290. Este capítulo deve tudo à criteriosa exposição genealógica de SOUSA, José de Campos e, “Macedos de Vilar de Maçada e outros desentroncados”, *Armas e Troféus*, II série, tomo I, 1959, pp. 35-50 e 162-174.

1291. BAENA, Sanches de, *Archivo ... etc. cit.*, vol. I, p. 490.

1292. Os dados deste capítulo foram obtidos do processo de habilitação para o Santo Ofício de Gaspar Luís de Macedo, Gaspar, maço 2, doc. 61.

Filha:

II – BEATRIZ MANUEL

Viveu no lugar de Cepões, termo de Lamego.

Casou com ANTÓNIO LUÍS, filho de LUÍS ANES e de CATARINA VAZ, naturais do lugar de Arneiros, termo de Lamego.

Filho:

III – GASPAR LUÍS DE MACEDO

Morou em Cepões. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1644-01-30.

Casou com D. JOANA DE SÃO PAIO, filha de DIOGO DE SÃO PAIO e de D. ANA DA COSTA, neta paterna de DOMINGOS PEREIRA DE SÃO PAIO e de D. LUÍSA DE SÃO PAIO, todos de Torre de Moncorvo, e neta materna de SIMÃO DA COSTA COUTINHO, natural da vila de Midões, e de BEATRIZ DE SOVERAL, natural de Sernancelhe. Com geração¹²⁹³.

Capítulo 42º

Macedos da Covilhã

I – FRANCISCO DE MACEDO

Morou na Covilhã.

Casou com ISABEL DE MENDONÇA filha de DIOGO DE MENDONÇA e BRITES GONÇALVES DE PINA¹²⁹⁴.

Filhos:

1(II) – JOSÉ DE MACEDO

Casou com MARIA DE FIGUEIREDO

Filho:

III – MIGUEL DE PINA DE MACEDO

Foi superintendente das caudelarias da Guarda.

Casou com D. ROSA TAVARES, de Santa Maria Madalena da Covilhã.

Filhos do casamento:

1(IV) – JOSÉ DE MACEDO TAVARES

Terá sido senhor da honra de Carguas e padroeiro de S. Maria Madalena da Covilhã. Foi mestre de campo na Guarda. Pelos seus servi-

ços no lançamento das décimas em alguns lugares do termo da Covilhã e como procurador da Covilhã nas cortes de 1649, e pelos de seu irmão Simão, foi respondido seu filho António. Em 1645-12-23 recebeu mercê de 30 mil reis de pensão numa comenda, tendo sido concedidos 20 mil reis com o hábito de Cristo para seu filho e outro tanto para seu neto, em 1664-04-14¹²⁹⁵. Em 1650-03-17 recebeu alvará para que o seu gado pudesse pastar na sua várzea chamada de Pontão¹²⁹⁶.

Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo¹²⁹⁷. Casou com D. MARIA DA COSTA filha de SIMÃO DA COSTA FEIO, e sua mulher D. MARIA DE FIGUEIREDO.

Filhos:

1(V) – ANTÓNIO DA COSTA

Pelos serviços de seu pai obteve em 1654-04-15 30 mil reis de pensão e a promessa de 20 mil reis com o hábito de Cristo¹²⁹⁸.

2(V) – D. CATARINA DE MENDONÇA
Casou com PEDRO DE CHAVES DE GUSMÃO, fidalgo castelhano filho de D. DIOGO DE CHAVES. Com geração.

2(IV) – SIMÃO DE PINA DE MENDONÇA

Foi capitão duma companhia de infantaria, serviços que couberam a seu irmão.

Filha bastarda de Miguel de Pina de Macedo, havida em LEONOR DE AZEVEDO, que terá recebido à hora da morte:

3(IV) – D. MARCELINA DE MENDONÇA

2(II) – FRANCISCO DE MACEDO

Capítulo 43º

Macedos, de Grândola

I – FRANCISCO RODRIGUES DE MACEDO

Filho:

II – DOMINGOS DE MACEDO

1293. Sobre estes Costas e Soverais ver SOVERAL, Manuel Abranches de, *Ascendências Viseenses*, Porto, 2004, vol. II, pp. 166-168.

1294. COGOMINHO, Simão de Melo Cogominho, ob. cit., fls. 459 a 468v.

1295. Registo Geral das Mercês, Ordens Militares, livro 2, fl. 98, livro 4, fls. 35 e 152, livro 5, fl. 257v, e livro 6, fls. 215-216.

1296. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 22, fls. 352v-353.

1297. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 11.

1298. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, pp. 71, 175 e 229.

Nasceu em Grândola. Em 1670-03-04 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis de moradia, indo à Índia¹²⁹⁹.

Capítulo 44º

Macedos, da Guarda

I – FRANCISCO DE MACEDO

Recebeu em 1551-03-04 o ofício de recebedor das sisas da cidade da Guarda. Era então moço de câmara da Casa Real¹³⁰⁰.

Capítulo 45º

Macedos, outros, de Lisboa

I – GUIOMAR DE MACEDO

Casou com GREGÓRIO GOMES.

Filhos:

1(II) – BENTO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Foi frade da Ordem do Carmo, da qual recebeu o hábito no convento de Lisboa. Foi doutor em teologia pela Universidade de Coimbra e conhece-se dele, pelo menos, um *Cursus philosophicus* em três tomos. Morreu em 1654¹³⁰¹.

2(II) – FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Foi jesuíta e doutor em teologia pela Universidade de Coimbra.

Capítulo 46º

Macedos, da Lousã

I – LUÍS DE MACEDO PIMENTEL¹³⁰²

Nasceu na Lousã. Foi licenciado em leis e advogado na dita vila em 1626 e 1627. Morou depois em Arganil. Casou com ANA CALDEIRA DE PROENÇA, natural da vila de Arganil, ao que parece filha de FRANCISCO RIBEIRO CALDEIRA e de ISABEL DAS NEVES NEGRÃO.

Filho:

II – MANUEL DE MACEDO PIMENTEL

Nasceu em Arganil. Morou depois na Lousã, onde foi almoxarife e juiz dos direitos reais.

Casou em com MARIA DE OLIVEIRA SERRÃO, natural de cidade de Coimbra, filha do Dr. JERÓNIMO SERRÃO DE FRIAS, natural de Valverde, termo de Aguiar da Beira, médico formado e do partido do Rei, graduado na Universidade de Coimbra, e de MARIA DE OLIVEIRA COELHO, natural da cidade de Coimbra, esta última filha de PEDRO DE OLIVEIRA, cidadão de Coimbra, e de MARIA COELHA.

Filhos:

1(III) – D. MARIA CAETANA PIMENTEL DE PROENÇA

Casou na Lousã com JERÓNIMO DE MAGALHÃES MEXIA E FREITAS, natural de Arganil, que terá sido tabelião, almoxarife e juiz dos direitos reais da Lousã, e foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1715-01-10¹³⁰³, e fidalgo de cota de armas em 1714-08-11¹³⁰⁴, que morreu em 1717, filho de ANTÓNIO MEXIA DE MAGALHÃES e de MARIA DE ALMEIDA GAMBOA.

Filhos:

1(IV) – JOSÉ MIGUEL DE MACEDO MAGALHÃES MEXIA

Foi provedor da Misericórdia da Lousã. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1715-06-22¹³⁰⁵ e, em 1731-04-23, cavaleiro professo da Ordem de Cristo¹³⁰⁶.

Casou com D. ISABEL CAETANA XAVIER DA SERRA, filha de MANUEL LOPES e de MARIA DA SERRA.

Filhos:

1299. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 326.

1300. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 64, fl. 164v.

1301. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo I, p. 506a.

1302. Os dados sobre estes, até o neto José de Macedo Pimentel, colhi-os fundamentalmente no processo deste Luís na Leitura de Bacharéis, letra L, maço 5, doc. 26, e na do referido neto, letra J, maço 10, doc. 47.

1303. Mercês de D. João V, livro 7, fl. 65.

1304. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 555.

1305. Mercês de D. João V, livro 7, fl. 271v.

1306. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 197, fl. 348v.

1(V) – JOSÉ DE MAGALHÃES MEXIA E MACEDO

Nasceu em 1734-12-24 e morreu em 1807-08-26. Possuiu a quinta de Santa Rita, termo da vila da Lousã. Foi provedor da Misericórdia desta vila e seu presidente da Câmara. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1803-01-24¹³⁰⁷.

Casou com D. GUIOMAR MICAELA DA SILVA, filha de FÉLIX DA SILVA, familiar do Santo Ofício, cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e de D. TERESA ROSA DE JESUS. Com geração¹³⁰⁸.

2(V) – JERÓNIMO DE MAGALHÃES MEXIA MACEDO E SERRA

Nasceu em 1738 na Lousã, onde foi capitão-mor.

Casou com D. MARIA DE LIS PEREIRA, filha de JOÃO LOPES DA COSTA e de D. JOANA TERESA DE LIS PEREIRA. Com geração, entre ela os Condes de Ameal.

3(V) – CAETANO DE MAGALHÃES MEXIA MACEDO E SERRA

Casou com D. ANTÓNIA XAVIER DE ALMEIDA BACELAR MASCARENHAS, com geração.

4(V) – RAIMUNDO DE MAGALHÃES MEXIA MACEDO E SERRA

Nasceu na Lousã. Foi fidalgo de cota de armas (Mexias, Magalhães, Macedos e Seras), em 1772-11-28¹³⁰⁹.

2(IV) – GONÇALO JOSÉ DE MACEDO MAGALHÃES

Foi almoxarife e proprietário de um dos ofícios de tabelião da Lousã.

Casou duas vezes: a 1ª, sem geração, com D. MARIA BACELAR DE ALMEIDA PINTO, natural de Figueiró dos Vinhos, filha de SEBASTIÃO PINTO DA SILVA e de D. JOSEFA DE ALMEIDA BACELAR; a 2ª com D. MARIANA BERNARDA COLAÇO VELASQUES SARMENTO E ALARCÃO, filha de JOÃO TEIXEIRA EVANGELHO

GOMES COLAÇO e de D. MADALENA MACHADO COIMBRA. Com geração, entre a qual os Telo de Magalhães Colaço.

3(IV) – D. ANA MARIA JOSEFA MEXIA Casou na Lousã em 1734-06-26, com FRANCISCO JOSÉ COUTINHO DE MACEDO, filho de JOSÉ COUTINHO e de D. ÚRSULA DOS SANTOS. Com geração, nomeadamente Magalhães Coutinhos e Infantes de Lacerda¹³¹⁰.

2(III) – JOSÉ DE MACEDO PIMENTEL

Nasceu na vila da Lousã. As inquirições para ser admitido nos lugares oficiais começaram em 1684 e terminaram em 1686. Foi juiz de fora em Pombal e corregedor de Lamego. Neste lugar foi aposentado em 1714-09-11, com 120 mil reis de aposentadoria cada ano, por mercê de 1714-10-30¹³¹¹. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1677¹³¹².

3(III) – JOÃO DE S. TEOTÓNIO

Foi frade crúzio.

4(III) – MANUEL DO SACRAMENTO

Foi frade loio.

5(III) – FRANCISCO DE MACEDO

Foi clérigo.

6(III) – RAIMUNDO PIMENTEL DE MACEDO

Foi clérigo.

7(III) – ANA MARIA CALDEIRA

Sem geração.

8(III) – ROSA PIMENTEL

Sem estado.

Capítulo 47º

Macedos, de Mortágua

I – ANTÓNIO DE MACEDO

Morou em Mortágua. Obteve o ofício de tabelião do público judicial nessa vila por carta de 1536-12-12¹³¹³.

1307. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor da Casa Real*, cit., tomo I, p. 646.

1308. Que pode seguir-se em SILVA, António de Mattos e, *Anuário ... etc.* cit., vol. III, tomo III, pp. 233-249.

1309. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, p. 555.

1310. Para todos estes dados segui, sempre que não haja especial cota de referência, MEXIA, Fernando Carlos Pinto de Campos de Magalhães, *Genealogia da família Magalhães Mexia da Lousan*, Braga, 1931.

1311. Mercês de D. João V, livro 6, fl. 373.

1312. Habilitação para o Santo Ofício de José de Macedo Pimentel, José, maço 4, doc. 64.

1313. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 21, fl. 209.



Capítulo 48º Macedos, de Penaguão

I – PEDRO DE MACEDO

Foi escudeiro da Casa Real. Por carta de 1517-07-17 recebeu o ofício de escrivão das sisas do julgado de Penaguão¹³¹⁴.

Capítulo 49º Macedos, de Rebordinhos

I – JOÃO DE MACEDO

Morou em Rebordinhos. Foi preso por se dizer que os moradores desse lugar queriam derrubar uma casa de taboado que ele aí fizera em terra que era logração deles. Recebeu perdão régio por carta de 1543-11-02, mediante o pagamento de 800 reis¹³¹⁵.

Capítulo 50º Macedos, de Santiago do Cacém

I – SEBASTIÃO DE MACEDO

Morou em Santiago do Cacém.

Casou com D. BRITES DE SÁ E BRITO.

Filha:

II – D. CESÍLIA DE MACEDO E BRITO

Casou com

Filho:

III – JOÃO DE MOURA DE BRITO

Morou em Setúbal.

Foi fidalgo de cota de armas por carta de 1681-08-11, para Mouras, Britos, Sás e Macedos¹³¹⁶.

Capítulo 51º Macedos, de Santos, Brasil

I – JOÃO RAMALHO¹³¹⁷

Era natural de Barcelos. Chegou ao Brasil com Martim Afonso de Sousa, em 1530.

Filhos:

1(II) – ANDRÉ RAMALHO

2(II) – JOANA RAMALHO

Casou com JORGE FERREIRA, português, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, que com seus cunhados obteve grandes sesmarias na ilha de Guaibé. Com geração.

3(II) – MARGARIDA RAMALHO

Casou com PASCOAL FERNANDES, genovês. Sem geração conhecida.

4(II) – VITÓRIO RAMALHO

Morreu na guerra contra os índios tamoios.

Filho:

III – GREGÓRIO RAMALHO

Lutou contra os tupiniquins e contra os tamoios do Rio de Janeiro. Ainda vivia, solteiro, em 1600.

5(II) – ANTÔNIO DE MACEDO

Em 1540 morava com seus irmãos na ilha de Guaibé. Fez parte duma bandeira que foi explorar os rios Anhembi e Jaguari, em 1590, onde morreu duma frechada em 1590

Casou com uma irmã de Belchior Dias Carneiro.

Filhos:

1(III) – HELENA DE MACEDO

Casou, com geração - uma filha que também casou e teve geração.

2(III) – FRANCISCO RAMALHO DE MACEDO, o “Tamarutaca”

Foi sertanista. Morreu em S. Paulo em 1618.

Casou, com geração.

6(II) – MARCOS RAMALHO

7(II) – JORDÃO RAMALHO

8(II) – ANTÔNIA QUARESMA

9(II) – CATARINA RAMALHO

Casou com GONÇALO CAMACHO, com geração.

Capítulo 52º Macedos, de Tabuaço

I – ANTÔNIO DE MACEDO

1314. Chancelaria de D. Manuel I, livro 10, fl. 62v.

1315. Chancelaria de D. João III, Perdões e Legitimações, livro 13, fl. 390v.

1316. BORREGO, Nuno, *Cartas de Brasão de Armas - Colectânea*, cit., p. 228.

1317. Para estes seguiu BRANCO, Francisco de Assiz Carvalho, “Marginando Pedro Taques e Silva Leme”, *Revista Genealógica Latina*, nº 4, 1952, S. Paulo, pp. 106-115.



Nasceu em 1532. Em 1551-06-17 era solteiro, vivia em Valença do Douro (concelho de Tabuaço) e obteve perdão da acusação de furto duma cadela de caça pertencente a Fernando Afonso, morador em Goujoim (então concelho de Lumiares, hoje de Armamar)¹³¹⁸.

Foi talvez seu filho, ou parente muito próximo:

II – GASPAS DE MACEDO

Morou em Barcos, Tabuaço.

Tendo sido condenado em degredo por agressão em Goujoim, foi-lhe comutado em 1585-07-31 em degredo para Castro-Marim¹³¹⁹.

Novamente se envolveu em lutas em Goujoim e foi perdoado em 1623-04-07¹³²⁰.

Capítulo 53º

Macedos, de Unhos

I – CATARINA ÁLVARES DE MACEDO¹³²¹

Casou com BELCHIOR RODRIGUES RAVASCO

Filho:

II – DOMINGOS RODRIGUES DE MACEDO

Foi magistrado, que o rei incumbiu de pressionar pela escolha de certo candidato para capitão de ordenanças de Pontével, em 1633¹³²². Em 1645-04-22 foi nomeado desembargador extravagante da Relação e Casa do Porto¹³²³ e, em 1651-10-08, para um lugar extravagante aí, sendo então corregedor do crime da mesma Relação¹³²⁴. Em 1654-06-25 recebeu o cargo de provedor das valas e contador das jugadas, lezírias e paus da vila de Santarém¹³²⁵. Morreu antes de Setembro de 1659, mês em que sua viúva renunciou direitos dele em

seu filho varão¹³²⁶.

Casou com D. CATARINA DE MACEDO, filha de DOMINGOS LOURENÇO DE MACEDO e de MARGARIDA PEREIRA.

Filhos:

1 (III) – FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em Unhos e morou na Apelação. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1662-10-24.

2 (III) – D. MARIA DE MACEDO¹³²⁷

Nasceu em Unhos.

Casou com JOÃO SOARES REBELO, natural de Caminha.

Filho:

IV – PEDRO VAZ SOARES

Terá sido familiar do Santo Ofício¹³²⁸

Casou com D. MARIANA DE CASTELO BRANCO E REGO, filha de ANTÓNIO DE ABREU DO REGO, natural da Charneca, e de D. MARIA ANTÓNIA DE CASTELO BRANCO, natural de Lisboa, Sé.

Filho:

V – FRANCISCO SOARES DE MACEDO

Leu no Desembargo do Paço, tendo sido aprovado em 1734-06-02.

3 (III) – D. Fulana DE MACEDO

Capítulo 54º

Macedos, de Valhelhas

I – ANTÓNIO DE MACEDO

Por renúncia de seu sogro, obteve para si os ofícios de tabelião do público e judicial da vila de Valhelhas, conforme carta de 1597-10-08.

Casou com, filha de GASPAS

1318. Chancelaria de D. João III, Perdões, livro 15, fl. 348.

1319. Chancelaria de Filipe I, Perdões, livro 4, fl. 42v.

1320. Chancelaria de Filipe III, Perdões, livro 13, fl. 174.

1321. Os dados deste capítulo, salvo referência específica, resultam da habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Macedo, Francisco, maço 9, doc. 342.

1322. Corpo Cronológico, maço 119, doc. 1.

1323. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 22, fl. 62.

1324. *Ibidem*, fl. 22v.

1325. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 21, fl. 427.

1326. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias ... etc. cit.*, fl. 23v.

1327. Os dados sobre esta, seus filho e neto, e respectivos cônjuges, em Leitura de Bacharéis, Francisco Soares de Macedo, letra F, maço 4, doc. 35.

1328. O processo de habilitação para o Santo Ofício tem a cota Pedro, maço 6, doc. 191, mas não está à leitura, devido ao seu mau estado.

DUARTE, tabelião do publico e judicial da vila de Valhelhas¹³²⁹.

Capítulo 55º

Macedos, de Verride

I – ÁLVARO PARCEIRO DE MACEDO¹³³⁰

Era galego.

Filho:

II – SIMÃO PARCEIRO DE MACEDO

Nasceu em Tui. Veio a Aveiro por capitão duma caravela e ali casou com MARIA ANTÓNIA DE SÁ.

Filho:

III – MANUEL COLAÇO DE MACEDO

Fundou com sua mulher a quinta do Cardal.

Casou com ÚRSULA COUTINHO DE BARROS.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO DE MACEDO PEREIRA¹³³¹

Nasceu em Verride, Montemor-o-Velho. Seguiu as letras. Tendo sido desembargador dos agravos da Casa da Suplicação do Porto, e corregedor do crime na mesma cidade¹³³². Pelos seus serviços teria recebido um foro de fidalgo da Casa Real, mas não encontrei tal registo. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1675-12-09¹³³³. Habilitou-se para a Ordem de Cristo em 1668¹³³⁴, e nela foi cavaleiro professo em 1668-11-06¹³³⁵.

Casou duas vezes: a 1ª em Sangalhos com D. SEBASTIANA DA SILVA; a 2ª, sem geração,

em Estremoz com D. CATARINA DE SAMPAIO, filha de ANTÓNIO DE FREITAS LOBO e de CATARINA DE SAMPAIO BORGES.

Filho do 1º casamento:

V – ROQUE DE MACEDO PEREIRA

Terá sido superintendente da coudelaria do campo de Coimbra e foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1672-03-25¹³³⁶, familiar do Santo Ofício por carta de 1699-12-23¹³³⁷ e fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1707-06-27¹³³⁸.

Casou com D. BERNARDA VITÓRIA FORJAZ PEREIRA E HORTA, filha de BERNARDO AMADO VARELA e de D. ANA DE ORTA, como se verá no Capítulo 107º - Amados Varelas de Macedo.

Filhos:

1(VI) – ANTÓNIO

2(VI) – frei JOSÉ

Foi frade do Varatojo.

3(VI) – D. ANA JOSEFA

4(VI) – FRANCISCO XAVIER DE MACEDO HORTA AMADO E SAMPAIO
Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1718-05-28¹³³⁹ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1729-04-04¹³⁴⁰.

Casou com D. TERESA JOSEFA CAVACO DO COUTO.

Filho:

VII – ROQUE DE MACEDO PEREIRA HORTA E SAMPAIO

Foi bacharel em cânones pela Universidade de Coimbra, fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1749-04-15¹³⁴¹ e terá sido

1329. Chancelaria de Filipe II, Doações, livro 2, fl. 126.

1330. Para estes, baseei-me em geral no manuscrito *Colleção de vários titulos genealogicos de familias de Portugal*, coligida por D. Tomás Caetano do Bem, vol. 3º, B.N.L., códice 1033, fls. 3 e 3v, e em VASCONCELOS, António Peixoto de Queirós e, *Nobiliario das familias illustres de Portugal (Nobiliário Queirós)*, TT, Genealogias manuscritas, nº 30 (rolo 455), fl. 102.

1331. A partir deste, usei bastante, com a devida vénia, a informação circunstanciada fornecida por BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral, “Descendência de Domingos João, o Tá, de Aveiro”, *Revista Lusófona de Genealogia e Heráldica*, nº 5, 2006, pp- 108-118

1332. Chancelaria de D. Afonso VI, Doações, livro 54, fl. 366.

1333. Habilitação para o Santo Ofício de António de Macedo Pereira, António, maço 17, doc. 549.

1334. Ordem de Cristo, habilitação de António de Macedo Pereira, letra A, maço 50, doc. 74.

1335. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 56, fl. 38.

1336. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 61, fl. 298v.

1337. Habilitação para o Santo Ofício de Roque de Macedo Pereira, Roque, maço 1, doc. 15.

1338. Mercês de D. João V, livro 1, fls. 329-329v.

1339. Mercês de D. João V, livro 10, fl. 51v.

1340. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 192, fl. 86v.

1341. Mercês de D. João V, livro 40, fl. 127.

cavaleiro professo da Ordem de Cristo.
Casou com D. ISABEL JOAQUINA DE SOUSA PEREIRA COUTINHO.
Com geração notável, entre a qual o Conde de Macedo.

5(VI) – D. ANA FELÍCIA DE MACEDO PEREIRA COUTINHO.

Casou com CUSTÓDIO JÁCOME REYMONDE DE NORONHA.

6(VI) – MANUEL DE MACEDO PEREIRA DE HORTA

Foi desembargador.

Casou com D. FRANCISCA ANTÓNIA DE SEABRA DE ALMEIDA BELTRÃO.

7(VI) – JOSÉ FRANCISCO DE MACEDO PEREIRA

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1708-05-07¹³⁴² e habilitou-se para cavaleiro da Ordem de Cristo¹³⁴³.

8(VI) – D. FRANCISCA JOAQUINA DE HORTA FORJAZ PEREIRA¹³⁴⁴

Nasceu em Verride.

Casou com PEDRO DIAS PAES LEME, natural de N^a Sr.^a da Apresentação de Irajá, recôncavo do Rio de Janeiro, filho de GARCIA RODRIGUES PAES e de D. MARIA PINHEIRO DA FONSECA, naturais de S. Paulo.

Filho:

VII – FERNANDO DIAS PAES LEME DA CÂMARA

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1749-04-15¹³⁴⁵ e terá sido comendador da Ordem de Cristo.

9(VI) – HERMENEGILDA BENEDITA

2(IV) – MANUEL DE MACEDO PEREIRA

Foi para a Índia, com geração.

3(IV) – MARIA DE MACEDO

Foi freira em Sandelgas.

4(IV) – INÊS

Morreu moça.

Capítulo 56º

Macedos, de Vila Flor

I – CRISTÓVÃO DE MACEDO

É possível que fosse o mesmo com quem comecei o Capítulo 24º – Macedos, de Portel. Morou em Vila Flor. Obteve em 1550-09-06 o ofício de procurador do número de Vila Flor.

Casou com uma irmã da sogra de João de Crossas, também procurador na mesma vila¹³⁴⁶.

Capítulo 57º

Macedos, de Vila Franca de Xira

§1º

I – SEBASTIÃO DE MACEDO

Casou com FILIPA DA SILVA.

Filhos:

1(II) – MARIA DE MACEDO

Foi baptizada em Vila Franca de Xira em 1623-11-18¹³⁴⁷.

Aí casou, em 1652-10-16, com TOMÉ BARRETO TEIXEIRA, natural de Castanheira, filho de BERNARDO TEIXEIRA BARRETO¹³⁴⁸.

2(II) – JOÃO DA SILVA DE MACEDO

Foi baptizado em Vila Franca de Xira em 1635-11-17¹³⁴⁹. Em 1653-02-23 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis de moradia, indo à Índia¹³⁵⁰.

§2º

I – MANUEL LUÍS

Casou com MARGARIDA DOS SANTOS.

Filho:

II – AMBRÓSIO DA SILVA DE MACEDO

Foi baptizado em Vila Franca de Xira em 1631-01-08¹³⁵¹. Em 1655-03-02 foi tomado para cava-

1342. Mercês de D. João V, livro 2, fls. 202v.

1343. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 404.

1344. Os dados sobre ela e descendentes em BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo I, p.460.

1345. Mercês de D. João V, livro 40, fl. 12v.

1346. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 64, fl. 113.

1347. Assentos Paroquiais, Vila Franca de Xira, Baptismos, livro 2, fl. 98v.

1348. Assentos Paroquiais, Vila Franca de Xira, Casamentos, livro 1, fl. 19.

1349. Assentos Paroquiais, Vila Franca de Xira, Baptismos, livro 3, fl. 93v.

1350. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 266.

1351. Assentos Paroquiais, Vila Franca de Xira, Baptismos, livro 3, fl. 52v.

leiro-fidalgo da Casa Real com 1000 reis de moradia, sob condição de ir à Índia¹³⁵².

Capítulo 58º Macedos Antunes

I – PEDRO ANTUNES

Casou com MARIA RODRIGUES.

Filho:

II – PEDRO ANTUNES DE MACEDO

Foi baptizado em S. Bartolomeu da Charneca, termo de Lisboa, em 1651-11-19¹³⁵³. Em 1670-02-12 foi tomado para cavaleiro da Casa Real, com condição de ir à Índia, onde seria armado cavaleiro.¹³⁵⁴

Capítulo 59º Macedos Arantes

I – FRANCISCA DE MACEDO

Casou com JOÃO DE NANTES QUINTEIRO, que foi senhor da quinta de Romai, filho de JOÃO DE NANTES e de GENEBRA DE S. PAIO, de S. Martinho de Carrzedo, hoje no concelho de Amares, que em 1508 compraram uma herdade junto à quinta de Romai e em 1509 eram partes no emprazamento do casal de Remonte, Arentim¹³⁵⁵, do Cabido da Sé de Braga. Morreu antes de Março de 1522.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO

Recebeu ordens menores em Braga em 1531-12-23.¹³⁵⁶

2(II) – FERNÃO RIBEIRO MACEDO

Recebeu ordens menores em Braga em 1549. Foi senhor da quinta de Romai.

Casou com CATARINA DA COSTA

Filhos:

1(III) – JOÃO RIBEIRO DE MACEDO

Foi licenciado.

Casou com GUIOMAR DA CUNHA (ou RODRIGUES).

Filhos:

1(IV) – FILIPA DE MACEDO DA CUNHA

Casou com JORGE DE MELO PEREIRA, fidalgo, pajem do arcebispo de Braga, que foi possuidor do prazo do casal de Romai em 1556-11-24¹³⁵⁷.

Com geração.

2(IV) – FRANCISCO DE S. PAIO

3(IV) – INÊS DE MACEDO DA CUNHA
Casou com FRANCISCO DE GOIOS PEIXOTO.

Filhos:

1(V) – BERNARDIM MACHADO

2(V) – JERÓNIMO MACHADO

Casou com, filha de PEDRO ARANTES QUINTEIRO.

4(IV) – SIMOA DE MACEDO DA CUNHA

Casou com RUI GOMES PEREIRA, senhor da Torre da Quintela.

Filho:

V – ANTÓNIO RIBEIRO

Não casou.

2(III) – MARIA FERNANDES DE MACEDO

Casou com GONÇALO PIRES MACHADO, senhor da quinta da Câmara, em Moure, que se supõe filho bastardo de FRANCISCO MACHADO, senhor de Entre-Homem-e-Cávado.

Filho:

IV – DIOGO FERNANDES MACHADO

?3(III) – SIMÃO ARANTES

Vivia em 1592.

1352. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 266.

1353. Assentos Paroquiais, Lisboa, S. Bartolomeu da Charneca, livro 3 misto, fl. 47v.

1354. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 155.

1355. Ver o rigoroso trabalho de OLIVEIRA, Eduardo R. de Arantes e, *Memórias de Entre Homem e Cávado*, separata de *Forum*, nº 41, Universidade do Minho, Braga, 2007; os dados que excedem os das matrículas de ordinandos de Braga e sem cotas de referência, são nele baseados, com a devida vénia; ver ainda o estudo de TROVISQUEIRA, J. de Castro e Mello, "Abade de Prozelo – ainda a sua ascendência", *Raízes & Memórias*, nº 19, 2003, pp. 71 e segs.; ver ainda GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 12º, pp. 150 e segs.

1356. A. D. Braga, *Matrículas ... etc. cit.*, pasta 9, caderno 6, fl. 6v.

1357. A. D. Braga, *Prazos do cabido, Índices*, livro 1, fl. 308; o prazo foi renovado em 1649-10-26 a Teodora de Melo, solteira, filha de Antónia de Melo, talvez descendente destes.

24(III) – FRANCISCO ARANTES
 3(II) – BERNARDO RIBEIRO
 Casou com ANTÓNIA REBELO
 Filho:
 III – BALTAZAR DE MACEDO
 Casou com MARIA TINOCO

Capítulo 60º

Macedos Azevedos

I – JOÃO BARRETO VIEIRA

Serviu nas armadas de costa, por esses serviços foi respondido seu filho Francisco.

Filhos:

1(II) – JERÓNIMO BARRETO

Serviu no Brasil. Pelos seus serviços foi respondido seu irmão Francisco.

2(II) – FRANCISCO DE MACEDO DE AZEVEDO

Nasceu em Guimarães. Serviu de 1641 a 1643. Por tais serviços e pelos de seu pai e de seu irmão, foi em 1645-03-12 tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹³⁵⁸.

Capítulo 61º

Macedos Barros

I – ANTÓNIO DE BARROS

Filho:

II – ANTÓNIO DE BARROS¹³⁵⁹

Viveu em Tremez, termo de Santarém. Pelos seus serviços obteve seu filho Gaspar o filhamento. Foi

cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹³⁶⁰.

Casou com MARIA BARBOSA GODINHO.

Filho:

III – GASPAR GODINHO DE MACEDO

Viveu em Tremez. Foi apontador das moradias da Casa Real. Morou depois em Santarém. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1662¹³⁶¹.

Casou, com escritura de 1654-02-03, nas notas do tabelião de Santarém António Cabral da Silveira, com D. MÓNICA MARIA CABRAL, filha de LUÍS CORREIA DA SILVEIRA e de MÉCIA CABRAL DA SILVEIRA.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO DE BARROS

Foi sargento-mor por patente régia de 1694-12-29¹³⁶².

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1695-07-28¹³⁶³.

3(IV) – FRANCISCO GODINHO DE MACEDO

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1698-10-08¹³⁶⁴.

3(IV) – JOSÉ VELHO CABRAL DE MACEDO

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1698-10-08¹³⁶⁵.

4(IV) – D. ROSA MARIA DE MACEDO

Nasceu em Lisboa, S. Nicolau.

Casou com ANTÓNIO NETO CHAINHO, natural de Sines, filho de LUÍS NETO CHAINHO e de MARIA MENDES, naturais de Sines.

Filho:

V – LUÍS NETO DA SILVEIRA

Nasceu em Lisboa, Anjos. Foi desembargador da Relação de Goa e cavaleiro professor da Ordem de Cristo conforme habilitação de 1729-12-22¹³⁶⁶.

1358. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 197.

1359. Para este, o filho e seu casamento, seguiu Manso de Lima, ob. cit., vol. IV, p. 178.

1360. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. II, pp. 180 e 273, e *Livros de Matrículas ... etc.* cit., p. 586.

1361. *Ibidem*.

1362. Mercês de D. Pedro II, livro 9, fl. 238v.

1363. Mercês de D. Pedro II, livro 9, fl. 457.

1364. Mercês de D. Pedro II, livro 12, fl. 162.

1365. Mercês de D. Pedro II, livro 12, fl. 151v.

1366. Habilitação para a Ordem de Cristo de Luís Neto da Silveira, BORREGO, Nuno Gonçalo Pereira, *Habilitações nas ordens militares. Séculos XVII a XIX*, tomo III, Lisboa, 2008, p. 55.



Capítulo 62º

Macedos Barrosos

I – Fulano DE MACEDO

Casou com GUIOMAR LOPES.

Filha:

II – CATARINA DE MACEDO

Morou no Barreiro. Em 1613-05-22 vendeu a retro vários bens a um livreiro da Rua Nova.

Casou duas vezes: a 1ª com GASPAS REBELO; a 2ª com PEDRO ÁLVARES REBELO.

Filhas, ao que creio, ambas do 1º casamento:

1(III) – ANA REBELO

Morreu antes de Maio de 1613.

Casou com MANUEL CARDOSO.

2(III) – GUIOMAR DE MACEDO

Fugiu de seu marido.

Casou com DIOGO BARROSO, soldado que, em vésperas de partir para o Brasil, perdoou a fuga da mulher à mãe e à avó de sua mulher.¹³⁶⁷

radia por mercê de 1695-12-20¹³⁷¹.

Filhos:

1(III) – BERNARDO DE MACEDO

Casou com MARIA MONTEIRO.

Filho:

IV – JOÃO FILIPE DE MACEDO PARADA

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real por mercê de 1765-05-20¹³⁷².

Casou com D. ANTÓNIA MARIA DE SÁ PEREIRA.

Filhos:

1(V) – JOSÉ BERNARDO DE MACEDO PARADA

Nasceu em Pocariça, Cantanhede. Foi fidalgo de cota de armas em 1765-09-28, para Macedos¹³⁷³, e cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1769-03-31.

2(V) – MANUEL DE MACEDO PARADA
Nasceu na Pocariça. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1769-03-31¹³⁷⁴.

2(III) – D. LUÍSA TERESA DA CÂMARA

Casou com MANUEL HOMEM DA MATTA.

Filho:

IV – MANUEL CAETANO HOMEM DE MACEDO

Foi juiz de fora da vila do Outeiro e provedor da Real Fazenda nas minas de Goiazes.

Casou com D. JOSEFA LUÍSA.

Filho:

V – JOÃO MANUEL HOMEM DE MACEDO

Foi licenciado, capitão de auxiliares em Aveiro e fidalgo de cota de armas em 1773-07-08, para Homens, Macedos, Matas e Câmaras¹³⁷⁵.

Capítulo 63º

Macedos Coelhoos

I – FRANCISCO DE MACEDO COELHO

Filhos:

1(II) – JOÃO COELHO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa.

Foi moço de câmara em 1636 e em 1641-02-11 foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia com condição de ir à Índia¹³⁶⁸.

2(II) – ANTÓNIO DE MACEDO COELHO

Nasceu em Lisboa.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia em 1644-03-08, com a condição de ir à Índia¹³⁶⁹.

3(II) – MANUEL MACEDO DE PARADA

Era natural da Caparica. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹³⁷⁰, tendo sido acrescentada a sua mo-

Capítulo 64º

Macedos Coimbras

I – JOÃO RODRIGUES

1367. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 265.

1368. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 173, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 198.

1369. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 188, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 212.

1370. Para este e seus descendentes, seguiu BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, pp. 305-306 e 369-370.

1371. Mercês de D. Pedro II, livro 9, fl. 92.

1372. Mercês de D. José, livro 19, fl. 467v.

1373. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, pp. 369-370.

1374. *Ibidem*.

1375. BAENA, Sanches de, ob. cit., vol. I, pp. 305-306.



Era natural de Coimbra.

Casou com MARIA DE MACEDO, natural de Coimbra.

Filhos:

1(II) – FRANCISCO DE SANTO AGOSTINHO DE MACEDO

Foi frade, letrado e serviu na embaixada em França e em Roma¹³⁷⁶.

2(II) – D. MARIA DE MACEDO, que obteve um lugar de freira em 1643-07-18, mas não professou¹³⁷⁷.

3(II) – MANUEL DE MACEDO COIMBRA

Foi mestre-escola da Sé do Porto.

4(II) – JOSÉ DE MACEDO

Foi beneficiado em Évora.

5(II) – ANTÓNIO DE MACEDO

Foi padre da Companhia de Jesus¹³⁷⁸. Nela entrou aos 14 anos, em 1626. Esteve em Mazagão por três anos, tendo reformado, com as suas declamações evangélicas, a vida licenciosa dos soldados. Foi confessor e intérprete do embaixador de D. João IV à Suécia em 1650. Esteve de pois em Roma por longo. Morreu em Portugal, em 1695¹³⁷⁹.

mente III e licença do arcebispo que está no livro da pasta dos administradores, mandou lançar a dita instituição na nota de Tomé Dias, ou Tomé de Corda. e também mandou lançar no almoxarifado de Guimarães com provisão régia.

Filhos bastardos:

1(II) – CRISTÓVÃO DE COIMBRA

Foi muito rico pelas fazendas e dinheiro que lhe deixou seu pai.

Casou com INÊS PINTO DE MACEDO.

Filhos:

1(III) – FILIPE DE COIMBRA

Pelas suas muitas riquezas foi capitão-mor da cidade de Braga.

Casou com ISABEL VIEIRA DE ANDRADE, filha do médico LOURENÇO VIEIRA e de CECÍLIA DE ANDRADE.

Filhos:

1(IV) – MIGUEL COIMBRA DE MACEDO

Foi senhor do morgado de Oriz e Lago, juiz de fora de Óbidos e de Nisa, ouvidor de Alcobça, juiz dos resíduos em Lisboa, procurador em Cortes pela cidade de Braga no ano de 1653, provedor de Coimbra, o primeiro que conseguiu o foro de fidalgo. Socorreu Atouguia por ocasião dum rebate de mouros¹³⁸¹.

Foi moço-fidalgo da Casa Real em 1651-08-30¹³⁸², e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Casou com D. FRANCISCA DE PAIVA DE ABREU, filha de FRANCISCO DE PAIVA ABREU, cavaleiro-fidalgo da Casa Real, e de D. ANTÓNIA DE ANDRADE FIGUEIREDO.

Filhos:

1(V) – JOSÉ DE COIMBRA DE MACEDO (ou DE ANDRADE)

Pelos serviços de seu pai teve 20 000 reis de pensão com o hábito de Cristo em 1647-10-08¹³⁸³.

Capítulo 65º

Coimbras de Macedo¹³⁸⁰

I – JOÃO DE COIMBRA

Era de Lisboa, onde morava na freguesia de S. Vicente de Fora por cima do Marco do Salgado. Foi para Braga obrigado do arcebispo D. Diogo de Sousa. Aí foi cónego e provisor, abade de Soutelo, de Barbude e de S. João do Souto na cidade de Braga. Em 16 de Fevereiro de 1530 fez a capela de Nossa Senhora da Conceição a que vinculou grande soma de dinheiro e alcançou breve do papa Cle-

1376. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. I, p. 132.

1377. *Ibidem*, vol. I, 132, 195 e II, p. 270.

1378. Ver biografia em FRANCO S.J., P.e António, *Ano Santo da Companhia de Jesus em Portugal*, Biblioteca do “Apostolado da Imprensa”, Porto, 1930, p. 387.

1379. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo I, p. 314b.

1380. Para todo este capítulo, segui, com as inerentes reservas, GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 11º, pp. 209-210, em tudo o que não estiver expressamente referenciado.

1381. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 57.

1382. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. II, p. 274, e *Livros de Matrículas ... etc.* cit., tomo II, p. 678.

1383. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 57.



Foi senhor do morgado de Oriz, dos Portalegres Abreus, no Alentejo, senhor da Torre do Lago e procurador em Cortes pela cidade de Braga.

Terá sido fidalgo da Casa Real e cavaleiro da Ordem de Cristo.

Casou com D. ANA FALCÃO COTA, filha de ESTÊVÃO FALCÃO COTA, fidalgo da Casa Real, e de D. MARIA DE MELO DE ARAÚJO. Com geração, que manteve o morgado dos Coimbras, representado pela família Coimbra Queirós Vasconcelos e Lencastre¹³⁸⁴.

2(V) – D. TERESA DE COIMBRA

Casou com LUÍS DE BARROS GAVIÃO, que terá sido fidalgo da Casa Real, com geração.

3(V) – D. ISABEL DE ANDRADE

Casou em Barcelos com MANUEL BARBOSA MACHADO com geração.

4(V) – Fr. FRANCISCO

Foi carmelita descalço.

5(V) – Fr. MIGUEL BENTO

6(V) FILIPE DE COIMBRA

Foi abade de Silvaes.

7(V) – PEDRO

Morreu estudante.

8(V) – JOÃO DE COIMBRA

Foi prior de S. Romão, e bispo de Coimbra.

2(IV) – CRISTÓVÃO DE COIMBRA

Foi licenciado e abade de S. João do Souto.

3(IV) – D. CATARINA DE ANDRADE

Casou com CRISTÓVÃO CORREIA, senhor de Farelães, sem geração.

4(IV) – FRANCISCO DE COIMBRA

Foi frade bento.

5(IV) – PEDRO DE COIMBRA

Licenciou-se, foi desembargador da Relação de Braga e abade de S. João do Souto.

2(III) – JOANA DE COIMBRA

Foi freira nos Remédios.

3(III) ANTÓNIA DE COIMBRA

Foi freira nos Remédios.

4(III) – FRANCISCO DE COIMBRA

Morreu novo.

2(II) – AMADOR DE COIMBRA

Foi abade de S. Miguel de Soutelo e teve geração bastarda.

3(II) – LEONOR DE COIMBRA

Casou com BALTAZAR DA MAIA MACHADO, com geração.

Capítulo 66º

Macedos Correias

I - PANTALIÃO CORREIA

Casou com LUÍSA DA SILVEIRA CORTE REAL.

Filho:

II - FRANCISCO CORREIA DE MACEDO

Foi aposentador da corte. Tomou de arrendamento umas casas em 1638-05-20¹³⁸⁵. Teve a administração duma capela em S. Pedro, Covilhã, em 1649-09-04.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹³⁸⁶.

Capítulo 67º

Macedos Costas

I – RODRIGO DA COSTA VARELA

Filho:

II – LOURENÇO DA COSTA DE MACEDO

Nasceu no Barreiro. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 900 reis de moradia em 1648-03-22, com a condição de ir à Índia¹³⁸⁷.

Capítulo 68º

Costas Macedos, de Lisboa

I – JOANA DE SOUSA DE MACEDO

Foi baptizada em Mafra.

Casou com SILVESTRE DE ARAÚJO, natural de Santa Valha, Monforte de Rio Livre, Torre de Moncorvo.

1384. Ver Manuel de Mello Corrêa e outros, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, cit., pp. 564 e segs.

1385. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 135.

1386. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 184.

1387. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 217, e *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 243.



Filha:

II – CATARINA TERESA

Nasceu em Lisboa, S. Vicente de Fora.

Casou com MANUEL JOSÉ DA COSTA, natural de Lisboa, S. Tomé, filho de ANTÓNIO JOSÉ, natural de Ribeira Branca, Torres Novas, e de JOANA MARIA, baptizada em Lisboa, Santa Catarina.

Filho:

III – AGOSTINHO JOSÉ DA COSTA DE MACEDO

Nasceu em Lisboa, em 1745-02-17, tendo sido baptizado na freguesia de S. Tomé¹³⁸⁸. Foi professor régio de filosofia, por mercês de 1774¹³⁸⁹ e de 1779, e bibliotecário da Biblioteca Nacional, por mercês de 1786-10-06¹³⁹⁰.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1780-10-31¹³⁹¹.

Casou em Lisboa, Socorro, em 1774-08-15¹³⁹², com D. CAETANA MARIA DE AZEVEDO, natural de Lisboa, Pena, filha de MANUEL FERREIRA DE AZEVEDO e de ÂNGELA MARIA CAROÇA (ou SARAIVA).

Filhos:

1(IV) – JOAQUIM JOSÉ DA COSTA DE MACEDO

Nasceu em 1777-04-25 em Lisboa e foi baptizado na freguesia do Socorro¹³⁹³. Foi do Conselho de Sua Majestade, cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1827-03-06¹³⁹⁴, fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1828-03-14¹³⁹⁵ e, em 1828-06-07, fidalgo de cota de armas para Costas e Saraivas¹³⁹⁶.

Casou em Lisboa, Santa Catarina, em 1823-07-01¹³⁹⁷, com D. TERESA GERMANA DA

FONSECA, viúva de Bento Antunes da Fonseca.

Filhos:

V – AGOSTINHO MARIA DA COSTA MACEDO

Nasceu em 1826-09-29. Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real e Moço-fidalgo com exercício em 1851-10-13¹³⁹⁸.

Casou em 1853-02-06. Com D. MARIA JOSÉ DE SANTA MARTA DO VADRE DE MESQUITA E MELO, filha dos 2^{os} VISCONDES DE ANDALUZ

Com abundante geração¹³⁹⁹.

2(IV) – FRANCISCO TOMÁS DA COSTA DE MACEDO

Capítulo 69º

Macedos Farias I

I – GONÇALO VAZ

Foi licenciado

Casou com

Filho:

II – ÁLVARO DE MACEDO DE FARIA

Foi escrivão do eclesiástico da Ilha Terceira antes de Maio de 1577¹⁴⁰⁰.

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real com 700 reis de moradia em 1577-02-20¹⁴⁰¹.

Casou cerca de 1570 com ANTÓNIA DO REGO, viúva, filha de JOÃO FERNANDES DO REGO, moço de câmara da Infanta D. Maria, e de BRÁSIA RIBEIRA¹⁴⁰².

1388. Até aqui Assentos Paroquiais, Lisboa, S. Tomé, Baptismos, livro 2, fl. 195v.

1389. Mercês de D. José, livro 27, fl. 108v.

1390. Mercês de D. Maria I, livro 7(2), fl. 185v.

1391. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor* ... etc. cit., tomo II, p. 592.

1392. Assentos Paroquiais, Lisboa, Socorro, Casamentos, livro 13, fl. 16v.

1393. Assentos Paroquiais, Lisboa, Socorro, Baptismos, livro 13, fl. 197v.

1394. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor* ... etc. cit., tomo II, p. 630.

1395. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor* ... etc. cit., tomo II, p. 183.

1396. BAENA, Sanches de, *Archivo* ... etc. cit., vol. I, p. 339.

1397. Assentos Paroquiais, Lisboa, Santa Catarina, Casamentos, livro 22, fl. 239.

1398. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor* ... etc. cit., tomo II, p. 281.

1399. Que pode seguir-se em, autores vários, *Anuário da Nobreza de Portugal*, vol. III, tomo II, Lisboa, 1985, pp. 626-634.

1400. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 4º, p. 353.

1401. Ementas, livro 2, fl. 153.

1402. *Índex das notas* ... etc. cit., tomo 4º, p. 318.



Capítulo 70º Macedos Farias II

I – ANTÓNIO DE FARIA DE MACEDO
Serviu nas armadas da costa nas guerras do Brasil, na conquista de Angola e na fronteira do Alentejo. Teve em 1654-04-29 mercê de 40 mil reis com o hábito de Cristo¹⁴⁰³.

Capítulo 71º Macedos Farias III

I – ANTÓNIO DE ALMEIDA
Filhos:
1(II) – DOMINGOS DE MACEDO E FARIA
Foi clérigo do hábito de S. Pedro. Em 1653 teve um ofício de justiça ou fazenda para casamento duma das suas irmãs¹⁴⁰⁴.
2(II) –
3(II) –

Capítulo 72º Macedos Fernandes

I – ANTÓNIO FERNANDES
Filho:
II – ANTÓNIO DE MACEDO
Nasceu em Albuquerque.
Serviu no Brasil. Teve em 1656-10-07 promessa dum ofício de justiça, fazenda ou guerra¹⁴⁰⁵.

Capítulo 73º Macedos Ferreiras I

I – AMBRÓSIO FERREIRA¹⁴⁰⁶

Recebeu em 1638 e 1641 cartas de recebedor de todas as rendas da Capela Real.
Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real.

Filhos:
1(II) – DAMIÃO FERREIRA
Em 1646 teve a mercê de um ofício de justiça ou fazenda

Filhos:
1(III) – LUÍS FERREIRA DE MACEDO
Nasceu em Lisboa. Serviu em Angola desde 1638, como soldado, alferes e capitão, e no Brasil e Ilha Terceira. Teve em 1655-03-13 40 mil reis de pensão com o hábito de S. Bento de Avis¹⁴⁰⁷.

2(III) – AMBRÓSIO FERREIRA DE MACEDO¹⁴⁰⁸

Nasceu em Lisboa, tendo sido baptizado em Santa Justa.

Teve a serventia o ofício de escrivão do juízo cível de Lisboa, por carta de 1660-06-30¹⁴⁰⁹. Pelos seus serviços recebeu em 1674-06-25 o hábito de Cristo com 20 mil reis de tença por ano. Casou com ISABEL DE PASSOS, natural de S. Simão de Azeitão, filha de FRANCISCO PASSOS FIGUEIROA e de ISABEL DE MAGALHÃES.

Filho:
IV – ÁLVARO FERREIRA DE PASSOS
Recebeu em 1660-04-10 vinte mil reis de pensão com o hábito de Cristo que lhe foi mandado lançar¹⁴¹⁰.

2(II) – ANTÓNIO FERREIRA
Casou com ISABEL FERNANDES.

Capítulo 74º Macedos Ferreiras II

I – GREGÓRIO FERREIRA DA FONSECA
Era decerto parente chegado do Gregório Correia da Fonseca referido no Capítulo 76º – Macedos Francas,

1403. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 12.

1404. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 2.

1405. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 121.

1406. Para este título segui em grande parte MENEZES, Luís Cardoso de, "As raízes da família Ferreira de Passos", *Armas e Troféus*, IX série, Dezembro de 2010, pp. 165-187.

1407. *Inventario dos Livros das Portarias ... etc.* cit., vol. II, p. 59.

1408. Para estes dados e para a descendência, ver Luís Cardoso de Menezes, ob. cit. pp. 166 a 187.

1409. Mercês de D. Afonso VI, livro 2, fl. 50.

1410. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 257.



Filho:

II - LUCAS FERREIRA DE MACEDO

Nasceu na Arruda. Serviu na armada que foi recuperar a Baía. Em 1662 era capitão¹⁴¹¹.

Foi moço de câmara da Casa Real com 406 reis de moradia em 1641-11-17¹⁴¹².

Capítulo 75º

Macedos Fonecas

I – COSME DE MACEDO DA FONSECA

Morou na Charneca. Aí foi testemunha em 1580¹⁴¹³. E no mesmo ano outorgou numa procuração a Maria de Siqueira, moradora na sua quinta de Benfica, para emprazar uma vinha dele, outorgante, que vagara¹⁴¹⁴.

Casou com JOANA ZUZARTE, filha de PEDRO ZUZARTE¹⁴¹⁵.

Em 1582 era cavaleiro-fidalgo da Casa Real¹⁴¹⁶.

Filha:

II – MARGARIDA DE MACEDO

Capítulo 76º

Macedos Francas

I – GREGÓRIO CORREIA DA FONSECA

Filha:

II – BRITES DA FRANCA DE MACEDO

Em 1636 fez uma procuração em Lisboa a seu pai¹⁴¹⁷.

Capítulo 77º

Macedos Francos

I – ANTÓNIO FRANCO

Casou com FELÍCIA DE MACEDO.

Filhos:

1(II) – JOÃO ÁLVARES FRANCO

Serviu no Salvador, em Cascais, em Castro Marim e em Tavira, e morreu em Évora em 1643.

2(II) – MARIANA DE MACEDO

Teve 14 000 reis de tença para seu casamento em 1644-08-29¹⁴¹⁸.

Capítulo 78º

Macedos Freires

I – CRISTÓVÃO ANTUNES FREIRE

Filho:

II – MIGUEL DE MACEDO FREIRE

Nasceu em Penela. Serviu de soldado, alferes e governador duma companhia de infantes e governador das praças de Nao, Almendra e Castelo-Melhor e como capitão de auxiliares de Coimbra. Teve em Outubro de 1656 a administração duma capela¹⁴¹⁹.

Capítulo 79º

Macedos Godinhos

I –

Era natural de Setúbal.

Casou com, natural de Setúbal.

Filha:

II – ANTÓNIA DE FREITAS DE MACEDO

Nasceu em Setúbal.

Casou com MANUEL PIRES GODINHO, na-

1411. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 12.

1412. *Livros de Matrículas ... etc. cit.*, p. 729.

1413. *Ibidem*, p. 82.

1414. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 87.

1415. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 12.

1416. *Ibidem*, p. 296.

1417. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 112.

1418. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. I, p. 112.

1419. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 122.



tural da vila de Sousel, filho de FRANCISCO PIRES, natural da mesma vila.

Filho:

III – FRANCISCO GODINHO DE MACEDO

Foi bacharel em leis cerca de 1674.

Casou com, filha de ANTÓNIO VELOSO, familiar do Santo Ofício¹⁴²⁰.

Capítulo 80º

Macedos Magalhães

I – JOÃO DE MACEDO DE MAGALHÃES

É possível que fosse oriundo dos Macedos que proliferaram na região de S. Salvador do Souto, acima tratados. Não consegui sabê-lo.

Filho:

II – GASPAR DE MAGALHÃES DE MACEDO
Nasceu em Guimarães.

Em 1666-03-20 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia, com a condição de ir à Índia¹⁴²¹.

Capítulo 81º

Macedos Martins I

I – GONÇALO MARTINS

Foi cevadeiro do Infante D. Luís e cavaleiro da Casa Real.

Morreu em 1561-03-06 ou pouco antes.

Pelos seus serviços receberam sua mulher e suas filhas 3 mil reis de tença por ano cada uma, desde aquela data¹⁴²².

Casou com ISABEL FERNANDES.

Filhas:

1 (II) – PAULA DE MACEDO

2 (II) – ISABEL DE MACEDO

Capítulo 82º

Macedos Martins II

I – TOMÁS MARTINS

Em 1652 serviu na Casa dos Vinte e Quatro.

Filho:

II – JOÃO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Em 1659-02-15 foi tomado para moço de câmara da Casa Real, com condição de número e de Índia¹⁴²³.

Capítulo 83º

Macedos Mesquitas, dos Viscondes de Santarém

I – MARIA DE MACEDO

Segundo os descendentes de sua filha Ana Maria, seria filha bastarda de Jerónimo de Macedo, nº 2 (III) apontado atrás, no capítulo - Macedos, de Alenquer¹⁴²⁴. Mas não encontrei ainda documento que o prove com um mínimo de confiança, pelo que trato destes Macedos Mesquitas no presente capítulo.

Casou com ANTÓNIO DE MESQUITA, familiar do Santo Ofício.

Filhos:

1 (II) – JOÃO DE MESQUITA DE MACEDO

Foi notário e secretário da Inquisição de Coimbra e prior da igreja de S. Martinho da Cortiça.

2 (II) – DIOGO DE MESQUITA DE MACEDO

Licenciou-se em Cânones pela Universidade de Coimbra. Morou em Lisboa. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1683-01-27¹⁴²⁵.

3 (II) – FRANCISCO DE MESQUITA DE MACEDO

Nasceu e morou em Lisboa. Foi partidador dos órfãos, cavaleiro professo da Ordem de Santiago e, por carta de 1686-09-14, familiar do Santo Ofício¹⁴²⁶.

Casou com

4 (II) – D. ANA MARIA DE MACEDO

Casou em Março de 1689 com FRANCISCO DE

1420. Todos os dados deste capítulo obtidos em Leitura de Bacharéis, letra F, maço 1, doc. 14.

1421. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 316.

1422. Chancelaria D. Sebastião, Doações, livro 10, fl. 104v.

1423. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 65.

1424. GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 5º, p. 150.

1425. Habilitação para o Santo Ofício de Diogo de Mesquita de Macedo, Diogo, maço 5, doc. 140.

1426. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Mesquita de Macedo, Francisco, maço 8, doc. 508.



BARROS DA SILVA, natural da vila de Atalaia, tenente do exército, morador em Lisboa, que se habilitara para a Ordem de Cristo em 1671¹⁴²⁷ e foi em 1689-04-..., familiar do Santo Ofício, filho de MANUEL DE BARROS DA SILVA e de MARIA DE CARVALHO¹⁴²⁸.

Filho:

III – JOÃO LUCAS DE BARROS E MESQUITA

Entre, pelo menos 1715 e 1724, exerceu um ofício de almoxarife. Por esses serviços foi respondido em 1724-03-23 com uma tença de 12 mil reis com o hábito de Cristo

Foi moço de câmara da Casa Real em 1714-07-02, acrescentado a escudeiro-fidalgo em 1726-08-03¹⁴²⁹.

Casou com D. MARIANA EULÁLIA DE LIMA, filha de ANTÓNIO BARBOSA DE LIMA e de D. MARIA DE OLIVEIRA.

Filhos:

1(IV) – MANUEL FRANCISCO DE BARROS E MESQUITA

Foi moço de câmara da Guarda-Roupa de D. José, provedor da Contadoria Geral da Guerra e, em 1751-12-03, fidalgo-cavaleiro da Casa Real¹⁴³⁰.

Casou com D. MARIA BÁRBARA DE SOUSA CARVALHOSA, senhora do morgado de Vaqueiros, filha herdeira de DIOGO LUÍS LEITÃO DE SOUSA, moço de câmara do Guarda-roupa do Rei em 1713-09-23, escrivão da correição do cível de Lisboa em 1718-03-20¹⁴³¹, e de D. ROSA JOAQUINA DE SOUSA. Com geração, tendo o filho mais velho sido feito 1º Visconde de Santarém, de quem houve geração até os dias de hoje.

2(IV) – JOSÉ JOAQUIM DE BARROS E MESQUITA

Nasceu em Lisboa. Justificou-se com seu irmão para efeitos de desempenhar cargos da fazenda. Foi moço da câmara da Guarda-Roupa em 1768-11-05¹⁴³².

Capítulo 84º

Macedos Milles

I – JOHN MILLES

Casou com MARY MILLES. Eram cristãos velhos e naturais de Vastable, província da Devonía.

Filho:

II – JOÃO MILLES

Nasceu em Vastable. Constava ser de gente nobre e da governança da sua terra. Foi mercador e veio para Portugal.

Aqui casou com ISABEL DE SÁ, natural de Lisboa.

Filhos:

1(III) – JOÃO MILLES DE MACEDO

Licenciou-se em leis e em 1652 leu no Desembargo do Paço¹⁴³³. Em 1660-08-12 foi desembargador extravagante da Casa do Porto¹⁴³⁴, e em 1661-11-07 da Casa da Suplicação¹⁴³⁵. Por portaria de 1661-01-07 recebeu 20 mil reis de renda efectiva com o hábito de Cristo, e a promessa de um ofício de justiça ou de fazenda para casamento duma irmã¹⁴³⁶.

Foi cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1663-10-16¹⁴³⁷.

2(III) – D. ANA MARIA MILLES¹⁴³⁸

Nasceu em Lisboa, S. Julião.

Casou com LUÍS DE PINA, natural de Lisboa, S. Nicolau.

Filho:

1427. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens Militares ...* etc. cit., tomo I, p.512.

1428. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco de Barros da Silva, Francisco, maço 19, doc. 525.

1429. Mercês de D. João V, livro 6, fls. 315-315v.

1430. Mercês de D. José, livro 2, fls. 278-278v.

1431. Mercês de D. João V, livro 6, fl. 75.

1432. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ...* etc. cit., tomo I, p. 209.

1433. Leitura de Bacharéis, maço 3, doc. 9; desta fonte recolhi também a informação sobre os seus pais e os avós paternos.

1434. Mercês de D. Afonso VI, livro 12, fl. 241.

1435. Mercês de D. Afonso VI, livro 12, fl. 248.

1436. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, pp. 281 e 284.

1437. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 18, fl. 5v.

1438. Para esta e seus descendentes, baseei-me em BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ...* etc. cit., tomo II, pp. 231.

IV – FRANCISCO MILLES DE MACEDO
 Nasceu em Lisboa, S. Nicolau em 1650-10-20. Foi licenciado em leis e jurisconsulto, autor dumas alegações num pleito, a favor da Condessa de Castelo Melhor, contra os Condes de Tarouca¹⁴³⁹ e da *Allegação de direito sobre a sucessão do Título, e Estado da Caza de Aveiro*, Lisboa, 1719. Morreu em Lisboa em 1721-12-24¹⁴⁴⁰. Casou com D. JOSEFA MARIA DE MAGALHÃES, natural de Lisboa, Santa Cruz do Castelo, filha de VITAL HOMEM DE MAGALHÃES, natural de Ourém, sargento-mor de Santarém, e de D. MARIA JOSEFA, natural de Lisboa, S. Roque.

Filhos:

- 1(V) – ANTÓNIO MILLES DE MACEDO
 Nasceu em Lisboa em 1695-10-08. Exercitou com grande fama a advocacia na corte de Lisboa tendo sido advogado da Casa da Suplicação e procurador da casa e estado de Aveiro¹⁴⁴¹.
- 2(V) – JOÃO HOMEM DE MAGALHÃES
 Nasceu em Lisboa, tendo sido baptizado na freguesia dos Anjos em 1704¹⁴⁴².

Filha:

II – JERÓNIMA DE MIRA DE MACEDO
 Casou com CRISTÓVÃO PINHEIRO, comendador da Ordem de Santiago, filho de JOÃO PIRES e de MARGARIDA PINHEIRA.

Filho:

III – FRANCISCO PINHEIRO DE MACEDO
 Nasceu em Lisboa. Foi sacerdote, mestre em artes, bacharel formado em teologia pela Universidade de Évora. Habilitou-se para o Santo Ofício em 1618¹⁴⁴³. Em 1620-12-15 foi padrinho dum baptismo em Lisboa, Santa Cruz do Castelo¹⁴⁴⁴.

I – SUSANA DE MIRA DE MACEDO

Casou com GONÇALO CORREIA.

Filhas:

1(II) – VIOLANTE DE MIRA DE MACEDO
 Casou em Lisboa, Sé, em 1598-12-21¹⁴⁴⁵, com LUÍS DE MADUREIRA BRANDÃO.

Filhos:

- 1(III) – BEATRIZ
 Foi baptizada em Lisboa, Sé, em 1600-11-24¹⁴⁴⁶.
- 2(III) – ÁLVARO
 Foi baptizado em Lisboa, Sé, em 1603-06-02¹⁴⁴⁷.
- 3(III) – GONÇALO
 Foi baptizado em Lisboa, Sé, em 1604-09-13¹⁴⁴⁸.

2(II) – INÊS DE MACEDO

Foi madrinha do baptismo do seu citado sobrinho Gonçalo. Morava em 1646 com seu marido em Vila Franca de Xira.

Casou em Lisboa, Sé, em 1604-01-29, com ANTÓNIO DE GOUVEIA REAL, natural de Vila Franca de Xira, filho de JOÃO REAL e de MARIA DE GOUVEIA¹⁴⁴⁹.

Filho:

III – DIOGO REAL DE GOUVEIA

Capítulo 85º

Macedos Miras

Não consegui ainda ligar os dois núcleos familiares que seguem. Parece óbvio que são da mesma família.

I – VIOLANTE DE MIRA DE MACEDO

Casou com ANTÓNIO RODRIGUES, tesoureiro da Tapeçaria de El-Rei, cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

1439. Biblioteca Pública de Évora, códice CXIX/1-18.

1440. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo IV, p. 47b.

1441. *Ibidem*.

1442. Assentos Paroquiais, Lisboa, Anjos, Baptismos, livro 4, fl. 357.

1443. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco Pinheiro de Macedo, Francisco, maço 4, doc. 173.

1444. *Registo da Freguesia de Santa Cruz do Castelo desde 1536 até 1628*, por Edgar Prestage e Pedro d'Azevedo, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1913, p. 135.

1445. *Registo da Freguesia da Sé desde 1563 até 1610*, por Edgar Prestage e Pedro d'Azevedo, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1924-1927, vol. II, p. 286.

1446. *Ibidem*, p. 154.

1447. *Ibidem*, p. 179.

1448. *Ibidem*, p. 190.

1449. *Ibidem*, p. 345.

Foi baptizado em Lisboa, Sé, em 1609-03-30¹⁴⁵⁰. Em 1646-03-22 vendeu em nome de seus pais um casal junto á quinta que eles possuíam na Tapada de Povos¹⁴⁵¹.

Capítulo 86º

Macedos Mirandas

I – LUÍSA DE MACEDO¹⁴⁵²

Era natural de Lisboa, Madalena.

Casou com SIMÃO FRANCISCO, natural de Penela, proprietário do ofício de moço do Conselho da Fazenda.

Filha:

II – D. ANTÓNIA MARIA DE MACEDO

Foi baptizada em Lisboa, S. João da Praça, em 1674-04-08.

Casou em Lisboa, Santa Catarina, em 1699-06-13, com JOSÉ LOPES DE MIRANDA, baptizado em Lisboa, S. Julião, em 1678-03-25, moço do Conselho do Ultramar, filho de DOMINGOS LOPES, natural do Vidigal, s. João da Pesqueira, mercador de vinhos, e de MARIANA DE MIRANDA, natural de Cachoeiras.

Filho:

III – TOMÁS JOSÉ DE MACEDO DE MIRANDA

Foi baptizado em Lisboa, S. Julião, em 1700-03-23. Foi escrivão e provedor dos Contos, Em 1734-05-28 teve a mercê de 12 mil reis de tença com o hábito de Cristo¹⁴⁵³, mas não acho notícia de que tenha sido cavaleiro professo desta Ordem. Em 1752-05-26 recebeu carta de membro do Conselho da Fazenda da Índia¹⁴⁵⁴. Foi cavaleiro-

fidalgo da Casa Real em 1739-09-12¹⁴⁵⁵ e familiar do Santo Ofício por carta de 1734-04-02.

Casou em Lisboa, Santo Estêvão, em 1728-01-28, com D. MARIA FERREIRA DA CRUZ, baptizada em Lisboa, S. Miguel de Alfama, em Dezembro de 1705, filha de FRANCISCO FERREIRA DA CRUZ, natural do Porto, Cedofeita, e de FRANCISCA MARIA, natural de São Varão.

Filhos:

1(IV) – MANUEL INÁCIO DE MACEDO E MIRANDA

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1739-12-16¹⁴⁵⁶.

2(IV) – JOSÉ ANTÓNIO SALUSTIANO DE MACEDO E MIRANDA¹⁴⁵⁷

Foi baptizado em Lisboa, Santiago, em 1729-07-11. Desde cedo começou a servir de praticante do número dos Contos do Reino e Casa, por nomeação do contador-mor. Em 1751-05-21 teve a mercê de 12 mil reis de tença por ano, com o hábito de Cristo e, em 1756-06-20, a de 30 mil reis¹⁴⁵⁸. Em 1760-11-26, tendo servido mais de 19 anos o referido ofício, teve mercê do mesmo, com 150 mil reis de ordenado por ano ¹⁴⁵⁹. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1757-03-20¹⁴⁶⁰, e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1756-06-06¹⁴⁶¹.

3(IV) – GERMANO MÁXIMO E MACEDO E MIRANDA¹⁴⁶²

Foi baptizado em Lisboa, basílica de Santa Maria, em 1743-06-08. Foi praticante dos Contos do Reino e Casa. Em 1761-08-06 teve a mercê do ofício, com 150 mil reis de ordenado¹⁴⁶³. Em 1761-09-01 foi-lhe dada a mercê de 24 mil reis de tença por ano com o hábito de Cristo¹⁴⁶⁴.

1450. *Ibidem*, p. 209.

1451. *Índex das Notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 35.

1452. Para esta, filhos e netos, ver Habilitação para o Santo Ofício de seu neto Tomás José, Tomás, maço 3, doc. 50.

1453. Mercês de D. João V, livro 25, fl. 343.

1454. Mercês de D. José, livro 4, fl. 284.

1455. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ... etc. cit.*, tomo I, p. 118.

1456. Mercês de D. João V, livro 31, fl. 128.

1457. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 70.

1458. Mercês de D. José, livro 4, fl. 284 e 284v.

1459. Mercês de D. José, livro 15, fl. 269.

1460. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ... etc. cit.*, tomo I, p. 118.

1461. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 259, fl. 103v.

1462. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 23.

1463. Mercês de D. José, livro 16, fl. 164.

1464. Mercês D. José I, livro 16, fl. 244.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1757-05-11¹⁴⁶⁵, e cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1761-12-01.¹⁴⁶⁶.

Capítulo 87º

Macedos Monteiros

I – MANUEL DIAS MONTEIRO

Filho:

II – BARTOLOMEU MONTEIRO DE MACEDO

Nasceu na Sobreira, comarca de Viseu. Em 1654-02-14 foi tomado para moço de câmara da Casa Real, com condição de número e de ir à Índia¹⁴⁶⁷.

Capítulo 88º

Macedos Morais

I –

Possivelmente era parente dos referidos no Capítulo 23º – Macedos Velhos Fragosos, talvez irmão de Vasco de Morais de Macedo.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO DE MORAIS

Foi escrivão da carregação e entradas da sisa dos vinhos de Lisboa.

Morreu em 1549 ou pouco antes.

2(II) –

Filho:

III – ANTÓNIO DE MACEDO

Por alvará de 1549-08-18 e a pedido do dom prior do convento de Cristo frei António de Lisboa, recebeu o ofício de escrivão da carregação e entradas da sisa dos vinhos de Lisboa.

Era então moço de câmara da Casa Real¹⁴⁶⁸.

Capítulo 89º

Macedos Netos I

I – PEDRO DE MACEDO NETO

Foi advogado na vila de Óbidos, almoxarife da Rainha e seu procurador.

Casou com D. APOLÓNIA TERESA DE MELO.

Filho:

II – ANTÓNIO DE MACEDO NETO E MELO

Foi jesuíta. Celebrou a primeira missa em 1726-03-25¹⁴⁶⁹.

Capítulo 90º

Macedos Netos II

I –

Foi barbeiro e depois rendeiro do mosteiro de Alcobaça.

Filho:

II – JOÃO DE MACEDO NETO

Foi Capitão.

Casou com, filha dum caminheiro.¹⁴⁷⁰

Filho:

III – JOÃO DE MACEDO NETO

Nasceu em Alcobaça. Foi bacharel e leu no Desembargo do Paço em 1736-07-20.¹⁴⁷¹ Em 1739-04-27 foi nomeado Juiz de Fora em Alcácer do Sal, de que deu boa residência em 1744-07-23. Em 1748-08-29 foi despachado para Ouvidor da praça de Mazagão¹⁴⁷² com 100 mil reis e 6 moios de trigo por ano de ordenado. Para ali seguiu, e lá serviu dando boa residência. Por esses serviços recebeu em 1748-09-09 12 mil reis de tença por ano com o hábito de Cristo¹⁴⁷³ e foi nomeado Provisor da comarca de Lamego em 1759-12-17.¹⁴⁷⁴

1465. Mercês de D. José, livro 11, fl. 374, e BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ... etc. cit.*, tomo I, p. 120.

1466. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 270, fl. 289.

1467. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p.

1468. Chancelaria de D. João III, Doações, livro 64, fl. 200.

1469. MACHADO, Diogo Barbosa, ob. cit., tomo IV, p. 42b.

1470. Ordem de Cristo, Habilitações, letra J, 91, 34.

1471. *Magistrados do Rei D. João V*, relação manuscrita publicada por José Mendes da Cunha Saraiva, Lisboa, 1943, p. 37.

1472. Chancelaria D. João V, 126, 114v.

1473. Mercês D. João V, 30, 289.

1474. Mercês D. José, 14, 127.

Foi Cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1749-03-28.¹⁴⁷⁵

Capítulo 91º

Macedos Nobres

I – JOÃO FRAMENGO NOBRE

Filho:

II – AGOSTINHO DE MACEDO NOBRE

Nasceu em Tomar. Em 1657-03-05 foi tomado para cavaleiro da Casa Real, indo à Índia, onde seria armado cavaleiro.¹⁴⁷⁶

Capítulo 92º

Macedos Pereiras

I – ANTÓNIO LOBO DE MACEDO PEREIRA
Morou na Paradinha Velha, concelho de Bragança. Em 1735 requereu a justificação do seu direito de a mulher ter um estrado na igreja matriz de Oliveira. Foi fidalgo da Casa Real¹⁴⁷⁷.

Capítulo 93º

Pereiras de Macedo I

I – MATIAS PEREIRA DE MACEDO

Nasceu em Montemor-o-Novo, Santa Maria do Bispo. Foi licenciado

Casou com CLARA NUNES TAVARES, natural de Évora, Sé.

Filho:

II – JOSÉ PEREIRA NUNES DE MACEDO

Nasceu em Viana do Alentejo. Foi licenciado.

Casou com D. MARIA HEITOR, filha MA-

NUEL DIAS ÁLVARES DE MATOS e de MARIA MARQUES HEITOR, todos naturais de Belver.

III – MATIAS PEREIRA HEITOR DE MACEDO

Nasceu em Coruche. Foi couteiro da real coutada do Pinheiro. Recebeu em 1774-11-06 mercê de 12 mil reis com o hábito de Cristo¹⁴⁷⁸.

Capítulo 94º

Pereiras de Macedo II

I – ANTÓNIO PEREIRA

Foi cavaleiro-fidalgo de Casa Real com 1000 reis de moradia.

Filhos:

1(II) – GERALDO PEREIRA DA GAMA E GOUVEIA

Nasceu na vila de Alhandra.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1743-08-06¹⁴⁷⁹.

2(II) – NICOLAU LÚCIO PEREIRA DE MACEDO

Nasceu na vila de Alhandra. Tendo denunciado por vaga para a Coroa uma capela na vila de Alverca, instituída por um tal Manuel Rodrigues Papagaio, requereu em nome de sua filha Isabel, que ela fosse nomeada administradora, o que foi concedido, em vida dela, somente, por alvará de 1751-02-25¹⁴⁸⁰.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1743-08-06¹⁴⁸¹.

Filhos:

1(III) - ANTÓNIO PEREIRA DE MACEDO

Foi capelão-fidalgo da Casa Real em 1753-09-15¹⁴⁸².

2(III) – D. ISABEL GERARDO DE MACEDO

Teve alvará para administração da referida capela na vila de Alverca.

1475. Ordem de Cristo, Chancelaria, 235, 444v.

1476. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 136.

1477. BAÇAL, Abade de, *Memórias ...* etc. cit., tomo VI, *Os Fidalgos*, p. 793.

1478. Mercês de D. José, livro 28, fl. 26.

1479. Mercês de D. João V, livro 34, fl. 220.

1480. Mercês de D. José, livro 2, fl. 270.

1481. Mercês de D. João V, livro 34, fl. 220, BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ...* etc. cit., vol. I, fl. 164.

1482. Mercês de D. José, livro 7, fl. 64.

3(III) – GERARDO JOAQUIM PEREIRA DE MACEDO

Nasceu em Vila Franca de Xira. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1761-07-27¹⁴⁸³.

3(II) – JOSÉ COSME PEREIRA DE MACEDO

Nasceu na vila de Alhandra.

Foi Cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1753-08-06¹⁴⁸⁴.

Capítulo 95º

Pereiras de Macedo III

I – FRANCISCO PEREIRA DA SILVEIRA

Filho:

II – JOSÉ PEREIRA DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Em 1676-03-12 foi tomado para moço de câmara da Casa Real, com condição de número e de Índia¹⁴⁸⁵.

Capítulo 96º

Macedos Pimentais

I – HENRIQUE PIRES

Casou com MARGARIDA FERNANDES, ambos naturais e moradores em Rio de Mouro.

Filho:

II – JOÃO GOMES¹⁴⁸⁶

Nasceu em Rio de Mouro. Foi tanoeiro. Morou com a mulher na tanoaria de Lisboa, freguesia de S. Julião.

Casou com MARIA CLEMENTE, filha de JOÃO FERNANDES, tanoeiro, e de PAULA CLEMENTE, naturais e moradores, que foram, na tanoaria de Lisboa.

Filho:

III – NICOLAU DE MACEDO PIMENTEL
Nasceu e morou em Lisboa, na calçada do Congo, freguesia de Santa Catarina. Por mercê de 1688-02-13, recebeu carta de proprietário de um dos ofícios de escrivão dos resíduos e cativos de Lisboa com 3 mil reis de ordenado¹⁴⁸⁷, cargo que ainda desempenhava em 1671-07-05¹⁴⁸⁸. Em 1692-10-10 recebeu carta para poder fazer original público, dando-lhe todo o crédito público¹⁴⁸⁹. Foi familiar do Santo Ofício por carta de 1658-05-13.

Casou com FRANCISCA CAMELO CABRAL, natural de Lisboa, filha de GREGÓRIO FERREIRA PESTANA, escrivão dos defuntos da Índia, natural e morador em Lisboa, na rua da Caldeira, freguesia de Santa Catarina, e de BRÍSIDA CAMELA CABRAL, natural de Belém, termo de Lisboa; neta paterna de PEDRO FERREIRA, natural e morador em Lisboa, rua da Horta Seca, freguesia do Loreto, e nela escrivão dos defuntos que faleciam nas viagens da Índia, e de MARIA DEGA, natural de Lisboa, neta materna de MANUEL MENDES SANHUDO, guarda da saúde do porto de Belém, e de FRANCISCA CAMELA CABRAL, naturais e moradores no dito lugar de Belém¹⁴⁹⁰.

Filho:

IV – JOÃO DE MACEDO PIMENTEL

Nasceu em Lisboa e foi baptizado na freguesia de Santa Catarina. Licenciou-se em leis e em 1708-11-20 foi nomeado corregedor da comarca de Elvas por três anos¹⁴⁹¹. Em 1717-11-30 teve alvará de provedor das Obras, Órfãos, Capelas, Confrarias, Hospitais e Albergarias e contador dos Terços e Resíduos da comarca de Viana. E em 1718-03-22 carta do ofício de escrivão dos testamentos da Índia¹⁴⁹². Em 1727-03-06 foi nomeado corregedor da comarca de Santarém¹⁴⁹³.

1483. BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor ... etc. cit.*, vol. I, fl. 164.

1484. Mercês de D. João V. livro 34, fl. 220v.

1485. *Inventario dos Livros de Matriculas de Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 76.

1486. Destes e sua descendência, trata GUIMARÃES, Gonçalo de Mello, *Principaldade Alentejana*, cit., 1996, VI volume, título de Macedo Pimentel, em quem me baseei.

1487. Mercês de D. Pedro II, livro 5, fl. 12v.

1488. *Índex das Notas ... etc.*, cit., tomo 2º, p. 31.

1489. Mercês de D. Pedro II, livro 8, fl. 232v.

1490. Até aqui tudo consta da habilitação para o Santo Ofício de Nicolau de Macedo Pimentel, Nicolau, maço 1, doc. 10.

1491. Mercês de D. João V, livro 2, fl. 251v.

1492. *Ibidem*.

1493. Mercês de D. João V, livro 18, fl. 213.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1694-10-13¹⁴⁹⁴, e familiar do Santo Ofício por carta de 1688-03-22¹⁴⁹⁵.

Casou no Cadaval, em 1693-02-03¹⁴⁹⁶ com BRÍSIDA BÁRBARA DE AZEVEDO DE SAMPAIO, baptizada em 1670, filha de SIMÃO DE OLIVEIRA DE SAMPAIO e de MARIA DE SAMPAIO REBELO¹⁴⁹⁷.

Filhos:

1(V) – ANTÓNIO DE MACEDO PIMENTEL

Foi capitão de cavalos em Olivença, moço de câmara do Infante D. Francisco. Em 1704-07-29 recebeu um padrão de 12 mil reis de tença com o hábito de Cristo¹⁴⁹⁸, Teve em 1730-07-14 carta de escrivão dos Resíduos da Provedoria de Lisboa e, em 1732-11-26, carta de escrivão dos Testamentos dos que morrem na Índia¹⁴⁹⁹. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1711-11-05¹⁵⁰⁰ e cavaleiro da Ordem de Cristo em 1705-10-05¹⁵⁰¹.

Casou com D. MARIA SEBASTIANA TERESA.

Filhos:

1(VI) – ANTÓNIO DE MACEDO PIMENTEL

Foi capitão de dragões em Olivença.

Nesta vila casou com ANTÓNIA MARIA DE SÁ

Filho:

VII – JOSÉ DE MACEDO PIMENTEL

Foi alferes de cavalaria em Beja e, mais tarde major das tropas de linha. Foi vereador de Vila Viçosa entre 1821 e 1829.

Casou duas vezes: a 1ª, em Olivença, com D. ANA DE MAGALHÃES DA GAMA LOBO, filha do tenente FRANCISCO DE MAGALHÃES LOBO e de D. FRANCISCA MARIA EUGÉNIA DA

FONSECA; a 2ª, sem geração, em Vila Viçosa, com D. CLARA EUGÉNIA RITA DE BRITO ALMEIDA VALEJO DE MARIZ, filha do sargento-mor D. JOAQUIM XAVIER DA SILVA LOBO DE GONGORA e de D. EUFÉMIA RITA DE ALMEIDA VALEJO DE MARIZ.

Filha do 1º casamento:

VIII – D. MARIA CLARA MARIANA DE MACEDO PIMENTEL
Casou com FRANCISCO DA GAMA LOBO, com geração.

2(VI) – D. ANA JOAQUINA DE MACEDO PIMENTEL

Casou com FRANCISCO LOBO INFANTE DE LACERDA DE REBOREDO ACHA. Com geração, a qual possuiu a quinta dos Infantes, em Pardais, Vila Viçosa.

3(VI) – JOSÉ DE MACEDO PIMENTEL
Nasceu em Beja. Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1756-11-17¹⁵⁰².

2(V) – NICOLAU DE MACEDO PIMENTEL

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real em 1711-11-05¹⁵⁰³.

Capítulo 97º

Pachecos de Macedo Pimentel

De Guiomar Pacheca de Macedo, abaixo referida (nº II), disse Felgueiras Gayo que era bisneta do grande Duarte Pacheco Pereira¹⁵⁰⁴, celebrizado por Camões como o “Aquiles Lusitano”. Mas nem Gayo mostra como, nem faz qualquer menção dela quando trata do próprio Duarte Pacheco Pereira e da sua descendência, nem encontrei confirmação documental de tal ligação.

1494. Mercês de D. Pedro II, livro 9, fl. 75v.

1495. Habilitação para o Santo Ofício de João de Macedo Pimentel, João, maço 22, doc. 529.

1496. Assentos Paroquiais, Cadaval, Misto, livro 1, fl. 2.

1497. Para estes e seus ascendentes, ver RIBEIRO, António Francisco da Franca, “Memorial das Famílias do Cadaval – III - Sampaio”, *Raízes & Memórias*, nº 19, 2003.

1498. Mercês de D. Pedro II, livro 9, fl. 508.

1499. Mercês de D. João V, livro 18, fl. 213.

1500. Mercês de D. João V, livro 5, fl. 640v, e BORREGO, Nuno, *Mordomia-mor da Casa Real*, cit., tomo I, p. 113.

1501. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 97, fl. 96.

1502. *Ibidem*.

1503. Mercês de D. João V, livro 5, fl. 640v.

1504. Gayo, ob. cit., tomo 22º, pp. 156-158, autor que aqui sigo para complemento dos factos documentados.



Curiosamente, a viúva do Pacheco, D. Antónia de Albuquerque, num tabelião de Santarém em 1547-09-26, constituiu procurador seu filho Pedro Fernandes Pacheco (omitido pelos genealogistas), para efeitos de cobrar uma tença de 50 mil reis que havia herdado de seu marido¹⁵⁰⁵. Se não foi lapso de cópia do nome próprio, *Pedro*, em vez de *João*, seria este seu filho o avô da nossa Guiomar ?

O que é provável é que ela estivesse relacionada com os Macedos de Santarém, já que o nome Guiomar não é estranho a estes, além do que uma irmã de seu marido casou com um Macedo de Santarém (João Vaz de Freitas de Macedo).

I – DUARTE PACHECO BORGES

Casou com MARGARIDA PEREIRA, ao que parece irmã de Isabel Pereira e sobrinhas ambas do padre Francisco Barba, beneficiado da sé de Lisboa. Filha:

II – GUIOMAR PACHECA DE MACEDO

Terá nascido em Alcochete e morou em Aldeia Galega do Ribatejo¹⁵⁰⁶. Sua tia Isabel Pereira dotou-a, com uma morada de casas à Sombreira, com obrigação de missas. Guiomar veio a deixá-las a sua neta Mónica, filha de seu filho Filipe Pimentel¹⁵⁰⁷.

Casou com ANTÓNIO RODRIGUES PIMENTEL, homem muito nobre, dos principais da dita Aldeia Galega, onde teve o ofício de tabelião, filho de DUARTE RODRIGUES PIMENTEL e de sua 2ª mulher, HELENA CALVO DE MEDEIROS.

Filhos:

1(III) – ANTÓNIO

Foi baptizado em Aldeia Galega em 1574-08-18¹⁵⁰⁸.

2(III) – DUARTE PACHECO PIMENTEL

Foi para a Índia.

3(III) – FILIPE PIMENTEL DE MACEDO

Natural e morador em Aldeia Galega do Ribatejo, onde foi capitão de infantaria. Terá sido capitão-mor das vilas de Ribatejo. Por mercê de 1668-03-08 obteve carta do ofício de tabelião do público, judicial e notas daquela vila¹⁵⁰⁹.

Casou com MARIA DO Ó DE PEDROSA (ou PALMA), natural da mesma vila.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO RODRIGUES PIMENTEL

Casou em Aldeia Galega com MARIA DE SÁ CARVALHO.

Filhos:

1(V) – DUARTE PACHECO PIMENTEL

Casou em Almeirim com DOMINGAS DE SEABRA DE FREITAS

Filhos:

1(VI) – JOSÉ PACHECO DE SEABRA

2(VI) – FILIPE PIMENTEL DE MACEDO

Recebeu o ofício de couteiro da vila de Muge, com 2 moios de trigo e 4 moios e 30 alqueires de cevada, em 1720-04-19¹⁵¹⁰.

3(VI) – MARIA DE SÁ DE SEABRA

2(V) – FILIPE PEREIRA DE MACEDO

3(V) – JOÃO PACHECO PIMENTEL

4(V) – CLEMENTE DE CARVALHO PIMENTEL

5(V) – MARIA DE SÁ PIMENTEL

6(V) – HELENA CASTRO PIMENTEL

7(V) – ISABEL PACHECO

8(V) – ÂNGELA PACHECO

Casou com JOÃO DA FONSECA LOBO, de Évora. Com geração

2(IV) – DUARTE PACHECO PIMENTEL

Casou em Aldeia Galega com CLARA DA SILVEIRA E EÇA.

3(IV) – MIGUEL PACHECO PIMENTEL

Foi capitão de infantaria em Estremoz e, por carta de 1655-08-26, familiar do Santo Ofício.

Casou com sua prima co-irmã D. MARGARIDA PACHECA, natural e moradora em Estremoz, filha de FRANCISCO BARRADAS CALDEIRA e de GUIOMAR PACHECA DE MACEDO, como a seguir se dirá.

Filho:

V – FRANCISCO DE MACEDO PIMENTEL

1505. MATTOZO, Luiz Montez, *Memórias ... etc. cit.*, fl. 2.

1506. Ver, para ela filhos e netos, habilitação para o Santo Ofício de Miguel Pacheco Pimentel, Miguel, maço 2, doc. 39.

1507. A identificação dos pais de Guiomar Pacheca e outros dados relativos a dote e sucessão de bens, colhi-os em *Índex das Notas ... etc. cit.*, tomo 2º, 111.

1508. Assentos Paroquiais, Montijo, Baptismos, livro 1, fl. 27v.

1509. Registo Geral das Mercês, Ordens Militares, livro 12, fls. 418v-419.

1510. Mercês de D. João V, livro 11, fl. 351.



Nasceu cerca de 1649. Foi coronel de infantaria Em 1700-04-13 recebeu padrão de 18 mil reis de tença. E em 1700-05-08, 12 mil reis de tença com o hábito de Cristo¹⁵¹¹, onde professou¹⁵¹².

Casou com D. CAMILA DE LEMOS, filha de GASPAS DE LEMOS DE VARGAS e de D. ISABEL DE OLIVEIRA¹⁵¹³.

Filha:

VI – D. MARIA CAMILIA DE LEMOS E CASTRO

Casou com GASPAS DE TÁVORA BOTO, filho de DIOGO BOTO DE AGUIAR, natural de Portel, cavaleiro da Ordem de Cristo e familiar do Santo Ofício¹⁵¹⁴, e de D. BRITES DE SANDE.

Filhos:

1(VII) – D. MARGARIDA DE MACEDO E TÁVORA

Casou duas vezes, com geração da 1ª.

2(VII) – DIOGO FRANCISCO PIMENTEL

3(VII) – D. BRITES

Esta e a irmã seguinte foram freiras no convento do Salvador de Évora.

4(VII) – D. CAMILA

4(IV) – FRANCISCO MACEDO PIMENTEL

5(IV) – MÓNICA PACHECO

Em 1629 vendeu, juntamente com seu pai, a morada de casas que herdara de sua avó Guiomar Pacheca, a fim de comprarem uma vinha em Aldeia Galega, para o cunhado dele e tio dela Francisco Barradas, a seguir mencionado Casou com LUÍS ÁLVARES DE PASSOS.

Sem geração.

4(III) – GUIOMAR PACHECA DE MACEDO

Casou com FRANCISCO BARRADAS CALDEIRA, natural e morador em Estremoz, filho de JOÃO FERNANDES AFÁO e de FILIPA BARRADAS CALDEIRA, moradores na mesma vila.

Filha:

IV - D. MARGARIDA PACHECA

Casou com seu primo MIGUEL PACHECO PIMENTEL, como se disse.

5(III) – MARGARIDA

Foi freira no convento de Santa Ana, em Lisboa.

Capítulo 98º

Macedos Pintos I

I – PEDRO PINTO

Filhos:

1(II) – BELCHIOR DE MACEDO PINTO

Nasceu no Barro, comarca de Lamego. Em 1644-03-12 foi tomado para moço de câmara da Casa Real, sob condição de número e de Índia¹⁵¹⁵.

2(II) – ÁLVARO DE MACEDO PINTO

Nasceu em S. Martinho. Em 1647-04-30 foi tomado para moço de câmara da Casa Real, sob condição de número e de Índia¹⁵¹⁶.

Capítulo 99º

Macedos Pintos II

I – ISABEL DE MACEDO

Morou com seu marido em Águeda.

Casou com TOMÉ PINHEIRO.

Filha:

II – MARIA DE MACEDO

Nasceu em Águeda.

Casou com MANUEL DE ALMEIDA, natural do mesmo lugar, filho de ANTÓNIO DE ALMEIDA e de sua 1ª mulher, MARIA MANUEL.

Filho:

III – MANUEL DE MACEDO PINTO

Foi bacharel em leis cerca de 1654¹⁵¹⁷.

1511. Mercês de D. Pedro II, livro 13, fl. 288.

1512. Segundo creio em 1699-09-23, conforme a Chancelaria da Ordem de Cristo, livro 86, fl. 176v.

1513. Para estes, seus ascendentes e filha, ver COTRIM, João Villaverde, "Famílias de Arruda", *Raízes & Memórias*, nº 3, 1988, p. 110. 1514.

1515. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 11.

1516. *Ibidem*, p. 30.

1517. Todos os dados deste capítulo obtidos em Leitura de Bacharéis, letra M, maço 12, doc. 22.



Capítulo 100º Macedos Ribeiros

I – DUARTE DIAS

Era natural da vila do Cadaval.

Casou com MARTA RIBEIRA, também natural da mesma vila.

Filho:

II – JERÓNIMO RIBEIRO

Nasceu no Cadaval. Foi magistrado, desembargador da Relação do Porto.

Casou com D. MARIA DOS LAGOS, natural de Cacilhas, filha de ANTÓNIA DOS LAGOS, infamada de cristã-nova.

Filho:

III – DUARTE RIBEIRO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa em 1618-02-.. Devido à fama de cristã-novice de sua avó-materna, foi-lhe recusada a admissão que requerera como familiar do Santo Ofício, conforme parecer de 1671-09-01¹⁵¹⁸.

Foi doutor em direito pela Universidade de Coimbra, desembargador, conselheiro da Fazenda, do Conselho do Rei D. Pedro II e ministro na corte de Madrid.

Morreu em Alicante em 1680-07-10.

Foi baptizada em Lisboa, Santa Catarina do Monte Sinai. Morou na Rua dos Canos Casou com DUARTE SALTER, fidalgo ou mercador inglês, natural de Exceter, que veio para Portugal em 1649, filho de JOHN SALTER, copeiro-mor da rainha de Inglaterra D. Catarina de Bragança, e de ALICE SALTER, naturais de Exceter.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO SALTER DE MACEDO EM 1673-03-05 recebeu 40 mil reis de tença anual¹⁵²⁰.

Em 1696-08-28 foi-lhe concedida, para si, a tença de 12 mil reis efectivos, para os ter com o hábito de Cristo e a tença de 6 mil reis efectivos para seu filho Vasco¹⁵²¹. Em 1697-02-25 teve alvará para que seu filho Vasco o acompanhasse no exercício do cargo de escrivão da Carga e Descarga das Naus da Índia e Armadas¹⁵²².

Casou com D. ANA DE MENDONÇA NABO, filha de VASCO NABO

Filho:

V – VASCO NABO SALTER DE MENDONÇA

Nasceu em Lisboa, Santo Estêvão de Alfama. Casou com D. JOANA LEOCÁDIA PIMENTEL E SOTTOMAIOR, natural de Lisboa, S. Nicolau.

Filhos:

1(VI) – JORGE SALTER DE MENDONÇA

Nasceu e foi baptizado em Camarate, Santiago. Foi desembargador.

Casou com D. ANTÓNIA FRANCISCA PESSOA DE LIMA, natural de Goyana, freguesia do Rosário, bispado de Pernambuco, filha de BENTO CORREIA DE LIMA, natural de Nazareth de Itapicuru de Cima, arcebispado da Baía, e de sua 2ª mulher, D. COSMA PESSOA, natural de Varje, bispado de Pernambuco.

Filho:

1(VII) – JOÃO ANTÓNIO SALTER DE MENDONÇA

Nasceu em Goyana, Pernambuco. Morou

Capítulo 101º Macedos Salter

I – FILIPA MONTEIRO DE MACEDO

Casou com JOÃO ANDRÉ FERRAZ

Filha:

II – MARIA MONTEIRO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Morou com seu marido na freguesia de S. Paulo¹⁵¹⁹.

Casou com PAULO PINHEIRO DE MARIZ FERREIRA, filho de MIGUEL FERREIRA DE MARIZ PINHEIRO, desembargador do Paço, e de D. TERESA DE MARIZ.

Filha:

III – D. MARIANA DE MACEDO MARIZ

1518. Habilitação para o Santo Ofício de Duarte Ribeiro de Macedo, Duarte, maço 1, doc. 12.

1519. Este dado e alguns a seguir, obtidos de Leitura de Bacharéis de Diogo Salter de Macedo, letra D, maço 6, doc. 16.

1520. Mercês de D. Afonso VI, livro 29, fl. 257v.

1521. Mercês de D. Pedro II, livro 10, fls. 350 e 350v.

1522. Mercês de D. Pedro II, livro 10, fl. 350.



em Lisboa, onde foi desembargador. Terá sido cavaleiro professo da Ordem de Cristo, tendo em conta a sua habilitação¹⁵²³

2(VII) – JOAQUIM SALTER DE MENDONÇA

Foi familiar do Santo Ofício por provisão de 1775-08-19.¹⁵²⁴

2(VI) – DUARTE SALTER DE MENDONÇA

Nasceu em Lisboa, Socorro. Foi conselho do Rei e fidalgo-cavaleiro da Casa Real.

Casou com D. SERAFINA LUÍSA MASCARENHAS E MELO, natural de Pombal, filha de JOSÉ MASCARENHAS DE FIGUEIREDO e de D. LUÍSA MARIA DE MELO.

Filho:

VII JOSÉ MASCARENHAS DE MELO

Nasceu em Lisboa, Santa Catarina. Foi corregedor do crime no bairro do Rossio.

Foi fidalgo-cavaleiro da Casa Real¹⁵²⁵.

2(IV) – DIOGO SALTER DE MACEDO

Nasceu em Lisboa, S. Nicolau¹⁵²⁶. Em 1687-06-08 recebeu a mercê da administração dumas capelas em sua vida¹⁵²⁷. Leu no Desembargo do Paço em 1690-01-13. Em 13 de Maio desse ano tomou posse de juiz de fora de Aldeia Galega e Alcochete, donde passou em 1694 para juiz de fora em Coimbra. Foi provedor desta comarca em 1699. Foi nomeado para a Relação do Porto em 1704, tendo aí sido desembargador extravagante em 1707-02-17¹⁵²⁸. Em 1713-07-17 foi ouvidor do crime da Casa da Suplicação¹⁵²⁹, que desempenhou até Dezembro de 1718. Teve a propriedade do ofício de memposteiro-mor de cativos.

Foi escudeiro-fidalgo da Casa Real em 1684-

11-13¹⁵³⁰ e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Casou com D. LEONARDA JOSEFA DE FARO, filha de NICOLAU DE CARVALHO, natural de Carnide, oficial maior da secretaria da Ordem de Cristo, e de D. MARIANA DE FARO, natural de Lisboa, Santo Estêvão de Alfama.

Filhos:

1(V) – DUARTE SALTER DE CARVALHO
Teve o ofício de memposteiro-mor de cativos. Foi fidalgo da Casa Real, cavaleiro da Ordem de Cristo em 1716-07-29¹⁵³¹, e familiar do Santo Ofício, por carta de 1701-08-17¹⁵³².

Terá casado com sua prima co-irmã D. MARIA INÁCIA JOSEFA DE FARO, filha de ANTÓNIO MONTEIRO DE VERAS, natural de Santo Estêvão de Alfama, cavaleiro da Ordem de S. Bento de Avis, e de D. JOSEFA DE FARO, baptizada em Lisboa, Socorro, irmã inteira da mãe de seu noivo.

2(V) – D. ANTÓNIA TERESA SALTER DE MACEDO DE FARO

Casou com MANUEL DE OLIVEIRAS DE CARVALHO, filho de ANTÓNIO FRANCISCO DOS RIOS.

Filho:

VI – JOSÉ SALTER RIOS DE CARVALHO

Habilitou-se para a Ordem de Cristo em 1714¹⁵³³.

3(IV) – DOMINGOS SALTER DE MACEDO

Recebeu em 1693-02-24 a mercê da administração duma capela¹⁵³⁴. Em 1703-06-06 teve licença para renunciar o ofício de memposteiro dos cativos de Lisboa¹⁵³⁵.

1523. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 187.

1524. Os dados relativos a este, seus pais e avós, obtidos da sua habilitação para o Santo Ofício, Joaquim, maço 19, doc. 249.

1525. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 202.

1526. Este e vários dados a seguir em B.N.L., *Memorial de Ministros*, manuscrito de autor desconhecido, Pombalina, 1073, fl. 346.

1527. Mercês de D. Pedro II, livro 2, fl. 63.

1528. Mercês de D. João V, livro 1, fl. 34v.

1529. Mercês de D. João V, livro 1, fl. 67.

1530. Mercês de D. Pedro II, livro 2, fl. 63.

1531. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 99, fl. 264.

1532. Os dados relativos a este, seus pais e avós, obtidos da sua habilitação para o Santo Ofício, Duarte, maço 2, doc. 18.

1533. BORREGO, Nuno, *Habilitações nas Ordens ... etc. cit.*, tomo II, p. 418.

1534. Mercês de D. Pedro II, livro 2, fl. 73.

1535. *Ibidem*.



Capítulo 102º

Macedos Secos

I – DIOGO RIBEIRO DE MACEDO

Era natural de Lisboa, Salvador.

Casou com MARIA BOTELHO DE OLIVEIRA, natural de Lisboa, Alfama.

Filhos:

1(II) – FRANCISCO BOTELHO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa, S. Miguel de Alfama.

Casou com D. MARIA DE AZEVEDO SECO, filha do Dr. JORGE SECO, natural de Tomar, desembargador da Casa da Suplicação, juiz dos feitos de El-Rei, da Coroa e da Fazenda, e vereador de Lisboa, morador em Santo Estêvão de Alfama, e de INÊS VELOSA, natural de Lisboa, S. Miguel de Alfama; e neta paterna do Dr. PEDRO ÁLVARES SECO, de Tomar, desembargador da Relação, do Conselho, contador-mor do mestrado de Cristo.

Filhos:

1(III) – JORGE SECO DE MACEDO

Nasceu em Lisboa. Foi bacharel em direito canónico pela Universidade de Coimbra. Em 1632-12-10 foi considerado habilitado a servir no Santo Ofício. Serviu de Inquisidor da Índia desde 1635-36 até finais de 1641¹⁵³⁶. Foi desembargador da Casa da Suplicação por mercê de Filipe III¹⁵³⁷. Em 1654-05-28, pelas suas qualidades, boas letras, partes e procedimento, e atendendo à satisfação e limpeza com que desde havia muitos anos tinha servido, além de outros, nos cargos de inquisidor da Inquisição de Goa e desembargador da Casa da Suplicação, foi nomeado chanceler e juiz da chancelaria da Relação do Brasil, com a mercê de que houvesse da Fazenda Real 200 mil reis por ano, por conta da promessa de pensão nos bispados vagos.¹⁵³⁸

2(III) – PEDRO ÁLVARES SECO DE MACEDO¹⁵³⁹

Era filho e neto de pais e avós cristãos velhos e nobres, que sempre viveram à lei da nobreza. Licenciou-se e leu no Desembargo do Paço em 1642¹⁵⁴⁰. Foi corregedor do Crime da Corte. Ele e seu irmão Jorge deram de arrendamento, em 1667-03-03, um moinho novo em Palmela¹⁵⁴¹. Possuiu o prazo do Almogadel, em Pias, prazo foreiro à sé de Coimbra. Nomeou o dito prazo em testamento, a sua irmã freira, com a cláusula de que, por morte dela, iria para quem possuísse o morgado de Portela.

3(III) – DIOGO RIBEIRO PACHECO

Foi bacharel pela Universidade de Coimbra, donde saiu em 1626. Foi admitido pelo Desembargo do Paço em 1632-02-26¹⁵⁴².

Deste, ou dum seu irmão terá sido filho:

IV – JORGE SECO DE MACEDO

Foi fidalgo e sucedeu no morgado da Portela. Morou na sua quinta de S. Sebastião da Pedreira. Sua tia nomeou nele o prazo foreiro à sé de Coimbra. Por isso este Jorge Seco de Macedo não pode identificar-se com o nº 6(III) adiante, visto que este último era primo direito e não sobrinho dessa tia, a quem a seguir me refiro.

3(III) – madre sóror CATARINA DA CONCEIÇÃO

Em Novembro de 1682 nomeou em seu sobrinho Jorge, com obrigação de tença em vida dela, o referido prazo foreiro que lhe fora nomeado por seu irmão Pedro¹⁵⁴³.

2(II) – D. INÊS BOTELHO DE MACEDO

Nasceu em 1602.

Casou com BALTAZAR FIALHO¹⁵⁴⁴, doutor em leis, desembargador da Relação do Porto, da Casa da Suplicação, de que foi chanceler, e juiz dos Feitos de El-Rei, filho de PEDRO MENDES e de INÊS FIALHA¹⁵⁴⁵.

Filhos:

1(III) – BALTAZAR FIALHO

2(III) – PEDRO FIALHO DE MACEDO

1536. António Baião, *A Inquisição de Goa*, Academia das Ciências, Lisboa, 1949, vol. I, pp. 226-228.

1537. Chancelaria de Filipe II, livro 37, fl. 52.

1538. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 21, fls. 216v-217.

1539. Para este e os que imediatamente se seguem, *Índex das Notas ... etc. cit.*, tomo 1º, p. 32.

1540. Leitura de Bacharéis, letra P, maço 5, nº 43.

1541. *Índex das Notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 32.

1542. Leitura de Bacharéis, letra D, maço 3, doc. 38.

1543. *Índex das Notas ... etc. cit.*, tomo 4º, p. 32.

1544. *Índex das notas ... etc. cit.*, tomo 3º, p. 158.

1545. Para estes e descendência, T.T. Hospital de S. José, cartório Botelho, maço 177, nº 17, caixa 9406.



3(III) – JOÃO MENDES FIALHO

4(III) – FRANCISCO RIBEIRO DE MACEDO

5(III) – INÊS CLARA FIALHO DE MACEDO

Instituiu uma capela na igreja do convento da Encarnação da Ordem de Avis, cuja administração veio a ser entregue muito mais tarde, a Pedro de Sousa Castelo Branco¹⁵⁴⁶.

6(III) – JORGE SECO DE MACEDO

Nasceu cerca de 1638

7(III) – DIOGO RIBEIRO DE MACEDO

Nasceu cerca de 1640. Foi licenciado em leis.

Viveu na quinta de Martim Afonso em Alhos Vedros.

Capítulo 103º

Macedos Serra

I – FRANCISCO DE MACEDO

Filho:

II – DIOGO DA SERRA SILVA

Nasceu em Lisboa. Pelos serviços que prestou nas armadas do Brasil, em 1658, 1660 e 1664, foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, com 1000 reis de moradia, em 1665-03-05, com a condição de ir à Índia¹⁵⁴⁷.

Capítulo 104º

Soares de Macedo

I – MANUEL SOARES

Filho:

II – FRANCISCO SOARES DE MACEDO

Nasceu na Azambuja. Em 1680-03-27 foi tomado

para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia, com a condição de ir à Índia¹⁵⁴⁸.

Capítulo 105º

Macedos Sousa Tavares

I – DIOGO DE MACEDO¹⁵⁴⁹

Segundo Manso de Lima, era filho de Jorge de Macedo e neto paterno de Diogo de Macedo, que podia corresponder ao homónimo nº V, filho do Jorge de Macedo nº 5(IV), acima referidos no Capítulo 20º – Macedos de Setúbal. Viveu em Setúbal, se acaso casou segunda vez com a Jerónima de Florença a seguir apontada. Ainda não me sinto porém seguro de que assim é, pelo que vem esta estirpe num capítulo próprio. Terá sido fidalgo da Casa Real.

Casou com JERÓNIMA DE FLORENÇA, filha de MANUEL RODRIGUES LUZ.

Filha:

II – D. MARIANA DE MACEDO¹⁵⁵⁰

Foi baptizada em Setúbal, Santa Maria da Graça, em 1600-07-30¹⁵⁵¹. Morreu na mesma freguesia em 1675-10-21¹⁵⁵².

Casou com DIOGO DE SOUSA TAVARES, filho de MANUEL MENDES HOMEM e de D. JOANA DE BOBADILHA, esta descendente, com várias quebras de varonia, dos Sousas Tavares, senhores de Mira.

Filho:

III – JOÃO PIRES DE MACEDO

Casou com D. FRANCISCA FROTA.

Filhos do casal:

1(IV) – FRANCISCO

Foi baptizado em Setúbal, S. Julião, em 1670-04-10¹⁵⁵³.

2(IV) – LUÍS DE MACEDO SOUSA TAVARES

Foi baptizado em Setúbal, S. Julião, em 1671-

1546. Mercês de D. João V, livro 22, fl. 358.

1547. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 305.

1548. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 361.

1549. Ver LIMA, Manso de, ob. cit., vol. XIV, pp. 155 e 171; segundo este autor, era filho de Jorge de Macedo e neto paterno de Diogo de Macedo, que seria fidalgo da Casa Real.

1550. Para estes baseei-me, salvo cota de referência especial, em GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 27º, pp. 155-156.

1551. Assentos Paroquiais, Setúbal, Santa Maria da Graça, Baptismos, livro 2, fl. 10.

1552. Assentos Paroquiais, Setúbal, Santa Maria da Graça, Óbitos, livro 1, fl. 6v.

1553. Assentos Paroquiais, Setúbal, S. Julião, Baptismos, livro 6, fl. 151.

04-27¹⁵⁵⁴. Foi senhor da quinta da Rotura e capitão de Ordenanças de Setúbal.

Casou com D. ISABEL DE MOURA DE AZEVEDO, filha de URBANO DA SILVA, marchante na vila de Setúbal.

Filhos:

1(V) – ANTÓNIO

Vivia em 1726.

2(V) – D. ANTÓNIA MARGARIDA DE MACEDO

Vivia em 1726.

3(IV) – LUÍSA

Foi baptizada em Setúbal, S. Julião, em 1672-06-09¹⁵⁵⁵.

4(IV) – IRIA

Foi baptizada em Setúbal, S. Julião, em 1675-07-31¹⁵⁵⁶.

Filho que parece ter sido apenas de João Pires de Macedo:

5(IV) - LUÍS DE MACEDO

Morreu em Setúbal, Santa Maria da Graça, em 1679-09-12¹⁵⁵⁷.

Capítulo 106º

Macedos Temudos

I – TOMÉ FERNANDES

Filho:

II – JOSÉ DE MACEDO TEMUDO

Nasceu em Palhais, comarca de Setúbal. Em 1655-03-09 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 800 reis de moradia, sob condição de ir à Índia¹⁵⁵⁸.

Capítulo 107º

Amados Varelas de Macedo

I – FRANCISCO SERRÃO CAMELO

Morou em Setúbal. Terá sido cavaleiro da Ordem de Santiago.

Casou com MÉCIA NUNES DE CORDOVIL.

Filha:

II – D. BRÁSIA DE MACEDO¹⁵⁵⁹

Morou em Coimbra.

Casou com ANTÓNIO AMADO VARELA, juiz das valas do campo de Coimbra¹⁵⁶⁰, cavaleiro professo da Ordem de Cristo em 1605¹⁵⁶¹, filho de FRANCISCO AMADO DE VASCONCELOS e de BRITES VARELA, moradores em Santiago do Cacém.

Filhos:

1(III) – FRANCISCO AMADO VARELA DE MACEDO

Morou em Coimbra, onde foi cidadão muito honrado. Foi familiar do Santo Ofício, por provisão de 1644-02-12. Serviu nas armas. Foi fidalgo cavaleiro da Casa Real em 1680-03-29¹⁵⁶². Casou com D. MARIANA PEREIRA, filha de JERÓNIMO RANGEL HOMEM e de D. ANA PEREIRA, moradores em Coimbra, neta paterna de PEDRO HOMEM DA COSTA e de MARIA RANGEL, moradores em Coimbra, e neta materna de D. CRISTÓVÃO PEREIRA e de D. MARIA CORREIA, moradores na sua quinta junto a Soure¹⁵⁶³.

Filhos:

1(IV) – ANTÓNIO RANGEL PEREIRA

Serviu na Índia.

2(IV) – BERNARDO AMADO PEREIRA

Terá sido fidalgo da Casa Real e cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

Casou em Setúbal com D. ANA DE HORTA, filha de BALTAZAR HORTA DE CARVALHO e de D. INÊS DE CARVALHO.

Filhos:

1554. *Ibidem*, p. 158.

1555. *Ibidem*, p. 167.

1556. *Ibidem*, p. 189v.

1557. Assentos Paroquiais, Setúbal, Santa Maria da Graça, Óbitos, livro 1, fl. 20v.

1558. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 274.

1559. Para estes e seus descendentes segui MORAIS, Alão de, ob. cit., vol. VI, pp. 245-246, e GAYO, Felgueiras, ob. cit., tomo 26º, pp. 38-39.

1560. Chancelaria de Filipe II, livro 11, fl. 23v.

1561. *Lista dos Cavalleiros da Ordem de Christo ... etc.* cit., p. 419.

1562. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 28.

1563. Habilitação para o Santo Ofício de Francisco Amado Varela de Macedo, Francisco, maço 4, doc. 197.

1(V) – D. ISABEL MARIA DA HORTA FORJAZ

Foi herdeira de seus pais.

Casou com BERNARDO COUTINHO PEREIRA, senhor do morgado dos Coutinhos de Coimbra, filho de MANUEL PEREIRA COUTINHO. Com geração.

2(V) – D. BERNARDA VITÓRIA FORJAZ PEREIRA E HORTA

Casou em Verride com ROQUE DE MACEDO PEREIRA, filho do corregedor ANTÓNIO DE MACEDO PEREIRA e de D. SEBASTIANA DA SILVA, como se viu no Capítulo 55º – Macedos, de Verride. Com geração.

3(IV) – D. ANA MARIA PEREIRA

Foi freira em Santa Clara de Coimbra.

4(IV) – D. CATARINA JOSEFA

Foi freira em Santa Clara de Coimbra.

2(III) – MATEUS AMADO VARELA

3(III) – D. LUÍSA

Morreu solteira.

4(III) – D. BRITES DE MACEDO

Seus pais deram-lhe 12 mil cruzados de dote.

Casou com BARTOLOMEU DE SÁ.

Viveu em Coimbra. Foi músico.

Casou com D. MARIA DE PINA BOTELHO, de quem foi 2º marido, filha de FRANCISCO BOTELHO DE LEMOS, escrivão das jugadas de Torres Vedras, moço de câmara do Rei, e de MÓNICA DE PINA.

Filhos:

1(II) – LUÍS

Foi baptizado em Torres Vedras, S. Pedro, em 1643-02-25.¹⁵⁶⁵

2(II) – frei FRANCISCO DE MACEDO

Foi baptizado em Torres Vedras, S. Pedro, em 1645-10-09.¹⁵⁶⁶ Foi frade carmelita, ordem para onde entrou em 1661. Foi vice-reitor do Colégio de Coimbra e prior do Convento de Setúbal. Morreu no convento do Carmo, em Lisboa.¹⁵⁶⁷

3(II) – ANTÓNIO BOTELHO DE MACEDO

Nasceu em Torres Vedras.

Casou com ANA MARIA JOSEFA, natural de Semide, filha do Dr. MANUEL FERREIRA DE BRITO, natural de Coimbra, e de MARIA DA CRUZ, natural de Anadia.

Filho:

III – frei FRANCISCO DA TRINDADE

Nasceu em Semide, Miranda do Corvo. Foi religioso de S. Francisco, leitor da Sagrada Escritura e guardião do convento de S. Francisco de Lisboa. Foi qualificador do Santo Ofício em 1744-09-28.¹⁵⁶⁸

Capítulo 108º

Macedos Vazes

I – MANUEL VAZ DE MACEDO

Filho:

II – LUÍS VAZ PEREIRA

Nasceu em Trevões, Pinhel. Em 1645-01-30 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real, indo à Índia¹⁵⁶⁴.

Capítulo 109º

Macedos Veigas

I – JOÃO DE MACEDO DA VEIGA

Capítulo 110º

Macedos, varonia dos Condes de Anadia¹⁵⁶⁹

I – SIMÃO RODRIGUES, o “velho”

Nasceu na Folgosa do Salvador, Seia.

Casou com BEATRIZ ANES FERRÃO CASTELO BRANCO.

Filho, além de outros

2(II) – APARÍCIO RODRIGUES DE MACEDO

Nasceu em Folgosa do Salvador. Foi juiz (ignoro de quê) no Casal e em Azurara. Instituiu em 1555

1564. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 114.

1565. Assentos Paroquiais, Torres Vedras, S. Pedro, livro misto 3, fl. 89.

1566. *Ibidem*, fl. 96v.

1567. MACHADO, Diogo Barbosa Machado, ob. cit., tomo II, 1966, p. 178.

1568. LIMA, Jorge Hugo Pires de, *O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício, letra F*, Aveiro, 1964, p. 82-83.

1569. Segui, no essencial, GONÇALVES, Eduardo Osório, ob. cit., vol. I, pp. 737 e 743-74, e vol. II, pp. 277-279.

a capela do Espírito Santo em Sameice. Morreu nesta povoação em 1561.

Casou duas vezes: a 1ª com ISABEL ÁLVARES; a 2ª com INÊS AFONSO.

Filhas do 1º casamento:

1(III) – MARIA RODRIGUES DE MACEDO

Casou com JOÃO ÁLVARES BRANDÃO, natural de Travanca dos Lagos, juiz ordinário do concelho do Casal. Com geração.

2(III) – DOMINGAS RODRIGUES DE MACEDO

Casou com PEDRO AFONSO DE GOUVEIA, o “velho”, natural de Torrozel, com geração.

Filhos do 2º casamento:

3(III) – DOMINGOS APARÍCIO (ou RODRIGUES DE MACEDO)

Foi bacharel pela Universidade de Coimbra, em cânones em 1557, e em leis em 1560. Foi corregedor de Tavira e, em 1586, desembargador da Relação do Porto. Morreu em 1610.

Casou com ANA PAIS DO AMARAL, filha, segundo a versão mais comum, de BRÁS DUARTE DO AMARAL, escrivão dos órfãos e juiz das sisas de Azurara, e de ANA FERNANDES CABRAL.

Com ilustre descendência, representada pelos Condes de Anadia.

4(III) – INÊS RODRIGUES DE CASTELO BRANCO

Casou com LEONARDO ÁLVARES BRANDÃO, irmão de seu cunhado João, acima, também natural de Travanca de Lagos. Com geração.

Filho (não se sabe de qual dos casamentos):

5(III) – ANTÓNIO RODRIGUES

Foi sacerdote

local e, que eu saiba, pouco estudada. Por isso, antes de desfiar a genealogia dos Évoras de Macedo, insiro apontamento de vários outros, cuja ligação com estes me não é possível apresentar com um mínimo de consistência.

I –¹⁵⁷⁰

Filhos:

1(II) – CUSTÓDIO DE ÉVORA

Vivia em Santarém onde em 1580-01-18 fez declarações quanto ao dote e contrato de casamento de sua irmã Francisca¹⁵⁷¹. Em 20 de Maio do mesmo ano ficou por fiador de seu cunhado Francisco de Macedo¹⁵⁷². Em 1591-02-09, com sua mulher outorgou uma procuração com vista a uma demanda contra João Vaz de Freitas e Macedo e a mulher Maria de Abreu¹⁵⁷³. Fez testamento, em 1595. Vivia na freguesia de Santa Cruz do bairro da Ribeira de Santarém.

Foi cavaleiro-fidalgo da Casa Real.

Casou com BEATRIZ DA FONSECA.

Filho:

III – LUÍS DE ÉVORA

Fez vínculo dos seus bens com obrigação de missas, pedindo a seu filho que não casasse com parente dentro do 4º grau. O vínculo foi possuído por Luís Ferreira de Barros, por sua filha e por seu neto.

2(II) – FRANCISCA DE ÉVORA

Casou com GASPAR DE FREITAS E MACEDO, como se disse acima, no Capítulo 18º – Macedos de Santarém. Com geração.

3(II) – ANTÓNIO DE ÉVORA

Morreu antes de Março de 1606.

Casou com HELENA DA CUNHA.

Filhos:

1(III) – FRANCISCO DE ÉVORA

2(III) – LOPO GOMES DA CUNHA

3(III) – D. ANA DA CUNHA

Morou em Lisboa. Sua mãe e seu irmão Lopo fizeram-lhe procuração em 1606-03-16¹⁵⁷⁴. Morreu antes de 1645¹⁵⁷⁵. Sem geração, ao que parece.

Casou com BELCHIOR PINTO DE MESQUITA, que testou em 1645.

Capítulo 111º

Macedos Papanças, dos Condes de Monsaraz

O apelido Macedo veio para esta família a partir dos Évoras de Santarém, família da pequena nobreza

1570. Para estes, salvo referência especial, segui LIMA, Manso de, ob. cit., vol. X, pp. 258-259.

1571. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc.* cit., fl. 12v.

1572. *Ibidem*, fl. 14.

1573. *Ibidem*, fl. 16v.

1574. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc.*, cit., fl. 17v.

1575. Para este e outros dados, a seguir, ver *Índex das notas ... etc.* cit., tomo 3º, p. 172.

4(III) – ANTÓNIA DA CUNHA

Casou com GASPAR DE FREITAS E MACEDO como se disse acima, no Capítulo 18º – Macedos de Santarém.

5(III) – D. BRITES DA CUNHA

Casou com o Dr. AGOSTINHO DA CUNHA, falecido antes de 1645.

4(II) – DE ÉVORA

Casou com FRANCISCO DE MACEDO que em 1580 foi condenado a um ano de degredo.

I – JOSÉ DE ÉVORA

Em 1580-01-23 deu quitação de 200 mil reis de dote que António Cardoso e sua mulher Catarina Cardoso prometeram para ele casar com sua filha Catarina Rodrigues¹⁵⁷⁶.

I – PEDRO DA COSTA¹⁵⁷⁷

Filho:

II – FRANCISCO DE ÉVORA DA COSTA

Viveu em Santarém, onde fez testamento em 1620-09-20, mandando-se sepultar no convento de S. Francisco da mesma vila. Deixou a seu filho Luís umas casas na Rua Direita do Salvador, com a obrigação de duas missas cada ano.

Casou com SEBASTIANA DO COUTO que, depois de viúva, casou com Luís da Serra.

Filhos:

1(III) – LUÍS DE ÉVORA

Em 1634-11-12 estava preso na cadeia e condenado a degredo para África, por ter resistido ao meirinho¹⁵⁷⁸.

Casou com ISABEL COLAÇA.

2(III) – MANUEL

Morreu menino.

3(III) – ANTÓNIO DE ÉVORA

4(III) – DIOGO

Morreu menino.

I – INÁCIO DE ÉVORA DE MACEDO

Em 1679 foi irmão de 1ª condição da Misericórdia de Santarém¹⁵⁷⁹.

Talvez fosse seu

Filho:

II – LUÍS DE ÉVORA MACEDO

Parece que devia ser homónimo do filho a seguir referido, uma vez que este veio a ser designado como “o moço”. Aparentemente, foi ele o designado como definidor da Misericórdia de Santarém em Fevereiro de 1703¹⁵⁸⁰, e não seu filho, pois este só foi aceite como irmão da mesma 4 anos depois.

Filho:

III – LUÍS DE ÉVORA DE MACEDO

Em 1690-02-07 entrou para a Irmandade do Santíssimo Milagre de Santarém¹⁵⁸¹ e foi seu escrivão em 1692 e 1693¹⁵⁸². Em 1707-04-16, com os apodos de “o moço, capitão”, era aceite como irmão de 1ª condição da Misericórdia da mesma vila¹⁵⁸³, da qual foi mesário em 1712 e 1716 e eleitor em 1723 e 1724¹⁵⁸⁴. Em 1707, 1725 e 1729 foi alferes da Câmara Municipal de Santarém¹⁵⁸⁵. Em 1711 era irmão da Irmandade das Almas de Santo Agostinho da mesma vila¹⁵⁸⁶, irmão da Irmandade Terceira do convento de Jesus do Sítio¹⁵⁸⁷ e irmão da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos do convento de Santo Agostinho da mesma vila, da qual foi mesário em 1717.¹⁵⁸⁸

Parece que foram seus

Filhos¹⁵⁸⁹:

1(IV) – LUÍS DE ÉVORA DE MACEDO

Foi irmão de 1ª condição da Misericórdia de Santarém em 1742¹⁵⁹⁰.

Talvez fosse seu filho:

1576. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc. cit.*, fl. 19v.

1577. Para estes, ver MATTOZO, Luiz Montez, *Memoria ... etc. cit.*, fl. 4.

1578. MATTOZO, Luiz Montez, *Memorias ... etc. cit.*, fl. 20v.

1579. REIS, Maria de Fátima, *Santarém no tempo de D. João V*, Edições Colibri, Lisboa, 2005, p. 495.

1580. *Ibidem*, p. 465.

1581. *Ibidem*, p. 305.

1582. *Ibidem*, p. 316.

1583. *Ibidem*, p. 441.

1584. *Ibidem*, pp. 453, 454 e 457.

1585. *Ibidem*, pp. 50 e 51.

1586. *Ibidem*, p. 397.

1587. *Ibidem*, p. 413.

1588. *Ibidem*, p. 368.

1589. É mera hipótese, já que não compulsei documentos, nomeadamente assentos paroquiais ou actos notariais, em tal seja afirmado.

1590. *Ibidem*, p. 495.

V – MANUEL DE ÉVORA DE MACEDO
Em 1767 foi irmão de 1ª condição da Misericórdia de Santarém¹⁵⁹¹.

2(IV) – MANUEL DE ÉVORA DE MACEDO¹⁵⁹²

Em 1742-06-30 foi aceite como irmão de 1ª condição da Misericórdia de Santarém¹⁵⁹³. Foi capitão de milícias em Santarém.

Casou com JOSEFA CAETANA FERREIRA.

Filhos:

1(V) – LUÍS DE ÉVORA DE MACEDO
Nasceu em Santarém, Santo Milagre. Foi capitão.

Casou em Lisboa, Santa Engrácia, em 1774-11-19, com D. BERNARDINA TERESA ROSA DE CASTRO, filha de AGOSTINHO DA ROSA MARTINS e de MARIA DO NASCIMENTO DE JESUS.

Filho:

VI – LUÍS MANUEL DE ÉVORA MACEDO

Nasceu em 1778-08-04 e foi baptizado em Lisboa, Santa Engrácia¹⁵⁹⁴.

Casou com D. JOANA ROSADO CORTES

Filha:

VII – D. MARIA GREGÓRIA DE ÉVORA MACEDO

Nasceu em Reguengos de Monsaraz.

Casou com JOAQUIM ROMÃO MENDES PAPANÇA, que nasceu em 1812.

Filhos:

1(VIII) – ANTÓNIO DE MACEDO PAPANÇA¹⁵⁹⁵

Nasceu em 1852. Bacharel em direito, foi deputado e par do Reino. Poeta consagrado. Foi feito Visconde de Monsaraz em 1884-01-17 e elevado a Conde de Monsaraz em 1890-01-03.

Casou com D. AMÉLIA AUGUSTA

FERNANDES COELHO SIMÕES.

Com geração

2(VIII) – D. JOSEFA ANTÓNIO DE MACEDO PAPANÇA

Casou com JOAQUIM JOSÉ DE MATOS FERNANDES, com geração¹⁵⁹⁶.

2(V) – INÁCIO DE ÉVORA DE MACEDO

Casou com MARIA ROSA LAUREANA, filha de MANUEL HENRIQUES e de VICÊNCIA MARIA, todos de Santarém.

Filho:

VI – JOÃO DE ÉVORA DE MACEDO

Habilitou-se no Desembargo do Paço para o ofício de partidor, inquiridor e distribuidor do Juízo dos Órfãos de Santarém, tendo sido aprovado em 1826-11-17. Nesse processo provou-se que nem ele nem seus pais nem avós exerceram ofícios mecânicos.

Capítulo 112º

Macedos, dos Viscondes de Macedo Pinto

I – MANUEL FERREIRA DE MACEDO¹⁵⁹⁷

Foi negociante.

Casou com D. MARIA DE DEUS MARITEIRO PINTO, natural de Guedieiros, Tabuaço.

Filho:

II – ANTÓNIO FERREIRA DE MACEDO PINTO

Nasceu em Sendim em 1810. Foi bacharel em medicina, lente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Foi deputado em 1853 e 1856. Fidalgo-cavaleiro da Casa Real em 1865-08-08¹⁵⁹⁸, do Conselho de S. M. F., cavaleiro da ordem de Cristo e comendador da Ordem de Nossa Senhora da

1591. *Ibidem*.

1592. Para este, cônjuge e descendentes, usei a fonte Leitura de Bacharéis, João de Évora de Macedo, letra J, maço 81, doc. 35

1593. *Ibidem*, p. 446.

1594. Assentos Paroquiais, Lisboa, Santa Engrácia, Baptismos, livro 11, fl. 164v.

1595. *Nobreza de Portugal*, cit., vol. III, pp. 17-18.

1596. Ver o interessante opúsculo *Mattos e Fernandes. Quem somos? Quantos somos?*, sem data nem indicação de autor, que consta ter sido o falecido general Duarte Silva.

1597. Segui PINTO, Albano da Silveira, e BAENA, Visconde de Sanches de, *Resenha das Famílias Titulares e Grandes de Portugal*, vol. II, Lisboa, 1890, p. 103, e a obra colectiva, dirigida por Afonso Zúquete, *Nobreza de Portugal*, Editorial Enciclopédia, Lisboa, 1960, vol. II, pp. 708-709.

1598. BORREGO, Nuno Gonçalves Pereira, *Mordomia-mor da Casa Real*, Tribuna da História, Lisboa, 2007.

Conceição de Vila Viçosa. Foi feito Visconde de Macedo Pinto por carta de 1874-06-11. Morreu em 1879.

Casou em 1860 com D. ANA CLEMENTINA PERES MOREIRA, filho de MANUEL JOSÉ MOREIRA GUIMARÃES e de D. ANA LÚCIA PERES. Sem geração.

Capítulo 113º

Macedos dos Barões de Santa Comba Dão

I – JOÃO PIRES¹⁵⁹⁹

Foi cutileiro em Santa Comba Dão, onde morreu em 1592-08-26.

Casou com INÊS RODRIGUES, falecida na mesma vila em 1569-05-23.

Filhos:

1(II) – JOÃO RODRIGUES DE MACEDO VARELA

Nasceu em Santa Comba Dão e morreu em Sinde em 1623. Foi cirurgião. Foi moço de câmara da Casa Real¹⁶⁰⁰.

Casou em Sinde com MARIA SOARES.

Filhos:

1(III) – JOÃO DE MACEDO VARELA

Viveu de suas fazendas. Morreu em S. Miguel de Poiares em 1647-05-24.

Casou com FILIPA PEDROSO, aí nascida, que morreu em 1646-07-02, filha ilegítima do prior de Poiares, o licenciado HENRIQUE SIMÕES DA SILVA.

Filhos:

1(IV) – ÚRSULA

Foi baptizada em Poiares em 1627-07-01.

2(IV) – GONÇALO

Foi baptizado na mesma freguesia em 1629-07-09.

3(IV) – JOSÉ DE MACEDO VARELA

Foi baptizado na mesma freguesia em 1630-07-20.

Teve a mercê de 20 mil reis de pensão efectiva

co o hábito de Cristo, tendo-lhe sido este mandado em 1661-05-31¹⁶⁰¹. Foi cavaleiro professo em 1663-02-17¹⁶⁰², e familiar do Santo Ofício em 1682-08-29¹⁶⁰³.

Casou duas vezes: a 1ª, sem geração, com D. GUIOMAR, natural de Mortágua, filha de FRANCISCO DE FIGUEIREDO e de D. CATARINA DE FRIAS; a 2ª, em Santa Comba Dão, em 1672-09-24, com D. MARIA DE FIGUEIREDO (ou GOMES), filha de FRANCISCO FERNANDES DA COSTA e de ÁGUEDA GOMES DE FIGUEIREDO.

Filhos do 2º casamento:

1(V) – JOÃO DE MACEDO

Foi baptizado em Santa Comba Dão em 1673-11-07. Morreu menor.

2(V) – MARIA

Foi baptizada na mesma freguesia em 1676-05-24. Morreu menor.

3(V) – JOSÉ

Foi baptizado na mesma freguesia em 1678-05-31. Morreu menor.

4(V) – D. JOANA JOSEFA DE MACEDO

Foi baptizada na mesma freguesia em 1681-06-30. Veio a ser sucessora na capela instituída por António Varela Rangel.

Aí casou, em 1699-02-24, com ANTÓNIO DE SOUSA DE VASCONCELOS, capitão-mor de ordenanças de Santa Comba Dão, filho de FRANCISCO DE ANDRADE E SOUSA e de D. MARIA ANA DE VASCONCELOS. Com geração ilustre, nomeadamente Barões de Santa Comba Dão.

5(V) – FELICIANO DE MACEDO VARELA RANGEL

Foi baptizado na dita freguesia em 1683-12-06. Sucedeu na referida capela. Sem geração.

6(V) – FILIPA

Foi baptizada na mesma freguesia em 1686-06-09.

José de Macedo Varela teve ainda, ilegítima, em LUÍSA MENDES, Filha:

7(V) – MARIANA

1599. Sigo neste capítulo, com a devida vénia, o modelar trabalho de MATOS, Lourenço Correia de, *Ascendência e descendência dos 1. os Barões de Santa Comba Dão*, Lisboa, 2011.

1600. *Inventario dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 246.

1601. *Inventario dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 294.

1602. Ordem de Cristo, Chancelaria, livro 47, fl. 372v.

1603. Habilitação para o Santo Ofício de José de Macedo Varela, José, maço 4, doc. 68.

Morreu em Santa Comba Dão em 1684-09-24.

4(IV) – ISABEL

Foi baptizada na mesma freguesia em 1632-09-21.

5(IV) – MARIA ANA

Foi baptizada na mesma freguesia em 1634-09-17.

6(IV) – VALENTIM DE MACEDO VARELA

Foi baptizado na mesma freguesia em 1636-02-21.

Foi moço de Câmara e escrivão dos órfãos de Midões, Lourosa, Candosa, Nogueira e São Sebastião da Feira.

Foi cavaleiro da Ordem de Cristo, com uma pensão de 20 mil reis, tendo-lhe sido mandado lançar o hábito em 1660-02-26¹⁶⁰⁴.

Casou com D. ÚRSULA.

Filho:

V – BAPTISTA DE MACEDO VARELA

Foi escrivão dos órfãos de Midões por carta de 1708-10-17.

7(IV) – ANA

Foi baptizada em Poiares em 1640-04-20.

8(IV) – ANTÓNIA

Foi baptizada na mesma freguesia em 1646-06-23.

2(III) – JACINTO DE MACEDO

Nasceu em Sinde

Casou em Ázere, em 1641-04-14, com MARIA DE ABRANCHES DE FIGUEIREDO, filha de FRANCISCO NUNES DE FIGUEIREDO e de BEATRIZ DE ABRANCHES. Com geração.

3(III) – ANTÓNIO SOARES DE MACEDO

Nasceu em Sinde. Em 1656-05-12, pela boa informação que dele havia, teve a mercê do ofício de almoxarife da fortificação de Peniche, com alvará de 21 de Agosto do mesmo ano para que servisse o dito ofício juntamente com o de pagador da gente de guerra¹⁶⁰⁵. Em 1652-02-29 foi tomado para cavaleiro-fidalgo da Casa Real com 1100 reis de moradia, sob condição de ir à Índia. Tendo sido armado cavaleiro pelo capitão de Goa, a condição foi levantada em 1655-10-12¹⁶⁰⁶.

2(II) – ANTÓNIO VARELA RANGEL

Andou pela Índia, onde foi escrivão da Alfândega

de Diu. Morreu em Lisboa, em Dezembro de 1603, instituindo uma capela de que foi 1º administrador seu irmão João. Sem geração.

3(II) – MARIA ÁLVARES

Morreu em Santa Comba Dão em 1558-01-07.

4(II) – MANUEL

Morreu na mesma vila em 1593-06-02.

5(II) – FRANCISCA RODRIGUES

Casou na dita vila em 1582-01-22, com DOMINGOS VAZ, alfaiate.

6(II) – FILIPA DE MACEDO

7(II) – LUÍS GOMES

Casou em Santa Comba Dão, em 1589-05-28, com BEATRIZ ANTUNES. Com geração.

8(II) – JOSÉ RODRIGUES

9(II) – TOMÁSIA RODRIGUES

Casou na mesma vila em 1598-12-14, com PEDRO JORGE, lavrador. Com geração.

Capítulo 114º

Macedos, dos Barões de S. Cosme

I – ANTÓNIO ELISEU RAIMUNDO DE MACEDO

Nasceu em 1756. Foi proprietário. Morreu em 1810. Casou com D. TERESA FAUSTINO CALHAMAR, nascida em 1754 e falecida em 1832, filha de FRANCISCO GOMEN CALHAMAR e de D. ANTÓNIA.

Filhos:

1(II) – ANTÓNIO ELISEU DE MACEDO

Nasceu em 1790. Foi bacharel em medicina. Morreu em 1826.

2(II) – D. MARIA CÂNDIDA

Nasceu em 1791.

3(II) – D. TERESA GERTRUDES

Nasceu em 1792.

4(II) – JOÃO NEPOMUCENO DE MACEDO

Nasceu na Chamusca em 1793. Assentou praça de cadete em 1809, tendo sido promovido a alferes em 1810 e a tenente em 1913. Tomou parte na guerra peninsular. Já capitão, embarcou para Montevideu, onde participou num combate com

1604. *Inventário dos Livros das Portarias do Reino*, cit., vol. II, p. 250.

1605. Registo Geral das Mercês, Mercês da Torre do Tombo, livro 15, fl. 535v.

1606. *Inventário dos Livros de Matricula dos Moradores da Casa Real*, cit., vol. I, p. 246.

tanto valor que foi promovido por distinção a major em 1817 e, pouco depois, em outros combates. Promovido a tenente-coronel, teve de exilar-se em 1828, por ter aderido à causa liberal. Desembarcou no Mindelo e portou-se com grande heroísmo no cerco do Porto. Foi promovido a coronel em 1832 e a brigadeiro em 1833. Morreu em combate no Chão da Feira, em 1837, sob as ordens do marechal Saldanha, contra as tropas comandadas pelo futuro Conde de Bonfim. Foi comendador das ordens de Avis e da Torre-e-Espada.

Foi feito Barão de S. Cosme em 1835-05-12.

Casou com D. JOSEFA CASTANHEDA DE MOURA, filha de D. ROMÃO XIMENES DE CASTANHEDA e de D. FRANCISCA DE MOURA¹⁶⁰⁷.

Com geração representada pelo actual Barão de S. Cosme, D. António de Portugal e Castro.

5(II) – JOSÉ ROBERTO DE MACEDO

Nasceu em 1797.

Casou com

6(II) – FRANCISCO DE MACEDO

Nasceu em 1800. Foi juiz de direito¹⁶⁰⁸.

Capítulo 115º

Macedos Santos, dos Barões do Paço da Figueira

I – JOSÉ ANTUNES DE MACEDO¹⁶⁰⁹

Parece que era oriundo do Minho.

Casou com D. ANGELINA MARIA DA LUZ.

Filha:

II – D. MARIA AUGUSTA DE MACEDO

Nasceu em Coimbra.

Casou com MANUEL DOS SANTOS JÚNIOR, 1º barão do Paço da Figueira. Com geração.

FINIS
LAUS DEO

1607. *Nobreza de Portugal*, cit., vol. III, pp. 316-317.

1608. Até aqui segui TORRES, João Cardoso Castello Branco e, *Resenha das famílias titulares do Reino de Portugal*, Lisboa, 1838, p. 214.

1609. Ver SILVA, António de Mattos e, *Anuário* etc., cit., vol. III, tomo III, p. 43.





DUAS VISÕES CONVERGENTES SOBRE AS ORIGENS DE MARTIM GONÇALVES DE MACEDO

AUGUSTO FERREIRA DO AMARAL*
CARLOS ALBERTO SANTOS MENDES**



ORIGENS, ASCENDENTES E DESCENDENTES DE MARTIM GONÇALVES DE MACEDO (1350-2015)

AUGUSTO FERREIRA DO AMARAL

A tese que pretende ligar Martim Gonçalves de Macedo a Vilar de Maçada não tem qualquer consistência. O pouco que é possível saber sobre o herói de Aljubarrota, em nada indica ter sido natural, nem morador, nem possuidor de bens naquela freguesia transmontana. Aponta, sim, para que, com grande probabilidade, ele fosse um filho de Macedo de Cavaleiros.

Martim Gonçalves de Macedo foi ao longo dos tempos uma personagem mal investigada, quer na sua biografia quer na sua genealogia. Numerosos erros foram transmitidos de geração em geração, mormente nos nobiliários, que dele só começaram a ocupar-se em inícios do séc. XVII, ou seja, cerca de trezentos anos depois do feito que o celebrou. E a mais antiga

menção escrita que dele foi feita em texto literário foi, ao que creio, uma interpolação lançada numa das primeiras décadas do séc. XVI numa das cópias antigas manuscritas da Crónica de D. João I, de Fernão Lopes, que até hoje subsistiram.

Mesmo assim, dos registos da chancelaria régia e doutras fontes que parecem credíveis, extraem-se ou podem supor-se alguns factos importantes que permitem reconstituir alguns aspectos da sua vida, bem como o seu entorno familiar, social e geográfico.

Foi escudeiro e vassalo d'El-Rei.

Celebrizou-se por salvar a vida a D. João I na batalha de Aljubarrota.

Já cerca de três meses antes dessa batalha fora ele

* Genealogista, Investigador, Advogado, 3º Barão de Oliveira de Lima, Presidente da causa Monárquica, Membro do Instituto Português de Heráldica, Descendente por varonia de Martim Gonçalves de Macedo.

** Licenciado em Arqueologia e História, Mestre em História Regional e Local, Presidente da Associação de Defesa do Património do Concelho de Macedo de Cavaleiros.





contemplado com a munificência régia, pois em 27 de maio de 1385 o rei lhe dera a mercê de cada ano, a serem pagas pelas rendas, dízimas e portagens de Bragança¹. Tal mercê deve ter tido fundamento na actuação de Martim Gonçalves de Macedo numa ou mais ocasiões de guerra que se deram pouco antes, no norte: ou a entrada em Guimarães, em 6, 7 ou 8 de Maio; ou a conquista de Braga, cerca do dia 10: ou, mais provavelmente, a tomada de Ponte de Lima, pouco antes de 19 do mesmo mês.

Mas o seu grande serviço à Coroa foi, na batalha real, ter intervindo oportunamente a impedir que o rei, no auge da luta, fosse morto por um cavaleiro castelhano que o derrubara. Por isso o monarca em 27 de agosto de 1385, isto é, menos de duas semanas depois da batalha, doou-lhe as aldeias de Algoselho e Pinelo, no termo de Miranda do Douro².

Em 19 de dezembro do mesmo ano, cerca de dois meses depois de se ter travado a batalha de Valverde na qual D. Nuno Álvares Pereira, com a sua hoste, derrotara os castelhanos, o rei doou-lhe a aldeia de Outeiro de Miranda³.

E é provável que haja participado ainda em outras acções bélicas que se deram nos anos seguintes.

Em 22 de fevereiro de 1392 recebeu do rei mercê das dízimas e portagens de Bragança e da Aldeia de Outeiro⁴.

Em 27 de dezembro de 1400 era alcaide do castelo do mesmo Outeiro de Miranda e recebia doação das dízimas dos panos que vinham de Castela ao mesmo lugar⁵.

Morreu entre 1401 e julho de 1425. Foi sepultado na igreja da Batalha, à entrada para as capelas onde jazem o rei D. João I e a família real, por decisão régia. Conforme algures foi escrito, o rei quis dar-lhe essa honra a fim de guardar a pessoa dele, monarca, para a vida futura, já que Martim Gonçalves de Macedo a tinha guardado tão bem em vida.

Vale a pena dizer alguma coisa sobre o apelido do herói de Aljubarrota.

Macedo, nesta forma e com ligeiras variantes, é topónimo em Portugal e na Galiza.

Para só falar nos antigos, há notícia em território português de;

- Macedo de Cavaleiros
- Macedo do Mato (Bragança)
- Macedo do Peso (Mogadouro)
- Macedo (Monção)
- Macedo (Vilaverde)
- Maceda (Oliveira de Azeméis)
- Vilar de Maçada (Alijó)

Segundo José Pedro Machado⁶, o étimo destes topónimos é uma das palavras latinas *mattianetu-*, nos primeiros cinco casos, ou *mattianata-*, nos dois últimos, ambas derivadas de *mattiana-* = *maçã*. Nos primeiros casos estão documentados os intermediários *Maçanedo*, *Maçaedo* e *Mazaedo*; nos últimos, os intermediários *Mazaneta*, *Mazaneda* e *Mazaeda*.

O apelido Macedo que, a partir sobretudo do séc. XVII passou a ser usado também por muitas pessoas sem conexão aparente com algum daqueles topónimos, era, antes disso, indicativo duma relação entre a pessoa e/ou seus ascendentes a algum daqueles lugares geográficos. Ou porque fossem naturais ou moradores dele, ou porque lá possuíssem bens imóveis.

Assim, só por engano de algum copista é que um natural de “Maçada” havia de ser designado por “de Macedo”.

Aparecem numerosos casos, mesmo em plena Idade Média, de pessoas, denominadas com um apelido de função meramente geográfica. Mas, numa família nobre medieval, o uso continuado de um apelido desse tipo significava outra coisa: queria dizer que a linhagem tinha aí o seu “solar”⁷. O “fidalgosolar” era o que descendia de um senhor de terra honrada, cujo topónimo se tornava no apelido da linhagem.

Ora Martim Gonçalves de Macedo vinha duma linhagem nobre com solar em Macedo de Cavaleiros.

Segundo apurei e publiquei, era filho de Gonçalo Fernandes (de Macedo), neto paterno de Fernando Esteves (de Macedo) e bisneto por varonia de Estêvão Anes de Bragança.

1. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. IV, tomo 2, pp. 64-65.

2. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 2, p. 48.

3. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. I, tomo 3, p. 115.

4. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 1, p. 303.

5. *Chancelarias Portuguesas D. João I*, cit., vol. II, tomo 3, p. 170.

6. MACHADO, José Pedro, *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Editorial Confluência, Lisboa, 1984, 2º volume, p. 912

7. O termo “solar” não tinha antigamente o sentido, que hoje se lhe dá, de um edifício apalaçado, mas sim o de uma porção de terra, normalmente honrada, isto é, fiscalmente imune, pertencente a uma família nobre, a qual era considerada a sede desta.



Um irmão de seu pai, Rui Fernandes de Macedo, instituiu em 1353 o morgado de Macedo, com sede e bens imóveis em Macedo de Cavaleiros, cujos administradores vieram a ser parentes colaterais do herói de Aljubarrota.

Tais bens eram honrados.

Presumo que a razão por que o eram é porque provinham do imenso património imobiliário dos Braganças, ascendentes, provavelmente por varonia, destes Macedos.

Nas inquirições de freguesia de S. Pedro de Macedo de Cavaleiros era confirmadamente de fidalgos. E várias herdades dalguns outros lugares que hoje pertencem ao concelho, nomeadamente Chacim, eram também de gente da família dos Braganças e dos Macedos.

Macedo de Cavaleiros foi pois o “solar” da família de Martim Gonçalves de Macedo. Daí veio o apelido para este e para a sua descendência.

Não há aqui “Maçada” alguma, nem Macedo do Mato, nem do Peso, nem do Minho. É Macedo de Cavaleiros, ponto final.

Disseram os genealógicos desde o séc. XVII, muito ignorantes da genealogia medieval, que o pai de Martim Gonçalves de Macedo teria sido Gonçalo Rodrigues de Maçada e que este tivera o castelo de Feira.

É erro crasso. Demonstrei já em trabalho genealógico que tal filiação é cronologicamente inverosímil⁸.

O pai de Martim era, sim, como já disse um Gonçalo Fernandes de Macedo, irmão do instituidor do morgado de Macedo de Cavaleiros, vínculo que subsistiu pelo menos até o séc. XVIII na posse de administradores localizados no distrito de Bragança. Alicersei tais conclusões nas fidedignas notícias constantes numa obra de José Cardoso Borges⁹, que foi correspondente informador da Academia Real da História no reinado de D. João V. Acresce que Martim Gonçalves de Macedo foi senhor, por herança de Sanceriz, povoação situada a pouco mais de 20 km em linha recta de Macedo de Cavaleiros, ao passo que dista não menos de 75 km, também em linha recta, a Vilar de Maçada. A enorme diferença das distâncias torna francamente preferível a ligação do senhor de Sanceriz, no passado, àquela povoação, do que a esta.

E num documento citado pelo escrivão dos filhamentos no primeiro quartel do séc. XVIII é mencionado Martim Gonçalves – provavelmente o herói de Aljubarrota – interessado numa sentença relativa a Sanceriz, juntamente com um “escudeiro do lugar de Macedo”¹⁰.

Também é errónea a explicação do apelido do herói de Aljubarrota pelo timbre dos Macedos (um braço empunhando uma *maça* de armas).

Desde logo, porque não está provado que algum dos intervenientes no episódio do Macedo usasse nele uma maça de armas. As fontes desse episódio dão a D. João I uma facha, a qual lhe teria sido tirada pelo castelhano Sandoval e tirada a este pelo Macedo. Em mais nenhuma arma específica falam.

Depois, porque o nome *Macedo* vem dum topónimo que está documentado quase um século antes do episódio. Já era usado por vários membros daquela linhagem muito antes de um deles haver participado na batalha.

Há mesmo um documento régio, datado de Maio de 1385, cerca de três meses anterior à batalha, em que o rei D. João I, ao dar-lhe uma boa recompensa, lhe chama “Martim Gonçalves *de Macedo*”.

A escolha da *maça* de armas para timbre das armas correspondente ao apelido *Macedo* deve-se apenas à paronímia das duas palavras.

Não representa o episódio de Aljubarrota. É, sim, falante, ou seja, refere-se ao apelido do armigerado. O significante heráldico é tirado do significante linguístico da estirpe, operação semiológica que aliás é frequente na armaria portuguesa.

A única menção que conheço, em documento antigo, de que Martim Gonçalves de Macedo tivesse vivido em Vilar de Maçada é constante numa “estória” incluída numa tardia crónica de D. João I, redigida na passagem do séc. XVI para o XVII. Pelo seu carácter romanceado e pouco rigoroso não me parece suficiente para basear um pormenor de tão precisa localização geográfica, a qual, para mais, vai ao arrepio do que deve concluir-se dos factos acima referidos.

Muito menos se conhece a existência de quaisquer bens que ele aí possuísse.

Finalmente, um argumento que tem sido apresentado para sustentar a tese vilardemaçadense é o

8. AMARAL, Augusto Ferreira do, *Macedos. Subsídios genealógicos*, Lisboa, 2014, p. 31.

9. BORGES, José Cardoso, *Descrição Topographica da Cid.e de Bragança*, manuscrito, Biblioteca Nacional, Colecção Pomalina, nº 248.

10. *Ibidem*, p. 31.



de que haveria descendência de Martim Gonçalves de Macedo moradora e proprietária nessa freguesia – nomeadamente da família Drago.

O argumento é totalmente inócuo. O facto de haver descendentes aí nada prova. O filho primogénito de Martim Gonçalves de Macedo, Diogo, depois de casar, viveu em Évora depois do casamento e até o fim da vida, foi lá grande proprietário e ninguém ousa sustentar que seu pai era eborense, nem mesmo que ali tivesse morado.

Para mais, a Filipa de Macedo amiga de D. Afonso, futuro bispo de Évora e mãe, com este, do 1º conde de Vimioso, não era neta de Martim Gonçalves de Macedo, mas sim sua bisneta. Era, com toda a probabilidade, filha de João Gonçalves de Macedo, juiz das sisas e dos órfãos de Montelongo, que por sua vez era filho do cónego regrante Gonçalo Gonçalves, abade do mosteiro de Santo Estêvão de Vilela, esse sim, filho do dito Martim.

Filipa, que veio a casar com um Drago (Rui ou

Manuel) e com ele teve filhos, era portanto bisneta do herói de Aljubarrota, de quem a separavam mais de 100 anos de idade. Só ela, não seu pai (João Gonçalves de Macedo) nem seu avô (Gonçalo Gonçalves), é que se presume ter vivido em Vilar de Maçada, visto que o seu referido marido aí era proprietário. A sua ligação a esta freguesia veio-lhe do matrimónio, não de seu pai, que morava em Montelongo, nem de seu avô, que dirigia um mosteiro em Paredes e vivera noutro perto de Felgueiras.

Ela e os seus descendentes – que os teve relacionados com Vilar de Maçada – não constituem indicação alguma de que nesta vila houvesse nascido ou vivido seu bisavô Martim Gonçalves de Macedo.

A tese vilardemaçadense não tem pois fundamentos que a sustentem, sequer como hipótese. E vai contra ponderosos argumentos, baseados em fontes credíveis, que localizam Martim Gonçalves de Macedo em Macedo de Cavaleiros e nas imediações de Bragança.



Recensão ao artigo “Martim Gonçalves de Macedo – Herói de Aljubarrota”, inserto a págs. 85/88 na monografia “Crónicas da nossa Freguesia – Fidalgos e Plebeus” de autoria de José Alves Ribeiro, Professor, Licenciado em Eng^a Agronómica e com curriculum relevante nas Ciências Agrárias e na Botânica. Emérito da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

CARLOS ALBERTO SANTOS MENDES

Diz o autor do artigo, Professor José Alves Ribeiro:

Martim Gonçalves de Macedo foi um grande fidalgo, um grande guerreiro e um grande herói. Uma figura incontornável da história da nossa terra, da nossa região transmontana e mesmo do nosso país.

Abaixo seguem imagens do seu busto e do túmulo existente no Mosteiro da Batalha deste herói de Aljubarrota que salvou a vida a el-rei D. João I no decorrer dessa decisiva contenda de 1385. No túmulo está com o nome Martim Gonçalves de Maçada.

Quem se dedica à historiografia tem que primar pelo rigor da informação que transmite. Não é verdade que na pedra tumular, que se encontra à entrada da sala do fundador, conste o nome de Martim Gonçalves de Maçada. Esse nome “Martim Gonçalves de Maçada” pode-se ler na placa sinalética a indicar a identificação da sepultura. Na pedra tumular, na foto abaixo, podemos ler apenas “O que salvou a vida do Sr. D. João I na batalha de Aljubarrota”.

O que inibiu, ainda hoje, estar gravado na pedra tumular o nome de Martim Gonçalves de Macedo,

foram as desastrosas intervenções de conservação e restauro que se efectuaram no início do século XX no Mosteiro de Santa Maria da Vitória. Temos que recuar no tempo para chegarmos à verdade. Para esse efeito em tempo, (2008) foi entregue uma exposição, subscrita pela Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, Fundação da Batalha de Aljubarrota, Departamento de História da Faculdade de Letras de Lisboa e Associação de Defesa do Património de Macedo de Cavaleiros “Terras Quentes” ao presidente do Igespar, à data, Dr. Elísio Summavielle, a solicitar alteração do nome constante na sinalética, de Martim Gonçalves de Maçada, para Martim Gonçalves de Macedo. O Erro foi reconhecido pela tutela que prometeu em próxima intervenção rectificar o nome na placa sinalética.

A atestar o que afirmamos estão vários escritos; apresentam-se dois como exemplo: O historiador espanhol Crispim Ximénez Sandoval na sua obra “Batalla de Aljubarrota” de 1872 na página 260 o autor informa que efectuou uma visita ao mosteiro de Santa Maria da Vitória em 1869 e quanto aos dizeres da pedra tumular diz: “...E fuera ya de ella, aunque junto à la puerta, bajo una losa en el suelo se assegura hallarse Martim Gonçalves de Macedo, sol-

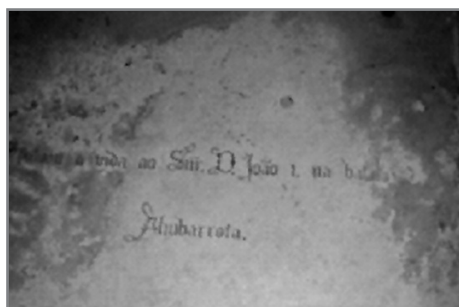


Foto da tampa tumular da sepultura de Martim Gonçalves de Macedo, no Mosteiro de Santa Maria da Vitória.

dado que salvou al Rey en el trance más apuradas de la batalla...”. Também, se lermos o livro “Centenário de Joaquim Augusto Pereira da Silva Mouzinho de Albuquerque 1885-1955”, a página 260 informa-nos: “...Certo dia, na festa aniversária da batalha de Aljubarrota, o pequeno Joaquim Mouzinho de Albuquerque puxou a mãe para junto das inscrições tumulares sob as naves, à entrada principal do Mosteiro. A bondosa senhora ajudou-o a ler...., a última porém, à entrada da capela do rei, surpreendeu-o em mais demorada reflexão «Martim Gonçalves de Macedo, que salvou a vida ao Senhor D. João I na Batalha de Aljubarrota» ali estava, na pedra jazente da casa da dinastia de Avis. Haveria mais testemunhas na bibliografia para atestar que o nome que se encontrava na pedra tumular que se encontra à entrada da capela real era “Martim Gonçalves de Macedo” e não “Martim Gonçalves de Maçada”, como está na placa sinalética.

Continuando a leitura do artigo de José Alves Ribeiro;

De facto Vilar de Maçada, vila do concelho de Alijó e Macedo de Cavaleiros, cidade do distrito de Bragança disputam a naturalidade deste herói. Como não há registos seguros desse «pormenor» importante para o bairrismo das terras, deixo à consideração dos leitores esta polémica, que no fundo será de somenos importância, embora venha escalpelizada com notáveis detalhes históricos na Monografia de autoria do Arquitecto Fernando Pinto de Sousa. Um dos registos históricos que não deixam dúvidas do feito extraordinário de ter salvo a vida ao Rei vem no livro de linhagens intitulado «Predatura Lusitana» de Cristóvão de Morais do século XVII, que ao referir-se à linhagem dos Macedos indica que tinham solar em Vinhais e onde é transcrito o seguinte trecho, neste caso consultado na referida Monografia:

«Martim Gonçalves de Macedo, 1º filho deste (Gonçalo Eanes de Macedo) se acha nos registos de el-Rei D. Fernando, com 1500 libras que lhe deu cada mês de quantia. E na batalha de Aljubarrota conta a crónica de el-Rei D. João o 1º, que, chegando este Rei a braços com Álvaro Gonçalves Sandoval, homem de grandes forças, caíra el-Rey; e Martim Gonçalves o levantou do chão e matou o castelhano, pelo que seus descendentes acrescentaram em suas armas por timbre, um braço com a maça com que matou o castelhano, e no braço, me-

tida uma coroa real, porque no valor daquele braço consistiu a Coroa daquele Rei: o que lhe fez muitas mercês, dando-lhe as aldeias de Melgaço, Pindelo e Outeiro; foi vassalo de el-Rey, que era dignidade»

E continua José Alves Ribeiro: *Mas da leitura da referida Monografia fica a ideia de que existem relatos a indiciar a sua ligação à nossa terra e outros que o relacionam com outras povoações transmontanas, como Vinhais, Outeiro (Bragança) e Macedo de Cavaleiros. De facto o Rei D. João I, até por reconhecimento dos seus preciosos serviços, doou-lhe diversos domínios em terras do norte, minhotas e sobretudo transmontanas e como era um competente guerreiro convinha à coroa a sua presença nas regiões fronteiriças a Castela, numa época em que as escaramuças entre as duas nações vizinhas eram mais que muitas. E também lhe doou domínios e rendas no seu reguengo de Vilar de Maçada.*

Dá-nos a parecer que o autor, Professor Emérito José Alves Ribeiro, se limitou a uma decalcada leitura da monografia do seu conterrâneo Arquitecto Fernando Pinto de Sousa. Assim, cita uma obra (retirada dessa monografia) de autoria de Cristóvão Alão de Morais «Predatura Lusitana» que de facto se chama “Pedatura Lusitana” talvez erro ortográfico, talvez ligeireza no escrito.

O autor José Alves Ribeiro elenca vários locais (Vinhais, Outeiro, Macedo de Cavaleiros e Vilar de Maçada), que reclamam para si a naturalidade do herói Macedense Martim Gonçalves de Macedo. De facto não existe nenhuma disponibilidade bibliográfica para esclarecimento cabal desse facto (o que é comum nos primeiros séculos da nacionalidade), já que não existiam livros de assento de nascimentos, (veja-se o caso do local de nascimento de D. Afonso Henrique, disputado por Viseu, Coimbra, Guimarães etc.) que nos indique em concreto a naturalidade de Martim Gonçalves de Macedo, só podemos chegar lá, pelos factos, pela verosimilhança. Como sabemos era usual na Idade Média utilizar-se o determinativo de lugar para indicar o local de nascimento da pessoa. Se o hábito hoje se mantivesse o autor da monografia seria conhecido por “José Alves Ribeiro de Maçada”.

É Cristóvão Alão de Morais na sua Pedatura Lusitana que gera a confusão, quando na página 25 da sua obra se refere ao “Titulo de Macedos”, diz-nos: *Chamaram-se antigamente Maçadas e tiveram solar em Trás-os-Montes na Vila de Vinhais que naquele tempo se chamou Vinhal pelo que se chamaram tam-*

bém Vinhal. Mas Alão de Morais logo se contradiz (na mesma página 25); 1 – Afirma; *O Conde D. Pedro, conforme diz “Lavanha”, que Egas do Vinhal era natural de Toledo e passou a Portugal com o Conde D. Henrique...* (situamo-nos ainda antes do início da nacionalidade). De facto existe perto de Toledo uma terra de nome “Vinhal” e sabemos que os “Vinhal” (Judeus, eram provenientes da Galileia, Israel) estiveram presentes na tomada de Toledo ao lado de Afonso VI. Portanto trata-se de uma invenção da Cristóvão Alão de Morais adoçar os ascendentes à Vila de Vinhais (Distrito de Bragança). Trata-se de uma confusão ou tão simplesmente de um jeito antroponímico.

Também existe uma povoação em Portugal, com o nome de **Vinhal**. É uma pequena aldeia pertencente à freguesia de Lajeosa do Dão do concelho de Tondela, distrito de Viseu. Se Cristóvão Alão de Morais tivesse seguido este caminho era por certo mais concludente, mas de facto, “Vinhal” da Lajeosa do Dão não possuiu nenhum registo da passagem dos “Vinhal” por lá.

Egas do Vinhal teve um filho (Bisavô de Martim Gonçalves de Macedo) João Gomes do Vinhal, que como nos diz a bibliografia foi o 1º Senhor de Macedo de Cavaleiros, título que passou ao seu filho Gonçalo Rodrigues de Macedo (Avô de Martim Gonçalves de Macedo) – 2º Senhor de Macedo de Cavaleiros, sendo que não encontramos registo que nos permitam esclarecer se o Pai de Martim Gonçalves de Macedo, João Gonçalves de Macedo tivesse usado o mesmo título, mas é plausível.

Quanto a possibilidade de Martim Gonçalves de Macedo ter nascido em Outeiro de Miranda, hoje pertencente a Bragança, os registos bibliográficos indicam-nos que a presença nessa localidade de Martim Gonçalves de Macedo acontece já depois da Batalha de Aljubarrota quando se trona alcaide do Castelo de Outeiro porque, D. João I lhe entregou a praça/Castelo de Outeiro de Miranda. Esta praça fazia parte da cintura de defesa do nordeste transmontano. Não encontramos nenhum registo bibliográfico que ligue Martim Gonçalves de Macedo a Outeiro de Miranda antes deste acontecimento.

A ligação da família dos “Macedo” a Macedo de Cavaleiros chega-nos muito antes de ter nascido Martim Gonçalves de Macedo, Os “Macedo” lá tinham o seu Senhorio/Morgadio, como prova a documentação.

Já com mais de uma década de investigação nesta temática, encontrámos amiúde um personagem his-

tórico nascido em Vilar de Maçada com o nome de Martim Gonçalves (Pimentel) de Maçada, filho do 1º conde de Benavente, D. João Afonso Pimentel, segundo outros, filho do Comendador da Ordem de Avis, Álvaro Gonçalves Pimentel. Martim Gonçalves de Maçada casou com Inês Estevão Mesquita, filha de Estevão Pires de Mesquita, senhor do couto e torre de Vilar de Maçada. Pela documentação de Manuel Abranches Soveral, comprova que este Martim Gonçalves de Maçada nasceu em 1410 e foi escrivão de sisas em Vila Flor, cargo para que foi nomeado por D. Afonso V em 19.4.1454 tendo falecido antes de 31.5.1481. Portanto nunca este Martim Gonçalves de Maçada poderia ter estado presente na Batalha de Aljubarrota. Eis esclarecido um dos grandes equívocos da monografia de José Alves Ribeiro.

Continua o autor José Alves Ribeiro ainda na página 86 da sua monografia; *“O que é indubitável é que foi um grande herói transmontano e a ligação a Vilar de Maçada também não oferece contestação. Isto por alguns factos evidentes:*

O primeiro facto é o seu nome no túmulo no Mosteiro da Batalha e só por excepcional benesse de El Rei é que foi ali sepultado. Esse nome na pedra tumular no Mosteiro da Batalha é Martim Gonçalves de Maçada.

Outro aspecto, que terá de se registar, é que este herói está representado num busto a encimar o brasão de um solar vilarmaçadense – O solar de “Pizarro Portocarrero”, conhecido por «casa do Mouro», actualmente o Centro Social de Vilar de Maçada.

Outro facto bem registado é que a neta de Martim, de seu nome Filipa, casou nos finais do século XV com um fidalgo vilarmaçadense de nome Manuel Drago, senhor de uma quinta – Couto de S. Domingos – e respectivo solar no termo de Cabeda e outro solar em Vilar de Maçada, o actual casal de «Borba». Esta grande Senhora foi ascendente, quer da linhagem dos Dragos posteriores ao século XV, quer da linhagem dos Condes de Vimioso por ligação anterior com D. Afonso de Portugal, irmão do Duque de Bragança, e foi Senhora dos domínios de Morgadio da Torre de Quintela em Vila Marim, nas proximidades de Vila Real. Toda esta sequência histórica é merecedora de uma outra crónica que, de seguida, virá relatada.

Dona Filipa de Macedo é pois um dos trunfos a favor de Vilar de Maçada e os vilarmaçadense têm Martim de Macedo como o seu herói e até corre nesta nossa terra a lenda que o nome «Maçada» tem como origem o maço ou maça de guerra do herói. O que não é verdadeiro, pois o nome da povoação é muito anterior



à batalha de Aljubarrota (que ocorreu em Agosto de 1385) e provém de Mazada, povoação inserida nos domínios romanos das Terras de Panóias e já figura com o nome de Valle de Mazada no foral de D. Afonso III de 1253.

De qualquer modo, mesmo que tenha naturalidade em Chacim no termo de Macedo de Cavaleiros, como defendem os Macedenses ou em Vinhais que é o mais provável, este grande fidalgo e guerreiro esteve decerto muito ligado e talvez radicado na nossa terra. Uma coisa é cem por cento certo: este foi um herói transmontano e disso todos nós transmontanos nos devemos orgulhar. Sendo o povo vilarmaçadense um dos que mais tem assumido e glorificado ao longo dos tempos o culto e o orgulho neste grande herói da nossa história.

Bibliografia citada pelo autor do artigo:

“Manuel de Castro Marques – A nossa terra ontem e hoje – Minerva Transmontana – 1953.

Fernando Pinto de Sousa – Vilar de Maçada – passado e presente – Ed do Autor – 2011.”

A bibliografia utilizada por José Alves Ribeiro para estruturar este artigo é escassa e não cumpre os critérios metodológicos de citação bibliográfica para artigos históricos. Por essa razão, o autor sente arduidade na interpretação dos factos.

Continua o autor a insistir na ligação de Martim Gonçalves de Macedo à Vila de Vilar de Maçada, afirmando que os factos não oferecem contestação e são evidentes. Quanto à placa sinalética existente no mosteiro da batalha junto da pedra tumular onde se encontra sepultado Martim Gonçalves de Macedo, parece-nos que o assunto foi, de forma correcta e clara, esclarecido anteriormente.

Nenhum historiador pensaria entrar nos campo das lendas e dos mitos, sob pena de cair no ridículo, para justificar o injustificável. Parece-nos abusivo evocar a iconografia de um solar, para fazer fé que alguém aí nasceu 300 ou 400 anos antes. A Lenda da “Casa dos Mouros” também não colhe para atestar a sua cronologia. Como se sabe da arqueologia, não existe a norte do Rio Douro, qualquer registo da presença habitacional do povo Mauri, Berbere ou Arábico.

Afirma o autor que outro facto bem registado e um dos trunfos de Vilar de Maçada é que a neta de Martim Gonçalves de Macedo, de seu nome Filipa, casou nos finais do século XV com um fidalgo vilarmaçadense de nome Manuel Drago e aí se radicou. José Alves Ribeiro contradiz-se com esta afirmação e confirma assim que em 1480, quase 100

anos depois da batalha de Aljubarrota, começa a presença de um “Macedo” em Vilar de Maçada. As imprecisões e as inverdades atingem aqui o seu ponto mais alto. De facto Martim Gonçalves de Macedo nunca teve uma neta de nome Filipa de Macedo. Teve sim uma bisneta de nome Filipa de Macedo. Assim seguindo a descendência de Martim Gonçalves de Macedo, temos que dos seus dois casamentos; o 1º com Brites de Sousa e o 2º casamento com Catarina Anes, resultou o nascimento dos seguintes filhos:

Diogo Gonçalves de Macedo; João Gonçalves de Macedo; Gonçalo de Macedo; Rui Gonçalo de Macedo Álvaro Gonçalo de Macedo, Joana Martins de Macedo e Martim Afonso de Sousa (este do 1º casamento com Brites de Sousa).

Seguindo a varonia de Diogo Gonçalves de Macedo, casou com Isabel (ou Catarina ou Leonor) Gomes de Azevedo, deste casamento resultou o nascimento de João Gonçalves de Macedo (entre outros). Este João Gonçalves de Macedo, Senhor de Melgaço, teve dois casamentos, o 1º com Florinda Cunha e o 2º com Isabel Gomes Rebelo, destes dois casamentos nasceram 10 filho entre os quais, em 1460 nasce Filipa de Macedo, que se vem a casar com Rui (ou Manuel) Drago e que passa a residir em Vilar de Maçada terra do seu consorte, como já referimos. Portanto é bisneta de Martim Gonçalves de Macedo. A partir daqui, deixa de haver em Vilar de Maçada, descendência em varonia de Martim Gonçalves de Macedo. Encontramos vários brasões de armas espalhados pelo país. Em Lisboa descobriram-se dois brasões de armas dos “Macedos”; um no palácio dos “Mesquitela” e o outro na Sacristia da Igreja das Mercês. O brasão de armas que encontramos em Vilar de Maçada não inclui a maça de armas com que o Martim Gonçalves de Macedo foi obsequiado pelo Rei D. João I. O do solar dos “Macedos” em Macedo de Cavaleiros já ostenta a maça de armas. É intuitivo que os descendentes de Martim Gonçalves de Macedo (com tanto filho, netos e bisnetos) se tenham espalhado por todo o território nacional.

Afirma o autor que os Macedenses indicam a freguesia de Chacim como lugar onde teria nascido Martim Gonçalves de Macedo. Não é verdade. Nunca em Macedo de Cavaleiros se afirmou que Martim Gonçalves de Macedo teria nascido na freguesia de Chacim, lugar onde nasceu outro grande Macedense com cronologia anterior ao Martim Gonçalves de Macedo, que foi Nuno Martins de Chacim, Meirinho-Mor de D. Afonso III e Mor-domo-Mor de D. Dinis.



Suspeita-se, e não mais que isso, que Martim Gonçalves de Macedo tenha nascido (ou melhor, o espaço habitacional da família “Macedo”) em Prado dos Cavaleiros zona mais antiga, dentro da cidade, numa torre medieval que teria aí existido. Só a arqueologia nos poderá dar alguma informação.

Num facto estamos de acordo com José Alves Ribeiro. Quando acaba o artigo afirmando; *Este foi um herói transmontano e disso todos nós transmontanos nos devemos orgulhar. Acrescentaria, todos os Portugueses.*

Bibliografia utilizada e consultada (que se sugere);

- Almeida, M. Lopes de e Basto, A de Magalhães;** Crónica de D. João I, segundo o códice inédito CIII/1-10 da Biblioteca Pública de Évora confrontando com o texto impresso em 1644 e versões quinhentistas da mesma crónica, Volume I Biblioteca Histórica, série régia, Livraria Civilização, 1990, Barcelos, introdução pág. XVII
- Almeida, M. Lopes de e Basto, A de Magalhães;** Crónica de D. João I, segundo o códice inédito CIII/1-10 da Biblioteca Pública de Évora confrontando com o texto impresso em 1644 e versões quinhentistas da mesma crónica, Volume II Biblioteca Histórica, série régia, Livraria Civilização, 1990, Barcelos. pp. 134,159,161,162, 163, 168, 175, 176, 198
- Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal);** Memórias Arqueológicas do Distrito de Bragança. Reedição do Museu do Abade Baçal, 2ª edição, Tomo I, Bragança, 1975, pág. 285.
- Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal);** *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo I, Câmara Municipal de Bragança, 2000
- Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal);** *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo VI, Câmara Municipal de Bragança, 2000
- Alves, Francisco Manuel (Abade de Baçal);** *Memórias Arqueológicas-Históricas do Distrito de Bragança*, Tomo VII, Câmara Municipal de Bragança, 2000
- Amaral, Augusto Ferreira**
“Martim Gonçalves de Macedo salvou D. João na de Aljubarrota?” In; *Armas e Troféus*, VI série, tomo IV, nºs 1,2 e 3, Lisboa, 1992
- Amaral, Augusto Ferreira do**

A Varonia Ferreira do Amaral, Edição do Autor, Lisboa, 1974

Baêna, Sanches de, Visconde

Arquivo Heráldico-genealógico, parte 2, artigo “Macedo”, Lisboa, 1872

Baluze, Vie dês papes D1Avignon, Séc. XIV, s.e., s.d, s.l.

Barbosa, Pedro Gomes, e Mendes, Carlos Santos.

De Macedo a Macedo dos Cavaleiros, via Aljubarrota, a figura de Martim Gonçalves de Macedo, Edições CMMC/ATQ, Macedo de Cavaleiros, 2006

Bibbio, Amedeo.

O regímen Sanitatis Salernitanum, e os seus preceitos higiénicos e estomatológicos, separata da Revista Acção Médica, Gouveia, 1965.

Borrego, Nuno Gonçalo

Cartas de Brasão de Armas, Colectânea, Guardam-mor, Edições de Publicações Multimédia, Lda., Lisboa, 2003

Calado, Adelino de Almeida,

Estoria de Dom Nuno Alvarez Pereyra, notas, Acta Universitatis Coninbrigensis, Universidade de Coimbra, Coimbra 1991.

Cardoso, Manuel José de Sousa

Macedo de Cavaleiros rua a rua, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, Macedo de Cavaleiros 2005

Chambel, Pedro; Marcas do Quotidiano nos monumentos funerários. A representação de animais na tumularia medieval do Entre-Douro-e-Minho; <http://www.rotadoromanico.com/SiteCollection-Documents>.

Correia, Lopes, Trancoso, notas para uma monografia, Câmara Municipal de Trancoso, 1968

Correia, Virgílio

Mosteiro da Batalha, número specimem, Litografia Nacional, Porto 1928

Correia, Virgílio

Colecção Monumentos de Portugal nº 1 Mosteiro da Batalha. Litografia Nacional, Porto, 1929

Correia, Manuel de Mello (dir)

Anuário da Nobreza de Portugal, Instituto Português de Heráldica, 1ª Edição, Lisboa, 1985

Fernandes, Nuno da Silva

James Murphy e o Mosteiro da Batalha, Museu do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, IPPC, Lisboa, 1989

Fossier, Robert.



- Gente da Idade Média, Teorema, Lisboa 2007.
- Froissart, Jean de,**
Crónica, Duas passagens relativas a Aljubarrota, notas de Mário Jorge Barroca, ed. Fundação da Batalha de Aljubarrota, São Jorge, Batalha, 2008
- Froissart, Jean de,**
Croniques, Livros III e IV, Paris, 2004
- Garcia, J. M.,**
Breve História dos Descobrimentos e Expansão de Portugal, Lisboa, Presença, 1999, pp. 15-20.
- Gayo, Felgueiras**
Nobiliário de Famílias de Portugal, Volume VII, 3ª edição, Edições de Carvalhos de Basto, Braga, 1992
- Galego, Júlia e Daveau, Suzanne.**
O Numeramento de 1527-1532, Memórias do Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa, Lisboa 1986.
- Graça, Luís.**
Hospitais e outros estabelecimentos assistenciais até ao final do século XV, Textos sobre saúde e trabalho UNL- Escola Nacional de Saúde Pública, Lisboa 2000- in; www.ensp.unl.pt/graca/textos.
- Gomes, Saul António,**
Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII), Vol. I, (1388-1450), IPPAR, Lisboa, 2002/
- Gomes, Saul António**
Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII), Vol. II, (1388-1450), IPPAR, Lisboa, 2003
- Gomes, Saul António**
Fontes Históricas e Artísticas do Mosteiro e da Vila da Batalha (Séculos XIV a XVII), Vol. III (1388-1450), IPPAR, Lisboa, 2004
- Gonçalves, Iria.**
Imagens do Mundo Medieval, Edições Livros Horizonte, Lisboa, 1988
- Houaiss, António.**
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo I, Círculo dos Leitores, Lisboa 2002
- Houaiss, António.**
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo II, Círculo dos Leitores, Lisboa 2002
- Houaiss, António.**
Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, Tomo IV, Círculo dos Leitores, Lisboa 2002
- Houaiss, António.**
Dicionário da Língua Portuguesa, Círculo dos Leitores, 2003, Lisboa
- Lemos, Damião António,**
História Geral de Portugal, e suas conquistas, Tomo V Typografia Rollandiana, Lisboa, 1786, pág 344
- Lopes, Fernão,**
Chronica de El-rei D. Fernando Volume I Capítulo XXXIX (Dos logares que Gomes Lourenço tomou e como João Rodrigues pelejou com os de Ledesma pág 119/120 Director Literário Luciano Cordeiro – Bibliotheca de Clássicos Portuguezes, Lisboa 1895
- Lopes, Fernão,**
Crónica de D. João I, Vol I s.l., Civilização, imp 1994
- Lopes, Fernão**
Crónica de D. João I, Vol II s.l., Civilização, imp 1994
- Lopes, Fernão,**
História de uma Revolução primeira parte “crónica de El Rei D João I de Boa memória – 2ª Ed. Publicações Europa-América, Lisboa 1990.
- Lopes, Fernão,**
Crónica de D. João I (edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Bastos) Vol. I, Livraria Civilização, Barcelos, 1990.
- Lopes, Fernão,**
Crónica de D. João I (edição preparada por M. Lopes de Almeida e A. de Magalhães Bastos) Vol. II, Livraria Civilização, Barcelos, 1990.
- Lopes, Fernão,**
Crónica de El-Rei D. João I. Vol II. Segundo o Códice inédito CIII/1-10 da Biblioteca Pública de Évora confrontado com o texto impresso em 1644 e versões quincentistas da mesma crónica existentes nas Bibliotecas da Universidade de Coimbra e Municipal do Porto. Barcelos: Livraria Civilização, 1991
- Lopes, Fernão,**
História de uma Revolução primeira parte “crónica de El Rei D João I de Boa memória – 2ª ed. Publicações Europa-América, Lisboa 1990.
- Lobo, A de Sousa Silva Costa,**
História da Sociedade em Portugal no século XV, prefácio de José Matoso, Edições rolim, Lisboa, 1984
- Marques, A.H. de Oliveira;**
A sociedade Medieval Portuguesa (aspectos de vida quotidiana) Esfera dos livros, 2010 Lisboa
- Marques, A. H. R. de Oliveira Marques;**
A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida quotidiana, ed. Sá da Costa, Lisboa 1964.



- Marques, A. H. Oliveira,**
História de Portugal, Vol I, Lisboa, Presença 1997
- Marques, A. H. Oliveira,**
Breve História de Portugal, Lisboa, Presença, 1998, pp. 113-119.
- Matoso, José,**
“A Nobreza e a Revolução de 1383” em Fragmentos de uma Composição Medieval, Lisboa, 1987
- Matoso, José,**
A Identidade Nacional, 4ª edição, Fundação Mário Soares, Gradiva, Publicações SA, Lisboa Out. 2008.
- Mendes, Carlos Alberto Santos,**
Macedo de Cavaleiros, Cultura Património e Turismo, contributos para um programa integrado, Edições CMMC/ATQ, Minerva Transmontana, Vila Real, 2005
- Mendes, Carlos Alberto Santos,**
Apostilas sobre a presença de D. João I, Nuno Álvares Pereira e Martim Gonçalves de Macedo em Castelões, «Cadernos Terras Quentes», nº 6, Edições CMMC/ATQ, Macedo de Cavaleiros, 2009
- Mendonça, Manuela,**
Cidades, Vilas e Aldeias de Portugal, Estudo de História Regional Portuguesa, Edições Colibri, Faculdade de Letras de Lisboa, 1995
- Monteiro, João Gouveia,**
Aljubarrota, 1385 a batalha real, Lisboa, Tribuna da História, imp 2003
- Monteiro, João Gouveia,**
Comunicação II colóquio histórico, apresentado no centro regional das beiras da Universidade Católica Portuguesa, em 20 de Abril de 1999.
- Morais, Cristóvão Alão de,**
Pedatura Lusitana (Nobiliário de famílias de Portugal), Volume I, Livraria Fernando Machado, Porto 1943
- Moreno, Humberto Baquero,**
Os Itinerários de El-Rei D. João I, Lisboa, 1988
- Nicolle, David,**
French Armies of the Hundred Years War, Oxford, 2000
- Pereira, Maria Helena da Rocha,**
Obra Médica de Pedro Hispano, in Actas Universitatis Coninbrigensis, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1973.
- Pires, Nuno Correia Barrento de Lemos,**
Exércitos não permanentes, «Revista do Exército», nº 2477 Junho/Julho, 2008,s.l.
- Pires, Armando,**
O Concelho de Macedo de Cavaleiros, Câmara Municipal de Macedo de Cavaleiros, reedição 1993, Macedo de Cavaleiros.
- Reis, António do Carmo,**
Nova História de Portugal, Lisboa, ed. Notícias, pp. 56-57.
- Rodrigues, Luís Alexandre**
Contributos para o estudo da arquitectura religiosa no concelho de Macedo de Cavaleiros, «Cadernos Terras Quentes», nº 3, Associação Terras Quentes, Macedo de Cavaleiros, 2006
- Santos, Frei Manuel dos,**
Monarquia Lusitana, Parte VIII, Officina da Musica, Lisboa, 1727
- Santos, José Travaços**
In, Cadernos da Vila Heróica, Arquivos Históricos, Artísticos e Literários da Batalha, Colecção autores, Colecção História e Arte, Ed. Magno, Leiria, 2001
- S.N.**
Resumo da Fundação do Mosteiro da Batalha e dos túmulos Reaes e particulares que ali existem. 4ª ed., Lisboa
- S.N.**
Resumo da Fundação do Mosteiro da Batalha e dos túmulos Reaes e particulares que ali existem. 2ª ed., Fotografia Artística, Lim. Leiria 1929.
- S.N.**
Resumo da Fundação do Mosteiro da Batalha e dos túmulos Reaes e particulares que ali existem. Tipografia do Diário de Lisboa. Lisboa, 1880
- S.N.**
Real Mosteiro da Batalha, Breve Notícia sobre a fundação do magnífico edifício e dos túmulos ali existentes de Typografia Guedes Sucessor arrendatário António A. Santos. Leiria 1900
- Santana, Maria Olinda Rodrigues.**
Documentação foraleira Dionisina de Trás-os-Montes, Estudos e Ensaios UTAD, Ed. Colibri, Janeiro 2008, Lisboa
- Serrão, Joel e Marques, A.H. de Oliveira (direcção);**
Nova História de Portugal – Portugal na crise dos séculos XIV-XV, pág. 53, Editorial Presença, Lisboa s.d.
- Sylva, Joseph Soares,**
Memorias para a História de Portugal que comprehendem o governo delrey D. João I, Tomo terceiro, Lisboa Occidental, Impressor da Academia Real,



Lisboa, 1732, pp. 1231 a 1234.

Sousa, D. António Caetano,
Agiologio Lusitano, Tomo IV, Regia Officina Syl-
vana e da Academia Real, 1744, Lisboa, páginas
530 e 531

Tavares, Maria José,
*A Nobreza no Reinado de D. Fernando e a sua Actua-
ção em 1383-13851*, em «Revista de História Eco-
nómica e Social», nº 12, Julho-Dezembro de 1983

Torga, Miguel,
Comemorações do centenário do nascimento. Ed.
Ministério da Cultura, Vila Real, 2007.

Toscano, Francisco Soares,
Paralelos de Principes e Varoens Illustres, Officina
Ferreiriana, Lisboa Accidental, 1733, pp 203 a 205

Viterbo, Fr. Joaquim de Santa Rosa de,
Elucidário das palavras, termos e frases, Volume se-
gundo B-Z, Livraria, Civilização, 1993, Porto-Lisboa

Zuquete, Afonso Eduardo Martins,
Tratado de Todos os Vice-Reis da Índia, Ed. Enci-
clopédia Lisboa, 1962

Zuquete, Afonso Eduardo Martins,
Amorial Lusitano – Genealogia e Heráldica, Repre-
sentações Zairol, Lda Lisboa, 1987

Zuquete, Afonso Eduardo Martins
Nobreza de Portugal, Volume II, Editorial Enciclo-
pédia, Lda., Lisboa, 1960

Entradas eletrónicas:

Álvaro Diaz Sandoval, Sandoval de la Villadiego
(Burgos)
www. Garcia cirilio@hotmail.com

Soveral, Manuel Abranches
História/Genealogia, Origem dos Avelar e dos So-
veral (esquema sucinto em construção – séc. XII
a XIV); *http://pwp.netcabo.pt/soveral*

Soveral, Manuel Abranches
www.html: Soveral//brandaoMacedoeMellho.htm

www.fundacao-aljubarrota.pt; Foto 6: iluminura,
refeição medieval

www.ensp.unl.pt/graca/textos. Hospitais e outros es-
tabelecimentos assistenciais até ao final do século
XV.

www.rotadoromanico.com; Marcas do Quotidiano
nos monumentos funerários

*Http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4969
/1/LS_S1_02_MarioMartins.pdf*- O penitencial
de Martim Pérez em medievo-português, pág. 58
– Lusitânia sacra.

www.geneall.net

20 de Dezembro de 2015.





